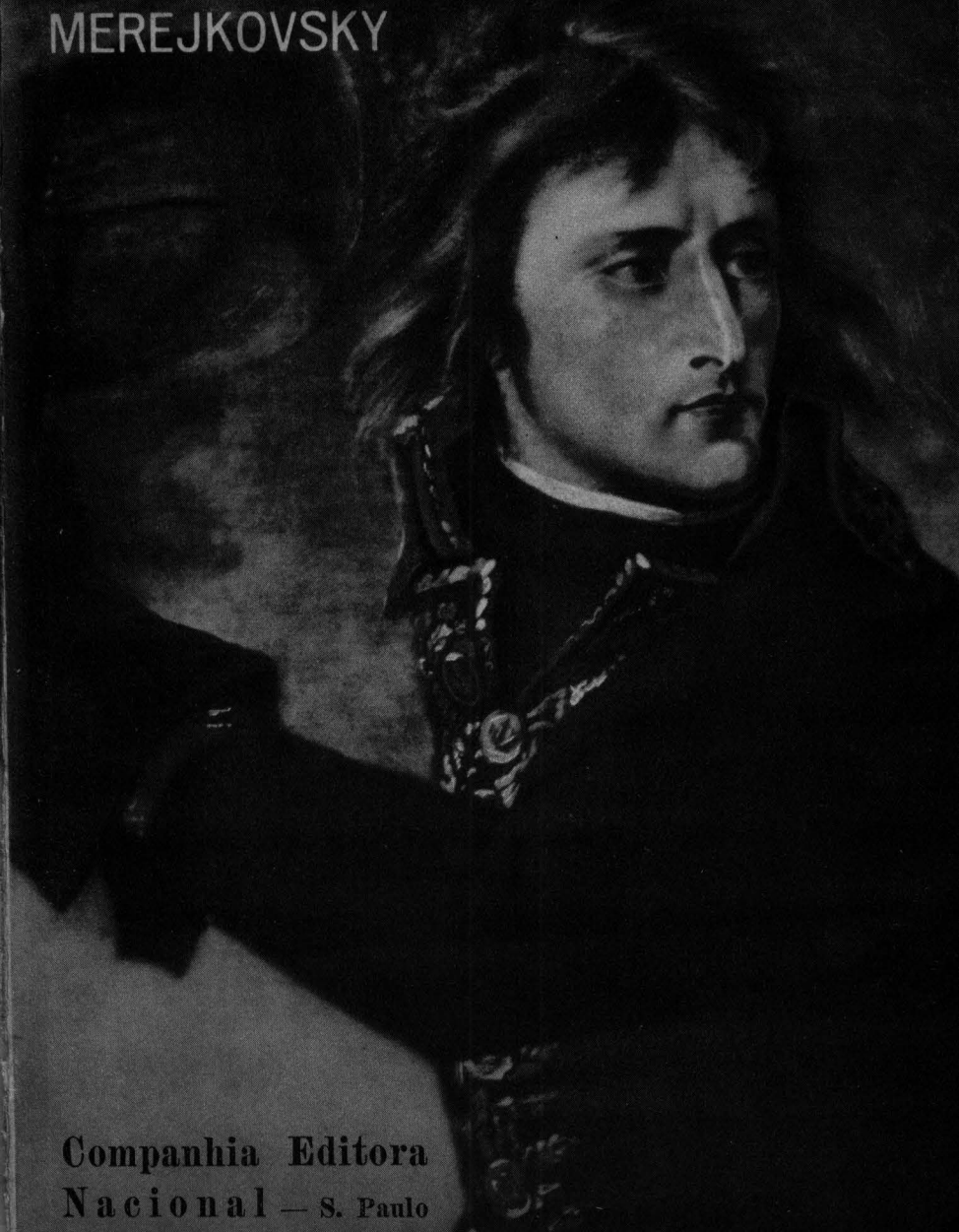


NAPOLÉON

MEREJKOVSKY



Companhia Editora
Nacional — S. Paulo



Collecção "VIDAS CELEBRES"

Volumes publicados:

Vol. 2 — LYAUTEY, — por André Maurois

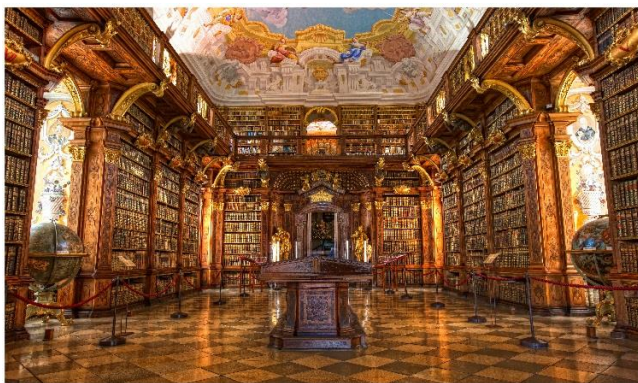
Traducção de GUSTAVO BARROSO

Vol. 3 — A VIDA DE SHELLEY

Traducção de MANUEL BANDEIRA

Vol. 4 — A VIDA DE DISRAELI

Traducção de GODOFREDO RANGEL



Minha Impalpável Biblioteca

EDIÇÕES DA
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 118/140 — São Paulo

COLLECÇÃO VIDAS CELEBRES
— VOLUME 1.º —

DMITRY
MEREJKOVSKY

NAPOLÊÃO

TRADUÇÃO DE
AGRIPPINO GRIECO

(COM 24 ILLUSTRAÇÕES FÓRA DO TEXTO)

SEGUNDA EDIÇÃO

1 9 3 7
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Do original francez:

NAPOLÉON, L'HOMME (num volume)

VIE DE NAPOLÉON (em dois volumes)

Do mesmo autor: ^e

JESUS DESCONHECIDO

Traducção de Gustavo Barroso

✽

Direitos autoraes para publicação em lingua
portugueza, adquiridos pela
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Brasil

PRIMEIRA PARTE

NAPOLEÃO, O HOMEM

I

O S J U I Z E S

Mostrar a physionomia do homem, permittir olhal-o na alma, tal é o fim de toda biographia, de toda “vida de homem illustre” á maneira de Plutarcho.

Napoleão, sob esse ponto de vista, não foi feliz. Não que escrevessem pouco sobre elle; ao contrario: nenhum homem de nossa época foi objecto de tantas obras. Parece que escreveram sobre elle quarenta mil volumes, e escrever-se-ão muitos outros. Nem se dirá que isso foi sem proveito. Sabemos muitas cousas a proposito de suas guerras, sua politica, sua diplomacia, sua legislação, sua administração, seus ministros, seus marechaes, seus irmãos, suas irmãs, suas mulheres, suas amantes; somos até elucidados um pouco sobre elle proprio. Mas o estranho é isto: mais se fala d'elle e menos o conhecemos.

“Esse grande homem se torna mais e mais desconhecido”, diz Stendhal, seu contemporaneo (1). “A historia de Napoleão é certamente a mais ignorada de todas as historias”, declara Léon Bloy, nosso contemporaneo (2).

O que equivale a dizer que ha mais de um seculo a sombra se adensa em torno de Napoleão. Sim, por estranho que pareça, Napoleão, com toda sua gloria, é desconhecido. Quarenta mil volumes — quarenta mil pedras tumulares e, por baixo, o “Soldado desconhecido”.

Isso resulta talvez de que, como assegurou Heraclito, “a alma é tão profunda que, por mais que a percorram toda, não lhe chegam jamais ao fundo”. Nós não conhecemos a alma das pessoas mais proximas — nem mesmo a nossa.

Talvez não se possa attingir por methodos historicos a alma de Napoleão: ella passa através, como a agua através dos dedos. Seu mysterio, debaixo do olhar investigador da histo-

ria, se aprofunda mais e mais, como as grandes aguas transparentes sob os raios do projector.

Sim, a ignorancia em que permanecemos de Napoleão vem dahi tambem. Mas não só dahi. Identificar-se com a alma de outrem é impossivel, embora se possa penetrar nella ou passar-lhe de lado. Ora, parece que passamos sempre ao lado da alma de Napoleão.

Conhecer a alma de outrem é avalial-a, pesal-a nas balanças de nossa propria alma. Que alma possui balanças para pesar Napoleão?

“Aproximei-me dos maiores soberanos da Europa e nenhum delles produziu em mim um effeito que possa comparar ao que experimentava ao ser conduzido deante dessa criatura colossal”, escreve um contemporaneo que, longe de admiral-o, estava antes inclinado a denegril-o (3).

Tal a impressão de todos os que — amigos ou inimigos — se abeiravam d'elle. Não seria a grandeza, mas certamente a enormidade, a incommensurabilidade dessa alma em relação ás outras almas humanas. Elle estará entre nós como Gulliver entre os lilliputianos.

Não podemos sentir-nos na alma de Napoleão. Ora, isso é que se faria mistér para conhecê-lo: quem não vê o interior da alma alheia não a conhece.

Parece que um unico homem podia julgar Napoleão de igual para igual — é Goethe. O que Bonaparte é em acção, Goethe o é em contemplação: todos dois são ordenadores do chãos revolucionario. Eis porque, no solio que separa a Edade Media de nossa época, ambos se conservam um em face do outro, como duas gigantescas cariatides.

“Na vida de Goethe não houve acontecimento maior que esse sêr real entre todos, chamado Napoleão”, diz Nietzsche (4).

“Napoleão é um resumo do mundo. Sua vida foi a vida de um semi-deus. Póde dizer-se que para elle a luz que illumina o espirito não se apagou um só instante; eis porque seu destino teve esse esplendor que o mundo não vira antes d'elle e talvez não veja mais depois d'elle (5)”.

Tal é o julgamento de Goethe, o igual de Napoleão. Nós que não somos seus eguaes, sentimo-nos ainda menos á vontade com elle que os lilliputianos com Gulliver. Aqui a differença de alma não é sómente na dimensão, na estatura, na

quantidade, mas também na qualidade. Napoleão tem uma alma diversa da dos outros homens, uma alma de outra natureza, de outra qualidade.

Dahi inspirar aos homens um medo de tal forma incompreensível, um medo de além-tumulo.

“O temor que elle inspirava não era causado unicamente pelo singular effeito de sua pessoa sobre quantos se lhe avizinhavam”, depõe madame de Stael. “Eu vira homens bastante dignos de respeito e vira também homens ferozes: não havia na impressão que Bonaparte produzia em mim nada que pudesse recordar nem uns, nem outros. Compreendi logo que seu character não conseguia ser definido pelas palavras de que costumamos servir-nos; elle não era nem bom nem violento, nem doce nem cruel á maneira de tantos individuos. Uma tal criatura não tinha semelhante nem podia experimentar ou fazer experimentar qualquer genero de sympathia; era mais ou era menos que um homem. Sua feitura, seu espirito, sua linguagem estavam impregnados de uma natureza estranha (6)”.

“Era um estranho no mundo. Tudo nelle é mysterio”, diz o poeta russo Lermontov. Napoleão foi comprehendido por esse joven russo de dezesete annos que jamais o vira. “O sêr real entre todos”, o mais real dos sêres, foi “estranho ao mundo”. “Meu reino não é deste mundo”, poderia Napoleão repetir em outro sentido, já se vê, que não o da primitiva inspiração christã.

Essa alma “outra” que existe nelle, elle proprio a sente. “Sempre só no meio dos homens”: é assim que um pequeno alferes desconhecido predisse aos dezesete annos toda a vida que viveria (7).

E mais tarde elle redirá, no fastigio da grandeza: “Sinto-me um homem á parte e não acceito as condições de ninguém (8)”. E definindo o homem de Estado, isto é, definindo-se a si mesmo: “Sempre só de um lado com o mundo do outro (9)”.

Essa alma “outra” não sómente assusta, afasta os homens, mas também os attrae; inspira-lhes alternativamente amor e odio: “Todos me adoravam e detestavam”, confessa o proprio Napoleão (10).

Enviado de Deus, martyr pela humanidade, novo Prometheu encadeado no rochedo de Santa-Helena, novo Messias;

bandido fóra da lei, ogre da Corsega, besta apocalyptica sahida do abysmo, anti-Christo. Parece que nunca amor e odio lutaram tanto por qualquer criatura.

“Milhares de seculos decorrerão antes que as circumstancias accumuladas sobre mim possam arrancar um outro da turba para reproduzir o mesmo espectáculo (11)”. E’ sem orgulho que elle fala assim ou então seu orgulho se assemelha de tal forma á humildade que é difficil distinguil-os.

“Se eu tivesse vencido, teria morrido com a reputação do maior homem que jamais existiu. No estado em que se encontram as cousas, ainda mesmo por baixo, serei considerado um homem extraordinario (12)”.

Será muita humildade; todavia ainda ha mais: “Bem cedo estarei esquecido e os historiadores pouco terão a dizer a meu respeito (13)”.

Disse elle isso em Santa-Helena, mettido vivo no tumulto: fala de si tranquillamente, impassivelmente, como de uma terceira pessoa, como um vivo falaria de um morto, ou, mais tranquillamente ainda, como um morto falaria de um vivo. “Estranho ao mundo”, elle o é tambem a si proprio. Olha-se de lado: “Eu” não é mais para elle “eu”, mas “elle”.

Parece ás vezes ignorar-se tanto quanto nós o ignoramos. Sabe unicamente que a terra custa a carregar um homem qual elle: “Quando eu morrer o universo soltará um grande ufa (14)”.

“O futuro nos dirá se não fôra melhor para o repouso da terra que nem Rousseau nem eu houvessemos existido (15)”. E’ essa uma das suas faces; mas a outra: “Quantos com o tempo lamentarão meus desastres e minha queda (16)!” “Muito cedo derramareis lagrimas de sangue (17)”.

Manzoni indagava se elle fôra “verdadeira gloria” e deixava aos posteros a “ardua sentença” (18). Mas a posteridade não foi melhor juiz que os contemporaneos.

“Monstruosa mescla de heróe e charlatão”. — “Falso como um boletim de batalha, tornou-se um proverbio no tempo de Napoleão”. — “Sua natureza italiana, decidida, forte, ingenua, dissolveu-se na turva atmosphera da fanfarrice franceza”. — “Afastando-se uma vez da realidade, cambalhotou no vacuo”. — “Pobre Napoleão! Nosso ultimo heróe!” Tal

o julgamento de Carlyle no celebre livro “O Culto dos Heróis”. Se esse julgamento é exacto, quasi não se comprehende como se possa metter no numero dos heróis esse charlatão cambalhotando no vacuo. De resto a imagem de Napoleão é traçada aqui tão chatamente, tão grosseiramente, que nem vale a pena insistir.

Taine é mais profundo que Carlyle. Seu livro sobre Napoleão é o ultimo, parece, que tenha produzido na alma dos leitores uma impressão difficil de apagar-se (19). Esse influxo nas intelligencias e nos corações, deve-o tal estudo talvez menos ao talento e á erudição do autor que á sua concordancia com o espirito do tempo: Taine diz de Napoleão o que todo mundo pensa.

“Desmesurado em tudo e mais ainda estranho, não ha como pô-lo em fileira ou sujeital-o a uma dada moldura; por seu temperamento, seus instinctos, suas faculdades, sua imaginação, suas paixões, sua moral, parece elle fundido num molde á parte, composto de outro metal que não o dos seus concidadãos e contemporaneos”. Nelle a profundeza e a amplitude dos intentos geniaes, a força heroica do espirito, da intelligencia, e da vontade são taes “que seria necessario remontar até Cesar”, para descobrir semelhantes.

E’ o começo do julgamento de Taine, e o fim é este: “Tal é a obra politica de Napoleão, obra de egoismo, servido pelo genio; na sua construcção européa como na sua construcção franceza, o egoismo soberano introduziu um vicio de architectura”. Napoleão é em meio aos homens “uma soberba féra subitamente solta num rebanho domesticado que ruma”. — “Elle mostra a immensidade e a ferocidade de seu implacavel amor proprio” quando em 1813, em Dresde, diz a Metternich: “Um homem como eu se está ninando para a vida de um milhão de homens”. — “Decididamente, com um caracter como o seu, não se póde viver; seu genio é tão grande quanto malfazejo”. — “E’ o egoismo desenvolvido até se tornar um monstro, até levantar no centro da sociedade um eu colossal que incessantemente alonga em circulo as garras rapaces, que toda resistencia fere, que toda independencia incommoda e, no dominio illimitado que se incorpora, não póde supportar vida alguma, a menos que não seja um appendice ou um instrumento da sua (20)”.

Em outros termos, é uma aranha gigantesca que agarrou entre os palpos um mundo e o suga como uma mosca; ou ainda uma machina inventada pelo diabo, afim de destruir o mundo; ou a besta apocalyptica sahindo do abysmo; Napoleão é *Apol-lion*, o destruidor, como diziam, interpretando-lhe o nome, os contemporaneos, os familiares do Apocalypse. “Minha mãe, corra aqui, venha ver o selvagem, o homem-tigre, o devorador do genero humano; venha admirar o fruto de suas entranhas”, clamava elle proprio, quando lhe liam taes libellos (21).

Em 1814, depois da primeira abdicação, emquanto os commissarios dos alliados o conduziam á ilha d’Elba, os realistas de Orgon, pequena cidade da Provença, ergueram um cada-falso e o enforcaram em effigie, aos gritos de: “Abaixo o corso! Abaixo o bandido!” O “maire” de Orgon, que quasi se puzera de joelhos deante de Bonaparte recém-vindo do Egypto, berrava: “E’ um grande patife, um scelerado; quero enforcá-lo com as minhas mãos, quero vingar-me agora das honrarias que lhe conferi (22)”.

E’ mais ou menos o que acontece com Taine: no começo do livro prosterne-se deante do heróe e, no fim, enforca-o em effigie.

“O habito dos factos mais violentos gasta menos o coração que as abstracções: os militares valem mais que os advogados”, gostava de dizer Napoleão, como se presentisse o que fariam delle os “advogados”, os “ideologos” (23).

E’ um signal dos tempos que ninguém tenha respondido ao livro de Taine, porque não se pôde considerar uma resposta a obra conscienciosa em que Arthur-Lévy se esforça em provar que Napoleão não passou de um burguez até a medulla (24).

Outro signal ainda: para condemnar Napoleão, o Oriente está de accordo com o Occidente, Taine o atheu com Tolstoi o christão. O julgamento de Napoleão feito pelo lacaio bebado Lavrouchka na “Guerra e a Paz” coincide com o julgamento do proprio Tolstoi: Napoleão foi um criminoso de “crimes felizes”. Não passou de “uma mediocridade brilhante e presumptuosa”. “Sua temeridade pueril e sua petulancia assecuram-lhe uma grande gloria”. “Ha em tudo isso “uma estupidez e uma covardia sem exemplo”. “Ultimo degráo de covardia de que uma criança teria vergonha (25)”.

Tal qual ao sabio europeu, ninguem respondeu ao propheta russo. E o rebanho humano precipitou-se avidamente para onde o chamavam os pastores. “A turba em sua poltroneria compraz-se no rebaixamento do grande e rejubila ao constatar certas fraquezas do forte: elle é pequeno como nós, abjecto como nós! — Vós mentis, canalhas: elle é pequeno e abjecto, mas não como vós, e sim de outra forma!” — escreve Pouchkine, o maior poeta russo, admirador de Napoleão.

Léon Bloy é o opposto de Taine e de Tolstoi. Seu livro “A Alma de Napoleão”, obra estranha, confusa, desmesurada, ás vezes quasi insensata, mas de uma profundez genial, é um dos mais notaveis trabalhos escriptos sobre Napoleão.

A acuidade e a novidade consistem ahi em que o autor faz do mytho o methodo do conhecimento historico — mytho apparente — real experiencia religiosa, a sua propria e a do povo. Léon Bloy sabe, como o sabiam os iniciados nos mysterios de Eleusis, que o mytho não é uma fabula mentirosa, mas um symbolo veridico, uma prefiguração da verdade occulta, um véo lançado sobre o mysterio, e que sem erguer esse véo não se penetra no mysterio. Através de sua alma para o mysterio, tal o caminho que seguiu Bloy.

“Napoleão é inexplicavel” e, sem duvida, o mais inexplicavel dos homens, porque é antes de tudo e sobretudo a Prefiguração d’Aquelle que deve vir e talvez não esteja longe, uma prefiguração e um precursor bem perto de nós... — “...qual de nós, francezes e mesmo estrangeiros do fim do seculo XIX, não sentiu a enorme tristeza do desfecho da Epopeia incomparavel? Com um atomo de alma era penoso pensar na quéda verdadeiramente muito brusca do Grande Imperio e de seu Chefe; recordar que ainda hontem, parece, se estivera no mais alto cimo dos Alpes da Humanidade; que pela só existencia de um Prodigioso, de um Bem-amado, o primeiro casal em seu paraíso, senhor absoluto do que Deus botou debaixo do céu, e que, logo depois, fôra obrigatorio recahir na velha lamarca dos Bourbons (26)”.

O Paraíso perdido e reencontrado, — eis o véo do mytho napoleonico atirado em seu mysterio. E’ ali que a alma do povo confina com a alma do heróe.

“Divagação de um louco ou rude imagem populaceira”,

teria talvez dito Taine do livro de Bloy, e andaria errado. A "Psychologia das Massas" não se assemelha tantas vezes, de 1793 a 1815, ás divagações de um louco, e uma rude imagem populaceira não é também documento precioso para o historiador? Bloy é útil justamente porque continua em sua alma a psychologia napoleonica das massas, porque resuscita o mytho napoleonico. Quando elle fala de "seu Imperador", brilha-lhe nos olhos as mesmas lagrimas dos velhos servidores bigodudos do Grande Exercito. E' útil justamente porque prova que Napoleão vive sempre na alma dos francezes, na alma da França e agora talvez mais do que nunca; que de baixo de quarenta mil volumes — quarenta mil pedras tumulares — se levanta sempre o "Soldado desconhecido".

E isso importa que não só os francezes mas todos os europeus o saibam, por isso que talvez tenham necessidade de um Heróe: "Muito cedo derramareis lagrimas de sangue!"

Bloy se considera "bom catholico", emquanto os "bons catholicos" o têm pelo peor dos hereticos. Fóra de duvida é um christão, ou quer ser um christão. Mas não raro um christão mesmo custará a decidir se elle reza ou blasphema. Em todo o caso Bloy affirma com muita leviandade e com muita audacia que Napoleão é o "precursor d'Aquelle que deve vir". De quem é elle precursor? Trata-se, ao que tudo faz crer, do Paraclete, do novo Adão, que restituirá ao velho Adão, á humanidade, o paraíso perdido. Bloy avança com muita facilidade: "Não comprehendo o paraíso sem meu Imperador (27)". Napoleão no paraíso, ao lado de Joanna d'Arc, é cousa não provada aos olhos dos "bons catholicos". Ahi reside justamente toda a difficuldade: como unir no paraíso christão Joanna d'Arc e Bonaparte?

Não é mais facil concluir se Bloy reza ou blasphema quando diz que Deus ama Napoleão "como sua propria imagem", querendo tão bem "a esse violento como quer a seus Apostolos, seus Martyres, seus Confessores os mais brandos (28)".

De qualquer modo não se póde, como o faz Taine, tornar Napoleão o unico responsavel pelos dois milhões de homens que pereceram em suas campanhas (29). A Revolução legara-lhe a guerra da França contra a Europa legitimista, e Napoleão não poderia interrompel-a, ainda mesmo que o quizesse.

Quando elle declara: “Se eu fosse vencido em Marengo, vós terieis desde logo 1814 e 1815 (30)”, tem razão; elle curou a chaga da guerra civil não sómente no corpo da França, mas talvez no da Europa inteira. Ora, sabemos agora por experiencia quanto a guerra civil é mais terrivel que a guerra entre nações. As guerras napoleonicas são, uma brincadeira de criança, se comparadas com a grande guerra internacional e com a guerra civil russa que mataram quinze milhões de homens e fizeram perecer trinta milhões pelas epidemias e cinco milhões pela fome. E o facto de não haver entre nós um Napoleão não impediu de modo algum essas hecatombes, mas talvez as tenha ajudado.

Como quer que seja, Bloy tem num ponto indiscutivelmente razão: ou a historia de Bonaparte permanecerá para sempre “a mais ignorada de todas as historias”, ou então será aclarada á luz do christianismo, porque o mytho napoleonico continua unido na alma do povo ao mytho christão; ora, não se póde attingir a alma do heróe senão através da alma do povo. Quer dizer que o ultimo julgamento sobre Napoleão será pronunciado não pelos “advogados”, pelos “ideologos”, autores de quarenta mil volumes, — não pelos que falam, mas pelo que se cala, — pelo povo.

E que pensa o povo de Napoleão? E’ difficil sabel-o, não só porque o povo silencia mas porque seus pensamentos estão muito distantes dos nossos.

O povo chama a Napoleão simplesmente o “Homem”, como se quizesse dizer com isso que elle, mais que os outros homens, encheu a medida da humanidade; chama-lhe ainda o “Pequeno Caporal”, attestando ser elle, aos olhos dos simples, uma especie de irmão. E o proprio heróe o reconhece: “O caso é que eu passava por um homem terrivel em vossos salões, entre os officiaes e mesmo generaes, mas não entre os soldados; tinham estes o instincto da verdade e da sympathia; sabiam-me o protector e, se necessario, o vingador de todos elles (31)”. — “A fibra popular corresponde á minha; sahi das camadas do povo e minha voz age sobre elle. Vêde estes conscriptos, estes filhos de camponios; eu não os lisonjeio, tratando-os ao contrario duramente; nem por isso me cercam

menos e deixam de gritar: “Viva o Imperador!” E’ que entre nós existe a mesma natureza (32)”.

Sim, os homens seguiam atraz delle como jamais tinham seguido atraz de qualquer outro homem, fazia dois mil annos; seguiam-no para além dos mares e dos rios, por montes e valles, das Pyramides a Moscou; marchariam para mais longe ainda, até os confins da terra, se elle quizesse conduzil-os; marchavam supportando indiziveis soffrimentos — a sêde, a fome, o frio, o calor, as doenças, as feridas, a morte — e sentiam-se felizes. E elle o sabia: “Se minha força material era grande”, dizia elle, “minha força de opinião era ainda maior estendendo-se até á magia (33)”.

Quando elle grita, no fogo do combate: “Soldados! tenho necessidade de vossa vida e vós m’a deveis”, os homens sabem que lh’a “devem” (34). “Nunca um homem foi servido mais fielmente por suas tropas. A ultima gota de sangue sahia-lhes das veias com o grito de “Viva o Imperador!” (35)”.

Em memoria de homem não ha horror comparavel á destruição do Grande Exercito, forte de seiscentos mil guerreiros, na campanha da Russia em 1812. Napoleão sabia, todo o Exercito sabia que essa perda não era devida ao incendio de Moscou, nem ao frio, nem á traição dos Alliados, mas a elle, a elle só, a Napoleão. Pois bem, indignavam-se elles, murmuravam elles? Não. Apenas os velhos bigodudos resmungavam um pouco, mas iam seguindo sempre, não já atraz delle, mas ao lado delle, porque elle caminhava a pé entre os demais, na neve, de bastão em punho. “Na Berezina, só restava a sombra de um exercito, mas era a sombra do Grande Exercito!... Se este se sentia vencido pela natureza, a vista do Imperador o tranquillizava... Permanecia elle no meio de seus soldados como a esperança no coração do homem. Assim, entre tantos sêres que podiam responsabilizal-o por suas desgraças, marchava elle sem temor, falando a uns e a outros sem affectação, certo de ser respeitado. Voltariam antes as armas contra si mesmos... Alguns vinham cahir e morrer a seus pés e, ainda que num delirio espantoso, convertiam a dôr em prece e não em censura (36)”.

A França estremeceu de horror ao receber o boletim que



BONAPARTE ALUMNO DA ESCOLA DE BRIENNE
Fig. 1 (ESTATUA DE ROCHET)



Fig. 2 **BONAPARTE DURANTE O CONSULADO**
(QUADRO DE I. L. ISABEY)

annunciou a perda do Grande Exército. No fim do communicado dizia-se que a saude de Sua Majestade nunca fôra melhor. “Famílias, seccae vossas lagrimas: Napoleão passa bem!” — zombeteava amargamente Chateaubriand (37). Mas as criaturas simples choravam quando Napoleão, de volta a Paris, lhes dizia na vespera de uma nova Constituição: “Vós me elegestes; sou um producto vosso e deveis defender-me (38)”.

Durante a campanha de 1812, 300.000 homens pereceram e um novo engajamento de cento e quarenta mil foi prescripto. Só appareceram rapazolas: os mais velhos ha muito que haviam sido utilizados. “Estes bravos meninos querem gloria; não olham á direita ou á esquerda, mas sempre para a frente”, commentava com admiração o marechal Ney. Napoleão tambem se extasiava: “A honra e a coragem saem-lhes por todos os póros (39)”.

Quando estes tambem pereceram em Leipzig, foi preciso aproveitar em 1814 uns criançolas ainda imberbes, que tinham ar de meninas, os “Maria Luiza”. Muitos delles nem sequer sabiam carregar o fuzil. Mas em alguns dias attingiram a altura dos velhos soldados de 96, conquistadores do mundo.

O que um dos contemporaneos diz da volta triumphal de Napoleão da ilha d’Elba a Paris, poder-se-ia dizer de sua vida inteira, isto é, que o longo rastro de tropas que elle deixava após si era comparavel á passagem de um flammejante meteoro (40). O povo conservou-se-lhe fiel até o fim e o teria seguido mesmo depois de Waterloo. Na estrada que leva da Malmaison a Rochefort, — rumo de Santa-Helena — as multidões corriam-lhe atraz e gritavam entre lagrimas: “Viva o Imperador! Ficae, ficae comnosco! (41)”.

Os membros das Camaras, os ministros, os marechaes, seus irmãos, suas irmãs, suas mulheres, suas amantes, todos o atraíçoaavam, mas o povo se lhe manteve fiel. Mas as criaturas se elevam e menos o enxergam, menos o amam; mais humil-des de condição e mais distanciados da sua intimidade, melhor o vêem e mais o amam. Assim disse o Senhor: “Tu occultaste teus mysterios aos sabios e os revelaste ás criancinhas”.

Em 1815, durante o Terror Branco, os realistas de Marselha queriam obrigar uma velha preta egypcia a gritar:

“Viva o Rei” Ella resistia e gritava: “Viva o Imperador!” Prostraram-na com um golpe de bayoneia no ventre. Ella se levantou e, segurando com as duas mãos os intestinos que fugiam, gritava ainda: “Viva o Imperador!” Atiraram-na na agua fetida do velho porto, mas a preta sobrenadou uma ultima vez a rugir: “Viva o Imperador!” (42).

Sim, depois de dois mil annos, nunca os homens haviam amado tanto um homem, morrido assim por um homem.

E’ horrivel ouvir-se Napoleão dizer: “Um homem como eu está se ninando para a vida de um milhão de homens!” — mas talvez seja ainda mais horrivel ouvir o milhão de homens responder-lhe: “Nós nos ninamos para a nossa vida em se tratando de um homem como você!”

Que amam elles nelle? Por quem morrem elles? Pela Patria, pelo Homem, pelo Irmão? Sim, mas tambem por qualquer cousa de maior.

Parece que o poeta adivinhou por quem morria a Velha Guarda em Waterloo, comprehendendo que os soldados de Friedland e de Rivoli morriam como numa festa, “a saudar o seu Deus, de pé como na tempestade”.

Mas se dissessem aos dois granadeiros que em São João d’Acre o cobriam com seus corpos, para protegê-lo da explosão de uma bomba, que elle era o deus de ambos, elles não teriam comprehendido e talvez mesmo rissem, porque, como authenticos “sans-culottes”, não acreditavam em Deus algum.

Na vespera de Austerlitz, quando, ao anoitecer, o Imperador percorria as linhas, os soldados, lembrando-se de que era o primeiro anniversario da coroação, amarraram ás bayonetas brandões de palha inflammada e tições retirados do fogo dos bivaques, e o saudaram com oitenta mil fachos (43). Já elle sabia, e com elle todo o exercito sabia por uma presciencia fatidica, pelo genio de Napoleão, que o sol do dia seguinte, o sol de Austerlitz, se levantaria radioso. E’ bem assim que reza o communicado: “O sol se levantou radioso (44)”. Mas qual era o sol que elles adoravam nessas vesperas de fogo? Os homens não o sabiam direito. Se tivessem vivido, não já no seculo dezenove depois de Christo, mas no segundo ou terceiro seculo, elles o saberiam: esse sol era o deus Mithra, o sol invencivel, *Sol Invictus*.

Foi necessario que o pobre “ideologo” Nietzsche perdesse a razão para sabel-o: “Napoleão é a ultima encarnação do deus Sol, de Apollo”. O ponderado Goethe, parece, tambem o sabia ao dizel-o: “Para elle a luz que illumina o espirito não se apagou um só instante: eis porque seu destino foi tão radioso” — tão solar. Em Berezina bastava sua vizinhança para aquecer um granadeiro enregelado (45).

“Em verdade, lê-se num velho texto egypcio, sahiste do sol, como a criança sae do ventre materno”.

O mytho solar do deus-homem soffredor — Osiris, Tam-mouz, Dionysos, Adonis, Attis, Mithra — o mytho immemorial de toda a humanidade — não é senão um véo lançado sobre o mysterio christão.

O sol levantou-se radioso e deitou-se no sangue da victima immolada; o sol de Austerlitz deitava-se em Santa-Helena, e Santa-Helena tem mais grandeza que todo o resto da vida de Napoleão; todas suas victorias, todas suas glorias, toda sua grandeza são feitas para ella sómente, para Santa-Helena; não se lhe póde comprehender a vida sem vê-la através dessa ilha.

Pouco importa que elle acreditasse ser Santa-Helena não um sacrificio, mas um castigo. O castigo foi um sacrificio e a perda converteu-se em salvação. Nada de equal podia haver no destino de Alexandre e Cesar, emquanto Napoleão sem isso não seria o heróe christão da França, máo grado toda christã, — o heróe da humanidade, máo grado toda christã.

E’ assim que o povo o comprehendeu; o mytho napoleonico é o véo atirado no mysterio christão. “Não comprehendo o paraíso sem meu Imperador”: o povo poderia dizer o mesmo.

Quando Napoleão estava na ilha d’Elba, tres soldados entraram um dia num botequim de Paris e pediram quatro copos. “Mas os senhores são só tres, objectou o botequineiro surpreso. — Pouco importa, traga os quatro copos, porque o quarto vae chegar. A’ sua saude, camaradas!” O quarto era Napoleão.

Quando dois homens que acreditavam nelle se encontravam na rua, um perguntava: “Crêdes em Jesus Christo? — Sim, e em sua resurreição”, respondia o outro (46).

A 20 de março de 1815, quando Napoleão voltou da ilha d’Elba, a multidão, em Paris, o carregou nos braços até ás

Tulherias. “Os que o tinham carregado ficavam como doidos e mil outros se gabavam de ter-lhe beijado ou unicamente tocado as roupas. Acreditei assistir á resurreição de Christo (47)”.

Um poeta allemão falou de “dois granadeiros que caminhavam para a França, de volta do captiveiro russo”. Talvez fossem os mesmos que em São João d’Acre o haviam protegido com seus corpos contra uma bomba. Um pede ao camarada que o sepulte na terra da França: “Ficarei em meu tumulto, como uma sentinella, até que ouça rugir o canhão e galoparem os cavallos relinchantes. E’ que então meu Imperador passará sobre minha cova entre os tinidos e os relâmpagos das espadas. Sahirei então de meu esquite para ir defender o Imperador, meu Imperador (48)!”

O que quer dizer que Napoleão resuscitará elle proprio e resuscitará os mortos.

“Conheci em minha infancia velhos mutilados incapazes de distinguil-o do Filho de Deus”, conta Bloy (49).

Se é uma blasphemia, não se póde atirar a culpa em Napoleão. “Não permitto que me comparem a Deus” disse elle a um corteção imprudente, o ministro da Guerra Decrès (50).

Não era atheu, mas tambem não seria um christão. “Morro na religião apostolica e romana, no seio da qual nasci”, escreve em seu testamento (51). Mas, se nasceu e morreu no christianismo, viveu fóra delle, e mesmo como se o christianismo não houvesse nunca existido. “Prefiro a religião de Mahomet, menos ridicula que a nossa (52)”. Isso tambem foi dito em Santa-Helena, e não são vãs palavras.

Goethe não tem de todo razão quando affirma que Bonaparte é “um resumo do mundo”. Não do mundo inteiro, mas de uma das metades, daquella que chamamos “pagã”; a outra, a que chamamos de “christã”, permanece-lhe occulta, como para os antigos o obscuro Hades, o reino das Sombras, o hemispherio nocturno dos céos. E o que elle não sabe é que as metades nocturna e diurna se unem.

Crér que Napoleão é o precursor do Christo futuro é tão absurdo e impio quanto ver nelle o precursor do Anti-Christo. Que elle proprio ignorasse ser um precursor, é justamente toda a sua tragedia, e não só a sua como tambem a nossa, —

porque não é em vão que Bonaparte é nosso ultimo heróe. Nesse ponto essencial, não é elle nem affirmação, nem negação, mas apenas uma pergunta sem resposta. “Um homem como eu é um deus ou um diabo”, diz elle com o riso que talvez seja um riso de medo (53).

Com effeito, é intimidante para elle e para nós saber por quem foi enviado esse ultimo heróe da humanidade christã, se por Deus ou pelo Diabo.

“Napoleão é um sêr demoniaco”, assevera Goethe, empregando a palavra demonjo em sua antiga accepção pagã: “daimon”, nem deus, nem diabo, mas algo de intermediario.

Heróe do Occidente, Napoleão assemelha-se ao Occidente, tarde do mundo.

“Elle se assemelha a uma tarde clara, nem dia, nem noite, nem treva, nem luz”, diz Lermontov de seu heróe, o demonio.

Eis porque elle é tão “ignorado”, tão mysterioso.

Parece que o que diz delle Pouchkine é o que se possa dizer de mais profundo: “Executor fatal de uma vontade ignorada”.

Eis porque os homens são de tal modo impotentes para julgal-o.

II

O DOMADOR DO CHAOS

Que é que attrae os homens para Napoleão? Por que atraz d'elle ha essa corrida impetuosa de multidões humanas, essa corrida comparavel ao immenso clarão que marca a passagem dos meteoros?

O conde de Ségur, que tomou parte na campanha da Russia, descreve assim a entrada da cavallaria de Murat, a 14 de setembro de 1812, em Moscou ainda intacta, mas já sinistramente deserta: “Esses guerreiros ouviam com um secreto tremor o passo dos cavallos resoar em meio aos palacios desertos — unico ruido no silencio da immensa cidade abandonada — e espantavam-se de não ouvir senão isso em meio de habitações tão numerosas (54)”.

Reencontra-se nesse espanto, nesse “secreto tremor”, o mesmo sentimento apocalypticó de todo o Mystério napoleónico; mas esse sentimento já nascera da Revolução, onde ás vezes attingia uma tal acuidade que tocava quasi inconscientemente, não ha duvida, a eschatologia dos primeiros seculos, ao sentimento do fim do mundo: “Muito breve será o fim de tudo; haverá um novo céu e uma nova terra”. Nesse sentimento unem-se o fim e o começo dos tempos: uma antiguidade immemorial — “do alto dessas Pyramides quarenta seculos vos contemplam” — e uma novidade infinita, sensações inauditas, unicas, um espectaculo que olhos humanos ainda não tinham visto e talvez jamais tornassem a ver.

“Deixavam-se para traz todos os conquistadores da Antiguidade”, diz ainda Ségur. “Vivia-se exaltado pela gloria. Depois vinha a melancolia: seja exgotamento, consequencia de tantas sensações, seja effeito de um isolamento produzido por uma elevação sem medida, e do vago no qual erravamos, sobre

essa imminencia de que percebiamos a immensidade, o infinito (55)".

E no livro de Léon Bloy é o mesmo sentimento eschatologico.

Sim, o que attrae os homens para Napoleão é o antigo sonho do Paraíso perdido, do Reino de Deus na terra como no céu, e um novo sonho — o sonho do Reino humano da liberdade, da fraternidade e da egualdade. Isto significa que a alma de Bonaparte é a alma da Revolução: elle é o relampago deste temporal, o monstro atirado á praia por este abysmo.

A Revolução nutriu-o como a loba nutriu Romulo. Por mais que a maldiga, domando-a, matando-a, elle retorna sempre a ella e apega-se a suas têtas de bronze: o sangue de suas veias é o leite da loba revolucionaria.

Ella encarnou-se nelle. "Sou a Revolução franceza", dizia elle depois da execução do duque d'Enghien, acção cruel e terrivel entre todas, mas de modo algum insensata: essa execução consolida o laço que une Napoleão ao regicidio de 1793, ao Terror, á alma da Revolução (56). O fosso de Vincennes, onde foi fuzilado o rebento innocente dos Bourbons, separa a antiga e a nova ordem; corta o cordão umbilical que unia o Cesar recém-nascido ao antigo poder. O cadaver de d'Enghien é para Bonaparte o primeiro degráo do throno imperial; o sangue de d'Enghien é para elle a purpura imperial.

"Só compromettendo successivamente todas as autoridades é que garantirei a minha, isto é, a da Revolução", declara elle ao Conselho de Estado á hora de sua coroação (57). E depois de ter lido o discurso ambiguo de Chateaubriand na Academia sobre Joseph Chénier, o regicida de 93, elle observava: "Como a Academia ousa falar de regicidas quando eu, que sou coroado e devo odial-os mais que ella, janto com elles e sento-me ao lado de Cambacérès (58)!"

A verdadeira sagração do novo Cesar, não é o oleo santo, mas a vontade revolucionaria do povo. "Não usurpei a corôa; apanhei-a na sargeta; o povo a collocou em minha cabeça; que respeitem seus actos (59)!"

"Sou a Revolução franceza", diz elle no começo do Imperio e, no fim, repete: "O Imperio é a Revolução (60)".

A Revolução é a alma do Imperio, sua dynamica. Este é movido por aquella como o corpo pela alma. Desde que o Imperio começa a estalar, é a lava fervente da Revolução que lhe sae das fendas.

“E’ preciso retomar as botas de 93”, escreve Napoleão em 1814, durante a invasão dos Alliados em França (61). E em 1815, na vespera de Waterloo, diz ainda: “Imperador, consul, soldado, recebi tudo do povo... Minha vontade é a do povo, meus direitos são os seus (62)”. E após Waterloo, antes da partida para Rochefort, suprema etapa em direcção a Santa-Helena: “Não é a mim precisamente que as Potencias europeas fazem guerra, é á Revolução (63)”.

Eis porque o velho e honesto jacobino Carnot, membro do Comité de Salvação Publica, o Dom Quixote e o philanthropo de 93, lhe ficou fiel até o fim. “A honra e o bem da França não me permitem duvidar que a obra de Napoleão é de qualquer fórma a obra da Revolução”, dirá um outro jacobino para explicar sua fidelidade (64).

“E’ preciso separal-o dos jacobinos!” — repetia com um terror supersticioso Alexandre I no congresso de Vienna, quando soube que Napoleão se evadira da ilha d’Elba; parece que Alexandre foi o unico a comprehender que Napoleão ia de novo tornar-se o que fôra já uma vez — a Revolução encarnada, o “Robespierre a cavallo (65)”.

O supremo horror da Revolução, sua face infernal, — essa face de Medusa, que petrifica tudo o que vive — Napoleão o conhecia melhor que ninguem. “Uma revolução é um dos maiores males de que o céo possa affligir a terra (66)”. A “vil canalha” revolucionaria inspira-lhe uma repulsão ao mesmo tempo physica e metaphysica. A 20 de junho de 1792, vendo da praça do Garrousel a turba invadir as Tulherias, murmurou entre dentes, empallidecendo: “*Che coglione!* Como puderam deixar entrar essa canalha? Bastaria varrer quatrocentos ou quinhentos com o canhão e o resto ainda estaria correndo (67)”.

Todo o temor humano lhe era estranho, mas elle empallideceu “ouvindo narrar os excessos a que o povo revoltado pôde deixar-se arrastar. Se, em percorrendo a cavallo as ruas de Paris, um obreiro vinha atirar-se deante delle para implorar

algum favor, seu primeiro movimento era estremecer e recuar (68)".

"Era um máo homem, um homem perverso, dizia elle junto ao tumulto de Rousseau em Ermenonville. Sem elle não haveria Revolução franceza... E' verdade que tambem eu não seria nada... Mas talvez a França fosse mais feliz com isso (69)". "E' um maluco, o vosso Rousseau: foi elle quem nos poz onde estamos", declarava elle ainda (70). "O futuro dirá se não valeria mais para o repouso da terra que nem Rousseau nem eu houvessemos existido (71)".

Mas elle sabe que a Revolução não poderia deixar de ter existido, que havia nella a mesma fatalidade que nelle. "Nossa Revolução, accentuava elle, foi irresistivel, porque era uma erupção moral tão inevitavel quanto as erupções physicas. Era um verdadeiro vulcão (72)".

A Revolução é o cháos; suas forças infinitamente destruidoras; se a deixassem agir ella destruiria o cosmos humano até os fundamentos, até essa "tabua rasa" que canta a Internacional. Para salvar o cosmos, é preciso domar o cháos. Foi o que fez Napoleão e, qualquer que seja nosso julgamento sobre suas outras obras, devemos reconhecer que aquella foi boa e mesmo santa, ou, como diriam os antigos, "divina", porque os deuses são, por excellencia, os domadores e ordenadores do cháos.

"Eu tapei a voragem anarchica, desenovelei o cháos, limpei a Revolução (73)".

O cosmos nutre-se de cháos; o mais bello cosmos não passa de cháos organizado; isso os deuses o sabem e elle tambem o sabe, elle, o falso assassino da Revolução, seu verdadeiro deus Musagete.

"A Revolução, a despeito de todos os horrores, não deixava de ser a verdadeira causa da regeneração de nossos costumes, como o esterco mais infecto provoca a mais nobre vegetação... Poder-se-á bem deter, comprimir o movimento ascendente, mas não destruil-o (74)". — "Nada conseguirá agora destruir ou apagar os grandes principios de nossa Revolução. Estas grandes e bellas verdades devem perdurar para sempre, tanto nós as entrelaçamos de honrarias, monumentos, prodigios!... Ellas são já agora immortaes... Vi-

vem na Grã Bretanha, aclaram a America, são nacionalizados em França: eis a tripode de onde irromperá a luz do mundo... Serão a fé, a religião, a moral de todos os povos; e essa éra memoravel prenderá, queiram ou não, a minha pessoa; porque, seja como for, fiz brilhar o facho, consagrei os principios de que a perseguição de hoje vem consagrar-me o Messias. Amigos e inimigos, todos me dirão o primeiro soldado, o maior representante dessa phase. Assim, mesmo quando já não existir, permanecerei ainda para os povos a estrella dos seus direitos e meu nome será o grito de guerra dos esforços, a divisa das esperanças de todos elles" (75).

Pouchkine disse que "das trevas do exilio elle legou ao mundo a liberdade eterna".

Mas foi assim? Que legou elle ao mundo? A liberdade ou a escravidão?

O cháos revolucionario, anniquilando o cosmos interior, toca em seu ponto de partida no cosmos superior: por momentos, acima da face meio bestial, meio divina da Revolução, surgiu uma lingua de fogo — "a lingua tres vezes luminosa" — Liberdade, Igualdade e Fraternidade — o Filho, o Pae e o Espirito. Mas a visão passou, a luz extinguiu-se, e o terceiro membro, a Fraternidade, synthese da Liberdade e da Igualdade, desapareceu do syllogismo trinitario: em lugar da Fraternidade é o fratricidio, o choque da lamina da guilhotina: "A Fraternidade, ou a morte!" Restam a these e a antithese — a Liberdade e a Igualdade — oppondo-se numa antinomia insolúvel: a liberdade na anarchia ou a igualdade na escravidão, o poder de um sobre todos ou de todos sobre um só; o anniquilamento da sociedade no cháos ou o anniquilamento da personalidade no cosmos maldito.

Napoleão talvez sentisse profundamente essa antinomia, mas não a resolveu; afastou-a unicamente, sacrificando a Liberdade á Igualdade.

"Mais vale contrariar a liberdade que a igualdade. Esta é a paixão do seculo e eu quero conservar-me filho do seculo (76)" — "Minha maxima foi: carreira franqueada aos talentos, sem distincção de nascimento ou de fortuna, e esse systema egalitario é a razão pela qual vossa oligarchia ingleza me detesta tanto (77)". — "A liberdade é necessaria a uma classe

pouco numerosa e privilegiada. Logo pôde ser constrangida impunemente. A egualdade, ao contrario, agrada á multidão (78)".

Elle se enganava: contrariou a liberdade, mas não foi impunemente; ella se vingou d'elle pela prisão eterna — por Santa-Helena. Não foram só os "poucos numerosos", os "privilegiados" que se afastaram d'elle, se levantaram contra elle pela liberdade, mas povos inteiros. Essa Inglaterra que elle tratava de "mercantil" fez-se o campeão da liberdade do mundo.

Resultou para elle uma situação fatal: um combate de morte entre a Inglaterra, o mar, a liberdade, de uma banda; e Napoleão, o continente, a egualdade, de outra; um combate entre a these e a antithese, e a synthese foi anniquilada: a Fraternidade universal dos povos — toda a terra firme, cercada dos mares, a "nova Atlantica", o "Paraíso perdido e re-encontrado" — não foi realizada.

Parece que elle proprio teve consciencia de seu "crime" para com a liberdade, se se pôde empregar falando d'elle a insufficiente linguagem humana.

"Juro que se não dou á França mais liberdade é que não a creio util para ella (79)". — "Meu despotismo? Mas o historiador demonstrará que a dictaura era de toda necessidade... mas elle, provará que a licença, a anarchia, as grandes desordens estavam ainda na soleira da porta (80)." — "Por mim, eu não podia ser se não um Washington coroadó. Mas só podia sel-o dominando os reis, através da dictadura universal. E foi isso que pretendi. Far-me-ão disso um crime (81)?" E dois dias antes da morte, quasi no delirio da agonia, num instante em que não se mente, elle dirá: "Sanccionei todos os principios, infundi-os nas minhas leis, nos meus actos, e não ha um só que não tenha consagrado. Infelizmente as circunstancias eram severas... chegou a adversidade... e a França ficou privada das instituições que lhe destinava (82)."

Que Napoleão, quaesquer que fossem as circunstancias, acabasse um Washington, é pouco provavel. Mas talvez seu crime para com a liberdade fosse menor do que suppunham.

A Liberdade e a Egualdade são duas manifestações de uma mesma força, a luz e o calor do mesmo sol. Não ha verdadeira egualdade sem uma parcella ao menos de liberdade.

Ora, a “carreira franqueada aos talentos” — fundamento da democracia moderna — é uma verdadeira egualdade. Em geral, a turba é incapaz de supportar uma liberdade excessiva, mas não perdoará nunca aos que lh’a roubarem de todo. O Codigo Napoleão concede-lhe uma parte minguada de liberdade, mas esta é concedida com tanta segurança e solidez que toda a civilização europeia se esboroará para que ella seja retirada dos homens.

A democracia é um paraíso bem pobre; mas aquelle que esteve no inferno sabe que um paraíso, mesmo bem pobre, vale mais que o inferno, e que o pouco de liberdade da democracia, comparado com a escravidão absoluta, é como a frescura de uma manhã primaveril comparada com o circulo gelado do inferno dantesco ou com o frio dos espaços interplanetarios.

Talvez os russos que já estiveram no inferno do communismo saibam sobre Napoleão o que os europeus ignoram ainda e não se póde aprender em quarenta mil obras escriptas sobre elle.

“Devia ter vencido em Moscou (83)!” — “Sem o incendio de Moscou eu teria triumphado (84).”

1812-1917: o que começou naquelle anno terminou neste; sem um, talvez não houvesse o outro. “Teria proclamado a liberdade de todos os escravos na Russia (85)”. Se elle o houvesse feito, talvez evitasse a revolução russa, o inferno russo.

Quem incendiou Moscou? Os “filhos da patria”? Não. Ladrões, assassinos, e bandidos desembaraçados das grades (86). “Todos viram homens de uma figura atroz errar nas flammas e completar uma apavorante imagem do inferno”, diz Ségur em suas memorias (87).

“Que homens, que homens! São verdadeiros scythas!” — repetia Napoleão presa de um terror prophético (88). Como que elle adivinhava que, apagado o sol de Austerlitz, iria accender-se a Grande Moscou. Moscou incendiou-se e as prophecias se cumpriram.

“Que desgraça a minha queda!... Eu poderia marchar tranquillamente para a regeneração universal; ella não se executará agora senão através de tempestades (89).” —

“Basta uma fagulha para provocar uma conflagração universal (90).” E’ o reflexo desse incendio que elle viu em Moscou.

“Os russos são barbaros que não têm patria e aos quaes todos os paizes parecem melhores que aquelle em que nasceram (91)”.

“Respeitarão minha memoria quando os barbaros possuirem a Europa, o que não aconteceria sem vós, senhores inglezes (92)!” Diremos hoje: “Sem vós, senhores europeus!”

“A França precisava mais de mim que eu della (93).” Estas palavras de Napoleão, sempre enigmaticas para a França, não o são mais para a Russia.

Não foi elle de todo justo com os russos. Nem todos são “barbaros”. Ha entre elles os que amam a Europa e a conhecem melhor talvez que os proprios europeus.

Neste momento os russos vêem já o que não vêem ainda os europeus: terrivelmente alto — é graças a essa altura que podemos julgar em que pantanal tombamos, em que precipicio escorregamos, — terrivelmente alto, acima de nós, nas montanhas do Occidente, passa, negro, sobre o fundo vermelho do céu abrasado, um cavalleiro. Quem é? Como não reconhecer-o? “Vae de tricornio e de redingote cinzento (94)”. Passa de vagar, olhando ao longe, para o Oriente, e tendo na mão uma espada nua. Está vigiando. O quê? Se os europeus o ignoram, os russos o sabem. Vela pela Santa Europa, protegendo-a contra o Diabo Vermelho.

III

O SENHOR DO MUNDO

“A idéa da união universal dos homens é uma idéa da humanidade européa; é por ella só que a Europa vive”, diz Dostoiewsky no “Jornal do Escriptor”. E pela bocca do grande inquisidor, falando das tres tentações de Jesus Christo no deserto — pelo pão, o milagre e o poder — elle se exprime assim: “A necessidade da união universal é o supremo tormento dos homens. Em todos os tempos a humanidade inteira pendeu para uma organização universal. Muitos povos tiveram uma grande historia, mas tanto mais esses povos se elevavam e tanto mais eram infelizes, porque experimentavam mais fortemente que os outros a necessidade desta união”. Dostoiewsky diz a verdade: o eterno e o mais cruel tormento dos homens é essa sêde inextinguivel de universalidade. Se á primeira vista parece que os unicos sêres reaes da historia sejam sêres nacionaes — povos, tribus, linguas, — constata-se, olhando mais profundamente, que todos lutam constantemente contra si mesmos e uns contra os outros, que triumpham de si mesmos e dos outros para formar um sêr superior, supranacional, universal; que todos sentem, mais ou menos, serem, uns e outros, os membros dispersos, “membra disjecta”, desse corpo passado e futuro; todos se movem na historia e se agitam como pedaços de uma serpente retalhada, mas ainda viva, afim de unir-se de novo e de reconstituir-se. Depois do rei babilonio Sarganissar, Sargon o Antigo, que, ha quasi dois mil e oitocentos annos, fundou a monarchia universal, até a Terceira Internacional, a historia do mundo só é feita da agitação desses pedaços de serpente, que faz pensar no rumor dos ossos de mortos na visão de Ezequiel.

A humanidade, tão longe quanto remontem suas lembran-

ças, soffreu desse tormento, dessa sêde inextinguivel. As antigas monarchias universaes — Egypto, Babylonia, Assyria, Media, Persia, Macedonia — são uma série de tentativas afim de acalmar essa sêde para “se organizar universalmente”. E’ ainda a mesma idéa que une as duas metades da humanidade, a pagã e a christã. Só na universalidade heleno-romana podia realizar-se o Christianismo: não foi por acaso que o Filho do Homem nasceu na terra universal de Roma, sob o dominio universal do Cesar romano.

A obra cosmopolita iniciada pela Roma pagã, continuou-a a Roma christã até nossos dias, até a Revolução. A Revolução renega o Christianismo em tudo, salvo nisto: “A Revolução franceza não foi, no fundo, senão o ultimo aspecto e a reencarnação dessa antiga formula romana de união universal”, diz Dostoiewsky, mas não, vae ao fim: a ultima encarnação da universalidade não foi a propria Revolução, o cháos, mas aquelle que domou o cháos — Napoleão.

Essa obra de universalidade é a obra principal e, pôde dizer-se, unica, de toda a sua vida. Quem não a comprehende não comprehenderá nada dessa vida. Todas suas acções, todos seus pensamentos, todos seus sentimentos vêm de lá e vão lá.

“A aspiração ao dominio universal está em sua natureza; pôde ser modificada, contida, mas não conseguirão asphyxial-a”, observa muito justamente Metternich (95). E escreve alhures: “Minha apreciação sobre o fundo dos projectos de Bonaparte não variou nunca. Esse objectivo monstruoso que consiste na escravização do continente sob o dominio de um só foi e é ainda o seu (96).”

Mas por que esse objectivo é monstruoso? Por que o dominio universal de Bonaparte é uma escravização? Por que é elle um ambicioso, um despota, como nunca o mundo vira egual?

Censurar em Napoleão o amor do poder é censurar no esculptor o amor do marmore ou no musico o amor dos sons. A questão não é saber se elle ama o poder, mas porque o ama e o que faz delle.

O amor do poder é uma paixão poderosa, mas não a mais poderosa. De todas as paixões humanas, a mais forte, a mais ardente, a que abraça a alma com um fogo transcendental, é

o pensamento; e de todos os pensamentos o mais apaixonado é o de que Napoleão se via possuído, “o supremo tormento dos homens” — a universalidade. Talvez não fosse apenas paixão e sim qualquer cousa de maior, inexprimível em palavras, porque, como sensatamente observou madame de Stael, o “caracter de Napoleão não pôde ser definido pelos vocabulos”.

“Quiz o imperio do mundo, “confessa elle proprio”, mas quem não o quiereria em meu logar? O mundo me convidava a regel-o; soberanos e subditos se precipitavam em competição sob meu sceptro (97)”. Poderia dizer do mundo o que disse da França: “O mundo precisa de mim mais que eu delle.”

Se é o “amor do poder”, a “ambição”, são de uma ordem particular, que não é a nossa e nossas palavras não sabem definir. Elle mesmo ignora que é ambicioso: “Não tenho ambição, ou, se a tenho, é tão natural, de tal fôrma innata em mim, tão bem adaptada á minha existencia, que é como o sangue que me corre nas veias, como o ar que respiro (98).” — “Minha ambição? Ah! sem duvida, o historiador dirá que a tive, e muita, mas da maior e da mais alta que jamais existiu, a de estabelecer, consagrar emfim o imperio da razão e o pleno exercicio, o inteiro gozo de todas as faculdades humanas (99).”

“O imperio da razão” é o imperio universal. Por que caminho vae elle attingil-o?

“Um de meus grandes pensamentos foi a agglomeração, a concentração dos mesmos povos geographicos, dissolvidos, esphacelados pelas revoluções e a politica... Quiz fazer de cada um desses povos um só e mesmo corpo de nação (100).” Esse o começo, e o fim a reunião dos corpos nacionaes num corpo universal — a “Associação Européa” (101).

“E’ com um tal cortejo que seria bello marchar para a posteridade e para a benção dos seculos! Após essa simplificação summaria, seria possível abandonar-se á chimera do nobre ideal da civilização: nesse estado de cousas é que se encontrariam mais possibilidades de ultimar por toda a parte a unidade dos codigos, a dos principios, das opiniões, dos sentimentos, das vistas e dos interesses (102)”. “Um codigo europeu, uma côrte de cassação européa... a mesma moeda...

os mesmos pesos... as mesmas medidas, as mesmas leis.” — “Todas as ribeiras navegaveis para todos; a communidade dos mares (103)”. — O desarmamento geral, o fim das guerras, a paz do mundo. “Dessa fôrma teriamos realmente composta na Europa uma unica familia. Cada qual, viajando, não deixaria de estar em casa (104)”.

“Então, talvez, graças a luzes universalmente espalhadas, seria permittido sonhar para a grande familia européa a applicação do Congresso americano ou dos amphitryões da Grecia, e quantas perspectivas de força, de grandeza, de possança, de prosperidade (105)!”

Tudo isso esteve proximo, mais próximo que nunca; bastava estender a mão. E duas vezes elle a estendeu; duas tentativas de regeneração universal foram feitas por elle: a primeira debaixo das côres republicanas, do sul ao norte, através da Inglaterra: a segunda, sob as formas monarchicas, do norte ao sul, através da Russia. “Esses dois systemas podiam ser igualmente bons, porque visavam ambos o mesmo fim e ambos se executaram com firmeza, moderação, e boa fé. Quantos males que nos são conhecidos, quantos males que não conhecemos ainda seriam poupados a esta pobre Europa! Nunca um projecto mais vasto nos interesses da civilização foi concebido com intenções mais generosas e esteve prestes a ser executado. E, cousa bem notavel, os obstaculos que me fizeram fracassar não partiram dos homens: partiram todos dos elementos: no Sul foi o mar que me perdeu e foram o incendio de Moscou, os gelos do inverno, que me perderam no Norte; a agua, o ar e o fogo, toda a natureza, e nada senão a natureza, eis os inimigos de uma regeneração universal, ordenada pela propria natureza. Os problemas da Providencia são insolueis (106)”. — “Como quer que seja, essa agglomeração chegará cedo ou tarde pela força das cousas: o impulso está dado e penso que, depois da minha queda e da desappareição de meu systema, não haverá na Europa nenhum grande equilibrio possivel sem a agglomeração e a confederação dos grandes povos (107)”. “Talvez, meu caro, estejaes tentado a dizer-me como o ministro de Pyrrho a seu senhor: e, afinal, para que? Respondo: para fundar uma nova socie-

dade e evitar immensas desgraças. A Europa espera, solicita esse beneficio; o velho systema entrou em agonia, e o novo não se fixou ainda e não se fixará sem longas e furiosas convulsões (108).”

Nunca estas palavras de Napoleão tiveram um som tão prophético quanto nos nossos dias. 1814-1914: este anno respondeu áquelle; o primeiro viu desmoronar-se o imperio de Napoleão, começo da universalidade, e o segundo viu accender-se a guerra universal. Uma “furiosa convulsão” veio abalar o genero humano e talvez estejamos nas vespersas de uma convulsão mais furiosa ainda, como elle o predisse: “Basta uma fagulha para provocar uma conflagração geral”. E nossa unica defesa é a sombra lamentavel da universalidade vagando em meio aos limbos, o aborto mesquinho — a Sociedade das Nações.

Afim de comprehender plenamente o que significa para Napoleão a universalidade, é preciso comprehender que para elle Christo não era uma noção abstracta, mas um sêr de carne e de sangue, que a seu ver “não será”, mas “já é”; é preciso comprehender que Napoleão não é um homem com a idéa da universalidade, mas já é o homem universal. “Nisto, é um sêr que não tem semelhante”, segundo a profunda expressão de madame de Stael.

Elle é contemporaneo não de seu tempo e sim desse passado immemorial em que “toda a terra tinha senão uma lingua, ou bem desse futuro infinitamente distante em que haverá um só rebanho e um só pastor”. E’ o homem de uma outra humanidade, muito antigo ou muito novo, “prehistorico” ou “apocalypico”.

Não tem patria, não por insufficiencia, mas por excesso. Joven, amou seu paiz natal, a Corsega, e quiz ser um “patriota”, a exemplo do heroe corso, Paoli, ou dos heróes clasicos de Plutarcho. Mas sahiu-se mal e logo os compatriotas o expulsaram, apodando-o de “traidor”.

Até o fim da vida, não saberá o que é: “Sou italiano ou toscano mais do que corso (109).” — “Quiz absolutamente ser francez... de todas as injurias divulgadas contra mim em tantos libellos, a que mais me sensibilizava era ouvir chamar-me de corso (110).” — “Em Lyão, certa vez, um

“maire”, acreditando fazer-me um cumprimento, disse-me: E’ espantoso, sire, que não sendo francez ameis tanto a França e façaes tanto por ella! Foi como se elle me dêsse uma cacetada (111)”.

“Qualquer que fosse a lingua que falasse, não parecia nunca ser-lhe familiar: carecia de esforço para exprimir seu pensamento (112)” — “O que estraga Napoleão é o vicio habitual da sua pronuncia. Ordinariamente fazia elle redigir o discurso que queria pronunciar...” Lia-o sempre, em ultima instancia, preferindo os caracteres muito vistosos; ensaiava as palavras, mas não raro se atrapalhava, e o seu sotaque, mais “estranho” que “estrangeiro”, feria desagradavelmente os ouvidos e as idéas do publico (113).”

Era bem isso: o homem sem lingua, sem povo, sem patria.

Amava elle a França? Certo que sim! Mas mesmo um homem tão perspicaz quanto Stendhal se engana ao pensar que Napoleão a ama como se ama a patria. Aliás elle se engana a si proprio: “Juro que não faço nada senão pela França (114).” — “Na prosperidade, na adversidade, no campo de batalha, no conselho, no throno, no exilio, a França foi o objecto constante de meus pensamentos e de minhas acções (115).” — “Tudo pelo povo francez”, escreve ao filho no testamento. Mas elle proprio ter-lhe-ia sacrificado tudo?

Que é a Patria? A terra natal, separada das outras terras por fronteiras. Mas todo o fim das guerras napoleonicas é alargar indefinidamente e emfim apagar as fronteiras da França. “Quando a França for a Europa, não haverá mais França”, predisse elle (116). Mas era precisamente o que elle queria; não haveria mais França — haveria o mundo.

Assistindo, em 1807, a uma parada do exercito francez em Berlim recentemente conquistado, o marechal prussiano Mollendorff extasiava-se: “Eis ahi tropas ás quaes nada falta no mundo, dizia elle. — Sim, replicou Napoleão, se lhes pudessem fazer esquecer que têm uma patria (117)!”

“Elle conseguiu perfeitamente desnaturar seu exercito, de maneira a perder todo sentimento nacional”, observa um contemporaneo (118).

O “pequeno-caporal” para seus soldados é mais que a

França; lá onde elle está, está a patria; o exercito de Napoleão, como elle mesmo, é já um sêr Universal.

De resto, nem sempre elle se engana sobre a natureza do seu amor pela França: "Só tenho uma paixão, uma amante, é a França; deito-me com ella. Ella não me engana nunca, prodigalizando-me seu sangue e seus thesouros (119)." Os homens não falam assim da patria. Ella é para elles mãe e não amante; não é ella quem lhes sacrifica tudo: são elles que lhe sacrificam tudo.

No melhor caso a França é para elle uma amante, e no peor um cavallo de batalha, a maravilhosa egua de que fala o poeta e que seu cavalleiro furioso metteu num galope de morte, fazendo com que ella, ao cahir sobre elle num "leito de metralha", lhe quebrasse irremediavelmente as costellas (120).

Mas o espantoso é que, se perguntassem á França agonizante se ella preferia passar sem esse cavalleiro furioso, ella respondesse: "Não!" E está ahi a grandeza da França.

Nem corso, nem italiano, nem francez, e talvez mesmo nem europeu. A Europa não é para elle senão o caminho da Asia. "A Europa é uma casa de toupeiras; só tem havido grandes imperios e grandes revoluções no Oriente, onde vivem seiscentos milhões de homens (121)."

Essa attracção pelo Oriente, satura-lhe a vida.

No Egypto, nas vespas da campanha da Syria, o joven general Bonaparte, deitado horas inteiras por terra, sobre enormes mappas desenrolados, se põe a marchar até a India, através da Mesopotamia, seguindo as pegadas de Alexandre o Grande. Se o seu sonho se realizasse, o ultimo fundador de uma monarchia universal ter-se-ia encontrado, após quarenta e cinco seculos, com o primeiro — o rei babilonio Sarganissar: ambos seguem o mesmo caminho, mas um vae do Oriente para o Occidente e outro do Occidente para o Oriente.

"Chego a Constantinopla com um formidavel exercito. Derrubo o imperio turco. Fundo no Oriente um novo e grande imperio que fixará meu logar na posteridade". Assim sonha elle passeando á borda do mar perto de São João d'Acre (122). "Tomado São João d'Acre, o exercito francez voaria a Damasco e a Alepo; estaria num abrir e fechar

de olhos no Euphrates; os christãos da Syria, os Drusos, os christãos da Armenia se reuniriam a elle e as populações seriam sacudidas de seu torpor". Um de nós falou no reforço de cem mil homens. "Diga de seiscentos mil, interrompeu o Imperador; quem pôde calcular o que seria? Attingidas Constantinopla e as Indias, ter-se-ia mudado a face do mundo", dizia elle em Santa-Helena (123).

Mal viera elle de assenhorear-se do poder, depois do 18 Brumario, e já propunha ao Imperador Paulo I marchar sobre a India; mais tarde, no fastigio da grandeza, depois de Tilsitt, faz elle a Alexandre I a mesma proposta.

Alguns mezes antes de partir para a antiga capital da Russia, o Imperador dizia: "De qualquer modo, esta longa estrada é o caminho da India. Alexandre partira de tão longe quanto Moscou para attingir o Ganges... E' de uma extremidade da Europa que devo apoderar-me da Asia para ferir a Inglaterra. E' uma expedição gigantesca, convenho, mas exequível no seculo XIX (124)."

Na fila de viaturas que estavam a seu serviço na campanha da Russia, um caminhão transportava as insignias imperiaes: a espada da sagração, o diadema, o manto de purpura. Dir-se-ia que era em Delhi mesmo, ás margens do Ganges, que Napoleão ia fazer-se coroar pela segunda vez Imperador do Oriente e do Occidente.

Horas antes da memoravel batalha da Moskowa, Napoleão recebeu o retrato do filho. O real infante apparecia meio deitado em seu berço com um brinquedo cuja bola sugeria o globo terrestre e o cabo um sceptro.

Em 1811, o Imperador envia ao ministro da Marinha Decrès um projecto de construcção em tres annos de duas frotas, a do Oceano e a do Mediterraneo; a primeira devia ter por base a Irlanda, a segunda o Egypto e a Sicilia. Pensava-se numa expedição ao cabo da Boa Esperança, a Surinam, á Martinica e outros paizes de além mar; as frotas seriam repartidas pelos dois hemispherios, afim de estabelecer a dominação universal não só na Europa e na Asia, mas em todo o planeta.

"Em cinco annos serei senhor do mundo!" diz elle, no mesmo anno (125). "O Imperador está maluco, completa-

mente maluco!” — grita Decrès apavorado (126). Isso parece effectivamente maluquice. Nunca homem algum, nem Sargon, nem Alexandre, nem Cesar, teve a visão tão terrivelmente clara, tão horivelmente proxima, do Imperio universal.

Como que ás vezes elle proprio tem medo dessas visões, ainda que a palavra “medo” seja humana demais para elle. Em todo caso sentiu-lhes o peso “fatal”.

Tudo o que faz é feito com essa intenção, mas não fala jamais nisso. Estando já em Santa-Helena e sabendo tudo irremediavelmente perdido, elle diz: “Calculava então achar um auxilio bem maior no segredo; vagava em torno de mim, como uma aureola, essa luz imprecisa que attrae a multidão e a fascina; acreditava ser beneficiado pelo mysterio que obseca os espiritos; gostava dos desfechos subitos e brilhantes recebidos sempre com applausos e que tanto dilatam o prestigio de um chefe. Foi esse mesmo principio que me fez correr desgraçadamente tão depressa para Moscou; com maior lentidão teria pensado em tudo; mas puzera-me na obrigação de não deixar tempo para commentarios. Com minha carreira já percorrida, e com minhas idéas para o futuro, era preciso que minhas investidas e meus successos possuíssem qualquer cousa de sobrenatural (127).”

Elle tem necessidade de “segredo”, de “sobrenatural”, o que quer dizer necessidade de religião. Chegado a esse ponto extremo de seus pensamentos sobre o dominio universal, comprehende de repente que não pôde passar sem religião, que não pôde haver uma organização universal de homens sem um centro que os una interiormente, sem a Unidade absoluta, sem Deus.

“Eu creava uma religião, via-me a caminho da Asia, trepado num elephante, o turbante na cabeça e em punho o novo Alcorão que compuzera a meu sabor (128)”. Isto é dito evidentemente a sorrir. Elle é intelligente demais para não comprehender que livros como o Alcorão não se “compõem”, que as religiões não se fabricam.

Em geral, não convem esquecer que elle fala da religião quasi sempre negligentemente ou canhestramente, porque fala “do lado de fóra”, não superficialmente — ao contrario, é ás

vezes profundissimo em suas idéas religiosas — mas estas lhe vêm de fóra; trata do assumpto com esse ligeiro sorriso que recorda o rictus de Voltaire, pelo qual, de resto, não tem elle nem sympathia, nem estima. “Era um máo homem, um homem perverso, foi elle que nos poz onde estamos”, teria dito delle mais facilmente que de Rousseau. Mas não pôde libertar-se do sorriso de Voltaire em materia de religião. Sente-se, todavia, mesmo através desse sorriso, que a religião não é para elle cousa vã e vulgar, mas uma cousa grave, pesada e mesmo, para empregar um vocabulo humano que, ainda uma vez, não lhe serve, uma cousa assustadora.

Seja como for, tendo comprehendido que para estabelecer o dominio universal não se pôde prescindir de religião, elle comprehendeu tambem que religiosamente esse dominio se constrôe como uma pyramide, diminuindo progressivamente para o cimo e afilando-se numa unica ponta, num só ponto mathematico, onde a terra toca o céu e o homem Deus. Em outros termos, o homem, no topo do dominio universal, deve bom grado, máo grado, pronunciar éstas palavras temiveis ou absurdas: “Sou Deus — *Divus Cæsar Imperator*”. Os Cesares romanos o diziam, não por demencia, — houve entre elles homens cheios de intelligencia, como Julio Cesar, — nem por “orgulho satanico” — houve entre elles santos, como Antonino e Marco Aurelio, mas porque eram forçados a isso pela logica interior do poder universal: chegado a esse ponto, o homem deve fazer-se Deus, senão toda a pyramide se esbo-roa debaixo delle.

Com a clareza geometrica propria de seu espirito, Napoleão comprehendeu: “Desde que um homem é rei está á parte de todos, e sempre encontra o instincto da verdadeira politica na idéa que teve Alexandre de se fazer descendente de um Deus (129).” Mais que todas as victorias de Alexandre, elle acha de uma “grande politica” essa visita ao templo de Amon, onde o oraculo lhe disse ao ouvido: “Tu és o Filho de Deus (130).”

Alexandre e Cesar podiam fazel-o antes do nascimento de Jesus Christo, mas, depois, é ainda possivel? Isto Napoleão não o sabe muito bem. A’s vezes parece-lhe que sim. “Se eu voltasse victorioso de Moscou, o mundo todo voltaria

a mim, admirando-me, abençoando-me. Só me restaria desaparecer no seio do mysterio, e o vulgo renovaria para mim a fabula de Romulo, dizendo que eu fôra arrebatado ao céu para tomar meu logar entre os deuses (131)".

Mas outras vezes parece-lhe que isso não é mais possivel.

"Cheguei muito tarde e nada mais se póde fazer de grande", disse elle, no dia da sagração, a Decrès, o mesmo que pensava que o Imperador enlouquecera: "Sim, minha carreira é bella, convenho; mas que differença com a antiguidade! Vêde a Alexandre: depois de ter conquistado a Asia e de se ter annunciado ao povo como filho de Jupiter, com excepção de Olympias, que sabia o que pensar, com excepção de Aristoteles e de alguns pedantes de Athenas, todo o Oriente acreditou nelle. Pois bem, eu, se me declarasse hoje filho do Padre Eterno, não haveria moleque que não me apupasse. Os povos estão agora muito esclarecidos; nada mais de grande resta a fazer (132)."

Ora é possivel, ora não é. Nesse ponto a clareza geometrica de seu espirito o attraíçoa. Lá começa o "hemispherio nocturno" onde se apaga subitamente a luz de que fala Goethe, essa "luz que illumina o espirito de Napoleão e não se extinguiu um instante". Desde então deve elle andar ás apalpadelas, para não cahir no ridiculo: "Do sublime ao ridiculo só ha um passo (133)."

O assobio de um garoto bastaria para derrubar o senhor do mundo.

Elle vê ou sente confusamente que, em qualquer parte, muito perto d'elle, se constróe a pyramide de um outro "Imperio Universal"; se tivesse visto melhor comprehenderia que ella é construida não ao lado d'elle, mas acima d'elle, e que essas duas pyramides se oppõem uma á outra: a sua, a Roma pagã, "Imperium Romanum", levanta-se da terra para o céu; a outra, christã, a Cidade de Deus, desce do céu para a terra, de sorte que suas pontas se tocam num ponto onde, segundo o sentido da pyramide inferior, o homem se torna Deus e, segundo o da pyramide superior, Deus se torna Homem. Aquelle se immola o mundo; este se immola ao mundo. Que Napoleão comprehende ou ao menos sente de modo confuso esta opposição, percebemol-o nas palavras que elle pronuncia, não mais sorrindo, mas com uma gravidade impressio-

nante, quando elle proprio é sacrificado no rochedo de Santa-Helena: "Jesus Christo não seria Deus se não tivesse morrido na cruz".

Forçoso lhe foi escolher entre as duas pyramides. Mas não o fez, teve medo. Parece-lhe que aqui esse vocabulo humano lhe convem, tambem a elle; quer reunir as duas pyramides, a Concordata é uma tentativa para realizar essa união.

"Era a mais brilhante victoria que fosse possivel obter sobre o genio revolucionario e todas as que vieram depois não foram, sem exceptuar nenhuma, senão a consequencia daquella..." Accentuava-se que Bonaparte, mais que ninguem, fôra ao fundo dos corações, segundo o testemunho dos contemporaneos (134).

Sim, comprehendendo que as religiões não se fabricam e que o Alcorão não é obra de qualquer, elle não quiz ser a "mescla monstruosa de charlatão e propheta" a que allude Carlyle com uma grosseira levandade.

Ao invés de fantasiar uma religião, restaurou a catholica, que sentia no interior de todas as almas e poderia "remover-lhe muitos obstaculos" (135).

Mas que o principal obstaculo se encontra na propria religião, elle bem o sabe ha muito. Aos dezesete annos, Bonaparte escreve em seus cadernos de collegial que o christianismo é incompativel com o Estado, que seu reino não é deste mundo. Substitue o poder supremo de Deus ao poder supremo do povo e, poderia accrescental-o, ao do soberano. "Elle destróe a unidade do Estado (136)."

Para reunir as duas pyramides do imperio universal, o Estado e a Egreja, é preciso imprimir no christianismo uma mudança essencial. Que mudança? "Meu primeiro cuidado foi não tocar no dogma", diz Napoleão com a ingenuidade de um militar que fala de cousas religiosas (137). Mas era difficil não tocar no dogma, mais difficil do que elle pensava, porque era a essencia mesma do dogma saber qual é o verdadeiro Senhor do mundo, o Deus-Homem ou o Homem-Deus.

De qualquer fórmula elle tentou essa obra difficil: declarou que não havia dois vigarios de Christo, Papa e Cesar — mas um só: Cesar. Segundo o "Catecismo" de Napoleão, "Deus tornou o Imperador ministro de sua possança e sua

imagem na terra (138).” Sómente a imagem? O Arcebispo de Ruão, dando á palavra “Christo”, “ungido”, uma interpretação sacrilega, denomina o Imperador “o Christo da Providencia (139).”

“Eu não desesperava de acabar avocando a mim a direcção do papa, e desde então que influencia! Que alavanca de opinião para o resto do mundo”, diz Napoleão, revelando ainda um de seus segredos, em Santa-Helena, quando já sabe que tudo está perdido (140). “Governaria então o mundo religioso com a mesma facilidade com que governava o mundo politico (141).”

Mas seria tão facil? Nem sempre elle está seguro disso. “Essa libertação da cõrte de Roma, essa reunião legal da direcção religiosa na mão do soberano, foram sempre objecto de minhas reflexões e de meus desejos... Mas era bem difficil; a cada tentativa via-lhes o perigo. Acreditava que, uma vez embarcado nessa aventura, a nação me abandonaria (142).” Era como se já a ensaiassem os apupos da garotada.

O peor é que elle não sabe direito o que deve fazer do papa. Luta com um gladio de ferro contra um fantasma. Ora lisonjeia o pontifice, ora o fere. “Pio VII é verdadeiramente um cordeiro, um bom homem, um verdadeiro homem de bem que estimo e amo bastante”, diz elle no começo (143), e no fim declara que o papa é um demente e urge tranfical-o. E trancafial-o primeiro em Savona, depois em Fontainebleau.

O papa não quer tornar-se “um idolo”; o cordeiro é na realidade um leão, a cêra molle uma pedra dura, aquella mesma de que se disse: “Sobre esta pedra edificarei minha egreja”.

“Fizemos tudo”, declara o papa em 1807, antes da ruptura, para que existisse boa correspondencia e concordia. Estamos dispostos a fazel-o ainda para o futuro, logo que se mantenha a integridade de principios em relação aos quaes somos inamoviveis. Nossa consciencia está em jogo, e nesse particular nada obterão de nós, ainda mesmo que nos escorchem (144).”

Não se póde imaginar como terminaria essa guerra, a maior talvez de todas as guerras napoleonicas, se o fim não viesse tão bruscamente, se toda a pyramide do imperio uni-

versal não se tivesse desmoronado ou dissipado como um sonho, e se Napoleão não acordasse de repente, nú sobre o rochedo nú de Santa-Helena.

Deus abençoa Napoleão pela bocca do Santo Padre: “devemos lembrar-nos que, depois de Deus, é a elle principalmente que se deve o restabelecimento da religião... A Concordata foi um acto christão e heroicamente salvador (145)”.

Mas Bonaparte não conseguiu unir as duas pyramides: succumbiu sob o peso de ambas; mas o que faz sua grandeza é que só elle, durante os dois mil annos da historia do christianismo, tentou aguentar-lhes o peso.

Como na tentação do deserto, Napoleão não se prosternou deante do diabo, e os reinos do mundo se distanciaram d'elle.

Que foi que o perdeu? Elle crê que o Destino; mas não foi o Destino, foi elle proprio que se traiu; subito, elle, o forte tornou-se fraco deante de um mais forte, e talvez essa fraqueza seja de todas as suas grandezas a maior.

Morreu sem saber quem o vencera e não podia mesmo dizer em morrendo, como o antigo Apostata: “Venceste, Galileu!” Inclinou sómente a cabeça em silencio quando u’a Mão Invisivel se estendeu para ella, tirou-lhe a corôa real e pousou sobre ella a corôa de espinhos.

IV

O HOMEM DA ATLANTIDA

A mãe de Napoleão, Maria Letizia Buonaparte, puzera o filho, antes de nascido, debaixo da protecção da Santissima Virgem, como se adivinhasse que elle teria grande necessidade disso. Foi a 15 de agosto, dia da Assumpção, que Napoleão nasceu.

Recordou-se elle, ao menos uma vez na vida, desse voto materno? E' pouco provavel, mas se o recordasse ficaria tão surpreso quanto nós.

Entretanto esse voto não foi inutil, não certamente no sentido em que o entendem os bons catholicos, mas naquelle em que o teriam comprehendido os adoradores pre-christãos da Grande Mãe dos deuses, *Magna Mater deorum*, que, muito antes do christianismo, reinava já na ilha da Corsega, como em todas as ilhas e praias do Mediterraneo. Nesse berço da humanidade européa, ella o embalava com o canto das vagas, desde uma antiguidade immemorial. Isis egypcia, Istar-Mami babilonia, Astartéa de Chanaan, *Virgo Cælestis* carthagineza, Rhéa Cybelle da Asia Menor, Demeter grega, a Terra Mãe, e Urania, a Mãe Celeste, — sob toda essa multidão de nomes, através de toda essa multidão de fôrmas, é sempre Ella, a unica, a Santa Virgem Mãe. E Napoleão a procurou, amou-a com violencia, quiz abraçar-a toda — não só a pequena Corsega, a pequena França, a pequena Europa, mas a grande Terra mãe toda inteira.

Que ella é também a Mãe Celeste, elle o ignorava ou tinha esquecido. E, entanto, durante a vida toda, ouviu resoar acima delle seu mysterioso chamado.

“Sempre amei o som dos sinos de aldeia”, recordava elle em Santa-Helena (146). Bourrienne, condiscipulo de Napo-

leão, dá testemunho disso: “Quando estávamos na Malmaison e passeávamos na alameda que conduz á planura de Rueil, quantas vezes o som do sino desse villarejo não interrompeu nossas conversações as mais serias: elle se detinha para que o movimento de nossos passos não o fizesse perder nada daquelle bimbalar que o encantava. Zangava-se quasi comigo por não experimentar as mesmas impressões que elle; a acção produzida em seus sentidos era tão forte que elle tinha a voz suffocada quando me dizia então: Isto me lembra os primeiros annos passados em Brienne. Então era feliz! (147)”. Mais que todas as outras sonoridades da terra, elle amou essas duas, tão oppostas: o estrondo do canhão e o toque dos sinos de aldeia.

Os peregrinos encantados das legendas christãs erram no deserto e ouvem algures o som de um sino, orientando-se por elle. Napoleão não vae a parte alguma e não percebe mesmo o appello dos bronzes sagrados; elle ignora, quanto a si mesmo, o que sua mãe sabia antes delle nascer.

“Napoleão, inimigo de todo ideal, passou a vida inteira atraz de um cuja realidade negava”, escreveu mais ou menos Goethe numa synthese felicissima (148).

Como é estranho! Napoleão, um dos homens mais intelligentes e, mesmo, se se mede a intelligencia segundo a profundidade com que elle penetra na realidade, o homem mais intelligente que houve, ao menos de dois mil annos para cá, Napoleão não via, não conhecia, não percebia sua propria idéa, tão vasta no entanto que lhe absorveu a vida toda.

Uma alma diurna e uma alma nocturna. Os pensamentos da alma nocturna se apagam na diurna, como as estrellas na luz do sol. O sol deve deitar-se para que as estrellas appareçam. Mas o sol de Napoleão não se deita nunca. Eis porque Napoleão não vê seus pensamentos nocturnos — as estrellas. Mas talvez sejam ellas que lhe recordem os sinos. Quando, depois de Wagram, prenderam um rapaz de dezoito annos, quasi uma criança, de traços afeminados, Friedrich Staps, que queria matal-o, Napoleão viu no singular heroismo desse fanatico, que morreu como um martyr christão, qualquer cousa que o feriu até o espanto. Não seria a semelhança com o joven Bonaparte, o jacobino de 93, que achava um crime desprezível

ninharia, collocava acima de tudo os direitos do Homem e affirmava que apunhalaria o proprio pae, se elle aspirasse a fazer-se tyranno (149)? Sim, isso o impressionau, mas não foi sómente isso. Elle sentiu-se estupefacto porque se comprehendeu de subito impotente deante de uma força desconhecida. Dir-se-ia que um relampago illuminara para elle sua propria alma nocturna — o outro hemispherio, onde devia mais tarde erguer-se para elle, acima de Santa-Helena, a constellação do Cruzeiro, invisivel em nosso hemispherio diurno.

Goethe, o pagão, ficaria espantado e incredulo se lhe dissessem que essa immensa “idéa em que Napoleão vivia todo inteiro”, ainda que não pudesse apprehendel-a pela consciencia, era um pensamento metade ao menos christão.

O proprio Imperador se mostraria ainda mais espantado e incredulo. Não obstante todas as benções do papa, que lhe importava, com effeito, o Christianismo?

“A humilhação monacal destróe toda virtude, toda energia, todo governo. Diga o legislador ao homem que todas suas acções devem ter por fim a felicidade neste mundo”. — “Não ensinaes ao povo o catecismo? Pois bem, se em logar disso lhe ensinasseis um bocado de geometria, não seria mais util?” Assim fala o alferes de artilharia Bonaparte, o jacobino de 93 (150).

E eis o que cinco annos mais tarde diz ou pensa o general em chefe do exercito do Egypto: “Paris vale bem uma missa!” Isso significa que a conquista da Asia vale o Christianismo. Bonaparte no Egypto esteve prestes a fazer-se musulmano. “Se ficasse no Oriente, teria provavelmente fundado um imperio como Alexandre, indo em peregrinação a Mecca (151)”.

“Desde que o mundo é mundo, estava escripto que, após haver subjugado todos os inimigos do islamismo, derrubando as cruzes, eu viria do fundo do Occidente desopprimir-me da tarefa que me coube”, dizia elle na proclamação aos sheiks musulmanos. — “Tirei partido da estupidez musulmana, divertindo-me com ella”. Tambem assim o divertiam os catholicos da Italia: “Combati contra os turcos, sou quasi um cruzado”, dizia-lhes (152). — “Era charlatanismo, mas do mais alto (153)”, confessa, como para irritar Carlyle com “essa mescla monstruosa de propheta e charlatão”.

Perguntou elle a Mustaphá-Pachá prisioneiro por que viera guerrear-o: “E’ aos russos, a esses idolatras que adoram tres deuses que convinha atacar. Eu sou como o teu Propheta, só creio num Deus. — Tudo isto é bom se o tens no coração”, replicou Mustaphá, sagaz e caustico, porque toda a desgraça de Bonaparte é precisamente não saber elle proprio o que traz no coração (154).

E se mais tarde elle acceita o Christianismo ou mais exactamente Catholicismo, só é exteriormente, como istrumento de poder. “Não é que nós outros nobres tenhamos muita religião, mas a crença é necessaria ao povo (155)”. — “Como ter ordem num Estado sem religião? A Sociedade não pôde existir sem a desigualdade das fortunas, e a desigualdade das fortunas sem religião. Quando um homem morre de fome ao lado de outro que arrota de fartura, é-lhe impossivel accectar essa differença se não ha lá uma autoridade que lhe diga: devem existir pobres e ricos neste mundo, mas em seguida e por toda a eternidade a partilha se fará de outra fórma (156)”.

Atheismo? De modo algum. Com uma clarividencia genial, elle vê o que nós não vemos ainda, máo grado tantas experiencias terriveis: “Não é o fanatismo o inimigo a temer agora, mas o atheismo (157)”.

“Restabeleci a religião; é um serviço de que não se pôdem calcular as consequencias; se os homens não a tivessem, degolar-se-iam pela melhor pêra e pela mais linda rapariga (158)”.

Mas acceitando exteriormente o Christianismo, Napoleão nem sequer luta contra elle interiormente: contenta-se em passar adeante.

Na mocidade, escrevera, segundo a Encyclopedia, um parallelo entre Jesus Christo e Apollonio de Tyane, confessando preferir o ultimo; mas quando, no Consulado, Luciano lhe falou nessa these: “Esqueça-se! gritou Napoleão. Existe ahi o bastante para me malquistar com Roma, a não ser que me retratasse publicamente. Veja que complicação! Minha concordata não passaria de obra de Belzebuth (159)!”

“O papa acredita em Jesus”, constata elle com assombro. “Jesus existiu ou não? Creio que nenhum historiador o menciona, nem mesmo Joseph. Quanto a mim, tenho opinião firmada, não creio que Jesus existisse nunca”. Aliás, o que o

põe sobretudo perplexo é não tanto saber se Christo existiu como se é necessario que Elle tenha existido.

Mas, subito, um relampago irrompe: “Creio-me entendido em homens e digo-vos, eu, que Jesus Christo não era um homem (160)!” — “Tudo isso é bom se o tens no coração”.

Em todo caso, no coração tem elle uma duvida infinita, e talvez tambem um tormento infinito: “De onde vim? Que sou? Para onde vou? Cri, mas a minha crença se viu abalada, insegura, desde que raciocinei e isto me aconteceu muito cedo, aos treze annos. Talvez volte a crer cégamente. Deus o queira! Não resistirei de modo algum, e nem peço outra cousa; penso que deve ser uma grande e real felicidade (161).” Impressões, inspirações — quem o sabe? — do chamado do sino mysterioso.

“Pois bem, creio em tudo o que a Egreja crê... Mas ha tantas religiões differentes que é difficil saber qual escolher... Se uma religião existisse desde o começo do mundo, eu a acreditaria verdadeira (162)”.

Elle a procurou e não a encontrou. Quem o impediu?

Um dia em Santa-Helena elle cuidava de uma plantação de feijões e poz-se a discorrer sobre os phenomenos da vida vegetal, concluindo existir um Sêr superior que preside ás maravilhas da natureza (163). “A idéa de um Deus é a mais simples. Quem então fez tudo isso (164)?”

Por uma noite estrellada, no convés da fragata “Oriente” que o transportava ao Egypto, Bonaparte, cercado de sabios, que procuravam provar a não existencia de Deus, ergueu a mão para o céu e, mostrando os astros, indagou: “Podeis falar á vontade, senhores, mas quem fez isso (165)?” E era do fundo do coração que elle o dizia. Ha palavras mais profundas ainda: “A verdade é que tudo é maravilha em derredor de nós (166).” — “Que é o futuro, que é o passado, que somos nós? Que fluido magico nos cerca e nos occulta as cousas que mais nos importa conhecer? Nascemos, vivemos, morreremos em meio ao maravilhoso (167).”

Um dia, em Santa-Helena, Napoleão lia no banho o Novo Testamento, “Ando longe de ser atheu, exclama elle. O homem tem necessidade de que sua imaginação seja ferida por qualquer cousa de maravilhoso. Ninguém pôde dizer o que fará de seus ultimos instantes (168).”

Nos derradeiros transe pediu um padre catholico, “para não morrer como um cão”. E, como o doutor Antommarchi sorrisse ouvindo-o dizer ao confessor que queria morrer “como bom christão”, expulsou-o do quarto (169).

“Morro na religião apostolica e romana, no seio da qual nasci”, diz o testamento de Napoleão. E’ ou não verdade? Nem elle proprio o sabe. Mas, sem duvida, é em torno “disso” — não em torno do Christianismo, mas Christo (por que, contra quem luta elle, quem tem necessidade de vencer senão a Elle, afim de tornar-se “o maior homem que já existiu”, o senhor do mundo?), é em torno a Christo que se move toda sua alma nocturna, essa immensa idéa em que elle “vive todo inteiro”.

“Sempre só em meio dos homens”, registava elle desde adolescente, simples alferes de artilharia, sentindo a vontade de destruir-se que já o excitava, constatando a irremediavel baixeza dos homens, de costumes tão diversos dos seus quanto “a claridade da lua differe da do sol” (170).

Quem é esse pequeno alferes para desprezar assim os homens? Que pretende elle significar em dizendo que todos os homens são “a claridade da lua” e elle só a “claridade do sol”? Não o sabemos, mas Nietzsche o sabe: “Napoleão foi a ultima encarnação do deus-Sol, de Apollo.” E Goethe tambem o sabe: “A vida de Napoleão foi a vida de um semi-deus. Ella é toda radiosa” — solar. Mais ainda melhor que qualquer outro o sabe talvez esse velho granadeiro que, por vinte grãos de frio marchava ao lado do Imperador, na Berezina: “Tens frio? — Eu, meu Imperador? Basta ver-vos para que isso me aqueça!” Elle sabe, sente com todo seu corpo que se enregela, sermos todos os homens frios, “lunares”, e só o Imperador quente, “solar”.

O dia de Borodino, 7 de setembro, quando se decidiu a sorte da campanha da Russia e provavelmente de todo o imperio napoleonico, coincidiu com a entrada do equinoccio de outomno, quando o sol se inclina para o inverno. Nesse dia, Napoleão estava doente. “Os primeiros dias do equinoccio tinham-lhe abalado o temperamento enfraquecido”, explica Ségur (171). Elle sentira sempre o laço mysterioso que unia sua carne ao sol, como no Officio Matinal do rei do Egypto, Akhenaton, filho do Sol, celebrado tres mil e quinhentos annos

antes das vespéras de fogo em que os homens adoravam outro “filho do Sol” — o “Sol de Austerlitz” — o Imperador.

Alguns annos depois de ter escripto as linhas sobre os homens “lunares e solares”, compoz elle uma estranha novella, que tem o ar de uma divagação do delirio, se não o é propriamente, porque nessa época elle soffria da febre palustre que davam os pantanos de Auxonne.

Esta novella diz respeito á “vendetta” exercida pela Corsega contra todo o povo francez. Bonaparte odiava então a França, censurando-lhe o ter opprimido a Corsega, e amava aquelles que deviam tornar-se mais tarde seus peores inimigos: os inglezes, porque ajudavam os corsos na guerra libertadora.

Um inglez, que conta a historia, embarca em Livorno para ir á Hespanha, e é forçado a descer numa ilha inhabitada não distante da Corsega, um rochedo abrupto, continuamente batido pelas vagas em furor. Muitos navios ahi naufragaram e por isso a ilha recebeu o nome sinistro de “Gorgona”. Mas o inglez, de character melancolico, é seduzido pela selvagem belleza do lugar. “Jamais criatura humana habitara um sitio tão esteril... Por que não viveria eu ahi, senão feliz, ao menos ponderado e tranquillo?...” A’ noite, na sua tenda, adormece elle nessas idéas, quando é despertado pelo clarão de um facho e por estes gritos: “Desgraçado! Vaes perecer...” A tenda incendeia-se. Consegue elle a custo livrar-se do fogo e vem a saber que é a filha do unico habitante de Gorgona que quiz reduzi-la a cinzas. O ancião, scientificado de que elle é inglez, acolhe-o como hospede bem vindo e conta-lhe sua historia.

E’ corso: durante longos annos, bateu-se contra os oppressores de sua patria, genovezes, austriacos, francezes. Quando estes ultimos submeteram definitivamente a ilha, matando-lhe o pae, a mãe, a esposa e todos os filhos, com excepção de uma filha, que desaparecera, elle abandonou a Corsega e veio habitar na Gorgona, onde, depois de varias peripecias, reencontrara a filha. Viviam ali, como selvagens, nas ruínas de um antigo mosteiro, nutrindo-se de bolotas e peixes. “Os infortunios que me envenenaram os dias tornaram-me a claridade do sol importuna. Elle não brilha nunca para mim. Só respiro o ar da noite e meus lamentos não são renovados pelo aspecto das montanhas em que meus ancestraes viveram livres...

jurei sobre o altar (sem duvida o altar da capella do convento em cujas ruinas elles viviam) não mais perdoar a nenhum francez. Quando os navios destes se despedaçam de encontro aos rochedos da ilha, depois de havel-os soccorrido como homens, nós os matamos por que são francezes.

“O anno passado, uma das embarcações que fazem a correspondencia da ilha da Corsega com a França veio perder-se aqui. Os gritos apavorantes desses desgraçados me enterneceram... accendi então, um grande fogo em direcção ao sitio onde elles podiam abordar e, por esse meio, os salvei... Elles me reconheceram como corso e pretenderam levar-me consigo... Fizeram mais: acorrentaram-me... ia eu expiar pelo supplicio a minha deploravel condescendencia... Meus avós irritados se vingavam dessa traição á vingança devida a seus manes. Entretanto, o céo, que conhecia meu arrependimento, salvou-me. A embarcação demorara-se sete dias. No fim desse tempo faltou-lhes agua. Era preciso saber onde encontrá-la. Tiveram de prometter-me a liberdade. Desacorrentaram-me. Aproveitei esse momento e enterrei o estylete da vingança no coração de dois desses perfidos. Vi então pela primeira vez o astro da natureza. Como seu esplendor me pareceu brilhante! Todavia, minha filha estava a bordo, amarrada... Enverguei o uniforme de um dos soldados que matara. Armei-me de duas pistolas que encontrei com elle, de seu sabre, de meus quatro estyletes e cheguei a bordo. O patrão e um grumete foram os primeiros a sentir os golpes da minha indignação. Os outros cahiram igualmente sob a investida do meu furor... Arrastamos esses corpos ao pé de nosso altar e lá os consumimos no fogo. Esse novo incenso pareceu ser grato á divindade (172).”

Novo incenso? Não, muito antigo. Só os rochedos primitivos da Gorgona se lembram inda desses tempos em que se faziam sacrificios humanos a Moloch, a Baal, a Samas e a outros deuses Sôes, mais antigos ainda — de uma antiguidade talvez ante-diluviana.

“Se tivesse de escolher uma religião, adoraria o sol, porque é elle que fecunda tudo; é o verdadeiro deus da terra”, diz Napoleão em Santa-Helena, como se essas palavras lhe cahissem negligentemente da ponta dos labios, quando na realidade lhe vêm do mais profundo do coração (173).

Essa deusa “lunar”, a Razão, á qual Marat e Robespierre offereceram tambem sacrificios humanos, como é pallida e exangue ao pé do deus Sol de Bonaparte! “Um homem como eu está se ninando para a vida de um milhão de homens!” Elle já sacrificou um milhão de victimas humanas e sacrificaria outras tantas, se se tornasse senhor do mundo.

É evidente que um homem cujos pensamentos, como blocos inflammados, atravessam a alma á semelhança de meteoros na noite, não é nem corso, nem italiano, nem francez, nem europeu, nem mesmo um homem de nossa historia, nem talvez de nosso ion cosmico. Rebento de outros seculos “solares”, elle se sente suffocado neste seculo “lunar”, onde o sol, envelhecendo, faz-se pallido como a lua. Elle nos esmaga involuntariamente com a sua pesada enormidade, tal um monstro ante-diluviano.

“Nossa civilização é sempre um pouco sua inimiga pessoal”, diz Talleyrand falando de Napoleão (174). Exteriormente ella só o é “um pouco”, mas interiormente o é bastante.

Toda civilização, e sobretudo a européa não passa de “conveniencias” e “etiquetas”, “boa educação”. “É pena que um tão grande homem seja tão mal educado”, diz um dia Talleyrand, após uma scena de injurias e, bem entendido, fóra da presença do Imperador (175).

“Faltam a Bonaparte educação e compostura, depõe madame de Rémusat, a confidente de Talleyrand. Não sabe elle entrar nem sahir de um salão... Seus gestos são curtos e quebradiços, tal qual sua maneira de dizer e de pronunciar... Aliás, qualquer regra continua se lhe torna insupportavel; qualquer violencia ás formulas lhe agrada como uma victoria e jamais quiz elle ceder deante de nada, mesmo da grammatica (176)”. Não sabe vestir-se sózinho; o criado de quarto é que o prepara como a uma criança; quando se despe á noite, arranca impacientemente as roupas e joga-as por terra, como um peso incommodo e inutil; o estado natural de seu corpo é o casto impudor da antiga nudez.

A civilização é o “bom gosto”. “Ah! o bom gosto, eis ainda uma dessas palavras classicas que não adopto (177).” — “O bom gosto é vosso inimigo pessoal. Se pudesseis destruil-o a tiros de canhão, ha muito que não existiria”, declara-lhe Talleyrand (178). Este acreditava Napoleão incapaz de

civilizar-se; mas talvez nem o quizesse. “Não passaes de estercos em meias de seda!” disse elle um dia a Talleyrand (179). E talvez toda a “civilização” européa não passe para Napoleão desse mesmo “estercos”. “E’ de um vôo livre no espaço que carecem semelhantes asas. Elle morrerá aqui e é preciso que parta”, observa um contemporaneo, nas proximidades da viagem do Egypto. Elle proprio comprehende que é preciso fugir: “Esse Paris me pesa como se eu carregasse um manto de chumbo (180).” Não sómente Paris, mas toda a civilização européa.

É dahi que vem sua attracção pelo Oriente. “No Egypto encontrei-me desembaraçado do freio de uma civilização incommoda... O tempo que passei no Egypto foi o mais bello de minha vida, porque foi o mais ideal, mas a sorte decidiu diversamente... Reentrei no positivo do estado social (181)” — na civilização, na “meia de seda cheia de estercos”. Eis porque elle ama a guerra. “A guerra é um estado natural (182)”, que nos despoja, nos liberta no “manto de chumbo” da civilização.

Eis porque tambem ama a Revolução; elle a odeia, a assassina, mas de qualquer modo a ama. “Marat... eu o amo porque é sincero. Diz sempre o que pensa. E’ um caracter Sózinho, luta contra todos (183).”

Domador, coordenador de cháos revolucionarios, sente-se mesmo num cháos desencadeado, mais terrivel talvez que o da Revolução, e sua façanha mais alta é ter domado não só o cháos exterior, mas egualmente seu proprio cháos interior, “o horror da Gorgona”. De resto, não pôde libertar-se sózinho. A Terra Mãe o salvou, e talvez tambem a Mãe Celeste.

Que significa, portanto, seu odio da civilização? Onde se quer refugiar? No “estado natural”, acreditava em moço, quando se entusiasmava com Rousseau. Mas, muito intelligente e muito sensato para taes engodos, curou-se bem cedo. “Enjoei-me de Rousseau especialmente depois que vi o Oriente. O homem selvagem é um cão (184).”

Mas, se não é na “selvageria” que elle se vae refugiar, então onde é? Numa outra civilização ou, mais exactamente, num outro ion historico, sendo mesmo cosmico; foge de nosso “seculo lunar” para o “seculo solar”. Qual é este seculo?

Havia nelle duas almas. Talvez continuemos a não comprehender como convem a significação tragica para nós dessas “duas almas”.

Duas almas — duas consciencias: uma diurna, desperta, superficial; outra nocturna, adormecida, profunda. A primeira move-se segundo a lei da identidade, nos syllogismos, nas inducções e, levada ao extermo, dá a toda a estrutura da civilização este aspecto morto, “mecanico”, que nos é tão familiar; a segunda move-se segundo as leis de uma logica ignorada por nós, nos presentimentos, nas visões, nas intuições, e dá á civilização um aspecto vivo, organico, ou, como diriam os antigos, “magico”.

A “magia”, a “theurgia”, são palavras que ha muito perderam para nós todo o senso directo. Para lembra-lo não podemos indicar senão uma analogia tão fraca e tão grosseira como o “instincto animal”. As formigas á beira d’agua sabem onde devem construir o formigueiro para que elle não seja submergido pela enchente; as andorinhas sabem que direcção seguir para reencontrar a mil e quinhentos kilometros o ninho do anno passado. E esse conhecimento, não menos seguro que o obtido por nós com a ajuda de indicações e syllogismos, parece-nos “miraculoso”, “magico”. Podemos indicar tambem como analogias menos grosseira, se bem que mais fraca, as previsões geniaes, as intuições scientificas e artisticas que, tambem ellas, se movem, não sobre a escala dos syllogismos e das inducções, mas por subitos arrebatamentos, “miraculosos”, sendo essa apparencia de “milagre” que dá ao genio sua particularidade, sua incommensurabilidade com esta nossa “mecanica” ordinaria. Mas são apenas frageis indicios de uma realidade enorme, desaparecida para nós, os fragmentos intimos de um enorme todo, ignorado por nós.

Observando nesse ponto de vista a série de grandes civilizações que vão de nosso seculo para a profundeza da antiguidade, notamos que quanto mais se pesquisa mais a “mecanica” da consciencia diurna diminue e mais se engrandece a “organica”, a consciencia nocturna — essa região obscura para nós que os antigos chamavam de “magia”, de “theurgia”. E se se acompanhar a série até o fim, chega-se ao extremo antipoda, ao nosso “outro eu” contrario e identico — contrario nos meios, identico no fim, que é a força titanica

sobre a natureza: chega-se a essa civilização perfeitamente organica, “magica”, que o mytho de Platão intitulava “Atlantida”.

“Houve outrora uma ilha situada em frente ás Columnas de Hercules, uma terra maior em suas dimensões que a Livia e a Asia Menor reunidas. — Essa ilha era a Atlantida — diz, no “Timeu” de Platão, o velho sacerdote de Sais, contando ao atheniense Solon uma das mais antigas lendas do Egypto. — Houve grandes tremores de terra, diluvios e, uma noite, a ilha da Atlantida foi engulida pelos abysmos do mar”.

O mytho sobre o fim da Atlantida poderia ter sido contado a Bonaparte por seus sabios companheiros, membros do Instituto, no dia em que, na fragata “Muiron”, de volta do Egypto, em 1799, elle se entretinha com elles, depois de ter lido a Biblia, a proposito da destruição provavel da terra, seja por um novo diluvio, seja por umá conflagração universal. Ou então, antes disso, na terra dos pharaós elles teriam falado dos Atlantes, “cujo dominio se estendera até ás fronteiras do Egypto”.

Que experimentaria Napoleão ouvindo esse mytho? O sopro da antiga patria lhe passaria pela alma?

O primeiro imperio universal foi fundado pelos Atlantes; Napoleão quer fundar o ultimo.

Os Atlantes são filhos do Oceano, e Napoleão tambem o é. Os Atlantes são insulares, e Napoleão tambem nasceu na ilha da Corsega, morreu na ilha de Santa-Helena, e toda a vida combateu contra a ilha da Inglaterra, a pequena Atlantida de nossos dias, pela grande Atlantida futura — toda a terra firme cercada de mares.

Mas a semelhança interior é talvez mais profunda ainda que as semelhanças exteriores.

A Terra é a Mãe, o Sol — o Pae, o Homem — o Filho: tal a religião dos Atlantes, a dar credito aos fragmentos que nos conservaram os avoengos babilonios e sumero-acadianos de nossa historia.

“Se tivesse de escolher uma religião, adoraria o Sol... é o verdadeiro deus da terra.” A Terra-Mãe, o Sol-Pae, o Homem-Filho, talvez seja esta a religião “sempre a mesma desde o começo do mundo” que elle procurava.

Os Atlantes são “organicos”, e Napoleão tambem. Em sua legislação, elle substitue o schema abstracto dos “ideologos” pela viva experiencia historica; em sua estrategia, substitue todas as theorias mecanicas por duas noções organicas — a penetração na alma viva dos soldados e na natureza viva do lugar onde decorre o combate.

É assim nas grandes cousas como nas pequenas. Não crê mais nos medicos, esses mecanicos do corpo, que nos “ideologos”, esses mecanicos do espirito. Não pensa por syllogismos e não se trata com remedios; pensa por previsões, por intuições; trata-se pela “magia”, pela “auto-sugestão”.

Acceita a parte de mecanica existente na civilização européa, mas não quer mais. Quando em 1803 preparava a descida na Inglaterra, o americano Fulton propoz-lhe seu invento, o navio a vapor; elle o repelliu e evidentemente andou errado; esse navio poderia assegurar-lhe a victoria sobre os veleiros dos inglezes, dando-lhe a chave do dominio do mundo. Mas basta esse facto para mostrar sua aversão pela mecanica.

A julgar pela architectura cyclopica dos Atlantes de que fala Platão, equalavam elles ou mesmo superavam a nossa mecanica; a julgar pela nossa religião — o Christianismo, — nossa intuição egual e talvez sobrepuje em profundeza a intuição dos Atlantes. Em que differimos delles? Na vontade, na consciencia; nós subordinamos nossa intuição á mecanica, velamos nossa consciencia nocturna sob nossa consciencia diurna. Os Atlantes, ao contrario, velam a consciencia diurna sob a nocturna, subordinam a mecanica á intuição.

Bonaparte nesse sentido é um Atlante — nosso antipoda. A mecanica para nós é uma asa; para elle é um peso que elle levanta com a asa da intuição.

A “Magia” é a alma da Atlantida e é egualmente a alma de Napoleão.

“Se minha força material era grande, minha força de opinião era ainda maior, estendendo-se até a magia.” — “Era preciso que minha investida e meus triumphos tivessem qualquer cousa de sobrenatural”. Depois de Waterloo, “o maravilhoso de minha carreira se encontrava diminuido (185)”.

Elle tinha “uma especie de previsão magnetica sobre seus futuros destinos”, relata Bourrienne (186). “Sentia em mim o instincto de um infeliz desfecho”, declara o proprio Napo-

leão (187). Póde dizer-se que todo seu genio reside nesse sentimento interior, nessa “previsão magnetica”; é ella que lhe concede poder infinito sobre os homens e as cousas.

“Sire, vós fazeis sempre milagres!”, diz-lhe, ingenua e profundamente, o adjunto de “maire” de Mâcon, testemunha do “milagre” da ilha d’Elba — da marcha triumphal para o Sena em 1815 (188).

“Eil-o saltando nos ares!” exclama complacientemente alguém, ao saber da explosão da machina infernal debaixo da carruagem do Primeiro Consul na rua Saint-Nicaise, em 1801. “Elle saltar! objecta um velho militar austriaco que vira os “milagres” da campanha da Italia” — Ah! vós conheceis bem pouco vosso homem e eu aposto que a esta hora elle passa melhor que nós todos. Conheço-o ha muito com todas as suas brincadeiras (189)!” Essas “brincadeiras” são synonymos de “magia”.

A força da “magia” é a força da “sugestão”. “Desde que elle queria seduzir, tinha na palestra uma especie de encanto de que era impossivel defender-se... Algo como uma força magnetica”, depõe Ségur (190).

O poeta russo Tutchév appellidava-o de “Mago” e os mamelucos egypcios o appellidavam de “Feiticeiro” (191).

“Esse diabo de homem exerce sobre mim uma fascinação inexplicavel, confessa a um amigo o general Vandamme. A tal ponto que eu, que não creio nem em Deus nem no diabo, quando’ elle se aproxima começo a tremer como uma criança; elle me faria passar pelo fundo de uma agulha para ir arre-messar-me no fogo (192).”

“Onde quer que estive, commandei... Nasci para isso”, diz elle proprio (193). E os homens o sabiam tambem, imantados pelo seu olhar maravilhoso (194), pelo seu olhar de “feiticeiro”; desses que lêem nos cerebros (195) e transmittem com effeito sugestões de magia.

Sim, elle é um “mago”, creando sua propria vida e a vida dos homens, fazendo da Historia um milagre constante.

Estamos ameaçados de perecer pelo abuso da “mecanica”; os Atlantes perderam-se pelo abuso da magia. Nosso caminho é outro, mas o objectivo é o mesmo; o poder titanico sobre a natureza e, no ponto supremo, o homem tornando-se deus. Os Atlantes são, segundo o mytho platonico, “filhos de Deus”.

Mas, “quando a natureza divina se lhes foi progressivamente exgotando, mesclada á natureza humana, e emfim o humano sobrepujou nelles o divino, elles se perverteram... Os sabios viam que os homens se haviam tornado perversos, e os tolos criam haver attingido o cimo da virtude e da ventura, quando apenas entregues á louca sêde de riqueza e de força... Então Zeus resolveu punir a raça corrompida dos homens”. E a Atlantida pereceu no abysmo marinho.

O titanismo que perdeu os Atlantes tambem perdeu Napoleão. Este possuia como ninguem o sentimento da medida divina, mas, chegando ao apice do poder, perdeu-o ou sacrificou-o á enormidade titanica.

Que é a Atlantida? Lenda ou prophesia? Já foi ou virá a ser? Porque hoje sentimos mais que nunca através desse “mytho” não sabemos que realidade inelutavel?

“O homem se orgulhará com um orgulho divino, titanico, e o Deus-Homem apparecerá”, diz Ivan Karamazov. De quem é dito isto? Dos Atlantes ou de nós? Não somos nós os mesmos “filhos de Deus” possuidos de um orgulho allucinado, entregues á sêde da força e insurgida contra Deus? E o mesmo fim não nos espera?

“O que aconteceu nos dias de Noé acontecerá tambem no advento do Filho do Homem: nos dias que precederam o diluvio, comia-se e bebia-se, casava-se e estimulava-se a casar, até a hora em que Noé entrou na arca; e os homens não deram por nada até o momento em que veio o diluvio e os arrebatou a todos. O mesmo acontecerá no advento do Filho do Homem”. A Atlantida é o fim da primeira humanidade, o Apocalypse — o da segunda. Eis porque Napoleão é a um tempo o “homem da Atlantida” e o “cavalleiro do Apocalypse”.

E eis porque elle foi enviado ao mundo — para dizer aos homens: talvez seja breve o fim.

V

MAO OU BOM?

Dizer que Napoleão é o homem da Atlantida talvez não seja muito exacto; talvez seja mais justo dizer que o homem da Atlantida está nelle.

Que um sêr “sem igual, mais e menos que um hõmem”, segundo a profunda impressão de madame de Stael, um sêr divino ou diabolico, se tenha realmente incorporado, incrustado no sêr humano de Napoleão, temos difficuldade em comprehendel-o, mas os antigos facilmente o comprehenderiam.

“Napoleão é a ultima encarnação do Deus-Sol, Apollo”, eis ahi para nós, senão vocabulos vazios, ao menos uma imagem poetica ou uma idéa abstracta; mas para os antigos, Alexandre, “ultima encarnação do deus Dionysos”, é uma força viva, que anima a Historia, o fundamento de uma realidade tão possante quanto uma universalidade hellenica, assim como o *Divus Cæsar Imperator* é o fundamento da universalidade romana.

Para nosso idealismo philosophico, para nossa immaterialidade espiritual, falsamente “christã”, Deus transcende o homem, não se póde encarnar nelle, emquanto que, para o realismo religioso dos antigos, está elle encarnado num homem, estado immanente. Nesse sentido, o que se chama de “paganismo”, a humanidade pre-christã, em suas supremas aspirações — nos mysterios do Deus-Filho soffredor — está mais perto que nós da essencia do Christianismo, porque em que consiste ella senão na affirmação da immanencia divina, da “encarnabilidade” de Deus: “O Verbo fez-se carne”?

“Os deuses são da estatura dos homens.” Isto os antigos o sabiam, sobretudo os gregos, que sentiam melhor que ninguem a divindade do corpo humano. Os gigantes não são deuses,

mas Titãs; nelles a enormidade não passa de fraqueza; a força dos deuses está na “medida” humana.

Os prophetas de Israel tambem o sabiam: “Que é o homem para que Tu te lembres d'elle? E o filho do homem para que Tu te occupes com elle? Tu o creaste apenas inferior a um anjo”. — “Eu o disse: Sois deuses, sois todos filhos do Altissimo, e, não obstante, morrereis como os homens”. Que são, portanto, esses deuses mortaes, senão homens semelhantes aos deuses, heroes que os antigos denominavam “filhos de Deus”?

E o anjo do Apocalypse mede tambem elle as muralhas da Nova Jerusalém com “um canhão de ouro, medida do homem que é tambem a do anjo”. Isto equivale a dizer — ainda que a experiencia religiosa decorra numa outra categoria, — que “os deuses são da estatura dos homens”.

Parece que certos contemporaneos de Napoleão viram nelle essa “incrustação” divina ou titanica, sentiram “o homem da Atlantida”, ainda que essa expressão não tenha occorrido a ninguem. Alguns o viram tão nitidamente quanto a brancura do marfim incrustado no ébano; farejaram o que havia nelle de “dissemelhante do homem”, tão longe quanto os cães farejam o lobo. Mas para nós esse caracter physicamente visivel na face de Napoleão está para sempre perdido. Os melhores retratos não o transmittem em absoluto.

Parece aliás que os retratos são para esse rosto o que a cinza é para a flamma; a flamma é inexprimivel em pintura, em esculptura: o mesmo acontece com a physionomia de Napoleão. A palavra poderia apprehendel-o se Dionysios se fizesse acompanhar de Orpheu.

Eis um dos melhores retratos traçados por uma mulher que, depois de quasi se haver apaixonado por elle, teve medo e entrou bruscamente a odial-o: “Bonaparte é de pequena estatura, muito mal proporcionado, porque seu busto demasiado longo lhe encurta o resto do corpo. Tem cabellos ralos e castanhos, olhos de um cinzento azulado; sua cutis, amarella emquanto elle foi magro, tornou-se mais tarde de um branco mate e sem brilho nenhum. A linha da testa, a inserção do olho, a curva do nariz, tudo isso é bello e lembra bastante as medalhas antigas. A bocca, um tanto vulgar, torna-se agradável quando elle ri; o queixo é um pouco curto e o maxillar pesado e quadrado; tem o pé e a mão lindos; cons-

tato-o porque isso o enchia de pretensão. Os olhos, habitualmente mortifcos, dão-lhe ao rosto, quando em repouso, uma expressão melancolica e meditativa; se a colera o anima, seu olhar torna-se facilmente ameaçador e intimidante. O riso vae-lhe bem, desarmando-o e rejuvenescendo-o todo. Era difficil escapar-lhe á seducção, tanto esse riso lhe embellezava e lhe mudava a physionomia (196).”

Mas mesmo esse retrato, o melhor de todos, não é senão cinza em lugar de flamma; falta ahi o essencial, aquillo que fazia o intrepido general Vandamme tremer como uma criança sempre que se aproximava do Imperador.

Isto ainda é dito melhor pelas palavras ingenuas de um camponio belga que serviu de guia a Napoleão em Waterloo. Quando lhe perguntaram que tal achara o Imperador, elle respondeu por estes termos breves e estranhos: “Seu rosto era um quadrante de relógio em que não se tinha coragem de olhar a hora (197).”

E ha qualquer cousa de mais estranho ainda.

Os antigos meditaram bastante sobre a natureza androgyna dos deuses: mesmo num deus tão viril quanto Apollo pythio transparece a feminilidade, e em Dionysos, o deus-filho soffredor dos Mystérios, ella attinge o apogeu. Para domar a violencia titanica dos primeiros homens androgynos, os deuses, segundo o mytho de Platão, dividiram cada um delles numa mulher e num homem, “da mesma fórma que se cortam com um cabello os ovos para salgal-os (198).” E, ainda que o mytho o não diga, chega-se involuntariamente a perguntar se o titanismo dos Atlantes não se lhes prende á natureza androgyna.

Napoleão “apresenta uma certa gordura que não é do nosso sexo”, observa Las Cases, que anda longe de suspeitar em que profundezas mysteriosas elle desce aqui a proposito de Bonaparte (199). Por vezes a feminilidade desse homem viril entre todos se mostra subitamente não só no corpo, mas tambem no espirito. “Elle é mais fraco e mais sensível do que se crê”, observa a imperatriz Josephina, que conhecia muito bem esses traços femininos (200).

Gabaram muito a força de meu caracter, dizia Napoleão em Santa-Helena; não fui senão um tímido, especialmente para os meus; e elles bem o sabiam. Passado o primeiro rom-

pante, a perseverança, a obstinação da parentela venciam tudo; e a vencer-me pelo cansaço, fizeram de mim tudo o que quizeram (201).” Chora muito e facilmente, como uma mulher; tem bruscas perturbações de que se refaz com agua de flor de laranjeira, como uma verdadeira marquezã do seculo XVII (202).

“Vós o vêdes, doutor, disse elle um dia, em Santa-Helena, ao medico Antommarchi, depois de se ter friccionado com agua de Colonia, — bellos braços, seios arredondados, pelle branca e macia, nem um pêlo... Mais de uma bella dama faria alarde deste peito (203)!”

Se lhe dissessem que o maior e o mais terrivel de todos os seus pensamentos — o de tornar-se, como Alexandre o Grande, um “segundo Dionysos”, o conquistador da India, o mais feminino de todos os deuses, se ligava mysticamente nelle á sua “gordura que não é do nosso sexo”, elle certamente não teria comprehendido nada, e riria. Mas talvez esse velho austriaco que conhecia tão bem todas as suas “brincadeiras”, toda a sua “magia”, tivesse vontade de rir ouvindo a anecdota seguinte: “Que achas da nova imperatriz?” perguntavam ao laçao chegado da provincia, que acabara de assistir á entrada solenne da imperatriz Maria Luiza, na sua carruagem dourada. “E’ uma bella princeza, muito bella, respondeu elle com enternecimento. E depois é tão emocionante vel-a no carro com sua velha governanta”. Quem fosse essa governanta só o comprehendiram quando elle explicou que tinha a cara larga, era bastante pallida e carregava uma carapuça de velludo framboeza, com grandes pennas brancas — o chapéo de gala do Imperador, porque era elle (204). Recorde-se essa “velha governanta”, com seus olhos de feiticeiro, esses olhos que varejam os craneos brilhando numa face tal que “se fosse um quadrante de relógio ninguem lhe ousaria ver a hora”, para comprehender o susto do pobre austriaco: “Mais uma das suas brincadeiras. O maldito feiticeiro, o lobishomem, fez-se mulher!”

Afinal de contas, que é isso? Maravilha ou monstruosidade? Que é em Napoleão esse sêr “que não tem semelhante?” É elle divino ou diabolico, máo ou bom?

Nietzsche poderia responder como madame de Stael: “Nem máo nem bom, mas além do bem e do mal”. Uma tal res-



BONAPARTE PRIMEIRO CONSUL

Fig. 3

(BUSTO DE CORBET)



O IMPERADOR

Fig. 4

(QUADRO DE F. GÉRARD)

posta seria demasiado evasiva; porque, além do bem e do mal humanos, ha um outro bem e um outro mal “sobrehumanos”, divinos; além de nossas pobres medidas moraes, de nossos metros de madeira, ha o “canniço de ouro” com que o Anjo do Apocalypse mede as muralhas da cidade de Deus, “medida do homem que é tambem a do Anjo”. Que é Napoleão senão essa medida? É bem importante para nós sabel-o, porque se elle, nosso “ultimo heróe” como quer que seja, é um “monstro”, que somos então nós mesmos? Porque tal heróe, tal humanidade.

“Ha em Bonaparte uma certa ruim natureza innata que tem particularmente o gosto do mal, nas grandes cousas como nas pequenas”. — “Toda coragem generosa parece ser-lhe estranha.” — “Esse homem foi um derrubador da virtude.” Assim fala essa mesma madame de Rémusat que o ama e o odeia (205).

“Longe de ser perverso, Napoleão era naturalmente bom”, diz um homem, elle proprio excellente, muito simples e que amou Napoleão com toda a simplicidade, seu ultimo secretario, o barão Fain (206). O primeiro secretario, seu condiscipulo Bourrienne, homem malevolo e pessoalmente azedado contra Napoleão, tambem o affirma: “Creio ter-lhe indicado os erros com sinceridade bastante para inspirar fé; pois bem, posso assegurar que Bonaparte, fóra do campo da politica, era sensível, bom, accessível á piedade (207).” Em 1810 o Imperador Alexandre, antigo amigo, futuro inimigo de Napoleão, egualmente o confirma: “Não conhecem o Imperador e julgam-no mais que severamente, mesmo injustamente. Eu lhe encontrei, conhecendo-o melhor, as maneiras de um homem bom (208).”

“O’ Napoleão, nada tens de moderno e pertences verdadeiramente a Plutarcho!” exclamou um dia, olhando Bonaparte que tinha então dezenove annos, o velho heróe corso, Paoli (209), “Verdadeiramente a Plutarcho”, isto é: todo em bronze ou em marmore antigos — heróe perfeito, homem de perfeita virtude. E o mesmo Paoli grita alguns annos mais tarde, quando o leãozinho mostrou as garras: “Vêdes este homemzinho? Ha nelle dois Marios e um Sylla”, o que quer dizer: dois bandidos e um usurpador.

Sim, dentro das palavras e dos sentimentos, expressados ou não, dos homens, é difficil julgar o bem e o mal em Napoleão. “Todo o mundo me adorou e me odiou”, diz elle proprios. Os raios do amor e do odio se cruzaram em seu rosto com muito brilho para que possamos distinguil-os.

Mas eis sua propria confissão, uma especie de confidencia involuntaria feita ao seu genio máo, a seu tentador, Talleyrand, numa conversa a sós, logo depois do horrivel desastre de Leipzig, em 1814. Trata-se do rei de Hespanha, Fernando VII, que ambos attrahiram á emboscada de Bayonna, para despojal-o, como “verdadeiros salteadores de estrada”, e forçal-o a abdicar em favor do Imperador francez, o que fez nascer essa demorada guerra de Hespanha, sem esperança e sem sahida, uma das causas da perda de Bonaparte. Talleyrand, o principal instigador dessa má acção, aconselha o Imperador, quando já é tarde demais, a reparal-a, restituindo a liberdade a Fernando e retirando as tropas da Hespanha.

“Sois ainda muito forte para que esse recuo seja tomado por uma covardia”, conclue elle em termos ambiguos. — “Uma covardia? interrompeu Bonaparte. E que me importa? Sabei que não receio de modo algum praticar uma, se me for util. Ouvi: no fundo, não ha nada de nobre nem de baixo neste planeta; tenho em meu character tudo o que póde contribuir para consolidar o poder, enganando os que pretendem conhecer-me. Francamente, sou um covarde, essencialmente covarde; dou-vos minha palavra de que não experimentarei nenhuma repugnancia em commetter o que elles chamam no mundo uma acção deshonrosa. Meus pendoros secretos, que são afinal os da propria natureza, oppõem-se a certas affectações de superioridade com as quaes sou obrigado a ornar-me e me dão recursos infinitos para engazopar as crenças de toda gente. Hoje trata-se, portanto, unicamente de saber se o que me aconselhaes está de accôrdo com a minha politica e de procurar ainda — accrescenta elle com um sorriso de Satan — se não tendes interesse occulto em arrastar-me nessa empresa (210).”

Para comprehender essa estranha confissão, convem primeiro comprehender o confessor. Talleyrand, tambem elle,

é em seu genero um sêr extraordinario. É um homem de intelligencia vasta, mas absolutamente vazia, morta, porque toda intelligencia viva mergulha as raizes no coração, emquanto elle tem, em lugar de coração, um bocado de cinza funeraria ou dessa poeira na qual se transmudam os lycopodios. E elle o sabe; tem consciencia do seu proprio vacuo interior, de sua inexistencia; soffre de uma inveja odienta por quantos vivem, existem, e particularmente por Napoleão, que é o sêr real entre todos, *ens realissimum*.

Por que estão elles unidos? Pelo que Napoleão crê achar em Talleyrand: o realismo dos negocios, a genial falta de nojo pela mais repugnante das cozinhas humanas — a politica? Sim, por isso mas tambem por outra cousa mais profunda, mais transcendente. Parece que elles estão unidos como Fausto e Mephistopheles, como o homem e sua sombra: o mais inexistente se prendeu ao mais existente.

É espantoso que Napoleão, ao menos durante um momento, pareça amar ou talvez — o que é ainda mais espantoso — lamentar Talleyrand. Por uma especie de polidez e de prudencia transcendente, elle trata esse “demonio” como anjo da guarda. Nem se explicará de outro modo a scena seguinte. Em 1806, oito annos antes da estranha confidencia, partindo para a primeira campanha da Prussia e deixando o palacio para ir em linha recta á frente de batalha, Napoleão fez á ultima hora seus adeuses a Josephina e a Talleyrand; abraçou-os a ambos, apertou-os contra o coração ternamente, fortemente, e disse chorando: “É bem doloroso deixar as duas criaturas mais adoradas!” Chora com tanta força que se sente mal e, como de costume, tem de beber agua de flor de laranjeira (211).

Sem duvida, passado esse momento, elle sabe com quem tem de lidar, mas, mesmo quando o sabe, não póde prescindir de tal companhia, como o Fausto da de Mephistopheles, com a differença apenas de que a “magia” é aqui obra não mais do diabo e sim do homem.

A famosa comparação “estercço em meia de seda” não é senão um dos innumeraveis pontapés dados ao de leve no cão fraldiqueiro. Mas ha peor: sangrentas chicotadas e em pleno rosto do cortezão.

A scena passa-se nas Tulherias, na sala do Throno, deante de muitos officiaes e de quasi todos os ministros, em 1809, quando o Imperador, scientificado da trama urdida contra elle por Talleyrand, se viu obrigado a voltar precipitadamente da Hespanha.

Napoleão, abandonando-se — o que lhe acontece rarissimamente — a um furor não simulado, fulmina contra Talleyrand, o qual, em sua attitude costumeira, encostado a um consolo, por causa da perna claudicante — é coxo como o diabo Asmodeu — ouve impassivel e, sem pestanejar, recebe na cara as chicotadas.

— Sois um ladrão, um covarde, um homem sem fé... não crêdes em Deus, faltastes toda a vida aos vossos deveres, enganastes, trahistes todo mundo; não ha para vós nada de sagrado e venderieis vosso pae. Comulei-vos de bens e de tudo sereis capaz contra mim. Assim, ha dez mezes, tendes o despudor, porque suppondes que meus negocios na Hespanha vão mal, de dizer a quem queira ouvil-o que sempre censurastes minhas tentativas nesse reino, emquanto que de vós partiu a primeira idéa disto... Quaes são vossos projectos? Que desejaes? Que esperaes? Ousaes dizel-o? Merecereis que eu vos quebrasse como vidro; poderia fazel-o, mas o meu desprezo acha que não vale a pena.

Não valeu, de facto, a pena: Talleyrand foi poupado e mesmo não tardou a ser “chamado de novo ao Conselho numa occasião da mais alta importancia (212)”. Disso estava elle seguro ao ouvir as injurias de Napoleão: todos os golpes passavam não ao lado d'elle, mas através d'elle, como através do corpo de um fantasma. É difficil dizer qual dos dois nessa scena horrivel é o mais espantoso, o mais forte e, em seu genero, o mais “immortal”, se Napoleão ou Talleyrand — se aquelle que é ou aquelle que não é.

E Napoleão faria uma “tal” confissão a um “tal” confessor? E' crível? Sim. Talleyrand é muito fino para mentir grosseiramente; sabe demais que a mentira grosseira logo se descobre, e tem necessidade de que a mentira não se descubra nunca e o grande homem entre na posteridade com essa marca inapagavel de poltrão que elle mesmo se lançou em rosto. Talleyrand mente com a mais subtil das mentiras, numa

dessas mentiras “satanicas” que são quasi verdades, dessas verdades que um fio tenue separa apenas da inteira verdade. É provavel que elle transmitta as palavras de Bonaparte com toda a exactidão possivel; mal lhe faz desviar o sentido, mudar o tom — a musica; nesses contrapontos da mentira Talleyrand é genial.

Napoleão podia dizer: “Sou covarde, essencialmente covarde”? Ainda que pudesse, não seria certamente com a intenção que Talleyrand deixa entrever: para gabar-se cynicamente de sua “covardia”, olhando sua alma num tal espelho. Pois que haverá no mundo um covarde que diga de si mesmo: “Sou covarde”? Qual é aquelle que não terá espirito para guardar um ar de nobreza, esforçando-se mesmo em parecer tanto mais nobre quanto é mais covarde?

Oh, certo, o julgamento moral de Talleyrand e de seus semelhantes em “civilização”, Napoleão o despreza. “Meus pendores secretos são afinal os da propria natureza”; essas palavras, Talleyrand, máo grado seu genio da mentira, seria incapaz de invental-as; ouve-se ahi a voz de Napoleão — o rugido do “monstro ante-diluviano”. E estas palavras são tambem provavelmente verdadeiras: “No fundo não ha nada de nobre nem de baixo neste planeta”. Fôra apenas necessario accrescentar: “No “vosso” mundo, senhor de Talleyrand”. Não é para o proprio Talleyrand uma verdade absoluta? Qual é então o rosto que se reflecte nessa verdade como num espelho — o de Napoleão ou o de Talleyrand?

Não, parece que esta vez o genio do ludibrio foi elle proprio ludibriado e presentiu mesmo que seria assim: “Esse diabo de homem engana sob todos os aspectos, segreda elle á sua confidente, madame de Rémusat; até suas paixões escapam, porque elle acha meios de fingil-as ainda quando existiam realmente (213).” Que paixões? Parece facil definil-o: a ambição, o amor do poder? Não; Talleyrand sabe ou adivinha confusamente que o objecto das paixões reaes de Napoleão, ou mais exactamente de sua unica paixão, é qualquer cousa de mais profundo, de mais essencial. Que é então? Isso elle não o sabe. Nós tambem não o sabemos, ou ao menos ignoramos como definil-o; não podemos ir além da suggestão: é a “plenitude do sêr”, não a vida, mas aquillo

de onde sae e para onde volta toda vida — o sêr no seu supremo limite; o “essencial” que faz de Napoleão o sêr real entre todos, *ens realissimum*, segundo a expressão de Nietzsche, e que é menos que tudo accessivel ao inexistente Talleyrand, — eis o objecto da paixão real, unica de Napoleão, e eis por que o odio invejoso de Talleyrand por elle não se acalma nunca e é sempre impotente.

Mas, então, se mesmo seu “genio máo”, seu “calumniador” por excellencia, não encontra em Napoleão esse mal absoluto que faz o homem merecer o nome de “feroz”, onde estará essa “ferocidade”?

“É verdade que meu destino se mostra o contrario dos demais; a queda ordinariamente nos rebaixa e a mim reergue infinitamente. Cada dia me despoja da minha pelle de tyranno, de matador, de homem feroz (214)”. Como essa pelle pôde envolvê-lo? Ha em sua vida alguma acção absolutamente feroz — um crime?

Elle mesmo parece crer que não. “Minha organização é estranha ao crime; não existe em toda a minha administração um acto privado de que não possa falar deante de um tribunal, já não quero sem embaraço, mas até com alguma vantagem (215).” — “Jamais pratiquei crimes em toda a minha carreira politica, posso affirmar-o á hora da agonia. Não estaria aqui (em Santa-Helena) se tivesse sabido commetter crimes (216).” — “Para que me serviria o crime? Sou bastante fatalista e sempre desprezei demais o genero humano para soccorrer-me de um crime (217).”

E o caso do duque d’Enghien? Elle o esqueceu, ou então, recordando-o, se considera innocente?

Eis o que se passou. Em começos de 1804, prenderam quarenta conspiradores que se propunham attentar contra a vida do Primeiro Consul; estavam na mór parte a soldo do Governo inglez. Entre elles se achava Georges Cadoudal, um “chouan” bretão, e dois generaes, Pichegru e Moreau, o illustre vencedor de Hohenlinden, o antigo rival de Bonaparte. Durante os tres ultimos annos, após o attentado da rua Nicaise, o Primeiro Consul andava realmente cercado de assassinos. “O ar está cheio de punhaes”, dizia, para pol-o em guarda, o antigo ministro da policia, Fouché (218). O proprio Bona-

parte o sentia: “Sou então um cachorro que se possa liquidar na rua? (219)”. — “Se não tivesse por mim as leis do paiz, restar-me-iam os direitos da lei natural, os da legitima defesa”, dizia elle em Santa-Helena. “Era atacado por todas as bandas e a cada momento: fuzis, machinas infernaes, conspiratas, emboscadas de toda especie. Isso acabou fatigando-me e aproveitei o ensejo de devolver o terror até Londres... Guerra por guerra... o sangue attrae o sangue... Meu sangue, afinal, não é lama... Minha grande maxima foi sempre que, em guerra como em politica, todo mal deve ser excusado na proporção de sua necessidade; o que vae além disso é que é crime.”

Acreditava-se — sem razão, como depois ficou incontestavelmente provado — que o duque d’Enghien, Louis de Bourbon-Condé, um dos ultimos rebentos da velha casa reinante de França, participara da conjuração e estivera mesmo um momento em Paris. Era um homem de trinta annos, de aspecto doentio, a face doce e triste de “cavalleiro pobre”. Vivia retirado em Ettenheim, cidadezinha do margraviado de Baden, não longe do Rheno e da fronteira franceza, occupando-se pouco de politica, distrahindo-se na caça e dando-se a sonhos de amor.

“Estava sózinho um dia, prosegue Napoleão. Vejo-me ainda meio sentado na mesa em que jantara, acabando de tomar o café: correm a instruir-me de uma nova trama, a demonstrar-me que isso só acabará quando correr o sangue de algum delles; e que o duque d’Enghien devia ser essa victima, porque podia ser preso em flagrante, fazendo parte da conspiração actual... Ora, eu nem sabia sequer, de modo preciso, quem fosse o duque d’Enghien... Tudo fôra antecipadamente calculado (220).”

Talleyrand é que previra tudo. Foi elle tambem quem insistiu para a prisão do duque, contrariamente ao direito internacional, em territorio estrangeiro.

A 15 de maio, um destacamento de soldados francezes passou a fronteira, penetrou em Ettenheim, cercou silenciosamente a casa do duque e, fazendo irrupção, de sabre desembainhado a pistola em punho, prendeu o fidalgo, pondo-o

na carruagem e transportando-o escoltado, primeiro a Strasburgo, depois a Paris, no castello de Vincennes.

O Primeiro Consul quiz encarregar desse negocio o general Murat, então governador de Paris, mas este recusou peremptoriamente: "Quererá elle manchar minha farda? Não é possível (221)!" Bonaparte avocou tudo a si, mas é obvio que seu "anjo da guarda", Talleyrand, está constantemente atraz delle. O ministro da Policia, Savary, não foi senão um instrumento cego entre as mãos de ambos.

Para julgar o duque d'Enghien uma Commissão militar foi designada. "Scientificae os membros da commissão, dizia-se na ordem assignada por Bonaparte, que urge terminar durante a noite, e ordenae que a sentença, se, como não posso duvidar, fôr de condemnação á morte, seja logo executada e o corpo enterrado num dos pateos do forte".

O primeiro interrogatorio demonstra a completa innocencia do duque. "Antes de assignar a presente declaração, escreve elle em tal documento, peço insistentemente uma audiencia particular do Primeiro Consul. Meu nome, minha posição, meu modo de pensar e o horror da minha situação me fazem esperar que elle não se recuse a attender-me".

Esse desejo nem foi transmittido: Talleyrand interceptou-o.

Em 21 de março, ás duas da manhã, o duque foi conduzido deante da Commissão. O segundo interrogatorio nada ajuntou ao primeiro. O accusado respondeu com dignidade; não dissimulou — o que aliás todo mundo sabia — estar prompto a collocar-se debaixo da bandeira das potencias que fariam guerra ao governo usurpador de Bonaparte, porque era um dever que lhe impunham sua posição e o sangue que lhe corria nas veias; mas repelliu com indignação a idéa mesma de um attentado contra a vida do Primeiro Consul.

Desde que levaram o accusado, os juizes pronunciaram a condemnação á morte, mas, não conhecendo nem a lei nem o artigo que diziam applicar, os deixaram em branco no texto. A innocencia do duque era para elles tão evidente que decidiram por unanimidade enviar ao Primeiro Consul o pedido feito pelo principe de ser conduzido á sua presença

e de implorar-lhe ao mesmo tempo a equidade. Mas não puderam fazel-o. Às duas e meia — o julgamento durara menos de meia hora — os soldados entraram no quarto do duque. Descendo a escada que leva ao poço, perguntou elle aonde o conduziam. Nada de resposta. Sentindo o frio que vinha de baixo, tomou o braço de um dos que o acompanhavam e disse-lhe: “Vão atirar-me numa masmorra!” Subito o infeliz comprehendeu: chegara deante de um pelotão de execução. Cortou um cacho de cabellos, embrulhou-o com um anel de ouro e pediu que entregassem essa lembrança á princeza de Rohan-Rochefort. “Não me darão um padre?” indagou. Do alto, uma voz ironica — dizem que do general Savary — responde: “Quer elle morrer como um beato?” D’Enghien ajoelhou-se, concentrou-se um instante e tornou a levantar-se. “É horrivel! exclamou elle. Perecer assim em mãos de francezes!” Quizeram vender-lhe os olhos, mas elle pediu que o não fizessem. Os soldados atiraram e o duque d’Enghien cahiu morto (222).

O Primeiro Consul passou o dia que precedeu á execução fechado em seu gabinete. Josephina, tendo conseguido forçar-lhe a porta, atirou-se, banhada em lagrimas, a seus pés e supplicou-lhe perdoasse o duque. Elle a repelliu duramente: “Tratae de ir embora! Sois uma criança e nada entendeis dos deveres da politica.”

No dia seguinte, ás cinco da manhã, deitado ao lado della, elle a acordou e disse: “A esta hora o duque d’Enghien cessou de viver”. Ella gritou, chorou. “Então, é tratar de dormir”, fez elle seccamente, repetindo a observação de que ella não passava de uma criança (223).

Que é isso? Insensibilidade? Não é provavel; na antevespera da execução, Chateaubriand viu o Primeiro Consul nas Tulherias com uma figura tão alarmante que, voltando para casa, disse aos amigos: “E’ fatal que haja alguma cousa de estranho ignorado por nós, porque Bonaparte não pôde estar mudado a esse ponto, a menos que esteja doente (224).”

“Ah, meu amigo, que fizeste?” exclamou Josephina, chorando, no dia mesmo da execução. “Os desgraçados agiram muito depressa”, pronunciou elle, pensativamente, depois

ajuntou que “só lhe restava agora supportar a responsabilidade do caso”, uma vez que atiral-a para os outros pareceria uma torpeza (225)”.

O conde de Ségur viu-o, tres ou quatro dias depois, durante a missa na capella das Tulherias. “Examinei-o com attenção redobrada. Lá, deante de Deus, em presença de sua victima, que me parecia vêr refugiada, ainda em sangue, nesse tribunal supremo, esperei que um remorso, um desgosto ao menos se lhe manifestasse nos traços... Mas nelle nada variou; absoluta calma”. Depois da missa, o Primeiro Consul percorreu as filas de dignitarios e falou-lhes do caso de d’Enghien, querendo sem duvida receber impressões, mas só obteve em resposta baixas lisonjas ou um silencio carrancudo. E subito elle proprio se entenebreceu, silenciou e sahiu ás pressas (226). Aos olhos de muitos e talvez de Ségur, perdia terreno o grande homem de que se orgulhavam e o “heróe completo” descia a um simples criminoso (227).

Mas, pouco depois, Bonaparte recebia a recompensa do assassinio: tres milhões e meio de votos corresponderam á proposta feita pelo Senado de proclamar-o Imperador: para subir ao throno, passou elle por cima do cadaver ainda quente do duque d’Enghien.

“Esses sujeitos queriam matar a Revolução em minha pessoa, diz o Imperador aos intimos, e tive de defender-me. Mostrei-lhes de que ella é capaz.” — “Dentro de um anno, acharão essa morte uma grande acção politica.” — “Assim impuz silencio para sempre aos realistas e aos jacobinos”.

“Por favor, Sire, não falemos mais nisso, porque me fariéis chorar”, diz-lhe madame de Rémusat, um dia em que se falava do duque d’Enghien. — “Ah, as lagrimas! As mulheres só têm esse recurso!” objectou elle a rir (228).

O mais inquietante é que elle parece realmente não comprehender de que se trata; uma criança o teria comprehendido e elle, o mais sensato dos homens, não o comprehende.

“Quê, ainda se lembram dessa velha historia?... Que criancice!” diz elle, em 1807, bastante surpreso de saber que em Petersburgo não se haviam esquecido do duque d’Enghien (229).

Entanto elle se recorda, elle tambem, e tanto melhor quanto o tempo passa. Que de sangue derramou elle na guerra, e o esqueceu, mas desse não se esquecerá nunca.

Não se poderá dizer que elle não se arrependesse das más acções ou que, ao menos, não as reconhecesse. A proposito da usurpação do throno da Hespanha, causa da interminavel guerra onde elle se afundou como num pantano e de onde jamais se pôde desprender, falava elle em immoralidade e cynismo, se bem que as suas intenções fossem nobres, concluindo que é impossivel metter-se na cama dos reis sem acabar maluco (230).

Elle confessa as más acções, mas permanece incapaz de arrepender-se exactamente da peor de todas.

Em Santa-Helena, Las Cases não ousa pronunciar o nome do duque d'Enghien e fica vermelho de atrapalhação quando Bonaparte se refere ao morto, tranquillamente, com sua "logica cerrada, luminosa, irresistivel". — "Quando elle acabou de falar, fiquei surpreso, absorto... Se aquelle que Napoleão lamentava estivesse neste momento em seu poder, estou certo de que lhe teria perdoado." É assim nas palestras intimas, mas, deante de testemunhas, "era cousa differente... esse negocio pudera causar-lhe alguma lastima, dizia elle, mas não crear-lhe remorsos, nem mesmo inspirar-lhe escrúpulos, (231)!" E, entanto, ha em seus pensamentos alguma ambiguidade "Esse scelerado de Talleyrand só me deu conhecimento disso dois dias depois da morte do principe", acrescentava elle, reportando-se á carta do duque d'Enghien. — "Se elle m'a trouxesse em tempo, certamente que lhe haveria perdoado (232)". Mas outra vez, como se elle se dirigisse á posteridade, affirmou que, "se fosse cousa a refazer, elle a refaria (233)." Sem duvida, nem elle sabe direito o que faria: punir ou perdoar.

Tres dias antes da morte, já atormentado pelos primeiros soffrimentos da agonia, pediu o envelope sellado que lhe continha o testamento e ajuntou qualquer cousa ás occultas, em que declarava que o que fizera com o duque d'Enghien fôra "necessario á segurança, ao interesse e á honra do povo francez, quando o conde de Artois mantinha confessadamente sessenta assassinos em Paris".

Desejo de innocentar-se? O certo é que o chanceller Pasquier lhe acreditou nos remorsos e acha ter sido ainda “uma recordação lancinante que lhe dictou essa phrase testamentaria”, convindo accentuar que o chanceller conhecia bem Napoleão e assistira de perto ao desenrolar do caso (234).

Tambem lord Holland, um verdadeiro amigo de Napoleão, admittia “que elle fosse culpado desse crime”, achando que nada explica o sacrificio de um homem innocente e que a morte do duque d’Enghien seria sempre “uma nodoa em sua memoria (235)”. Mas se lhe perguntassem: — Bonaparte commetteu uma acção má, logo é criminoso? — lord Holland — teria respondido como responde todo seu livro sobre o Imperador: — Não, é um bom homem.

Um homem bom pôde commetter crimes? Antes de responder, procure cada um de nós ver se não tem na vida um “duque d’Enghien”. Não serão os peores, mas os melhores que responderão: sim.

“Todo mundo me adorou e me odiou”. Mas nunca ninguém o lamentou. Ora, era disso talvez que elle tinha mais necessidade, porque, estranho que pareça, elle era, máo grado toda a pompa, digno de piedade. Para comprehendel-o, basta dizer que o ultimo dos homens pôde rezar, e elle não podia.

Não obstante, era um bom homem. Isso o pobre Tobias, um velho escravo malaio, jardineiro em Santa-Helena, o sabia direito. Napoleão tinha um grande desejo de resgatal-o. Mas Hudson Lowe, governador da ilha, não o permittiu. Talvez Napoleão lamentasse o infeliz Tobias, porque parecia ver na sorte de ambos qualquer cousa de commum: todos dois eram victimas da civilização européa. Tobias nascera livre, selvagem, e os europeus o tinham “civilizado”, enganado, arrastado longe da patria e vendido como escravo. Tobias tambem se poz a amar Napoleão. Só o chamava “the good gentleman”, ou melhor ainda, “the good man” (236).

Os pestosos de Jaffa tambem o sabiam. A 11 de março de 1799, durante a campanha da Syria, o joven general Bonaparte, para envergonhar os medicos assustados e tranquilizar os militares em lhes provando que a peste não é tão terrivel quanto pensavam, visitou o hospital dos pestosos, vagou

longamente em meio aos enfermos, reconfortando-os, tomando-lhes a mão e ajudando mesmo a transportar um delles (237).

Sabiam-no tambem os feridos aos quaes, por occasião da retirada de São João d'Acre, no horrivel deserto da Syria onde os homens morriam de calor, o general Bonaparte mandou dar todos os cavallos, mulas e camelos, inclusive sua propria montaria; e quando a ordenança, não querendo acreditar, lhe perguntou que cavallo se reservava, Bonaparte, furioso, applicou-lhe na cara uma forte chicotada, gritando: "Que todo mundo vá a pé, e eu em primeiro logar (238)!"

Tambem o sabiam os camponios francezes que, no caminho de Niort a Rochefort, suprema etapa em direcção a Santa-Helena, lhe corriam atraz, gritando entre soluços: "Viva o Imperador! Ficae, ficae connosco!" Acabava-se a séga do feno; as altas médas que se elevavam em torno relembavam aos camponezes os grandes trabalhos de drenagem ordenados pelo Imperador em 1807 e graças aos quaes essa região de paludes, infertil e malsã, se transformava em vasta pradaria. "Vêde, diz elle a Baker, as populações me agradecem o bem que lhes fiz (239)!" Sim, tudo passa, tudo se esquece, mas isso perdura — o pantano convertido em pradarias ferteis, o "cháos desenovelado".

Sabiam-no tambem os milhares de homens que morriam por elle nos campos de batalha com este grito de extase delirante: "Viva o Imperador!" Sabiam ou sentiam que elle "queria o bem", porque, em verdade, seu principal objectivo — a união universal dos homens — é um dos maiores bens.

Nelle, pensamentos e palavras podiam ser máos, mas a vontade era boa. Elle é melhor do que pensa ou do que diz: o mal está no exterior, o bem no interior.

É por isso que vale mais não crer em excesso na sua face immovel, implacavel, como esculpida no bronze ou no marmore. "Poderia receber a noticia da morte de minha mulher, de meu filho e de toda a minha familia, sem mûdar de cara. Não me perceberiam nos traços nem emoção nem alteração: tudo ahi pareceria calmo e indifferente. Mas é quando estou só no quarto e me entrego a mim mesmo que soffro, e minhas sensações voltam a ser as de um homem que

supporta a custo os seus males (240).” Tem elle no mais alto grão o pudor do soffrimento e o pudor da bondade que vão quasi sempre juntos.

“Ha em mim dois homens distinctos: o homem da cabeça e o homem do coração (241).” — “Não acrediteis que não tenha, tambem eu, um coração sensível como os outros; sou um homem perfeitamente bom. Mas desde a mais tenra infancia habituei-me a abafar essa corda e ella agora está muda (242).” Não foi elle que a fez silenciar, mas a vida; seu rude labor tornou-lhe a alma callosa, como as mãos; ella perdeu um tanto a vibração, mas não morreu de todo.

“Os primeiros cuidados do Imperador, depois de um recontro, eram pelos feridos, relata o barão Fain. Percorria elle proprio a planura, fazia-os levantar, amigos e inimigos, fazia pensar os que ainda não o tinham sido e velava para que todos, até o ultimo, fossem transportados ás ambulancias e aos hospitaes vizinhos.” — “O Imperador confiava aos cuidados dos seus melhores cirurgiões os feridos que podiam ser tratados separadamente; procurava informar-se com o interesse mais activo do progresso das respectivas curas; Yvan era interrogado nos minimos detalhes: a natureza da ferida, esperanças, temores, queria que lhe dissessem tudo. Graças a essas informações fieis, sabia occorrer a muitas necessidades secretas. Só Deus sabe o bem que elle fez!” — “Sua bolsa de viagem era como se fosse cheia de furos”, tanto as esmo-las cahiam generosamente della (243).

No campo de batalha de Borodino, um ferido foi pisado por um dos cavallos do sequito de Napoleão; o infeliz soltou um grito de dor. O Imperador irritado explodiu contra os 'officiaes do Estado-Maior censurando-lhes com indignação não dar mais attenção aos feridos. Alguem para acalmal-o observou que era um russo; mas elle recommçou observando, mais vivamente ainda, que “não havia mais inimigos depois da victoria e sim unicamente homens (244).”

Percorrendo, dois dias antes de Waterloo, o campo de batalha de Ligny, o Imperador percebeu um official prussiano gravemente ferido: chamou um camponio e perguntou-lhe: “Você crê no inferno? — Sim. — Pois bem, se não quer

ir para o inferno, trate desse ferido. Muito cuidado, porque Deus quer que sejamos caridosos (245).” Não é uma prece, mas talvez valha muitas preces.

Lembrôu-se elle um dia em Santa-Helena de que, vinte annos antes, por occasião da primeira campanha da Italia, em seguida a um caso importante, — não se lembrava mais qual fosse exactamente — percorria com alguns companheiros por uma calma noite enluarada, o campo de batalha de onde não haviam ainda retirado os mortos, e encontrou um cão uivando sobre o cadaver do dono. Como se aproximassem, o cão se atirou sobre elles; depois voltou ao cadaver e começou a lamber o rosto do dono; voltou em seguida a investir contra os intrusos, e assim varias vezes, sem cessar de uivar. “Era a um tempo pedido de soccorro e desejo de vingança... Nada, em qualquer dos meus combates, me causou impressão semelhante... Este homem, dizia-me eu, jaz aqui abandonado de todos, excepto de seu cão... Que lição nos dava a natureza por intermedio de um animal! Que é o homem e que mysterio ha nas suas impressões? Eu ordenara sem emocionar-me dezenas de batalhas, vira de olhos enxutos a perda de um grande numero dos nossos, e aqui me sentia commovido, conturbado pelos gritos e a dor de um cão (246)!” Elle proprio uiva como um cão, como Achilles sobre o corpo de Patroclo, sobre o marechal Lannes, o bravo dos bravos, quando este teve em Essling as pernas fracturadas por uma granada. E á noite, só, no quartel general, deante do repasto, elle se esforça em comer; chora e as lagrimas caem-lhe no prato (247). Percorrendo o campo de Eylau, ouviam-no gritar que “era um espectaculo horroroso”, feito “para inspirar aos principes o amor da paz e para lhes infundir o horror da guerra (248)”. Mentira? Phrases destinadas á posteridade? É facil tambem enganar-se.

Ora, deixando as palavras, vejamos um acto. Em 1815, nas proximidades da segunda abdicção, sabia elle que lhe bastaria dizer sómente uma palavra, fazer um signal, para que se accendesse a guerra civil e para que, senão a França, ao menos elle se salvasse; entanto, elle não o quiz, dizendo: “A vida de um homem não vale tanto” — e assignou a abdicção (249).

Se puzessem isto num prato da balança, e no outro as palavras terríveis: “estou me ninando para a vida de um milhão de homens”, qual dos dois pratos desceria?

Elle ama pronunciar palavras terríveis que recaem sobre sua propria cabeça; duas aranhas, Talleyrand e Metternich, escutam-no avidamente, como se espreitassem uma mosca presa em suas teias; e o intelligente Taine, e o bom Tolstoi, e os quarenta mil juizes escutam-no tambem.

“Admitto que elle haja proclamado: “Ai de quem escorregar debaixo das rodas de meu grande carro politico, quando elle se houver lançado com força!” São palavras de theatro, observa o barão Fain; ouve-se ahi o grande actor; mas reconheço bem melhor Napoleão quando lhe fazem dizer: “Deixemos a noite deslizar sobre a injuria da vespera”, ou então: “Os homens não são fundamentalmente ingratos” Notae que era em Santa-Helena que elle conservava essa indulgencia (250). “Elle fazia barulho e não desfechava o golpe, contra o abbade de Pradt. Ouvi-o dizer depois de uma borrasca da maior violencia contra um de seus familiares: “O desgraçado! Elle me obriga a dizer o que não penso e o que nunca pensaria em dizer-lhe!” Passado o máo quarto de hora, chamava aquelles que repellira e voltava aos que offendera: tenho experiencia disso (251).”

“Sabei que um homem verdadeiramente homem não odeia, declarava elle a Las Cases. Sua cólera e seu máo humor não vão além de um instante; o choque electrico... O homem feito para os negocios e a autoridade não vê pessoas; só vê as cousas, o peso e a consequencia das cousas (252).” — “Sente-se que elle poderia tornar-se o alliado dos seus mais crueis inimigos, como viver com aquelle que lhe houvesse feito o maior mal”, constata Las Cases, com espanto (253).

O proprio Napoleão acredita que, se se perdôa tão facilmente as criaturas, é por desprezo, mas talvez não seja unicamente por isso.

“Vós não conheceis os homens, dizia elle a seus companheiros de captiveiro em Santa-Helena, quando estes se indignavam contra os inumeraveis traidores. E’ difficil comprehendel-os com justeza. Conhecem-se elles mesmos?... E,

depois, antes abandonado que trahido; houve em torno de mim mais fraqueza que perfidia; é a negação de São Pedro, o arrependimento e as lágrimas pôdem estar perto.” E termina por uma palavra que é talvez a melhor e a mais sensata de todas as suas palavras: “A natureza humana podia mostrar-se mais repulsiva (254)!”

Em nossa civilização “christã” não ha vocabulo para designar o que os antigos chamavam de “virtus”. Não é a nossa “virtude”, mas antes o arrojo, a coragem e, ao mesmo tempo, a bondade emquanto força e firmeza supremas. É essa bondade que possui Napoleão. É nessa “Pietra Santa”, nome de uma das suas avós corsas, que elle repousa totalmente.

A gratidão — memoria imperecivel do bem, fidelidade inabalavel ao bem — é uma virtude viril por excellencia: por isso é ella tão forte em Bonaparte.

“Desprêzo a ingratidão como sendo a mais vil fraqueza da alma (255),” diz elle do fundo do coração. A gratidão é a bondade secreta, o calor das aguas profundas. Eis por que elle a occulta tão castamente: “Não sou bom, nunca o fui, mas sou *firme* (256)”:

O testamento de Napoleão é um dos mais bellos monumentos dessa firmeza “humana”.

Nelle são recordados todos os que lhe fizeram bem na vida; agonizante, elle resuscita na memoria os que morreram ha muito, agradece-lhes os beneficios através dos filhos e dos netos e teme sempre esquecer alguém. Dez dias antes da morte, presa dos horriveis soffrimentos finaes, escreve, e de seu proprio punho, um quarto codicillo, “porque, pelas disposições tomadas, nem todas as obrigações foram satisfeitas”. Seguem-se treze artigos novos. “Ao filho ou neto do general Dugommier, que commandou em chefe o exercito de Toulon, a somma de cem mil francos. É um testemunho de lembrança pelas provas de estima, affeição e amizade que nos deu esse bravo e intrepido general. — Cem mil francos ao filho ou neto do deputado da Convenção Gasparin, representante do povo no exercito de Toulon, por ter protegido e sancionado com sua autoridade o plano que apresentamos. — Cem mil francos á viuva, filho ou neto de nosso ajudante de campo

Muiron, morto a nosso lado em Arcole, ao defender-nos com seu corpo”.

E num dos primeiros artigos, lega cem mil francos ao cirurgião mór Larrey, por ser “o homem mais virtuoso que conheci (257)”. O homem bom reconhece seu semelhante.

Que elle cubra de favores sua velha ama Camilla Ilari, mulher de um pobre pescador corso, nada de admiravel; o que é surprehendente é que institua em segredo uma pensão do seu proprio bolsinho á nutriz de Luiz XVI e ás duas pobres velhas irmãs de Robespierre (258). Com que simplicidade maravilhosa concilia em seu coração o carrasco e a victima!

Surprehende-se e conhece-se mais facilmente o coração nas pequenas cousas que nas grandes; ás vezes não se vê tão bem o heróe através de um arco de triumpho quanto pelo buraco da fechadura.

“Só não posso falar do heróe em mangas de camisa; então era elle quasi ininterruptamente bom”, declara Constant, o criado de quarto de Napoleão (259).

Numa das campanhas além do Rheno, Constant, após diversas noites sem somno, adormeceu profundamente, ao esperar o Imperador, numa poltrona, junto á mesa de trabalho, a cabeça apoiada no braço e o braço apoiado na mesa. O Imperador entra emfim, acompanhado do marechal Berthier e seguido de Roustan. O principe de Neuchâtel quiz despertar Constant, mas o Imperador o deteve... Então, como não houvesse outra cadeira no aposento, o Imperador sentou-se á beira da cama e se poz a conversar com o marechal. Tendo necessidade de um dos mappas sobre o qual o cotovello de Constant repousava, Napoleão, ainda que procurasse fazel-o subtilmente, despertou Constant. Este se levantou todo confuso, balbuciando desculpas. “Senhor Constant, disse-lhe então o Imperador com um sorriso cheio de bondade, estou triste por tel-o incommodado: queira desculpar-me (260)”.

Essa polidez real merece que perdõem a Napoleão muito de suas brincadeiras de tarimba: o tinteiro derramado sobre o vestido côr de rosa de Josephina, porque não lhe agradava, e mesmo o pontapé famoso, ainda que discutivel, que elle teria

dado na barriga do philosopho Volney em seguida a uma blasphemia estúpida (261).

Um joven pagem galopava junto á carruagem do Imperador por uma chuva violenta. Ao descer da viatura, Napoleão, vendo o rapaz molhado até os ossos, ordenou-lhe que ficasse na primeira muda e mais tarde informou-se muitas vezes da sua saude. O pagem contou-o numa carta á progenitora, e esta, lendo-a, aprendeu talvez sobre Napoleão qualquer cousa que ignoram seus quarenta mil juizes.

Um dia, em Santa-Helena, o doutor O'Meara se sentiu mal e cahiu desmaiado aos pés de Napoleão; quando voltou a si, viu o Imperador que, inclinado sobre seu rosto, lhe banhava as temporas com agua de Colonia, olhando-o "com a expressão do maior interesse e ansiedade (262)".

O que ha de melhor no homem é o que ha de mais simples de mais infantil. "Elle amava bastante as meninas e os meninos, e raramente um homem perverso tem inclinação pela infancia", assignala Bourrienne. Sentado no chão, o Primeiro Consul brinca, como uma criança, com o pequeno Napoleão, seu sobrinho, e nesse momento tem a sua verdadeira expressão, mas, um minuto depois, indo receber o embaixador da Inglaterra, lord Withworth, para invectival-o e ameaçal-o com a ruptura de relações diplomaticas, afivela uma mascara aterrozante (263).

"Passei estes dois dias com o marechal Bessiere; brincamos como garotos de quinze annos", escreve elle em 1806, entre Austerlitz e Iena (264).

A pequena Betsy Balcome, de quatorze annos, filha do proprietario da villa de Briars, em Santa-Helena, onde Napoleão passou os primeiros mezes de captiveiro, ouvira, desde a infancia, falar de Napoleão como de um ogre devorador, particularmente guloso de meninas, e teve medo de vel-o; mas, tendo-o visto, prendeu-se a elle em breves dias, brincando com elle como com um amiguinho de sua idade. E, muitos annos depois, sendo já matrona, ella só se recordava d'elle como de um rapazola, companheiro de jogos infantis (265).

O general Gourgand, um dos que o seguiram voluntariamente no exilio, projectava deixar o Imperador, mas não ousa-

va dizer-lh'o. Um dia, passeando no jardim, Napoleão viu por terra, na alameda, um alfinete; apanhou-o e estendeu-o a Gourgand com um sorriso de criança: "Tomae, Gorgô, Gorgotto, é um presente", disse-lhe elle. Fazer presente de um objecto pontudo é signal de zanga. Mas é justamente o que Gourgaud procura. "O que tu queres, faze-o logo", parece dizer-lhe Napoleão. Tristeza, censura, caricia, ironia, perdão — tudo ahi está e tudo é infantil. Mas Gourgaud não comprehende nada disso, da mesma fórma que nada comprehendem dessa ingenuidade napoleonica nem Taine, desesperadamente adulto, nem Tolstoi, que desesperadamente suspira atraz da infancia.

"Se vós não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças..." Isto significa: o infantil é divino. Eis porque no heróe, no Homem, se unem Deus e a criança.

Taes são o mal e o bem em Bonaparte. Mas elle proprio é máo ou bom; dizer que elle é inteiramente bom, que é "santo", é tão grosseiramente inexacto quanto dizer que é um "criminoso". O mal e o bem lutam nelle. E nessa luta, como em muitas outras cousas, elle é um sêr de outra natureza que não a nossa, uma criatura de outra criação — um "homem da Atlantida". Seu coração é taça de liquidos estranhos: uma gota de sangue sacrificial que não é ainda o do Golgotha escorre num nectar que não é mais o do Olympo, e a mistura — a fermentação terrivel — se põe a ferver. É o que nós chamamos o "genio de Napoleão". Mas para dizer delle simplesmente: "É um criminoso", é preciso que sejamos o que somos, isto é, os filhos do mais atheu de todos os seculos.

Maldizer do heróe, do Homem, é maldizer da humanidade. Faz cem annos que maldizemos de Napoleão. Já não é tempo de dizer emfim: elle é o mais calumniado de todos os heróes?

Sua face morta é uma das mais bellas faces humanas. Elle é sereno e puro como o céu. Vê-se que, senão na vida, ao menos na morte, elle venceu o mal pelo bem, realizou "a medida do homem que é a do anjo". Um semi-deus adormecido e um anjo — cherubim de força e de luz, — cahido do céu na terra. E nós não o reconhecemos e eis o que fizemos delle!

VI

O TRABALHADOR

A união dos contrários: é assim que se póde definir o genio de Napoleão, e foi assim que elle proprio o definiu.

“Raro e difficil, dizia elle, era reunir todas as qualidades necessarias a um grande general. O mais desejavel e que punha logo alguem em evidencia era que nelle o espirito e o talento se equilibrassem com character ou coragem (266)”.

“Em Bonaparte o elemento intellectual contrabalança a vontade”, diz profundamente o abbade Sieyès (267).

É este equilibrio do espirito e da vontade que constitue o “quadrado do genio”.

Nós outros, filhos da moderna civilização européa, sofremos todos mais ou menos da doença de Hamlet, do desequilibrio entre o espirito e a vontade, a contemplação e a acção; só, entre os doentes, Napoleão passa bem de saude. Em nós todos, as duas almas, diurna e nocturna, estão separadas; nelle só, estão unidas. Provamos todos da arvore da Sabedoria, — e morremos; só elle provou da arvore da Sabedoria e da Vida, — e vive. Todos augmentamos o espirito á custa da vontade; só elle uniu um espirito infinito a uma vontade infinita.

Da mesma fórma que todo seu sêr une esses dois principios oppostos da mesma fórma cada um delles tomado em particular — a vontade e o espirito — unem em si as qualidades contrarias.

Memoria e imaginação — tal o primeiro consorcio de contrarios intellectuaes: a dynâmica da imaginação voltada para o futuro, e a estatica da memoria, voltada para o passado.

“Uma cousa bem singular em mim é a memoria. Moço conhecia os logarithmos de mais de trinta a quarenta numeros; sabia em França, não só nomes dos officiaes de todos os regimentos, mas os logares onde os corpos eram recrutados, e isto distinctamente; não ignorava sequer o espirito de cada zona (268).”

Mais tarde, sendo já imperador, quando verificava a localização de centenas de milhares de homens, disseminados de Dantzic a Gibraltar, descobria immediatamente as menores inexactidões. “Por que quinze gendarmes ficam sem armas na ilha de Walcheren?” — “Por que se esqueceram de mencionar dois canhões existentes em Ostende (269)?” Em 1813, recordava-se de que tres annos antes enviara á Hespanha dois esquadrões do vigesimo Regimento de caçadores a cavallo. Sabia quasi de cór tudo isso, de modo a poder indicar aos soldados transviados a séde dos respectivos corpos á simples vista do numero do regimento (270).

Mas sua memoria não é senão a pedreira inexgotavel de onde sua imaginação extrae a pedra necessaria a uma construção gigantesca.

“O Imperador é todo imaginação”, frisa o abbade de Pradt (271). Poder-se-á juntar: “E todo memoria”, assim como em geral é elle “todo” esta ou aquella qualidade de intellectual de que careça em dado momento — qualidade por vezes opposta áquella que um minuto antes fôra igualmente “tudo” nelle. Seu espirito é um Proteu multiforme.

“Uma imaginação prodigiosa animava esse politico tão frio, diz Chateaubriand. Elle não seria o que foi se a Musa não estivesse lá: a razão executava as idéas do poeta (272).”

“Não sei, mas algumas vezes essa convicção ridicula me contagia ao ponto de fazer-me crer possivel tudo o que esse homem singular mette na cabeça fazer, e, com sua imaginação, quem póde calcular o que elleprehenderá?” diz Josephina no começo das relações de ambos (273).

A imaginação o torna tão grande poeta na acção quanto Eschylo, Dante e Goethe na contemplação; faz d'elle o musico da symphonia da Historia, o novo Orpheu cujo canto ordena ás pedras construir as muralhas da Cidade.

“Amo o poder, mas é como artista que o amo... Amo-o como um musico ama o seu violino. Amo-o para extrahir delle sons, accordes, harmonia (274)”, — a maior de todas as harmonias: a união universal dos homens.

O conhecimento, como acção creadora, e o conhecimento, como contemplação pura — tal é, em seu espirito, o segundo consorcio dos contrarios. Elle sabe melhor que ninguem achar na vontade, na acção, o ponto em que se apoiará a alavanca do conhecimento. E ao mesmo tempo, elle comprehende tão bem a alegria da contemplação pura que se pergunta não raro se não nascera para ser um grande sabio e se não trahira seu verdadeiro destino abandonando a contemplação pela acção.

“É para mim uma nova occasião de affligir-me com a força das circumstancias que me dirigiram a uma outra carreira, onde me encontro tão longe da das sciencias”, escreve elle a Laplace acceitando a dedicatoria da “Mecanica Celeste” e admirando a “clareza perfeita da obra”. Em meio dos horrores iniciaes de 1812, elle agradecia de Vitebsk, a esse mesmo Laplace, o ter-lhe remettido seu “Tratado das Probabilidades”, “uma das obras que aperfeiçoam as mathematicas, a primeira das sciencias (275)”.

Sente como Pythagoras a musica mysteriosa dos numeros. Nos momentos difficeis da vida, lê, para acalmar-se, a tabua de logarithmos, como leria um livro de rezas (276).

Voltando da campanha do Egypto, na fragata “Muiron”, enquanto os companheiros mortalmente ansiosos esperavam, de um momento para outro, a appareição da esquadra ingleza, que os perseguia ha muito, o general Bonaparte absorvia-se calmamente na chimica, na physica, nas mathematicas com os membros do Instituto Berthollet e Monge.

Em 1815, após a segunda abdicação, o Imperador, na Malmaison, diz a Monge: “A ociosidade seria para mim a mais cruel das torturas. Já agora, sem exercito e sem imperio, não vejo senão as sciencias que se me imponham á alma. Vou abrir uma nova carreira, deixar trabalhos, descobertas dignas de mim... Percorreremos o Novo Continente desde o Canadá ao cabo Horn, e nessa immensa viagem estudaremos os grandes phenomenos da physica do globo (277)”. Jamais o cientista Monge achara Napoleão tão grande. Mas

ouve-se o barulho distante do canhão; corre logo ás cartas militares e as perfura com alfinetes; novamente sonha a guerra — a acção. Assim, elle não saberá nunca o que lhe é mais familiar, se a contemplação, se a acção.

Esquecendo todas as desgraças e todos os soffrimentos, elle observa durante longas horas, numa das salas abandonadas da casa de Longwood, em Santa-Helena, a vida das formigas; admira com que tenacidade ellas encontram o assucar escondido: “Não é instincto, é bem mais: sagacidade, intelligencia, ideal da associação civil... Se nós tivéssemos essa unanimidade de vistas (278)!” Essa sagacidade das formigas, exactamente como o uivo do cão junto ao cadaver do dono, lhe faz sentir que o irracional póde estar algumas vezes mais perto do Creador que o homem.

Enfermo, quasi agonizante, elle estuda curiosamente a vida dos peixes no viveiro de Longwood, interessando-se em seus amores, em suas guerras; e quando, por uma causa desconhecida, epidemia ou veneno, — elles perecem, Napoleão soffre seriamente, vendo nisso um máo presagio: “Bem vêdes que pesa uma fatalidade sobre mim (279)!”

Antes disso, quando ainda se sentia bem, examinava longamente o planispherio do Atlas de Las Cases, interrogando este sobre as novas hypotheses geologicas, sobre as causas ignoradas dos cyclones e dos furacões (280) — sopros possantes da Terra que, para elle, como para os antigos philosophos da Jonia, não é um bloco inerte de materia, mas um sêr vivo — o grande ANIMAL Zôôn. Sim, depois dos antigos, Goethe e da Vinci foram talvez os unicos nos quaes se sente, tanto quanto em Napoleão, o coração humano estar tão proximo do coração da Terra-Mãe. “Com a natureza elle respirava a propria vida; ouvia os balbucios do regato, comprehendia a linguagem das folhas e sentia as hervas crescerem; o livro das estrellas estava aberto e a vaga marinha lhe falava”, escreveu um poeta sobre a morte de Goethe.

Synthese e analyse, tal é nelle o terceiro consorcio dos contrarios intellectuaes. A maior synthese, a mais sublime harmonia do alaúde de Orpheu — do poder — é a união universal dos homens. A amplitude dessa synthese corresponde á profundeza da analyse.

“Sempre amei a analyse e, se me tornasse seriamente amoroso, decomporia meu amor peça a peça. *Porque e como* são indagações tão uteis que não cansam nunca.” — “Os habitos geometricos de seu espirito levaram-no analysar até as suas emoções, diz madame de Rémusat. Bonaparte é o homem que meditou mais os *porque* que regem as acções humanas. Incessantemente distendido das menores acções da vida, descobrindo sempre um secreto motivo para cada um de seus movimentos, elle nunca explicou nem concebeu essa despre-ocupação natural que ás vezes nos faz agir sem objectivo e sem calculo (281)”. Esta ultima indicação não é exacta: certo a despreocupação borboleteante das mulheres do mundo, do genero de madame de Rémusat, é estranha a Napoleão; mas isso não quer dizer que elle ignora a espontaneidade irreflectida da “consciencia nocturna” — da intuição.

A medida e o excesso, eis, em Bonaparte, o quarto consorcio de contrarios.

O genio solar de todas as raças mediterraneas, de Pythagoras a Pascal — clareza, precisão, simplicidade geometricas, medida de Apollo — é tambem o genio de Napoleão. “Seu estylo recorda o de Pascal, — observa Sainte-Beuve (deveria ajuntar: e tambem o de Pythagoras), — a palavra de ambos se grava a ponta de compasso (282).”

É, dirão, com uma ordem mathematica que elle ordena o chãos, com uma medida geometrica que elle o modera. “Introduzi em tudo a mesma simplicidade. O que é bom, o que é bello é sempre o resultado de um systema simples e uniforme (283).” Esta simplicidade que é a belleza perfeita é como o circulo solar divino inscripto no quadrado humano do genio.

E ao lado da medida apollinea, eis o excesso dionysiaco. O grande, o bello, luta nelle com o excessivo, o monstruoso. “Os limites humanos tinham sido ultrapassados, diz Ségur da campanha de 1812. O genio de Napoleão, querendo elevar-se acima do tempo, do clima e das distancias, estava como perdido no espaço. Por maior que fosse a medida, elle a excedera (284).”

É esta enormidade que faz pensar na architectura dos Atlantes: o titanismo nas concepções que apavorava o pobre

Decrès. Ou então, como o diz o proprio Bonaparte: “O impossivel é o fantasma dos timidos e o refugio dos poltrões (285)”. Seu excesso em verdade se assemelha á demencia; sua geometria de tres dimensões não é senão o caminho para a quarta: o quadrado do genio humano torna-se a base da pyramide divina que se afila para um unico ponto: “Sou Deus.”

De resto, essa enormidade titanica, elle acaba por vencer a graças á medida divina, mas é já numa outra ordem — no *sacrificio*.

Em sua vontade, como em seu espirito, encontra-se a mesma união dos contrarios, o mesmo quadrado do genio.

A guerra e a paz, o trabalhador e o chefe, taes são as duas faces, contrarias e concordantes, dessa vontade. Na guerra — descargas de vontade subitaneas como relampagos; na paz — um esforço lento, tal a gota que fura a pedra.

É difficil decidir qual dessas duas palavras lhe exprime melhor a vontade, a do guerreiro: “É preciso arriscar o todo pelo todo”, ou a do trabalhador: “Prefiria o repouso, mas o boi está atrelado, e deve trabalhar (286)”. É difficil decidir onde o heróe se mostra mais — na grandeza das victorias ou na humildade do trabalho; no fogo das batalhas, quando elle vôa, semelhante ás aguias das suas bandeiras, ou então na calma do trabalho, quando labuta como um boi lento.

“O trabalho é meu elemento; nasci e construi pelo trabalho. Conheci o limite de minhas pernas, conheci o limite de meus olhos; não conheci nunca o de meu trabalho (287).” — “Trabalho sempre, comendo ou no theatro; sentei-me numa espreguiçadeira deante do fogo, para examinar papeis que me trouxera o ministro da Guerra; encontrei vinte erros, dos quaes enviei esta manhã as notas ao ministro que está agora occupado em rectificar-os (288).”

Tres vezes por mez, levam-lhe dados minuciosos sobre o ministerio das Finanças, verdadeiros volumes *in folio*, entulhados de cifras, e elle os verifica tão cuidadosamente que encontra enganos em alguns centimos. E assim tambem em relação aos negocios da guerra, que lhe são expostos em opusculos, por ordem numerica, explicando-se tudo quanto diga

respeito á artilharia, á engenharia, ao recrutamento de tropas, aos exercitos estrangeiros (289). Elle os lê avidamente: "Sentia mais prazer nessa leitura que uma rapariga ao ler um romance (290)." Ás vezes enthusiasma: "Este relatório está tão bem feito que se lê como um bello trecho de poesia (291)".

E tudo se lhe mette em ordem no craneo por compartimentos, como o mel nos alveolos ou, para falar mais prosaicamente, — elle ama a prosa — "como num armario". — "Quando quero interromper um negocio, fecho sua gaveta e abro a de um outro. Ellas não se misturam nunca, não me incommodam nem me fatigam com qualquer genero de confusão. Quero dormir? Fecho as gavetas e entrego-me ao somno (292)."

Os homens são fracos porque distrahidos; o genio é a attenção, e a attenção é a vontade de espirito. Essa vontade de espirito Napoleão a possui no mais alto gráo.

"O que caracteriza o espirito de Bonaparte é a força e a constancia de sua attenção, observa o conselheiro de Estado Røederer. Elle pôde passar dezoito horas consecutivas no trabalho, num mesmo trabalho, em trabalhos diversos. Nunca lhe vi o espirito cansado, mesmo na fadiga do corpo, no exercicio mais violento, na colera. Nunca o vi distrahir-se de um negocio para outro sobretudo daquelle que elle discute, para pensar no que vem de discutir ou naquelle em que vae trabalhar... Jamais homem algum se dedicou tanto ao que fazia (293)". — "Sua flexibilidade é maravilhosa para desenvolver de prompto todas as faculdades, todas as forças, e para leval-as ao objecto sómente de que está occupado, seja um insecto, seja um elephante, um individuo isolado ou um exercito inimigo. Quando absorvido por um objecto, o resto não existe para elle: é uma especie de caça de que nada o desvia (294)".

Os homens se fatigam, mas não os deuses nem as forças eternas da natureza; assim é elle infatigavel.

"Seus collaboradores fraquejam e desfallecem sob a carga que elle lhes impõe e que elle transporta sem lhe sentir o peso (295)." Sendo Consul, "preside algumas vezes a reuniões

particulares da secção do Interior das 10 da noite ás 5 da manhã... Não raro, em Saint-Cloud, retem os conselheiros de Estado das nove da manhã ás cinco da tarde, com uma suspensão de quarto de hora, e não parece mais fatigado no fim da sessão que no começo (296)." — "Podia discutir durante oito horas sobre uma questão e no fim desse tempo entrar a discutir outra, com o espirito tão lépido quanto em começo. Ainda hoje (em Santa-Helena) posso dictar doze horas consecutivas (297)." Trabalha "quinze horas por dia, sem um momento de interrupção, sem alimentar-se (298)."

Um dia, ás duas da manhã, num conselho de administração, o ministro da Guerra adormeceu; varios membros cahiam de lassidão; elle gritou: "Olá cidadão, acordae; só são duas horas e é preciso ganhar o dinheiro que nos dá o povo francez (299)!"

Durante os setenta e dois dias da ultima campanha de França, ninguem sabia quando elle achava tempo para comer e dormir.

Depois do desastre de Leipzig, a 2 de novembro de 1813, elle fez sua entrada em Moguncia e, na tarde seguinte, poz o pé na côrte das Tulherias, tendo rumado sem detença de Moguncia a Paris. Descendo da carruagem, suas pernas entorpecidas não podiam sustental-o e os traços alterados revelavam-lhe o exgotamento e a fadiga. Entretanto, só tem tempo para abraçar a mulher e o filho e o resto da noite leva-o a interrogar os ministros reunidos em torno d'elle, a dictar notas, a redigir ordens. Só ás seis da manhã o Imperador os despede, recommendando ao ministro das Finanças que volte ao meio-dia: "Traga-me informações minuciosas sobre o Thezouro, Gaudin, diz elle, porque temos um trabalho aprofundado a conduzir juntos." É nesses dias que seu secretario, o barão Fain, declara ao conde Lavalette: "O Imperador deita-se ás onze horas, mas levanta-se ás tres da manhã e até á noite não tem um momento que não seja para o trabalho. É tempo que isto acabe, porque elle succumbirá, e eu antes d'elle (300)."

"Elle governou em tres annos mais que os reis num seculo", diz Rœderer (301). "O que eu fiz é immenso, mas fica

ainda aquem do que eu projectava”, assegura Napoleão (302). E esse trabalho enraivado, inimaginavel, sobrehumano, dura sem interrupção, sem repouso, o prazo de trinta annos.

“Não é um corpo, é bronze que têm taes homens”, diz Raskolnikow de Napoleão. Não, elle tem um corpo, e muito fraco, talvez mesmo mais fraco que o dos homens ordinarios.

“O Primeiro Consul tem tão má cara que não lhe parecem restar oito dias de vida (303).” Mais tarde, ainda que com a idade se tornasse mais robusto, a menor corrente de ar o endefluxa; a minima luz o impede de dormir; um bocado de comida a mais o faz vomitar; não supporta o cheiro da pintura fresca nem o calçado muito justo; chora e sente-se mal, facilmente, como uma mulher. “Possuo, diz elle, nervos muito irritaveis e, nessa disposição, se meu sangue não batesse com uma lentidão continua, correria o risco de tornar-me doido (304).”

Mas pela força do espirito elle domina a fraqueza do corpo. “Sempre fiz do meu corpo o que quiz (305).” “Ha um corpo “animal” e um corpo “espiritual”, ou, segundo o apostolo Paulo, um corpo “psychico” e um corpo “pneumatico”. Napoleão é um dos maiores “pneumaticos”, ainda que este vocabulo não deva ser tomado em nosso sentido christão. Dir-se-ia que nelle o corpo espirital transparece através do corpo animal e que essa transparencia é precisamente a fonte de sua “magia”.

Nos lugubres aposentos das Tulherias, elle vive com a austeridade de um monge. É de nascença sobrio, frugal. Come pouco: “Um pouco de comida é sempre demais (306).” Só bebe vinho com muita agua. Come depressa: oito minutos bastam-lhe para almoçar, quinze para jantar; ás vezes esquece que não jantou; acaricia as mulheres com a mesma pressa. “Ha bem uns cinco ou seis dias no anno nos quaes as mulheres podem exercer alguma influencia nelle”, observa melancolicamente Josephina (307). Não tem outro luxo senão as pitadas de rapé, as pastilhas de alcaçuz para refrigerar a bocca e as fricções de agua de Colônia.

É desinteressado: ainda que o soberano mais rico da Europa, nada possuiu pessoalmente; a propria Malmaison foi

comprada no nome de Josephina. “Cada qual tem suas idéas: eu tinha o gosto das dadivas e não da propriedade”, dizia elle (308). Tendo sahido da França quasi sem nada, foi em Santa-Helena obrigado a vender sua prataria e acabou enterado ás expensas dos inglezes, seus carcereiros.

O corpo é a immobildade; o espirito o movimento. Elle é todo espirito, todo movimento, como um relampago encerrado em corpo humano.

“Dir-se-ia, escreve o commissario inglez da ilha d’Elba, que Napoleão quer realizar o eterno movimento. Compraz-se em fatigar todos os que o acompanham em suas excursões. Não creio que lhe seja possivel sentar-se para escrever, emquanto a saude lhe permittir os exercicios corporaes... Hontem, depois de um passeio a pé por um sol ardente, das cinco da manhã ás tres da tarde, e depois de ter visitado as fragatas e os transportes, elle andou a cavallo durante tres horas ainda, “para se desfatigar”, disse-me em seguida (309).”

Em 1809, durante a guerra da Hespanha, fez em cinco horas as trinta e cinco leguas de Valladolid a Burgos; partira com um numeroso sequito, mas, a cada passo, deixava gente pelo caminho, de modo a chegar quasi só em Burgos (310). Fazia constantemente caças de trinta e seis leguas. Em Castiglione, por occasião da primeira campanha da Italia, cinco cavallos, em tres dias, pereceram de fadiga debaixo d’elle (311).

É tão infatigavel a pé quanto a cavallo. “Marchava ás vezes cinco ou seis horas seguidas sem dar por isso (312).” Gosta de falar andando. “Teria, creio, caminhado o dia todo a conversar”, diz Bourrienne (313).

O movimento interior corresponde ao movimento exterior. “As nuvens, impellidas pelo vento, não atravessavam o horizonte com tanta rapidez quanto as idéas e as sensações diversas de Napoleão se lhe succediam no espirito (314).” É por isso que elle não pôde escrever: a mão não chega a seguir-lhe o pensamento e elle dicta tão depressa que “seu dictado parece uma conversação em voz alta na qual se dirigisse ao correspondente como se elle estivesse ali para ouvi-lo. Quem ouvisse ás portas poderia acreditar que os dois se achavam

frente á frente... Não havia meio de fazel-o repetir: interrompel-o era intervir como um importuno no dialogo em que sua imaginação o isolava". Essa impossibilidade de repetir o pensamento vinha-lhe de que este era perfeitamente "organico", vivente. Dieta quasi sempre andando. "A frequencia em suas idas e vindas marcava-lhe o rythmo mais ou menos rapido das idéas (315)." Trinta e cinco volumes publicados não passam de pequena parte da sua correspondencia.

Parece que foi o homem que se moveu mais na terra e é a semelhante criatura que se inflige Santa-Helena, o "supplicio do repouso": Satan não teria inventado para elle inferno mais terrivel.

"O que fiz é immenso, mas fica muito aquem do que projectava". Quem diz isso? Napoleão senhor do mundo? Não, o constructor de exgotos: "É preciso ter feito o que fiz para conhecer toda a difficuldade de fazer o bem... Assim é que empreguei trinta milhões em exgotos dos quaes ninguem jamais dará conta (316)".

Todo o mundo vê o sol de Austerlitz, mas ninguem viu os exgotos — nem os exgotos subterraneos, nem os que, em politica, sanearam a lama sangrenta da Revolução. Mas onde a face do heróe é mais divina — no sol de Austerlitz ou nas trevas dos exgotos?

Eis ainda outro aspecto de Napoleão "desconhecido", humilde. Dir-se-ia que o touro assyrio, o gigante alado, deus do Sol, atrelado á charrua, trabalha infatigavelmente: "Eu preferiria o repouso; mas o boi está atrelado e deve trabalhar".

A precisão do trabalho é talvez mais prodigiosa ainda que sua immensidade. Uma precisão, uma exactidão escrupulosa, que não é a dos homens, mas a dos deuses ou das forças eternas da natureza; só as estrellas se levantam no céu, só os deuses recompensam e punem os homens com a mesma exactidão mathematica, absoluta.

Elle se alegra como uma criança quando, nas contas que se cifram por milhões, descobre um erro de vinte centimos. Um dia viu entre as mãos de uma dama de honor da Imperatriz um rol de lavadeira; tomou-o, examinou-o e achou a

conta exaggerada; poz-se a regatear peça por peça e obteve o que lhe parecia justo (317).

As magnificas tapeçarias que vinham de collocar nas janellas das Tulherias, elle corta uma glande de ouro e a mette na algibeira. Alguns dias mais tarde, restitue a glande ao encarregado do mobiliario: "Ahi tendes, meu caro. Deus me livre de pensar que vós me roubaes, mas o certo é que vos roubam, porque pagastes isso um terço acima de seu valor (318)".

O mesmo Demiurgo, o deus Operario, está nos sóes e nos atomos. "Foste-me fiel nas pequenas cousas e eu te encarregarei das grandes". Se elle não houvesse arquejado tanto por vinte centimos, o milagre não se teria cumprido: não veriam, por uma metamorphose quasi subita, em tres ou quatro annos de Consulado, a miseravel França tornar-se a rainha mais rica da terra.

Tres semanas antes de morrer de um cancer no estomago, entre dois vomitos, "negros como borra de café", sentado na cama, tendo nos joelhos uma folha de papel e molhando a penna no inteiro que segura para elle um criado de quarto, elle ajunta um codicillo testamentario onde enumera o que omittira nos artigos precedentes: "Minhas duas camas de ferro, meus colchões e meus cobertores... 6 camisas, 6 lenços, 6 gravatas, 6 pares de meias, 2 roupões, 2 calções, um par de suspensorios, 4 cuecas, uma caixinha cheia de meu rapé." Deixa tudo isso ao filho (319).

"Que burguez! Faria melhor em pensar na alma nesse momento!" Será assim para nós, "christãos", mas não para elle, "pagão". Porque toda sua alma é o amor da Terra: egual amor reside no sonho do dominio universal e no cuidado de uma pitada de rapé.

"Carreguei o mundo nas costas (320)." Se a nossa velha Europa bem ou mal se vae aguentando, deve ser porque esse Atlas, esse Burguez gigantesco, apocalyptic, continua a carregar-a nas costas.

VII

O CHEFE

Para ver bem a face de Napoleão Chefe, é preciso levar em conta que a guerra não é para elle o essencial. “Sêr real entre todos”, elle bem sabe que a guerra é em sua época historicamente inelutavel, permanecendo ainda “o estado natural” do homem. Mas nisso, como em tudo, elle vae, através do que os homens acham “natural”, ao que lhe parece “sobrenatural”, através da necessidade da guerra para o milagre da paz.

“Para ser equitativo com o Imperador, é preciso pôr na balança as grandes acções de que o privaram (321).” Só lhe deixar cumprir grandes acções na guerra e não na paz. Ora, por mais estranhamente que essa palavra resôe, Napoleão é um *pacificador*: faz sempre a guerra e aspira á paz; pela guerra tem mais que odio — desprezo, ao menos em seus momentos os mais clarividentes.

Não foi em vão que elle comprehendeu e recordou toda a vida o cão uivando, depois de uma batalha, sobre o corpo do dono: elle sentiu que essa humilde criatura estava mais alta no amor que elle, o heróe, no odio — na guerra.

“Que é a guerra? Um mister de barbaro (322).” — “A guerra vae tornar-se um anachronismo... Quem deve triumphar? O futuro, não é?... As victorias obter-se-ão um dia sem canhões e sem bayonetas (323).” Estas palavras poderiam parecer levianas na bocca de um ideologo pacifista, tal como Tolstoi, mas na bocca de Napoleão ellas assumem um peso singular.

A vontade da paz e a vontade da guerra; tal é nelle a mais profunda união dos contrarios, invisível para todos, talvez para elle proprio.

“O general é o mais sensato dos bravos”, é assim que elle define o genio do Chefe (324). Para concluir seu pensamento, cumpriria dizer: “O general é o mais bravo dos bravos e o mais sensato dos sabios”. Ha poucos homens perfeitamente bravos e ainda menos perfeitamente sensatos, e raro é encontrar os que reünam as duas qualidades. Napoleão tem consciencia de que é um tal homem: “Milhares de seculos decorrerão antes que as circumstancias accumuladas sobre minha cabeça procurem um outro na turba para reproduzir igual espectáculo.”

Segundo elle, a sciencia da guerra consiste em pensar primeiro as probabilidades e em seguida calcular com uma exactidão quasi mathematica quantas probabilidades se devem deixar ao Acaso. Mas essa relação entre a sciencia e o acaso só pôde existir numa cabeça genial. O Acaso permanece sempre um mysterio para os espiritos mediocres e só se torna uma realidade para os espiritos superiores.

O mysterio do acaso, o mysterio do Destino, é por excellencia o mysterio de Napoleão, porque elle é o “homem do Destino”.

“A Eternidade é uma criança jogando dados”, diz Heraclito. O acaso, o destino, “a estrella”, é o dado da Eternidade. E a guerra tambem é “o jogo de azar” do Chefe com o Destino. “Arriscar o todo pelo todo”, é a regra desse jogo. Nunca ninguem jogara com uma clarividencia tão geometrica: “Meu grande talento, o que mais me distingue, é *ver claro* em tudo... É a perpendicular mais curta que a obliqua”, — nem com uma visão tão prophetica (325). A união do acaso com a mathematica, da absoluta cegueira com a absoluta clarividencia — tal é o “quadrado” espiritual de seu genio militar.

Antes de cada campanha ou cada batalha, elle passa dias inteiros deitado por terra sobre um enorme mappa desenrolado, perfurado de alfinetes com cabeça de cêra de diferentes côres que marcam as posições reaes ou suppostas de suas proprias tropas e as do inimigo; medita a ordem maravilhosa com que os exercitos serão atirados a centenas, a milhares de kilometros — das bordas da Mancha, do campo de Boulogne, ás bordas do Rheno, ou então da Serra Morena ás estepes

russas; marchas concentricas, offensivas prolongadas, golpes fulminantes — todo um plano estrategico, simples e bello como uma obra de arte ou um theorema. Seu objectivo principal é pôr o adversario, antes do começo das operações, na impossibilidade de reunir-se á sua base: Marengo, Iéna, Austerlitz são differentes applicações desse methodo. Tudo ahi é mathematico, mecanico. “A força de um exercito, como a quantidade dos movimentos na mecanica, avalia-se pela massa multiplicada pela velocidade. U’a marcha rapida augmenta o moral do exercito e accresce-lhe os meios de victoria (326).”

A prudencia infinita, o que se poderia quasi chamar a “pusillanimidade” do Chefe, vale mais aqui que a audacia. “Não ha homem mais pusillanime que eu quando traço um plano militar; avolumo todos os perigos... fico numa agitação verdadeiramente dolorosa. Isso não me impede de parecer muito sereno deante das pessoas que me cercam; sou uma rapariga dando á luz. E quando a resolução está tomada, tudo esqueço, excepto o que pôde fazel-a vencer (327).”

Tudo esquecer no ultimo minuto é tão difficil quanto lembrar tudo até esse ultimo minuto. Primeiro, a lenta mecanica, a claridade geometrica da visão; depois a subita clarividencia, o relampago prophetico.

“Ai do general que vem ao campo de batalha com um systema (328).” Libertar-se bruscamente do systema, da sciencia, da razão, repellil-os como um fardo inutil, é ainda mais difficil que carregar-os.

“A guerra é uma arte singular; asseguro-lhes que travei sessenta batalhas e nada aprendi que não soubesse desde a primeira (329).” Elle presentira sempre o que o esperava. Esse sentimento interior, esse conhecimento original, antecipando toda experiencia, é precisamente a “previsão magnetica” de que fala Bourrienne, o “conhecimento-lembrança” innato, a *anamnesis* de Platão. Parece realmente que ha milhares de annos, nenhum homem o possuira no mesmo gráo que Napoleão.

“Dir-se-ia que tracei o plano de campanha de Mack. As Forças Caudinas estão em Ulm”, predisse Bonaparte, e tudo se passou segundo essa predicção: dia por dia, quasi hora por hora, Ulm capitulou (330).

O plano de Austerlitz foi executado quasi com tanta precisão: o sol da victoria espalhou os primeiros raios na hora, no instante mesmo que Napoleão lhe ordenara. Á manhã da batalha de Friedland, antes de ter vencido, elle almoça tranquillamente debaixo dos obuzes que lhe sibilam em derredor, e seu rosto resplandece de uma tal alegria que se vê que elle sabe, “recorda” que já vencera. Sim, recorda o futuro, como se fosse o passado.

“A grande arte da batalha é mudar, durante a acção, a linha de operações, e isto é uma idéa minha, absolutamente nova (331).” Isto só é possível se o plano nada possuir de mecanico, sendo perfeitamente organico e permanecendo até o fim modificavel, malleavel no cerebro do chefe, como ferro em fusão no fogo. Nas maiores batalhas, um profundo silencio reinava em torno de Napoleão. “Excepto o barulho do canhão mais ou menos proximo, ouvir-se-ia voar uma mosca no sitio em que elle estava; ninguém tinha coragem de tossir (332)”. Nesse silencio elle ouve a voz interior do seu “demonio-conselheiro”, segundo a expressão de Socrates — sua “previsão magnetica”.

Mas chega enfim o supremo instante em que é preciso “arriscar o todo pelo todo”.

A sorte de uma batalha é o resultado de um instante, de um pensamento, de uma fagulha moral (333). “Uma batalha é sempre uma cousa seria, mas a victoria depende quasi sempre de pouca cousa (334).” Essa “pouca cousa”, é a humilde mascara do destino, “da Eternidade jogando dados como uma criança.” A batalha da Moskowa perdeu-a Napoleão porque estava endefluxado; a de Waterloo, porque a chuva não parou a tempo.

E’ nesse supremo instante que tem lugar a descarga electrica da vontade pela qual o Chefe decide tudo: “Nada de mais difficil e entanto de mais precioso que saber decidir-se (335).”

“Olho-me como o homem mais audacioso em guerra que talvez existisse jamais”, dizia elle simplesmente, sem sombra de fanfarrice, ao acaso de uma conversação (336).

Nelle o que excelle não é a bravura militar, e bem o sentimos quando, em Napoleão, termina o meio-dia da vontade, da acção, e vae começando a meia-noite do sacrificio, do sofrimento. Sente-se então que o sol da coragem é o mesmo nos dois hemispherios.

Para negar que Napoleão seja bravo na guerra, é preciso ser cego. Assim aconteceu com Taine e Tolstoi. Mede-se-lhes o odio pela cegueira. Taine procura mesmo provar que Napoleão é “poltrão”. E muitos “juizes” o acreditaram e alegraram-se: “Elle era poltrão como nós!”

E’ difficil dizer quando Napoleão foi mais bravo. Parece que de Toulon a Waterloo, e mais longe, até Santa-Hele-na, até seu ultimo suspiro, elle o foi egualmente. Para “essa luz que illumina o espirito”, de que fala Goethe, não se extinguiu um instante. Mas foi em Arcole que a França viu pela primeira vez o rosto do joven heróe, rosto tão bello que depois dos tempos dos Epaminondas e dos Leonidas não se tinha visto semelhante.

Em novembro de 1796, a situação do general Bonaparte, commandante em chefe do exercito da Italia, era quasi desesperada. Seu pequeno exercito fundia-se em combates desiguaes: vinte mil homens extenuados lutavam contra sessenta mil homens bem dispostos. Os soccorros esperados da França não chegavam. A flor do exercito, soldados e officiaes, faltava ás fileiras. Os hospitaes estavam entulhados de feridos e de doentes attingidos pela febre putrida dos pantanaes de Mantua. Bonaparte tambem adoecera. Mas o peor é que o exercito se mostrava desencorajado pelo insuccesso do ataque contra as alturas do Caldiero, de onde o marechal austriaco Alvinzi, occupando uma posição inexpugnável, ameaçava Verona que Bonaparte, recuando pela primeira vez na vida, tivera de evacuar em condições quasi humilhantes.

“Cidadãos Directores, escrevia elle então, talvez estejamos em vespas de perder a Italia. Nenhum dos soccorros esperados chegou. Cumpri com o meu dever, o exercito cumpriu com o seu. Tenho a alma lacerada, mas a consciencia em repouso. Soccorro! Enviae-me soccorro!” Sabia que não lh’o enviariam: os Jacobinos, os Realistas e mesmo os Di-

rectores só esperavam uma occasião para comel-o vivo. “Não ha mais esperança, escrevia elle a Josephina, tudo está perdido... Só me resta a coragem (337)”.

“Qualquer outro general em seu logar não pensaria senão em transpor de novo o Mincio, e a Italia estaria perdida”, diz Stendhal, que tomou parte na campanha (338).

Mas Bonaparte não recuou; concebeu uma manobra loucamente audaciosa: avizinhar-se da retaguarda dos austriacos, pelo lado dos pantanos do Adige, quasi inacessiveis, e, surprehendendo o inimigo, obrigar-o a combater em tres pontos estreitos, onde a superioridade do numero não teria importancia e a bravura pessoal dos soldados decidiria de tudo. Para executar essa manobra, era preciso apoderar-se, por um brusco assalto, de um pequeno trecho arborizado, ao fim de um dos diques, na pequena ribeira paludosa de Alpone, perto do villa-rejo de Arcole — a unica communicação da retaguarda inimiga com os pantanos.

A’ noite, no meio de um profundo silencio, o exercito francez sahiu de Verona. A audaz manobra de Bonaparte foi tão apreciada que os feridos vieram reunir-se ao exercito. Insinuando-se na obscuridade pelos diques do Adige, as columnas da vanguarda franceza, sob o commando do general Augereau, aproximaram-se, antes que fosse dia, da ponte de Arcole. Contrariamente á espectativa de Bonaparte, a ponte estava bem defendida: dois batalhões de croatas com a artilharia podiam cobril-o de um fogo de flanco mortifero. Mas era tarde demais para recuar e, aliás, a retirada estava impedida. Estava-se preso numa ratoeira e cumpria perecer.

A primeira columna atacou, e a metralha varreu quasi inteiramente; foi o mesmo com a segunda, a terceira, a quarta. Logo que os homens appareciam na ponte, a metralha os varria. Esses bravos morriam inutilmente. Eram todos rapazes ainda imberbes, “sans-culottes” de noventa e tres, que em seu genero eram, tambem elles, “homens de Plutarcho”. Mas mesmo esses bravos não gostavam de morrer por cousa alguma. Não se podia tomar a ponte mais facilmente que escalar o céu. Quasi todos os chefes mortos ou feridos, e os homens recusavam-se a marchar para o fogo. Então Auge-

reau atirou-se para a frente, a bandeira na mão e, esperando arrastar consigo os soldados, gritou furioso: “Covardes, temeis então a morte?” Mas ninguém o seguiu (339).

Bonaparte accorreu e comprehendeu no primeiro olhar que, se a ponte não fosse tomada, tudo estaria perdido; não seria elle quem surprehenderia Alvinzi, e sim o contrario: ouvindo o barulho dos canhões, os austriacos iam romper fogo do alto das collinas de Caldiero e esmagar, afogar nos pantanos todo o exercito francez. Mas, no mesmo instante, Bonaparte viu o que lhe restava fazer. Desceu do cavallo e apoderou-se da bandeira dos granadeiros. Os homens não comprehendiam ou não ousavam comprehender o que elle ia fazer: olhavam-no sem mexer-se, em silencio.

Vestido de um curto redingote azul, muito simples, quasi sem bordados, com um largo cinto de seda tricolor e uns calções de camurça branca, calçado de pequenas botas forradas de marroquim, era elle magro, esguio, má grado seus vinte e sete annos, como uma rapariga de dezeseis; longas méchas lisas, mal polvilhadas, cahiam-lhe pelas faces cavadas; no rosto uma calma estranha, um ar de meditação profunda, mas nos olhos immensos um insupportavel brilho de metal em fusão; era o rosto de “criança doente” que lhe valera o amor — a “piedade” dos seus soldados.

Não comprehendia de todo o que ia fazer. Brandindo com uma das mãos o trapo sagrado da bandeira e com a outra a espada, voltou-se, gritando: “Soldados! deixastes de ser os vencedores de Lodi?” e precipitou-se para a ponte (340).

Todos se precipitaram atraz delle com um unico pensamento: mais vale morrer que ver morrer a “criança doente”. Os chefes o cercam, cobrem-no com seus corpos. O general Lannes, já ferido duas vezes, protege-o contra a primeira descarga e tomba attingido pela terceira vez. O coronel Muiron protege-o contra a ultima descarga e é morto de encontro ao peito de Bonaparte, manchando-lhe de sangue o rosto.

O furacão da metralha ceifava os homens; apesar disto elles avançaram e chegaram quasi á extremidade da ponte, mas chegados lá, não puderam supportar o fogo á queima-roupa, deram uma reviravolta e fugiram. Os croatas os perse-

guiam, liquidando a golpes de bayoneta os que a metralha poupava.

Bonaparte se conservava sempre na ponte. Granadeiros que fugiam arrebataram-no nos braços e quizeram arrastal-o para longe do alcance do fogo, mas na confusão deixaram-no cahir, sem dar pela cousa. Elle cahiu no pantano, chafurdando na vasa até á cintura; debatia-se e só conseguia afundar-se cada vez mais. Era bello ficar de pé na ponte como um heróe, mas horrivel permanecer na lama como um sapo. Talvez não ouvisse elle, máo grado o tumulto do combate, senão o doce murmurio dos caniços acima de sua cabeça e não visse senão o céu calmo e cinzento; elle tambem se conservava calmo, esperando seu fim: iria ser engulido pelo pantano, golpeado ou feito prisioneiro pelos austriacos? Ou então sabia, "recordava" que seria salvo?

Os austriacos já o tinham ultrapassado uns quarenta passos, mas ainda não o haviam percebido ou reconhecido, com o rosto coberto de lama e do sangue de Muiron. Foi assim que o céu calmo o protegeu. Na ponte elle pereceria fatalmente, enquanto no pantano foi salvo: mais se afundava e mais estava abrigado.

Os granadeiros só se acalmaram ao chegar á margem. Perceberam então que Bonaparte desaparecera. "Onde está elle? Onde está Bonaparte? gritaram elles apavorados. Voltemos, salvemol-o!" Atiraram-se de novo á ponte, varrendo os croatas numa arrancada furiosa, viram Bonaparte chafurdado no pantano quasi até os hombros, chegaram a custo até elle, agarraram-no, suspenderam-no, levaram-no á margem e puzeram-no a cavallo. Estava salvo.

E' difficil comprehender o que se passou depois, como aliás é difficil comprehender sempre o chãos das batalhas. Mesmo os que participam dellas são ás vezes incapazes de narral-as. Uma cousa é certa: a manobra de Bonaparte falhou. A ponte não foi tomada nesse dia, nem no seguinte; só no terceiro dia o general Masséna a atravessou, quasi sem combate, porque os austriacos a tinham abandonado, deslocado que fôra o centro da acção para um outro ponto.

Foi então inútil o heroísmo de Bonaparte? Não, foi útil no mais alto gráo. “Asseguro-vos que era necessario tudo isso para vencer”, escreveu elle a Carnot, falando, de resto, não da sua propria façanha, — parecia tel-a esquecido — mas da de Lannes (341). Sim, era preciso tudo isso para levantar o espirito dos soldados, accender essa “centelha moral” que decide da sorte de uma batalha. A’ descarga de vontade na alma do chefe corresponderiam innumeradas descargas na alma dos soldados. Dir-se-ia que uma fagulha tombada num paiol de polvora o fizera saltar.

Nos tres dias que se seguiram a Arcole, houve taes prodigios que o bravo, firme e sensato Alvinzi perdeu a cabeça, não comprehendendo o que se passava e perguntando-se como os soldados de Bonaparte, tornados bruscamente tão furiosos, conseguiam o impossivel. E, tendo perdido a cabeça, fez tolices: deixou as alturas inexpugnaveis de Caldiero, abandonou Verona, Mantua, toda a Italia: eis o que obteve Bonaparte mettido no pantano. Arcole, as Pyramides, Marengo, Austerlitz, Iéna, Friedland são perolas do mesmo collar. Se o fio se tivesse rompido ali, perto de Arcole, todo o collar se dispersaria.

Alguns momentos antes da morte, Napoleão sonhava com um combate numa ponte — talvez fosse a de Arcole (342). Nesse instante devia elle passar uma outra ponte, mais terrivel. Atravessou-a ou cahiu de novo na palude? Mesmo que tombasse, pouco importa: salvar-se-ia de novo.

“O inimigo foi batido junto de Arcole... Estou um pouco cansado”, escrevia elle a Josephina, não falando mais de seu proprio heroísmo que na missiva a Carnot (343). De resto, não pôde fazer ostentação de sua bravura, talvez porque essa bravura não seja inteiramente aquella que os homens rotulam assim. Se um homem soubesse antecipadamente tudo o que lhe acontecerá até a ultima hora, nem nosso medo humano nem nossa bravura humana existiriam para elle. Ora, era exactamente assim que Napoleão conhecia, e “recordava”, seu futuro. Certo não o sabia elle sempre, mas só em raros momentos, que eram aterrorizantes, mas não de um temor humano, e para sobrepujal-o carecia elle de outra coragem que não a nossa — tambem não humana.

Em taes instantes tinha elle consciencia de sua invulnerabilidade miraculosa. Travou sessenta grandes batalhas e um numero incalculavel de pequenas; teve dezenove cavallos mortos debaixo de si e só foi ferido duas vezes: gravissimamente no cerco de Toulon, em 1793, e levemente em Ratisbonna, em 1809 (344).

Cada batalha é uma especie de jogo de cunho ou corôa do homem com a morte; se se multiplicam as entradas, a probabilidade de ganhar diminue numa progressão geometrica; quando se ganha constantemente, a semelhança do que chamamos “acaso” ou que chamamos “milagre” cresce na mesma progressão. A invulnerabilidade de Napoleão nos combates parece um milagre. Era-lhe necessario esse sentimento de invulnerabilidade para poder jogar, como elle o fazia, com a morte. O marechal Berthier, que estava a seu lado, na linha de fogo, em Essling, gritou, depois de longa impaciencia: “Sire, se Vossa Majestade não se retira, devo fazel-o arrebatrar pelos meus granadeiros (345)!”

Em Arcis-sur-Aube o Imperador alinhava elle proprio a guarda em batalha, num terreno que escarvavam os obuzes; um destes cahiu exactamente na vanguarda de uma companhia e alguns soldados tiveram o movimento de recuo logo dominado; Bonaparte quiz dar-lhes uma lição: atirando o cavallo para cima do projectil fumegante, manteve-o ahi immovel. O obuz rebentou, o cavallo desventurado abateu-se arrastando o cavalleiro e este desapareceu na poeira e na fumaça; mas logo se levantou indemne, montou um outro cavallo e foi indicar posições novas aos outros batalhões (346).

A bravura é tão contagiosa quanto a pusillanimidade. A coragem accendeu-se na coragem como um cirio noutro. Mas para que o exercito inteiro pudesse, como uma floresta de madeira secca, inflamar-se numa unica “centelha moral”, num relampago que decidisse da sorte da batalha,urgia preparar os homens — seccar a floresta. Foi o que elle fez: por um trabalho lento, difficil e longo, predispoz os soldados ao contagio da coragem, ensinou os homens a morrer.

Para bem adestral-os, cabia-lhe viver com elles coração contra coração. E’ assim que elle vive com os soldados e isso lhe é facil; o que ha nelle de infantil, de simples, aproxima-o

dos humildes: “Tu o occultaste aos sabios e o revelaste ás crianças”. Os “sabios”, os “ideologos”, odeiam Napoleão, enquanto os simples o amam. Elle é para elles o maior dos homens e o Pequeno Caporal; elles veneram o grande e lamentam o pequeno.

“Em minhas campanhas tinha o costume de ir ás linhas dos bivaques; collocava-me perto do simples soldado, conversava, ria e brincava com elle. Sempre me ufanei de ser homem do povo (347)”.

Na ilha d’Elba, passava ás vezes seis horas seguidas no quartel, mexendo nas camas, provando a sopa, o vinho, conversando familiarmente com os homens, mostrando-se sempre, segundo seu habito, “severo com os officiaes e benevolente com os inferiores (348)”.

No dia mais amargo e humilhante de sua vida, 7 de junho de 1815, quando renunciou ao poder — a si mesmo, deante de uma camara vil, — esqueceu tudo para pensar nos sapatos dos soldados. Escreveu ao marechal Davoust, ministro da Guerra: “Vi com pesar que os dois regimentos partidos esta manhã tinham só um par de sapatos. Ha tantos no deposito. E’ preciso pôr-lhes dois na mochila e um nos pés (349)”.

Reconhece ou apparenta reconhecer cada soldado; antes da revista, decora as listas de nomes.

A egualdade revolucionaria talvez só fosse realizada, ahi, no exercito napoleonico: “Nunca esses velhos bigodudos ousariam falar ao ultimo de seus alferes como falavam ao chefe temido do exercito (350)”.

No horrivel calor do deserto egypcio, perto das ruinas de Peluse, os soldados cedem-lhe a unica sombra estreita de uma muralha desmoronada, e elle comprehende que lhe fazem “uma immensa concessão (351)”. Paga essa divida no deserto da Syria, quando dá para os feridos e os doentes todos os cavallos, inclusive o seu. Pagão, não esquece o imperativo christão: “Um general deve agir com seus soldados como desejaria que agissem para com elle proprio (352)”. Talvez haja ahi mais que egualdade revolucionaria, quasi fraternidade religiosa. Voltando de Elba e aproximando-se de Grenoble, numa

alta, bebe vinho do mesmo balde e com o mesmo copo onde vinham de beber os velhos bigodudos (353). Bebem juntos, no mesmo vaso, o vinho e sangue.

Quando, em Ratisbona, o Imperador, ferido no pé e pensado ás pressas, voltou ao cavallo e se arremessou ao combate, os homens choravam de enternecimento (354). “O sangue é a alma”: os antigos o sabiam e o povo o sabe ainda. Com o sangue, “a alma do chefe pãssara á de todos os soldados (355)”. O exercito inteiro, desde o ultimo dos soldados até o marechal, não é senão uma unica alma, num só corpo.

Comprehende-se porque “nunca um homem foi servido mais fielmente por suas tropas. A ultima gota de sangue lhe sahiu das veias com o grito de *Viva o Imperador!*” Comprehende-se porque dois granadeiros o protegem com o corpo, junto a São João d’Acre, contra a explosão de uma bomba; porque o general Lannes, duas vezes ferido, se precipita de novo no fogo, na ponte de Arcole, e recebe uma terceira ferida, emquanto o coronel Muiron é morto de encontro ao peito de Bonaparte. Comprehende-se porque o general Vandamme esteja prompto a “passar pelo fundo de uma agulha para ir atirar-se no fogo” pelo Imperador, e que em Lansberg o general de d’Hautpoul, quando Napoleão o abraça em presença de toda a divisão, grite: “Para mostrar-me digno de uma tal honra, é preciso que eu me faça matar por Vossa Majestade” e morra no dia seguinte no campo de batalha de Eylau (356). Em Genappe, o coronel Sourd dicta, emquanto lhe amputam o braço direito, esta carta para o Imperador, que vem de nomeal-o general: “O maior favor que podeis fazer-me é deixar-me coronel de meu regimento de lanceiros que espero conduzir á victoria. Recuso o posto de general. Que o grande Napoleão me perdôe! O posto de coronel é tudo para mim”. Depois, mal collocado o aparelho em seu côto sangrento, elle se põe a cavallo e galopa ao longo da columna para voltar ao regimento (357). Comprehende-se porque o conde de Ségur, durante uma operação cirurgica, pôde vencer a dôr e o medo da morte pelo só pensamento de seu chefe: “Bem morrer é ser digno d’elle (358)!”. E tambem porque um soldado de tres divisas, um velho de Marengo, sentado, as pernas esmigalhadas por um obuz, contra um aterro da estrada, repita em voz

alta e firme: “Não é nada, camaradas, para a frente e viva o Imperador (359)!”

Mas é na batalha de Essling que esse contagio da coragem parece mais maravilhoso.

Quando chega a noticia inesperada de que as pontes do Danubio, que ligam o exercito francez á ilha Lobau, sua base de operação, estão inutilizadas, e as reservas do marechal Davoust isoladas, a situação do exercito numa vasta planura, sem ponto de apoio, sem munições nem reservas, é tão desesperada que no conselho militar todos os marechaes são de opinião que se abandone a ilha e se opere a retirada para a margem direita. O Imperador ouve-os com paciencia, mas decide não recuar. “E’ verdadeiro! E’ justo!” exclama o marechal Masséna, general revolucionario, neto de um curtidor de pelles, antigo contrabandista, antigo logista, ladrão incorrigivel, depredador, larapio de seus proprios soldados, e salvador da França, vencedor de Souvarov, “filho querido da Victoria”. “E’ verdade! E’ justo” repete elle, enthusiasmado, e os olhos mortifcos desse homenzinho magro inflammou-se de um brilho prodigioso. Ah, eis o homem de coragem, o genio digno de nos commandar!” Então Napoleão, tomando-o pelo braço, leva-o a um canto e sussurra-lhe ao ouvido em voz cariciosa: “Masséna, debes defender a ilha de Lobau e concluir o que tão gloriosamente começaste. Só tu podes dominar o archiduque Carlos e retel-o immovel em frente á ilha”. Sim, elle o fará: a alma de Napoleão passara á de Masséna; o bravo se accendera no bravo, como um cirio em outro.

Algumas horas mais tarde, quando a situação é mais desesperada ainda, e chega a ultima, aterrvil noticia de que o marechal Lannes está mortalmente ferido, Napoleão sente-se desamparado; pela primeira vez na vida chora no campo de batalha, parece perder toda a coragem; mas, reanimando-se ainda, manda o general Monthyon dizer a Masséna que faça tudo para defender quatro horas ainda o villarejo de Aspern, o desaguadouro mais importante de Lobau. “Ide dizer ao Imperador, responde Masséna, agarrando o braço de Monthyon e apertando-o com um ardor tão forte que o signal dos dedos ahi fica longo tempo, ide dizer ao Imperador que nenhuma força no mundo me fará recuar daqui e aqui ficarei

quatro horas! vinte e quatro horas! sempre". E ficou. A defesa de Aspern fôra tão heroica que o inimigo não lhe ousou penetrar nas ruínas senão no dia seguinte, muito depois de as vanguardas francezas terem abandonado o villarejo (360).

"Sem mim elle não era nada e, perto de mim, era meu braço direito", dizia Napoleão de Murat (361), e poderia dizer-o de todos os seus marechaes: todos são membros do Chefe. Sim, o exercito inteiro, é um só corpo, uma unica alma. Os mamelucos egypcios de Murad-Bey diziam de Napoleão: O sultão francez é um feiticeiro que conserva os soldados ligados por uma grossa corda branca e, segundo elle puxa de um lado ou doutro, vão elles para a direita ou para a esquerda, movendo-se todos em bloco (362)". Essa "corda branca" é a "magia", a vontade fulgurante do Chefe. "Sire, vós fazeis sempre milagres", dizia ingenua e profundamente o adjunto do "maire" de Mâcon. "Quando elle queria seduzir havia no seu trato uma especie de encantamento de que era impossivel defender-se... Algo como uma possança magnetica. Assim aquelles que elle queria reter se sentiam arrastados, como fôra de si mesmos", diz Ségur em suas memorias (363). Nos minutos de suprema força, elle não commandava como um homem, mas seduzia como uma mulher. Eis o que significa nelle essa "gordura que não é de nosso sexo", essa estranha semelhança com uma "joven belleza" que elle proprio notava, ou então a "velha governanta" da imperatriz Maria Luiza, que enganou o lacaio provinciano. Era uma dessas "brincadeiras" diabolicas que assustavam tanto o supersticioso austriaco: "Maldito feiticeiro e lobishomem feito mulher!"

O deus Dionysos é tambem um lobishomem. Nas "Bacchantes" de Euripedes elle é semelhante a uma mulher, *thely-morphos*, e no "Lycurgo" de Eschylo é um verdadeiro androgyno. Nos mysterios de Eleusis, Dionysos-Iacchos é chamado "natureza dupla", *diphyês*: ha nelle duas naturezas, masculina e feminina. Isto significa que a plenitude divina da personalidade humana reside na união, num sêr unico, das duas metades separadas, dos dois sexos, dos dois contrarios. Virilidade e heroismo no alto e na base feminilidade, sacrificio. Ou seguindo a expressão de Kant: "*Erst Mann und Weib zu-*

sammen machen den Menschen aus, o Homem completo é a união do homem e da mulher". A centelha divina da personalidade humana só se inflamma ao contacto de dois polos — o catodio feminino e o anodio masculino.

Napoleão está mais perto do que suppunha de seu precursor, Alexandre o Grande: este queria ser um segundo Dionysos; ora *Dionysos* significa "filho de Deus" *dio*-deus; *nysos*-filho. Eis por que o velho mutilado do grande Exército, que Léon Bloy conhecera em sua infância, era "incapaz de distinguir Napoleão do Filho de Deus".

O Grande Exército se move todo com uma tal espontaneidade, com uma ordem tão maravilhosa, quando em 1815 o Imperador o atira com um signal da mão para as bordas da Mancha ou as margens do Rheno, que quem pudesse observar do alto esses movimentos acreditaria ver a dansa harmoniosa do côro de Dionysos, conduzido pelo proprio deus.

Esses olhares — esses olhos "de um brilho insupportavel de metal em fusão" — são os olhos de Dionysos.

"Quero que minhas bandeiras sejam reverenciadas com sentimentos religiosos (364)". De que religião se trata?

"De onde vem elle, de onde vem esse clamor? Evohé!" gritam as Bacchantes de Euripedes, reconhecendo a voz do deus invisivel. O mesmo clamor resôa nas palavras de Napoleão: "Quando no forte da batalha, percorrendo as linhas, eu gritava: "Soldados, desenrolae as bandeiras, porque o momento chegou!" era preciso ver os nossos Francezes: elles sapateavam de alegria. Eu os via centuplicarem-se. Nada então me parecia impossivel (365)".

Como as Bacchantes, os homens sapateavam, freneticos, possuidos do deus. "Seus soldados estão malucos", dizia uma testemunha ocular na vespera de Waterloo (366). Esse "frenesi" — *katokkhê* — é nos mysterios dionysiacos o signal da *presença do deus*, evasão do "eu" humano, illusorio, parcial, mortal, para entrar no "eu" divino, real, completo, immortal.

Dionysos é o senhor do extase; tambem Napoleão. Dionysos filho de Semele, mulher mortal, é um homem que se tornou deus; Napoleão tambem. Dionysos é um conquistador-pacificador, e Napoleão, quer unir o Occidente com o

Oriente para fundar um Imperio universal: — o reino da paz eterna. Dionysos é o deus-homem soffredor, e Napoleão em Santa-Helena, Prometheu encadeado, é ainda Dionysos.

“O universo nos contempla... Permaneceremos martyres de uma causa immortal... lutamos aqui contra a oppressão dos deuses, e os votos das nações são por nós”, diz elle como poderia dizel-o Prometheu (367).

Talvez seja lá, em Santa-Helena, que sua coragem seja maior, porque não mais passageira e sim constante.

“Em minha carreira encontrarão, sem duvida, erros; mas Arcole, Rivoli, as Pyramides, Marengo, Austerlitz, Iéna, Friedland, é granito; o dente da inveja não o damnificará (368)”. Não, isso não é mais granito, não é senão fumaça e fantasmagoria, mas, atraz disso, ha o granito eterno — Santa-Helena, Pietra Santa — a coragem eterna.

“Tinham-me enganado dizendo que Napoleão estava velho; mas não está: o patife tem ainda no minimo umas sessenta campanhas no corpo” declarava um velho soldado inglez, vendo o Imperador em Santa-Helena (369). — “Ainda não conto cincoenta annos, diz elle proprio em 1817, e passo bem; restam-me ainda uns trinta annos de vida (370).” Voltando de Moscou e de Leipzig, elle observa: “Espalharam em Paris que meus cabellos embranqueceram, mas estás vendo que não é assim e espero que saberei supportar muito bem outras desgraças (371).” — “Talvez custem a crer, mas não lamento as minhas grandezas; nada sinto do que perdi (372).” — “Creio que a natureza me preparou para os grandes reveses; estes me encontraram com uma alma de marmore, em que o raio não mordeu, limitando-se a escorregar (373).” — “A adversidade faltava á minha carreira. Se eu morresse no throno, nas nuvens da omnipotencia, permaneceria um problema para muita gente; hoje, graças á desventura, poderão julgar-me a nú (374).”

Sua nudez é Santa-Helena; Pietra Santa é sua coragem inabalavel. “Estou firme num rochedo”, diz elle no cimo da grandeza e poderia repetil-o no abysmo da queda (375). Quem, entre os homens, subiu e cahiu como elle? Mas tanto mais profunda é sua queda e tanto mais alta a sua coragem.

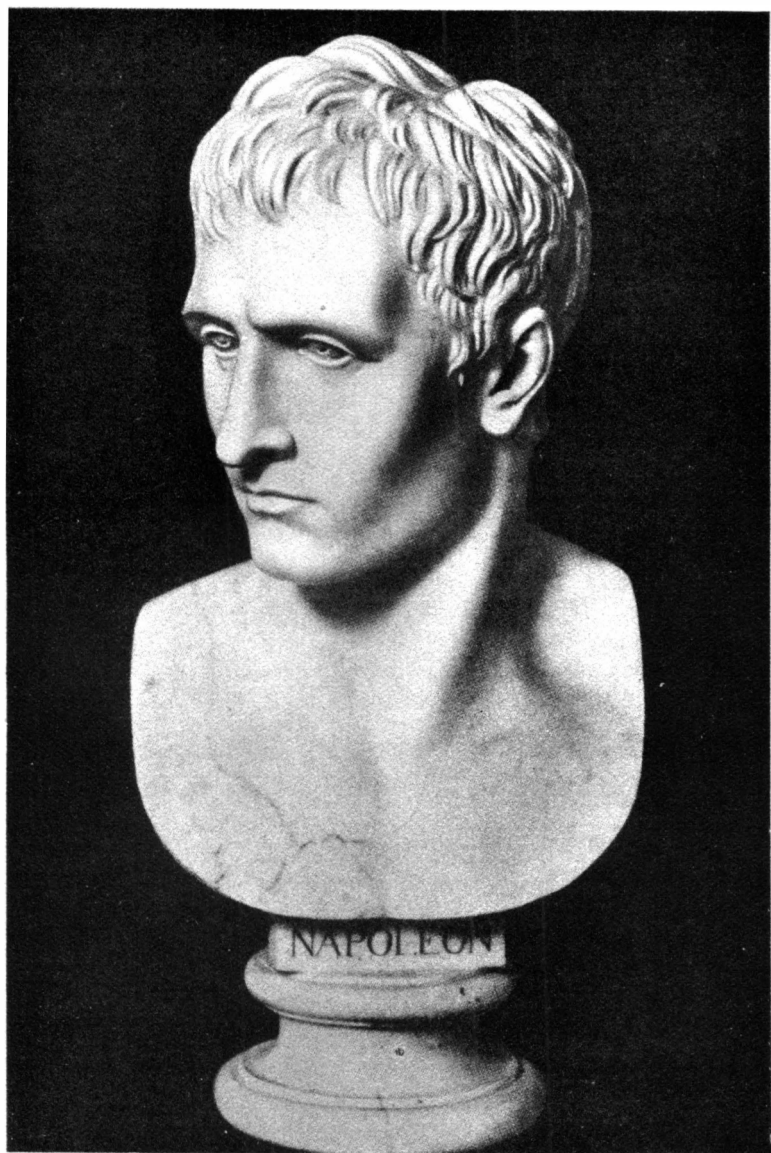


Fig. 5

NAPOLEÃO

(BUSTO DE CANOVA)



MARIA LETIZIA, RAMOLINO, MÃE DE NAPOLEÃO
Fig. 6 (QUADRO DE F. GÉRARD)

Todas as glorias podem apagar-se, excepto esta: elle é *senhor da coragem* (376).

Nisto é elle sempre igual a si mesmo: na generosidade com que dá a vida em Arcole e na avareza com que treme a um erro de vinte centimos, constatado no relatorio do ministro das Finanças, como quando se lembra de uma pitada de tabaco esquecida na tabaqueira que lega ao filho, ha a mesma coragem furiosa e *extatica*. Napoleão é o senhor do extase e da coragem, porque essas duas forças são inseparaveis: o homem deve sahir do seu “eu” mortal e entrar no seu “eu” immortal para attingir essa suprema coragem que vence o medo da morte. “Goza-se bem no perigo”, diz Napoleão (377). Goza-se embebedando-se com o vinho inebriante de Dionysos — o seu “eu” divino, immortal na morte.

Eis porque o nome secreto de Dionysos é *Lyceu, o Libertador*: elle liberta as almas da maior das escravidões — do medo da morte. Aliás, nisso como em tudo, Dionysos não é senão a sombra d'Aquelle que deve vir: “Quem crê em mim não vê nunca a morte”.

Os homens são gratos ao que lhes ensina a viver; mas talvez mais gratos ao que lhes ensina a morrer. Eis porque os soldados de Napoleão lhe guardam tanto reconhecimento e porque “a ultima gota de sangue lhe sae das veias com o grito de: Viva o Imperador!” Elle é realmente aquelle que conduz as almas humanas para a victoria sobre o supremo inimigo — a Morte.

“E’ preciso querer viver e saber morrer”, affirma Napoleão (378). E ainda: “E’ preciso que o soldado saiba morrer (379)”. Todo homem é um soldado que deve combater e vencer o supremo inimigo — a Morte. E’ impossivel? “O Impossivel não passa do fantasma dos timidos e do refugio dos poltrões”, responde Bonaparte. Cada homem, para morrer e resuscitar, deve ser um Napoleão.

Nós todos, pervertidos pelo falso “christianismo”, pensamos mais ou menos, como esse pobre Nietzsche, que ser bom é ser fraco e ser forte é ser máo. Napoleão sabe que não é assim: “Na coragem, na força, consiste a virtude... o homem forte é bom; só o fraco é máo (380)”. Elle o diz no começo

da vida e no fim o repete. “Sêde sempre bravos e bons”, é o testamento que deixa á Velha Guarda, fazendo-lhe seus adeuses em Fontainebleau, depois da abdicação, e é o que poderia legar a toda a Humanidade (381).

“Mostrei á França o que ella pôde; que ella o execute (382).” Elle mostrou á Humanidade o que ella pôde; que ella o execute.

O extase — vinho dionysíaco — baixa actualmente em nossos corações como a agua no poço durante a secca. O “regimen secco” americano reina em toda a Humanidade “christã”. “Sou a verdadeira vinha, e meu Pae o vinhateiro”, isto nós o esquecemos e não bebemos mais de nenhuma vinha. Somos, de resto, “seccos” quanto ao vinho, mas não quanto ao sangue: vimos de ensanguentar o mundo e talvez este. jamos “seccando” agora para nos “molharmos” de novo.

Napoleão tambem derramou sangue, mas não era “secco” como nós: foi o ultimo que provou da vinha de Deus, o ultimo que embebeda e se embebeda.

Dionysos não passa de sombra; o Filho do Homem é o corpo. O corpo não vale mais que a sombra? Sim, mas quando o corpo desaparece, só resta a sombra. O mundo não pôde viver sem o Filho e, se não é de seu corpo, é de sua sombra que elle vive. A sombra do Filho é Napoleão-Dionysos.

A primeira sombra desse mesmo corpo — do Filho — é, dentro da memoria humana, o antigo heróe babilonio, Gilgamés: os nomades de Sennaar o cantavam mil annos antes de Abrahão. Percorrendo toda a terra á procura da Planta da Vida, da Immortalidade, Gilgamés, heróe solar, vence o caminho do sol que vae do Oriente para o Occidente e, mergulhando como o sol no Oceano — o mesmo, parece, onde se engolfou a Atlantida, — elle acha a Planta da Vida. Elle “se assemelha ao espinho e á rosa”; ao espinho do soffrimento, á rosa do amor. Tal é a sabedoria de Dionysos; através do espinho lacerante do amor, para a Rosa inebriante da immortalidade.

Napoleão, ultimo heróe solar, ultimo homem da Atlantida, venceu tambem elle o caminho do sol que leva do hemis-

pherio diurno ao hemispherio nocturno. Tambem elle, como o sol, mergulhou no Oceano e ahi encontrou a mesma Planta da Vida — o espinho lacerante e a Rosa inebriante de Dionysos.

Gilgamés é o primeiro Dionysos. Póde dizer-se do ultimo o que se disse do primeiro, que “viu tudo até os confins do mundo, tudo penetrando e tudo conhecendo, erguendo todos os véos, revelando o que existiu antes do diluvio, percorrendo, no esforço e na dor, uma longa estrada, e gravando em pedra a narração da viagem, tendo dois terços de Deus e um terço de homem (383)”.

VIII

“COMMEDIANTE”

As nuvens passam tão baixo por cima dos rochedos de Santa-Helena que as extremidades adherem a elles como véos brancos de fantasmas.

“A principal occupação de Bonaparte consistia em seguir com o olhar a marcha das nuvens para além dos cimos dessas montanhas gigantescas, vendo-lhes os desenhos estranhos e os contornos transformando-se em pannejamentos fluctuantes em torno aos cumes, a espalhar obscuridade, ou desenrolando-se ao longe sobre o mar; dir-se-ia que elle procurava ler o futuro nessas fórmulas fugitivas e vaporosas (384)”.

Não, o futuro, mas o passado: e elle já sabe que para elle não ha mais futuro; Santa-Helena é o tumulto onde o enterraram vivo, e essas nuvens fugitivas — esses fantasmas — não são para elle senão as visões do passado, os sonhos de toda sua vida.

“Que romance a minha vida!” diz elle aos companheiros de Santa-Helena (385). Que romance! que sonho! que fantasma! que nuvem fugitiva!

“Parece-me algumas vezes que estou morta e só me resta uma faculdade vaga de sentir que o não estou”, repetia Josephina antes de morrer (386). Napoleão em Santa-Helena tambem poderia dizel-o.

“Comtante que isto dure, comtante que isto dure!” resmungou como uma Parca fatidica, em seu mão francez, a mãe de Napoleão, matrona doce e humilde, mãe dos reis, mãe de todas as dores”, ao que ella propria se chamava (387).

Não, isso não durou, passou como uma nuvem. “Letizia tinha a crença sincera de que todos os andaimes levantados pelo filho desabariam (388).”

“Todas as nações tinham necessidade de paz e de repouso, particularmente a França, após tantos annos de agitação, de sacrificio e de sangue derramado, que só lhe davam em resultado uma immensa gloria”, dizia aos marechaes de Napoleão o Imperador russo em 1814, no Paris occupado pelos Allia-dos (389). Apenas uma “immensa gloria” — um fantasma, um sonho, uma nuvem fugitiva!

É assim? Toda a obra de Napoleão desapareceu como um sonho? Não, alguma cousa ficou: a ossatura que poz no corpo da Europa o Código Napoleão, a primeira legislação universal depois da de Roma; ficou a affirmação juridica da personalidade. E se a Europa contemporanea chega a resistir á arrancada da impersonalidade communista, será talvez porque essa espinha dorsal napoleonica ali se encontra solida.

O tataraneto não se lembra mais de seu tataravô, mas elle o recorda ainda pelos traços physionomicos. Assim a Europa de hoje não se lembra mais de Napoleão, mas guarda ainda o perfil napoleonico. É pouco ou muito? Muito, em comparação do que fizeram os outros homens, pouco em comparação do que elle queria e poderia fazer — tão pouco isso lhe parece “quasi nada”. Elle mesmo previra o seu declinio na historia: “Não serei quasi nada (390).”

Sim, elle, o “sêr real entre todos”, não cessa nunca de sentir confusamente que toda sua realidade é illusão, e que é elle que crêa sua vida como o adormecido crêa os sonhos, o artista — as imagens, o musico — os sons.

Só tem necessidade de dominar o mundo porque isso é mais um sonho.

“Amo o poder, mas o amo como artista: como um musico ama o violino. Amo-o para arrancar os sons, os accórdes, harmonia.”

“O mundo como representação, *die Welt als Vorstellung*”. Napoleão teria talvez penetrado o verdadeiro sentido dessas palavras quando, acima dos rochedos de Santa-Helena, subia o velario das nuvens. O mundo é apenas uma “representa-

ção”, um jogo dionysíaco. E elle, Napoleão, é a um tempo o poeta, o actor e o heróe: crêa, representa e morre.

Se é um “monstro”, é de natureza e de envergadura dissemelhante da de Nero; mas, como este, poderia, no momento da morte, clamar: *Qualis artifex pereo!*

Elle crêa o sonho do mundo como o deus Demiurgo; o sonho desaparece, o deus morre “em meio á criação iniciada (391)”.

Commediante! teria gritado, em 1813, o papa Pio VII, o captivo de Fontainebleau, victima do “novo Nero Anti-Christo”, discutindo com o Imperador a segunda Concordata. Parece que é uma simples lenda. Mas o termo, mesmo não sendo authenticico, é profundo: sim, Napoleão é o comediante da Divina Comedia ou da Comedia Humana.

No momento dos preparativos da sagração, o pintor Isabey e o architecto Fontaine levaram-lhe um esboço representando o interior da Notre-Dame, onde devia ter lugar a cerimonia, com uma multidão de bonecos vestidos e numerados. Encantado por esse brinquedo, elle fez logo chamar Josephina, os ministros, os marechaes, os dignitarios e começou o ensaio da comedia da coroação (392).

Durante a retirada da Russia, sabendo que o general Malet, meio doido, tentara derrubar-lhe a dynastia, elle exclamou: “Eis o que é o meu poder!... Basta um só homem para compromettel-o!... Minha corôa está bem pouco segura em minha cabeça para que, na propria capital, um golpe audacioso de tres aventureiros possa fazel-a vacillar (393).”

Sim, na sua cabeça a corôa parece-se com a corôa de papelão de um imperador de bonecos e em seu poder não ha mais a consciencia de um sonho.

Alguns mezes antes, contemplando, do alto do monte da Salvação, Moscou desenrolada em frente, consola-se, depois e antes de terriveis desastres, nesse espectáculo feérico, de uma decoração de theatro. “Nesse immenso e imponente theatro acreditavamos marchar cercados das aclamações de todos os povos (394).” Da antiga Thebas a Moscou, que de immensidades de espaço e de tempo abraça esse sonho gigantesco! Mas para que tudo se dissipe, se volatilize como uma miragem,

basta um ligeiro sopro — esta noticia: “Moscou está deserta (395).” Deserta, vazia como um sonho. E a decoração muda: Moscou reduz-se a um “fantasma que elle vê desvanecer-se nos ares em turbilhões de fumaça e de flammæ (396).” — “Era o espectaculo mais sublime e mais terrificante que vi na vida”, recordava elle em Santa-Helena (397). Lá, entre as ruinas de Moscou incendiada, organiza um Theatro Francez (398) — espectaculo no espectaculo, sonho no sonho — segundo gráo do mundo como representação, não mais o numero, mas o logarithmo do numero.

“O general Bonaparte viu uma Hespanha imaginaria, uma Polonia imaginaria e vê agora uma Santa-Helena imaginaria”, dizia Hudson Lowe (399). Quer dizer: sua vontade de vida, do começo ao fim, só é vontade de sonho. “Toda nossa vida está cercada de sonhos e nós proprios somos feitos da sua vã substancia.” Elle teria comprehendido essas palavras de Prospero; construiu seus sonhos com a substancia do mundo e seu mundo com a substancia dos sonhos. O mais real dos sêres e o mais ideal: taes são suas duas faces e como decidir qual a verdadeira?

Assim, nas pequenas cousas como nas grandes.

“Elle amava bastante tudo o que conduz ao devaneio: Ossian, a penumbra, a musica melancolica. Vi-o apaixonar-se com o murmurio do vento, falar com enthusiasmo dos mugidos do mar, ser tentado algumas vezes a não crer de todo inverosimeis as aparições nocturnas, emfim a ter pendor por certas superstições. Quando, sahindo de seu gabinete, entrava ao anoitecer no salão de madame Bonaparte, acontecia-lhe ás vezes mandar cobrir as vélas com uma gaze branca; prescrevia-nos um profundo silencio e comprazia-se em contar-nos historias de fantasmas, ou então ouvia trechos de musica lentos e doces. Cria-se então vel-o mergulhado num devaneio que cada qual respeitava, sem ousar fazer um movimento nem mudar de logar (400).” Essas vélas, envoltas em gaze, insinuando uma luz de sonho, não annunciam a luz do sol que as nuvens-fantasmas deixam filtrar acima de Santa-Helena?

Um dia elle improvisou e gesticulou a historia fantastica de dois amantes infelizes, Thereza e Julio, na qual se vê

entre outras personalidades um sêr mysterioso, um androgynosibylla, que se assemelha ao proprio Napoleão ou a um Dionysos multiforme (401).

“E Julio enterrou-lhe um punhal no seio!” Acabando assim a historia, elle se aproximou de Josephina, fazendo menção de sacar de um punhal. “A illusão foi tão forte que as damas do sequito se interpuzeram entre elle e a esposa, soltando gritos de terror. Bonaparte, como um actor consummado, proseguia em sua arenga sem se turbar e sem parecer notar o effeito que produzira.” — “Quando elle se abandonava assim á fuga da imaginação era de tal fórma arrastado que tudo o que o cercava desapparecia inteiramente”. Assegurava-se ter elle tomado lições com o grande actor Talma; mas “talvez elle lh’as pudesse dar (402)”.

“Quando Bonaparte dictava as proclamações, sua cabeça se esquentava como a dos improvisadores italianos: estava por assim dizer sobre a tripode (403).”

Logo, tambem lá, nos campos de batalha, elle representa a comedia, improvisa a Historia, como no salão de madame Bonaparte improvisa “historias de fantasmas”; e a fumaça da polvora turbilhona como os vapores do abysmo da Pythia ou as nuvens-fantasmas de Santa-Helena. Elle é um mago, evocador de apparições, ou, como diriam hoje, um encenador de filmes gigantescos, um grande mestre de pittorescos contrastes.

O general Bonaparte, commandante em chefe do exercito do Egypto, dando aos monges do monte Sinai uma salvaguarda “em respeito a Moysés e á nação judaica, dona de uma cosmogonia que nos relembra as épocas mais recuadas”, inscreve seu nome no registro dos visitantes distinctos, em seguida ao nome de Abrahão (404). “Comedia”, “charlatanismo” annuncio luminoso nas nuvens ou signal apocalypticó? Talvez tudo isso a um tempo; talvez se veja elle realmente passar do tempo para a eternidade, da historia para a cosmogonia e o Apocalypse.

E eis ainda outras mascaras da mesma “comedia”. Elle sonha consagrar os lazeres dos velhos dias, em companhia de Maria-Luiza, “a visitar lentamente e como um verdadeiro casal de camponios, com cavallos proprios, todos os recantos do

Imperio, recebendo queixas, reparando erros, semeando por todos os cantos monumentos e beneficios (405)". E' vestir o leão com a pelle de um cordeiro: elle sabe bem que isso não acontecerá nunca, mas talvez quizesse sinceramente cre-lo; talvez esse idyllio burguez fosse verdadeiramente um dos seus sonhos. Nelle o burguez é mais profundo do que parece.

Em recordação dessas palavras memoraveis pronunciadas no campo de batalha de Eylau: "Terrivel espectaculo feito para inspirar aos principes o amor da paz e o horror da guerra", Napoleão encommenda ao pintor Gros o quadro dessa batalha, onde elle é representado de pé no meio dos mortos e dos moribundos, erguendo ao céu os olhos cheios de lagrimas (406).

Andara melhor não encommendendo esse quadro, não representando a "comedia", ao menos nessa circumstancia, mas isso não quer dizer que não sentisse um horror sincero pela guerra.

Detendo o sequito á vista de um comboio de feridos austriacos, gritou descobrindo-se: "Honra e respeito á coragem infeliz (407)!" Talma poderia invejar esse gesto, mas isso não quer dizer que em tal gesto nada houvesse de sincero.

Consola em vãs palavras um pobre rapaz russo, o conde Apraxine, que, feito prisioneiro em Austerlitz, chora como uma criança: "Acalmae-vos, mocinho, e sabei que não ha nunca vergonha em ser vencido por francezes (408)!" Faria melhor em não tentar consolal-o; mas, se Tolstoi ficou indignado com essa "comedia", é porque participava ás vezes elle proprio de uma comedia mais subtil que chamam de "sinceridade".

Sabendo que Josephina era esteril e não querendo por piedade divorciar, propoz-lhe simular uma gravidez, afim de declarar herdeiro o filho que elle teria de outra mulher. Josephina acceita e o projecto apenas fracassa por que Corvisard recusa terminantemente metter-se nesse embuste (409). Aqui, tudo é surpreendente: piedade sincera pela esposa envelhecida, vã puerilidade do artificio, sonho, estranho num tal realista, de fundar sua dynastia com um fantasma; é o extremo limite da "comedia", do "charlatanismo", que nada

póde justificar, nem mesmo explicar, senão isto: se o mundo não passa de sonho, de “representação”, e tudo é illusorio e enganador, que importa uma burla a mais, sobretudo quando o fim é louvavel?

Josephina se queixa de que, “durante todos os annos que passou com elle, não lhe viu nunca um só momento de abandono (410).” É verdade? Talvez seja elle sincero á sua maneira, mas sua sinceridade não é a de Josephina: “Bonaparte é divertido!” declarou ella ao conhecê-lo (411) É preciso ser um passaro das ilhas como Josephina para não sentir que elle não é “divertido”, mas terrivel. Madame Rémusat o sente e, como uma criança, chora de medo.

“Comediante”, “actor” mas não hypocrita; desempenha perpetuamente um papel, mas é o seu proprio e não de outrem: Napoleão desempenha o papel de Napoleão. Nesse sentido, é a sinceridade mesma. Mas esta differe tanto da dos outros que ninguem o crê. “Meus pendores secretos, que são afinal os da natureza, dão-me recursos infinitos para despistar as crenças de todo mundo”. São justamente esses “pendores naturaes” que fazem d'elle uma criatura de outro mundo, um homem de outro ion cosmico, não de 1800 annos depois de Jesus Christo, mas de 18.000 annos antes ou depois de Jesus Christo, — um homem da Atlantida ou do Apocalypse. Para que todo o mundo se engane sobre elle, basta-lhe ser perfeitamente sincero, ser elle proprio. No fundo, não engana ninguem, contenta-se em furtar-se ao olhar de todos afim de que o que nelle ha de maravilhoso, de monstruoso, não espante os homens. É para isso que elle traz uma mascara, e cobre o rosto quando das nuvens do Sinai desce para o povo.

Não engana ninguem; a elle é que todo mundo engana. É provavel que nenhum soberano fosse tanto quanto elle enganado e trahido por seus ministros, seus marechaes, suas mulheres, suas amantes, seus irmãos, suas irmãs, seus inimigos, seus amigos. Por estranho que pareça, elle é simples, ingenuo, é mesmo sincero demais — sincero até o cynismo, como no assassinio do duque d'Enghiem ou nessa feia historia com o rei de Hespanha. Singela, ingenuamente, elle se abandona

primeiro ao imperador Alexandre, esse “grego do Baixo Império”, depois ao sogro, o Imperador da Austria, e enfim aos inglezes. Só comprehende tudo em Santa-Helena: “Paguei bem caro a opinião romanesca e cavalheiresca que formara de vós, senhores inglezes (412)!”

“Essa gente não quer negociar, diz elle a Caulaincourt, em 1814, durante o congresso de Chatillon. Os papeis aqui estão mudados... Esquecem-se elles de minha conducta em Tilsitt... Minha clemencia foi patetice... Um collegial seria mais habil que eu (413).” Talvez percesse elle por ser demasiado “ingenuo”.

A flexibilidade de espinha, “a arte de mudar a manobra (414)”, que possuem com tanta perfeição Talleyrand e Fouché, esses dois repteis, falta-lhe totalmente. “A coragem não se macaqueia, é uma virtude que escapa á hypocrisia (415).” Ora, é sua virtude por excellencia, sua Pietra Santa, sua inflexível columna vertebral.

“Podemos entender-nos”, escreve o Imperador Paulo a Bonaparte Primeiro Consul (416). Pódem elles entender-se porque são ambos “romanescos”, “cavalheiros”, e, ainda que isto pareça discutivel, emulos de dom Quixote. “Napoleão possuia no mais alto gráo a lealdade do campo de batalha e esse politico artificioso era um soldado irreprochavel”, diz Vandal, um dos raros que julgaram equitativamente Napoleão (417).

Como isto lembra pouco o “condottiere” de Taine, o “Principe” de Machiavel, “mescla de leão e de raposa!” Elle é, sim, um mixto de leão e de dragão, uma força leonina carregada nas asas do sonho.

Para elle tudo é illusão, mas isto não quer dizer que tudo seja apenas o “véo de Maya” cobrindo o nada. Napoleão, á maneira de Goethe, é o extremo opposto da sabedoria buddhica — da vontade do nada e da impersonalidade. Goethe e Napoleão são um eterno “sim” contra um eterno “não”. “Tudo o que passa não é senão um symbolo”, diz Goethe, exprimindo o que sente Napoleão; o temporal é unicamente o symbolo do eternal. Quem dorme sonha com o que lhe aconteceu desperto; quem vive no sonho sonha com o que lhe aconteceu e lhe acontecerá na eternidade. O “mundo como representação”

desapparece; fica o “mundo como vontade”. Essa Vontade, Schopenhauer e Buddha a negam, Napoleão e Goethe a affirmam.

Nuvens, sonhos, fantasmas, e acima delles — Santa-Helena, Pietra Santa — o granito eterno. Seu nome visivel, diurno, é “coragem”; seu nome mysterioso, nocturno, é “Destino”.

IX

O DESTINO

“Toda a vida sacrifiquei tudo, tranquillidade, interesse, ventura, ao meu *destino* (418).” Eis a face de Napoleão, sem mascara — sua sinceridade infinita. Quando elle diz “meu destino”, dá-nos a chave da porta fechada, de seu mysterio; mas a chave é pesada demais para nós: a porta permanece fechada e Napoleão continua “desconhecido”.

Que é o destino? “O acaso que governa o mundo”, como elle proprio o crê por vezes (419)? O acaso é um demonio cego? Napoleão, senhor do mundo, será seu escravo? Ou então é qualquer cousa de superior, de clarividente e de concordante, com a vontade do heróe? Talvez elle não tenha reflectido nisto, mas parece que seus pensamentos gravitaram sempre *em torno* desse problema, jamais cessando de perscrutar o abysmo onde se firma para os homens o enigma do Destino. Não contempla a Esphinge rosto a rosto, mas sente a Esphinge olhal-o e sabe que, se elle não decifrar o enigma, o monstro o devorará. O rosto de Edipo deante da Esphinge é grave e o de Napoleão tambem. O traço principal dessa physionomia, o que a distingue de todas as outras physionomias humanas, parece ser a meditação infinita. Mais o estudamos e mais parece que elle medita não sómente sobre si, mas sobre nós todos, sobre toda a Humanidade “christã” que, tendo em sua grande apostasia repellido o jugo clemente do Filho, cahiu sob o jugo de ferro do Destino.

A noite que precedeu a batalha de Iéna, o Imperador foi sózinho aos postos avançados afim de examinar os trabalhos de um caminho que urgia abrir no rochedo para o transporte da artilharia. A noite era negra; não se via a dez passos. No mo-

mento em que elle se aproximava da linha das sentinellas, uma destas, sentindo andar, gritou: “Quem vem lá?” O Imperador estava mergulhado numa meditação tão profunda que não ouviu e continuou a andar. A sentinella atirou. A bala sibilou aos ouvidos do Imperador. Elle se atirou por terra, e fez bem: outras balas passaram-lhe acima da cabeça: toda a linha atirou nelle. Passado esse primeiro fogo, elle se levantou, dirigindo-se ao posto mais proximo e fazendo-se reconhecer (420).

Napoleão cae de rosto para terra, como se se prosternasse elle, o senhor do mundo, deante de um Senhor maior. Quem adora elle assim? É o demonio tenebroso, o Acaso, ou sua radiosa estrella? “Estrella”, o sol nocturno, o Destino? Não era certamente sobre isso que elle meditava tão profundamente um minuto antes e entretanto era *em torno* disto, muito perto disto que iam seus pensamentos, da mesma fôrma que elle se encontrara muito perto da morte.

Alguns dias antes da abdicação e da tentativa de suicidio em Fontainebleau, o Imperador mergulhara em tal meditação que “muitas vezes não percebia que as pessoas que fizera chamar estavam perto delle; olhava-as por assim dizer sem velas e ficava quasi meia hora sem lhes dirigir a palavra. Então, como despertando a custo desse estado de torpor, dirigia-lhes uma pergunta da qual nem parecia ouvir a resposta”. Nada podia romper “esse estado de preocupação por assim dizer lethargico (421).”

Em 1810, logo depois da celebração de seu casamento com Maria Luiza, dando uma noite, no palacio de Compiègne, uma grande recepção á qual assistiam as primeiras personalidades da Europa, ministros, marechaes, embaixadores, principes, reis, archiduques, — Napoleão sae da sala de jogo para o salão. Todo o immenso cortejo se precipita sobre seus passos. “Elle chega ao centro do salão, conta uma testemunha, o general Thiébault, detem-se, cruza os braços no peito, fixa o soalho a seis pés deante delle e não se mexe mais... Apertando-se aos poucos, fôrma-se em torno do Imperador um grandiosissimo circulo, do qual elle occupa o centro numa immobildade que cada qual imita, num silencio que ninguem interrompe. Começaram evitando olhal-o; pouco

a pouco ergueram os olhos a inspecção em derredor. Todos pareciam perguntar-se que jogo de scena se preparava... Depois de cinco, seis, sete, oito minutos, ninguém estava ainda em condições de achar uma saída... Emfim, o marechal Masséna, que estava na primeira fila, avançou a passos lentos. Mal algumas palavras foram proferidas em voz baixa pelo marechal e, sem levantar nem desviar os olhos, sem fazer um movimento, o Imperador articulou em voz trovejante: "Quê tendes a ver com isto?" Intimidado, o marechal, o patriarcha da gloria, o vencedor de Souvarov, "o filho querido da Victória", voltou a seu lugar sem responder e ás recuadas. O Imperador continuou immovel. "Depois, como sahindo de um sonho, ergueu a cabeça, descruzou os braços, atirou um olhar para o que o cercava, voltou-se sem dizer nada a ninguém e reentrou na sala de jogo." Passando deante de Maria Luiza disse-lhe em tom secco: "Vamos, senhora", e dirigiu-se, seguido da esposa, para seus aposentos.

"Tal é o quadro que tenho sem cessar deante dos olhos e do qual procuro embalde a significação", conclue Thiébault. Esta scena parece-lhe uma indigna "charlatanice". "Nunca me senti mais mortificado; nunca o despota me appareceu em Napoleão com tanta arrogancia e impudencia (422)."

O pobre Thiébault está tão mortificado que esquece uma outra das suas impressões sobre Napoleão: "Abeirei-me dos maiores soberanos da Europa e nenhum delles produziu em mim um effeito que se possa comparar ao que experimentei quando cheguei deante desse sêr colossal." Se elle se lembrasse, talvez comprehendesse que, na scena de Compiègne, Napoleão não foi nem um "charlatão" nem um "despota". De onde vem, pois, essa mortificação? Da parte do Imperador ella é de qualquer modo involuntaria; elle não quer mortificar ninguém, mesmo nos instantes em que não vê ninguém e para elle os homens cessam de existir, desapparecem como sombras. Mas não é exactamente isso que os mortifica?

O espanto de Thiébault é tambem o nosso: que é na realidade essa "preoccupação lethargica", essa especie de somno? Elle vê, ouve, age, mas tudo isso exteriormente, enquanto por dentro elle dorme, eterno sonhador, lunatico de seu sol no-

eterno, o Destino; marcha como um somnambulo á borda do precipício; se acordar, cahirá; mas não acorda senão no ultimo passo para o abysmo.

Dorme e o seu coração apenas bate, como num somno lethargico. “Creio que meu coração não bate, nunca o ouvi (423).” — “Dir-se-ia que não tenho coração (424)”, observava elle.

Dorme acordado. Nelle o somno e a vigilia se misturam, se penetram, não só metaphysicamente, interiormente, mas ainda physicamente, exteriormente.

A 24 de dezembro de 1800, indo á Opera, adormece na carruagem e sonha que se está afogando no Tagliamento, pequena ribeira da Italia; a explosão da machina infernal o desperta, a uma pollegada da morte (425).

Dorme tambem, nos campos de batalha, “até durante o combate e ao alcance dos obuzes (426).” Isto é habito nelle (427). Dorme, embalado pelo barulho do canhão, como uma criança no berço. Nos instantes mais decisivos, adormece subitamente, como se fosse para outras bandas, para um rumo desconhecido.

Na vespera de Austerlitz cae num somno tão profundo que custam a acordal-o (428). No mais forte da batalha de Wagram, no momento em que tudo se decide, elle faz estender no chão uma pelle de urso, deita-se em cima e adormece profundamente durante uns vinte minutos; uma vez desperto, continua a dar ordens, como se não tivesse nunca dormido (429). Durante a terrivel evacuação de Leipzig, quando toda a vanguarda de combate desaba, dorme tranquillamente duas horas numa poltrona e só é trazido á realidade pela explosão da ponte no Elster, que cortava a retirada ao exercito para sempre perdido.

Assim na guerra, assim tambem na paz. Trabalha com prazer entre dois somnos. Um isthmo de vigilia entre duas voragens de somno: tal parece ser o genio de Napoleão — sua clarividencia prophetica.

“Que pensar do sonho napoleonico que durou vinte annos, do Vindimiario a Waterloo?” pergunta Léon Bloy. “Só acordou elle no momento de apparecer deante de Deus.” — “Os

maiores desastres e mesmo a queda espantosa não conseguiram despertal-o de todo. Em Santa-Helena, elle continuou seu sonho (430)". E morre dormindo ou acorda morrendo.

"Elle me perguntou qual era, na minha opinião, o meio mais facil de morrer, e observou que a morte pelo frio era a mais commoda de todas, porque se morre dormindo", conta o doutor O'Meara, relatando uma conversação que teve com o Imperador em Santa-Helena.

Foi assim que elle morreu dormindo, entorpecido pelo habito glacial do Destino. "E seu sonho pairava acima do chãos..."

É o "sonho no mar", nas *grandes aguas*. "As aguas que viste são os povos, as tribus e as nações", diz o anjo do Apocalypse. As "grandes aguas" do Occidente são o Atlantico, onde pereceu a Atlantida, onde se deitou o sol da primeira humanidade e o do ultimo "homem da Atlantida", de Napoleão.

Como uma luz mais viva que a nossa resplandece o céu com um verdor mais delicado que o nosso — como na juventude do primeiro mundo verdeja a terra.

"Labyrinthos, jardins, palacios, columnatas..." Architectura titanica dos Atlantes. "Ouvi o rumor das turbas innumeraveis e reconheci physionomias olvidadas..." Faces de uma outra humanidade. "Contemplei criaturas fabulosas..." Criaturas de uma outra criação.

"A feitiçaria", a "magia", é a essencia da Atlantida, e de Napoleão tambem: elle proprio evoca as visões de seu sonho, que é o da humanidade inteira, do começo ao fim da Historia, da Atlantida ao Apocalypse. Eis porque elle o crêa como um mago.

Suas guerras, suas victorias, sua grandeza, sua queda, precipitam-se em seu sonho, em leves flocos de espuma. Sonho prophetico: "Elle tinha uma especie de previsão magnetica dos seus futuros destinos (431)". Presentira sempre o que o esperava. Os homens não vêem o futuro, — elle o via, o conhecia. *recordava-o* como se fosse passado. "Os olhos são meios proporçionaes entre as mãos e os presentimentos, — diz elle, definindo assim seus presentimentos confusos, com a clari-

dade mathematica propria de seu espirito. — A mão diz ao olho: Como pôdes ver a duas leguas? Eu não posso alcançar dois pés. O olho diz ao presentimento: Como pôdes ver no futuro? Eu não posso distinguir além de duas léguas (432).”

No momento mais feliz de sua vida, em 1800, depois de Marengo, elle declara: “Nada me aconteceu ainda que eu não previsse e sou o unico que não se surprehende com o que fiz. Adivinho sempre a sequencia e chegarei de qualquer modo onde pretendo chegar (433)”. Se seu fim era o Imperio universal, elle não o attingiu. Sua estrada é clara, seu fim obscuro; elle sabe o que fará e como o fará, mas ignora por que. “Sinto-me impellido para um objectivo que não conheço (434).” — “Não se pôde crer numa especie de *predestinação* quando se observa que muitas vezes os resultados mais favoraveis são consequencia necessaria de acontecimentos que de inicio o contrariam e parecem afastal-o? Não offerece elle o espectaculo de um homem submettido a uma possança irresistivel, conduzido pela mão como um cego (435)?” Um cego clarividente, “executor fatal de uma vontade desconhecida”.

Antes de Waterloo, o Imperador, nas bordas do Sambre, manhã cedo e por um tempo fresco, aproxima-se do fogo de um bivaque, em companhia de seu ajudante de campo. Uma marmita fervia: eram batatas. Elle pediu uma e começou a comel-a meditativamente. Acabando, proferiu, não sem alguma tristeza, palavras entrecortadas: “Afimal é bom, é supportavel... Com isto poder-se-ia viver bem em qualquer parte... Talvez o instante não esteja longe... *Themistocles!*” E recommçou a andar. “O general ajudante de campo, da bocca do qual recebi essa informação depois da minha volta á Europa, refere Las Cases, ajuntava que, se o Imperador tivesse vencido, essas palavras lhe atravessariam o pensamento sem deixar traço, como tantas outras; mas após a sua catastrophe, e depois da leitura da palavra *Themistocles* na famosa carta ao principe regente, fôra elle ferido pela lembrança do bivaque do Sambre e a expressão, a attitudo, o accento de Napoleão, nessa circumstancia secundaria, o haviam mais que atormentado durante longo tempo e não lhe podiam sahir do espirito (436).”

“Alteza Real, ás voltas com as facções que dividem meu paiz e com a inimizade das maiores potencias da Europa, terminei minha carreira politica, e venho como Themistocles assentar-me á lareira do povo britannico. Ponho-me sob a protecção de suas leis e a reclamo de Vossa Alteza Real, como do mais forte, do mais constante e do mais generoso dos meus inimigos”, escrevia Napoleão de Rochefort, ao Principe Regente da Inglaterra (437).

Logo, na vespera de Waterloo, elle sabia o que faria em Rochefort.

Mais admiravel é que já o soubesse vinte e oito annos antes. Lá por 1787, Bonaparte, com a idade de dezoito annos, começa, em seu caderno de collegial, uma novella epistolar onde se trata do varão de Neuhoff, aventureiro austriaco que se fez proclamar rei da Corsega sob o nome de Theodoro I. Preso pelos inglezes, foi mettido na Torre de Londres e, muitos annos mais tarde, libertado por lord Walpole. “Homens injustos! Quiz contribuir para a felicidade de uma nação. Se triumphasse um momento, vós me admirarieis. A sorte mudou. Estou num cubiculo e vós me desprezaes”, escreve elle a lord Walpole, e este respondeu-lhe: “Soffreis e sois infeliz. São dois titulos para obter a piedade de um inglez (438).” — “Paguei bem caro a opinião romanesca e cavalheiresca que fizera de vós, senhores inglezes.” E’ assim que em Santa-Helena Napoleão parece terminar sua novella inacabada sobre um usurpador da Corsega, prisioneiro dos inglezes (439).

Nesses mesmos cadernos de collegial, copiando na “Geographia Moderna”, do abbade Lacroix passagens sobre as possessões inglezas na Africa, elle escreveu com calligraphia leve, quasi feminina, que tinha então, estas quatro palavras:

Santa-Helena, pequena ilha...

Segue-se uma pagina em branco; começou a escrever e não acabou, “como se alguém lhe prendesse a mão.”

O’Meara perguntou-lhe um dia se era fatalista. “*Sicuro*, tanto quanto os turcos. Sempre o fui. Deve-se obedecer ás ordens do Destino”, respondeu elle (440).

E morrendo, recusa-se a tomar remedios. “O que está escripto está escripto... Nossos dias estão contados”, disse elle levantando os olhos para o céu (441).

“O signal fatidico do céu se repetia na terra, o signal fatidico da terra se repetia no céu”.

Elle teria comprehendido essa antiga sabedoria babylo-nica.

O fatalismo, religião do Destino, o Oriente dos nossos dias o recebeu do antigo Oriente — da Babylonia que talvez ella propria o recebera dessa antiguidade insondavel que o mytho de Platão chama de Atlantida, e o livro da Genese chama de primeira humanidade, a anterior ao Diluvio. A religião do Destino, a “sabedoria das estrellas”, uniu Napoleão a essa antiguidade. Poder-se-ia dizer d'elle, ultimo heróe da humanidade, o que se disse do primeiro — de Gilgamés. “Elle nos transmittiu a mensagem dos dias antigos”.

Homem do Destino, cognominou-o, depois de Marengo, o marechal austriaco Mélas. É um desses profundos logares communs que se tornam sabedoria commun.

“Elle traz um tricornio e um redingote cinzento” e este nome: “O Homem do Destino”.

O Destino não é para elle uma idéa abstracta, mas um sêr vivo que influe em cada um de seus sentimentos, em cada um de seus pensamentos, de suas palavras, em cada um de seus actos, em cada pancada de seu coração. Elle vive no Destino como nós vivemos no espaço e no tempo.

Logo depois da explosão da machina infernal da rua Saint-Nicaise, o Primeiro Consul entra na Opera e, acclamado por dois mil espectadores que ignoram ainda o attentado, sauda-os com um sorriso tão calmo que ninguem lhe adivinha na face que alguns momentos antes elle contornara a morte (442). Não é intrepidez no sentido humano da palavra, não é uma victoria ganha sobre o medo, é a impossibilidade de ter medo. Elle sabe que o Destino o carrega nos braços, como u'a mãe carrega o filho.

Toda a sua vida é um vôo miraculoso emquanto os anjos do destino ou os demonios do acaso o carregam. “Como fui feliz então!” exclama elle, evocando a primeira campanha da

Italia. “Desde então previ o que poderia tornar-me. Via o mundo fugir debaixo de mim como se eu fosse arrebatado nos ares (443)!”

Esse vôo miraculoso continua até a campanha da Russia: “Quem quizer matar-me, matará no maximo meu ajudante de campo. Sinto-me impellido para o objectivo que desconheço. Quando o houver attingido e não for mais util, então um atomo bastará para abater-me; mas até lá todos os esforços humanos nada poderão contra mim. Paris ou o exercito é portanto a mesma cousa. Quando minha hora chegar, uma febre, uma queda de cavallo na caça, me liquidarão tão bem quanto um obuz: os dias estão contados (444).”

Nessa mesma época, ao aproximar-se a campanha da Russia, seu tio o cardeal Fesch, discutindo ardentemente com elle os negocios da Egreja e advertindo-o a não se metter com Deus — os homens deviam bastar-lhe, — Napoleão ouviu em silencio, depois tomou-o bruscamente pela mão, abriu a janella e levou-o a ver o terraço. Era num meio-dia de inverno; através das arvores despojadas do parque de Fontainebleau, o céu de dezembro mostrava-se de um azul pallido. “Olhae lá para cima, disse-lhe elle; vêdes alguma cousa? — Não, não vejo nada, respondeu Fesch. — Olhae bem. — Não, não vejo nada. — Pois bem, procuraes então calar-vos; eu vejo a minha Estrella: ella é que me guia (445).”

Fesch não comprehendeu nunca que a grande Estrella de Napoleão era o Sol.

Se houve um momento na vida em que elle sentiu de subito as mãos que o transportavam abandonal-o, foi em seu zenith, no ponto culminante de seu vôo. Na vespera de Austerlitz, quando já sabia que o sol no dia seguinte se ia levantar “radioso”, disse elle, falando da antiga tragedia grega: “Hoje, que o prestigio da religião pagã não mais existe, é mister que a scena tragica encontre um outro modelo. É a politica que deve ser a grande mola da tragedia moderna... E’ ella que deve substituir em nosso theatro a fatalidade antiga (446).” Para substituir a fatalidade pela vontade humana, pela politica, o homem deve revoltar-se contra a fatalidade.

Desde que Napoleão pensou nisso, sua queda começou; submisso, a fatalidade o elevou; revoltado, ella o derrubou.

Parece que fôï no incio da campanha da Russia que elle sentiu claramente pela primeira vez não mais estar voando, e sim cahindo. Frequentemente o vêem estirado num sofá onde fica muitas horas mergulhado numa meditação profunda; depois sae della de repente, como num sobresalto, em exclamações convulsivas: “Quem me chama?” Então, levanta-se e marcha com agitação: “Não, sem duvida, reconhece elle enfim, nada está solidificado em torno a mim, mesmo dentro de mim, para uma guerra tão distante. É preciso retardal-a tres annos (447)...” Mas sabia que não conseguiria retardal-a, que a começaria, arrastado pelo Destino.

“Falhei contra os russos; mas qual a causa disso? Foram os esforços dos russos que me anniquilaram? Não, a cousa foi devida a verdadeiras fatalidades... Não tinha eu desejo de bater-me, Alexandre egualmente, mas uma vez em presença as circumstancias nos impelliram um para o outro; a fatalidade fez o resto.” Diz isso em Santa-Helena e, “depois de alguns momentos de um silencio profundo e como despertando”, põe-se a falar de bagatelas — da traição de Bernadotte que teria sido a causa principal da sua perda, delle Napoleão (448). Vidente quando dorme, elle é cégo quando acordado.

De Moscou a Leipzig, sente mais e mais nitidamente que a sorte o atraíçoa. “O que augmentava meu supplicio era ver claramente avançar a hora decisiva. A estrella empallidecia, as redeas fugiam-me das mãos e eu nada podia fazer (449).” Como num somno lethargico, elle ouve, vê, sabe tudo e não pôde despertar.

Em Leipzig está de tal modo gasto e fatigado que só a explosão da ponte do Elster pôde tiral-o do torpor (450). Talvez não esteja elle tão “gasto”; talvez pense em outra cousa; talvez o sobrecarregue outro fardo, talvez escute a voz do destino: “Quem me chama?” Só vinte e sete annos depois acabou elle de escrever a pagina que começara por estas palavras:

Santa-Helena, pequena ilha...

“O maravilhoso da minha carreira se achava comprometido... Não era mais a fortuna apegada a meus passos que se comprazia em cumular-me, era o Destino severo ao qual eu arrancava ainda, como á força, alguns favores, mas dos quaes elle se vingava logo. Atravessei a França, fui levado até á capital pelo impulso dos cidadãos e no meio de acclamações universaes; mas apenas cheguei a Paris e, como por uma especie de *magia*, subitamente recuaram, tornaram-se frios em redor de mim”. A magia estava exgotada — o imán desimantado.

“Emfim triumpho no proprio Waterloo, e caio no mesmo instante no abysmo; e todos esses golpes, devo dizel-o, feriram-me mais do que me surprehenderam. Tinha em mim o instinto de um desfecho infeliz, não que isto influísse em nada nas minhas determinações (451).”

“Devia morrer em Waterloo, disse elle em Santa-Helena, com uma perfeita serenidade e mesmo uma especie de alegria. Mas a desgraça quer que quem procura a morte não a encontre. Houve homens mortos em torno a mim, na trenche, atrás, por todos os lados, e nem um obuz para mim (452)!”

Essa invulnerabilidade outróra bemdita, é agora maldita.

“Penso que devo á minha estrella ter sido tão maltratado pelos inglezes e em seguida cahido debaixo da tyrannia do governador cuja conducta é tão infame (453).” Eis para onde o conduziu o Guardião invisivel.

“Quando meu grande carro politico vae em disparada, forçoso é que passe. Ai de quem lhe ficar debaixo das rodas (454)!” Foi elle quem ficou.

Contemplando o céu estrellado, onde resplandece o Cruzeiro do Sul, comprehendeu elle em que carro se arremessara contra o mundo?

Para levar ao sacrificio a victima, coroam-na e amarram-na. Comprehendeu elle que o Destino o corôara e amarrara como uma victima?

“Nunca fui realmente senhor de meus movimentos: nunca fui realmente senhor de mim... fui sempre governado pelas circumstancias; tanto assim que no começo de minha elevação, no Consulado, amigos verdadeiros, meus partidarios ardorosos, me perguntavam ás vezes, com as melhores

intensões, *onde pretendia eu chegar*; e eu respondia sempre que *não sabia*... Mais tarde, no Imperio, muitos olhares pareciam fazer-me ainda a mesma pergunta, e eu poderia dar-lhes a mesma resposta. É que não era senhor de meus actos, porque não commetia a loucura de querer submeter os acontecimentos ao meu systema; ao contrario, ajustei meu systema á contextura imprevista dos acontecimentos e foi isso que me deu muitas vezes a apparencia de mobilidade, de inconsequencia; mas era isso justo (455)?"

"Não sabia onde pretendia chegar". Eis uma estranha confissão na bocca de Bonaparte, o mais sensato dos homens. Crê-se ouvil-o repetir a phrase immortal. de Goethe: "Napoleão vivia todo concentrado numa idéa, mas não conseguia apprehendel-a pela consciencia."

Mais eis uma confissão mais estranha ainda: "Não tenho vontade. Mais se é poderoso e menos se deve ter vontade; tudo depende dos acontecimentos e das circumstancias (456)." — Napoleão, homem de uma vontade infinita, não tem vontade. A grandeza de um heróe — sua grandeza — elle a mede pela renuncia á vontade. Senhor do mundo na apparencia, elle é na realidade seu escravo. "Declaro-me o mais escravo dos homens; meu senhor não tem entranhas, é a natureza das cousas (457)." Simplesmente, humildemente, elle diz: "A natureza das cousas", "as circumstancias", para não empregar levemente o nome santo e terrivel do Destino.

Renuncia, humildade, submissão, sacrificio — tudo o que deveria parecer-lhe estranho, é-lhe, na realidade, familiarissimo. "Que tua vontade e não a minha seja feita", elle não pôde dizel-o, como um filho falando ao Pae, porque não conhece nem o Pae, nem o filho; mas parece que, em sua humildade deante do Conductor da face velada, a sombra do Filho desceu sobre elle.

"Homem bebado de Deus", disseram de Spinoza; poder-se-ia dizer de Napoleão: "Homem bebado do Destino".

"Deus m'a concedeu, ai de quem a toque!" exclamou elle, collocando na cabeça, em Milão, a corôa de ferro dos reis lombardos (458). Invocava Deus para os outros, mas em si mesmo poderia dizer: "O Destino m'a concedeu".

Eis porque seu rosto está coberto de tal melancolia, ou, o que é mais profundo que toda tristeza humana, de uma meditação não humana: é o sello do Destino.

“A primeira vez que vi Bonaparte nas Tulherias, conta Rœderer, disse-lhe, considerando as velhas e escuras tapeçarias e a obscuridade dos aposentos: “Isto é triste, general! — Sim, respondeu elle, como o poder (459).” — “Bonaparte na guerra, em suas proclamações, tem sempre qualquer cousa de melancolico (460).” Até no fogo da acção, guarda uma tristeza, uma preocupação que nada consegue dissipar.

“Não fui feito para o prazer”, reconhecia elle num tom melancolico. “Aborrece-me a natureza humana. Tenho necessidade de solidão. As grandezas entediam-mé. A gloria é insipida. Aos vinte e nove annos exgotei tudo”, exclama elle no momento mais feliz da sua vida, durante a campanha do Egypto (461). Já é “soffrimento universal”. Dir-se-ia que, elle o primeiro, entreabriu essa porta da noite eterna, por onde o frio dos espaços infinitos invade nossa morada.

“Napoleão ria raramente; quando ria, era aos arrancos”, diz Fain (462). “Aquelle que lançou um olhar no antro prophetic de Trophonius, não rirá nunca mais”, pensavam os antigos.

“Sempre só no meio dos homens, fecho-me para sonhar commigo mesmo e abandonar-me a toda vivacidade da minha melancolia. Para que lado se voltou ella hoje? Para o lado da morte”, escreve em seu jornal, aos desesete annos, o alferes Bonaparte, no miseravel quarto de Valença. E, no cimo da grandeza, o Imperador Napoleão carrega no peito um saquitel com veneno. O pensamento do suicidio acompanha-o a vida toda, ainda que elle soubesse, recordasse, que não se mataria nunca. Esse pensamento do suicidio não lhe é inspirado pelas desgraças interiores, mas porque, cansado de dormir o “somno lethargico” da vida, elle quer enfim acordar, seja mesmo na morte.

“Seu espirito inquieto procura sempre a agitação, dizia-lhe Josephina. Forte para desejar, fraco para gozar, só a ti proprio não pudeste vencer (463)”.

“Por que condemnaste Gilgamés a não ter jamais repouso? Por que lhe dêste um coração sempre inquieto?” pergunta a Deus a mãe do herói. Como Gilgamés, Napoleão é o *amigo da tristeza*.

Não é sua propria vontade que o impelle; alguém o atirou, como se atira uma pedra. “Sou uma parcella de rochedo atirado no espaço (464).” Em nosso mundo, elle não faz senão continuar a parabola infinita começada num outro, lá de onde elle foi atirado, e atravessa nossa esphera terrestre como um meteoro.

A 8 de agosto de 1769, sete dias antes do nascimento de Napoleão, appareceu um cometa que o astronomo Missier encontrou no observatorio de Paris; sua cauda, que brilhava com fulgor magnifico, attingiu no mez de setembro sessenta grãos de comprimento, e elle se aproximava progressivamente do sol, até que enfim desapareceu em seus raios como se se tornasse tambem sol — fundindo-se na grande Estrella de Napoleão.

Em 1821, nos primeiros dias de fevereiro, tres mezes antes de sua morte, outro cometa appareceu por cima de Santa-Helena. “Este cometa de 1821, escreve o astronomo Faye, foi descoberto em Paris, a 11 de janeiro, e tornou-se visivel, a olho nú, em fevereiro, com uma cauda de sete grãos de comprimento. Foi observado na Europa e mesmo, de 21 de abril a 3 de maio, em Valparaíso”, isto é, nos dois hemispherios, em todo o Atlantico — esurda suprema de Napoleão.

“Os criados contam que observaram um cometa para o lado do Oriente”, nota em seu jornal o doutor Antommarchi, a 12 de abril de 1821. “Cheguei no meio da perturbação que essa noticia produziu em Bonaparte. “Um cometa! exclamou o Imperador emocionado. Foi o signal precursor da morte de Cesar... Tudo me annuncia que estou no fim.” — “A 5 de maio, dia da morte de Napoleão, declara o mesmo astronomo Faye, o cometa devia ser ainda visivel com uma luneta, na ilha de Santa-Helena, afastando-se mais e mais da terra (465)”.

“Deploro esse infeliz! — escreveu em 1791 Bonaparte, joven alferes ainda desconhecido, falando do homem de genio, de si mesmo. — Será a admiração e a inveja de seus seme-

lhantes e o mais miseravel de todos. *Os homens de genio são meteoros destinados a arder para illuminar seu seculo* (466)."

Arder, morrer, ser uma victima, tal é sua parte — isto elle o sabe desde o começo da vida e o sabe melhor ainda no fim, em Santa-Helena, sob a constellação do Cruzeiro: "Jesus Christo não seria Deus se não tivesse morrido na cruz." Mas esse conhecimento é obscuro para elle, como o sol para os cégos: elles não lhe vêem a luz e só lhe sentem o calor — o mesmo acontece com Bonaparte.

Na ilha da Gorgona elle sacrificava ao deus Sol; em Santa-Helena elle proprio é que é sacrificado. A quem? Elle não o sabe, mas crê que é ao Destino.

O Sol faz empallidecer sua Estrella. Mas o que é esse Sol elle não o sabe melhor e crê tambem que é o Destino.

Os antigos chamavam "Destino" o que nós chamamos de "lei da natureza", de "necessidade". A essencia de ambos é a morte, o anniquilamento da personalidade, porque a natureza é tão impessoal quanto a fatalidade. Era preciso escolher entre a vida e a morte, entre o jugo clemente do Filho e o jugo de ferro do Destino. Escolhemos o ultimo e somos victimas d'elle, como o foi Napoleão, nosso ultimo heróe, o maior de nós todos e "o mais miseravel".

Dir-se-ia que seu sonho prophetico é comparavel ao de Jacob: "Jacob ficou sózinho, e alguém lutou com elle, até o nascer da aurora. E vendo que Elle não podia vencel-o, disse-lhe: Deixa-me ir, porque a aurora nasce. Mas Jacob respondeu: Não Te deixarei ir sem que me abenções".

O christianismo venceu? É uma pergunta impia. Deve-se perguntar: nossa humanidade christã, européa venceu? Será ella salva com o Christo ou, tal uma segunda Atlantida, perecerá sem elle? Essa pergunta nos foi feita por Napoleão, "o homem da Atlantida".

Elle é o ultimo heróe do Occidente.

"Chegados ao occidente do sol, e percebendo a luz da tarde, nós celebramos o Pae, o Filho e o Espirito — Deus!" cantavam os christãos dos primeiros seculos; nós não celebramos mais ninguem ao contemplar a luz vespéral do Occi-

dente que aureola de um nimbo de gloria nosso ultimo heróe. A luz da tarde está atraz delle: eis porque sua face é tão enigmatica, tão invisivel, tão desconhecida para nós, e porque á medida que a luz se extingue, ella se torna mais e mais enigmatica, mais e mais desconhecida. Mas talvez não foi em vão que elle se voltou para o Oriente; o sol nascente do Filho o illuminará com o seu primeiro raio, e então nós o veremos e o conheceremos.

Sim, só depois de ter aprendido o que é o Filho do Homem, é que saberemos o que é Napoleão, o Homem.

NOTA DA PRIMEIRA PARTE

NAPOLÉON, O HOMEM

- (1) — Stendhal, *Vie de Napoléon, Fragments*, Paris, Calmann-Lévy, p. 2.
- (2) — Léon Bloy, *L'Âme de Napoléon*, Paris, *Mercur* de France, 1920, p. 7.
- (3) — Thiébauld, *Mémoires*, Paris, Plon, 1893, t. IV, p. 259.
- (4) — *Er hatte kein grosseres Erlebniss, als jenes ens realisimum.*
- (5) — Goethe.
- (6) — Mme. de Stael, *Révolution Française*, t. III, cap. XXVI; t. IV, cap. XVIII.
- (7) — Napoléon *Manuscrite inédits*, 1786 - 1791.
- (8) — Madame de Rémusat, *Mémoires*, t. II, p. 112.
- (9) — Madame de Rémusat, *Mémoires*, t. I., p. 335.
- (10) — *Mémorial*, t. III, p. 341.
- (11) — *Mémorial*, t. II, p. 35.
- (12) — O'Meara, *Napoléon en exil*, Paris, Garnier, t. II, p. 6.
- (13) — Gourgaud, t. II, p. 13.
- (14) — Madame de Rémusat, I, p. 125.
- (15) — Chuquet, *La jeunesse de Napoléon*, Paris, Armand Colin, t. II.
- (16) — *Mémorial*, I, p. 308.
- (17) — *Décours de Napoléon à la Chambre pendant les Cent Jours*, H. Housaye, 1815, Paris, Perrin, t. III, p. 73.
- (18) — Manzoni.
- (19) — Taine, *Les Origines*, IX, *Le Régime moderne*, t. I, Paris, Hachette.
- (20) — Taine, ps. 5, 49, 142, 20, 141, 129, 76.
- (21) — *Mémorial*, III, p. 265.
- (22) — Bourrienne, t. V, p. 435.
- (23) — J. Bertaut, *Napoléon Bonaparte, Virilité*, Paris, E. Sansot, p. 169.
- (24) — Arthur-Lévy, *Napoléon intime*, Paris, Nelson, p. 562.
- (25) — Tolstoi, *Articles sur la campagne de 1812*, *Supplément à Guerre e Paz*.
- (26) — L. Bloy, ps. 8 - 10.
- (27) — L. Bloy, p. 98.
- (28) — L. Bloy, p. 24.
- (29) — Taine, p. 141.
- (30) — *Mémorial*, III, p. 370.
- (31) — *Mémorial*, III, p. 451.
- (32) — *Mémorial*, II, p. 42.
- (33) — *Mémorial*, III, p. 357.
- (34) — Taine, p. 105.
- (35) — O'Meara, I, p. 200.
- (36) — Ségur, *Histoire et Mémoires*, Paris, Firmin-Didot, t. V., ps. 309-310.

- (37) — Lacour-Gayet, *Napoléon*, Paris, Hachette, p. 478.
- (38) — Lacour-Gayet, p. 503; *Mémorial*, IV, p. 163.
- (39) — Lacour-Gayet, p. 481; *Mémorial*, I, p. 415.
- (40) — Thiébault, V, p. 277.
- (41) — Houssaye, 1815, III, p. 356.
- (42) — Houssaye, 1815, III, p. 165.
- (43) — Ségur, II, p. 461; Constant, *Mémoires*, Paris, Garnier, t. II, p. 22.
- (44) — Lacour-Gayet, p. 248.
- (45) — Lacour-Gayet, p. 207.
- (46) — Lacour-Gayet, p. 531; Houssaye, 1815, I, p. 57.
- (47) — Thiébault, V, ps. 294-295.
- (48) — Heine, *Os dois granadeiros*.
- (49) — L. Bloy, p. 42.
- (50) — Arthur-Lévy, p. 399.
- (51) — *Mémorial*, IV, p. 640.
- (52) — Gourgaud, II, p. 272.
- (53) — O'Meara, II, p. 246.
- (54) — Ségur, V, p. 36.
- (55) — Ségur, V, p. 37.
- (56) — Madame de Rémusat, I, p. 338.
- (57) — Lacour-Gayet, p. 177.
- (58) — Lacour-Gayet, p. 393.
- (59) — *Mémorial*, I, p. 148.
- (60) — Houssaye, 1815, I, p. 512.
- (61) — Lacour-Gayet, p. 505.
- (62) — Houssaye, I, p. 605.
- (63) — Boussaye, III, p. 194.
- (64) — Thibaudeau, *Mémoires*, Plon, Paris, 1913, p. 376.
- (65) — *Mémorial*, II, p. 34; IV, p. 214.
- (66) — *Mémorial*, III, p. 395.
- (67) — Arthur-Lévy, p. 5; Bourrienne, I, p. 33.
- (68) — Madame de Rémusat, III, p. 356.
- (69) — H. R. Holland, *Souvenirs des Cours de France, d'Espagne, de Prusse et de Russie*, Paris, Firmin-Didot, 1862, ps. 193 - 194.
- (70) — Røderer, *Journal*, Paris, Daragon, 1909, p. 20.
- (71) — Chequet, II, p. 15; Røderer, p. 20.
- (72) — *Mémorial*, III, p. 395.
- (73) — *Mémorial*, II, p. 244.
- (74) — *Mémorial*, IV, p. 43.
- (75) — *Mémorial*, II, p. 107.
- (76) — *Mémorial*, IV, p. 243.
- (77) — O'Meara, II, p. 6.
- (78) — Madame de Rémusat, III, p. 153.
- (79) — Røderer, p. 240.
- (80) — *Mémorial*, II, p. 245.
- (81) — *Mémorial*, I, p. 308.
- (82) — Antommarchi, II, p. 107.
- (83) — *Mémorial*, I, p. 308.
- (84) — O'Meara, I, p. 178.
- (85) — O'Meara, I, p. 178.
- (86) — Ségur, V, p. 46; *Mémorial*, III, p. 295.
- (87) — Ségur, V, p. 46.
- (88) — Ségur, V, p. 47.
- (89) — *Mémorial*, II, p. 118.
- (90) — *Mémorial*, II, p. 39.
- (91) — O'Meara, I, p. 358.
- (92) — O'Meara, I, p. 358.
- (93) — *Mémorial*, III, p. 370.
- (94) — Zedlitz, *La revue notturne*.
- (95) — Taine, p. 120; Metternich, *Mémoires*, II, p. 378.
- (96) — Taine, p. 124; Metternich, II, p. 304.
- (97) — *Mémorial*, II, p. 43.
- (98) — Røderer, p. 174.

- (99) — *Mémorial*, II, p. 245.
(100) — *Mémorial*, IV, p. 152.
(101) — *Mémorial*, III, p. 297.
(102) — *Mémorial*, IV, p. 153.
(103) — *Mémorial*, III ps. 297. 298.
(104) — *Mémorial*, IV, p. 211.
(105) — *Mémorial*, IV, p. 153.
(106) — *Mémorial*, I, ps. 530-531.
(107) — *Mémorial*, IV, p. 157.
(108) — *Mémorial*, IV, ps. 115-116.
(109) — Gourgaud, II, p. 345.
(110) — Gourgaud, II, p. 170.
(111) — Gourgaud, II, p. 345.
(112) — Madame de Rémusat, I, p. 104.
(113) — Madame de Rémusat, III, p. 204.
(114) — Ræderer, p. 240.
(115) — Houssaye, 1815, I, p. 605.
(116) — Ségur, IV, p. 70.
(117) — Thiébault, III, p. 395.
(118) — Madame de Rémusat, III, p. 200.
(119) — Ræderer, p. 240.
(120) — A. Baibier, *Jambes, La Cavale*.
(121) — Bourrienne, I, p. 230.
(122) — Bourrienne, I, p. 230.
(123) — *Mémorial*, II, ps. 84-85.
(124) — Lacour-Gayet, p. 458.
(125) — Abbé de Pradt, *Histoire de l'Ambassade dans le Grand-Duché de Varsovie*.
(126) — Marmont, *Mémoires*, III, p. 337.
(127) — *Mémorial*, IV, ps. 157-158.
(128) — Madame de Rémusat, I, p. 274.
(129) — Madame de Rémusat, III, p. 332.
(130) — Gourgaud, II, p. 435.
(131) — *Mémorial*, IV, p. 50.
(132) — Marmont, II, p. 242.
(133) — Abbé de Pradt, p. 219.
(134) — Pasquier, *Mémoires*, Paris, Plon, 1914, t. I, p. 160.
(135) — Pasquier, t. I. p. 161.
(136) — Napoleão, *Manuscripts inédits*, ps. 7-10.
(137) — *Mémorial*, III, p. 250.
(138) — Lacour-Gayet, p. 447.
(139) — Lacour-Gayet, p. 219.
(140) — *Mémorial*, III, p. 248.
(141) — *Mémorial*, III, p. 248.
(142) — *Mémorial*, III, p. 258.
(143) — *Mémorial*, III, p. 254.
(144) — L. Bloy, p. 150.
(145) — Lacour-Gayet, p. 455.
(146) — *Mémorial*, III, p. 173.
(147) — Bourrienne, II, p. 142.
(148) — Napoléon, der ganz in der Idee lebte, konnte sie doch im Bewusstsein nicht erfassen; er leugnet alles Ideelle durchaus und spricht ihm jede Wirklichkeit ab, indessen er eifrig es zu verwirklichen trachtet.
(149) — Taine, p. 18.
(150) — *Manuscripts inédits*, ps. 556, 562, 566.
(151) — Gourgaud, II, p. 435.
(152) — Antommarchi, I, ps. 134, 135.
(153) — *Mémorial*, III, p. 154.
(154) — Ségur, I, ps. 453-454.
(155) — Vandal, *L'avènement de Bonaparte*, Paris, Plon, II, p. 13.
(156) — Ræderer, p. 19.
(157) — J. Bertaut, p. 158.
(158) — Antommarchi, II, p. 91.
(159) — Chuquet, II, p. 32.
(160) — Gourgaud, I, ps. 441, 409; II, p. 270; I, p. 408.
(161) — *Mémorial*, III, p. 246.

- (162) — O'Meara, I, p. 182.
 (163) — Antommarchi, I, p. 217.
 (164) — Gourgaud, I, p. 440.
 (165) — Bourrienne, II, p. 148.
 (166) — *Mémorial*, III, p. 76.
 (167) — Bertaut, p. 76.
 (168) — O'Meara, II, p. 39.
 (169) — F. Masson, *Napoléon à Sainte-Hélène*, Paris, Albin Michel, ps. 434-478.
 (170) — *Manuscrits inédits*, ps. 5-6.
 (171) — Ségur, IV, p. 386.
 (172) — *Manuscrits inédits*, ps. 381-389.
 (173) — Gourgaud, I, p. 434.
 (174) — Madame de Rémusat, I, p. 112.
 (175) — Lacour-Gayet, p. 209.
 (176) — Madame de Rémusat, I, ps. 103-104.
 (177) — Lacour-Gayet, p. 368.
 (178) — Madame de Rémusat, I, p. 278.
 (179) — Lacour-Gayet, p. 209.
 (180) — Duchesse d'Abrantès, *Mémoires*, Paris, Albin Michel, I, p. 15.
 (181) — Lacour-Gayet, p. 72; Madame de Rémusat, I, p. 274.
 (182) — Bertaut, p. 170.
 (183) — Gourgaud, I, p. 346.
 (184) — Røderer, p. 165.
 (185) — *Mémorial*, IV, p. 160.
 (186) — Bourrienne, IV, p. 389.
 (187) — *Mémorial*, IV, p. 160.
 (188) — Houssaye, 1815, I, p. 302.
 (189) — *Mémorial*, IV, p. 140.
 (190) — Ségur, IV, p. 76.
 (191) — Lacroix, *Histoire de Napoléon*, Paris, Garnier, p. 250.
 (192) — Taine, p. 21.
 (193) — Taine, p. 25; Røderer, p. 235.
 (194) — Tutchev.
 (195) — Taine, p. 83.
 (196) — Madame de Rémusat, I, ps. 100-101.
 (197) — Houssaye, 1815, II, p. 322.
 (198) — Platão, *O Banquete*.
 (199) — *Mémorial*, II, p. 88.
 (200) — Arthur-Lévy, p. 339.
 (201) — *Mémorial*, III, p. 513.
 (202) — Madame de Rémusat, III, p. 61.
 (203) — Antommarchi, I, p. 2125.
 (204) — Charles de Clary, *Trois mois à Paris*, p. 83.
 (205) — Madame de Rémusat, III, p. 333; I, p. 106; III, p. 9.
 (206) — Fain, *Mémoires*, Paris, Plon, 1909, p. 291.
 (207) — Bourrienne, II, p. 150.
 (208) — Vandal, *Napoléon et Alexandre Ier.*, Paris, Plon, II, p. 256.
 (209) — *Mémorial*, II, p. 361.
 (210) — Madame de Rémusat, I, ps. 106-108.
 (211) — Madame de Rémusat, III, p. 61.
 (212) — Pasquier, I, ps. 357-358.
 (213) — Madame de Rémusat, ps. 117-118.
 (214) — *Mémorial*, IV, p. 82.
 (215) — *Mémorial*, IV, p. 255.
 (216) — O'Meara, I, p. 313.
 (217) — O'Meara, II, p. 6.
 (218) — Lacour-Gayet, p. 160.
 (219) — Ségur, II, p. 252.
 (220) — *Mémorial*, IV, ps. 263-266.
 (221) — Pasquier, I, p. 192.
 (222) — Pasquier, I, ps. 184-187; Lacour-Gayet, p. 165.
 (223) — Pasquier, I, p. 194.
 (224) — Lacour-Gayet, p. 165.
 (225) — Ségur, II, p. 269.
 (226) — Ségur, II, p. 274.

- (227) — Ségur, II, p. 265.
 (228) — Madame de Rémusat, I, ps. 337, 389, 390.
 (229) — Madame de Rémusat, III, p. 273.
 (230) — Lacour-Gayet, p. 441.
 (231) — *Mémorial*, IV, ps. 260-262.
 (232) — O'Meara, I, p. 314.
 (233) — *Mémorial*, IV, p. 267.
 (234) — Pasquier, I, p. 196.
 (235) — Holland, p. 169.
 (236) — O'Meara, I, p. 17; *Mémorial*, I, p. 305; Abell B. Balcome), *Souvenirs*, Plon, 1898, p. 62.
 (237) — Bourrienne, I, 373
 O'Meara II, p. 210.
 (238) — Bourrienne, I, p. 369.
 (239) — Houssaye, 1815, III, p. 356.
 (240) — O'Meara, II, p. 363.
 (241) — Ræderer, p. 246.
 (242) — Fournier, III, p. 233.
 (243) — Fain, ps. 253, 254, 257.
 (244) — Ségur, IV, p. 403; Constant, IV, p. 350.
 (245) — Houssaye, 1815, II, p. 229.
 (246) — *Mémorial*, I, p. 312.
 (247) — Marbot, *Mémoires*, II, ps. 203-210; Ségur, III, ps. 358-360; *Mémorial*, III, p. 222; Constant, III, p. 388.
 (248) — Ségur, III, p. 169.
 (249) — Houssaye, 1815, III, p. 41.
 (250) — Fain, p. 291.
 (251) — Fain, p. 301.
 (252) — *Mémorial*, IV, ps. 243, 244.
 (253) — *Mémorial*, I, p. 272.
 (254) — *Mémorial*, I, p. 274.
 (255) — Bertaut, p. 49.
 (256) — Holland, p. 198.
 (257) — *Mémorial*, IV, ps. 658-659, 642.
 (258) — Fain, p. 95.
 (259) — Constant, I, p. 7.
 (260) — Constant, IV, p. 201.
 (261) — Constant, I, p. 708; Taine, p. 65.
 (262) — O'Meara, I, p. 217.
 (263) — Madame de Rémusat, I, p. 119; Taine, p. 55 (nota).
 (264) — Arthur-Lévy, p. 320.
 (265) — Abell, ps. 13, 108.
 (266) — *Mémorial*, I, p. 315.
 (267) — Vandal, *L'Avènement de Bonaparte*, I, p. 261.
 (268) — Gourgand, II, p. 109.
 (269) — Arthur-Lévy, p. 494; Ségur, II, p. 25.
 (270) — Taine, p. 41 (nota).
 (271) — Abbade de Pradt, p. 94; Taine, p. 92 (nota).
 (272) — Lacour-Gayet, p. 117.
 (273) — Lacour-Gayet, p. 340.
 (274) — Ræderer, p. 246.
 (275) — Chuquet, I, p. 228.
 (276) — Holland, p. 200.
 (277) — Houssaye, 1815, III, p. 215.
 (278) — Antommarchi, I, p. 263.
 (279) — Antommarchi, I, ps. 301. 302.
 (280) — *Mémorial*, IV, p. 107.
 (281) — Madame de Rémusat, ps. 268, 103.
 (282) — Arthur-Lévy, p. 447.
 (283) — Antommarchi, I, p. 335.
 (284) — Ségur, I, p. 198.
 (285) — Houssaye, 1815, I, p. 616.
 (286) — Bourrienne, II, p. 287; Arthur-Lévy, p. 488.
 (287) — *Mémorial*, III, p. 523.
 (288) — Ræderer, ps. 250-251.
 (289) — Fain, ps. 77-78.
 (290) — Lacour-Gayet, p. 375.
 (291) — Arthur-Lévy, p. 494.
 (292) — *Mémorial*, III, p. 549.
 (293) — Ræderer, ps. 95-96.

- (294) — Pradt, p. X, p. 5;
Taine, p. 31.
- (295) — Taine, p. 32.
- (296) — Pelet de Lozère, *Opinions de Napoléon au Conseil*, p. 8; Taine, p. 32.
- (297) — Gourgaud, II, p. 450.
- (298) — O'Meara, I, p. 292.
- (299) — Røderer, I, p. 96.
- (300) — Arthur-Lévy, ps. 511-512.
- (301) — Taine, p. 32.
- (302) — *Mémorial*, III, p. 145.
- (303) — Vandal, II, p. 387.
- (304) — Madame de Rémusat, I, p. 124.
- (305) — Antommarchi, I, p. 216.
- (306) — Fain, p. 192.
- (307) — Constant, I, p. 309.
- (308) — Fain, p. 115.
- (309) — Houssaye, 1815, I, p. 153.
- (310) — *Mémorial*, I, p. 296; Ségur, III, p. 308; Fain, p. 290.
- (311) — Ségur, I, p. 255.
- (312) — Fain, p. 290.
- (313) — Bourrienne, III, p. 438.
- (314) — Bourrienne, III, p. 438.
- (315) — Fain, p. 57.
- (316) — *Mémorial*, III, p. 145.
- (317) — Arthur-Lévy, p. 418.
- (318) — Lacour-Gayet, p. 367; *Mémorial*, II, p. 147.
- (319) — *Mémorial*, IV, ps. 649-650.
- (320) — *Mémorial*, III, p. 514.
- (321) — *Mémorial*, I, p. 273.
- (322) — Lacour-Gayet, p. 471; Ségur, IV, p. 371.
- (323) — J. Bertaut, p. 182.
- (324) — Bertaut, p. 45.
- (325) — Gourgaud, II, p. 460.
- (326) — Bertaut, p. 166.
- (327) — Røderer, p. 4.
- (328) — Bertaut, p. 163.
- (329) — Gourgaud, II, p. 424.
- (330) — Lacour-Gayet, p. 242.
- (331) — Gourgaud, II, p. 460.
- (332) — Stendhal, p. 194.
- (333) — *Mémorial*, I, p. 314.
- (334) — Gourgaud, II, p. 467.
- (335) — *Mémorial*, I, p. 316.
- (336) — *Memorial*, IV, p. 144.
- (337) — Ségur, I, ps. 292, 291.
- (338) — Stendhal, p. 219.
- (339) — Lacroix, p. 194.
- (340) — Ségur, p. 300.
- (341) — Ségur, I, p. 308.
- (342) — Antommarchi, II, p. 110.
- (343) — Masson, *Madame Bonaparte*, p. 91; Bourrienne, I, p. 72.
- (344) — O'Meara, II, p. 304.
- (345) — Constant, III, p. 167.
- (346) — Houssaye, 1814, p. 302.
- (347) — O'Meara, II, p. 328.
- (348) — Houssaye, 1815, I, p. 153.
- (349) — Houssaye, 1815, I, p. 618.
- (350) — Arthur-Lévy, p. 279.
- (351) — *Mémorial*, I, p. 171.
- (352) — O'Meara, I, p. 311.
- (353) — Houssaye, 1815, I, p. 244.
- (354) — Ségur, III, p. 326; Constant, III, p. 99.
- (355) — *Mémorial*, III, p. 222.
- (356) — Marbot, II, p. 16.
- (357) — Houssaye, 1815, II, p. 271.
- (358) — Ségur, III, p. 285.
- (359) — Houssaye, 1815, II, p. 402.
- (360) — Ségur, III, ps. 351-359; Marbot, III, p. 200.
- (361) — O'Meara, II, p. 180.
- (362) — Lacroix, p. 250.
- (363) — Ségur, IV, p. 76.
- (364) — Lacour-Gayet, p. 200.
- (365) — Lacour-Gayet, p. 201; *Mémorial*, IV, p. 244.
- (366) — Houssaye, 1815, t. II, p. 82.

- (367) — *Mémorial*, I, p. 309.
 (368) — Lacour-Gayet, p. 575.
 (369) — *Mémorial*, II, p. 140.
 (370) — Gourgaud, II, p. 346.
 (371) — *Mémorial*, I, p. 297.
 (372) — *Mémorial*, III, p. 267.
 (373) — *Mémorial*, IV, p. 243.
 (374) — *Mémorial*, I, p. 310.
 (375) — Røderer, p. 212.
 (376) — Bertaut, p. 170.
 (377) — Ségur, II, p. 457.
 (378) — Thiébault, IV, p. 250.
 (379) — Napoleão, *Manuscrits inédits*, p. 541.
 (380) — Bourrienne, V, p. 428.
 (381) — Bourrienne, V, 428.
 (382) — Bertaut, 193.
 (383) — Merejkovsky, *Les mystères de l'Orient*, Paris, 1927, ps. 309-311.
 (384) — Abell, p. 112.
 (385) — *Mémorial*, III, p. 649.
 (386) — Lacour-Gayet, p. 360.
 (387) — Lacour-Gayet, p. 287.
 (388) — Stendhal, p. 5.
 (389) — Macdonald. *Souvenirs*, ed. 1910, p. 280.
 (390) — Gourgaud, II, p. 163.
 (391) — Maikov, *Trois morts*.
 (392) — Constant, IV, p. 326; Lacour-Gayet, p. 186.
 (393) — Lacour-Gayet, p. 471; Masson, *Napoléon et son fils*, p. 238; Masson, *Josephine*, p. 296.
 (394) — Ségur, V, p. 30.
 (395) — Ségur, V, p. 34.
 (396) — Ségur, V, p. 47.
 (397) — O'Meara, I, p. 181.
 (398) — Ségur, V, p. 71.
 (399) — Gourgaud, I, p. 182; *Mémorial*, II, p. 319.
 (400) — Madame de Rémusat, I, p. 102.
 (401) — Bourrienne, III, p. 499.
 (402) — Bourrienne, III, ps. 513, 509.
 (403) — Bourrienne, IV, p. 181.
 (404) — Bourrienne, I, p. 326.
 (405) — *Mémorial*, III, p. 298.
 (406) — Madame de Rémusat, III, p. 115.
 (407) — *Mémorial*, IV, p. 197.
 (408) — Ségur, II, p. 471.
 (409) — Madame de Rémusat, II, p. 59; Lacour-Gayet, p. 353.
 (410) — Constant, I, p. 280.
 (411) — Lacour-Gayet, p. 344.
 (412) — O'Meara, I, p. 363.
 (413) — Arthur-Lévy, p. 341.
 (414) — Thibaudeau, p. 455.
 (415) — J. Bertaut, p. 181.
 (416) — *Mémorial*, IV, p. 149.
 (417) — Vandal, *Napoléon et Alexandre 1er*, II, p. 164.
 (418) — Masson, *Le Sacre de Napoléon*, p. V.
 (419) — *Memorial*, IV, p. 254.
 (420) — Constant, II, p. 56.
 (421) — Constant, IV, p. 245.
 (422) — Thiébault, IV, ps. 390-393.
 (423) — O'Meara, I, p. 152; Constant, I, p. 340.
 (424) — Gourgaud.
 (425) — Lacour-Gayet, p. 145.
 (426) — *Mémorial*, II, p. 60.
 (427) — Bertaut, p. 181; Ségur, II, p. 72.
 (428) — Ségur, II, p. 460.
 (429) — Ségur, III, p. 380.
 (430) — L. Eloy, ps. 95, 97, 232.
 (431) — Bourrienne, IV, p. 389.
 (432) — Gourgaud, II, p. 362.
 (433) — Miot de Melito, *Mémoires*, 1880, I, p. 239.
 (434) — Ségur, IV, p. 74.
 (435) — Maimont, II, p. 42.
 (436) — *Mémorial*, IV, p. 162.
 (437) — Houssaye, 1815, p. 393; *Mémorial*, I, p. 20.
 (438) — Napoleão, *Manuscrits inédits*, p. 33.
 (439) — O'Meara, I, p. 363.

- | | |
|--|--|
| <p>(440) — O'Meara, I, p. 185.
 (441) — O'Meara, II, p. 334.
 (442) — Abrantès, II, p. 53.
 (443) — Gourgaud, II, p. 54.
 (444) — Ségur, I, p. 74.
 (445) — Ségur, IV, p. 81; Mar-
 mont, III, p. 340.
 (446) — Ségur, II, p. 457.
 (447) — Ségur, IV, p. 87.
 (448) — <i>Mémorial</i>, IV, ps. 158-
 159.
 (449) — <i>Mémorial</i>, III, p. 355.
 (450) — Ségur, VI, p. 181.
 (451) — <i>Mémorial</i>, IV, ps. 160-
 161.
 (452) — O'Meara, II, p. 191.
 (453) — O'Meara, p. 350.
 (454) — Madame de Rémusat,
 III, p. 390.</p> | <p>(455) — <i>Mémorial</i>, IV, ps. 151-
 152.
 (456) — Masson, <i>Le Sacre</i>, p. V.
 (457) — Arthur-Lévy, p. 491.
 (458) — Bourrienne, III, p.
 448; Lacour-Gayet, p.
 199.
 (459) — Røderer, p. 84.
 (460) — Røderer, p. 85.
 (461) — Masson, <i>Madame Bona-
 parte</i>, p. 140.
 (462) — Fain, p. 287.
 (463) — Ségur, IV, p. 79.
 (464) — <i>Mémorial</i>, III, p. 266.
 (465) — Antommarchi, II, p. 54.
 (466) — <i>Manuscrits inédits</i>, p.
 567.</p> |
|--|--|

SEGUNDA PARTE

A SUA VIDA E A SUA HISTORIA

A vida de Napoleão é semelhante ao curso do sol:

1769-1795. Do nascimento ao Vindimiario. — A AURORA.

1795-1799. Do Vindimiario ao 18 Brumario. — O SOL-
LEVANTE.

1799-1807. Do 18 Brumario a Tilsitt. — MEIO-DIA.

1807-1812. De Tilsitt a Moscou. — A TARDE.

1812-1815. De Moscou a Waterloo. — O POENTE.

1815-1821. De Waterloo até a morte. — A NOITE.

A AURORA

I

A INFANCIA

(1769-1779)

“Eis uma genealogia tão ridícula quanto banal. As pesquisas são pueris; bem fácil é a resposta aos que perguntem de que época data a casa dos Bonaparte: data do 18 Brumario. E não seria talvez impertinente e uma falta de respeito para com o Imperador dar importancia a indagações sobre o que foram seus ancestraes? Soldado, magistrado e soberano, elle deve tudo á sua espada e ao amor do seu povo”. Esta nota, inspirada provavelmente pelo proprio Napoleão, appareceu no “Monitor” de 25 Messidor anno XIII (14 de julho de 1805), seis mezes depois da coroação do Imperador. “Isto é que é falar como um grande homem”, exclamava a esse proposito uma mulher de espirito (1).

“Não vi nunca um só dos meus pergaminhos. Ficaram elles sempre nas mãos de meu irmão José, o genealogista da familia”, dizia rindo o soberano (2). “Sou desses homens que são tudo por si mesmos e nada por seus avós (3)”.

Os Buona-Parte são uma nobre e antiquissima familia toscana de Treviso e de Florença, da qual os genealogistas, talvez muito zelosos, fazem remontar a origem ao começo do decimo seculo. Um dos Buona-Parte teria participado da primeira cruzada. Na segunda metade do seculo XIII, o patricio florentino Guilhermè Buonaparte ter-se-ia mesclado á luta dos Guelfos e Gibelinos, sendo declarado rebelde e expulso para sempre de Florença. Veio habitar em Sarzana, pequena cidade isolada da Republica de Genova, onde a fa-

milia exilada arrastou, durante dois seculos e meio, uma existencia mediocre, occupando empregos de tabelliães, syndicos e membros do Conselho dos Anciãos. Emfim, em 1529, o ultimo rebento do galho sarzanez, Francisco, estabeleceu-se na Corsega, em Ajaccio.

Foi lá que, conservando o nobre titulo de patricios florentinos, mas definitivamente decahidos, os descendentes dessa familia, como é tradição entre os gentis-homens, viviam, numa digna e chocha ociosidade, das magras rendas de alguns retalhos de terra, bosques de oliveiras, vinhas, e de rebanhos de carneiros e cabras.

Napoleão é, por sua hereditariedade, um condottiere do seculo XVI retardado, um homem da raça dos Malatesta, dos Sforza, dos Colleone, “um bandido de genio”: esta hypothese de Taine é ainda hoje commummente aceita (4). Ora, não houve um unico condottiere na familia de Napoleão, havendo, inversamente, o “bemaventurado” Boaventura (5). Basta lembral-o para que a hypothese de Taine se esborê: porque, com effeito, o sangue de um “bandido” inexistente sobrepujaria, nas veias de Napoleão, o sangue de um santo que realmente existiu?

Carlos Bonaparte, o caçula da familia, pae de Napoleão, era bello, vistoso, de estatura desenvolta — “homem bello e alto como Murat”, declarava mais tarde a viuva (6). Perfeito cavalleiro, galante com as damas, cheio de ardor, verboso como um advogado italiano, amigo de Voltaire, autor de versos impios e de madrigaes, defensor habil, pedinte dotado de uma infatigavel perseverança para requestar a benignidade dos magnatas em destaque, não lhe faltava intelligencia, mas era leviano, frivolo e, segundo conceito de Napoleão, “muito amigo do prazer para occupar-se dos filhos” (7). Meio criança elle proprio, mimava-os demais e defendia-os quando a progenitora, mais severa, os reprehendia.

Formou-se na Universidade de Pisa, e foi nomeado assessor na jurisdicção real franceza de Ajaccio.

Parece que, além de seu nome, Napoleão não herdou do pae senão o bello oval do rosto, os olhos azues e cinzentos e uma terrivel molestia — o cancer no estomago. E’ esse um

novo golpe desferido na hypothese de Taine: para Napoleão a hereditariedade do lado dos Bonaparte é quasi sem importancia; muito mais recebeu o filho do lado materno que do paterno.

Em 1764, Carlos Bonaparte desposou a filha do inspector geral de pontes e calçadas de Ajaccio, Maria Letizia Ramolino, que pertencia á familia de Pietra Santa, egualmente em declínio, mas bastante antiga, sahida, diziam, dos condes soberanos da Lombardia. O marido tinha dezoito annos e a mulher quatorze: na Corsega os gentis-homens pobres sentiam pressa de desembaraçar-se das filhas para alliviar os encargos domesticos.

A “signora” Letizia era famosa pela belleza, mesmo numa região onde ha tantas mulheres formosas. Um retrato que fizeram della na juventude chegou até nós (8). O encanto desse rosto de mysterioso sorriso, a um tempo meigo e severo, recorda Monna Lisa Gioconda, ou então essas deusas etruscas cujas estatuas, encontradas nos tumulos antigos da Toscana, possuem a mesma expressão. Dir-se-ia que dessa antiguidade immemorial é que tivera para nós o sorriso da segunda Gioconda, da Sibylla etrusca, mãe de Bonaparte.

“A especie humana conta com duas grandes virtudes que nunca se respeitarão demais: a coragem no homem, e o pudor na mulher”, affirma Napoleão, pensando evidentemente em sua mãe (9). Bem sabe elle que o homem corajoso nasce da mulher pudica.

“Uma Cornelia rustica”, é assim que o heróe corso Paoli define Letizia. Até o fim da vida, a mãe do Imperador, como todas as mulheres corsas, mesmo de nobre origem, pouco se distinguia de uma camponeza. Ler, escrever, contar um bocado, tal a sua sciencia. Não aprendeu sequer a falar francez correctamente: estropiava as palavras com rudeza comica, á maneira italiana. Sua toilette, quando ella assistia as magnificas recepções das Tulherias, era simples, quasi pobre; seu gosto da economia confinava com a avareza. “Dizem que sou uma grosseirona, mas deixo dizer... Basta que eu tenha sempre cem mil francos á disposição de um dos meus rapazes. Quem sabe lá? Talvez algum dia fiquem elles bem contentes

com esse peculio.” Ella enthesourava, accumulava para os mãos dias, e, quando estes chegaram, promptificou-se a vender tudo, até a ultima camisa, por Napoleão (10).

“Minha excellente mãe é uma mulher de alma e de muito talento, assegurava este. Tem um caracter masculino, ativo, saturado de honra. É a minha mãe que devo minha fortuna e tudo o que tenho feito de bom: penso que a boa ou má conducta futura de um filho dependem inteiramente da progenitora” (11).

Letizia sabia quem era o filho. Pronunciando as palavras á sua maneira, costumava dizer-lhe: “Sois uma maravilha, um phenomeno, qualquer cousa de extraordinario, de indefinivel”. Ante o ingenuo entusiasmo daquella que o puzera no mundo, Napoleão retorquia: “Senhora Letizia, tambem a senhora me vem lisonjear?” — Lisonjear-vos, eu? Vós não fazeis justiça a vossa mãe. As mães não lisonjêam os filhos. É bom que o conheças, senhor; em publico, eu vos trato com todo respeito possivel, porque figuro entre os vossos subditos, mas em particular sou vossa mãe e sois meu filho, e assim quando dizeis: Eu quero, não tenho duvida em responder-vos: Mas eu não quero. Tenho caracter e orgulho (12)”.

Em Santa-Helena, elle se recordava ainda “das lições de altivez que recebera na infancia e que tinham agido nelle a vida toda (13)”. Como, em 1793, durante o Terror na Corsega, propuzessem a Letizia abandonar os amigos vencidos afim de salvar sua fortuna, senão mesmo sua vida e a dos filhos, ella respondeu, num tom de verdadeira Cornelia, que não conhecia duas leis, que ella, os filhos, a familia, não conheciam senão a lei do dever e da honra (14).

“Muito dedicado me tendes sido, dizia Napoleão, pouco tempo antes de morrer, ao doutor Antommarchi. Nada vos fatiga quando é necessario alliviar-me, mas tudo isso não é a solicitude materna. Ah, mamã Letizia, mamã Letizia!” E cobriu a cabeça com as mãos (15).

Um anno antes do nascimento de Napoleão, houve na Corsega um levante contra os francezes, aos quaes a ilha vinha de ser vendida pelos genovezes, seus oppressores seculares. O velho “babbo” Pascale Paoli, metteu-se á frente



JOSEPHINA BEAUHARNAIS, A PRIMEIRA ESPOSA
DE NAPOLEÃO

Fig. 7.

(QUADRO DE P. PROUD'HON)



A IMPERATRIZ JOSEPHINA BEAUHARNAIS
Fig. 8 (QUADRO DE F. GÉRAUD)

dos sediciosos e Carlos Bonaparte ligou-se a elles. Letizia, apenas com dezoito annos e grávida de seis mezes do segundo filho, Napoleão — o primeiro fôra José, — acompanhou o marido nessa guerra difficil e perigosa. “As perdas, as privações, as fadigas, ella tudo supportou, affrontou tudo. Era uma cabeça de homem num corpo de mulher (16)”.

Nas montanhas selvagens e nas espessas florestas, ora a cavallo, ora a pé, trepando pelos rochedos abruptos, abrindo caminho através de charnecas e mattagaes espinhentos, atravessando as ribeiras no váo, ouvindo sempre as balas sibillarem-lhe em torno, carregava uma criança nos braços e outra no ventre, e nada temia.

Uma vez, quasi se afogou no Liamone. O váo era profundo; seu cavallo perdeu pé e foi arrastado pela corrente rapida. Os companheiros de Letizia, tomados de medo, atiraram-se a nado para correr-lhe em soccorro, gritando-lhe que se jogasse tambem nagua e que iriam salvar-a. Mas a amazona intrepida se fixou melhor na sella e manobrou tão bem o cavallo que attingiu lepidamente a outra margem. Foi talvez desde então que ella transmittiu ao futuro Imperador sua maravilhosa coragem, a firmeza da Pedra Sagrada — Pietra Santa.

Nada temia por si. Ella carregava o filho em formação com a mesma serenidade com que carregava o outro que lhe vagia nos braços. Votara-o á Virgem Santa e estava segura de que esta o protegeria.

No dia da suprema derrota dos patriotas corsos em Ponte-Novo, “signora” Letizia sentiu o rebento agitar-se-lhe com impaciencia, saltar-lhe no ventre “como se aspirasse, antes de nascer, ás lutas da guerra (17)”.

A guerra era bastante desigual. Os francezes tinham levado á Corsega innumeraveis tropas. Depois da derrota definitiva de Ponte-Novo e da fuga de Paoli, Carlos Bonaparte comprehendeu que era “a luta do pote de barro contra o pote de ferro”, e resolveu submeter-se aos francezes, obtendo delles um salvo-conducto e voltando com a mulher a Ajaccio (18).

Em 15 de agosto de 1769, dia da Assumpção, Letizia, dirigindo-se á egreja, sentiu dores tão violentas que teve de regressar á casa, mas sem poder chegar ao seu quarto; deixou-se cahir num canapé duro e incommodo, de encosto rigido, e pôz facilmente no mundo o segundo filho, Napoleão.

A mãe não tinha leite, e deram o menino a uma nutriz, Camilla Ilari, mulher de um marinheiro de Ajaccio, a qual desandou a amar Napoleão mais que a seus proprios filhos. De seu lado, elle conservou por ella, durante a vida toda, a affeição mais terna.

Em Santa-Helena, pouco antes da morte, evocava elle os dias da infancia na Corsega: “Via-se em meio aos precipicios, galgando cimos elevados, descendo valles profundos, transpondo gargantas estreitas, recebendo as honras e os prazeres da hospitalidade, visitando parentes cujas brigas e vinganças se estendiam até um grão longinquo. Tudo ahi era delicioso. O proprio cheiro da terra faria com que a reconhecessem de olhos fechados. Não reencontrou isso em parte alguma (19)”.

O “espírito da Terra” entrou nelle com esse aroma e só sahio com o ultimo suspiro; o que nós chamamos o “genio de Napoleão”, é esse espirito da Terra.

Que é a Corsega? “Um mundo ainda no cháos, uma tempestade de montanhas que separam ravinas estreitas onde rolam torrentes; nem uma planicie, mas immensas vagas de granitos e gigantescas ondulações de terra cobertas de “maquis” ou de altas florestas de castanheiros e pinheiros. É um sólo virgem, inculto, deserto, ainda que ás vezes se perceba um villarejo, semelhante a uma agglomeração de rochedos no alto de um monte. Nada de cultura, nenhuma industria, nenhuma arte. Não se encontra nunca um pedaço de pão trabalhado, um blóco de pedra esculpido. Nenhuma lembrança do gosto infantil ou requintado dos avoengos pelas cousas graciosas e bellas. E’ isso mesmo que fere mais forte nesse paiz soberbo e rude: a indifferença hereditaria por essa pesquisa de fórmias seductoras que chamam arte (20)”.

“Os insulares — dizia Napoleão — têm sempre qualquer cousa de original, pelo isolamento que os preserva das

irrupções e da perpetua mescla que o continente supporta (21)".

"Ilha" significa "isolamento" e "isolamento" significa "força". Isto Napoleão o sabia melhor que ninguém.

Dir-se-ia que por uma dupla defesa — a altura das montanhas e a amplitude das aguas — a propria Virgem Santa defendeu a Ilha bem-amada contra nossa impureza, contra o "progresso", a "civilização". Tudo ahi é selvagem, virgem, deserto, innocente, intacto, não maculado pelo homem; tudo tal qual sahiu das mãos do Creador. Os sentimentos dos homens são puros e frescos como as fontes que irrompem directamente da espessura dos rochedos. É a antiguidade immemorial, — a juventude do mundo. As cabras soltam bali-dos, as abelhas zumbem, como nos dias edenicós em que a cabra Amalthéa aleitava o deus menino, em que as abelhas o nutriam do mel que tinham recolhido nas montanhas. O mesmo sol, o mesmo mar, os mesmos rochedos: tudo é exactamente como no primeiro dia da creação e assim ficará até o ultimo dia do mundo.

Eis a principal, a unica educadora de Napoleão: a Terra Mãe. A montanha ensinou-lhe o orgulho — o sol, a ternura — o mar, a frescura. E mamã Letizia não fez senão repetir e explicar a lição.

"Eu era brigião, buliçoso, não temia a ninguem, contava elle. Batia neste, arranhava aquelle, tornava-me detestavel para todos. Meu irmão José era aquelle com quem eu implicava mais. Batia-lhe, mordia-o, azucrinava-o... É bem verdade que mamã Letizia reprimia meus instinctos bellicosos... Sua ternura era severa; ella punia e recompensava indistinctamente; tudo ella sabia julgar; o mal e o bem (22)".

Um dia elle recusou obstinadamente ir á missa, e só depois que a mãe lhe deu um tabefe comprehendeu que os meninos bem educados devem frequentar a egreja. De outra feita, quiz acompanhá-la numa visita; ella recusou. Estando já muito longe de casa, num atalho difficil, ella voltou-se e viu que o menino a seguia; correu a elle e esbofeteou-o com tanto vigor que elle cahiu por terra e rolou pela rampa; conseguiu levantar-se, a chorar e a esfregar os olhos com as duas mãos;

mamã Letizia, sem dar-lhe maior importancia, continuou o caminho (23). Ella sabia o que fazia: toda a severidade era pouca para domar o pequeno bandido.

“Sempre fui uma criança obstinada e curiosa”, confidenciava Napoleão (24). Curiosa e meditativa.

“Na primeira mocidade, um ar extremamente pensativo e uma grande pallidez deram ao pae a impressão de que elle não viveria”, escreve Stendhal, falando de seu heróe Julien Sorel, o sósia de Napoleão (25).

Truculento, rumoroso e, subitamente, calmo e pensativo. Já bem mais velho que sua idade. “Li a “Nova-Heloisa” aos nove annos. Ella me poz tonto (26)”. Aos oito annos enamorou-se de uma das pequenas camaradas de escola, Giacominetta, que tinha sete. Recordou-se toda a vida desse primeiro amor, talvez o mais doce de todos; tinha então duas paixões: Giacominetta e a arithmetica. Revolveia os numeros com tal ardor que tinham pena de perturbal-o. Construíram-lhe, nos fundos da casa, uma especie de pequena cabana onde elle se mettia o dia todo para não ser interrompido em seus calculos. A’ tarde sahia e vagabundeava pelas ruas, distrahido, esquecendo-se de endireitar as meias que lhe cahiam pelos calcanhares. Os collegas cantarolavam para aborrecel-o um distico em que falavam da sua pouca elegancia e da sua paixão por Giacominetta.

De modo geral, elle não dava attenção, mas ás vezes detinha-se, como quem desperta de um profundo somno, ameaçava-os com um bastão ou atirava-se sobre elles de punho cerrado, sem nunca se preoccupar com o numero dos adversarios (27).

Foi desde então que começou a mergulhar “em sua preoccupação lethargica”, em seu “somno lethargico (28)”.

Em 1777, Carlos Bonaparte, graças á protecção do conde Marbeuf, governador da Corsega, foi eleito deputado da nobreza corsa aos Estados Geraes da França, o que o ajudou a obter as bolsas do rei para seus dois filhos José e Napoleão — o primeiro no collegio ecclesiastico de Autun, o segundo na Escola Militar de Brienne.

Em 15 de dezembro de 1779, Bonaparte embarcou com os filhos em Ajaccio, rumo de Marselha e, após alguns dias de navegação feliz, Napoleão, com a idade de dez annos, punha pela primeira vez o pé em terras de França. A 1.º de janeiro, entrou com José no collegio de Autun, onde passou mais de tres mezes a aprender francez, de que não sabia ainda uma só palavra. Seu pae partira para a Côrte, em Versalhes, e foram estranhos que conduziram, em meados de maio, Napoleão a Brienne.

II

A ESCOLA

(1779-1785)

Depois do roseo ensolarado das montanhas da Corsega, e do fogo violeta das suas enseadas deslumbrantes, a campina chata, incolor, caliginosa, pareceu-lhe o fim do mundo, o reino tenebroso dos cimmerianos.

Os collegas agruparam-se em torno do calouro:

— Como te chamas?

— Napolione, respondeu elle, pronunciando seu nome á italiana.

— Como?

— Napolione.

— Mas esse nome não vem no calendario!

— Se não vem no de você vem no nosso.

— Talvez no calendario turco...

Entraram a divertir-se á custa do recém-vindo, fazendo-lhe trocadilhos com o nome, e pondo-lhe appellidos que perduraram mais ou menos tempo.

Quando amolavam muito, tinha elle vontade de atirar-se, de punhos cerrados, um só contra todos, como antigamente contra os garotos de Ajaccio, mas não o fazia, por desprezo;

afastava-se em silencio rilhando os dentes e, de emboscada num canto, olhava os camaradas com os olhos ardentes de um pequeno lobo acuado. A expressão desse rosto côr de azeitona, de labios finos, fortemente contrahidos, e de enormes olhos tristes, inspirava aos moleques os mais intrepidos um medo involuntario: talvez fosse perigoso atormental-o; o lobinho podia estar damnado.

Elle desprezava e odiava os francezes, — os carrascos, os oppressores da Corsega. Talvez não comprehendesse ainda o que isso significava, mas já o sentia confusamente. “Recebi a vida na Corsega e com ella um violento amor por minha infortunada patria e por sua independencia”, dirá mais tarde seu herôe insensato, o habitante da pequena ilha Gorgona, vizinha da Corsega, que executou a vingança sanguinaria, a “vendetta”, contra todo um povo, a França, e offereceu a Deus victimas humanas — os corpos de francezes assassinados.

Os collegiaes caceteavam Napoleão:

— Os corsos são uns covardes que nos abandonaram a Corsega!

As mais das vezes elle permanecia silencioso, accumulando no coração thesouros de odio. Mas um dia, o braço direito distendido num gesto majestoso de orador, antigo, respondeu com uma calma dignidade:

— Se os francezes fossem quatro contra um, não tomariam nunca a Corsega, mas eram dez contra um.

Todos se calaram, comprehendendo que elle dizia a verdade (29).

— Farei aos teus francezes todo o mal que puder, dizia elle a Bourrienne, o unico dos collegas com que se ligou um pouco. E quando este procurava acalmal-o, ajuntou: “Mas tu não te divertes á minha custa, tu me queres bem (30)”.

Elle não dizia: “Eu te amo”. Já era preciso e avaro de palavras.

Um dia, gritou com ar prophetico: . .

— Paoli voltará e, se elle não puder romper nossas cadeias, irei ajudal-o, e talvez nós dois salvemos a Corsega do jugo odioso que está supportando (31)!

A Escola era dirigida pelos Minimos, que pertenciam á ordem franciscana. “Educado entre os monges, tive occasião de conhecer os vicios e as desordens dos conventos”, accentuará mais tarde Napoleão. Não convém dar-lhe muito credito nesse particular ; essas accusações contra os costumes dos monges eram então um logar-commum agradavel aos livres-pensadores. Os religiosos de Brienne não seriam tão máos quanto elle pretendia e os fedelhos não eram martyrizados por elles. Andavam bem vestidos, bem nutridos, e eram tratados com bondade. Mas o ensino era mediocre e a educação peor ainda. Lá, como nas outras escolas militares da França, implantara-se um vicio grosseiro e senil e os meninos bonitos eram chamados de “nymphas”. No entanto, Napoleão ficou indemne desse mal : seu temperamento insociavel preservou-o de cahir nelle. Sahiu da escola tão puro quanto entrara e conservou, parece, sua pudicicia até a idade, tardia para a época, de dezoito annos.

Mas não pôde escapar a um outro mal. O espirito de incredulidade infiltrara-se através das paredes da escola. Os ritos exteriores da piedade, as lições do catecismo, as preces, os jejuns, a frequencia da egreja, as confissões e as communhões mensaes, não o preservaram delle. Napoleão recordava-se de ter perdido a fé aos treze annos (32). Mas, mesmo depois de a ter perdido, continuou a ouvir ao crepusculo, debaixo das tilias do parque, o sino da tarde soar a Ave-Maria, e toda a vida lembrou-o com amor : talvez esse som lhe recordasse a felicidade desaparecida da fé infantil.

“Eu vivia afastado de meus collegas. Escolhera nos reductos da escola um recanto onde ia assentar-me para sonhar á vontade, porque sempre amei um pouco de devaneio. Quando meus companheiros queriam usurpar-me a propriedade desse recanto, eu a defendia com todas as forças. Já me dominava o instincto de que minha vontade devia sobrepujar a dos outros e de que aquillo que me agradava devia pertencer-me. Quasi não gostavam de mim na escola; é preciso muito tempo para requestar a amizade dos demais e, mesmo quando não tinha nada a fazer, cria vagamente que não devia perder nisso meu tempo (33)”.

Elle nada fazia ainda, mas já se preparava para qualquer cousa, promptificava-se para qualquer cousa, aguardava qualquer cousa, esperava qualquer cousa e sonhava, sonhava como quem vae ficar maluco. No casulo cinzento fremia uma borboleta feérica. “Era então feliz !” reconhecia elle (4). A despeito de todos esses soffrimentos que nada tinham de infantil — nostalgia, solidão, humilhação, ultrajes, — era feliz como se presentisse seu prodigioso destino.

O director da Escola partilhara entre os alumnos uma grande extensão de terreno que elles podiam cultivar a seu sabor. Napoleão, tendo reunido tres partes — a sua e duas outras que lhe haviam cedido os vizinhos — cercou esses lotes de uma paliçada e ahi plantou pequenas arvores. Tão bem cuidou dellas que ao fim de dois annos começaram a dar sombra e formaram um gabinete de verdura ou, como se dizia então, um eremiterio. Era lá seu “cantinho”. Lá se metia, como dantes na cabana, atraz da casa de Ajaccio, para sonhar e calcular, porque já então construia com exactidão mathematica sua louca chimera, já o fogo da imaginação se lhe reflectia, num prisma maravilhoso, nos crystaes congelados da geometria.

“Ai daquelles que, por curiosidade, malignidade, ou brincadeira, ousassem perturbal-o nesse repouso, narra um dos seus camaradas. Elle atirava-se furioso do seu refugio para repellil-os, sem se assustar com o numero de assaltantes (35).

Nessa thebaida, elle voltava ao “estado natural”, segundo o preceito de Rousseau, fugindo dos homens para reverter á Natureza. Lá elle experimentava o mesmo que experimenta, na novella que escreveu, o viajante arremessado pelo temporal na ilhota deserta de Gorgona: “Eu era rei em minha ilha. Quem poderia impedir-me de ahi viver, senão feliz, ao menos sensato e tranquillo?...” (36) Ou então o que sentia Julien Sorel em sua gruta: “Occulto como uma ave de rapina em meio ás rochas desnudas, elle podia avistar de bem longe todo o homem que se quizesse aproximar delle... Aqui, disse elle com os olhos brilhantes de alegria, os homens não conseguirão fazer-me mal. Sou livre! Ao som dessa grande palavra, sua alma se exaltou (37).”

Essa primeira parcella de terreno conquistada, é o começo do imperio napoleonico — da dominação universal. Lá, está elle tão só quanto o estaria mais tarde no apice da grandeza, e em Santa-Helena.

Não era muito bom alumno : só as mathematicas continuavam a apaixonal-o. “E’ um sujeito que só dá para a geometria”, asseveravam elles (38). Seus progressos espantavam os professores : as cousas mais arduas das mathematicas elle as comprehendia com tanta facilidade quanto se já as houvesse conhecido, por esse conhecimento-lembrança que Platão chamou de “anamnesis” : parecia nada aprender de novo, mas recordar unicamente cousas esquecidas.

Estudava pouco, lia muito, devorando com avidez insaciavel a “Historia Universal” de Polybio, a “Expedição de Alexandre”, as “Vidas” de Plutarcho. Sonhava com os Leonidas, os Catões e os Brutus que “maravilharam o mundo” (39). “Não se cansava nunca de reler o seu amigo Jean-Jacques.

Os camaradas, detestando-o mais e mais, resolveram emfim dar uma boa lição ao lobinho corso.

O director, querendo organizar sua escola militarmente, formara com os alumnos um batalhão de diversas companhias e designara para cada uma dellas um capitão. Napoleão foi do numero destes. Mas um conselho de guerra reuniu-se, decretando que Bonaparte devia ser excluido dentre os capitães porque não tinha para seus camaradas senão repulsa e desdem. Leram-lhe logo a sentença, despojaram-no das insignias e elle foi devolvido á ultima categoria do batalhão. Tudo elle acceitou, mas supportou essa affronta com uma dignidade tão altiva que os garotos, a principio espantados, reflectiram e afinal se arrependeram, como se houvessem comprehendido com quem estavam lidando. Houve um subito reviramento de opinião em favor de Bonaparte : o menino baptizado pelo calendario turco tornou-se um “espartano” generoso. Todos se apressaram em testemunhar-lhe sympathia, fazendo-lhe esquecer o passado, consolando-o. Elle fez-lhes sentir de prompto que não carecia de consolação, mas, ainda que o occultasse, isso o tocou e, a partir desse dia, co-

meçou a aproximar-se dos camaradas, a mostrar-se mais sociavel e a vencer corações, sem todavia deixar-se abordar de muito perto e conservando para qualquer eventualidade o seu “cantinho”.

Durante o rigoroso inverno de 1783, o pateo da Escola branquejou e os rapazes emprehenderam alegremente guerrear-se com as bolas de neve. Trabalhando debaixo da direcção de Bonaparte, elles ergueram, seguindo os principios da arte militar, uma esplendida fortaleza com quatro bastiões. Um exercito a atacava, outro a defendia. Napoleão, inexgotavel em concepções estrategicas, commandava-os alternativamente, estimulando-os e animando todo mundo. Só então os meninos comprehenderam que maravilhoso e divertido camarada era elle e quanto elles poderiam estimal-o se elle o permittisse. Mas Napoleão nem o permittia, nem se oppunha : parecia não se preocupar com elles ; e é isso que os homens, mesmo crianças, não perdôam nunca.

Era elle tambem a alma de todas as rebelliões contra as autoridades, das pequenas revoluções da Escola. Amava pronunciar deante da turba revolucionaria discursos inflamados, como um verdadeiro tribuno do povo, e falar, inspiando-se em Jean-Jacques, da liberdade e da egualdade e dos Direitos do Homem. Esses incidentes terminavam em geral pela defecção dos collegiaes ; tomados de medo, no ultimo instante, abandonavam elles o chefe, que devia responder sózinho por todos ; mas o chefe, mettido no cubiculo ou entrando na palmatoria, silencioso, altivo, não tinha uma queixa ou uma lagrima ; não denunciou nunca os camaradas e, quando voltava até elles, não lhes dirigia uma unica censura, vendo-se-lhe, porém, pelo rosto que elle os desprezava e os tinha na conta de pobres diabos nascidos para tremer. “Sempre isolado no meio dos homens, diria elle bem cedo. Como elles são covárdes, vis, rastejantes! A vida me pesa porque os homens com que vivo e viverei provavelmente sempre têm costumes tão diversos dos meus quanto a claridade da lua differe da do sol (40).

Censurado, a certa altura, por um dos professores, respondeu-lhe sensatamente, polidamente, mas com uma tal so-

branceria que o mestre o encarou, surpreso, perguntando-lhe: “Quem é o senhor para me responder assim? — Um homem, respondeu Bonaparte (41)”.

Jean-Jacques ficaria contente de um tal discipulo. Essa resposta de Bonaparte na idade de treze annos, é já o começo da Revolução. Elle escreverá, pelas alturas de 1789, que o Creador, em caracteres eternos, gravou em nossos corações os Direitos do Homem (42).

Napoleão viveu cinco annos em Brienne como numa prisão, sem sahir nunca, sem receber uma visita de sua familia. Uma unica vez seu pae veio vê-lo, acompanhado da filha Mariana, que elle conduzia a Saint-Cyr, e do terceiro filho, Luciano, que elle deixou na Escola na classe preparatoria.

Carlos Bonaparte passou apenas uma noite em Brienne e partiu no dia seguinte. Foi o ultimo encontro do filho com o pae. Dois ou tres dias mais tarde, Napoleão, provavelmente a pedido do progenitor, escreveu a um dos tios — sem duvida ao futuro cardeal Fesch, — uma carta bastante curiosa onde o rapaz está pintado ao vivo.

Trata-se de seu irmão José, que resolvera nessa época renunciar á carreira ecclesiastica pela militar. Ponto por ponto, Napoleão demonstra que José perpetrou uma tolice prejudicial não só a elle mas a toda a familia.

“Primeiro: como observa meu querido pae, elle não tem audacia sufficiente para affrontar os perigos da acção. A saúde fragil não lhe permite sustentar as fadigas de uma campanha e meu irmão não encara a vida militar senão do lado das guarnições; sim, meu bom irmão será um excellente official de caserna, petulante, leviano e, consequentemente, proprio aos cumprimentos frivolos, sabendo, com esses talentos, agir muito bem na sociedade. Mas na hora de combater?... Segundo: recebeu elle uma educação para a carreira ecclesiastica e será máo desvial-o. O sr. bispo de Autun dar-lhe-ia uma polpuda sinecura e elle acabaria tambem obtendo um bispado. Quantas vantagens para a familia! Mon-senhor de Autun fez todo o possivel para convencer-o de que persistisse, prometendo-lhe que não se arrependeria. Nada.

O homem mudou de idéa. Eu o louvo se é uma questão de gosto decidido pelo manejo das armas e se o grande motor das cousas humanas lhe deu, ao formal-o, como a mim, uma inclinação irresistivel pelas artes militares.”

No terceiro paragrapho, elle passa em revista todas as armas — marinha, engenharia, artilharia, infantaria — e prova que nenhuma dellas convém a José. “Elle quer entrar sem duvida na infantaria. Bem! Eu o comprehendo. Quer passar o dia todo sem fazer nada e rodando pelas calçadas o dia todo; aliás, que é um minguado official de infantaria? Um mác typo quasi sempre, e é o que o meu querido pae, minha mãe e meu caro tio o Archidiacono não querem, porque elle já mostrou o que vale em pequenas partidas de leviandade e prodigalidade. Por consequente, far-se-á um ultimo esforço para retel-o na vida ecclesiastica, sob pena de ser levado para a Corsega e ahi ficar bem vigiadinho, havendo ainda a possibilidade de fazel-o entrar no fôro (43)”.

Custa-se a crer que essa carta tenha sido escripta por uma pessoa de quatorze annos, taes a sua sequidão, nitidez e frieza. Mas o coração intervem: ha em cada palavra um calor secreto, amor da familia, da raça, do laço sagrado do sangue que une a Terra-Mãe a seus filhos. “Eu o louvo se o grande motor das cousas humanas lhe deu, ao formal-o, como a mim, uma inclinação irresistivel pelas artes militares”. E essas palavras são como um relampago illuminando bruscamente um céu tempestuoso. Qual é esse grande motor? E’ o Deus do deista Robespierre, o pallido cadaver, ou o Sol-Nascente — o Destino de Napoleão? Destino ou Deus, o rapazola crê que é delle que lhe veio a inclinação para a guerra. Todo o seu destino lá está, como o carvalho possante na glande.

“Signor” de Bonaparte (Napoleão), quatro pés, dez pollegadas e dez linhas de altura, de boa constituição, saúde excellente, character docil, honesto reconhecido, conducta bastante regular; distinguui-se sempre pela applicação ás mathematicas. Sabe razoavelmente sua historia e sua geographia. E’ muito fraco nos exercicios de estylo e de latim. Será um excellente marinheiro. Merece passar á Escola Mi-

litar de Paris". Tal foi a nota do inspector geral das escolas militares de Kéralio, em 1784 (44).

Mas Napoleão não estava destinado a tornar-se marinheiro ; as vagas na frota eram raras e ahi só se entrava com bastante protecção. De resto, "signora" Letizia temia por seu filho o duplo perigo que a marinha apresentava — o perigo do fogo e o da agua ao mesmo tempo. O coração contrahido, decidiu-se elle a entrar na artilharia. Não foi sem pesar que abandonou o sonho maritimo, como se já presentisse que toda a vida combateria em terra para conquistar o mar. "Se eu tivesse sido senhor do mar !" disse elle em Santa-Helena (45).

"Partido para a Escola de Paris, a 30 de outubro de 1874", lê-se nas notas laconicas do joven Bonaparte intituladas "E'pocas da minha vida" (46).

Conduzido pelos irmãos Minimos, Napoleão, com outros alumnos da Escola de Brienne, viajou em diligencia até Paris, onde o joven corso "tinha bem o ar de um desembarcado de fresco, olhando para todos os lados, e o geito simplorio dos que os vigaristas roubam facilmente (47).

A Escola Real Militar dos cadetes gentis-homens era um magnifico edificio, construido no reinado de Luiz XV, no Campo de Marte, um verdadeiro palacio de columnas corinthias e grades douradas.

"Eramos alimentados, servidos magnificamente, tratados em tudo como officiaes que desfrutassem de grande fartura, superior certamente á da mór parte de nossas familias e bem acima daquella de que muitos de nós deviamos gozar um dia", relata Napoleão (48).

Sua vida em Paris differe pouco da de Brienne : a mesma disciplina militar e a mesma piedade exterior, os mesmos estudos mediocres e a mesma avidez de devorar os livros, o mesmo odio pelos francezes e a mesma nostalgia da patria.

Só havia de novo um sentimento exasperado de desigualdade : os jovens descendentes das velhas familias, os principes de Rohan-Guéménée, os duques de Laval-Montmorency, olhavam do alto de sua grandeza esse filho de burquezotes corsos. Mas elle não se deixava insultar ; respondia ás zombarias a murrças.

Lá também tentou elle conquistar o seu “cantinho”. Uma vez, enquanto o companheiro, doente, estava na enfermaria, Napoleão, dizendo-se igualmente indisposto, obteve a permissão de ficar no quarto, muniu-se de provisões, fechou a porta a chave, cerrou a janella e viveu assim dois ou tres dias na mais completa solidão, na obscuridade e no silencio, sonhando, lendo em pleno dia, á luz de uma lampada. Esse quarto escuro de Paris é a mesma cousa que a cabana de Ajaccio ou o eremiterio de Brienne, é o isolamento metaphysico, a “gruta”, a “ilha”, a muralha sagrada da personalidade.

“Sempre só de um lado, com o mundo do outro”, dirá elle mais tarde, falando dos grandes homens — de si mesmo (49).

Um de seus camaradas fez-lhe a caricatura, um mão desenho infantil, mas curioso : Napoleão, um gigante com cara de monstro, veste a longa casaca dos cadetes, coberto por um pequeno tricornio, com um pequeno rabicho amarrado por uma fita. Um professor da altura de um anão tenta retelo pela peruca. Mas o gigante marcha, as duas mãos apoiadas num bastão, com um passo tão firme e pesado que a terra parece tremer debaixo d'elle. Na parte inferior estas palavras: “Bonaparte corre, vâo ao soccorro de Paoli, para tiral-o das mãos dos inimigos (50)”!

Temos também o retrato de Napoleão moço (51). Contrariamente á asserção de Kéralio, sua apparencia é doentia: faces cavadas, enormes olhos com uma expressão de mobilidade lunatica — um rosto de homem devorado pelo fogo interior. Longos cabellos lisos caem-lhe pelos hombros; um grande nariz aquilino; os labios finos, severamente apertados, não sorriem nunca, mas se elles sorrissem, seria, parece, com o delicioso sorriso da “signora” Letizia — sorriso da Gioconda ou da Sibylla etrusca. Mas o que impressiona sobretudo nesse rosto é a voluntariedade que d'elle resalta: “Faço sempre o que digo, ou morro (52)”.

A 24 de fevereiro de 1785, Carlos Bonaparte morria em Montpellier de uma ulcera no estomago.

“Console-se minha querida mãe, porque as circumstancias o exigem, escreve Napoleão a Letizia. Nós redobraremos de cuidados e de gratidão, e felizes seremos se pudermos

por nossa obediencia compensal-a um pouco da inestimavel perda de um esposo querido”.

Quasi a mesma frieza da carta a proposito do irmão José — um envoltorio de gelo recobrando uma fonte fervente, o amor dos seus. “Só vivo para a minha gente”, dirá elle num dos momentos mais amargos da vida (53). Quando elle affirma á sua mãe: “Nós redobraremos de cuidado”, não são palavras vãs. A primeira noticia da morte do pae, elle se sente chefe da familia. Corajosamente carrega as espaldas infantis com esse pesado fardo. Lembra-se da santa lição da Terra-Mater: carregar fardos. “Carregarei o mundo nos hombros”, dirá elle um dia (54). Era apenas um rapaz de quinze annos quando começou a carregar o fardo do mundo.

A 23^a de outubro de 1875, Napoleão sahia da Escola Militar, como segundo-tenente no regimento de La Fère.

III

TENENTE DE ARTILHARIA

(1785 - 1792)

A guarnição do regimento era em Valença, pequena cidade perdida no Delphinado, perto da Savoia.

Então começaram para Napoleão jornadas mais duras que as anteriormente vencidas. Tinha de aprender tudo: os cadetes-gentis-homens sahiam da Escola Militar sem nenhum conhecimento pratico: não sabiam carregar um canhão, nem mesmo um fuzil.

Dentro do regimento militar, a Escola de Artilharia começava pela instrucção dos grãos mais baixos — simples artilheiro, sargento, e assim se ficava enquanto o commandante do regimento o julgasse necessario, de accordo com a intelligencia e o zelo do alumno.

Tres mezes bastaram a Bonaparte para saber tudo. Passava seus dias a estudar, no polygono de Valença, a construcção das baterias, a manobra, o artificio e o tiro dos morteiros, dos obuzeiros, do canhão de batalha. Seguiu na escola de theoria os cursos de mathematicas superiores, de trigonometria, de calculo integral e differencial, de physica applicada, de chimica, de fortificação, de tactica. Almoçava ás pressas num mediocre hotel dos Tres Pombos, ou comia simplesmente numa pastelaria dois pequenos pasteis quentes, bebia um copo de agua, atirava sem dizer palavra seis soldos no balcão e voltava para o estudo. Trabalhava dezeseis horas por dia.

Alojara-se na casa da senhorinha Bou, uma solteirona, proprietaria de um café; occupava ahi um cubiculo do primeiro andar, ao lado de uma sala de bilhares, de onde vinha o rumor do choque ininterrupto das bolas e os gritos dos jogadores.

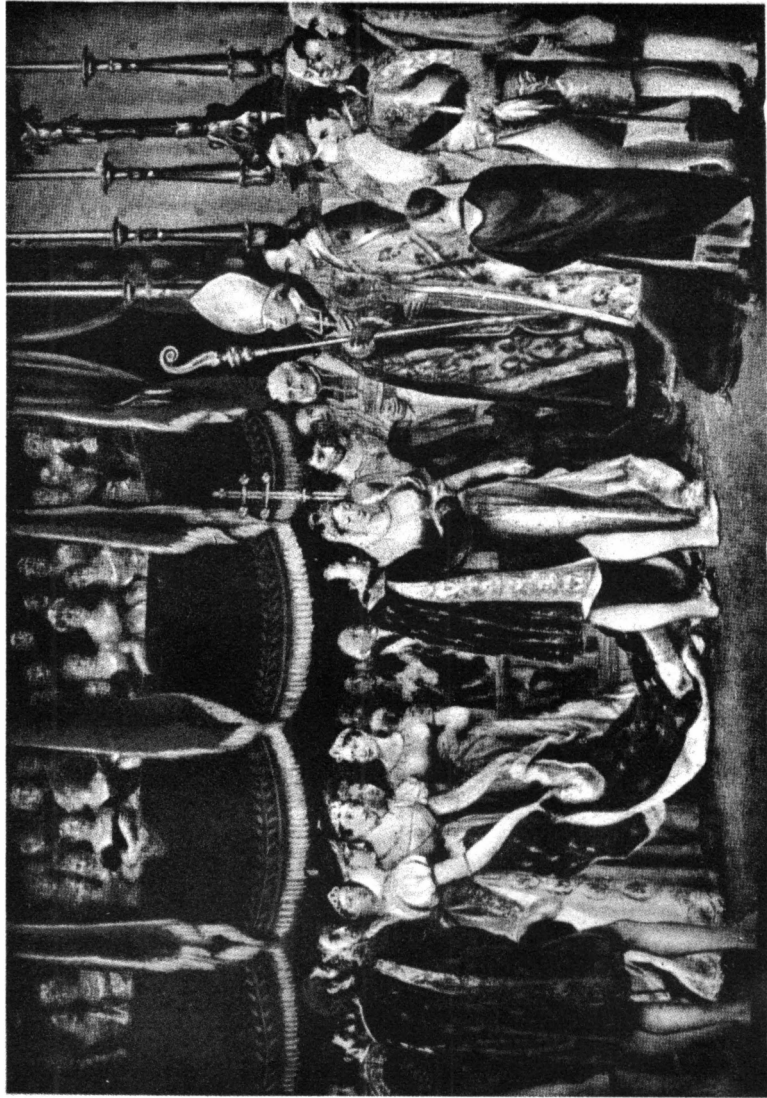
“Sabem como eu vivia? — indagará elle mais tarde — era não pondo nunca os pés nem nos botequins, nem nos salões, comendo pão secco, escovando eu proprio as minhas roupas, afim de que durassem mais tempo, para não envergonhar-me entre os camaradas; vivia como um urso, sempre só, na minha cella, com meus livros, meus unicos amigos de então. E esses livros? Com quantas duras economias, feitas sobre o necessario, comprava eu esse prazer! Quando, á força de abstinencia, juntara dois escudos sobre seis libras, encaminhava-me com uma alegria de criança para a loja de um livreiro estabelecido perto do bispado. Frequentes vezes ia ver-lhe as vitrinas, movido pelo peccado da cobiça: ambicionava longo tempo antes que a minha bolsa me permitisse comprar. Taes foram as alegrias e as orgias da minha mocidade (55).”

“Não tenho outra distracção aqui senão trabalhar, escrevia elle á mãe. Só me visto de oito em oito dias e durmo muito pouco. Deito-me ás dez horas e levanto-me ás quatro da manhã. Como apenas uma vez por dia. Isso faz muito bem á saúde (56).”

“Sei o que é a miseria, dirá um dia o Imperador com orgulho. Quando tinha a honra de ser tenente almoçava pão



A IMPERATRIZ MARIA LUIZA E O REI DE ROMA
Fig. 9 (QUADRO DE F. GÉRARD)



O CASAMENTO DE NAPOLEÃO COM MARIA LUIZA

(QUADRO DE ROUGET)

Fig. 10

secco, mas aferrolhava minha porta sobre minha pobreza (57).”

Pobre, timido e selvagem, elle era continuamente humilhado e ferido, por isso que pouco amado pelos chefes e pelos camaradas; affirmava-se que possuia um character “insusceptivel de inspirar qualquer sociabilidade (58)”.

Vivia como um monge ou um “espartano” e desprezava o amor das mulheres. “Eu o creio perigoso para a sociedade, para a felicidade individual dos homens, e seria beneficio de uma divindade protectora livrar-nos delle e, assim, libertar o mundo.”

Mas seus dezesete annos acabaram tirando a desforra. Na casa de Madame Colombier, a leão de Valença, viu elle sua filha Carolina, que tinha então dezeseis annos, e eil-o ingenuamente apaixonado. “Ninguem podia ser mais innocente que nós; eram pequenos encontros sem consequencias; lembra-me ainda de um, em pleno verão, ao nascer do dia; creiam ou não creiam, toda a nossa ventura se reduziu a comer cerejas juntos (59).”

Esse amor infantil passou como a sombra de uma nuvem de estio, e a solidão retornou. Não mais tem elle necessidade de recolher-se ao seu “cantinho”; onde quer que esteja, está só no mundo, como numa ilha deserta. “Sempre só no meio dos homens, escreve elle á noite em seu diario. Reentro para sonhar commigo mesmo e abandonar-me a toda vivacidade da minha melancolia. Para que lado se voltou ella hoje? Para o lado da morte. Á aurora de meus dias pude ainda esperar viver muitos annos. Pelas ternas sensações que me faz experimentar a lembrança dos prazeres de minha infancia, não posso concluir que minha felicidade era completa? Que furor me conduz então a querer destruir-me? Mas que fazer neste mundo? Como os homens estão afastados da natureza! Quanto são covardes, vis, rastejantes! Que espectaculo verei no meu paiz? Meus compatriotas carregados de cadeias e que beijam, tremendo, a mão que os opprime... Quando a patria não existe mais, um bom patriota deve morrer (60).”

Não era senão uma fraqueza passageira, effeito da “sensibilidade”. O primeiro sopro, talvez, da primavera roma-

nesca. Elle lerá cinco vezes os “Soffrimentos do joven Werther” e esse livro lhe deixará na alma vestígios inapagáveis. Mas, em esperando, o antigo “espartano” vence o joven Werther; a primeira voluptuosidade da primavera dissipa-se nos ventos frescos da tempestade — da Revolução. O discípulo de Paoli e de Plutarcho lembra-se do que se deve fazer quando a patria está morta.

“Os povos andam sempre mal em se revoltar contra seus soberanos. As leis divinas o prohibem... Mas não é absurda essa prohibição ? Não ha leis anteriores que o povo não possa abrogar... Pela natureza mesmo do contracto social, os corsos puderam sacudir o jugo dos genovezes, e pôdem fazer outro tanto ao dos francezes. Amen (61).” O “Contracto Social” : eis para elle o “abre-te Sesamo”, o sortilegio que rompe as portas do inferno. No polygono, á luz do sol, os superiores ensinavam-lhe a guerra, e, no seu pequeno quarto, á luz de uma vela, Jean-Jacques lhe ensinava a Revolução ; os dois ensinamentos aproveitaram-lhe.

No outomno de 1786, obteve elle uma primeira licença para ir aos sitios nataes, licença que se prolongou por dois annos, contrariamente a todas as regras, graças á particular benevolencia de seus superiores. Continuando a considerar-se, depois da morte do pae, como o chefe da familia, empregou elle todas as forças a pôr em ordem os negocios meio embrulhados da “signora” Letizia.

Da Corsega, não retornou a Valença, mas a Auxonne, cidadezinha solitaria do sul da França, para onde fôra mandado o regimento de La Fère.

Bonaparte comprehendeu que grande dia chegara para elle quando, a 16 de agosto de 1789, explodiu em Auxonne uma sedição militar ? Os soldados sahiram das casernas cantando estribilhos revolucionarios, cercaram a casa do coronel e exigiram a caixa do regimento. Bebedos de cahir, queriam abraçar os officiaes, forçal-os a beber com elles em honra á liberdade e a dansar com elles em farandula.

Bonaparte olhava o motim com esse nojo que lhe inspiravam sempre as populações revolucionarias.

“Se tivesse recebido ordem para voltar meus canhões

contra o povo, o habito, o preconceito, a educação, o nome do Rei, me teriam determinado a obedecer sem hesitar (62)."

Mas este é apenas um dos sentimentos que lhe inspirava a Revolução, e aqui vae o outro: "A Revolução me convinha e a egualdade que devia elevar-me me seduzia (63)".

Cedo comprehendeu elle tambem o que a Revolução poderia fazer por sua patria.

"Num instante tudo mudou, escreve elle da Corsega. Do seio da nação que nossos tyrannos governavam sahiu a faisca electrica; o paiz libertou-se e quer que sejamos livres como elle (64)."

"Viva a França! Viva o Rei!" gritava a turba nas ruas de Ajaccio, ao som dos sinos, ao crepitar dos tiros festivos, quando se recebeu o decreto da Assembléa Nacional admittindo a Corsega na união fraterna do povo francez, como provincia independente, tendo os mesmos direitos que as outras provincias francezas.

"Nação generosa, berço da liberdade, a França!" gritou, chorando de alegria, o velho "babbo" Paoli. Elle, que detestara os francezes como senhores, abençoava-os como libertadores e como irmãos, e protestava que os corsos não mais teriam a intenção de separar-se do mais afortunado dos governos. "da questo ora fortunatissimo governo (65)."

"Ditosa Revolução!" exclamavam com egual enternecimento os lettrados e os ignorantes (66). O rosto infantil do monstro recém-nascido parecia-lhe angelico. Só Napoleão não se deixava engodar. "Não creio em nada disso", escrevia elle á margem da digressão de Jean-Jacques sobre a desigualdade das condições sociaes (67). Mas, enquanto seu coração sussurra uma cousa, seus labios murmuram outra: "Homem, Homem, quanto és desprezível na escravidão e grande quando o calor da liberdade te inflamma! Regenerado, és verdadeiramente o Rei da Natureza!" regista elle em delirio, embebedado, ou fingindo que o está pelo vinho da Revolução (68).

Entretanto, o "Rei da Natureza" continúa vivendo num miseravel cubiculo das casernas de Auxonne, como se não tivesse havido Revolução. Só existia ahi uma janella e es-

casso mobiliario : uma cama estreita, sem cortinas, u'a mesa coberta de livros e de papeis, u'a mala cheia tambem de livros, uma velha poltrona desengonçada e seis cadeiras de palha. Ao lado, em recinto ainda mais pobre, deitava-se num colchão por terra seu irmão Luiz, de doze annos de idade, que elle educava á sua custa, para não sobrecarregar muito a mamã Letizia. O irmão mais velho mostrava pelo mais novo uma ternura paternal e gastava com elle seus ultimos soldos; viviam ambos com tres francos e cinco centimos por dia; Napoleão punha-lhe mesmo a panella no fogo e ás vezes tinham os dois que se contentar com pão e leite. Elle ensina ao irmão historia, geographia, francez e catecismo. Leva-o todos os dias a rezar na egreja e o vae preparando para a primeira communhão, ainda que elle proprio não acreditasse mais em Deus.

Orgulha-se dos triumphos de Luiz. "Será o melhor de nós quatro. É verdade que nenhum de nós recebeu educação tão bonita... É um bom typo, trabalhador, por vocação tanto quanto por amor proprio e, depois, saturado de nobres sentimento", escrevia elle ao irmão José (69).

Deitado semanas inteiras, soffrendo da febre intermitente dos pantanos de Auxonne, lê e sonha como dantes, até sentir-se extenuado. Atormenta-lhe o coração, voluptuosa e dolorosamente, a mesma chimera gigantesca que o devorava na infancia. E é em si que elle pensa quando menciona em suas notas historicas: "Sesostris (1490 annos antes de J. C.) submetteu a Asia inteira e chegou ás Indias por terra e por mar (70)."

Ou então quando nota ao lado dos logarithmos para o calculo da trajetoria de uma bala de canhão : "As pedrarias que brilhavam na pessoa do rei durante uma guerra montavam a trinta e seis milhões (71)". A frouxa luz de uma vela, essas pedrarias irradiavam um fulgor feérico no qual Scheherazade se unia aos logarithmos.

Tratar-se-ia tambem delle quando escreveu a proposito de Cromwell : "Corajoso, habil, manhoso, dissimulado, suas primeiras convicções juvenis, de uma exaltação republicana, cederam ao fogo devorante da ambição e, depois de haver

saboreado as doçuras do commando, aspirou ao prazer de reinar sózinho (72)."

Mas é certamente em seus pendores que elle pensa quando diz do grande homem : "Lamento esse infeliz ; elle será a admiração e a inveja de seus semelhantes e o mais miseravel de todos... Os homens de genio são meteoros destinados a arder para illuminar seu seculo (73)".

E será talvez "uma especie de previsão magnetica, segundo a expressão de Bourrienne (74), que lhe deterá a mão quando, a enumerar as possessões inglezas na Africa, elle escreve estas quatro palavras :

Santa-Helena, pequena ilha...

seguidas de uma pagina vazia, muda — o Destino (75).

Nessa época, 1791-1793, a situação na Corsega era a mesma que em toda a França : a velha ordem se esboroava, a nova não existia ainda, a anarchia reinava. "A feliz Revolução" terminara : a face angelica da recém-nascida transmuda-se na face diabolica do Terror. Fogo e sangue no universo.

Napoleão volta, de licença, á Corsega, e atira-se como um louco nos clubes revolucionarios, nos comités, nas conspiratas. Não é mais nos livros, e sim nos factos, que elle aprende a guerra e a Revolução.

Eleito tenente-coronel no batalhão dos guardas-nacionais de Ajaccio, durante a semana de Paschoa de 1792, faz de uma fagulha um incendio, transforma em guerra civil uma disputa de ruas nascida entre soldados e habitantes por uma questão de nonada. Fechando-se nas casernas, os voluntarios, commandados, segundo dizem, por dois coroneis, Quenza e Bonaparte, atiram pelas janellas sobre os passantes, matam crianças e mulheres, fazem sortidas, depredam as casas, apoderam-se de todo um quarteirão, excitam á revolta os camponios e os pastores das vizinhanças, que sitiam a cidade e cessam de aprovisional-a em viveres. O objectivo de Bonaparte era assenhorear-se da fortaleza de Ajaccio. Não pôde elle attingil-o, mas durante tres dias submetteu a cidade a todos os horrores de uma invasão : fome, pilhagem,

morte, terror. Os concidadãos lembraram-se disso longo tempo e nunca lhe perdoaram as Paschoas sangrentas de 1792. Pozzo declarava que Napoleão era a causa de tudo, “Napoleone Buonaparte è causa di tutto”, que as provas abundavam contra elle e havia razões para condemnal-o trinta vezes, que urgia vingar a humanidade e a lei ultrajadas, que não deviam deixar os tigres sanguinarios regalar-se em sua barbarie (76)”. “Estão vendo este homemzinho? Ha nelle dois Marios e um Sylla”, isto é, dois bandidos e um usurpador, assegurava Paoli (77). Quando a calma se restabeleceu com a chegada de dois representantes do Directorio do departamento, Bonaparte entregou-lhes uma memoria justificativa em que demonstava ter sido obrigado a defender a liberdade dos ataques da contra-Revolução.

“Na crise terrivel em que nos achavamos, eram necessarias energia e audacia. Indispensavel um homem que, se lhe exigissem, após a missão cumprida, o juramento de não haver transgredido nenhuma lei, estivesse no caso de responder como Cicero ou Mirabeau: — Juro que salvei a Republica!” Esse homem era evidentemente o proprio Bonaparte. Mas “as almas são muito mesquinhas para altear-se ao nivel das grandes causas (78)”, concluia elle, para justificar-se.

Quaes seriam essas “grandes causas”? Talvez elle mesmo não o soubesse direito, mas esperaria confusamente, em se apoderando da cidadella de Ajaccio, conquistar toda a Corsega, restabelecer ahi a ordem e dahi começar a obra essencial de sua vida — domar o cháos revolucionario. Já as mãos de Hercules no berço tinham comprimido a serpente escorregadia, mas não puderam asphyxiar o reptil, que escapou aos braços infantis.

“Parece-me, escrevia-lhe o irmão José, já ser tempo de voltares á França (79)”. Napoleão segue-lhe o conselho: no começo de maio, eil-o em Paris.

Um relatorio contra Bonaparte por motivo das Paschoas de Ajaccio fôra enviado ao ministerio da Guerra. Ameaçavam-no de passar deante de uma côrte marcial. Mas o negocio, reenviado ao ministerio da Justiça, acabou sendo posto

de parte. Riscado das listas do regimento por haver excedido sua licença, foi-lhe necessario dar alguns passos para ver-se reintegrado. Graças á protecção de compatriotas, os deputados corsos, acabou vencendo; não só se viu reintegrado em seu corpo, mas foi mesmo até nomeado capitão de artilharia com percepção completa do soldo durante os mezes de ausencia.

Entretanto, todas essas victorias não o consolavam da tentativa de Ajaccio. Elle acompanhava a Revolução com ares desencantados. “Os que estão á frente do movimento são uns pobres-diabos, escreveu elle ao irmão José. Tu conheces a historia de Ajaccio; a de Paris é exactamente a mesma; talvez os homens sejam ainda menores, mais perversos, mais calumniadores e mais pedantes. Cada qual procura seu interesse e quer vencer á força de horrores... Tudo isto destróe a ambição... Viver tranquillo, desfrutar as afeições de familias e de si mesmo, eis, meu caro, quando se possuam quatro ou cinco mil francos de renda, o partido que se deve tomar.”

A 20 de junho de 1792, do terraço á beira d'agua, elle ouve o rumor sinistro dos gritos de alarme e vê marcharem ao assalto das Tulherias sete ou oito mil homens armados de chuços, machados, sabres, fuzis, espetos e lanças; é, a avaliá-lhes pelos palavrões e pela carantonha, tudo o que a plebe tem “de mais vil e de mais abjecto”. Quando a turba fez irrupção no palacio, elle percebeu, pelo vão de uma janella, o rei Luiz XVI, cercado da populaça e encimado por um boné vermelho.

“Che coglione !”, murmurou elle, empallidecendo. “Como diabo deixaram entrar essa canalha? Deviam varrer quatrocentos ou quinhentos com o canhão e o resto ainda estaria correndo (80).”

A 10 de agosto, dirigindo-se ao Carrousel, encontrou um grupo de sujeitos horrendos passeando uma cabeça na ponta de um chuço. Achando, pelas roupas, que elle tinha o ar de um “Monsieur”, vieram a elle para forçá-lo a gritar: “Viva a Nação!” — “O castello se via atacado pela mais vil canalha”. Quando o palacio foi tomado e o rei conduzido deante

da Assembléa, Bonaparte entrou no jardim obstruido pelos cadaveres dos suissos da Guarda-Real.

“Nunca depois nenhum dos meus campos de batalha me deu idéa de tantos cadaveres, seja que a pequenez do local lhes fizesse resaltar o numero, seja que fosse esse o resultado da primeira impressão que experimentei nesse genero. Vi mulheres bem vestidas descerem ás ultimas indecencias sobre os cadaveres dos suissos”. Faz a volta dos cafés nas vizinhanças da Assembléa. “A furia estava em todos os corações, apparecia em todas as faces”. Sua apparencia muito calma excitava a desconfiança : olhavam-no de través (81).

“Os acontecimentos precipitam-se, escreve Napoleão a um dos tios, na Corsega, e seus sobrinhos saberão tomar logar (82).” Eis o que elle queria dizer quando declarava: “A Revolução me convinha e a egualdade que devia elevar-me me seduzia”. “Homem, fôste escravo e pudeste resolver-te a viver?... Levanta-te, porque é agora ou nunca. O gallo cantou, o signal foi dado ; forja com tuas cadeias o ferro vingador”, gritou elle, partilhando, elle tão sóbrio, o delirio das pessoas bebedas (83). “Não creio em nada disso”, poderia acrescentar, como fizera á margem da digressão de Jean-Jacques...

Não crê na Revolução, detesta-a e, entretanto, novo Romulo, busca avidamente as têtas da loba: lobinho enraivado, ha de mordel-as até o sangue, mas se encherá de seu leite até a saciedade.

Não considera como perdidos seus arremessos da Corsega. Reapparece por lá no outomno de 1792. Dois partidos principaes lutam na ilha ; um é pela separação, outro pela união com a França. Ao primeiro pertence Paoli, que mascara ainda seus sentimentos ; ao segundo, Bonaparte e seus irmãos, Luciano e José. Depois da execução de Luiz XVI, Bonaparte diz ao commissario da Convenção na Corsega : “Reflecti bastante sobre nossa situação. Querem fazer aqui maluquices. A Convenção praticou sem duvida um grande crime e eu o deploro mais que ninguem ; mas a Corsega, aconteça o que acontecer, deve sempre estar unida á França (84)”. Quer dizer : “unida á Revolução”.

Foi assim que Bonaparte e Paoli se reencontraram num atalho estreito : era forçoso que um dos dois tombasse.

O joven Luciano Bonaparte, nos seus dezoito annos, brincando com o fogo, fez saltar o paiol da polvora. Sem que os irmãos o soubessem, enviou á Convenção, por intermedio do clube republicano de Toulon, uma denuncia contra Paoli, accusando-o de manobras contra-revolucionarias e de relações secretas com a Inglaterra, afim de separar a Corsega da França para tornar-se o dictador da ilha. “Á guilhotina!” — uivou Marat e a Convenção decretou a prisão de Paoli.

O delator exultou : “Dei o golpe fatal em nossos inimigos. Vocês não esperavam isso”, escreveu elle aos irmãos (85). A carta foi interceptada e mostrada a Paoli. “Quel bricconcello !” (“Que pequeno biltre !”), exclamou elle com desprezo (86). Para elle tudo isso era obra de Napoleão. Entanto, este ultimo fôra elle proprio colhido de improviso ; não previra um desfecho tão brusco e não tinha tempo para preparar-se. Redigiu para o clube dos patriotas de Ajaccio uma mensagem destinada á Convenção e em que se justificava Paoli da calumnia infamante. Talvez quizesse adoçar-o. Mas o velho conspirador tinha por Napoleão tanto desprezo quanto por Luciano, o “bricconcello” : “Pouco me importa a sua amizade !” rugiu elle (87). Já o leãozinho mostrara as garras e Paoli acreditava ainda brincar com um cachorrinho fraldiqueiro.

Napoleão, de seu lado, não mais poupava o antigo idolo ; enviou a Paris uma denuncia, repetindo as “calumnias” de Luciano, e ampliando-as : “Que fatal ambição desvaira um velho de sessenta e oito annos ? É que Paoli tem na physionomia a bondade e a doçura, e o odio, a vingança no coração. Tem a uncção do sentimento nos olhos e o fel na alma (88).”

Não era facil agarrar Paoli na Corsega ; a ilha inteira se levantaria como um só homem por seu velho “babbo”.

Tinham cahido as mascaras : Paoli proclama-se “generalissimo”, dictador da Corsega, e convoca em sua côrte a grande assembléa nacional. Lá, os irmãos Bonaparte foram declarados “traidores”, “inimigos da patria”, e votados “a uma perpetua execração e infamia (89)”.

Napoleão compreendeu que não tinha mais nada a fazer na Corsega ; fugiu de Ajaccio para ir a Bastia reunir-se aos commissarios da Convenção, depois de ter prevenido sua mãe: “Prepare-se para partir; esse paiz não é para nós (90).”

“Signora” Letizia, com seus filhos, procurou sahida pelas montanhas como o fizera vinte e quatro annos antes, quando levava Napoleão no ventre. Fugitivos, deixaram a cidade á noite e, ao romper da manhã, chegaram ás primeiras alturas de onde ainda a avistavam. Alguem, voltando-se, percebeu turbilhões de fumaça e indicou-os á “signora” Letizia: “Sua casa que arde!” — “Não faz mal! Nós a reconstruiremos mais bella”, teria respondido a “mãe dos Gracchos” (91).

Com effeito, elles a reconstruíram mais bella.

A 11 de junho de 1793, Napoleão e sua familia embarcaram num navio mercante e dois dias depois chegaram a Toulon.

Desde esse dia, não teve mais patria : a Corsega deixou de sê-lo e a França não o será jamais. Como que nasceu da patria para o mundo. Mamã Letizia e os filhos se localizaram de inicio na Villette, perto de Toulon, depois em Marselha, onde viveram numa miseria negra ; as irmãs de Napoleão, que deviam tornar-se um dia duquesa de Toscana e rainha de Napoles, iam, segundo se diz, lavar roupa no tanque.

Napoleão voltou ao seu regimento em Nice, onde lhe confiaram em começo o serviço das baterias da costa. Depois o enviaram a Avinhão para ahi organizar comboios de pólvora, mas em caminho cahiu em cheio na batalha travada entre os soldados da Convenção e os marselezes insurrectos que occupavam a antiga cidade papalina. Tendo ajudado o general Carteaux a retomar Avinhão, quiz ir reintegrar-se em seu regimento; passando por Marselha aguardava-o o Destino — a Estrella d’Alva.

Rumo de Marselha, escreveu elle uma brochura politica, publicada primeiro á custa do autor, depois á custa da nação. “A ceia de Beaucaire”, dialogo entre diversas personagens reunidas accidentalmente num albergue — quatro civis e um militar, que não é outro senão Bonaparte. Este ultimo demonstra que os marselezes, em se insurgindo contra a Convenção e entregando-se á Inglaterra, tinham trahido a Revo-

lução; exhorta-os a reentrar no seio materno; assegura que os montanhezes não são “homens sequiosos de sangue”, mas, “puros e constantes amigos do povo, elles vos tratarão como crianças transviadas (92)”.

“Não creio em nada disso”, podia elle accrescentar ainda. Mas é preciso uivar com os lobos, ou, como elle dizia então: “Mais vale ser comedor que comido (93).”

A Loba solta os seus uivos, mas nutre o Lobinho, ao qual vão sahindo os dentes que talvez lhe sejam uteis para devorar aquella que o nutre.

A 26 de setembro de 1792, um amigo de Bonaparte, Saliceti, deputado da Corsega á Convenção, que se encontrava com o exercito em frente a Toulon, escreveu ao comité de Salvação Publica:

“O capitão Dommartin, ferido, nos deixou sem chefe de artilharia; o acaso nos serviu maravilhosamente bem; detivemos o cidadão Bonaparte, instruido, que se dirigia ao exercito da Italia, e ordenamos-lhe que substituisse Dommartin (94).”

Foi assim que Bonaparte se encontrou junto ás muralhas de Toulon sitiada.

“Lá a historia o toma, para não mais deixal-o”, diz Las Cases no “Memorial”. “Lá começa sua immortalidade (95)”.

IV

TOULON

(1793 - 1794)

“A guerra é uma arte singular. Asseguro-vos que travei sessenta batalhas: pois bem, nada aprendi que não soubesse desde a primeira (96)”, dizia Napoleão em Santa-Helena.

Essa sciencia miraculosa, innata, antecipando-se a toda experiencia, esse “conhecimento-lembrança”, a “anamnesis” de

Platão — elle o manifestou desde a primeira operação militar, no cerco de Toulon. “Quem lhe ensinou isso ? Como sabe elle isto ?” murmuravam os velhos militares no campo de Toulon, tão surpresos quanto o seu professor de mathematicas da Escola de Brienne. Parecia-lhes que elle não aprendia nada de novo, mas recordava-se unicamente do que já soubesse.

Quando esse franzino e delgado capitão de artilharia de vinte e tres annos que, com os seus longos cabellos, se assemelhava a uma rapariga de dezeseis, mas tinha a attitude grave e o olhar calmo e autoritario, surgiu no campo, todos sentiram de subito, que o commando lhe pertencia.

Para apreciar como convém o que fez Bonaparte no cerco de Toulon, é preciso comprehender as difficuldades que teve a sobrepujar.

O campo entrincheirado, com seus fortes imponentes e seus dois magnificos ancoradouros, passava por uma das posições mais temerosas do mundo. A presença de uma possante frota anglo-hespanhola e da artilharia ingleza augmentava-lhe ainda a força.

Toulon, como Marselha, impellida ao desespero pelo Terror, se levantara contra a Convenção e se abandonara aos inglezes ; ter-se-ia entregue ao diabo em pessoa, para escapar á bocarra feroz de Marat. A cidade defendia-se heroicamente. As tropas da Convenção compunham-se um quarto de amontoados de homens turbulentos e sempre bebedos que contaminavam os tres quartos restantes. O exercito não tinha nem moral, nem disciplina. “Tudo então era desordem, anarchia”, dirá mais tarde Napoleão. Duzentos “representantes do povo”, vindos dos clubes jacobinos das vizinhanças, duzentos palradores ignorantes, procuravam impôr seus planos militares e, vendo por tudo a contra-Revolução, acabavam de corromper as tropas.

Mas o peor era talvez seu chefe, o general Carteaux, um homem inconcebivelmente ignorante da arte militar e dotado dessa estupidez typica que se apodera das criaturas durante as revoluções, quando a imbecilidade de cada um se sublima na imbecilidade geral. O general “sans-culotte”, “homem arrogante, dourado dos pés á cabeça”, inflado de vaidade revolucionaria, se exhibia entre a turba dos deputados, como um gallo no gallinheiro.

— “Em que posso ser-lhe util, cidadão ? perguntou elle a Bonaparte, com gravidade.

“Este apresentou-lhe a patente de nomeação.

— “É inutil, disse Carteaux afagando o bigode ; não temos necessidade de mais nada para retomar Toulon. Entretanto, seja bemvindo. Partilhará da gloria de ver a cidade arder amanhã, sem que o amigo se esforce muito para isso (97).”

Com essa clarividencia que era a riqueza do seu genio militar, Napoleão comprehendeu immediatamente que a unica chave de Toulon era o forte de l'E'guillette, erguido no promontorio do Cairo, na junção da pequena e da grande enseadas.

“Tomae l'E'guillette e antes de oito dias entrareis em Toulon, repetiu elle durante tres mezes a quem quizesse ouvil-o. Mas não era facil fazer comprehender isso ao general Carteaux.

— Toulon está aqui ! exclamou um dia Bonaparte, designando l'E'guillette no mappa.

— Eis ahi um camarada que não é muito forte em geographia, sussurrou o general para o vizinho, tocando-o com o cotovello (98).

E quando, enfim, a instancias dos deputados da Convenção, o ataque contra l'E'guillette foi decidido, Carteaux, suspeitando uma traição, não cessava de repetir inquietamente que Toulon não estava em absoluto para aquellas bandas. Felizmente a mulher era mais intelligente que o marido :

— Mas deixe o moço agir á vontade ; elle sabe mais que você e não vem perguntar-lhe nada ; não está certo disso ? A gloria pertence a você e, se elle fizer bobagens, a responsabilidade será delle (99).

Bonaparte encantara os dois deputados da Convenção, representantes do povo junto ao exercito de Toulon, Gasparin e seu compatriota, o corso Saliceti, — como sabia encantar todos aquelles que quizesse seduzir. Com o apoio de ambos, afastou pouco a pouco o renitente Carteaux e tomou a direcção do exercito. No cerco de Toulon o verdadeiro commandante em chefe foi Bonaparte.

Quando o comité de Salvação Publica se decidiu a reunir todas as forças do Sul contra Toulon e substituiu Carteaux

por Dugommier, velho general experimentado, Bonaparte respirou mais livremente. Dugommier, seduzido por elle, como os dois deputados, acceitou-lhe o plano, máo grado o aviso do comité.

O pequeno commandante de artilharia executava no exercito prodigios taes que chegavam a parecer incriveis : organizava o chãos, convertia as forças tumultuosas da Revolução nas forças harmoniosas da guerra, transformava os “sans-culottes” arrogantes, verdadeiras cabeças de vento, em honestos e bravos soldados ; submettia-os com um olhar brando, uma palavra intelligente, uma brincadeira, uma caricia, ou pela severidade.

O seguro instincto dos soldados fazia-os adivinhar nelle o Chefe e o Homem, como elles deveriam chamal-o mais tarde com uma simplicidade maravilhosa. Quando uma sortida inesperada do inimigo os surprehendia, todos os pequenos chefes clamavam numa só voz : “Corra ao commandante de artilharia ; elle sabe o que é preciso fazer (100).” Elle sabia tudo, conhecia-os todos ; do primeiro golpe de vista julgava cada homem e o punha em seu lugar ; distinguia os melhores e aproximava-os de si : foi assim que vieram a elle o capitão Muiron, o futuro heróe de Arcole, e o sargento Junot, futuro duque de Abrantes, e Marmont, Duroc, futuros marechaes. O Estado-Maior do Grande Exercito havia nascido.

Elle os abrasava a todos com o seu fogo, communicava-lhes sua bravura e sua actividade devorante ; era tudo para todo o mundo ; infante, cavallariano, sapador, artilheiro. Não se poupava : depois de ter commandado como general, marchava para o combate como soldado ; partilhava de todas as privações da tropa, comia pão negro, dormia na palha, junto dos canhões, realizando, não em palavras, mas em acção, a fraternidade e a egualdade revolucionarias.

Nunca mostrou mais in'repidez do que durante o cerco de Toulon. Teve tres cavallos mortos debaixo de si. Impassivel ao meio dos obuzes, sem tremer, sem mudar de cara, gritava unicamente : “Cuidado, olha uma bomba que vem ahí !” como se ainda brincasse com as bolas de neve do pateo da Escola de Brienne. Um dia, o vento de um petardo o derrubou e o magoou, mas elle nem por isso deixou a linha de fogo.

De outra feita, na bateria dos “sans-culottes”, um artilheiro foi morto ao seu lado. Elle substituiu-o junto do canhão, e, tomando o soquete da peça, poz-se a carregal-a. O artilheiro estava atacado de uma sarna maligna e Bonaparte a apanhou. Absorvido por outros cuidados, negligenciou de tratar-se convenientemente, o mal recolheu e quasi lhe custou a vida. Sua magreza excessiva, sua debilidade, esse aspecto de homem mortalmente attingido que elle conservou durante varios annos, até o Consulado, vinham dessa doença (101). Mas a força do espirito triumphava da fraqueza do corpo: “Fiz sempre de meu corpo o que quiz fazer (102)”. A bateria do Pequeno-Gibraltar estava exposta a um bombardeio tão mortifero que os homens recusavam de lá permanecer. Bonaparte fez collocar ali, bem em evidencia, um cartaz com estas palavras: “Bateria dos Homens sem Medo” e os soldados disputavam como uma honra especial o baterem-se nesse reducto. Ainda ahi, não foi a palavra mas a acção que decidiu de tudo: o commandante ficou debaixo do fogo, á frente de todos.

Os soldados amavam e deploravam esse mocinho magro, parecido com uma meninota, e que soffria da doença dos “sans-culottes”; a sarna. Quando lhe viam a fina silhueta recortar-se em negro, ao alto do parapeito, na fumarada ou na flamma vermelha do arrebentar das bombas, não podiam conter-se e atiravam-se em seguida a elle com este unico pensamento: “Antes morrermos nós outros que deixarmos morrer o menino doente”.

A 11 de dezembro, o general Dugommier propôz e fez adoptar no Conselho de guerra o plano de Bonaparte: apoderar-se do forte de l'E'guillette, bombardear do alto das collinas do Cairo a esquadra ingleza e obrigar-a a evacuar as duas enseadas. As guarnições, não podendo mais esperar o auxilio da frota, abandonariam os fortes, e a cidade capitularia.

Depois de tres dias de preparação da artilharia, o ataque do recesso inglez, a chave do forte d'E'guillette, tornou-se possivel. Em 17 de dezembro, a uma hora da manhã, por um tempo borrascoso, debaixo de chuva torrencial, o

exercito da Republica subiu ao assalto em tres columnas. Na obscuridade, como tantas vezes acontece, os dispositivos foram mal executados. As duas columnas de ataque investiram direito contra o reducto britannico, mas unicamente uma pequena fracção chegou até lá e o resto dispersou-se. Subito, na meia penumbra, ouviram-se gritos: "Salve-se quem puder! Traição!" E foi a debandada. Mas os melhores homens, sem se preocupar com a inferioridade numerica, fiados em si mesmos e encorajando-se uns aos outros, venceram a base do promontório, superaram-lhe o escarpamento, repelliram a vanguarda ingleza, depois de uma outra hespanhola, e, debaixo de uma saraivada de balas e obuzes, ao estrondo do trovão que se unia ao canhoneio, como se o céu quizesse mesclar-se á guerra terrestre, avançaram, avançaram sempre. Chegam deante do forte, transpõem os fossos, escalam os parapeitos, matam os artilheiros e penetram no recesso inimigo aos gritos de: "Victoria! Á bayoneta!" Todavia, uma cêrca defensiva os detém e, debaixo de um fogo mortifero, elles recuam, fogem do forte pela mesma estrada em que o tinham invadido. Mas voltam logo a carga, entram de novo pelo reducto e, saudados segunda vez por uma violenta descarga de mosquetes, recuam segunda vez. O general Dugommier vòu á columna de reserva de Bonaparte. Já o capitão Muiron a conduzia ao ataque e, aproveitando-se das sinuosidades de um atalho conhecido d'elle, attinge o cimo sem quasi experimentar perdas.

As tres da manhã, os republicanos, num terceiro e ultimo arremesso, occupavam definitivamente o sitio cobigado. Muiron entra na frente no baluarte disputado aos inglezes, seguido por Dugommier e Bonaparte.

O sargento Petout, ferido no hombro e na perna, cõe no fosso, mas logo se reergue, trepa pela escarpa e atira-se novamente ao fogo, gritando aos artilheiros: "Coragem, coragem, camaradas que carregaes o nome glorioso dos Homens sem Medo!"

No reducto, não atiravam mais; os homens batiam-se silenciosamente, peito contra peito, bayoneta contra bayoneta. Os artilheiros inglezes faziam-se despedaçar sobre suas peças.

Mas a furia dos assaltantes acabou dominando-lhes a tenacidade. Os carmanholas tornam-se afinal senhores da temível posição e de seus peitos offegantes escapa-se um clamor de triumpho: "O reducto é nosso!" (103).

Bonaparte deu nesse dia prova da maior bravura. Teve um cavallo morto debaixo de si e foi ferido com um golpe de bayoneta na coxa. Tão gravemente que pensaram um instante em amputar-lhe a perna. Custa a crer que, no mesmo dia, elle dirigisse ainda a localização de uma bateria no Pequeno-Gibraltar.

Às cinco da manhã, os carmanholas marcharam alegremente ao ataque do forte de l'E'guillette. Após a quêda do reducto, era impossivel defender mais tempo a fortaleza ; bem cedo os inglezes a abandonaram.

"Amanhã ou o mais tardar depois de amanhã, cearemos em Toulon", disse Bonaparte depois da rendição de l'E'guillette (104). O exercito não ousava esperar-o e, quando a predicção se realizou, os homens não se refazião de surpresas; Bonaparte dava-lhes a impressão de um feiticeiro.

No dia 18, de manhã, os republicanos viram que as guarnições evacuavam quasi todos os fortes do campo de Toulon. Para a tarde, subiu da cidade um rumor que annunciava desordenada fuga. Às nove horas, duas horriveis explosões abalaram a cidade até os fundamentos ; a segunda, comparavel a um tremor de terra, foi sentida a duas leguas de distancia ; eram duas fragatas hespanholas carregadas de pólvora que tinham saltado na enseada.

Ao mesmo tempo, o commodoro Sidney-Smith, bombardeado pelas alturas do Cairo, abandonava as duas enseadas. Na cidade, incendios irrompiam de todos os cantos; o arsenal, o armazem geral, o armazem da mastreação, o hangar dos toneis e doze unidades da frota ingleza arderam.

Os carmanholas, que se aproximavam das muralhas de Toulon com gritos de alegria e cantos revolucionarios, calaram-se de subito, tomados de estupor, como fulminados pelo raio. As carcassas dos navios em chammas assemelhavam-se a fogos de artificio. O arsenal, em meio aos turbilhões de fumaça e de labaredas, tinha o ar de um vulcão em actividade.

O céu abrasava-se numa infinita resplandecência ; via-se dentro da noite como em pleno dia.

A silhueta esbelta e virginal do menino enfermigo destacava-se em negro nessa resplandecência — aurora de um século novo. Napoleão entrava no mundo.

V

VINDIMIÁRIO

(1795 - 1799)

Elle entrava no mundo, mas o mundo não o conhecia ainda ; talvez elle proprio se conhecesse mal.

Seu successo, se o alegrou, “não o espantou muito (105)”. Um obscuro “conhecimento-lembrança” fazia-lhe sentir que esse exito não era senão a primeira etapa de um caminho tão longo, tão difficil que até então nenhum homem percorrera outro semelhante.

Todo o exercito sabia que fôra Bonaparte quem tomara Toulon ; mas Paris não o sabia, ou não o queria saber. “É preciso recompensal-o e promovel-o. Se fôrem ingratos com elle, esse official se promoverá sózinho”, escreveu Dugommier ao ministro da Guerra (106).

A 6 de fevereiro de 1794, a Convenção ratificou a nomeação de Bonaparte para o posto de general de brigada. Confiaram-lhe logo em seguida uma missão a um tempo insignificante e cheia de responsabilidades : a inspecção do exercito da Italia. Mas não foi tudo.

O representante do povo junto ás tropas, Robespierre-o-novo, fascinado por Bonaparte, como todos os do campo de Toulon, incitava-o a vir a Paris, prometendo-lhe, da parte do irmão, o commando das forças armadas do Interior. A tentação era grande. Mas Bonaparte sabe — recorda-se que sua hora não chegou ainda, que “o fruto não está maduro.” O adolescente cheio de fogo conduz-se como um velho enregelado pela experiencia. “Que irei fazer nessa maldita galera,

isto é, no Terror?" responde elle a Robespierre, e recusa categoricamente (107). Essa recusa, é Napoleão, todo inteiro, com o que elle devia chamar mais tarde o "quadrado do genio", e o que se poderia chamar, segundo Heraclito, a "união dos contrarios" — a união do calculo glacial e da paixão inflamada, de Apollo e de Dionysos. Elle construiu uma doida chimera com uma precisão geometrica. Vem o 9 Thermidor, Maximiliano Robespierre e seu irmão são guilhotinados. "Entristeceu-me um pouco a catastrophe de Robespierre-o-novo, que eu estimava e acreditei puro, escreveu Bonaparte. Mas fosse meu pae, e eu o apunhalaria se elle aspirasse ao logar de tyranno (108)." Esse bilhete devia bem cedo ser-lhe util.

Tombara o governo que Bonaparte servia. Houve uma recrudescencia de Terror ; os jacobinos delatavam-se uns aos outros para salvar a propria cabeça. Saliceti, que fôra amigo de Bonaparte, denuncia-o á Convenção, accusando-o de ter sido cumplice dos dois Robespierres, de ter elaborado planos para entregar a Republica aos inimigos, aos genovezes, e de ter querido reerguer os fortes dismantelados de Marselha, esses ninhos da contra-Revolução.

A Convenção acceita o libello contra Bonaparte. A 6 de agosto prendem-no e conduzem-no ao forte de Antibes. Elle sabia que de lá á guilhotina não havia senão um passo. Poderia evadir-se, mas "recordava-se" de que não devia fazel-o.

"Desde a origem da Revolução, não estive sempre ligado a seus preceitos? escreveu elle á Convenção para justificar-se. Sacrifiquei-lhe o direito de estado em meu departamento. Tudo perdi pela Republica. Não me podem contestar o titulo de patriota..."

"Ouvi-me, destrui a oppressão que nos cerca... Uma hora depois, se os perversos quizerem minha vida, estimo-a tão pouco, eu que sempre a desprezei! Sim, a unica idéa de que ella póde ser ainda util á patria é que me faz sustar todo este fardo com coragem (109)".

Quinze dias depois, foi elle posto em liberdade, mas não reintegrado em seu antigo posto. Deram-lhe o commando de uma brigada de infantaria do exercito do Oeste, na distante e sanguinaria Vendéa. Era o desprestigio; elle recusou, o

que lhe valeu ser riscado da lista dos generaes aproveitaveis. E' assim que o recompensaram de ter tomado Toulon.

Rompera-se-lhe o fio da vida; tudo estava para recommear.

No fim do mez de maio de 1795, veio a Paris. No exercito, elle já era Bonaparte, enquanto em Paris não era ninguém, ou peor — um personagem obscuro, um general repellido pela Convenção. Achava-se sem recursos, tendo despendido em operações mallogradas os ultimos dinheiros que trouxera do exercito.

Ocioso, flanava pelas ruas. Às vezes tomava-se de desespero e sentia-se “a ponto de ceder a um instincto animal que o arrastava para o suicidio”. Não raro, tinha vontade de diminuir o passo quando as carruagens apressadas vinham para cima d'elle.

“Foi o sujeito de maior magreza que encontrei em minha vida, diz d'elle uma mulher de espirito. — Segundo a moda do tempo, deixava que os cabellos lhe descessem até os hombros. O olhar sombrio era de um homem que não seria agradável encontrar á noite junto a um bosque... A indumentaria do general Bonaparte não era feita para tranquillizar-nos. O redingote que usava estava de tal modo sovado, tinha um ar tão lamentavel que custava a crer fosse esse homem um general. Mas verifiquei logo que se tratava de um homem de espirito, ou, ao menos, bastante singular... Se não fosse tão magro, chegando a ponto de ter um aspecto doentio e de inspirar pena, notar-lhe-iam traços cheios de finura. Sua bocca, especialmente, possuia um contorno dos mais graciosos... Elle falava pouco e animava-se falando; mas eram frequentes os dias em que se trancava num silencio meio hostil... Parece-me hoje que estava bem visivel, nos contornos dessa bocca tão fina, tão delicada e tão bem acabada, que elle desprezava o perigo e o perigo estava longe de encolerizal-o (110)”.

Acabou por obter um pequeno emprego no gabinete topographico do comité de Salvação Publica — essa bocca de leão do Terror — e apresentou ao general em chefe Scherer o plano da campanha da Italia, aquelle mesmo que devia executar, um anno mais tarde, á concepção estrategica a mais grandiosa que houve depois de Alexandre e Cesar. Scherer

não viu nesse plano senão “elocubrações insensatas, sahidas do cerebro de um doente (111)”. Então Bonaparte resolveu ir ser, em Constantinopla, junto ao Sultão, instructor de artilharia: fugir para o diabo, contanto que fosse longe de Paris!

Depois do 9 Thermidor, a Convenção se encontrava num becco sem sahida. Os realistas e jacobinos se haviam unido, uns para estrangular a Revolução, os outros para restabelecer o Terror.

No 12 Vindimiario (4 de outubro) trinta das quarenta e oito secções de Paris, formando cada uma o seu batalhão de guarda-nacional, insurgiram-se e sitiaram a Convenção. Trinta mil bayonetas a ameaçavam.

O general Menou, commandante em chefe das tropas da Convenção, não ousando atirar no “povo soberano”, parlamentou com os rebeldes; dahi ser decretado traidor e detido. Em seu lugar nomearam outro representante, Barras. Este, que não possuia nenhum talento militar, tinha necessidade de um ajudante. Foi então que se lembrou do heróe de Toulon, Bonaparte.

A uma hora da manhã, Barras mandou chamal-o e pôz-lhe o segundo lugar no commando das tropas.

— Deixe-me reflectir, objectou Bonaparte.

— Reflecta, mas não mais de tres minutos, respondeu Barras, e, de pé, deante d'elle, esperou.

Nesses tres minutos, a sorte de Napoleão decidiu-se.

“Ser o bóde expiatorio de tantos crimes aos quaes se foi estranho? Engrossar o numero desses nomes que só se pronunciam com terror (112)?” Salvar a Convenção, era salvar a horda sinistra. A Loba-Revolução já por um triz que o não devorara; iria elle sugar ainda em suas têtas de bronze? Mas talvez nem pensasse nisso; elle apurava unicamente o ouvido para o sussurro do seu Destino, ás voltas com o obscuro conhecimento-lembrança.

— Aceito, respondeu elle, ao fim de tres minutos.

“Bonaparte, quem diabo será?” perguntavam-se nas tropas da Convenção. “Tive necessidade de olhar-lhe bem o physico bizarro, a figura de monumento, para reconhecer o homemzinho que, na aléa dos “Feuillants”, só me apparecera como uma victima”, diz nas suas “Memorias” o general Thié-

bault, não comprehendendo talvez elle proprio toda a profundez das tres palavras mysteriosas “Como uma victima”. “A desordem de sua toilette, seus longos cabellos pendentes e a velhice do seu fato revelavam-lhe ainda a grande pobreza... Elle espantou de inicio pela actividade. Parecia estar simultaneamente em toda parte, ou antes, não o perdiamos de vista em dado ponto senão para vê-lo reaparecer logo. Surprehendia ainda mais pelo laconismo, nitidez e rapidez das suas ordens, imperativas como as de ninguem... Emfim, a força de seus designios impressionou todo mundo e conduziu da admiração á confiança e da confiança ao entusiasmo (113).”

Durante a noite, em cinco horas, “destrinçou o cháos”.

As trinta mil bayonetas da guarda-nacional, a Convenção só tinha a oppôr sete ou oito mil homens não muito seguros. Para reforçar essas tropas, abriram-se as prisões e libertaram-se os terroristas mais perigosos.

Emquanto os tagarelas peroravam na Convenção, os soldados confraternizavam nas ruas com os rebeldes. Bonaparte pôz fim a esse estado de cousas: armou os proprios representantes — oitocentos homens — e os paroladores, intimidados, silenciaram, como se houvessem bruscamente comprehendido que o reino da rhetorica terminara.

Os seccionarios enviaram um batalhão ao campo dos Sablons em busca de artilharia. Mas Bonaparte pensara nisso antes delles e já fizera agir seu ajudante de campo Murat; este antecipou-se aos seccionarios e levou a artilharia para a ponte Luiz XV, o que decidiu de tudo. “Um momento mais tarde e não seria mais tempo (114)”.

De manhã, os batalhões da Convenção occuparam toda a rua Saint-Honoré, e installaram-se nos degrãos da egreja Saint-Roch. Em caso de insuccesso, a retirada sobre Meudon estava garantida por um verdadeiro dispositivo militar, como num campo de batalha.

A primeira escaramuça teve logar no becco do Delphim e em redor da egreja. Bonaparte deu ordem de romper um fogo de metralha com duas peças situadas no extremo sul do becco. Os obuzes que sibilavam pela rua Neuve-Saint-Roch limpavam-na dos rebeldes. Mas, perto da egreja, travou-se um furioso

combate a bayoneta. Bonaparte installou uma bateria de seis peças, tres á direita, tres á esquerda da entrada do becco, e o fogo de metralha pôz em debandada os sediciosos, que se saíram para as bandas do Palais Royal, da praça Vendôme e da praça do Carrousel, onde foram igualmente dispersados pela metralha. Foi assim que se cumpriu o que Bonaparte sonhara a 20 de junho de 1792, nesse mesmo lugar: “Che coglione!” Deviam varrer quatrocentos ou quinhentos com o canhão, e o resto ainda estaria correndo!”

Duas horas bastaram para dispersar trinta mil homens com seis mil. Ás seis horas da manhã tudo estava acabado (115).

Bonaparte nesse dia fez prova da mesma bravura que no cerco de Toulon. Teve um cavallo morto debaixo de si. “Emfim, tudo acabou... escrevia elle a seu irmão José, no 14 Vendimiario... — Liquidamos muita gente... desarmamos as secções e tudo está calmo. Como de costume, não recebi nenhum ferimento. A felicidade é por mim (116)”.

Apressou-se em remetter 60.000 francos a Marselha, para mamã Letizia que não tinha na bolsa senão um bonus de cinco francos.

No mesmo dia foi nomeado commandante das tropas do Interior. Agora ninguem perguntava mais: “Bonaparte? Quem diabo será?” Acima de Paris, acima da França, crescia em toda a altura o homem de “physico bizarro”, “figura de monumento”.

“Julgam elles que tenho necessidade de protecção para vencer? indagava elle sem nenhum orgulho. — Elles serão bem felizes no dia em que eu quizer conceder-lhes a minha. Tenho a espada ao lado, e com ella irei longe (117).”

Bruscamente mudou de todo, transfigurou-se. O almirante Decrès narra assim seu encontro, depois do Vindimiario, com esse Bonaparte que elle acreditava poder tratar como amigo: “Corri, cheio de pressa e alegria; o salão abriu-se, vou atirar-me quando a attitude, o olhar, o som da voz, bastaram para deter-me. Não havia entanto, nelle, nada de injurioso, mas foi o bastante. A partir dahi, não tentei nunca transpôr a distancia que me fôra imposta (118)”.

Essa distancia só o separa de seus eguaes, e não de seus inferiores: elle é sempre simples com os simples.

Depois do Vindimiario, houve fome em Paris. As distribuições de pão foram suspensas. O povo amontoava-se em torno das padarias. Zelando pela tranquillidade da urbe, Bonaparte percorria uma vez as ruas, a cavallo, seguido de parte de seu Estado-Maior. A turba esfomeada cercou-o, comprimiu-o, reclamando pão em grandes gritos ; engrossava cada vez mais, tornando-se mais e mais ameaçadora. Uma mulher monstruosamente gorda avançou com maior furia que os outros, sacudindo os punhos e clamando : “Todos esses carregadores de dragonas se divertem connosco ; comtanto que elles comam e engordem, pouco se lhes dá que o povo morra de fome ! — Mas olhe bem para mim, minha querida, e veja qual de nós dois é mais gordo!” respondeu Napoleão; a patulêa gargalhou e seu furor extinguiu-se (119). E’ assim que um unico sorriso do Deus-Sol faz expirar Python.

Veio a época festiva do Directorio; o ar rescendia a primavera ; o gelo do Terror fundira ao sol da Reacção. E’ então que Bonaparte encontra a viscondessa Josephina de Beauharnais, de uma familia Tascher, da Martinica. Seu marido, presidente da Constituinte, commandante em chefe das forças do Rheno, abandonara-a na miseria, com dois filhos nos braços. Ella vivia como calhava, fazendo dividas, occupando-se de especulações arriscadas e não se distinguindo muito pela austeridade dos costumes. Durante o Terror, o visconde de Beauharnais foi guilhotinado. A cidadã Tascher viu-se detida por sua vez, ainda que se dêsse por uma boa “sans-culotte” e fosse amiga de Carlota Robespierre. Tendo por milagre escapado ao cadafalso, foi, quando menos esperava, transportada das prisões sangrentas da Conciergerie para os salões brilhantes dos antigos aristocratas e dos novos especuladores. E lá é que encontrou Bonaparte.

Josephina não estava mais na primeira juventude, e occultava a idade — trinta e dois annos. Era morena como uma verdadeira ilhêa da America, mas pintava-se com arte, e sorria prudentemente para não mostrar os dentes avariados. Tinha bellos olhos langorosos e uma voz tão doce, tão melodiosa, que os criados paravam nos corredores para ouvir-a. Mas seu maior encanto estava nos gestos harmoniosos, flexiveis como a

ondulação das algas sob a vaga que transborda. “Josephina era a graça personificada, “la grazia in persona”, diz Napoleão em Santa-Helena (120).

Em seus dias de miseria, ella possuia dezeseis saias e seis camisas; mudava mais frequentemente a roupa de cima que a de baixo.

“Era exactamente como uma criança de dez annos; tudo a sensibiliza; chora e consola-se no mesmo instante”; — uma criança ou antes um alegre passaro das florestas da Martinica. “Poder-se-ia dizer de seu espirito o que Molière dizia da probidade de um homem, que tinha justamente o bastante para não ser enforcado (121)”. Mas distinguu-se bastante pelo bom senso e subtiliza feminina. Certo, não conseguia enganar Napoleão, o mais intelligente dos homens, mas sabia defender-se. “Qualquer pergunta que lhe fizessem, seu primeiro movimento era a negativa, sua primeira palavra: “Não”, e o não, sem ser precisamente uma mentira, era uma precaução, uma simples defensiva (122)”.

Parece que o primeiro passo foi dado por Josephina. Ella sonhara sempre desposar um fornecedor dos exercitos, mas, não tendo podido encontral-o, contentava-se com um general. Poucos dias depois do primeiro encontro, ella concedeu-lhe uma entrevista galante no confortavel palacete da rua Chantereine, que viera de comprar com o dinheiro de seu amante Barras. E alguns dias mais tarde estavam noivos.

“Você o ama? irás perguntar-me, escrevia ella a uma amiga. — Mas... não. Acho-me num estado de torpor que me desagrada, e que os devotos reputam o mais enfadonho de todos, em materia de religião (123).”

Elle se exal.a. Josephina é a primeira mulher que elle ama ou acredita amar. Não se póde amar sem paixão, mas póde estar-se apaixonado sem amor. Parece bem que era assim a paixão de Bonaparte.

Nas suas declarações havia um pouco de ruim rhetorica, reminiscencias da “Nova-Heloisa” e “dos soffrimentos do joven Werther.” Josephina bem que o sentiu. “E’ engraçado este Bonaparte!” diz ella, rindo, quando elle a ameaça com o “punhal de Othelo” (124). Mas sua perpetua exaltação acabou por fatigal-a, e no horizonte appareceu o senhor

Carlos, ajudante de campo do general Leclerc, um homunculo robusto e frisado, com uma physionomia de caixeiro viajante, verdadeiro don Juan de mesa de hotel. Josephina achou-o mais divertido que Bonaparte. Aliás, era indulgente para este: “Amo Bonaparte, máo grado seus pequenos defeitos”, escreve ella a seu antigo amante Barras (125).

Talvez Bonaparte não fosse muito longe nesse engodo. Bem sabe elle que a tomou ainda quente da cama de Barras. Mas não lhe sobra tempo para pensar nisso: elle ama como come, apressando-se, entulhando-se, engulindo quasi sem mastigar. E mais tarde, durante a vida toda, quasi não terá tempo.

“Nunca amei de amor, salvo talvez Josephina, um pouco, e ainda assim porque eu tinha vinte e sete annos (126).” — “Não amo muito as mulheres, nem o jogo, emfim, não amo cousa alguma; sou um sêr essencialmente politico (127).”

O contracto de casamento foi assignado na “mairie” em 19 Ventôse (9 de março) de 1796. Talvez estivessem ambos tacitamente de accordo para preferir ao casamento religioso, muito solido, um casamento civil, mais fragil.

— Mas o quê, dizia a Josephina, alguns dias antes dos esponsaes, “maitre” Raguideau, seu tabellião, — casar-se com um general que só tem a capa e a espada (128)?

Josephina, porém, não se atemorizou; recordava-se das palavras de Bonaparte: “Tenho a espada ao lado, e com ella irei longe!”

Barras foi uma das testemunhas do casamento. Josephina recebeu d'elle um dote magnifico — a nomeação de Bonaparte para o commando em chefe do exercito da Italia. Dois dias depois do consorcio, já elle estava em caminho para a Peninsula.

O sol não se levantara ainda, mas já a aurora avermelhava o céu, e parecia-lhe que elle se elevava da terra, como sobre asas possantes, a tomar o seu impulso para o sol.

O SOL - LEVANTE

I

A ITALIA

(1796 - 1797)

“Talvez depois das minhas victorias da Italia é que eu gozasse mais! Que enthusiasmo! Quantos gritos de: “Viva o libertador da Italia!” E isto aos vinte e cinco annos! Desde então, previ o que poderia tornar-me. Via o mundo fugir debaixo de mim, como se eu tivesse sido arrebatado nos ares (129).”

Um vôo prodigioso, uma celeridade, uma desenvoltura miraculosas, tal é bem a impressão que se depreheende da campanha da Italia. Mas, se a celeridade é real, a desenvoltura só é apparente: basta olhar de um pouco mais perto para comprehender que trabalho, que fardo se occulta debaixo dessa illusão de leveza.

“Onde o Imperador foi o maior de todos, foi na guerra da Italia, diz o general Lassalle em 1809, quando Napoleão já estava em declinio. — Lá se mostrou um heróe; actualmente é um Imperador. Na Italia só dispunha de poucos homens, quasi sem armas, sem pão, sem calçado, sem dinheiro, sem administração. Nenhum soccorro de ninguem e a anarchia no governo. Um aspecto nada imponente, uma reputação de mathematico e sonhador. Nenhuma acção ainda para elle e, sem amigos, era olhado como um urso, porque vivia sempre sózinho, a pensar. Forçoso lhe era crear tudo, e elle tudo creou. Ahi, sim, é que elle foi de todo admiravel!” (130).

Talvez no cerco de Toulon as difficuldades não fossem menores, mas tratava-se de um simples retalho de terra; na

Italia, Bonaparte encontrava-se numa região vasta, em presença de toda a Europa.

Recebeu elle do Directorio, para fazer a conquista da Italia, dois mil luizes de ouro e alguns titulos incertos. Mandou distribuir a cada um de seus generaes quatro luizes, o que era muito, porque ha longo tempo não se viam no exercito senão bonus duvidosos (131).

No estado maior de Masséna faltava papel para redigir ordens. Dois tenentes, narra Stendhal, utilizavam-se alternativamente das mesmas pantalonas; um outro, indo visitar uma marquiza, de Milão, prendia aos pés com barbantes as botinas sem sola (132). Os soldados, em molambos, famintos, bebidos, violentos, não sonhavam senão com depredações e pilhagens. “Toda a sovinice da Provença e do Languedoc, conduzida por um capitão indigente.” E’ assim que Alfieri define essas tropas de “sans-culottes” (133).

“O soldado sem pão é levado a excessos de furor que nos envergonham de ser homens, escreveu Bonaparte ao Directorio. Vou conduzir-me com rudeza. Ou trarei esse pessoal á ordem, ou cessarei de commandar semelhantes bandidos (134).” Miseravel exercito orientado por um general doente: a sarna de Toulon voltava a fazer das suas. O homem soffria da bexiga, e a febre dos pantanos de Mantua extenuava-o de tal fórma que elle se assemelhava ao seu proprio espectro. Cria-se que estava envenenado. “Dá prazer vel-o tão amarello”, diziam os monarchistas, bebendo-lhe á morte proxima (135).

Só os olhos, nesse rosto macillento, brilham como uma flamma terrivel, “com o fulgor inaffrontavel do metal em fusão”. E’ com esses olhos que elle doma a Besta.

“Este badaméco de general me fez medo; não posso comprehender o ascendente de que me senti esmagado ao seu primeiro olhar”, confessa o general Augereau (136).

“Divertem-se comnosco, mandando-nos um garoto para commandar-nos”, resmungavam os velhos bigodudos; mas não tardaram a comprehender quem era esse fedelho. Sentiram primeiro medo e, depois, puzeram-se a amal-o. “No exercito da Italia adoravam até o ar doentio do general em chefe

(137)". Não só o idolatravam como também o "lamentavam". No mais forte dos combates, elle não commandava mais e apenas com um olhar, um sorriso, permittia-lhes seguir para a morte, como uma mulher permite ao amante multiplicar-se em loucuras.

Tal foi o milagre de Bonaparte; em quinze dias os sovinas, os aladroados "sans-culottes" egualaram-se ás phalanges macedonias de Alexandre, ás legiões romanas de Cesar; transformaram-se em tropas taes que não se viam semelhantes ha dois mil annos.

A campanha começa a 10 de abril; a 26, Bonaparte pôde dizer numa proclamação ao exercito; "Soldados, em quinze dias alcançastes seis victorias, tomastes vinte e uma bandeiras, cincoenta e cinco peças de canhão, muitas praças fortes, conquistastes a parte mais rica do Piemonte... Desprovidos de tudo, vós tudo suppristes; ganhastes batalhas sem canhões, transpuzestes ribeiras sem pontes, fizestes marchas forçadas sem sapatos, bivaqueastes sem aguardente e muitas vezes sem pão. As phalanges republicanas, os soldados da liberdade, eram os unicos capazes de soffrer o que soffrestes. Graças vos sejam rendidas, soldados!... Mas, soldados, nada fizestes ainda, pelo que ainda vos resta a fazer (138)."

Quando, das alturas de Monte-Zemolo, elle lhes mostrava, no brilho da manhã e da primavera, as planuras immensas e ferteis da Lombardia — a terra promettida — todos clamavam, batendo alegremente as mãos: "A Italia! A Italia!" Dir-se-ia que o exercito inteiro voava com seu chefe. "Eu vi o mundo fugir debaixo de mim, como se tivesse sido arrebatado nos ares."

O mez das flores, abril-floreal, reina por tudo: por toda a parte á matinal juventude, a alegria primaveril. "Nada egual a intrepidez, senão a alegria", escreveu Bonaparte ao Directorio (139). "Nada egualava a miseria do exercito senão sua extrema bravura e sua alegria", diz Stendhal que tomou parte na campanha (140). "Esses soldados francezes riam e cantavam o dia todo". Talvez morram amanhã, mas hoje cantam e riem como outróra, debaixo deste mesmo céu da Italia, o céu azul carregado da Umbria, — ria e cantava o santo "sans-culotte" Francisco de Assis.

Toda esta guerra jovial é como uma tempestade em meços de maio.

Taça repleta do mais inebriante dos vinhos — o vinho da liberdade: “Povo da Italia! o exercito francez vem para romper vossas cadeias; o povo francez é amigo de todos os povos; vinde confiados para elle... Nós só detestamos os tyrannos que vos subjugam (141).” — “Somos amigos de todos os povos e mais particularmente dos descendentes dos Brutus, dos Scipiões e dos grandes homens que tomámos por modelos. Restabelecer o Capitolio, collocar ahi com honra as estatuas dos heróes, despertar o povo romano entorpecido por tantos seculos de escravidão, tal será o fruto das nossas victorias (142).”

Foi nessa mesma Italia que a Antiguidade classica conheceu sua primeira renascença — na contemplação, nas creações da arte; é lá ainda que uma nova renascença se realiza em acção, em criaturas vivas. Todos esses jovens bravos — os Lannes, os Muiron, os Desaix e tantos outros desconhecidos, puros, limpidos, rectos como espadas — têm o ar de heróes antigos reaparecidos no mundo. E entre elles, Bonaparte é o mais valoroso. “Eu desprezava então tudo o que não fosse gloria”. Mas parece ás vezes que elle despreza a propria gloria; mal se abaixa para colher os louros, e mal se inclina para ella de uma altura maior que a gloria — de uma altura que talvez elle mesmo ainda ignore.

Defende generosamente o inimigo vencido, o valoroso marechal austriaco Wurmser, sobrecarregado pela velhice. Escreve ao archiduque Carlos, a offerecer-lhe a paz: “Matámos muita gente e praticámos innumeros males... Quanto a mim, se as propostas que tenho a honra de fazer-vos pôdem salvar a vida a um só homem, terei mais orgulho da corôa civica que merecer que da triste gloria que me possa resultar dos successos militares (143).” — “Um homem como eu está se ninando com a vida de um milhão de homens”, dirá elle mais tarde (144). “Comediante”, o Papa o marcará com essa palavra. Mas os homens não são tão parvos; ninguém os engana com a simples “comedia”; especialmente na guerra, quando as almas humanas são postas a nú como

as espadas, e quando é preciso ter coragem; ora, “a coragem, segundo a phrase maravilhosa de Bonaparte, não se falsifica; é uma virtude que escapa á hypocrisia (145)”.

Não, basta olhal-o para comprehender que elle possui uma certeza. Donde lhe vem essa melancolia quasi sobre-humana? O general Thiébault teria propheticamente razão: “Na aléa dos “Feuillants” elle só me apparecera como uma victima”.

E aos primeiros clarões da gloria — do sol-levante, — Bonaparte presentirá — recordar-se-á da noite estrellada de “Santa-Helena, pequena ilha”?

Todas as descripções de batalhas, mesmo as de Napoleão, são tediosas para os profanos. Um combate é um relampago: como representar, fixar um relampago? Só se pôdem marcar os pontos geometricos de seu vôo afim de fazer sentir a força do temporal. Montenotte — a 12 de abril; Millesimo — a 14; Dego — a 15; Mondovi — a 22; Cherasco — a 25; Lodi — a 10 de maio: victoria sobre victoria, relampago sobre relampago. Em 15 dias o Piemonte é occupado, as portas da Italia são arrombadas. Em seguida, com uma rapidez quasi tão fulminante, succedem-se Lonato, Castiglione, Roveredo, Bassano, Arcole, Rivoli, Favorita, Tagliamento. Em dezenove mezes, a Italia e o Tyrol são conquistados, e Bonaparte está ás portas de Vienna.

Nesse diadema de victorias figuram tres diamantes: Lodi, Arcole, Rivoli.

Lodi parece uma brincadeira de crianças; dir-se-ia que Bonaparte adivinhara que os soldados tinham vontade de brincar. Ou foi uma feliz partida de jogo. O jogo é sempre vão, como são vãs a gloria e a belleza, esses jogos dos deuses, e quanto mais são vãos, tanto mais são divinos.

Bonaparte marchava sobre Milão; para lá chegar era inutil atravessar o Adda, em Lodi, e, de qualquer modo, parece que não se poderia fazer isso brincando: a ponte era guardada por dez mil bayonetas austriacas e trinta peças de canhão. Mas Bonaparte sabia o que fazia. Dispoz de seus granadeiros em duas columnas: occultou uma em geitosa

emboscada e lançou a outra sobre a ponte. Chegando-lhe á metade, sob um terrivel fogo de metralha, a vanguarda da columna se deteve, parecendo recuar. O coração de Bonaparte tambem se immobilizou, como no caso de um jogador que apostou muito numa carta. Mas não foi senão um instante entre duas palpitações: o coração recommçou a bater, e desta vez de alegria. A vanguarda da columna, se bem que cruelmente posta á prova, não recuou; soldados escorregaram pelos pilares da ponte na ribeira, acharam um váo, alcançaram a outra margem e desenvolveram-se em tiroteio através da planura. Nesse momento a segunda columna, deixando a emboscada, correu para a ponte em passo de carga e, antes que os austriacos tivessem tempo de reajustar-se, os francezes os abordaram a bayoneta e apoderaram-se da bateria: a ponte estava tomada.

Tudo isto é tão simples que está ao alcance de qualquer criança, e assim todo mundo logo o comprehendeu.

Innumeras estampas representando “A passagem da ponte de “Lodi” espalharam-se não só na França mas tambem na Alleman^{ha} e na Inglaterra. Ainda não sabiam pronunciar convenientemente o nome de Bonaparte e já a gloria se apoderara desse nome, transportando-o e clarinando-o por mil trombetas. Deitara-se elle heróe francez e acordara heróe europeu. “Vindimiario e mesmo Montenotte, diria elle mais tarde, não me tinham ainda levado a crer-me um homem superior; só depois de Lodi é que me veio a idéa de que poderia tornar-me, em ultima instancia, um actor decisivo em nossa scena politica. Então é que nasceu a primeira fagulha da minha alta ambição (146).”

A façanha é simples, mas só Bonaparte era capaz dessa simplicidade. Para que Lodi não falhasse, cumpria saber o que faria na ponte a vanguarda da primeira columna com a mesma precisão com que um homem sabe o que irá fazer elle proprio; cumpria que o chefe sentisse a alma e o corpo de todo o exercito; e esse dom ninguem o tinha tido depois de Alexandre e Cesar.

O “pequeno caporal”: foi assim que o appellidaram, depois de Lodi, os soldados definitivamente amorosos delle;

esses humildes tinham sentido que elle era do numero delles — que era o Homem.

Melhor que todós os relatorios militares, a gravura de Raffet nos explica a batalha de Lodi. Bonaparte, as costas voltadas para o fogo do bivaque, trata de aquecer-se, as pernas ligeiramente afastadas e as mãos atraz das costas, como se aquecerá mais tarde, sendo Imperador, nas lareiras das Tulherias. Os granadeiros cercam-no; uns montam guarda; outros dormem a seus pés ou então fumam cachimbo, bebem aguardente, na barafunda da egualdade revolucionaria; mas todos, excepto os que dormem, contemplam, como se estivessem em prece, o Homem-Deus.

Arcole não é mais uma brincadeira. Lá Bonaparte, com todo o seu exercito, esteve quasi a perder-se. Para salvar-se, lançou mão de um plano desesperado: atirar-se através dos pantanos quasi impraticaveis do Adige sobre a retaguarda do marechal austriaco Alvinzi. Para isso, era necessario apoderar-se da ponte de Arcole, tão bem defendida por duas peças de canhão, e os fogos cruzados da metralha não deixariam passar um unico homem e nem mesmo um rato. Depois de varios ataques infrutuosos que cobrem a ponte de cadaveres, os homens recusam-se a marchar para uma morte certa. Então Napoleão agarra numa bandeira e atira-se para a frente, primeiro só, e pouco depois seguido de todos. O general Lannes, duas vezes ferido na vespera, cobre-o com seu corpo e cae-lhe desfallecido aos pés, abatido por um terceiro ferimento; o coronel Muiron, que por sua vez o protege, é morto de encontro ao peito de Bonaparte, cujo rosto é salpicado do sangue do heróe. Ainda um minuto e Bonaparte vae tambem ser morto; cae da ponte no pantano, de onde os granadeiros só o retiram por milagre.

A ponte não foi tomada. Logo a façanha resultara inutil? Não, das mais uteis, ao contrario: ella elevou o moral dos soldados a um nivel inaudito; o chefe derramou nelles sua coragem como se passa agua de um vaso para outro; accendeu-lhes os corações no seu, como se accende um cirio

em outro. “Eu me encaro como o homem mais audacioso em guerra que talvez já tenha existido”, diz elle um dia com toda simplicidade, unicamente porque vinha a pêlo dizer isso (147). Depois de Arcole, podiam affirmar: “O exercito francez é o mais audacioso da terra.” O feld-marechal austriaco Alvinzi teve consciencia disso; abandonou as alturas inexpugnaveis de Caldiero, abandonou Mantua, abandonou toda a Italia. A primeira metade da campanha estava terminada (148).

Rivoli é o ultimo grande combate, e o mais duro, na campanha da Italia. Bonaparte tratou-o como um problema mathematico, onde a coragem não tem parte alguma. Esforçou-se para resolvel-o ainda que o sabendo tão insolúvel quanto uma equação de numerosas incognitas.

Havia ao menos cinco: — cinco columnas austriacas desembocando uma após outra no platô, pelos desfiladeiros dos Alpes, de sorte que era impossivel adivinhar quando e de onde sairia cada uma dellas e em que direcção. Os austriacos, formando tropas frescas, batiam-se mais valentemente que nunca, enquanto os francezes estavam extenuados por combates ininterruptos e marchas forçadas.

A batalha começou ás quatro da manhã e lá para as onze horas os negocios dos francezes estavam o peor possivel: o flanco esquerdo achava-se atropelado e quasi esmagado, o centro em que se encontrava Bonaparte resistia ainda, mas ia ser perfurado de um instante a outro. Nesse momento surgiu, como sahida das entranhas da terra, a quinta columna austriaca, a mais temivel; desembocando do estreito desfiladeiro de Incanale, — um verdadeiro abysmo — ella galgou a rude encosta e atirou-se na pugna, sobre a ala direita, pondo tudo de pernas para o ar deante de si.

Então Napoleão comprehendeu que estava acuado e que sua perda era quasi inevitavel. Quarenta e cinco mil austriacos cercavam-lhe os dois flancos, a comprimir como num torno de ferro os dezesete mil francezes. Se nesse instante qualquer linha de seu rosto mudasse, fremissem, tudo teria fremido tambem no campo de batalha, tudo teria fugido, mas

seu rosto permanecia calmo, como o de um homem que procura a solução de um problema de mathematica. Ainda que o sabendo insolúvel, procurava-lhe a solução, tendo fé no absurdo como no racional, crendo em milagre nessa mathematica que exclue o milagre. E fitando-lhe o rosto, os soldados também acreditaram no milagre, e o milagre se consumou. A quinta columna austriaca é arremessada no precipício de Incanale, e para a tarde tudo estava acabado, o inimigo fôra batido. Mas Bonaparte não poderia nem mesmo lembrar-se o que essa victoria custara e como quasi ficou doido nessa terrível jornada.

Subito, ao fim do combate, chega uma nova ainda mais terrível: o general austriaco, Provera marcha sobre Mantua; Mantua vaе ser retomada, Mantua a chave de toda a Italia; Arcole não vale mais nada, o sangue sagrado de Muiron deramado em pura perda, o milagre de Rivoli não é mais um milagre e sim um simples absurdo; a mathematica tomou a sua desforra!

E Bonaparte? Não mudou de cara? Sim, mudou, gritou como um doido: “Para Mantua, soldados! Para Mantua!” Talvez fingisse estar doido e continuasse sempre, com uma loucura calma, a resolver a equação monstruosa que já agora possue não apenas cinco incognitas mas um numero infinito de incognitas.

“Para Mantua!” gritava elle a essa mesma 32.^a meia-brigada que viera em marcha batida de Verona, durante a noite, atirando-se no combate sem tomar respiração, que pelejara com tal ardor que durante o dia tudo dependera della — a essa mesma legião cujos granadeiros lhe declaravam estar dispostos a ir buscar a gloria em companhia d'elle, onde quer que fosse.

“Para Mantua! Para Mantua!” respondeu a 32.^a como uma doida, ella também.

De Rivoli a Mantua ha trinta milhas.

Para chegar a tempo, era preciso marchar, correr, toda uma noite e um dia, e de novo, sem respirar, precipitar-se no combate, baterem-se seis mil contra dezeseis mil, e vencer. E elles chegaram, bateram-se e venceram na Favorita.

“As legiões romanas faziam, dizem, vinte e quatro milhas por dia, escreveu Bonaparte ao Directorio; nossas meias brigadas fazem trinta, e batem-se no intervallo (149).”

Qual foi o resultado da Favorita? Eil-o: vinte e dois mil prisioneiros, toda a artilharia, todas as bagagens cahiram nas mãos do vencedor; os austriacos abandonaram Mantua, todo o Tyrol, toda a Italia; o feld-marechal Wurmser, com os seus setenta annos, a bravura em carne e osso, a alma do exercito austriaco, está aos pés de Bonaparte; terminou a campanha da Italia e a Favorita brilha no céu da sorte de Napoleão como um diamante eterno.

Que nos importa a Favorita? Todavia não se pôde pensar nella sem chorar de enthusiasmo.

A campanha da Italia terminara, mas esse fim não é senão um começo! “Soldados, nada fizestes, pelo que vos resta ainda fazer”. — “Pois bem, partamos, temos ainda marchas forçadas, inimigos a submetter, louros a colher, injurias a desaggravar (150).”

Onde e quando se deterá elle? Jamais, em parte alguma. Elle os conduzirá até o fim da terra, até os confins do mundo, até o infinito. Todos se elevarão com elle como as sombras de Ossian, essas nuvens-fantasmas que, impellidas pelo vento, passam deante da lua; todos deitarão os ossos nas areias ardentes das Pyramides ou nas neves da Berezi-na; todos serão victimas, como elle: “Lamento esse infeliz; elle será a admiração e a inveja de seus semelhantes e o mais miseravel de todos... Os homens de genio são meteóros destinados a arder para illuminar seu seculo (151).”

“Aqui portanto acabam os tempos heroicos de Napoleão”; é por estas palavras que Stendhal conclue a narração da campanha da Italia (152). Não, elles não acabaram; na vida de Napoleão o heroico não terminará senão com a propria vida, mas será differente. Não mais se encontrará esse milagre ininterrupto do vôo, esse frescor matinal, essa juventude, essa taça onde referviam os temporaes de primavera, essa melancolia ossianesca, quasi supraterrrestre, essa pureza de sacrificio; o vôo será mais alto,

mais resplandecente o meio-dia, mais temerosa a tempestade, mais imperial a purpura do poente, mais santo o mysterio estrellado das noites, mais completo o sacrificio, mas não haverá mais “aquillo”.

O tratado de Campo-Formio foi assignado em 17 de outubro de 1797, e a 5 de dezembro Bonaparte estava de volta a Paris. O Directorio acolheu-o com uma admiração apparente e um ciume secreto: os pequenos sentiam-se ainda mais diminuidos pelo grande. “Elles vão envenenal-o”, dizia-se em Paris, onde se lembravam da morte brusca do general Hoche (153).

Jantando com os membros do Directorio, no palacio do Luxemburgo, Bonaparte antes de tocar nos vinhos e nos manjares, esperava que os hospedeiros tocassem enquanto estes se diziam ironicamente: “Elle não tem medo das granadas e tem medo do veneno”. Já um ligeiro sorriso esvoaça por cima de Paris, embaciando a gloria do heróe.

“Crêm vocês que seja pela grandeza dos advogados do Directorio que estou triumphando na Italia? Crêm tambem que seja para fundar uma Republica? indagava elle, ainda na Peninsula. — Que idéa... Do que a Nação precisa é de um chefe e não de discursos de ideologos... Mas o momento não chegou ainda, o fruto não está maduro (154).”

Esperando, sentia-se elle suffocar em Paris. “Este Paris me pesa como se eu carregasse um manto de chumbo”. “E’ de um vôo livre no espaço que carecem semelhantes asas: elle morrerá aqui: é preciso que parta (155).” Para que? Elle o sabe, — recorda-se.

Desde os primeiros dias da Revolução, começou a luta entre a Inglaterra e a França, o duello da ordem antiga e da nova, para a dominação universal. “O genio da liberdade que tornou a Republica, desde o nascimento o arbitro da Europa, quer que ella o seja dos mares e das regiões mais distantes”, dirá Bonaparte em sua proclamação dirigida ao exercito do Oriente (156).

O plano de uma descida militar na Inglaterra parece ter sido discutido pelo comité de Salvação Publica; o Directorio recebeu essa herança.

“Concentremos toda nossa actividade do lado da marinha, e destruamos a Inglaterra. Isto feito, a Europa estará a nossos pés”, escrevia Bonaparte, no mesmo dia da paz de Campo-Formio (157). Mas, no momento em que foi nomeado commandante em chefe do exercito da Inglaterra, já elle pensava em outra cousa.

“Quero primeiro dar uma volta pelo littoral. Se o exito de uma descida na Inglaterra me parecer duvidoso, o exercito da Inglaterra tornar-se-á exercito do Oriente (158).” — “A Europa é uma casa de toupeiras; só tem havido grandes imperios e grandes revoluções no Oriente, onde vivem seiscentos milhões de homens (159). Attingir as Indias pelo Egypto, afim de ahi desferir um golpe de morte na dominação universal da Inglaterra, tal é o plano gigantesco de Napoleão, “elocubração insensata sahida do cerebro de um doente”. Mas tanto mais o projecto é insensato e mais o Directorio se felicita: “Que elle vá para o Oriente e ahi será feito em frangalhos”.

A 19 de março de 1798, Bonaparte deixou Toulon a bordo da “Oriente”, fragata de cento e vinte canhões, á frente de uma frota de quarenta e oito vasos de guerra e de duzentas e oitenta unidades transportando um exercito de trinta e oito mil homens, e se dirigiu, através de Malta, para o Egypto.

Elle sabia — recordava-se — que lhe era necessario, como ao sol, levantar-se no Oriente.

II

O EGYPTO

(1798 - 1799)

“Todas as probabilidades eram contra nós, e não havia um só prognostico favoravel sobre cem; assim iam de coração alegre a uma perda quasi certa. Forçoso é convir que era jogar um jogo extravagante, insusceptivel de ser justi-

ficado pelo proprio successo”, diz em suas “Memorias” o general Marmont, que tomou parte na campanha do Egypto (160).

A esquadra ingleza do almirante Nelson montava guarda. Uma frota não é um alfinete; ainda que a frota franceza conseguisse por milagre sahir do porto, Nelson não poderia deixar de perceber em alto mar, durante as seis semanas que devia durar a viagem de Toulon a Alexandria, essa cidade fluctuante, extensa de sete kilometros. Ora, bastar-lhe-ia descobril-a para destruil-a.

E eis que milhares de homens, confiantes na feliz estrella de Bonaparte, apostavam, nesse jogo extravagante, destino, vida, honra, — tudo o que possuiam, e não eram apenas homens de raciocinio abstracto, como os membros do Instituto, o chimico Berthollet, o physico Monge, o archeologo Denon, que já conheciam talvez em parte a nova theoria das probabilidades do collega Laplace, mas tambem homens de senso commum, que em geral não são levados a extravaragar.

“Estás vendo este homem? dizia a Junot, durante a travessia, o banqueiro Gollot, a mostrar-lhe Bonaparte. Se isso lhe fosse necessario, não haveria um de nós que elle não fizesse ir pelos ares, mas, para servil-o, nós o fariamos antes de elle o dizer (161)”.

Immediatamente, desde a sahida do ancoradouro, o “jogo extravagante” começa: cartada sobre cartada, ganho sobre ganho, numa progressão geometrica de prodigios. Se não fosse historia universal, ninguem o acreditaria, porque parece conto de fadas.

No dia aprazado, na hora, no minuto opportuno, o mistral de nordeste, verdadeira tempestade, expulsa a esquadra ingleza para longe da costa, dispersa-a no mar, e avaria tantas unidades que as reparações indispensaveis duram mais de oito dias. E quando ella reapparece deante de Toulon, Bonaparte já partira ha doze dias. Compreendendo que elle abriria caminho através da ilha de Malta, Nelson perseguiu-o, alcançou-o, e passou deante da frota sem vel-a. Dir-se-ia que as Nereidas, cumplices da Estrella de Napoleão, tinham obscurecido com os nevoeiros marinhos os telescopios inglezes.

Malta rendeu-se aos francezes em nove dias, quasi sem resistencia. Durante esse tempo Nelson, percebendo de novo

o roteiro de Bonaparte, dirigiu-se para Alexandria, mas, não o tendo encontrado, continuou em direcção á Syria; se permanecesse deante de Alexandria vinte e quatro horas mais, teria pela certa aprisionado toda a esquadra franceza; do alto dos mastros da fragata de vanguarda enviada por Napoleão, via-se a frota ingleza fazer vela para o alto mar. Durante todo um mez, Nelson percorreu o Mediterraneo em perseguição á esquadra fantasma e, durante esse mez, os francezes occuparam o Egypto.

Em 2 de julho, a uma hora da manhã Bonaparte desembarcava no Egypto. No mesmo dia, apoderava-se, quasi sem um tiro, de Alexandria, outrora a capital do Oriente, tornada uma miseravel cidadezinha de seis mil almas, e, cinco dias mais tarde, o exercito francez marchava contra o Cairo, seguindo o Nilo, onde poderia ser esperado pela flotilha inimiga — mas cortando através do deserto de Demenhur.

E' preciso saber o que é o deserto egypcio, distante do Nilo, no mez de julho, para avaliar o que soffreu o exercito durante essa marcha de seis dias. Os homens acreditavam-se na fornalha do inferno, morriam, enlouqueciam, menos de calor, mas de fome e de sêde que de temor. Houve deserções, murmurios, quasi actos de levante manifesto. Mas bastava que Bonaparte apparecesse para que todos se calassem e os homens proseguissem no inferno abrasado, com a docilidade de sombras seguindo Hermes, o Conductor de almas.

A 12 de julho, viram o Nilo, em plena enchente, tão amplo quanto um mar; precipitaram-se, banharam-se nelle, e esqueceram todos os soffrimentos, como os esquecem as sombras nas aguas do Lethes. O exercito continuou em marcha, mas desta vez costeando o Nilo, durante nove dias ainda; subitamente, na madrugada de 21 de julho, surgiu deante d'elle, como uma miragem das "Mil e uma Noites", o Cairo com os seus quatrocentos minaretes e a gigantesca mesquita de Jemil-Azar, a cidade bem-amada do Propheta, a herdeira de Memphis e de Heliopolis. E ao lado, no deserto amarello de Gizeh, sobre o longinquo cinzento malva das montanhas, se levantava, na bruma de um rosa ensolarado, a pallidez fundente de gigantescos fantasmas.

“Que é aquillo?” perguntavam os soldados, quando lhes respondiam: “São as Pyramides, os tumulos dos reis antigos”, elles não queriar crer que essas montanhas fossem obra de mãos humanas.

Sob as muralhas do Cairo, no campo de Embabah, esperava-os uma cavallaria de dez mil mamelucos, famosa em todo o Oriente, coruscante de aço, de ouro e de pedrarias — uma visão de Scheherazade, tambem ella. A’ frente caracolava, num cavallo esbelto como um cysne, o dono do Egypto, o velho pachá Murad-Bey, de turbante verde ornado de diamantes.

“Vou cortar-lhes as cabeças como melancias no campo”, gritava elle em sabendo que os francezes não tinham cavallaria (162).

Os mamelucos, audazes filhos do deserto, ignoravam a disciplina, não acreditavam nos canhões, — cada um se fiava em si proprio, em seu punhal de Damasco, em seu cavallo e no Propheta.

“Soldados, do alto destas Pyramides quarenta seculos vos contemplam”, diz Bonaparte, e fórma as cinco divisões em cinco quadrados, os quatro canhões nos angulos, — cinco cidadellas viventes, eriçadas do aço das bayonetas.

Numa primeira carga furiosa, a cavallaria dos mamelucos esteve prestes a esmagar o quadrado do general Desaix, disposta na extrema ala direita, mas se refez logo. E com uma lentidão implacavel, os quadrados introduziram suas extremidades de aço na carne viva da cavallaria. Os cavallarianos revoluteavam em torno delles, despedaçando-se como vagas de encontro aos rochedos; arremessavam-se e recuavam como o cão se afasta de um porco-espinho de cerdas eriçadas.

Bem cedo a batalha degenerou em carnificina. Os mamelucos, quando comprehenderam que estavam sendo chacinados, enfuriaram-se; tendo descarregado as pistolas e desferido um ultimo golpe de cimitarra, atiraram as armas á face dos vencedores, precipitaram-se sobre as bayonetas, agarraram-nas com as mãos nuas, morderam-nas e, cahindo e morrendo aos pés dos soldados, tentavam ainda dilaceral-os.

Era assim que a liberdade selvagem da Asia expirava aos pés da Europa civilizada.

Todo o campo de Embabah cahiu em poder dos francezes. Os soldados victoriosos organizaram logo um mercado em que vendiam os despojos preciosos, arrancados aos cadaveres ainda quentes, cavallos, arreios, chales, tapetes, mantos, objectos de prata, de porcelana, vinhos e guloseimas do Oriente; comia-se, bebia-se, dansava-se, cantavam-se estribilhos revolucionarios. Outros, um pouco mais longe, sentados á borda do Nilo, pescavam, com o auxilio de bayonetas recurvadas em anzol e presas a uma longa corda, peixes de ouro — os corpos dos mamelucos cobertos de joias.

E tambem isto quarenta seculos “o contemplavam do alto das Pyramides”.

Em 25 de julho, o exercito francez fez sua entrada no Cairo. Lá, Bonaparte poudo crer durante treze dias que a tentativa estava metade triumphante: abrira-se-lhe o caminho das Indias. Mas a 7 de agosto chegou uma terrivel nova: Nelson apanhou emfim a presa, a frota da França, no porto de Aboukir, perto de Alexandria; lançou-se sobre ella como um milhafre sobre um frango e anniquilou-a. O almirante francez Brueys foi morto em combate.

A sorte da campanha do Egypto estava decidida: Bonaparte, desligado da França, estava preso na sua propria conquista, como um rato na ratoeira.

— Pois bem, morreremos aqui ou sairemos grandes como os Antigos, dizia Bonaparte em publico, mas, só comsigo, repetia, tomando a cabeça entre as mãos:

— Desgraçado Brueys, que fizeste (163)?

Elle sabia — recordava-se — que significa Aboukir: o mar venceu o continente o caminho das Indias fechou-se e abriu-se um outro caminho. Onde levará este? Isto Bonaparte o ignorava ainda ou já o “esquecera”; mas o silencioso destino recordava a pagina vazia do caderno de collegial com estas quatro palavras:

“Santa-Helena, pequena ilha...”

Aboukir é o pae de Trafalgar, o avô de Waterloo.

Foi nesse instante talvez que Bonaparte compreendeu a vez primeira que “do sublime ao ridículo não ha senão um passo”. A chimera gigantesca desfez-se como uma bola de sabão; a montanha pariu um rato.

Houve de novo murmúrio no exercito: “Os soldados estavam indignados com a região; os generaes eram os primeiros descontentes, dirá Napoleão em Santa-Helena, — e, cousa horrivel de confessar, creio ter sido bom que a esquadra fosse destruida em Aboukir, porque sem isso o exercito teria reembarcado (164).”

Uma conspirata foi urdida no Estado-Maior: tratava-se de raptar Bonaparte, arrastal-o para Alexandria e, lá, constrangel-o a negociar com a Inglaterra, afim de obter della, pelo abandono do Egypto, a autorização de reentrar em França. A trama só não surtiu effeito porque descoberta em tempo.

Uma chimera falhara, outra nasceria em seguida, mais gigantesca ainda: com um exercito de trinta mil homens, seccionado de sua base, abrir caminho através da Syria e da Mesopotamia, rumo das Indias, seguindo as pegadas de Alexandre o Grande, levantando toda a Asia e vindo por Constantinopla, á frente de um exercito innumeravel, tomar a Europa de surpresa, para fundar a dominação universal a um tempo sobre o Oriente e o Occidente.

Dias inteiros, deitado por terra, sobre os mappas abertos, Napoleão media com o compasso o caminho das Indias. Recordar-se-ia elle então dos sonhos que, tenente de artilharia, alimentava no seu cubiculo das casernas de Auxonne, á luz morticça de uma véla: “Sesostris submetteu a Asia inteira e chegou ás Indias por terra e por mar (165)”?

“No Egypto, encontrei-me desembaraçado do freio de uma civilização incommoda, escreverá elle quando no fastigio da grandeza. — Criei uma religião, vendo-me no caminho da Asia, montado num elephante, de turbante na cabeça e nas mãos um novo Alcorão que compuzera a meu sabor. Esse tempo que passei no Egypto foi o mais ideal (166)”.

Seus sonhos são tão insensatos quanto parecem? O general Marmont, que conhecia bem a situação dos negocios no

Oriente e que anda longe de ser um admirador de Bonaparte, affirma que, graças á ausencia de technica militar na Asia, a preponderancia da qualidade sobre a quantidade podia dar a um pequenissimo exercito europeu vantagens quasi illimitadas: elle poderia penetrar na carne do velho continente como uma ponta de ferro em cera molle (167).

“Eu sonhava tudo e via os meios de executar tudo o que sonhava”, assegura o proprio Bonaparte (168).

Elle sonhava um levante de fellahs e de indigenas negros da Africa. Já enviara uma embaixada a Mecca e uma carta a um dos sultões vizinhos da India.

As difficuldades espirituaes eram ainda maiores que as materiaes; com effeito, para desembaraçar-se do freio da civilização européa, christã, era preciso desembaraçar-se do proprio christianismo. Estava elle prompto a ir até lá ou apenas o simulava? De qualquer modo, elle repete imprudentemente a frivola brincadeira do rei frivolo: “Paris vale bem uma missa (169)!” Ou em outras palavras: “A dominação universal vale bem o christianismo”.

“Passei o fim do dia a fazer theologia com os beys, a dizer-lhes que só havia o Deus de Mahomet, que era absurdo crer que tres fazem um. *Tin'ha* sempre no fogo sete cafe-teiras. E não me faltava assucar. Um turco não vinha já-mais a mim sem tomar o seu café bem adocicado (170)”.

Talvez os filhos do Propheta tivessem comprehendido Bonaparte quando elles o appellidaram “o Sultão do fogo”; mas é pouco provavel que o tomassem por “enviado de Deus”, por uma “segunda encarnação do Propheta”, mesmo quando liam sua proclamação aos sheiks e aos ulemas musulmanos: “Desde que o mundo é mundo, estava escripto que depois de ter destruido todos os inimigos do islamismo, fazendo abater as cruces, eu viria do fundo do Occidente cumprir a tarefa que me estava imposta.” — “Eu me divertia”, ajuntará elle mais tarde, lembrando-se disso (171). — “Era charlatanismo, mas do mais alto.” E assegura: “O exercito, disposto como estava, adheriria á partida, não vendo nisso senão riso e brincadeira (172).”

Mas, ainda mesmo que o exercito de “sans-culottes” atheus fosse capaz de semelhante pilheria, talvez Bona-

parte acabasse tão mal quanto o “voltaireano” Menou, que, fazendo-se musulmano, provocou hilaridade geral.

A 10 de fevereiro de 1799, Napoleão partiu para a campanha da Syria. A despeito de todas as chimeras gigantescas, elle via claramente que o exercito só o seguiria na esperança de fugir ao captivoeiro egypcio.

Esse terrivel deserto da Syria onde Israel errara quarenta annos, os francezes o atravessaram em quinze dias; a 25 de fevereiro estavam em Gaza, primeira cidade da Palestina; a 6 de março, tomaram Jaffa, onde foi necessario fuzilar dois mil prisioneiros. “Jamais a guerra me pareceu tão horrenda”, escreveu Bonaparte ao Directorio (173). Depois de ter contornado o monte Carmelo, chegaram, a 17 de março, deante das muralhas de São João d’Acre, a antiga Ptolemais. Num mez e alguns dias, tinham percorrido os setecentos kilometros que separam o Cairo de São João d’Acre, e sempre dando combate e sitiando cidades.

Uma miseravel cidadella, “um cochicholo”, como Bonaparte chamara a São João d’Acre, parecia presa facil. Mas a sorte decidiu de outro modo. O sitio de trincheira durou dois mezes; metade do exercito pereceu, e a cidade nada de render-se. E quando o commodoro inglez Sidney-Smith, depois de ter capturado no mar a artilharia de Bonaparte, localizou em terra sua propria artilharia e reforçou a guarnição com mais de vinte mil bayonetas, Bonaparte comprehendeu que Acre era o fim da campanha da Syria, como Aboukir o fôra da campanha do Egypto: novamente o mar vencera a terra.

“Um grão de areia deteve minha fortuna, dirá Napoleão em Santa-Helena. — Transposto São João d’Acre, o exercito francez voaria a Damasco e Alepo, e num abrir e fechar de olhos estaria no Euphrates. Seiscentos mil drusos christão se juntariam a elle e quem pôde calcular o que aconteceria? Constantinopla e as Indias seriam attingidas e eu mudaria a face do mundo (174)!”

O peor é que elle pareceu tornar-se subitamente cego, esquecendo para onde o chamava o Destino.

Impossivel permanecer mais tempo em São João d’Acre. A 20 de maio, Bonaparte levantou o cerco e retomou o cami-

nho do Egypto. Teve de refazer os mesmos setecentos kilometros, mas com o exercito derrotado. Na vinda os homens estavam cheios de esperança, e retornavam desesperados: dir-se-iam enterrados vivos que, procurando em vão sahir do esquite, recalissem nelle.

Nesse anno o verão foi particularmente quente: 36° Réaumur á sombra. Os pés afundavam-se na areia movel e o sol derramava nas cabeças chumbo derretido. Como um anno antes, no deserto de Demenhur, os homens morriam de calor, de sede, de fome, de fadiga, enlouqueciam, suicidavam-se.

Bonaparte caminhava a pé no meio dos doentes e dos feridos: dera-lhes todos os cavallos. Havia tambem pestosos nesse prestito funebre. Já elle os visitara duas vezes no hospital de Jaffa; conversara longamente com elles, consolara-os, e mesmo ajudara a transportal-os de um leito para outro, para demonstrar aos soldados que a peste não era tão terrivel quanto se acreditava.

Marchava em meio aos soffredores, repellindo ataques de beduinos depredadores, cujos bandos volteavam em torno das tropas como tavões em torno de animaes de carga. Soffria com todo mundo, consolava e encorajava todo mundo. Só-zinho salvou o exercito inteiro desse inferno, como u'a mãe salva o filho de um incendio.

Não, "os dias heroicos" de Napoleão não acabaram ainda: Lodi, Arcole, Rivoli, — toda a campanha da Italia não passa de brincadeira de criança, comparada com essa terrivel expedição. O sacrificio transparece-lhe na face mais claramente que nunca. O deserto de fogo da Syria é o presagio do deserto gelado de Berezina. E talvez na derrota é elle maior que nas victorias.

A 15 de junho, o exercito francez está de volta ao Cairo. As duas campanhas, a do Egypto e a da Syria, tinham fracasado. Esse fracasso, a brilhante victoria de Aboukir, em 25 de julho, onde um exercito turco forte de setenta mil homens foi atirado ao mar, não poudereparal-o.

Ha seis mezes estava-se sem noticias da França; ouvia-se unicamente falar de modo vago de uma guerra infeliz. Subito,

as gazetas que lhe cahiram por acaso nas mãos scientificaram Bonaparte de que a França estava á borda da ruina: dentro a insurreição, fóra a guerra; o exercito do Rheno batido, o da França tambem; a Italia, “sua” Italia, estava perdida!

Como que uma luz brusca illuminou Bonaparte; elle viu claro: comprehendeu — lembrou-se do lugar para onde o chamava o Destino.

A 19 de agosto, sem que os demais soubessem, partiu do Cairo para Aléxandria; lá, ordenou ao contra-almirante Gantheaume que preparasse, egualmente em segredo, as duas fragatas restante do desastre de Aboukir, a “Muiron” e a “Carrère”.

A 23 de agosto appareceu uma ordem do dia: “Soldados! Noticias da Europa decidiram-me a partir para a França. Deixo o commando das tropas ao general Kléber. O exercito terá bem cedo noticias minhas. Não posso dizer mais. Custa-me abandonar os soldados a que mais me affeioei; mas só será momentaneamente (175).”

Que é um general abandonando o exercito, fugindo do campo de batalha? Um desertor. Mas urgia escolher: trahir o exercito ou a França. Elle ia para onde o chamava o Destino.

Na noite de 24 de agosto, Bonaparte embarcou na fragata “Muiron”, e no dia seguinte de manhã perdia de vista a costa do Egypto.

Começa de novo “o jogo extravagante”: cartada sobre cartada, ganho sobre ganho, na progressão geometrica dos prodigios.

Sidney-Smith, tal qual Nelson ha pouco, persegue o navio-fantasma, e as mesmas Nereidas embaciam-lhe os vidros dos telescopios com os nevoeiros marinhos.

O primeiro sopro do vento sudoeste conduz as unidades de Bonaparte a 400 kilometros a Oeste de Alexandria, para as costas desoladas da Grande-Cyrenaica; depois, voltando-se para nordeste, o vento constante as impelle lentamente ao longo do littoral da Africa absolutamente deserto, onde os inglezes não podiam pensar em procurar Bonaparte.

Essa navegação, desesperadamente vagarosa, durou vinte dias — vinte dias de luta contra o vento e as correntes.

Cada manhã, fazendo o calculo, reencontravam-se no mesmo ponto da vespera, algumas vezes para traz. Emfim, a 19 de setembro, chegou-se ao golfo Syrte, onde sobreveio calmaria podre; a seguir um fortissimo vento sudoeste elevou-se e impelliu as fragatas no estreito entre o cabo Bom e a Sicilia, que estava guardada por um cruzador inglez. Mas os francezes penetraram no estreito ao cahir do dia, exactamente no instante propicio: mais cedo teriam sido vistos pelo inimigo; mais tarde, não se veriam elles proprios na obscuridade para passar deante de uma costa perigosa. A' noite perceberam-se os fogos do cruzador inglez; no dia seguinte, ao nascer do sol, já o haviam perdido de vista.

O mesmo vento favoravel de sudoeste conduziu-os rumo da Corsega; fosse um pouco maior o bafejo, e elles seriam arremessados em meio á frota da Inglaterra; mas, mudando bruscamente a noroeste e tornando-se em apparencia contrario aos navios, o vento cahiu de subito, como se houvesse concluido sua tarefa: restituir Bonaparte ao seu berço de Ajaccio.

A 7 de outubro, o vento mostrou-se de novo favoravel e a "Muiron" navegou em linha recta para o littoral da Provença, dirigindo-se ao porto de Toulon. Quarenta kilometros unicamente separavam os navegantes da terra quando, á vista das ilhas de Hyères, appareceram vinte e duas vélas — toda a frota ingleza. Ella viu as fragatas francezas e logo se pôz a caçal-as (176).

"Era na hora do sol poente. O inimigo estava collocado na luz, contra o general Marmont que se encontrava na "Muiron", — podiamos vel-o distinctamente emquanto nós, ao contrario, collocados a leste, no meio da bruma, só lhe apresentavamos a imagem confusa. Não poudes elle julgar da maneira pela qual nossas vélas estavam orientadas, e essa circumstancia salvou-nos. A situação era grave e critica. Gantheaume propôz a Bonaparte retornar á Corsega. Mas Bonaparte, após um momento de reflexão, repelliu a proposta; calculou que valia mais abandonar-se á fortuna e modificar apenas a direcção, procurando outro ponto de desembarque. Deu, portanto, ordem ao almirante de se dirigir



MARIA CAROLINA, RAINHA DE NAPOLES
Fig. 11 (QUADRO DE LE BRUN)



MARECHAL MURAT, REI DE NAPOLES
Fig. 12 (QUADRO DE F. GÉRARD)

para Fréjus. Effectivamente os inglezes, julgando nossas duas fragatas sahidas de Toulon, deram-nos caça ao largo enquanto corriamos para a terra (177).”

No dia seguinte de manhã, 9 de outubro, Bonaparte desceu em Fréjus e, ao entardecer, partiu para Paris.

“Não tentarei pintar os transportes de alegria de toda a França, diz Marmont; — essa faisca, partida de Fréjus, communicara-se ao paiz inteiro (178)” — e era a faisca do sol-levante.

III

O 18 BRUMARIO

(1799)

“Querer matar a Revolução seria um acto de louco ou de scelerado (179)”, dirá Bonaparte depois do 18 Brumario, e o repetirá em Santa-Helena: “Discutiui-se metaphysicamente e discutir-se-á muito tempo ainda se não violamos as leis, se não fomos criminosos; mas são abstracções boas no maximo para os livros e as tribunas, e que deviam desaparecer deante da imperiosa necessidade; seria o mesmo que accusar o marinheiro que corta os mastros para não afundar. O facto é que a patria sem nós estava perdida e nós a salvamos. Assim os autores desse memoravel golpe de Estado, em lugar de negações e de justificações, devem a exemplo de certo romano, contentar-se em responder com altivez aos accusadores: Protestamos ter salvo nosso paiz e vinde conosco dar graças aos deuses (180)”.

Assim, até o fim da vida, Bonaparte acredita ou quer acreditar que, matando a ruim metade da Revolução, o Terror, elle salvou a boa metade, enquanto os Jacobinos estavam convencidos de que elle a matara de todo. Quem, no caso, engana o outro, ou se engana a si mesmo?

“A chegada do general Bonaparte era o sol-levante; todos os olhares se voltavam para elle”, diz nas “Memorias” o general Marmont (181). Todos os olhares se voltavam para elle, porque viam nelle o sol da paz, erguendo-se após uma noite de guerra que durara sete annos.

— Viva Bonaparte! A Paz! A Paz! — gritava a turba que se expremia á sua passagem, por toda a França, de Fréjus a Paris (182).

“E’ a paz que queremos conquistar. E’ o que devem annunciar em todos os theatros, publicar em todos os jornaes, repetir em prosa, em verso e mesmo em canções”, dirá elle na tarde do 18 Brumario; e, falando assim, é sincero, ao menos em parte (183). O que é a guerra, esse grande conquistador o sabe melhor que ninguem; elle se recorda, e recordar-se-á a vida toda, do que experimentara em Jaffa: “Jamais a guerra lhe appareceu tão horrenda”. Sim, por estranho que isso pareça, quer a paz tão fortemente quanto quer a guerra. Todas as suas guerras tendem á dominação Universal, á reunião dos povos numa sociedade fraterna — á paz do mundo.

Não engana ninguem, mas todos se enganam a seu respeito. Bonaparte é o deus, não da guerra, mas da paz. Eis um desses enormes quiproquós em que ás vezes se compraz o Destino ironico.

Não engana ninguem ou, se isso acontece, é sem ser de proposito. Talvez mesmo seja elle demasiado franco para um homem politico. “Nada de facções; não as quero, não supportarei nenhuma. Não sou de nenhum grupelho, sou do grande grupo do povo francez”, dizia o general na vespera do 18 Brumario, no mais acceso da barafunda dos partidos, ao cimo dessa vaga que devia leval-o ao poder (184)”. “Nada de facções”, isto é, acabe-se a guerra civil e reine a paz interior.

Contam que um antigo convencional, Boudin, das Ardennes, então membro do conselho dos Anciãos, republicano e patriota ardente, morreu de alegria em sabendo que Bonaparte regressara, que o sol da paz se tinha levantado e que a Republica — a Revolução — estava salva. Póde dizer-se

que esse pobre homem morreu de um malentendido de que muitos outros deveriam viver.

Bonaparte “deixou-se levar ao poder (185)” por esse bafejo de malentendidos, offerecendo-lhe as vélas como a fragata “Muiron” as voltava não ha muito para o vento favoravel; deixava-se envolver pelas illusões da França como pelo nevoeiro marinho que lhe envolvia o navio fugitivo deante de Sidney-Smith.

Entanto alguns já presentiam a verdade. “O deus tutelar que invoco para minha patria é o despota, logo que seja homem de genio”, escreveu propheticamente o pamphletario Suleau em 1792, quando ninguem ainda conhecia Bonaparte (186). E na mesma época Luciano Bonaparte, com a idade de dezoito annos, diz de Napoleão não menos propheticamente: “Elle me parece bem inclinado a ser tyranno, e creio que elle o seria se fosse rei, e seu nome se tornaria para a posteridade e para os patriotas sensiveis um objecto de horror (187).”

“Verás, meu amigo, que á sua volta elle tomará a corôa”, predizia o general Marmont ao general Junot no momento da partida para o Egypto (188).

Em Fréjus, um orador de clube arengou nestes termos Bonaparte, que acabava de desembarcar: “Ide, general, ide derrotar e expulsar o inimigo, e em seguida vos faremos rei, se o quizerdes (189).”

A luz do sol-levante se espalhava por toda a França, mas, chegando até Paris, ella se extingue no nevoeiro de novembro.

“Elle chega, escreve um contemponareo, sem que ninguem o espere ou pense nelle, e affronta os inconvenientes de um regresso que se assemelha a uma fuga... A expedição do Egypto, que depois falou tanto ás imaginações, quasi só se apresentava então como uma tentativa louca... Os relatos que nos tinham vindo pela Inglaterra haviam sensivelmente attenuado o effeito dos boletins do exercito do Oriente, nos quaes se via mais fanfarrice que sinceridade: o aventureiro parecia exceder o general (190).”

Nos meios militares, accusavam-no de deserção. Com effeito, attendo-se ao ponto de vista militar, a attitude de

Bonaparte era indesculpavel e Sieyès tinha razão quando, a proposito de uma involuntaria falta de attenção dè que se queixava do lado de Bonaparte, o chamou de “pequeno insolente para com uma autoridade que deveria mandal-o fuzilar (191).”

Bernadotte propoz ao Directorio submetter o general Bonaparte a um conselho de guerra. “Não estamos muito fortes”, respondeu Barras (192).

“Não havia alternativa para elle, se não entre um throno e o patibulo”, assegura o general Thiébault (193). E’ exaggero, mas muitos o desejavam talvez, e esperavam que seria assim.

Emquanto isto, nos salões parisienses, falava-se de Bonaparte como de uma curiosidade, como falavam do novo penteado “á grega” que substituiria o penteado “á Tito”.

O proprio aspecto do “heróe africano” excita a curiosidade; a mór parte do tempo anda elle vestido de um traje bastante singular, que lhe dá o aspecto de Robinson ou de um personagem das “Mil e uma Noites”: chapéo alto de feltro em fórma cylindrica, longo redingote esverdeado, a cimitarra turca ornada de diamantes e presa a um largo cinturão feito de um chale oriental.

Tem um ar de tamanho cansaço que parece não lhe restarem uns oito dias a viver (194).

O peito concavo, as faces cavadas, a pelle azeitonada; só os olhos immensos brilham com um fulgor insustentavel.

Curiosos correm atraz delle, mas não é facil vê-lo sempre, quasi não se mostra em parte alguma, excepto no Instituto. Lá, elle se faz consagrar atheu por seus inimigos pasados e futuros, os ideologos, os ultimos encyclopedistas, os Volney e os Cabanis.

Póde-se encontral-o tambem no palecete de Josephina, na calma rua Chantereine que ha dois annos se chama, em sua honra, rua da Victoria.

Passeia no jardim: este sussurro das folhas mortas sob seus pés como se assemelha pouco ao estalido das areia da Syria; este sol lunar do Brumario, mal aclarando a ferrugem doirada da folhagem e o pallor espectral dos vasos antigos, como se assemelha pouco ao sol feroz do deserto; e lá dentro,

atrás das janellas da casa, no salão, em meio circulo, com pinturas pompeanas, como estas carnes de mulheres, transparentes debaixo do leve tecido dos peplos antigos, se assemelham pouco aos horriveis corpos dos pestosos de Jaffa; e estas esphynxes de bronze no espaldar das poltronas como estão longe de assemelhar-se á verdadeira Esphynge, ao primeiro rosto humano esculpido na pedra, e que havia contemplado o rosto de um Homem, do ultimo talvez.

Josephina, facilmente reconciliada com o marido, depois de uma disputa melodramatica a proposito do sr. Carlos e de outros amantes, trabalhou com zelo: á maneira de Circe, enleou numa rêde de intrigas complicadas os peores inimigos de Bonaparte e transformou-os em animaes bem ensinados. Foi assim que ella domesticou o Director Sieyès, ligando-lhe definitivamente a sorte á do “pequeno insolente” que elle quizera dançes mandar fuzilar.

Nessa mesma rua da Victoria foi concebido o plano do golpe de Estado. Plano bastante simples: matar a Constituição pela Constituição; a pretexto de um supposto golpe terrorista, fazer transferir a séde das duas Camaras — o conselho dos Anciãos e o conselho dos Quinhentos — de Paris para uma communa campestre, em Saint-Cloud, dando a Bonaparte, afim de assegurar a execução da medida, o commando das tropas da região de Paris e de toda a zona constitucional.

Tudo se passará á moda corsa, em familia. A cavilhamestra do golpe de Estado será Luciano Bonaparte, que preside aos vinte e quatro annos os Quinhentos; esse “bricconcello” que outróra fizera saltar tão habilmente o paiol de polvora debaixo do velho “babbo” Paoli, o fará agora saltar debaixo da França toda. Ha tambem o general Leclerc, marido de Paulina Bonaparte, e o general Murat, noivo de Carolina; commandante da cavallaria em Saint-Cloud, elle cercará o palacio em que se reunirão as duas Camaras. Todos os outros conjurados são tambem gente de casa, filhotes do ninho de Bonaparte: Berthier, chefe de estado-maior, Lannes, commandante de infantaria, Marmont, commandante de artilharia, o corso Sebastiani, commandante dos esquadrones de dragões; devia este ultimo, no pri-

meiro golpe de Estado, começar por sitiar o Conselho dos Quinhentos reunido no Palacio Bourbon.

Nada a recear do Directorio, composto unicamente de “apodrecidos”, como lhes chamavam então no governo. O mais “apodrecido” era Barras, que “tinha os vícios dos novos tempos e dos tempos antigos (195)”. Barras é “a corrupção personificada” e Sieyès, padre que largara o habito, é “a ideologia personificada”, isto é, a impotencia: é o Homunculo num bocal, pae de innumeradas constituições natimortas. Bonaparte poderia deixar de tomar a deanteira?

O golpe de Estado, primitivamente fixado para 16 Brumario, foi transferido para sexta-feira 17 e depois, a instancias de Bonaparte, que era supersticioso, transferido de novo para 18 Brumario — 9 de novembro.

Isso parecia loucura; poder-se-ia exigir de cento e cinquenta conspiradores um segredo de quarenta e oito horas? Todavia, foi o que aconteceu: ninguém trahiou o segredo, tanto “a necessidade de uma mudança era universalmente sentida (196)” ; tanto “o fruto estava maduro”.

A 18 Brumario, por uma aborrecida manhã de outomno, o conselho dos Anciãos, deante de convocações trazidas á noite, reuniu-se, entre sete e oito horas, no sitio ordinario das sessões, no lugubre palacio das Tulherias. Depois de ouvir, de pé, o relatorio apressadamente redigido por uma comissão especial sobre a pretensa conspirata terrorista contra a patria e a liberdade, o Conselho votou, quasi sem discussão, o decreto ordenando a mudança, para o dia seguinte, ás doze horas, da séde das duas assembléas para Saint-Cloud e nomeando o general Bonaparte commandante em chefe da região de Paris, com o encargo de assegurar a execução do decreto.

Só a primeira parte desse decreto era legal; a segunda violava a Constituição: o Conselho dos Anciãos não tinha o direito de nomear um commandante em chefe; era já o começo do golpe de Estado: o eixo mudara quasi invisivelmente.

Lá para as dez horas Bonaparte chegou ao palacio, acompanhado do esquadrão de dragões commandado por Sebastiani, e entrou na sala do Conselho seguido de um brilhante estado-maior.

Era a primeira vez que Bonaparte devia discorrer deante de uma assembléa parlamentar. Fulgurante nas suas proclamações ao exercito, ou em conversa intima, elle não sabia falar em publico; era estranho ver esse homem, impassivel debaixo dos obuzes, ficar atrapalhado, intimidado, debaixo do olhar dos rabulas e dos tagarelas. — “O que prejudicava Bonaparte era o vicio habitual da sua pronuncia, nota um dos contemporaneos. — Ordinariamente elle fazia redigir o discurso que queria pronunciar. Decidia-se sempre em definitiva a ler aquillo que tinham o cuidado de copiar para elle em grandes caracteres. Em seguida ensaiava a pronuncia das palavras, mas esquecia, em falando, a lição que recebera e, com um som de voz meio surdo, bocca mal aberta, lia as phrases com um sotaque ainda mais estranho que estrangeiro. Ouvi muitas vezes dizer a um grande numero de pessoas que ellas não podiam vencer uma impressão penosa ao escutal-o falar em publico. Esse testemunho irrecusavel da sua “estrangeirice” em relação ao paiz, feria desagradavelmente o ouvido e o pensamento (197)”. Nem francez, nem mesmo corso, — um homem sem patria.

— A Republica perecia, declarou Bonaparte. Vós o reconhecestes, vós lavrastes um decreto que vae salvar-a... Nada na historia se assemelha ao fim do seculo XVIII; nada no fim do seculo XVIII se assemelha ao momento actual... Ajudado por todos os amigos da liberdade, por todos os que a fundaram, por todos os que a defenderam, eu a sustentarei... Queremos uma Republica baseada na liberdade, na egualdade, nos principios sagrados da representação nacional. E a teremos. Eu o juro!

— Nós o juramos! responderam-lhe em unisono os generaes de seu sequito, enquanto partia das tribunas uma tempestade de applausos (198).

“Elle jurava ser fiel a essa Constituição contra a qual viera de armar-se e que iria destruir”, escreve o general Marmont.

Bonaparte deixando a sala do Conselho, desceu ao jardim para mostrar-se ás tropas. Uma turba pouco numerosa estava atraz dellas; rostos calmos, e mesmo indifferentes.

Sahindo do palacio, Bonaparte percebeu um enviado de Barras, seu secretario Bottot, homemzinho mirrado que tentava abrir caminho até elle; escolheu-o logo para fazer as despesas da festa, pagando os peccados do Directorio. Aproximou-se de Bottot e, depois de ouvir-lhe um instante os balbucios indistinctos, pegou-o pelo braço, afastou-o um pouco e, dirigindo-se ás tropas e á multidão, gritou:

— O exercito reuniu-se a mim, eu me reuni ao corpo legislativo!

Um fremito percorreu as tropas e communicou-se á turba placida.

— Que fizestes dessa França que vos deixei tão brilhante? continuou Bonaparte voltando-se para Bottot e fulminando-o com um olhar; elle não falava mais de papel em punho, mas de todo o coração, como se estivessem a sós. — Deixei-vos a paz e reencontro a guerra! Deixei-vos as victorias e reencontro as derrotas! Deixei-vos os milhões da Italia e reencontro por tudo as leis espoliadoras e a miseria. Que fizestes de cem mil francezes, meus companheiros de gloria? Elles estão mortos. Esse estado de cousas não póde durar; antes de tres annos elle nos conduziria ao despotismo... Segundo alguns facciosos, seremos bem cedo inimigos da Republica, nós que a robustecemos pelos nossos trabalhos e nossa coragem; nós não queremos cidadãos mais patriotas que os bravos mutilados a serviço da Republica!

— Viva a Republica! Viva Bonaparte! gritaram os militares entusiasmados, e a multidão lhes fez éco (199).

Tudo corria como sobre rodinhas. No decurso desse dia, dos cinco Directores, Barras enviara sua demissão, Sieyès e Ducos se tinham ligado a Bonaparte, Gohier estava guardado á vista no Luxemburgo e o general Moulin, que ficara sem tropas, nada podia fazer.

Ao mesmo tempo, o conselho dos Quinhentos reunia-se no palacio Bourbon. Ouvindo falar de uma supposta machinação terrorista, de que elles haveriam sido os autores, e presentindo a imminecia de uma revolução, os jacobinos — que formavam a maioria dos Quinhentos, mostravam uma raiva lamentavel e impotente. Os esquadrões do general

Sebastiani vieram alinhar-se deante do palacio. Vendo os capacetes de metal e os sabres nús dos dragões, os advogados palradores lembraram-se do 13 Vindimiario; aquillo com que elles tinham sido então ameaçados realizava-se agora; chegara o fim do reino da parolagem. Os mais animosos queriam amotinar os suburbios de Paris. Mas os tempos não eram os mesmos: um golpe de Estado quasi se concluiu, estava concluido, e ninguem se apercebera disto; tudo permanecera absolutamente tranquillo; nem um sopro de vento, nem uma folha se movera: fôï a mais calma das revoluções.

A parte do castello de Saint-Cloud aonde deveria reunir-se, a 19 Brumario, o conselho dos Quinhentos, era uma longa e estreita galeria, cujas doze janellas occupavam toda uma parede, abrindo para o jardim; esse trecho de palacio fazia pensar, máo grado as columnas corinthians e as decorações esculpidas no estylo majestoso de Luix XIV, num galpão vazio. Desde manhã cedo, os tapeceiros ahi trepavam por escadas e martelavam com força; para ornar as paredes nuas, collocavam-se aqui e ali algumas tapeçarias, e ajustavam-se no chão alguns tapetes.

Estava ahi tão humido, tão frio que sahia fumaça das boccas. Num canto um fogareiro acceso, e deputados aqueciam-se nelle. Bonaparte entrou na sala para ver se tudo se achava adeantado e apressar os operarios. Os martelos batiam, o fogareiro roncava. De repente, de um grupo de deputados irrompeu um gritô tão distincto que Bonaparte não podia deixar de ouvil-o: “Ah, bandido! Ah, scelerado (200)!”

No pateo do castello e no jardim empapado pela chuva da vespera, grupos de deputados se tinham reunido tambem: os membros do conselho dos Quinhentos tomavam contacto e se punham de accôrdo em deliberar com os membros do conselho dos Anciãos. Toda demora seria prejudicial. Vendo o castello cercado pelas tropas e lembrando os ademanes dictatoriaes de Bonaparte na vespera, um grande numero de deputados, não só dos extremistas, mas tambem dos moderados, sentia-se inquieto: temiam ficar presos na propria armadilha que tinham preparado. “Ah, elle quer ser um

Cesar, um Cromwell, e é preciso decidir-se”, diziam os mais resolutos (201).

Deu meio-dia, meio-dia e trinta, uma hora. Emfim a sala dos Quinhentos estava prompta.

Vestidos de longas togas romanas de um tecido escarlate, calçados de altos cothurnos, encarapuçados de estranhos bonés cubicos, ornados de pennas de gallo tricolores, os fabricantes de leis davam entrada no galpão deserto e frio.

O presidente, Luciano Bonaparte, abriu a sessão, e quasi immediatamente resoaram gritos:

— Nada de dictadura! Abaixo os dictadores! Aqui somos livres e as bayonetas não nos amedrontam!

Alguem propoz nomear uma commissão para proceder a um inquerito sobre a conspirata — uma commissão, remedio somnifero dos parlamentos. Mas os jacobinos nem queriam ouvir falar nisso e se desmandavam como energumenos. Luciano sacode a campainha e é apupado, ameaçado e injuriado. Uma turba de paes da patria cerca-lhe a tribuna, ululando:

— A Constituição ou a morte!

Emfim, decidiram-se a prestar juramento á Constituição, em chamada nominal. Luciano estava encantado: os inimigos de Bonaparte iam perder um tempo precioso que seria ganho por seus amigos.

O ritual do juramento era lento e complicado. Durante os primeiros cinco minutos só puderam ser prestados tres juramentos; nesse andar o dia todo não bastaria para os quinhentos legisladores.

O conselho dos Anciãos, reunido numa das salas vizinhas, mostrava mais dignidade. Mas não era menos impotente. Os deputados convidaram os membros da commissão especial eleita na vespera para proceder a inquerito sobre a trama criminosa, explicando em que consistia ao certo, e de que perigo ameaçava a liberdade e a patria. Mas a commissão, nada podendo explicar porque ella propria nada sabia, respondia em termos vagos. Debates interminaveis succederam-se. Nesse instante em que com a sorte da Revolução se decidia a sorte de todos, no momento em que a

espada de Cesar já lhes estava suspensa sobre as cabeças, os ideologos berradores continuavam a parolar, desmanchando-se em metaphoras, não chegando a tomar uma decisão e resolvendo afinal adiar tudo e suspender a sessão para ver até onde iam os acontecimentos.

Durante esse tempo, numa das salas de baixo — devido á desigualdade do terreno, as salas se achavam em niveis differentes — no futuro gabinete do Imperador, vasto compartimento, magnificamente dourado, mas só tendo por mobiliario duas poltronas, Sieyès, a cara esverdinhada pelo frio e mais que nunca parecido com um homunculo, estava sentado numa poltrona perto da lareira. A lareira aquecia mal por falta de atizador, e Sieyès avivava o fogo com uma acha de lenha. Mas nenhuma labareda, nem mesmo o sol, chegaria a aquecer o corpo exangue do homunculo.

Bonaparte passeava de extremo a extremo “com bastante agitação”. De dez em dez minutos o ajudante de campo Lavalette trazia novidades do conselho dos Quinhentos. As noticias eram más; deputados jacobinos teriam partido para Paris afim de amotinar os suburbios, o que aliás não era muito inquietante, ainda que em tal momento ninguem pudesse prever o que se iria passar pouco depois. O mais perigoso era que os generaes jacobinos Jourdan e Augereau, os peores inimigos de Bonaparte, vinham de chegar a Saint-Cloud; tambem ahi esparavam Bernadotte, que só sonhava arrastar, na primeira occasião, Bonaparte deante de um tribunal, não mais como “desertor” e sim como “criminoso de Estado”.

Bonaparte sente que é necessario agir, que não se póde perder mais um minuto. Através da successão de salas vazias, elle se dirige, sem sequito, acompanhado unicamente de dois ajudantes de campo, para o conselho dos Anciãos. Violando a lei constitucional que prohibe a um estranho penetrar no recinto administrativo sem ser convidado, elle entra precipitadamente, quasi correndo, na sala, detem-se ao centro, em frente do tablado presidencial, e começa a falar.

Não fala bem, perturbando-se como sempre que se encontra deante de uma assembléa; esquece o que queria dizer,

atrapalha-se, afundando em phrases emphaticas; ora as palavras lhe morrem na garganta, ora lhe affluem num impeto incoherente:

— Vós sois um vulcão, cidadãos! permitti-me falar-vos com a franqueza de um soldado... Já me cobrem de calumnias, falando de Cesar, falando de Cromwell, falando de governo militar... Se eu quizesse o governo militar, teria corrido a prestar meu apoio á representação do paiz?... Urge decidir... A Republica não tem mais governo... Só resta o conselho dos Anciãos. Que elle tome medidas, que elle fale; eis-me aqui para executar, salvemos a liberdade! Salvemos a egualdade!

— E a Constituição? interrompe uma voz.

— A Constituição? Vós mesmos a anniquilastes, começou Bonaparte, depois de um instante de silencio embaçado. — Ella não merece mais o respeito de ninguém. Direi tudo!...

“Elle vae emfim revelar a conspirata!” disseram-se seus amigos, com uma satisfação sincera, mas de duração ephemera: elle não revelou nada, exprimindo-se nos mesmos termos vagos da commissão.

— Não, cidadãos, não sou um intrigante, concluiu bruscamente. Creio ter dado bastantes provas do meu devotamento á patria... Se sou um perfido, sêde todos Brutus...

Elle sentiu que se engasgava, e perdeu toda a calma, como um actor noviço na scena ou um collegial em exame.

Sala em tumulto. Gritos elevam-se:

— Nomes! Cite os nomes!

Entanto elle não cita o nome de ninguém e continua a falar obscura e mollemente, sem tocar o objectivo, indo longe demais. Põe-se bruscamente a querer fazer medo. Recordase de uma phrase pronunciada um dia deante dos sheiks do Cairo:

“Lembrem-se de que ando acompanhado pelo deus da victoria e pelo deus da guerra”. Essa phrase poz a seus pés os sheiks de longas barbas e os doutores do Islam, mas não produziu nenhum effeito nos legisladores francezes. Um murmurio de reprovação se fez ouvir.

— E vós, meus camaradas, que me acompanhaes, vós, bravos granadeiros, grita Bonaparte ás sentinellas postadas junto á entrada, — se algum orador pago pelo estrangeiro ousar proferir contra vosso general as palavras: “Fóra da lei”, que o raio da guerra o fulmine no mesmo instante!

O presidente o detem, acalma-o, convida-o a voltar ao assumpto da conspirata, mas em vão: elle permanece nas generalidades; dir-se-ia que sem querer tambem elle se tornou um advogado palrador.

— Se a liberdade perece, vós sereis responsaveis deante do universo, da posteridade, da França e de vossas familias! grita elle, como se rolasse num precipicio, e sae correndo da sala, como um actor vaiado ou um collegial mal succedido no exame. — Augereau, lembra-te de Arcole! disse elle passando deante do general jacobino.

Este sorriu em silencio, ironicamente; a este sorriso, Bonaparte sentiu que com effeito a hora de Arcole chegara e, da mesma fórma que elle se atirara sobre a ponte, sózinho, com uma bandeira na mão, sob o fogo da metralha, assim tambem atira-se agora na fornalha jacobina, no conselho dos Quinhentos.

Na estreita passagem que leva do castello ao sitio denominado Orangerie, o amontoamento é tal que Bonaparte e seu sequito, reunido a elle em caminho, difficilmente avançam. A escolta permanece no sólio. Bonaparte entra sózinho na sala. Aqui a tempestade parlamentar continua desencadeada. Abre caminho a custo através dos deputados e aproxima-se da tribuna. De inicio não o enxergam, mas, subito, um espantoso tumulto resôa em gritos e vociferações:

— Abaixo o dictador! Abaixo o tyrano! Fóra da lei!

Os jacobinos cercam Bonaparte, abalroam-no, atiram-se sobre elle de punhos erguidos, agarram-no pela gola. Ao peso de tantos corpos, e ao respiro febril de tantas boccas que cospem injurias, elle empallidece, vacilla, está na imminencia de desfallecer. “Punhaes luziram-lhe acima da cabeça”, affirmaram mais tarde os amigos de Bonaparte, emquanto seus inimigos o negavam. Mas, com ou sem punhaes, a situação era pouco respiravel.

Os granadeiros que montavam guarda perto da porta, vendo o general em perigo, atiraram-se para soccorrel-o e com seus officiaes dispersaram a turba de deputados a soccos. Nos logares reservados ao publico, homens e mulheres assustados se atropelavam e obstruiam a sahida; outros, que se tinham conservado junto ás janellas, abriam-nas e saltavam no jardim. Pandemonio, gritos, uivos, cacarejos de mulheres em deliquio.

— Viva Bonaparte! urra uma dellas, como se a estran-gulassem, e vozes responderam-lhe da multidão.

Soldados e officiaes batem-se com os deputados; um destes, prendendo o pé no tapete, se despenha ao comprido no soalho. Um granadeiro tem a manga da tunica dilace-rada de alto a baixo. Bonaparte torna-se a presa do jaco-bino Destrem, um homem de estatura gigantesca e força herculea:

— Foi então para isso que tu venceste? grita-lhe Des-trem cara a cara; ao mesmo tempo a mão do jacobino cae pesadamente no hombro de Bonaparte.

Emfim os granadeiros conseguem chegar até Bonaparte, arrancando-o das mãos desses doidos furiosos e protegendo-o com o proprio corpo. O colosso de Destrem continua a mi-mosear os soldados com boas murraças destinadas ao gene-ral. Dois granadeiros arrastam, carregam quasi Bonaparte nos braços. Tem este o rosto mortalmente pallido; seus traços decompõem-se e os olhos cerram-se-lhe metade; a cabeça, pendendo para a espadua, balança-se como a de um boneco. É este “o deus da guerra, o deus da victoria”?

— Fóra da lei! Fóra da lei! continuam a clamar os energumenos da sala.

Outrora, nos dias do Terror, esse grito matava; era immediatamente seguido da intervenção da guilhotina; agora perdeu bastante da força antiga, mas é ainda assim temivel.

Os deputados trepam no estrado, esmurram a mesa com tanta violencia que parecem querer fazel-a em pedaços, e intimam o presidente a pôr immediatamente em votação a proposta que priva Bonaparte dos beneficios da lei.

Mas Luciano mostra-se á altura da situação; só, con-serva-se calmo, inabalavel em seu posto, como um rochedo

em meio ás vagas desencadeadas. Elle realiza um milagre: doma a tempestade e, no silencio restabelecido, pronuncia algumas palavras pacificadoras em defesa do irmão.

Mas logo os gritos sobem:

— Hoje Bonaparte maculou sua gloria!

— Bonaparte conduziu-se como um rei!

— Então, presidente, põe em votos as propostas! gritam os jacobinos, passando, segundo o velho costume do Terror, do “vós” ao “tu”.

Vota-se, mas, no meio de uma balburdia tal, é impossivel saber quem votou e por quem. Como na vespera, no palacio Bourbon, a assembléa impotente se desvaira de modo estúpido, sem nada fazer de proveitoso.

Bonaparte fôra ter á sala de baixo. No primeiro instante sente-se tão desconcertado que balbucia palavras incoherentes e não reconhece ninguem.

— “General”, diz elle a Sieyès, querem pôr-me fóra da lei!

Sieyès continua sentado perto da lareira, tiritando e não conseguindo aquecer-se. Levanta para Bonaparte os olhos calmos, como se não se surprehendesse com essa nomeação de general. Sem um movimento na face exangue — a face do homunculo — pronuncia com uma gravidade constitucional palavras propheticas:

— Foram elles que se puzeram fóra della.

E, após alguns instantes de reflexão, ajuntou com firmeza:

— Chegou o momento de metter o chanfalho!

Mas, para começar a metter o chanfalho, era preciso, quando mais não fosse, um pequeno farrapo de legalidade.

— Fóra da lei! Bonaparte é declarado fóra da lei! gritam, correndo para a sala, dois enviados de Talleyrand.

Bonaparte desembainha a espada, aproxima-se da janella, abre-a e commanda, como num campo de batalha, ás tropas que se encontram no pateo:

— A's armas! A's armas!

Este grito é repetido de batalhão em batalhão. Por muito tempo não cessará elle: o éco multiplo da Historia o repetirá e o levará mais e mais, até o fim do mundo.

Bonaparte, com seu sequito, desce ao pateo, monta a cavallo e passa a galope ante a vanguarda dos granadeiros do Corpo legislativo alinhados em frente ao castello:

— Soldados, posso contar convosco?

Os granadeiros calam-se; talvez pensem: “Que os chefes se escangalhem entre si, isso não nos interessa em absoluto!” Sieyès, que olha pela janella, crê mesmo perceber em suas filas um movimento suspeito, como se quizessem precipitar-se sobre Bonaparte.

Mas já este galopa para seus fieis dragões e outras valentes reservas. Lá, acolhem-no com uma tempestade de acclamações. A um signal seu, faz-se silencio e elle fala aos officiaes e aos soldados; queixa-se dos Quinhentos, “miseraveis, traidores, sustentaculos do estrangeiro, estipendiados da Inglaterra”.

— Fui indicar-lhes os meios de salvar a Republica, e elles quizeram assassinar-me!

Seu aspecto é sinistro; traz o rosto ensanguentado; ainda ha pouco, durante os primeiros momentos de desespero e de raiva, elle se coçara, e seus dedos lhe haviam ferido os logares mais irritados pela sarna adquirida em Toulon. Vendo sangue, os soldados acreditaram que os jacobinos tivessem realmente querido assassinal-o.

— Soldados, posso contar convosco?

— Sim! Sim! Viva Bonaparte! Viva a Republica!

Mas os granadeiros das portas do castello continuavam a calar-se. O tempo passava; eram quasi cinco horas; no entardecer prematuro de novembro as sombras se adensavam debaixo das arvores desnudas do parque; no interior do castello estava completamente escuro. Ainda um pouco e o dia fatal vae afundar numa noite talvez mais fatal ainda. “Se emittissem de prompto o decreto pondo-o fóra da lei, Deus sabe o que aconteceria”, relata uma testemunha ocular (202).

O general Frégeville, sahindo da Orangerie, corre para Bonaparte e segreda-lhe as palavras do presidente Luciano: “Antes de dez minutos, é preciso interromper a sessão ou não responderei por nada!” Subito, Bonaparte transfigu-



MARIA PAULINA, PRINCEZA BORGHESE
Fig 13 (QUADRO DE R. LEFÈVRE)



ELISA BACIOCCHI, PRINCEZA DE PIOMBINO

Fig. 14

(QUADRO DE F. TOFANELLI)

rou-se; ardeu-lhe um clarão nos olhos; é elle de novo “o deus da guerra, o deus da victoria”. Elle comprehendeu — recordou-se o que lhe cumpria fazer: arrancar Luciano da fornalha jacobina.

Dito e feito. Dez minutos não haviam ainda decorrido e um destacamento de granadeiros do 79.º de linha, devotados a Bonaparte, tomando o presidente nos braços como uma reliquia sagrada, transportou-o da Orangerie para o pateo. Luciano montou a cavallo e galopou para o irmão. Os dois reuniram-se, o presidente da assembléa ao commandante em chefe do exercito, o poder legislativo ao poder executivo: enfim a bayoneta conseguiu prender-se a um farrapo de legalidade: o exercito salvará a Republica.

— O presidente do conselho dos Quinhentos vos declara, grita Luciano em voz rouca, que a immensa maioria deste conselho está no momento sob o terror de alguns representantes facinorosos... Declaro-vos que esses audazes bandidos, sem duvida comprados pela Inglaterra, se rebellaram contra o conselho dos Anciãos e ousaram falar em pôr fóra da lei o general encarregado de executar-lhe o decreto... Generaes, e vós, soldados, e vós todos, cidadãos, não reconheçaes por legisladores em França senão aquelles que me acompanharem. Quanto áquelles que persistem em ficar na Orangerie, que a força os expulse! Esses bandidos não são mais representantes do povo, mas representantes do punhal!

Indicou o rosto ensanguentado de Bonaparte, depois tomou uma espada nua de que dirigiu a ponta para o peito do irmão, e nessa attitude tragica, digno do actor Talma, proclamou:

— Juro matar eu mesmo a meu irmão se este alguma vez attentar contra a liberdade dos francezes!

Nesse momento, o “bricconcello” esquecera sua propria prophesia quanto ás ambições tyrannicas do outro.

Emfim, o enthusiasmo geral arrastou tambem os granadeiros do corpo legislativo. Os enraivados dragões e os soldados do 79.º os impelliram por traz. Eil-os já abalados e prestes a marchar para onde lhes ordene Bonaparte. Póde elle dar a ordem.

Os officiaes levantam os sabres, os tambores rufam sonoramente. Murat fórma uma columna e a conduz contra o castello. No pesado tropel das forças em marcha, ao crepusculo que augmenta, o rufo do tambor alarga-se em estranhas resonancias.

A multidão afasta-se com medo, mas acclama em transporte o Cesar libertador:

— Bravo! Abaixo os jacobinos! Abaixo o 93! E' a passagem do Rubicon!

Surdamente através das espessas paredes do castello, vem repercutir o rumor fatidico; aproxima-se, mais e mais se aproxima, entra pelos corredores e pelas escadarias, e eil-o agora pertinho. Abre-se a porta e brilham as bayonetas.

A assembléa continua a debater-se com os rugidos de um animal expirante; mas a columna de granadeiros entra lentamente; a principio meúda, engrossa pouco a pouco e occupa toda a parte anterior da galeria. Togas vermelhas fogem em debandada; outras, ao fundo da galeria, se estreitam, se agglomeram num monte escarlata.

— Soldados! Vós manchaes vossos louros! ruge alguém da tribuna; mas as pancadas do tambor abafam o rugido.

— Cidadãos, está dissolvida a assembléa! grita Murat.

Uma ségunda columna, sob o commando do general Leclerc, penetra na sala.

— Granadeiros, para a frente!

Mas o ex-postilhão Murat sabe commandar melhor!

— Ponham-me todos esses desgraçados fóra daqui!

A tropa cruza as bayonetas, avança e, deante desse ericamento de aço, a massa vermelha se funde como cêra ao fogo.

Em cinco minutos a sala está limpa, só os ultimos recalitrantes se immobilizam nas respectivas poltronas, sem pestanejar, como os senadores romanos deante dos gaulezes. Mas os granadeiros tomam-n'os tranquillamente pela cintura, como a crianças indolentes, e vão deposital-os lá fóra.

A noite. A penumbra, o vazio. E o som do tambor a espalhar-se, ininterrupto, em surdas trepidações.

Alguns deputados fugiram vergonhosamente, saltando pelas janellas; mas a mór parte recuou deante da força bruta com dignidade, como convém aos legisladores. Mas no pateo tudo

mudou subitamente. Os soldados acolheram “os senhores advogados”, os “assassinos” de seu general, os “estipendiados pela Inglaterra”, com injurias, risos, assovios, escarneos. Os homens vermelhos não sabiam onde metter-se; tropeçando nas longas vestes, safavam-se pelos pateos, pelos terraços, pelos jardins, em direcção ás aléas do parque, ao bosque, ás trevas; fugiam como se um inimigo invisivel os perseguisse; acabam atirando para longe os bonés côr de sangue, dilacerando-se nas moitas de espinho. Farrapos vermelhos jazem por terra, como vestigios de um animal ferido que foge — a Loba Revolução acuada, dilacerada por seu proprio Lobinho.

Ça ira! Ça ira!

cantavam alegremente os soldados á noite, na estrada larga de Versalhes, voltando de Saint-Cloud para Paris. Tinham a consciencia tranquillada quanto ao dever que lhes incumbira: haviam salvado a Republica — a Revolução.

“Está representada a farça”, disse alguém a um dos Quinhentos, quando o encontrou essa mesma noite no parque de Saint-Cloud, e o disse entre frouxos de riso.

— Sim, a farça da Revolução estava representada.

Horas depois, Talleyrand ceava, cercado de convivas alegres, no casinholo calmo de uma amiga, em Sèvres. Falou-se dos acontecimentos do dia. Alguém levantou o copo e, admirando as centelhas liquidas do vinho, piscou o olho, sorriu e disse:

— General Bonaparte, general Bonaparte, isto não é sério (203)! — Em outros termos: “Vós tivestes medo”.

Com effeito, que se passara nelle emquanto os granadeiros o carregavam nos braços para fóra da fogueira jacobina? “O homem mais audacioso que talvez tenha existido” tremeria de medo deante dos rabulas rhetoricos?

Sim, um temor como elle nunca experimentara e não mais viria a experimentar, atravessou-lhe a alma. Mas que temor? O do predestinado que sente chegarem os tempos annunciados pela Sibylla, quando, de accôrdo com a sentença virgiliana, vae “emfim renascer a grande ordem dos seculos.”

Bonaparte tem razão: nada na historia se assemelha á Revolução Franceza, nada na Revolução se assemelha a este

minuto — a este 18 Brumario, cimo dos cimos, ponto extremo onde realmente “freme o eixo do mundo” e o centro de attracção universal se desloca.

“Uma nova éra começou — a autoridade de um unico homem”, é assim que um contemponareo define com exactidão esse deslocamento (204). E outro dirá: “O governo consistia nelle só (205).” Bonaparte e a Revolução, o homem e a humanidade. Todos e Um, eis ahí o seculo dos ions deslocados.

O barulho é o signal das pequenas revoluções; a calma, das grandes. “Reentrando em Paris, encontrei a cidade tão calma como se nada houvesse occorrido, ou como se ella estivesse a cem leguas de Saint-Cloud (206)”.

Tudo fôra derrubado, posto de pernas para o ar — e nem um sopro de vento, nem uma folha se movera: era bem a mais calma das revoluções. Ninguém deu pela cousa e só Bonaparte a sentiu ante o esforço sobrehumano que lhe gelara o sangue nas veias. No momento em que seu rosto empallidecera, havia nelle o ar de um covarde, mas na realidade permanecia “o homem mais audacioso que talvez já tenha existido”. Talvez em toda a sua vida não houvesse minuto mais heroico, porque qualquer outro que não elle seria esmagado como um verme por esse peso, triturado como um fio de palha entre duas mós, emquanto elle sobreviveu: morreu Bonaparte — Napoleão resuscitou.

Grande susto mesmo para o mais valente dos homens.

“Querer matar a Revolução seria acto de um louco ou de um scelerado”. Elle sabia que não a podiam matar, porque ella contém em si uma verdade eterna; sim, elle o sabia melhor que ninguem, elle, o immortal Lobinho da Loba Immortal; todo o sangue de suas veias não era o leite das suas mamminhas de bronze? “Eu sou a Revolução”, dirá Napoleão-Cesar, como o dizia Bonaparte. E basta olhal-o attentamente para reconhecê-la nelle. Não, elle não a matou; fez peor: amou-a de um amor terrivel, misturou seu sangue ao de sua mãe; como Edipo, deshonrou a mãe. Mas Edipo ignorava o que fazia, emquanto Bonaparte o sabia “quasi” — o “recordava”, e insistiu em fazel-o. Aliás não podia deixar

de ser assim porque elle fôra mandado ao mundo para isto; sabia egualmente — recordava-se — que isso não lhe seria perdoado nunca. Eis porque elle empallidecera tanto ao ouvir o “Fôra da lei!” Não foi o punhal dos jacobinos, mas o eterno punhal de Nemesis, do Destino, que elle viu brilhar ante os olhos. Para vencer o deus-animal, a Esphynge que devora os homens, Edipo decifra seu enigma: o Homem. Napoleão fez o mesmo, não mais em palavras e sim em actos. De sua mãe, a Revolução, elle se engendrou a si proprio, do tempo na eternidade; Bonaparte engendrou Napoleão, um homem engendrou o Homem.

Eis o sol que se levanta do seio materno da antiga noite, do antigo chãos — da Revolução: Napoleão-Homem.

MEIO - DIA

I

O CONSUL

(1799 - 1804)

Quando, depois de 18 Brumario, um Consulado, composto de tres pessoas, Sieyès, Roger-Ducos e Bonaparte, substituiu o Directorio, o poder pertencia na realidade ao Primeiro Consul, Bonaparte.

O poder pela paz, tal era o pacto tacitamente concluido entre elle e a França.

Mas, para obter a paz, era primeiro indispensavel vencer, reconquistar a Italia: fôra para isso que elle retornara á França, abandonando as tropas do Egypto como um “desertor”. Uma longa guerra era impossivel, tanto pelo estado desesperador das finanças quanto pelo grande desejo de paz que o paiz manifestava; era preciso desfechar no inimigo um golpe brusco, cahindo-lhe em cima como o raio.

Em março de 1800 o exercito austriaco do general Mélas, enfurnando-se, segundo a expressão de Bonaparte, na Riviera liguriana, onde sitiara Genova, tinha evacuado o Piemonte, a Lombardia, toda a alta Italia, desguarnecendo as passagens dos Alpes helveticos. Bonaparte resolveu aproveitar-se disso para atirar-se na Lombardia, contornando Mélas pela retaguarda, surprehendendo-o, desligando-o da base de operações e aniquilando-o. Mas para tanto era preciso refazer a fabulosa façanha de Annibal — transpor os Alpes.

A 6 de maio, o Primeiro Consul deixava Paris, e a 15 um exercito de reserva, forte de 40.000 homens, começou a

ascensão dos Alpes, luta de um formigueiro humano contra tres colossos de gelo; o Simplon, o São Gothardo, o São Bernardo.

A principal passagem atravessava um massiço do São Bernardo, indo de Martigny a Aosta. No estreito desfiladeiro, sobre a linha das neves eternas, pelos atalhos de gelo escorregando ao alto de precipicios vertiginosos, lá onde um homem mal poderia passar, a infantaria, a cavallaria, a artilharia marchavam em fila interminavel. Os canhões, retirados das carretas, eram mettidos em troncos de pinheiro despolpados, redondos na extremidade anterior e com a parte infero-exterior aplainada de modo a permittir o deslize pela neve; os artilheiros atrelavam-se á carga e arrastavam-na com a ajuda de cordas, cem homens para cada canhão. As rajadas de neve feriam-n'os no rosto; elles se esfalfavam, tombavam, reerguiam-se e recommçavam a puxar.

Nos sitios mais difficeis, a musica tocava, batia o tambor, e os soldados subiam ao assalto dos escarpamentos como ao ataque de fortalezas; subiam nos hombros uns dos outros, formando uma escada viva e trepando assim pelas rochas abruptas, agarrando-se ás pedras pontudas, esfolando as mãos, quebrando as unhas, ensanguentando os braços. Tudo isto, elles o faziam alegremente, cantando estribilhos revolucionarios, celebrando a marcha victoriosa da humanidade: "Per aspera ad astra", pelos asperezas rumo dos astros.

A descida foi ainda mais difficil que a subida: na vertente septentrional era o inverno, com sua neve endurecida; na do Sul, era já a primavera, com sua neve fendida, amolentada. Pousando imprudentemente o pé na crosta fragil, homens, cavallos, muares se afundavam nos traiçoeiros buracos cheios de neve e ahi se afogavam; ou então, não podendo prender-se ás rochas geladas ou em degelo, particularmente escorregadias, rolavam nos precipios.

Foi assim que o proprio Bonaparte quasi pereceu. Sua montaria deu um passo em falso á borda do abysmo e, se o guia não a retivesse pela rédea, ella se teria precipitado com o cavalleiro.

A 27 de maio, o exercito francez penetrava nos vallados indefesos da Lombardia. Foi a manobra capital de toda a

campanha, que deu do primeiro jacto a Bonaparte a superioridade strategica sobre o exercito austriaco collocado assim numa posição anormal, voltando ás costas á França e fazendo face á Lombardia. Bonaparte forçara a porta da casa inimiga: tombara sobre a Italia como o raio. A 2 de junho fazia sua entrada em Milão, quando o general Mélas o acreditava ainda em Paris.

A primeira parte da empresa estava ultimada; restava a segunda: bater Mélas. Este franqueara o Pó, mas, julgando a posição desvantajosa e esperando reforços, recusava a batalha e se ia encolhendo. Bonaparte o perseguia e para attingil-o distendera e enfraquecera sua linha de combate. Mélas, excellente strategista, comprehendeu-o, e, por uma habil manobra, reuniu todas as forças na vasta planura de San Giuliano e de Marengo, tendo por objectivo romper as fileiras centraes de Bonaparte.

Na madrugada de 14 de junho, começou a grande pugna que devia decidir da sorte da Italia, da Austria, da França, de toda a Europa.

As vantagens estavam ao lado de Mélas. Sua artilharia era superior: cem peças contra quinze; presentindo a victoria, os austriacos se batiam como leões; repelliram quatro ataques geraes e doze cargas de cavallaria; na planura, tomavam aldeia após aldeia, estraçalhando os francezes sob um fogo de metralha ininterrupto. Por mais firmes que fossem de coragem, os francezes não mais puderam resistir, vergaram e, ás duas da tarde, começaram a recuar em toda a linha.

Então Bonaparte atirou na peleja sua ultima reserva — os oitocentos granadeiros da guarda consular. Esses homens de granito formaram um quadrado, e ficaram assim tão immoveis, inderribaveis, sob os impulsos furiosos da infantaria, da cavallaria e da artilharia austriacas; mas elles não podiam fazer mais que proteger a retirada, quasi a fuga, do exercito; emfim, lentamente, se puzeram tambem a recuar, passo a passo, numa proporção de quatro kilometros por hora.

Era a derrota.

Mélas, confuso. mas louco de alegria, já expedira um correio a Vienna, annunciando a victoria.

Bonaparte via bem que a victoria lhe escapara; jogara “tudo contra tudo”, e tudo perdera: a Italia, a França, os ganhos de 18 Brumario; um momento antes era ainda Cesar e eis que voltava a ser um “desertor”, um “criminoso de Estado” “fóra da lei”, o “assassino da Revolução, sua mãe”, “um louco ou um scelerado.”

— A batalha está perdida, disse elle aos officiaes do estado-maior, sentado á beira do caminho e mascando um fio de herva. Mas são apenas duas horas; temos ainda tempo de ganhar uma outra hoje, se o general Desaix chegar com as reservas.

Cuspiu o fio de herva, arrancou um outro e recomeçou a mascar. Estava calmo, mas quando, vinte e um annos depois, nos tormentos da agonia, elle recordara esse instante — a propria morte não lhe parecerá mais assustadora.

“General Bonaparte, general Bonaparte! isto não é sério”. Em outras palavras: “Vós tendes medo.” Que aquelle que disse isso o olhe neste momento: talvez comprehenda que só um terror sobrehumano pôde vencer quem havia vencido todos os terrores terrestres.

— Ah, eis o general Desaix! notou Bonaparte, sempre com a mesma calma, como se soubesse — recordasse que seria assim — que fôra assim; suspirou profundamente, levantou-se, montou a cavallo e atirou-se no combate como um relampago: — Soldados tenho necessidade de vossa vida e vós m’a deveis (207)!

A primeira victima é Desaix, o irmão de armas querido de Napoleão: vinha de atirar-se na batalha e foi morto por uma bala que o atravessou de lado a lado; cahindo, só teve tempo de proferir uma palavra: “Morto!”

Mas o espirito immortal do heróe penetrara nos soldados. “Morrer, vingal-o!” foi com este pensamento que os seis mil homens da reserva de Desaix se precipitaram no fogo e as cem peças calaram-se, os fugitivos retornaram á peleja, os perseguidos perseguiram por sua vez, os vencidos estão victoriosos.

“O homem do Destino!” murmura Mélas, tomado de um terror supersticioso, ao olhar o rosto de Napoleão, o Raio.

E o exercito austriaco capitula. Restituído o Piemonte; restituida a Lombardia e toda a Italia até o Mincio.

É Marengo, a victoria das victorias, o meio-dia do sol napoleonico.

A França exulta, a victoria é a paz!

A paz de Luneville com a Austria, em 9 de fevereiro de 1801, a paz de Amiens com a Inglaterra, em 25 de março de 1802. As guerras da Revolução, que duravam ha dez annos, acabaram-se. Parece que é a paz do mundo.

Napoleão executa o pacto: tomou o poder e fez a paz.

Na paz, sua primeira obra é insuffrar de novo em França a alma christã que a Revolução lhe arrebatara. Incréo, elle sabe que os homens não podem viver sem crença.

A 15 de julho de 1801, assigna a Concordata entre a França e a Santa-Sé; a Igreja gallicana é restabelecida em todos os seus direitos, reunida á Igreja romana, e o Papa é de novo reconhecido seu chefe; o Primeiro Consul nomeia os bispos, o Vaticano os ordena e os confirma; nenhuma bulla papal pôde ser publicada em França e nenhum concilio ahi reunir-se, sem autorização do governo.

“Querem vocês que eu arranje uma religião de fantasia, que não seja a de ninguém? dizia elle aos inimigos da Concordata. Não o entendo assim: preciso da antiga religião catholica; só ella está no fundo dos corações, onde jamais a apagaram; só ella pôde reconciliar-nos, pôde destruir todos os obstaculos (208).” “Não é o fanatismo o inimigo a reear agora, mas o atheismo (209)”. “Além das vistas politicas que deviam em breve dirigil-o em tudo quanto se prendesse aos negocios ecclesiasticos, seu espirito nutria secretos pensamentos, seu coração encerrava antigos sentimentos que lhe vinham provavelmente dos primeiros annos da infancia, que reappareceram em muitas occasiões importantes da sua carreira, e as ultimas horas de vida puzeram em destaque de maneira indubitavel”, diz o mesmo contemporaneo (210).

Não em vão foi Bonaparte consagrado pela mãe, antes mesmo de nascer, a Nossa Senhora, e não em vão nasceu a 15 de agosto, dia da Assumpção da Virgem.

A 18 de abril de 1802, domingo de Paschoa, durante o officio solemne que era celebrado pela primeira vez depois da Revolução na egreja metropolitana de Notre-Dame, foram annunciadas a paz de Amiens e a Concordata, — a paz com os homens e a paz com Deus. Após nove annos de silencio, resooou de novo acima de Paris o carrilhão da cathedral, e os sinos de toda a França lhe responderam: “Christo resuscitou!”

“Os inimigos do Primeiro Consul e da Revolução reju-bilaram, e seus amigos e o exercito em massa ficaram consternados”, depõe o general Thiébault (211). Nas tropas todos os generaes atheus de 80 indignaram-se.

“Bellissima cerimonia! só falta o milhão de homens que se fizeram matar para destruir o que estamos restabelecendo”, disse o general jacobino Augereau durante o officio pascal de 18 de abril (212).

“Tive mais difficuldade em restabelecer o exercicio do culto que em ganhar batalhas”, confessava mais tarde Napoleão.

“Devemos lembrar-nos, dizia em 1813 o papa Pio VII, prisioneiro do Imperador em Fontainebleau — que depois de Deus é a elle principalmente que devemos a restauração do sentimento religioso... a Concordata foi um acto christão e heroicamente salvador (213).”

A segunda obra de paz de Bonaparte é o codigo. “Minha verdadeira gloria não foi ganhar quarenta batalhas. Waterloo apagará a lembrança de tantas victorias. O que ninguem apaga, o que viverá eternamente, é meu codigo civil”, dirá elle (214). “Meu codigo é a ancora que salvará a França; meu titulo ás benções da posteridade (215).”

“Quanto estavamos longe de conhecel-o do outro lado do oceano! Nós não podiamos recusar a evidencia de suas victorias e de suas invasões, é verdade. Mas Genserico, Attila, Alarico, tinham feito outro tanto. Assim me deixava elle a impressão do terror bem mais que a da admiração, confessava um antigo ministro de Luix XVI. — Mas depois que estou aqui, tive idéa de metter o nariz nas discussões do codigo civil e, desde esse instante, a cousa mudou-se em profunda veneração. Mas onde diabo aprendeu elle

tudo isso? Ah, que homem vocês tinham! Verdadeiramente, não podia deixar de ser um prodigio (216)".

O codigo "é um dos mais bellos trabalhos sahidos da mão dos homens"; é nesses termos muito justos que o general Marmont exprime uma das principaes impressões que lhe deixa o codigo. Sua "belleza" reside na simplicidade, na clareza, na precisão, no sentimento da medida, nessas qualidades de um genio greco-romano, mediterraneo, que vem de Pythagoras a Pascal — do genio apollineo, solar por excellencia.

Esse sentimento da medida Napoleão não o sabe definir, senão por dois vocabulos da sua lingua natal, vocabulos italianos, latinos, mediterraneos: "mezzo termine", meio termo.

Em tal sentido Napoleão é verdadeiramente, como o affirmou Nietzsche, "a ultima encarnação do deus Sol, de Apollo"; do mesmo modo que o deus Mithra, o Sol Invenivel, elle é no senso mais profundo, metaphysico, o eterno Mediador, "Misotes". Aquelle que concilia, que une os contrarios, o antigo e o novo mundo, a manhã e a tarde no meio-dia.

"A força de um governo se basea numa média de satisfação (217)"; isso elle o comprehende melhor que ninguem. "Tudo que é exaggerado é insignificante", dizia Talleyrand; Bonaparte, creador do codigo, poderia dizer outro tanto; isto significa: "Nada de exaggerado é divino; só a medida é divina".

"Para consolidar a Republica, é preciso que as leis sejam baseadas na moderação, disse elle logo depois do 18 Brumario, na proclamação redigida em nome dos tres Consules. — A moderação é a base da moral, e a primeira virtude do homem: sem ella o homem não passa de um animal feroz; e sem ella, pôde existir uma facção, mas nunca um governo estavel (218)".

A "tenebrosa metaphysica" é a ideologia dos revolucionarios extremados; é a ella que elle oppõe a "medida divina".

Do intellecto para a intuição, tal o caminho de Bonaparte, o caminho do codigo. Seu objectivo — "aquelle que

a Revolução não pôde attingir” — é “estabelecer, consagrar enfim o imperio da razão e o pleno exercicio, o inteiro gozo de todas as faculdades humanas”. Não mais o imperio da razão abstracta, mecanica, mas o do “logos” vivente, organico.

Não obstante o codigo Napoleão redunda, “máo grado imperfeições e lacunas, na maior somma de equidade e de razão que os homens já localizaram nas leis. Consagrando a egualdade dos francezes deante da lei, a liberdade da terra, a liberdade civil, o pleno effeito juridico da vontade humana, elle codifica nesse sentido a Revolução... Nesse, ardente materia se concretiza em fôrma solida, indestructivel; por elle, a Revolução se faz bronze e granito... Qualquer o assumpto que verse, é um meio termo, uma “obra de perfeito equilibrio juridico”, como excellentemente o definiram. As classes e os interesses diversos encontram ahi maior ou menor satisfacção. Codigo essencialmente democratico, quando garante todo mundo contra a volta dos privilegios feudaes, elle é em muitos pontos um codigo burguez, feito para essa classe média que começara a Revolução, e afinal recuperou as suas prerogativas em tempo (219)”.

Mais tarde, “os principios da liberdade foram quasi destruidos sob seu governo absoluto. Mas debaixo de Napoleão, que estava em guerra com metade do mundo, a egualdade deante da lei, a imparcialidade na administração da justiça e a reparação dos damnos causados pelos individuos ou pelas autoridades foi mais real que mesmo nos periodos de paz dos governos subsequentes (220)”.

Tal qual a Revolução, o codigo é universal. “As nações o adoptaram porque elle lhes levava a Revolução no que ella possuia de apreciavel e de tangivel para a maioria dos homens: o progresso sem subversão, o progresso desprendido dos rigores e dos exaggeros da theoria. O codigo venceu e precisamente perdura pelo que lhe falta de transcendente”. O codigo é a adaptação do espirito do Imperio romano á Europa contemporanea. “Napoleão, como Roma, perdendo o imperio dos povos, deixou-lhes suas leis (221).”

“Eu sancionei a Revolução, infundindo-a nas leis”, dizia elle seis mezes antes de morrer; e mais tarde, na vespera

da morte, já nas torturas da agonia, no delirio, repetia: “Sanccionei todos os principios; infundi-os nas minhas leis, nos meus actos; não ha um só que não tenha prestigiado (222).”

Os jacobinos podiam accusal-o, mas não viam o essencial: o mysterio divino na tragedia humana, aquillo que, através da perda de Edipo-Napoleão, foi, através de um codigo, a salvação dos homens: o fruto do incesto é o novo ion, o “seculo de ouro”.

É impossivel, quando não se estuda a França antes e depois de 18 Brumario, calcular até onde tinham ido as devastações da Revolução (223).”

Isto quer dizer: quem não o estudou não póde sequer formar idéa do que Bonaparte fez pela França.

O thesouro estava vazio, os soldados não eram pagos; mal nutridos, sem fardamento; todas as estradas se achavam destruidas e não se podia passar por uma ponte sem risco de vel-a desabar; as ribeiras e os canaes haviam cessado de ser navegaveis; os edificios publicos e os monumentos tombavam em ruinas; as egrejas permaneciam fechadas, os sinos mudos, os campos abandonados; por toda parte, o banditismo, a miseria, a fome (224). Isto se passava antes de 18 Brumario; depois: “o Estado sahiu do cháos (225)”. “Tudo foi comprehendido a um tempo, tudo marcha com igual rapidez”; a legislação, a administração, as finanças, o commercio, os meios de communicacão, o exercito, a esquadra, a agricultura, a industria, as sciencias, as artes — tudo nasce, tudo prospera subitamente, como por magia (226).

“Ha mais saber nessa cabeça e maior numero de grandes obras reunidas em dois annos desta vida que em toda uma dynastia de reis de França”, diz de Bonaparte o conselheiro de Estado Røderer (227). “Ha quasi um anno que governo, diz o proprio Bonaparte. — Fechei um antro de jacobinos, repulsei os inimigos, puz ordem nas finanças, restabeleci a ordem na administração e não derramei uma gota de sangue (228)”. E mais tarde, quando derramará sangue, elle se recordará sempre de que a gloria da paz é maior do que a gloria da guerra. “Dóe-me a maneira de viver que,

arrastando-me em expedições, afasta os meus olhares do primeiro objecto de meus cuidados: uma boa e solida organização do que se prende aos bancos, ás manufacturas e ao commercio”, escreve ao ministro das finanças em 1805 (229).

Desde a campanha da Italia, ainda que, segundo a expressão de Talleyrand, esse “sublime Ossian parece destacar-se da terra”, Bonaparte não ignora que a carne é paga aos fornecedores a dez soldos, quando apenas custa cinco nas Halles (230). O mesmo Deus Demiurgo anima os sóes e os átomos.

Como por um milagre, todos os tecidos vivos do paiz se refazem, todas as fêridas se fecham.

Um tepido bem-estar — uma impressão de renovamento, a doçura de reviver, a sensação da cura penetram a França convalescente (231), e o medico é Bonaparte.

“O effeito dessa Revolução (o 18 Brumario) foi immenso na opinião publica, dahi resultando uma grande confiança no futuro, uma esperança sem limites...”, diz um contemporaneo (232). “A França sahia disso com uma felicidade que sobrepujava tudo o que as imaginações mais dispostas a lisonjear-se tinham jamais podido conceber”, diz um outro (233). Era a ventura do “seculo de ouro”. E Barbier, alludindo ao curso de cabellos lisos, bem podia dizer que a França “era bella ao grande sol de Messidor”.

“Tudo estava tão mudado como se os acontecimentos revolucionarios houvessem decorrido ha mais de vinte annos; os vestigios se lhes apagavam todos os dias”, nota em seu diario um prefeito. “Viam-se as almas reserrenar, os corações abriam-se á esperança, aprendiam a amar de novo”. — “O povo só lembra da Revolução duas datas: 14 de julho e 18 Brumario. As intermedias apagaram-se (234) — destruidas pelo “sol de Messidor”.

Desde o seculo de Augusto, o seculo de Jesus Christo, os homens talvez não tivessem acreditado tanto no advento da idade de ouro como nesses fugitivos annos do Consulado.

II

O IMPERADOR

(1 8 0 4)

“Eu te peço, Bonaparte, não te faças rei. É esse perverso do Luciano que te aconselha; não o escutes”, dizia Josephina animando Bonaparte (235).

Mas elle não poderia ceder a esse desejo, ainda mesmo que o quizesse: desde 18 Brumario que era rei; já do casulo cinzento emergia a borboleta dourada.

A 20 de janeiro de 1800, quando o Primeiro Consul deixava o palacio do Luxenburgo pelas Tulherias, não houve carruagens officiaes que bastassem, tanto assim que foram obrigados a alugar outras. Tal era a santa miseria da Republica.

No conselho de Estado dirigiam-se a Bonaparte chamando-lhe em boa camaradagem “cidadão Consul (236)”. Eile se vestia com tanta simplicidade que certa vez um realista o tomou por um criado: só ao encontrar o olhar de Bonaparte é que elle comprehendeu com quem tinha de avir-se (237).

Mas quando, antes do Te-Deum que devia ser celebrado na egreja metropolitana de Notre-Dame por occasião da Concordata e da paz de Amiens, o clero perguntou ao Primeiro Consul se devia thuribular seus dois collegas ao mesmo tempo que elle, respondeu que não. ‘Deante de Deus, já era Cesar.

Em dadas épocas, os inimigos fizeram mais por elle que os amigos; mais que as victorias guerreiras os attentados contra a sua vida na paz conduziram-no ao throno.

A 7 Germinal 1800, pouco depois da partida do Primeiro Consul para a Italia, na vespera mesmo de Marengo, descobriu-se no paiz uma conspiração. Os conjurados expunham num manifesto suas queixas contra Bonaparte: as “manobras infames” que tinham preparado o 18 Bruma-

rio e o “objectivo criminoso” que se haviam proposto os autores dessa jornada; falava-se ahi na necessidade “de salvar ainda uma vez a Republica”. Os conjurados deviam agir no dia seguinte ao da partida do Primeiro Consul para o exercito. Á frente dos conspiradores se encontravam o general Bernadotte, ministro da Guerra; Luciano Bonaparte, ministro do Interior; Fouché, ministro da Policia, e o general Lefebvre, commandante de Paris. Acharam prudente abafar essa tentativa do partido jacobino, que foi pouco conhecida (238).

A 3 Nivôse (24 de dezembro) de 1800, na rua Saint-Nicaise, u’a machina infernal explodiu debaixo da carruagem do Primeiro Consul, espatifando não só os vidros da viatura de Bonaparte, mas tambem os da viatura seguinte, onde se encontrava Josephina; sua filha Hortensia, que lhe ia ao lado, foi attingida por um estilhaço na mão. Umas quinze casas na vizinhança foram damnificadas, tres passantes mortos, e muitos outros feridos. Foi por milagre que Bonaparte escapou. Seu cocheiro, ligeiramente bebedor, soltou os cavallos a toda brida e passou sem maiores estragos.

O Primeiro Consul ia á Opera, onde davam essa noite a Oratoria de Haydn: “A Creação do Mundo”. Entrou no seu camarote e correspondia ás acclamações e aos applausos de dois mil espectadores, que ignoravam ainda tudo, com uma saudação tão calma que ninguém adivinhou nada. “Estes patifes quizeram fazer-me ir pelos ares”, dizia elle aos que se encontravam no camarote e, voltando-se para um ajudante de ordens, accrescentou: “Mande-me trazer o libreto da oratoria (239)”.

Elle acreditava que os “patifes” fossem jacobinos, mas enganava-se: eram “chouans”, como chamavam então aos realistas bretões. De resto, os jacobinos estavam bem dispostos a unir-se aos realistas para matar o Primeiro Consul.

“A cidade está cheia de punhaes”, escrevia-lhe o ministro da Policia, Fouché (240). Bonaparte sabia que a esses punhaes Fouché estava prestes a juntar o seu.

No mesmo anno, fundou-se uma “companhia de tyrannicidas” de que sahiu mais tarde, durante o Imperio, a

“União dos Philadelphos”. “O Imperador Napoleão, diziam estes, maculou a gloria de Bonaparte, Primeiro Consul; elle salvara a nossa liberdade e nol-a roubou em restabelecendo nobreza e a Coneordata (241)”.

Durante os annos do Consulado, de 1800 a 1804, tudo andava realmente “cheio de punhaes”. Mas os inimigos ajudam Napoleão e, se algumas dezenas de homens o odeiam, milhões de criaturas ainda mais o amam por isso. “Se Bonaparte perecer assassinado, que será de nós?” diziam elles. E’ “convicção geral que só sua existencia se interpõe entre a França e o abysmo vermelho (242).”

Em outubro de 1800, Fouché apresenta ao Primeiro Consul uma brochura de seu irmão José: “Parallelo entre Cesar, Cromwell e Bonaparte”. É bem de ver que José tinha querido servir Napoleão; mas fazer em tal momento um tal parallelo é falar de corda na casa do enforcado. José foi honrosamente exilado como embaixador na Hespanha. O casulo mal envolve a borboleta, mas ainda a envolve.

Todo mundo sabe aliás de que se trata quando, a 16 Thermidor 1802, em seguida a um plebiscito de mais de tres milhões de votos, um “senatus-consulta” proclama a vitaliciedade do Consulado. O presidente do Senado annuncia-o solemnemente ao Primeiro Consul, das Tulherias.

“Senadores, respondeu Bonaparte, a vida de um cidadão pertence á patria. O povo francez quer que minha existencia seja consagrada... Obedeço á sua vontade... Por meus esforços, pelo vosso concurso, cidadãos senadores, pela confiança e pela vontade deste immenso povo, a liberdade, a egualdade, a prosperidade dos francezes, estarão ao abrigo dos caprichos da sorte e das incertezas do futuro... O melhor dos povos será o mais feliz, como é o mais digno de o ser, e sua felicidade contribuirá para a da Europa inteira... Contento de haver sido chamado por ordem d’Aquelle de que tudo emana para reconduzir á terra a justiça, a ordem e egualdade, ouvirei soar a ultima hora sem lamentações e sem inquietude quanto ao conceito das gerações futuras (243).”

“Chamado por ordem d’Aquelle de que tudo emana”, isso quer dizer: “Chamado por Deus, eleito de Deus, ungido.”

“Eis o fim desta Revolução encetada por um impulso quasi universal de patriotismo e de amor á liberdade!” gritavam com indignação, não só os jacobinos e extremistas, mas tambem os republicanos moderados! “Quê? Tanto sangue derramado nos campos de batalha, tantas fortunas destruidas, tantos sacrificios do que o homem tem de mais caro, só serviram para fazer-nos mudar de senhores, para substituir uma familia desconhecida ha dez annos e que no começo da Revolução mal era franceza, á familia que reinava desde oito seculos em França! Nossa condição é assim tão miseravel que não podemos ter outro asylo senão o despotismo e somos obrigados, para afastar os males que nos ameaçam hoje, a tudo conceder aos Bonaparte, sem nada lhes pedir em troca (244).”

E durante esse tempo os Bonaparte já discutem a successão do throno. Quando Luiz renuncia a elle em favor do filho menor, José, voltando do exilio, indigna-se de que pretendam afastal-o e derrama-se em commentarios inconvenientes: “Elle amaldiçoou a ambição do Primeiro Consul e desejou-lhe a morte como uma felicidade para a familia (245).”

Os irmãos só fazem atrapa-lhal-o; mas em compensação os inimigos o favorecem.

No começo de 1804, detêm em Paris quarenta conjurados que tinham a intenção de attentar contra a vida do Primeiro Consul. A mór parte estava a soldo do governo inglez; encontravam-se entre elles George Cadoudal e dois generaes, Pichegru e Moreau.

Suppunha-se — sem razão, como ficou incontestavelmente provado depois — que o dūque d’Enghien, Luiz de Bourbon-Condé, um dos ultimos rebentos da velha casa de França, participara do plano homicida e estivera mesmo um instante em Paris; vivia elle então em Ettenheim, cidadezinha de Baden, não longe do Rheno e da fronteira franceza.

A 5 de março, um destacamento de gendarmes francezes passou secretamente a fronteira, penetrou em Ette-

nheim, prendeu o duque e o conduziu a Paris, para o forte de Vincennes. Lá, em 21 de março, ás duas horas da manhã, toi elle fuzilado no fosso da fortaleza, de accordo com a sentença de uma commissão militar especialmente reunida para julgal-o. O julgamento não fôra senão uma vã comedia; a verdadeira sentença emanava de Bonaparte.

“Eis-nos voltando aos horrores de 93! A mão que delles nos afastou a elles nos leva de novo! diz o conde de Ségur. — Fiquei aniquilado: até então orgulhoso, e com bons motivos, do grande homem que eu servia, fizera d'elle um heróe completo (246)...” Elle não tinha coragem de accrescentar: “E agora o heróe é um criminoso.”

Porque Bonaparte mandou matar o duque d'Enghien?

“Esses sujeitos queriam matar a Revolução na minha pessoa. Tive de defendel-a. Mostrei do que era capaz” — “Impuz silencio para sempre aos realistas e aos jacobinos (247)”.

Não, não impoz cousa alguma; o Lobinho andaria melhor se não falasse da Loba-Revolução, estrangulada por elle.

“Sou um cão que pôdem liquidar assim na rua (248)?” — “Se não tivesse por mim as leis do paiz, restar-me-iam os direitos da lei natural, os da legitima defesa. Assaltavam-me de todos os lados e a cada instante: eram fuzis, machinas infernaes, conspirações, emboscadas de toda especie. Acabei fatigando-me e aproveitei a occasião para fazer o terror recuar até Londres... Guerra por guerra... O sangue chama sangue... Meu sangue, afinal, não era lama (249)”. Tudo isso seria talvez verdade se o duque d'Enghien não fosse innocente e se Bonaparte não estivesse seguro disso.

Tres dias antes de morrer, já a estorcer-se nas dores da agonia, elle pediu o envoltorio fechado de seu testamento, abriu-o, juntou qualquer cousa ás occultas, tornou a fechar o envelope e o restituiu. Eis o que elle accrescentara: “Fiz prender e julgar o duque d'Enghien porque isto era necessario á segurança, ao interesse e á honra do povo francez, quando o conde d'Artois mantinha confessamente sessenta assassinos em Paris; em circumstancias identicas, eu tornaria a agir da mesma fórma (250)”.

Ainda uma vez, tudo isso seria talvez verdadeiro, se elle não estivesse seguro de que o duque d'Eng'hien não figurava entre seus assassinos em perspectiva.

"A despeito d'elle mesmo, creio em seus remorsos. Elles o perseguiram até o tumulto, e foi uma recordação lacerante que ainda lhe dictou no testamento essa phrase", diz o chanceller Pasquier, que conhecia bem Napoleão e seguira de perto esse caso (251). É lord Holland, um verdadeiro amigo de Napoleão, quem fala disso nos termos mais adequados e mais simples: "Deve-se admittir que elle teve a culpa desse crime. Não é possivel justificar-o pelas consequencias que d'elle resultaram. O sacrificio de um homem contra o qual elle não podia allegar delicto algum será sempre uma nodoa em sua memoria (252)".

Os inglezes podiam ficar satisfeitos: o sangue manchara as vestes brancas do heróe; as Eumenides se lhe tinham introduzido em casa, e o punhal das megeras será sempre mais temivel que todos os punhaes de jacobinos.

Mas o que está feito está feito: o fosso de Vincennes onde foi fuzilado o herdeiro innocente dos Bourbons delimita a antiga e a nova ordem, corta o cordão umbelical que unia o Cesar recém-nascido ao poder real. O cadaver do duque é para Bonaparte um degráo do throno imperial; seu sangue é para elle purpura de rei.

"Grande homem, acabe vossa obra, torna-e-a immortal", dizia ao Primeiro Consul o Senado, em 28 de março, apenas oito dias depois da execução do duque d'Eng'hien, supplicando-lhe que acceitasse o poder supremo (253). Mas essas palavras afiguram-se ainda a Bonaparte insufficientemente explicitas ou muito reservadas.

"Diversas instituições vos parecem dever ser aperfeiçoadas para manter sem perigo o triumpho da egualdade e da liberdade... Convido-vos portanto a fazer-me conhecer vosso pensamento na integra", escreve elle ao Senado. "É do maior interesse do povo francez confiar o governo da Republica a Napoleão Bonaparte, imperador hereditario", responde o Senado (254).

A 18 de maio de 1804, uma longa fila de viaturas, escoltada pelos couraceiros a cavallo, penetrava em Saint-Cloud.

Eram cinco da tarde, a mesma hora em que, no 18 Brumario, as bayonetas dos granadeiros commandados por Murat dispersavam o conselho dos Quinhentos. Os senadores entraram no mesmo gabinete onde, naquella data, o general Bonaparte, que os braços de seus soldados tinham vindo arrancar á fogueira jacobina, coçava até tirar sangue a testa affligida pela sarna de Toulon e balbuciava a Sieyès, o homunculo que se aquecia deante da lareira: “General, elles querem pôr-me fóra da lei!”

— Sire... Magestade... disse ao Primeiro Consul, falando em nome do Senado, seu collega da vespera, o segundo consul Cambacères. Depois destas palavras que terminavam o discurso: “O Senado proclama neste instante Napoleão Bonaparte imperador dos francezes”, elevou-se na assembléa um grito de “Viva o Imperador!” e alguns applausos, mas fracos, e pouco significativos, narra uma testemunha de presença. O Imperador respondeu em voz firme e alta.

“Entre os assistentes havia uma especie de constrangimento ou de mal-estar visivel, de que só elle não participava. Elle dirigiu a palavra a diversos conselheiros de Estado, dos quaes alguns lhe responderam dentro da nova etiqueta... Outros se atrapalhavam nas antigas e novas formulas e, começando as phrases por “Cidadão Primeiro Consul”, corriam atraz dos vocabulos que lhes escapavam para substituil-os pelas palavras “Sire” e “Majestade”. Toda a cerimonia não durou mais que um quarto de hora. Vi, ao voltar, muita gente no caminho. O estrondo do canhão, a affluencia extraordinaria de carruagens tinham attrahido grande numero de curiosos, mas não houve á noite nem festa nem illuminação: parecia-se ignorar o que se tinha passado ou, ao menos não tomar nisso grande interesse (255).

Napoleão pensara a principio fazer-se coroar em Aix-la-Chapelle, antiga capital da dynastia carolingia. “Paris, dizia elle, fez sempre a desgraça da França; seus habitantes são ingratos e levianos, e disseram sempre cousas horriveis a meu respeito (256)”. Eil-o, neste momento, prestes a renunciar ao coração da França. Já elle se sente um Cesar, não mais francez, e sim universal.

O papa Pio VII consentiu em vir a Paris para coroar o Imperador: serviço por serviço — coroação em troca da Concordata.

“Desejo que isso se cumpra em vista do grande bem que trará á religião, ao Estado e á Igreja”, escrevia de Paris ao Vaticano o legado Caprara (257).”

“A Divina Providencia e as constituições do Imperio collocaram a dignidade imperial hereditaria em nossa familia...” declarava o manifesto; o que quer dizer que coroariam não só Bonaparte, mas sua esposa, contrariamente á tradição: desde duzentos annos que não havia mulheres coroadas (258).

Á ultima hora, o Papa soube que Josephina não era a mulher, mas a “concubina” de Napoleão, porque não se tinham casado religiosamente. Coroar semelhante casal seria um sacrilegio e o Papa se recusou formalmente a fazel-o. Napoleão só transigiu a contragosto, já pensava no divorcio, não querendo ligar a sorte da nova dynastia a u'a mulher esteril. O cardeal Fesch, seu tio, casou-os secretamente, sem testemunhas, no gabinete do Imperador.

Napoleão devia commungar antes da coroação. Por sua vez recusou-se formalmente: commungar, sem crer no sacramento, parecia-lhe uma hypocrisia e um sacrilegio. “Não lhe sobrecarreguemos a consciencia nem a nossa”, diz o Papa, e escreveu com sua propria mão no cerimonial: “Non communicarano” (“Não commungarão”) (259): — “Cedo ou tarde, vireis a nós, disse elle ao Imperador.”

A 11 Frimario, uma cerimonia de desusada pompa, mas fria e tediosa, desenrolou-se na igreja metropolitana de Notre-Dame. Viram Napoleão muitas vezes esconder um bocejô; sua face indifferente e immovel era a de um homem mergulhado em somno lethargico. Com esse dom de clarividencia fatidica que nunca o abandonou nos momentos tragicos da vida, reconheceria elle — recordar-se-ia que estava sendo coroado como uma victima?

“Vivat imperator in aeternum”, proferiu o Papa, estendendo a mão para tomar a corôa. Mas Napoleão antecipou-se, tomou-a por si mesmo e, tirando da cabeça a grinalda de folhas de ouro, ahi pousou a corôa (260).

“Il cielo mi la diedo, guai a chi la toccherà”! “O céo m’a deu, e aí de quem a toque!” dirá elle mais tarde, coroando-se em Milão com a corôa de ferro da Lombardia (261).

“Acaso a liberdade foi revelada ao homem para que elle não pudesse jamais desfrutal-a?” dizia no Tribunal o velho e honesto jacobino Carnot, votando sózinho contra a proclamação de Napoleão Imperador.

“Vimos de fazer um Imperador, escrevia Paul-Louis Courier. Um homem como elle, Bonaparte, soldado, commandante de exercito, o primeiro capitão do mundo, querer que o chamem de Majestade! Ser Bonaparte e fazer-se Sire! Elle aspira a descer... Pohre homem! Suas idéas estão abaixo da sua fortuna (262)”.

Pradt, bispo de Malines, não occultava a Napoleão que, “nas varias partes da França, que suas viagens ou funções lhe tinham feito observar, não encontrara nenhum vestigio favoravel deixado por esse acto”. “Vós só fostes sagrado por vossa espada, dizia elle ao proprio Imperador e ajuntava “in petto”: é isto uma illusão, uma verdadeira criancice (263)”.

Beethoven dedicava a Bonaparte sua Terceira Symphonia, mas, quando soube que este se fizera Imperador, riscou a dedicatoria e escreveu em substituição: “Symphonia heroica para celebrar a lembrança de um grande homem”. Elle puzera nessa symphonia uma marcha funebre, como se Beethoven, tambem elle, soubesse — recordasse — que Napoleão se coroava como uma victima.

O manto da sagração do Imperador era semeado de abelhas de ouro. No tumulto de Chilperico I, um dos mais antigos reis de França, reencontraram as mesmas abelhas. Que symbolo é este? “Descendo a Thimna, Samsão viu: Eis que um leãozinho veio ao seu encontro rugindo. O espirito do Eterno se apoderou de Samsão que fez em postas o leãozinho, como se fosse um simples cabrito... Algum tempo depois foi ver o cadaver do leão e eis que em seu corpo havia um enxame de abelhas e mel... E elle propoz um enigma aos Philisteus: “Daquelle que comia, sahiu o que se come, e do forte sahiu a doçura”.

Se, em Santa-Helena, recordassem a Napoleão este enigma e as abelhas de seu manto imperial, talvez comprehendesse elle então o que ellas symbolizavam. Elle se dilacerava a si mesmo como Samsão ao leãozinho: “E eis que havia no corpo do leãozinho um enxame de abelhas e mel” — o mel do “seculo de ouro”, o doce mel do sacrificio. Eis o que isto significa: “Daquelle que comia, sahiu o que se come, e do forte sahiu a doçura.”

I I I

A S V I C T O R I A S

(1805 - 1807)

“Meu poder prende-se á minha gloria, e minha gloria aos triumphos que obtive, dizia Napoleão. — As conquistas fizeram-me o que sou; só as conquistas pôdem manter-me... Um governo recém-nascido tem necessidade de deslumbrar e espantar. Desde que não mais brilhe, vem por terra (264).”

Elle sabe — recorda — que a suprema batalha, a maior de todas, o desfecho de todas as outras, é seu duello com a Inglaterra pela dominação universal. Todas as guerras, de Toulon a Waterloo, não passam de uma guerra unica, incessante contra a Inglaterra. Elle procura a Inglaterra por toda parte: primeiro atraz da Italia do Egypto, da Syria; depois atraz da Austria, da Allemanha, da Hespanha, da Russia; procura o mar atraz da terra; abre, através da terra, um caminho para o mar. Eternamente luta, elle, insular, contra uma ilha. “Se eu tivesse sido o senhor do mar!” dirá elle em Santa-Helena. Elle sabe — recorda — que o imperio do mar é o imperio do mundo.

“Esmagarei a Inglaterra e a França dictará leis ao resto do mundo”, diz elle depois de Marengo (265). “Concen-

tremos toda nossa actividade na frota, esmaguemos a Inglaterra, e a Europa toda estará a nossos pés”.

A paz de Amiens, que suppunham eterna, durou quatorze mezes. A idéa de uma descida militar na Inglaterra, de uma derrota que feriria o inimigo no coração, não abandonara nem o Primeiro Consul, nem o Imperador.

A 19 de julho de 1805, partiu elle para o campo de Boulogne, ás bordas da Mancha. Ha dois annos, ahi faziam, na perspectiva de uma expedição á Inglaterra, trabalhos terrestres e maritimos; melhorava-se o porto, construiam-se estaleiros, arsenaes, diques, mólhes, trincheiras, fortificações; reunia-se ahi o Grande Exercito, que foi assim chamado pela primeira vez nesse campo de Boulogne. Seis corpos estavam dispostos num amphitheatro de collinas coroando a enseada, tendo, ao centro, o quartel imperial.

A frota nacional, composta de 2.365 unidades de differentes tamanhos e de construcções diversas, desde as chalupas-canhoneiras até os navios de grande porte, com uma equipagem de 12.000 marinheiros, podia transportar 160.000 homens, 10.000 cavallos e 650 peças de artilharia.

Oito horas deviam bastar para que essa operação complicada se ultimasse; era só transpor um estreito de trinta e dois kilometros. “Oito horas nocturnas que fossem favoraveis decidiriam da sorte do universo”, escrevia o Primeiro Consul ao almirante Gantheaume; e mais tarde, quando Imperador, elle escreveu ao almirante Latouche-Tréville: “Sejamos senhores do Estreito seis horas, e seremos senhores do mundo (266)!”

Em Amiens haviam levantado um arco de triumpho com esta inscripção: “Caminho da Inglaterra”. Em Boulogne, encontraram debaixo do quartel imperial u’a acha de armas romana que parecia provir do campo de Julio Cesar, primeiro conquistador da Inglaterra: dir-se-ia que o campo de Boulogne era o remate de dois mil annos de historia universal. A 15 de agosto, dia do nascimento de Napoleão, desenrolou-se no campo uma cerimonia solemne: a distribuição das cruzes da Legião de Honra que vinha de ser instituida. O Imperador estava sentado no antigo throno de ferro do rei Dagoberto, ao cimo de um outeiro de onde dominava, tal

um novo Xerxes, o campo, e o mar coberto das unidades da frota. Parecia que com um gesto da mão elle poderia esmagar a Inglaterra, apoderando-se do mundo.

Mas em Paris não acreditavam na incursão.

“Ella excitava uma risada geral, conta Bourrienne. Era difficil conceber uma operação assim dispendiosa, inutil e ridicula (267)”. Caricaturistas representavam as náos de Boulogne sob o aspecto de cascas de noz numa bacia; um marinheiro inglez sentado na praia fumava num cachimbo cuja fumaça imitava uma tempestade e fazia fugir a esquadra franceza. Tambem riam na Inglaterra, mas com um riso amarello.

“Discutiu-se muito para saber se Bonaparte teve sériamente a intenção de desembarcar na Inglaterra, disse o general Marmont. — Responderei com certeza, com segurança: Sim, essa expedição foi o desejo mais ardente de sua vida, e sua mais cara esperança durante longo tempo. A possibilidade da expedição parece demonstrada... Bonaparte queria investir a fogo contra o castello de Douvres e forçá-lo a render-se num momento... Quando mais tarde seus projectos foram abandonados e elle levou a guerra para a Allemanha, disse-lhe, conversando com elle em Augsburgo, que fôra melhor não se houvesse insistido naquella aventura num momento em que os austriacos entravam em campanha contra nós com forças tão consideraveis... Elle me respondeu nestas palavras: “Se tivéssemos desembarcado na Inglaterra e entrássemos em Londres, como aconteceria indiscutivelmente, as mulheres de Strasburgo bastariam para defender a fronteira...” Nada elle desejou tanto no mundo (268).”

“Eu teria proclamado a republica: era então Primeiro Consul; a abolição da Nobreza e da Camara dos Pares, a distribuição dos bens daquelles que se oppuzessem a meus projectos, a liberdade, a egualdade e a soberania do povo, tudo isso me traria logo partidarios... Numa cidade tão grande quanto Londres, onde ha tamanha populaça, e descontentes, um partido formidavel se teria declarado por mim. Eu excitaria ao mesmo tempo uma insurreição na Irlanda (269)”. — “Eramos chamados pelos desejos de uma grande

parte de inglezes. Operado o desembarque, todos os calculos correriam para uma unica batalha decisiva: o desfecho não era duvidoso e a victoria nos metteria em Londres... O povo inglez gemia ao peso dos oligarcas; desde que lhe poupassemos o orgulho, estaria logo comnosco; não seriamos para elles senão alliados vindos para libertal-os”.

O exito da investida dependia da manobra naval do almirante Villeneuve, enviado com a frota franceza ás Antilhas para desviar a esquadra ingleza da Mancha. Villeneuve foi bem succedido na primeira parte do plano: chegou a Martinnica e a esquadra ingleza se poz a perseguil-o. Mas, de volta, tendo encontrado o almirante Nelson perto de Ferrol, Villeneuve tomou o rumo do Sul e foi a Cadiz, em logar de proseguir na marcha em direcção a Rochefort e Brest, como lhe prescreviam as instrucções, para ali unir-se ás esquadras franceza e hespanhola e, surgindo, inopinadamente na Mancha, desembaraçal-a por alguns dias da frota ingleza: “o exito da descida era quasi certo (270).”

“Parti, sem perder um momento, e, com as minhas esquadras reunidas, entrae na Mancha! a Inglaterra pertence-nos!” escrevia Napoleão a Villeneuve em 22 de agosto. Mas a 23 vinham a saber que Villeneuve rumara para o Sul; a sorte da expedição estava decidida (271).

Como dantes, no Egypto e na Syria, a chimera gigantesca desfizera-se como uma bola de sabão; a montanha parira um rato. Milhões são atirados nagua, dispersados ao vento; a frota nacional não passa de “cascas de noz numa bacia”. Todo o campo de Boulogne é um lamentavel fracasso. Mas, como dantes, a chimera desfeita é logo substituida por outra nova: levantar a Europa inteira contra a Inglaterra, lançar todo o continente contra o mar. No mesmo dia, 23 de agosto, Napoleão annuncia ao exercito que “a Austria, seduzida pelo ouro dos inglezes, vem de declarar guerra á França (272).” Dá elle ordem de abandonar o campo de Boulogne e dicta o plano da campanha da Austria. Os menores movimentos do Grande-Exercito, o numero de marchas, a localização de todos os corpos e seu destino são previstos, adivinhados, calculados, com uma precisão mathematica. O conhecimento technico se une á prophecia, as

cifras á clarividencia. O campo de Boulogne despovoa-se e um exercito de 180.000 homens se vê transportado, como por magia, das bordas da Mancha ás bordas do Danubio.

O imperio napoleonico repousa sobre oito columnas, — oito victorias; quatro ao sul, Lodi, Arcole, Rivoli, Marengo, que subjugaram os paizes da bacia mediterranea, de Gibraltar ao Adriatico; e quatro ao norte: Ulm, Austerlitz, Iéna, Friedland, que subjugam a Europa central, do Rheno ao Niemen.

As victorias do sul são difficeis, as do norte faceis; naquellas Napoleão é o Sol levante, nestas é o Sol immovel no zenith; aquellas são diversas, matizadas, como os raios da auropa, estas são identicas, brancas como a luz do meio-dia; aquellas nacionaes, estas universaes; aquellas pessoases, estas impessoaes, de modo a nos occultarem o rosto de Napoleão; assim o sol do meio-dia não é senão invisivel deslumbramento; aquellas são heroicas, estas... mas não temos palavras para definil-as: se os gregos antigos as teriam chamado de “demoniacas”, entre nós só Wolfgang Goethe comprehenderia o sentido desse vocabulo. Aliás, o sêr de Napoleão, tal qual o poeta o definiu, é “demoniaco”, não por certo em nosso sentido christão, e sim no sentido antigo, pagão, de “daimon” — deus terrestre. Aquelle que ignora as leis do “demoniaco”, isto parece “miraculoso”, “sobrenatural”; mas talvez seja tão simples quanto o que nos parece “necessario”, “natural”.

Quem então deu a Bonaparte esse poder verdadeiramente miraculoso sobre homens e cousas? “Uma especie de previsão magnetica, dizia seu condiscipulo e secretario Bourrienne (273).” Napoleão presentira sempre o que o esperava: “Nada me aconteceu que eu não tivesse previsto”, dizia elle proprio (274).

Se foi sempre assim, mais que nunca o foi durante esses dois annos, 1805-1806, de Ulm a Friedland.

Os homens são fracos, porque são cegos e não sabem o que acontecerá. Napoleão sabe — lembra-se do futuro como do passado. Saber é poder. Elle póde tudo, porque sabe tudo. Seu olhar atravessa as paredes como vidraças; suas

victorias são tão faceis que elle parece nem mesmo ter o trabalho de estender a mão para colhel-as; caem-lhe aos pés como frutos maduros. Não é mais guerra, é u'a marcha triumphal. Se isso durasse, elle teria perçorrido e conquistado o mundo. Mas, mesmo nesses dois annos, o triumpho perdurou um instante, uns quarenta dias, de Ulm a Austerlitz; em seguida tudo empallideceu, enfraqueceu-se; a ultima victoria facil e luminosa é Friedland. O proprio Napoleão tem consciencia disso: termina a guerra pela paz de Tilsitt, esperando talvez que essa paz seja definitiva, e que a Inglaterra será vencida pelo bloqueio continental, pela terra voltada contra o oceano.

As victorias do sul, relampagos, são difficeis, mas ainda mais difficeis o são as victorias do norte, a luz immovel do meio-dia de deslumbrante brancura. Não ha, de resto, nada a descrever; é sempre a mesma cousa, e seria forçoso ao historiador repetir-se constantemente; elle sabe — elle póde; elle prevê — elle vence.

Em Ulm, o plano de Napoleão consiste em lançar uma rêde gigantesca do Rheno ao Danubio para ahi prender o feld-marechal Mack. Este se precipita na armadilha. "Dir-se-ia ser eu o autor do plano de campanha de Mack", observa Napoleão passando pelo Rheno a primeiro de outubro de 1805, e annuncia: "As Forças Caudinas estão em Ulm (275)". Tudo foi como elle previu: todo o exercito austriaco foi agarrado em Ulm como peixes na tarrafa.

Talvez Mack não fosse tão tolo e tão covarde quanto parecia, mas perdia a cabeça sob o olhar fascinador do "daimon" como um passaro fascinado pela serpente. Poderia ter sahido de Ulm ou fechar-se ahi para esperar os alliados russos cujas tropas corriam a soccôrel-o em marchas batidas; ora, não sahiu, nem se fechou, mas capitulou a 20 de outubro quasi sem combate.

Depois de ter em menos de tres semanas dispersado ou anniquilado 80.000 austriacos, Napoleão marchou sobre Vienna e apoderou-se della, egualmente quasi sem combate, e transpoz o Danubio perseguindo os austro-russos que se retiravam para a Moravia.

Na noite que precedeu Austerlitz, o primeiro de dezembro de 1805, enquanto o Imperador percorria as fileiras, os soldados, lembrando-se de que o dia seguinte era o primeiro anniversario da coroação, accenderam galhos de pinheiros e brandões de palha presos ás bayonetas, e o saudaram com sessenta mil archotes; celebraram assim as vespervas da meia-noite em honra ao deus Mithra, o Sol Invencivel, o Imperador. Dir-se-ia que elle lhes tinha communicado sua “previsão magnetica”: para elles o “Sol de Austerlitz” do dia seguinte já se levantara dentro da noite.

A batalha começou de madrugada. Os austro-russos executaram tão facilmente quanto Mack o plano de Napoleão: correram á arapuca, os pantanos de Telnitz. O ataque de cavallaria de Murat repulsou-os para Austerlitz. As tropas dos marechaes Soult e Bernadotte, occultas pelo nevoeiro na ravina de Golbach, sahiram de repente e atacaram as alturas de Pratzen. Neste momento, como se diz no boletim, “o sol de Austerlitz despontou radioso”.

Não foi o Papa que collocou na cabeça do Imperador a corôa dos Cesares; foi o Imperador que se coroou elle proprio com o Sol.

A 14 de outubro de 1806, temos Iéna. Talvez o padre saxão que indicou aos francezes o pequeno atalho que lhes permittiu escalar as altitudes de Landgrafenberg não fosse o Judas Iscariotes que se pensa; talvez houvesse perdido o raciocinio como o infeliz Mack, sob o olhar fascinador do “daimon”; teria comprehendido que era impossivel lutar contra elle, e que elle venceria de qualquer fórma.

De novo a neblina da manhã ajudou Napoleão e o sol de Iéna — o sol de Austerlitz — despontou outra vez radioso, illuminando o exercito francez que se precipitou bruscamente dos cimos de Landgrafenberg sobre as tropas russo-saxonias, colhidas de improviso.

Austerlitz déra a Napoleão a Austria; Iéna deu-lhe a Prussia. A 27 de outubro de 1806, elle entrou em Berlim triumphalmente, e mandou a Paris a espada de Frederico o Grande.

A primeira ameaça ao vencedor é Eylau, a 8 de fevereiro de 1807. Lá os russos se batem contra elle como

nunca se haviam batido. “Depois da invenção da pólvora, nunca se lhe tinham visto effeitos tão destruidores (276).” Os soldados de Augereau são quasi inteiramente liquidados pelo fogo de artilharia. Durante a batalha rebentou uma borrasca que atirou á face dos francezes uma neve tão espessa que impedia de ver a mais de quinze passós; os homens não mais sabiam onde estava o inimigo e atiravam lamentavelmente uns nos outros. O horror de 1812, o horror do Destino, parece mergulhar os olhos nos de Napoleão nessa noite glacial e sangrenta de Eylau.

Emfim os russos se retiraram, não abandonando ao inimigo senão o campo de batalha com 30.000 mortos ou feridos.

“Terrivel espectáculo! repetia Napoleão percorrendo-o. Elle é feito para inspirar aos principes o amor da paz e o horror da guerra (277)!” Talvez se lembrasse de Jaffa: jámais a guerra lhe pareceu tão horrenda.

Mas Eylau só é uma nuvem sobre o sol: passa e o sol novamente brilha, radioso.

A 14 de junho de 1807, data anniversaria de Marengo, é Friedland. Sempre a mesma cousa. A “previsão magnetica” da victoria já é a propria victoria, a luz do meio-dia deslumbradora e branca: “Para o meio-dia, quando Napoleão dictava o programma de tão decisiva jornada, pareceu satisfeito, radiante e como que seguro da victoria (278).”

Almoça no proprio local, á vista dos inimigos, debaixo das balas que sibilam em torno d'elle, e quando o advertem, responde sorrindo: “Façam os russos o que fizerem, para atrapalhar-me o almoço; o almoço delles será ainda menos tranquillo”. Passando revista ás tropas, não cessa de responder ás acclamações dos soldados: “E’ hoje um dia feliz, o anniversario de Marengo!” E seu rosto é como o sol (279).

No começo da batalha os francezes tinham apenas 26.000 bayonetas contra 75.000. Os generaes propuzeram a Napoleão adiar a batalha para o dia seguinte. “Não, não! Não se surprehende dois dias consecutivos um inimigo em semelhante erro!” respondeu elle, tendo percebido que o general Benigsen, commandante em chefe do exercito russo, podia ser con-

tornado pela vanguarda, cercado e esmagado (280). Como o predissera Napoleão, os russos recuaram para o “almoço” e Bennigsen retirava-se para além do Niemen.

O Niemen é a linha mysteriosa que separa o Oriente do Occidente. Chegando até lá, Napoleão se deteve, como se reflectisse: devia passar ou não? Não passou, lembrando-se talvez de que sua hora não chegara ainda.

Em 25 de junho, ao meio-dia, que calor nos bancos de areia do Niemen! A agua está morna. Pensa-se nos peixes, nos morangos dos bosques e nos cavacos resinosos da floresta de pinheiros. Todavia, o ar parece asphyxiante. Um temporal anda a formar-se em tudo.

No meio do rio, em frente á cidadezinha de Tilsitt, uma jangada fluctua. Na jangada, um casinholo de madeira, ostentando na frontaria duas letras entrelaçadas numa guirlanda de folhagem fresca: N e A: “Napoleão” e “Alexandre”. A barca de Napoleão parte da margem esquerda, a de Alexandre na margem direita; reúnem-se os dois Imperadores saltam para a jangada, á vista dos dois exercitos e, enquanto estronda o “Hurrah” infinito dos russos e o “Viva o Imperador” dos francezes, abraçam-se e beijam-se os dois irmãos: o Oriente e o Occidente, a Europa e a Asia. E’ o zenith do verão, e o zenith de um dia lindissimo, no meio-dia do sol napoleonico.

— Sire, detesto os inglezes tanto quanto vós, diz Alexandre.

— Nesse caso, a paz está feita, responde Napoleão.

“Nunca tive tanta prevenção contra alguém como contra elle, mas, depois de tres quartos de hora de palestra, ella se dissipou como um sonho”, declarava Napoleão (281). “Não ameí ninguém mais que esse grande homem” affirmará mais tarde Alexandre (282).

Esforçavam-se os dois em seduzir-se mutuamente. Napoleão chamava a Alexandre: “o seductor”. De resto, conhecia-o ou suppunha conhecê-lo: “é um verdadeiro grego do Baixo-Imperio... é fino, subtil, falso, geitoso; póde ir longe” — “Lisonjêem-lhe a vaidade”, aconselhava Alexandre a seus amigos prussianos (283).

A paz de Tilsitt é assignada em 8 de julho de 1807. “A obra de Tilsitt regulará os destinos do mundo”, diz Napoleão (284). A Europa inteira, de Petesburgo a Napoles, vol-

ta-se contra a Grã-Bretanha: a terra se alonga pelo mar. A chimera gigantesca está quasi realizada.

Sol a pino. O ponto culminante foi attingido e o declinio começa: “Essa decadencia tornou-se visivel em 1805 aos homens que lhe seguiam os negocios de perto (285)”. Parece incrivel: 1805-1807, Austerlitz-Tilsitt, meio-dia do sol napoleonico. Entanto, deve ser assim: não é uma verdade banal que a partir do meio-dia o sol se inclina para o poente?

“Infeliz, eu lamento! Elle será a admiração e a inveja dos seus semelhantes, e o mais miseravel de todos”. Isso, elle o sabe — recorda sempre; e agora, no fastigio do poder, mais claramente que nunca. Tudo obteve, tudo attingiu e, subito, entedia-se, não quer nada. Força, grandeza, gloria, — tudo o que parece aos homens o mais cubiçavel, parece-lhe de repente vazio e inutil. Quer outra cousa: elle proprio ignora o quê e ha de ignorar-o até o fim. Mesmo em Santa-Helena, não acreditaria, não comprehenderia, se lhe dissessem que desde Tilsitt, desde seu zenith, elle já aspirava á noite, já aspirava a ser uma victima, a dilacerar-se com as proprias mãos, como Samsão dilacerara o leãozinho de Thimna.

“Os homens de genio são meteoros destinados a arder para illuminar seu seculo”. Arder, morrer, ser uma victima. “Daquelle que comia sahiu o que se come, e do forte sahiu a doçura”, eis o que zumbem as abelhas de ouro, semeadas na purpura imperial.

A verdadeira alma, a alma sacrificada de Napoleão, é a estrella invisivel do meio-dia: o sol de Napoleão, chegado ao alto do céu, inclina-se para o poente, e em seu meio-dia já se esboçam as sombras da tarde.

A TARDE

I

O DUELLO COM A INGLATERRA

(1808)

“A Inglaterra espera que cada um cumpra com o seu dever”. Esse lemma simples e grande, digno de um grande povo, fôra içado ao mastro da fragata “Victoria” pelo almirante Nelson, no momento da batalha de Trafalgar, que se desenrolou em aguas hespanholas, perto de Cadiz, a 21 de outubro de 1805, no dia seguinte ao da capitulação de Ulm, a primeira das victorias universaes de Napoleão (286). Nelson “cumpriu com o seu dever”, e cahiu em combate, mas, ao morrer, teve a felicidade de se ver vencedor; a frota franco-hespanhola foi anniquilada pela ingleza e essa victoria attesta, definitivamente, em face do mais temivel inimigo da Inglaterra, que á Inglaterra é que pertence o imperio do mundo.

“As tempestades fizeram-nos perder alguns navios depois de um combate imprudentemente travado”, dirá Napoleão, fazendo boa cara contra a má fortuna (287); mas não enganará ninguém: sua frota estava anniquilada, e todas as suas victorias no continente, Marengo, Ulm, Austerlitz, Iéna, Friedland, — são inuteis. Tal qual outrora no Egypto, depois de Aboukir, está elle, depois de Trafalgar, preso na Europa como um rato na ratoeira.

Para que atravessar e conquistar toda a Europa e toda a Asia até á India? O continente sem o mar é para elle um tumulo em que está enterrado vivo, ou uma prisão eterna,

“Santa-Helena, pequena ilha...”

O Bloqueio continental, enunciado pelo decreto de Berlim, a 21 de novembro de 1806, é a resposta a Trafalgar. Todos os portos europeus são fechados á esquadra ingleza; todos os navios britannicos são aprisionados, todas as mercadorias confiscadas como despojo de guerra e os subditos inglezes detidos como suspeitos; as proprias relações postaes interrompem-se. Asphyxiar a Inglaterra pela super-produção de mercadorias que não encontrem desaguadouro nòs mercados exteriores, fazel-a morrer de plethora, tal é o fim do Bloqueio. E' preciso "pôr esses inimigos das nações fóra do direito commum", diz o "Monitor". "E' uma guerra de morte".

Pretendeu-se que se o Bloqueio vencesse não seria a Inglaterra, mas a Europa que pereceria asphyxiada atraz dessa gigantesca muralha da China estendida de Arkhangel a Constantinopla.

Para realizar esse plano monstruoso, Napoleão condemnava-se á necessidade de conquistar ou annexar todos os Estados europeus, de apoderar-se delles, como um bandido, e foi bem assim que se apoderou de Portugal, da Hespanha, dos Estados da Igreja; emfim, elle se condemnava a romper com a Russia, o que foi a causa principal de sua perda. E tudo isso inutilmente, porque as mercadorias inglezas podiam achar um desaguadouro fóra da Europa, nas colonias (288).

"Era ridiculo declarar as Ilhas Britannicas em estado de bloqueio, enquanto as frotas inglezas bloqueavam de facto todos os portos francezes, diz um contemporaneo. — O decreto insensato de Berlim devia prejudicar fortemente a fortuna do Imperador. Vinte reis derrubados de seus thronos attrahiriam sobre elle menos odio... Esse systema só triumpharia no caso impossivel de que todas as potencias da Europa entrassem lealmente na combinação. Um unico porto que ficasse livre inutilizaria tudo (289)". Era, aliás, o proprio governo francez quem primeiro fazia brecha nessa medida continental, concedendo "licenças" para as mercadorias de que tinha necessidade. "Era uma loucura, porque a interdicção de toda correspondencia e de todo commercio com esse paiz feria os interesses de todos (290)". Para matar a Inglaterra, a Europa devia matar-se a si mesma.

Todas essas objecções mostram sómente as difficuldades e os perigos do Bloqueio. Mas o perigo e a difficuldade não equivaliam ao impossivel, sobretudo para Napoleão. “O impossivel é o fantasma dos timidos e o refugio dos pusillanimes (291)”.

Não se deve esquecer que no duello com a Inglaterra seu plano estrategico só foi executado em pequena escala, e culpa não lhe cabe se a parte principal do plano — a conquista da bacia mediterranea como base de operações contra os inglezes, — permaneceu inexequivel. Se o plano vencesse integralmente, a aguia napoleonica teria coberto toda a Europa de sombra de suas asas, a esquerda em Gibraltar, a direita em Constantinopla. Todos os povos europeus haveriam marchado como outros tantos corpos de um mesmo exercito ao assalto supremo contra a possança britannica (292). E atraz da Europa, a Asia; toda a terra firme se teria arremessado no mar.

Parece que elle communicou esse plano, ao menos em parte, a Alexandre, quando durava ainda a lua de mel de Tilsitt. Uma carta de Napoleão, datada de 2 de fevereiro de 1808, deixa adivinhar aquillo que elles se confidenciavam então em voz baixa, como dois amorosos:

“Um exercito de 50.000 homens, russo, francez, talvez mesmo um pouco austriaco, que se dirigisse através de Constantinopla para a Asia, não teria chegado ao Euphrates e já a Inglaterra tremeria, forçada a ajoelhar-se no continente. Estou em boas condições na Dalmacia; Vossa Majestade o está no Danubio. Um mez depois que o combinarmos, o exercito poderá achar-se no Bosphoro. O golpe repercutiria nas Indias e a Inglaterra ficaria submissa...” — “Nossa estreita amizade, dizia elle ainda, collocou o universo numa posição nova. Vossa Magestade e eu teriamos preferido a doçura da paz e passar nossa vida em meio aos nossos vastos imperios, occupados em fiscalizal-os e tornal-os felizes... Os inimigos do mundo (os inglezes) não o querem. Precisamos ser maiores, máo grado nós. E’ uma questão de sabedoria politica obedecer ao que o destino ordena e seguir para onde nos conduz a marcha irresistivel dos acontecimentos. Então essa nuvem de pygmeus, que não querem ver que para os acontecimentos actuaes é forçoso procurar comparação na historia e não nas

gazetas do ultimo seculo, ha de curvar-se e seguir o movimento que Vossa Majestade e eu determinarmos... Nestas poucas linhas exprimo a Vossa Majestade tudo o que sinto. A obra de Tilsitt regulará os destinos do mundo (293)".

Não, mesmo aqui, elle não exprime tudo que sente; e, se o houvesse exprimido, talvez Alexandre se afastasse d'elle, tomado de susto.

Parallelamente á expedição das Indias, Napoleão projecta uma expedição ao Egypto, afim de levantar a um tempo os tres continentes — Europa, Asia e Africa. "Simultaneamente, deante dos nossos portos do mar do Norte e do Atlantico, frotas e flotilhas surgirão, executando uma série de demonstrações; a Irlanda, trabalhada por nossos agentes, fremirá, e ageis cruzadores, insinuando-se por todos os mares, irão levar o terror por todas as possessões inimigas. Então a Inglaterra, aturdida com tantos choques, não sabendo onde reagir, exgotando-se em esforços estereis, cambaleará allucinada em meio desse "turbilhão do mundo"; sem mais forças e, sobretudo, sem coragem, deixará de oppor-se aos destinos da França nova, reconhecerá seu vencedor e a paz definitiva sairá dessa immensa confusão (294)"

"O turbilhão do mundo" é a revolução universal executada por Napoleão, o "Robespierre a cavallo", e a "paz definitiva" é a paz do mundo, o reino de Deus, segundo o Evangelho ou a prophesia messianica de Virgilio.

"O Imperador está maluco, inteiramente maluco, e nos atirará a todos de pernas para o ar, acabando tudo isto numa espantosa catastrophe", diz o ministro da Marinha Decrès (295). Talvez, em lendo essa carta, Alexandre experimentasse uma impressão analoga, juntando a esse temor europeu, politico, um temor eslavo, mystico: "Napoleão é o Anti-Christo".

"A aspiração ao dominio universal é o seu proprio temperamento; póde ser modificada, refreada, mas não conseguirão jamais afogal-a, diz Metternich. Meu modo de ver sobre a essencia dos projectos e dos planos de Napoleão não variou nunca. Esse objectivo monstruoso, consistindo na sujeição do continente sob o dominio de um só, foi e é ainda o seu (296)".

Mas convém assignalar que da Revolução é que Bonaparte herdou o duello da França com a Inglaterra pelo imperio do mundo e até o principio do Bloqueio fôra adoptado, desde 1795, pelo Comité de Salvação Publica (297).

Napoleão sabe perfeitamente com quem luta. Sua primeira ferida, no cerco de Toulon, foi-lhe feita por uma bayoneta ingleza, e da ultima — Waterloo, Santa-Helena — é ainda a Inglaterra a causadora.

Mas isso não o impede de reconhecer a força e a grandeza dos inimigos: “Os inglezes são verdadeiramente de uma tempera superior á nossa... Se eu tivesse um exercito inglez, conquistaria o mundo... Fosse o homem predilecto dos inglezes como o fui dos francezes e, em 1815, poderia ter perdido dez batalhas de Waterloo sem perder um unico voto na Assembléa... Acabaria por ganhar a partida (298)”.

Mas precisamente elle não podia ser o homem predilecto da Inglaterra, homem nacional; só o poderia ser da França, homem universal. “A Inglaterra espera que cada um cumpra com o seu dever”. A França está convencida de que cada um morrerá por sua honra. Qual é maior? Que vale mais para um povo — immolar o mundo ou immolar-se ao mundo, ficar em si mesmo ou sahir de si? Essas perguntas os destinos historicos dos povos procuram sempre resolver-as e ainda não o conseguiram. Sob esse ponto de vista, o duello entre a Inglaterra e a França, entre a existencia nacional e a existencia universal, dura sempre.

A Inglaterra, uma ilha, limitada em si mesma, concentrada em si mesma, permanece fechada em si mesma; a França revolucionaria, e em seguida a França imperial, não cessa de transpor seus limites, de sahir de si mesma, de aspirar á universalidade. Ninguem ama a liberdade tanto quanto os inglezes, mas a liberdade só para elles. A Inglaterra é o mais liberal e o mais conservador, o menos revolucionario de todos os Estados europeus. Fez sua propria revolução nacional, bem cedo, mas ainda hoje a revolução universal é o menor dos seus cuidados. “Eu sou a Revolução (299)”, diz Bonaparte, e o repetirá numa formula mais incisiva, mais revolucionaria: “O Imperio é a Revolução (300)”. — “Sou a

Reacção; a Inglaterra é a Reacção”, poderia declarar, ante a Revolução Franceza, universal, cada inglez, desde o Primeiro Lord do Almirantado até o ultimo caixeiro de Londres.

E eis que um immenso malentendido se produziu; a Inglaterra tornou-se o paiz da liberdade, seu ultimo refugio contra Napoleão o escravizador. “A felicidade dos povos encontra-se defendida por uma barreira que as armas de Napoleão não pôdem superar. Algumas leguas de oceano protegeram a civilização do mundo (301)”. Que acreditassem isso no salão de madame de Rémusat nada de surprehendente; o que é espantoso é que o mundo inteiro tenha acreditado ou parecido acreditar nisso.

Napoleão, o “despota monstruoso”, está atraz da França; mas quem está atraz da Inglaterra? Lord Pitt, o Parlamento, a Cidade, o commercio e talvez tambem a velhacaria, a plutocracia. Que é mais terrivel, um unico despota, um “Robespierre a cavallo”, ou um milhão de mediocres trahentes?

Tudo se achava embrulhado, como se o diabo em pessoa tivesse baralhado as cartas para jogadores desejosos de embrulhar o parceiro. A França, a Revolução, tornou-se a Reacção; a Inglaterra, a Reacção, tornou-se a Revolução; a liberdade parecia escravizar; a escravidão, libertar; o passado tornou-se futuro; o futuro, passado; dir-se-ia verdadeiramente que toda a terra se despenhara no mar e não mais havia nem mar nem terra, que chegara o diluvio e era o chãos, o chãos nos espiritos sómente, porque na realidade tudo ficou ou quer ficar como dantes. Mas isto não é possivel: o chãos dos espiritos engendrará o chãos da materia. Já vimos seu primeiro rebento — a guerra universal, e talvez vejamos ainda o segundo — a revolução universal. E’ contra esse chãos imminente que luta Napoleão; é por elle que é vencido.

“O sentimento da medida, que Bonaparte, sêr nacional, possui perfeitamente, Napoleão, sêr universal, parece perdê-lo. Trata-se de uma especie de geometria da quarta dimensão, ignorada de nós outros. Talvez elle parecesse “desmesurado” e “louco” por ter vindo antes do tempo (302).

Todavia, numa casa de doidos o mais ajuizado parece doido, e pôde acabar tornando-se doido como os outros. Essa vizinhança da loucura Napoleão a sentiu. “Não se pôde dormir na cama dos reis sem contrahir a loucura. Tambem aca-bei doido”, dizia elle (303).

De resto, a causa principal de sua perda não é a loucura; é, por estranho que pareça, a ingenuidade. Elle acreditou muito facilmente nas palavras proferidas por Alexandre na jangada de Tilsitt: “Sire, detesto os inglezes tanto quanto vós”. O “grego do Baixo-Imperio, subtil, falso, geitoso”, foi mais astuto que o corso: prometteu tudo e não cumpriu nada. Foi, segundo a palavra do Propheta, o “canniço quebrado que penetra na mão do que se apoia nelle e a atravessa”. Elle é macio e traiçoeiro como o verde musgo dos pantanos russos: pisar-lhe em cima é ir logo ao fundo. “Quiz impellir amistosamente a Russia para a Asia; offereci-lhe Constantinopla”, mas sem os Estreitos — o castello sem as chaves (304). “E’ uma chave preciosa de mais, valendo sózinha um imperio; aquelle que a possuir pôde governar o mundo (305)”. Foi por causa dos Estreitos que Tilsitt falhou.

Uma nova entrevista dos dois Imperadores teve logar no outomno de 1808, em Erfurt. Quando Talma declarou em scena o verso do “Edipo”, de Voltaire, que diz ser “a amizade de um grande homem um beneficio dos deuses”, Napoleão e Alexandre se beijam, mas não é mais o beijo fraternal da jangada de Tilsitt; muita agua correrá depois, tanto no Sena como no Niemen.

A porcellana de Tilsitt fendera-se; em Erfurt procuram remendal-a, mas, mesmo após a reparação, basta tocar no vaso fendido para que um som falso e presago responda: “Mil oitocentos e doze!”

II

O LEVANTE DOS POVOS

(1809)

“A Europa inteira se levantará contra elle! Mais enca-dea os povos, e mais a explosão dos povos quebrando os ferros será terrivel. Se resistirmos a isso, a França, exgotada por suas conquistas, abacará succumbindo, não tenha duvida!” dizia em 1806, depois Iéna, o general prussiano Blücher, o futuro vencedor de Waterloo (306). A explosão se produziu mais cedo do que elle poderia crer.

Para fechar o circulo do Bloqueio continental, Napoleão devia apoderar-se da Hespanha. Ante a facilidade e a rapidez com que, em 1807, o general Junot occupara Portugal, o Imperador pensava que viria a occupar tão facil e rapidamente a Peninsula toda.

Talleyrand-Mephistopheles persuadira-o de que, tendo recolhido metade da herança da casa franceza dos Bourbons — a França, tinha elle egualmente direito á segunda metade — a Hespanha.

Em março de 1808, as forças de Murat, a pretexto de sustentar o general Junot, entram na Hespanha e occupam o Escurial, perto de Madrid, onde a situação é tão confusa que o fruto parece maduro e digno de ser colhido pelos francezes. O principe das Asturias, Fernando, herdeiro do throno, odeia o primeiro ministro Godoy, principe da Paz, obscuro aventureiro que, tornado favorito da rainha, governa por ella o velho rei Carlos IV, recahido na infancia, arruina o paiz e deshonra a familia real. Godoy é causa de frequentes contendas do filho com o pae e mãe, contendas que acabam suscitando uma verdadeira guerra civil. Um motim explode em Aranjuez a favor do principe herdeiro, que é declarado rei sob o nome de Fernando VII; o principe da Paz, mettido na cadeia, escapa de ser massacrado, e o velho rei abdica em favor do filho.

A 15 de abril de 1808, Napoleão, afim de vigiar de perto os negocios da Hespanha, parte para o castello de Marrac, junto a Bayona, e ahi convida toda a familia real, o filho o pae, a mãe e o amante. Todos correm para elle na esperanza de um bom arranjo. Mas a 2 de maio um novo conflicto estoura em Madrid, e desta feita contra o exercito francez de occupação. Murat afoga-o em sangue. Perto de quinhentos insurrectos são massacrados pelos mamelucos. Ao mesmo tempo, Napoleão, em Bayona, arrebatou a corôa a Fernando, sob pretexto de que a insurreição de Madrid era obra de seus partidarios, e propõe restituil-a ao velho rei. Este a recusa. E' o que procurava Napoleão. Fernando acaba internado em Valença, Carlos retira-se para Compiègne. O throno da Hespanha está vago. O imperador confere-o ao irmão José e localiza o cunhado Joaquim no de Napoles. "Elle tirou a corôa de Napoles da cabeça do primeiro e collocou-a na do segundo; enterrou com um sôcco esses enfeites na cabeça dos novos reis, e cada um delles foi para seu lado, como dois conscriptos que mudaram de chapéo", dizia Chateaubriand (307).

"Assim se consummou a espoliação mais iniqua de que a historia moderna faça menção! grita indignado o general Marbot. — Offerecer-se como mediador entre o pae e o filho para attrahil-os a uma emboscada, despojal-os em seguida um e outro... Isso foi uma atrocidade, um acto odioso que a historia surziu e a Providencia não tardou a punir (308)". Essa indignação de Marbot mostra um coração nobre e um mão politico; sim, a historia moderna conhece atrocidades bem maiores que os homens recompensaram e a Providencia não puniu, ao menos cá por baixo.

Talleyrand-Mephistopheles, "esterco em meias de sêda (309)", como lhe dizia cara a cara Napoleão, triumphou. Conseguiu enfim passar a corda no pescoço do Imperador: um homem infinitamente lucido chafurdou numa historia infinitamente estúpida; vae afundar-se até as orelhas na lama e no sangue. Napoleão será o dono do mundo, Talleyrand o dono de Napelão.

De resto, Napoleão julga-se elle proprio severamente, confessando haver nisso apparencia de immoralidade e cy-

nismo, embora suas intenções fossem beneficicas e até grandiosas. E reconhece que essa guerra o perdera, fôra o cancro que o devorara (310).

Depois da “atrocidade de Bayona”, a flamma da insurreiçãõ que, nas ruas de Madrid, fôra apagada em sangue, irrompeu com uma força nova, e desta vez por toda a Hespanha, que se cobre de uma rêde de guerrilheiros meio-herões e meio-bandidos. A bala e a faca espreitam o soldado francez em cada angulo de rua. “Bater os hespanhões é facil, mas submettel-os é impossivel, porque não se pôde fazer contra elles uma guerra regular. O espirito do povo, eis o inimigo invisivel, inatingivel, omnipresente. Uma luta dessa especie, desde que demore, quebra o moral das tropas e retempera os insurrectos (311)”.

Noite e dia, cem mil monges fanaticos prégam a guerra santa a “alguns milhões de mendigos soberbos e roidos pela vermina (312)”. “Ha em Napoleão duas naturezas, humana e diabolica. — De que deriva Napoleão? Do peccado. E’ peccado matar um francez? — Não, padre. Matando um desses cães hereticos é que se ganha o céu”. Tal o catecismo patriotico dos monges hespanhões (313).

Os hespanhões não querem nenhum dos “beneficios” de Napoleão; não acceitam o rei José, nem Jean-Jacques Rousseau, nem os “Direitos do homem e do cidadão”, nem o codigo, nem mesmo “a idade de ouro” com o exercito invasor; preferem viver á moda antiga, — soberbos e roidos pela vermina. Um atalho selvagem na Serra Morena, o vento e a neve, o tomilho e os detritos de cabra agradam-lhes mais que os Campos Elyseos e o Arco de Triumpho.

O pobre José, boneco real, chora de vergonha e de medo: “Não ha um só hespanhol que seja por nós. Tenho por inimigo uma nação de doze milhões de homens, bravos, exasperados até o extremo (314)”.

A 22 de julho de 1808, o bravo general Dupont, encarregado de occupar a Hespanha meridional, foi constrangido a capitular com um exercito de 18.000 homens, cortado e cercado pelo inimigo perto de Cordova, no desfiladeiro de Baylen, ao pé da Serra Morena. “Nossos jovens soldados, exauridos por quinze horas de marcha e oito horas de combate,

cahiam de fadiga sob os raios abrasadores do sol da Andaluzia; a mór parte não podia nem marchar nem carregar armas, e deitavam-se em lugar de combater (315)". Como espigas ceifadas, estendem-se por terra, esperando o captivo ou a morte. O proprio deus da guerra, em situação semelhante, seria forçado a capitular. Não obstante, Baylen resôa por toda a Hespanha, França, Europa, como uma forte bofetada no Grande Exercito, no Imperador. Baylen é o castigo de Bayona.

"A honra perdida, eis o que não mais se reencontra; as chagas da honra são incuraveis!" murmura Napoleão ao saber dessa ingrata nova, tornando-se tão pallido que parecia prestes a desmaiar (316). E, no Conselho de Estado, chorou ao falar de Baylen.

Quebrara-se o encanto da victoria: tambem Napoleão podia ser vencido.

Madrid é evacuada, e José vergonhosamente expulso. O exercito inglez sob o commando do general Wellesley, futuro duque de Wellington, futuro heróe de Waterloo, desembarca em Lisboa, marcha para Salamanca e Valladolid e aprende a vencer os francezes.

No outomno de 1808, Napoleão, á frente de um exercito de 25.000 homens, atira-se sobre Burgos e Madrid, repõe José no throno e, em pouco mais de um mez, occupa toda a parte septentrional da Peninsula. Os hespanhóes fogem, quasi sem combater; mas se "batel-os é facil, submettel-os é impossivel". A cada passo, Napoleão se enterra mais e mais nò pantano sagrento e sem fundo.

Em 18 de janeiro de 1809, bruscamente, sem terminar a campanha, elle parte a galope para Paris. Deixa na Peninsular 300.000 homens. Mas que eram 300.000 bayonetadas contra "doze milhões de implacaveis e justissimos odios (317)? Reentra precipitadamente em Paris porque soube da trama urdida pelo ministro das Relações Exteriores Talleyrand e o ministro da Policia Fouché, que já sacavam sobre a morte d'elle, Napoleão, durante a guerra da Hespanha. Era a elles que Napoleão devia ter feito executar em lugar do innocente duque d'Enghien, era desses dois reptis que deveria ter li-

vrado o mundo. Mas elle perdôa-lhes, como, em geral, perdôa facilmente aos peores inimigos, talvez por desprezo. O cunhado do Imperador, Murat, rei de Napoles, e sua mulher, Carolina Bonaparte, "lady Macbeth" pertenciam á conspiração (318).

O imperador sabe ao mesmo tempo que a Austria marcha contra a França. Está na situação de um homem que, um pé mettido no charco, deve defender-se contra um adversario que o ataca; o charco é a Hespanha e o adversario a Austria, a Inglaterra, a Europa inteira.

A campanha da Austria é curta e brilhante, mas já seu brilho sinistro se assemelha ao do sol da tarde cercado de nuvens ameaçadoras.

Essling, a 21 e 22 de maio de 1809, é quasi uma derrota; Wagram, a 5 e 6 de julho seguinte, não é bem uma victoria. "Ganha-se a batalha, o inimigo se retira e entanto, cousa bizarra! não fizemos um unico prisioneiro... nem uma bandeira", relata alguém que foi parte na luta (319). Victoria bastante penosa, a ultima, conseguida com os maiores esforços. Napoleão nem sequer perseguiu o inimigo em retirada; o leão ferido repelle ainda os cães que o assaltam, mas não tem mais forças para perseguil-os e dilaceral-os. Talvez sentisse pela primeira vez, em Wagram, que deixara de fazer guerra aos reis, para fazel-a aos povos.

A 13 de outubro de 1809, no castello de Schönbrunn, perto de Vienna, durante a revista das tropas francezas, detiveram um mocinho de dezoito annos aproximadamente, quasi uma criança, Friedrich Staps, filho de um ministro protestante de Naumbourg. Quizera elle, como confessou, assassinar Napoleão com uma faca de cozinha.

— Por que você me queria matar?

— Porque fazeis a desgraça de meu paiz...

— Concedo-lhe a vida, se me pedir perdão do crime que quiz commetter.

— Não quero perdão, e lastimo bastante que a tentativa falhasse.

— Diabo, parece que um crime não é nada para você.

— Matar-vos não é um crime, é um dever.

— Mas emfim, se eu lhe perdoar, será você agradecido?



MADAME RÉCAMIER

Fig. 15

(QUADRO DE MORIN)



NAPOLÉÃO RECEBENDO EM TILSITT A RAINHA DA PRÚSSIA
Fig. 16
(QUADRO DE F. J. N. GÖTTE)

— Procurarei matar-vos da mesma fórma.

“Napoleão ficou estupefacto”, narra uma testemunha. “Eis os resultados deste illuminismo que infesta a Allemanha... Mas não ha nada a fazer contra o illuminismo; não se destróe uma seita a tiros de canhão, disse ellé aos que o cercavam quando levaram Staps. — Quero saber como elle morre”.

Staps morreu como heróe. Chegado ao logar da execução, gritou: “Viva a liberdade! Viva a Allemanha!” E cahiu.

Napoleão passou muito tempo sem poder esquecel-o. “Esse desgraçado não me sae da cabeça (320)!”

Sim, elle sabe — recorda — que esse rapaz de dezoito annos “de rosto claro e traços effeminados”, rosto de heróe antigo ou de martyr christão, esse cherubim vingador da liberdade é o seu sósia, delle Bonaparte, o jacobino de 93 que dizia: “Se meu pae aspirasse á tyrannia, eu proprio o teria apunhalado”.

Talvez Napoleão, ao interrogar Staps, comprehendesse, ainda mais claramente que no campo de batalha de Wagram, estar fazendo a guerra não já ao rei, mas aos povos; logo depois do attentado, mandou apressar as negociações de paz com a Austria. “Quero acabar com isto (321)!” Mas não acabará nunca.

“Se Vossa Majestade experimentar um insuccesso, póde estar certa de que, russos e allemães, todos se levantarão em massa para sacudir o jugo: será uma cruzada; todos os seus alliados o abandonarão... Só exceptuo o rei de Saxe; talvez elle lhe reste fiel, mas os subditos o forçariam a fazer causa commum com os inimigos da França”, dizia-lhe o general Rapp desde 1806, no dia seguinte a Iéna. “Elle conhecia pouco os allemães; comparava-os a cães que ladram e não ousam morder. Mais tarde viu de quanto eram eles capazes (322)”.

No mesmo anno, em seguida á execução de Palm, o livreiro de Nuremberg fuzilado pela divulgação da brochura intitulada “A Allemanha e sua profunda humilhação”, um vendaval de revolta e de desespero sacudiu o paiz. O movimento nacional teve raizes na Prussia; entre 1807 e 1810

Fichte publicou ahi seus “Discursos á Nação allemã”; Arndt — seu “Catecismo dos soldados allemães”; Kerner — “A lyra e a espada”.

“A fermentação chegou ao mais alto gráo, — escreve a Napoleão seu irmão Jeronymo, rei da Westphalia. — As mais loucas esperanças são actualmente acariciadas com enthusiasmo; propõem-se a imitar o exemplo da Hespanha e, se a guerra vier a romper, todas as regiões situadas entre o Rheno e o Oder serão o campo de uma vasta e activa insurreiçáo (323)”. Como dizia Blücher: “Mais elle encadeará os povos, e mais a explosão dos povos quebrando os ferros será terrivel”.

Não somente os reis, mas tambem os povos se indignam de ver a Europa partilhada entre os Bonaparte: José em Madrid, Jeronymo na Westphalia, Luiz na Hollanda, Elisa na Toscana, Joaquim Murat, o marido de Carolina, em Napoles.

Napoleão reparte a Europa como um bolo para distribuil-a em pedaços aos irmãos e irmãs; a aguia imperial alimenta os filhotes com a Europa, tal qual o faria com restos de carniça.

Aliás bem sabe que tudo acabará numa explosão. Sente que o terreno em que se move arde e estremece sob seus passos como um vulcão. Mas que fazer? Vencer os povos ou renunciar á universalidade? “Tinha o nó gordio deante de mim, e o cortei (324)”. O nó dos povos, nó de carne e sangue, elle quiz cortar-o com a espada da universalidade chimerica, mas não fez senão apertal-o em torno ao proprio pescoço, como um nó corredio.

“Não queria fazer mal a ninguem; mas, quando o meu grande carro politico disparava, era forçoso que passasse. Ai de quem lhe ficasse debaixo das rodas (325)”.

Foi elle mesmo quem lhe ficou debaixo das rodas.

III

A DYNASTIA

(1810 - 1811)

A filha do Imperador da Austria, Maria Luiza, foi a presa do vencedor de Wagram.

Josephina é esteril; ora, Napoleão tem necessidade de um herdeiro para fundar a dynastia. “Se eu tivesse o infortunio de perder Josephina, a razão de Estado poderia forçar-me a segundo matrimonio; mas então eu desposaria um ventre: só ella foi a companheira de minha vida”, dizia elle (326). Foi bem o ventre de Maria Luiza que elle desposou: sua mãe tivera treze filhos, sua avó — dezeseite, sua bisavó — vinte e seis.

A 25 de dezembro de 1809, o divorcio e a abdicação “voluntaria” da imperatriz Josephina são proclamados, não sem muitas crises de nervos, lagrimas e desmaios. Tambem elle chora; sempre chorou facilmente nas dôres pequenas e meãs; nas grandes — nunca. Prende-se elle sinceramente a Josephina; por estranho que isso pareça, Napoleão é o homem dos velhos habitos, dos “velhos chinelos”; e Josephina, para elle, é um “chinelo velho”; é maneirosa e quasi não o aborrece.

O que o seduz em Maria Luiza, além da fecundidade dos Habsburgo, é o sangue dos Bourbons; desposando-a, elle poderá tratar Luiz XVI de “meu tio” e Maria Antonietta de “minha tia”. O soldado revolucionario desceu primeiro até o imperador, depois ao “herdeiro dos Habsburgo”. “Ah! E’ bem o labio austriaco!” exclamou elle, admirativo, comparando o retrato da archiduqueza com as medalhas dos Habsburgo (327). Napoleão esqueceu Bonaparte: “Não tenho filhos; não sinto necessidade nem interesse em tel-os; não tenho espirito de familia. O que mais recreei durante a batalha de Marengo, foi que um dos meus irmãos me succedesse, se me matassem”. — “Meu herdeiro natural é o povo francez. E’ este o meu filho. Só trabalhei para elle (328)”.

Elle “desce”, renuncia a si mesmo, á personalidade, pela raça; não quer mais ser o unico, quer um segundo Napoleão num Habsburgo.

Em 1814, em Rambouillet, onde Maria Luiza viera com seu filho, Francisco II ficou impressionado pela semelhança do pequeno rei de Roma com o rei José II: “Era um verdadeiro Habsburgo!”

O marido quadragenario faz-se novo para a esposa de dezoito annos. Encommenda uma roupa elegante e bem ajustada e sapatos apertados que o torturam; aprende a valsar, ainda que isso lhe dê tonteiras.

Espera a mulher com a impaciencia de um garoto que espera o brinquedo prometido.

Vae a seu encontro em Compiégne, por estradas lamacentas. Atira-se na viatura onde elle a possui ás pressas, com uma violencia de tarimbeiro.

Tem ella a pelle de uma brancura de porcelana, olhos de um azul de faiança, movimentos de uma rigidez de páo, a face corada e com ligeiras cicatrizes de bexiga, um peito de ama de leite e a ingenuidade de uma criança de dez annos. Quando elle a beija, limpa o rosto com o lenço. “Então, Luiza, tens nojo de mim? — Não, limpo-me assim por habito e faço o mesmo com o rei de Roma”.

O marido ama o calor, a mulher — o frio. “Luiza, deita-te commigo”. “Faz muito calor ahi (329)”.

“Não tenho medo de Napoleão, diz Maria Luiza a Metternich tres mezes depois do casamento, mas começo a crer que elle tem medo de mim (330)”.

Elle suppõe que ella o ama. Em 1814, depois da abdição, ella escreve-lhe que “nenhuma potencia humana a separará d'elle”. Napoleão crê ou finge crêr. “Vocês não conhecem a Imperatriz; é uma princeza de nobre character, dizia aos intimos (331). Ella tem mais bom senso em politica que todos os meus irmãos (332)”.

Exilado, esperou-a na ilha d’Elba, porque ella “amava nelle menos o Imperador que o homem”. E’ lá que manda um pintor representar no tecto “dois pombos presos ao mesmo laço cujo nó se aperta ainda mais á proporção que elles se afastam (333)”. Em Santa-Helena, oito dias antes da mor-

te, lega-lhe o coração: “Vós o conservareis em alcool, leval-o-eis a Parma, á minha querida Maria Luiza, dir-lhe-eis que a amei ternamente, que nunca cessei de amã-la. Contar-lhe-eis tudo o que vistes, tudo o que se refere á minha situação e a minha morte”. Nesse periodo já ella é a amante do diplomata austriaco Neipperg, um sombrio aventureiro, inimigo encarniçado de Napoleão, um espião de velha data (334).

“Sempre me felicitei de minha queridissima esposa a imperatriz Maria Luiza... Peço-lhe que procure garantir meu filho das provações que ainda lhe cercam a infancia”, diz Napoleão no testamento (335). Felizmente para elle, morreu sem ter sabido como a imperatriz se conduziu longe d'elle.

A 2 de abril de 1810, foram casados religiosamente pelo mesmo cardeal Fesch que unira Napoleão a Josephina. Em 20 de março seguinte, nasceu-lhes um filho que recebeu o titulo de rei de Roma. A dynastia illusoria está fundada. Parece, de resto, que elle não se engana: “Esse casamento me perdeu... Puz o pé num abysmo coberto de flores (336).”

A Hespanha foi a primeira pedra que elle prendeu ao pescoço; a dynastia é a segunda; o Papa será a terceira.

“O Papa reina nos espiritos e eu só reino na materia. — Os padres guardam a alma e atiram-me o cadaver (337)”. Elle não quer isto, quer vivificar o cadaver, reunir espirito e materia. Declara que não ha no mundo dois vigarios de Christo, — o Papa e Cesar, que ha um só: Cesar. “Deus tornou o Imperador o ministro de sua imagem na terra (338).”

“Não desesperava de acabar tendo a direcção desse Papa; e então que influencia! Que alavanca de opinião para o resto do mundo!” — “Governaria o mundo religioso com a mesma facilidade com que governava o politico”. “Levantaria o Papa bem alto, cercando-o de pompa e de homenagens, de modo a que não mais se lamentasse a perda do poder temporal; faria d'elle um idolo; tel-o-ia perto de mim e Paris seria a capital do mundo christão. Sessões religiosas alternariam com as legislativas; meus concilios seriam bem a representação da christandade... Abrindo e fechando essas assembléas, eu lhes approvaria e publicaria as decisões, como haviam feito Constantino e Carlos Magno (339).”

Em maio de 1809, por um decreto lançado de Schönbrunn, na véspera da batalha de Essling, o Imperador priva o Papa dos Estados da Egreja, isto é, dos seus domínios temporaes, escreve a Murat que não dê mais tréguas, que o Papa está maluco e é preciso enjaulal-o. Murat faz invadir o Quirinal pelas tropas; prendem o Papa e levam esse velho doente, que mal podia respirar, primeiro á Toscana, depois a Grenoble e enfim a Savona, na Riviera genoveza.

O Imperador ordena que enviem todos os cardeaes e toda a chancellaria do Papa a Paris; é para lá também que elle tenciona transportar o Papa, afim de tel-o á mão, em seu poder integral. Mais tarde, com effeito, fará trazel-o a Fontainebleau, onde o fechará e obrigará a assignar a segunda Concordata, na qual o Papa renuncia aos bens temporaes; o Papa, de resto, denunciárá bem cedo esse convenio. Em Fontainebleau vive elle debaixo da vigilancia de um official de gendarmeria. A partir de 1810, é privado de seus secretarios, de todos os seus papeis, não dispõe sequer de tinta e de pennas. Mas permanece inflexivel.

Foi assim que Napoleão cortou elle proprio o galho em que se havia sentado — a sagração; lutou com uma espada de ferro contra um fantasma (340).

“Até nos paizes protestantes foi geral a indignação ante a conducta de Bonaparte contra Pio VII (341)”. E o proprio Napoleão sentiu, a certa altura, que fôra longe demais, querendo “agir como a Providencia (342)”.

Desde os primeiros annos do Imperio, Napoleão, que Corvisart, seu primeiro medico, conseguira curar da sarna adquirida em Toulon, poz-se subitamente a crear barriga. Ao mesmo tempo que perdia a magreza, perdia essa divina desenvoltura que lhe fazia dizer ao evocar a mocidade: “Vi o mundo fugir debaixo de mim como se eu tivesse sido arrebatado pelos ares”. Lá pelos quarento annos, avolumou-se-lhe a gordura um tanto pesadona. Mas, a despeito da natureza, a alma do heróe conservava-se sã num corpo doente e doente num corpo são. A tez amarella tornou-se-lhe de um branco mate, frio como marmore. Seu rosto ligeiramente entumescido tomou uma especie de langor feminino. Um laçao provinciano, percebendo-o na carruagem ao lado da

Imperatriz, tomou-o, com o chapéo de cerimonia, de grandes plumas brancas, pela “velha governanta” de Maria Luiza. A melancolia ossianica de outrora cedera, em sua face, a um tédio pedregoso, ao “somno lethargico”. Nada o divertia, e até os bailes lhe pareciam aborrecidos.

O senhor entediava-se, e tambem os subditos. As proprias victorias não mais o alegram e parecem até augmentar-lhe o enfado, porque as guerras eram interminaveis. “Ha um desencorajamento, um descontentamento geral... nenhuma admiração, nem mesmo surpresa, porque estamos fartos até de milagres (343).”

O dictador revolucionario transforma-se em despota autocratico. Pelo decreto de 3 de março de 1810, restabelece as prisões para criminosos de Estado. “E’ ostentar um grande desprezo pela liberdade e pela opinião num paiz onde um dos primeiros actos revolucionarios foi a destruição da Bastilha (344)”. As escolas e os lyceus tornaram-se casernas onde as Musas, tal qual as damas nos bailes da côrte, pareciam marchar ao som do tambor. A liberdade da imprensa é supprimida. De setenta e tres jornaes só restam quatro; os artigos são fornecidos por um departamento officioso e os redactores nomeados pelo ministro da Policia. “Os prelos são um arsenal que não deve ficar ao alcance de todos. Faço muita questão de que o direito de publicidade fique restricto aos que merecem a confiança do governo (345)”. “Será bom interdictar o “Tartufo” (346). — A idéa é a inimiga capital dos soberanos (347).”

Madame de Stael, essa liberal inoffensiva, é perseguida. Bonaparte detesta os que elle chama de embrulhões. Quer a subordinação irrestricta, o respeito á autoridade, “porque ella vem de Deus (348)”. Por uma phrase imprudente sobre Nero e Tacito, o Imperador ameaça Chateaubriand de fazel-o “espaldeirar nos degrãos das Tulherias (349)”. Todo mundo se aborrece, suffoca, vive numa oppressão de pesadelo. Napoleão bem o sente; “Quando eu morrer, o Universo soltará um grande *ufa*. (350).”

“Deus fez Bonaparte e descansou”, disse-lhe rosto a rosto um prefeito. “Deus faria melhor em descansar um pouco antes”, disse alguem em voz baixa (351).

A cidade de Paris imaginou collocar acima do throno do Imperador essas palavras do Evangelho: “Ego sum qui sum”. “Sou quem sou.” — “Eu os prohibo de me compararem a Deus”, respondeu o Imperador, que as lisonjas desmedidas importunavam e nauseavam (352).

Elle é comparavel á estatua de pedra: quando anda, treme a terra debaixo d'elle. “Desde o mais simples laçao ao primeiro official da corôa, todos sentem uma especie de terror á sua aproximação (353)”.

Sabia elle o que fazia, ou esse homem de uma clarividencia infinita se tornara cégo, esse homem infinitamente intelligente perdera a razão? Elle sabia tudo; sabia mesmo que estava a perder-se, mas não podia deixar de perder-se, de — “arder”, de morrer, de ser uma “victima”. — “Toda a vida sacrifiquei tudo, tranquillidade, interesse, felicidade, a meu destino (354).” Não podia deixar de sacrificar-se, do mesmo modo que o sol da tarde não pôde deixar de inclinar-se para o Occidente.

“A terrivel clava que só elle podia erguer acabou cahindo-lhe na cabeça (355)”. Elle sabia que ella viria a cahir e, facto estranho, parece mesmo que o quiz.

“Elle proprio devia encarregar-se de se destruir e perecer por um suicidio politico”, diz um contemporaneo (356).

Em 1808, na vespera da partida para a guerra da Hespanha, pendura ao pescoço um breve com veneno e não o tira mais. Mas não se ha de envenenar: já está envenenado. A purpura imperial é para elle como a tunica de Nessus; colla-se-lhe ao corpo e queima-o até os ossos; elle a conservará até á fogueira do sacrificio em que tiver de arder, como o sol no braseiro do poente.

“Comtante que isto dure, comtante que isto dure”, murmurava, com o sotaque natal, mamã Letizia, sacudindo a cabeça como uma Parca fatidica. “Essa mulher viveu sempre segura de que todos os andaimes levantados pelo filho se desmoronariam (357).” Mas talvez o filho o soubesse tambem, talvez ouvisse a voz do Destino e a seguisse docilmente, como o filho segue a voz materna.

Via elle aproximar-se sua hora: “Mil oitocentos e doze”,

IV

MOSCOU

(1812)

“Muitas vezes o viam meio atirado sobre um sofá, onde permanecia horas e horas mergulhado em meditação profunda, de que sahia de modo brusco, como em sobresalto, convulsivamente, e por exclamações; cria ouvir seu nome e perguntava: “Quem me chamou?” Levantava-se e punha-se a andar com agitação. “Não, sem duvida, reconhecia elle; nada está sufficientemente preparado em derredor de mim, e até em mim proprio, para uma guerra tão distante! E’ preciso retardal-a por tres annos (358)!” Mas, intimamente, sabia que não a poderia retardar, como sabia que era a Fatalidade que o chamava.

“Eu não tinha desejo de bater-me; Alexandre muito menos, mas, uma vez postos em presença um do outro, as circumstancias nos levavam a engalfinhar-nos; a Fatalidade fez o resto (359)”.

A campanha da Russia é a consequencia inevitavel do Bloqueio continental, do duello entre a França e a Inglaterra. Tendo destruido a Austria e a Prussia, barreiras naturaes do Occidente europeu, Napoleão encontrou-se face a face com o Oriente russo.

No outomno de 1810, o Bloqueio começou a produzir effeitos; na cidade de Londres as bancarrota se multiplicavam; a situação interior da Inglaterra tornava-se insustentavel; a crise economica ameaçava-a de uma revolução social. Napoleão julgava chegar ao fim. A Inglaterra está em vespersas de perder-se; só é necessario desferir-lhe um ultimo golpe, fechar o Baltico, tapar essa ultima fenda pela qual as mercadorias inglezas se infiltram na Europa. “A paz ou a guerra está entre as mãos da Russia”, diz Napoleão, e pede a Alexandre ordene o confisco nas aguas do Baltico, não só dos navios inglezes, mas de todos os navios neutros portadores de mercadorias inglezas. “Jamais a Inglaterra se encontrou

nas aperturas em que se encontra... Sabemos de fonte segura que a desolação é grande no commercio e que seus desejos são agora pela paz... Se a Russia se unir á França, esses desejos serão um grito geral na Inglaterra e o governo de Londres será obrigado a negociar connosco (360)".

Mas Alexandre não deseja absolutamente a derrota da Inglaterra; elle vê na Grã-Bretanha a ultima garantia contra a definitiva "sujeição do Continente pelo dominio de um só". E Napoleão, tendo noticia de que duzentos navios neutros tinham desembarcado productos em portos moscovitas, comprehendeu que a Russia não adheriria nunca ao Bloqueio.

Em janeiro de 1811, Alexandre mobilizou em segredo 240.000 bayonetas. Enganou Napoleão desavergonhadamente; preparava-se para aggreddil-o e o teria feito se a Polonia o houvesse permitido.

Mas Napoleão antecipa-se a Alexandre: na primavera de 1811 fórma na Allemanha um exercito tal como os tempos modernos jamais haviam conhecido, um exercito de 670.000 homens, reunindo os dois terços da Europa militar, disciplinados por mão de ferro, sabendo marchar ás ordens de um só homem. Decide-se a atacar a Russia em 1812.

"Soldados! diz elle na proclamação ao Grande Exercito, começou a segunda guerra da Polonia!... A Russia é arrastada pela fatalidade; seus destinos devem cumprir-se... Passemos o Niemen (361)!"

A 22 de junho de 1812, elle chega deante desse rio.

Como ha cinco annos, no anno de Tilsitt, scintillam os bancos de areia; a agua morna, os morangos dos bosques e os gravetos resinosos da floresta de pinheiros, tudo parece inclinar á alegria, á paz, ao trabalho.

A outra margem está deserta. Onde se encontram os russos? Ao cahir do dia, alguns sapadores atravessam o rio num barco. Um cavallariano, official russo, commandando uma patrulha de cossacos, sae da floresta, vem-lhes ao encontro e pergunta: "Quem sois vós? — Francezes! — Que desejaes?" Um sapador responde-lhe bruscamente: "Fazer-vos a guerra! Tomar Vilna! Libertar a Polonia!" O cavallariano fez o cavallo voltar-se e desapareceu no bosque. Tres tiros

soaram atraz delle, o éco repetiu-os na floresta, e foi de novo um silencio de morte (362).

O exercito atravessou o Niemen em tres columnas, dispostas em tres sitios differentes. Os russos não se lhe oppuzeram á passagem. Todo mundo rejubilava, excepto o Imperador. De pé na outra margem, elle fiscalizava o movimento das tropas e olhava muitas vezes para longe como se esperasse alguem. Subito, montou a cavallo e metteu-se sózinho, sem escolta, pela floresta. Galopou assim um kilometro, dois, tres, — nem viva alma. Deteve-se, olhou em derredor, ouviu — sempre o mesmo silencio, o vacuo infinito — o mysterio infinito — a Russia. “Quem me chama?” indaga elle, e retorna a galope em direcção ao Niemen.

O exercito avançava para a Russia através da Lithuania — Kovno, Vilna, Vitebsk — sem encontrar nunca o inimigo, enterrando-se mais e mais no vacuo infinito. Dir-se-ia que afundava num precipicio. O temor apoderou-se dos homens. Não era mais a guerra e sim qualquer cousa de ignorado: os homens combatem os homens ou a natureza, mas como combater o immaterial, o inatingivel — o Espaço? Não era em vão que a tempestade amadurecia no calor. Rompeu ella em chuvas torrencias e, bruscamente, ao calor torrido succedeu o frio — outubro em julho. Dez mil cavallos pereceram devido á má alimentação; seus cadaveres putrefactos jaziam na estrada, empestando o ar. Uma lamaceira intransponivel impedia a chegada dos viveres. O exercito era presa da fome, do typho, e da dysenteria. Os homens morriam como moscas, abandonando as bandeiras. E era apenas o começo — a Lithuania não fôra ainda atravessada.

“O estado do exercito é terrivel, bem sei, dizia Napoleão; desde Vilna, elle não arrastava senão a metade das tropas e as baixas iam assim em crescendo assustador; não havia tempo a perder; urgia arrancar a paz, e ella estava em Moscou! De resto, esse exercito não mais podia deter-se; dada a sua desorganização, só o movimento ainda o mantinha. Podia-se leval-o para a frente, mas não parar ou recuar. E’ um exercito de ataque e não de posição (363)”. Mas, ainda que o exercito pudesse deter-se, elle não o poderia, nunca:

o espaço o atemoriza e o attrae como um abysmo; tem de marchar para a frente, sempre para a frente, rolar no despenhadeiro, afundar-se nas profundidades, no silencio infinito — no mysterio infinito — a Russia.

A 28 de julho é Vitebsk. O Imperador entra no aposento que lhe está preparado, tira a espada, colloca-a na mesa com o mappa da Russia e diz: “Fico por aqui. Quero estudar bem a situação, fazer descansar o exercito e organizar a Polonia. A campanha de 1812 findou. A de 1813 fará o resto.” — “1813 nos verá em Moscou, 1814 em Petersburgo. A guerra da Russia é uma guerra de tres annos.”

Elle diz isso para os outros, mas dentro de si mesmo sabe que não poderá parar, que irá até Moscou, que tocará o fundo da voragem.

A 17 de agosto é Smolensk. A cidade é tomada de assalto e incendiada. Os francezes contavam que os russos não abandonariam sem combate a porta santa de Moscou, com o antigo icone da Virgem. Elles a abandonaram, todavia, levando sómente a Imagem Sagrada.

“Abandonaram Smolensk, abandonarão Moscou da mesma fórma! grita Napoleão enfurecido. — São uns covardes, umas mulheres, não têm patria. Nós os enguliremos.” — “Engole-os”, pareciam responder as carrancas dos officiaes taciturnos.

A batalha! Emfim a batalha! A 5 de setembro os francezes viram o exercito russo. Para defender as vizinhanças de Moscou na estrada de Mojaisk, occupava elle as alturas fortificadas de Borodino.

O Grande Exercito sentiu um sobresalto; de novo teve fé na estrella do Chefe, e comprehendeu ao mesmo tempo ser essa batalha a primeira e a ultima, o combate decisivo, onde era forçoso vencer ou perecer.

Na noite que precedeu a batalha Napoleão dormiu mal: resfriara-se, tinha febre, acompanhada de tosse e de arrepios. No começo do Equinoccio de outomno, quando o dia se inclina para a noite e o sol para o inverno, elle se sentia sempre indisposto, como se se enfraquecesse, se exaurisse como o sol.

Muitas vezes acordou pedindo a hora e mandando ver se os russos não tinham partido; sonhava constantemente que elles se iam.

A's cinco da manhã, vieram annunciar-lhe que o marechal Ney via ainda o inimigo e pedia permissão para atacal-o. O Imperador pareceu reencontrar as forças, levantou-se e sahiu gritando: "E' o momento de agarral-os! Marchemos! Vamos abrir as portas de Moscou (364)!"

Subiu ao reducto de Schevardine, occupado na vespera, esperou que o sol se levantasse e, mostrando-o, exclamou: "Eis o sol de Austerlitz!" mas com uma voz tão indifferente que fôra melhor nada tivesse dito. Aliás esse sol viera contrario; subia do lado dos russos, ferindo os olhos dos francezes e descobrindo-os aos golpes do inimigo (365).

A batalha começou — "a mais sangrenta das minhas batalhas", dirá Napoleão. Talvez não sómente os francezes e os russos, mas os homens em geral, não se bateram jamais com tamanho encarniçamento e egual bravura, porque elles se batiam em defesa de causas igualmente sagradas: os francezes pelo mundo e pelo Homem, os russos pela patria e por qualquer cousa de maior ainda; não sabiam elles proprios por que; acreditavam que era "pelo Christo contra o Anti-Christo".

Pela primeira vez na vida Napoleão não tómu parte na batalha. O reducto de Schevardine, onde elle passara todo o dia, achava-se na retaguarda do exercito francez; de lá via-se mal o campo de batalha, occulto pelos accidentes do terreno. O Imperador ora se sentava numa cadeira portatil, ora vagava pela plataforma do reducto. Notava-se-lhe no rosto um pesado tedio — o "somno lethargico". Elle desejara a batalha e, quando ella começou, mal a olhava, quasi não ouvindo os mensageiros. Em sabendo da morte de tantos bravos, tem apenas um gesto de morna resignação, como se pensasse em outra cousa, estivesse preocupado por outras cousas. Por que? Estaria doente? "Fiz sempre de meu corpo o que quiz (366)." Mas agora não póde fazer nada. Venceu um mundo e não póde vencer um simples defluxo. Curvo, cabeça baixa, conserva-se sentado, tossindo, espirrando, assoando-se. Seu rosto branco e entumescido,

rosto de mulher, fazia pensar na “velha governanta de Maria Luiza”. Os homens e os deuses não perdôam que em tal instante o Homem parecesse “uma gallinha molhada”. Mas talvez não careça de que o perdôem; não carece de mais nada; não quer mais conquistar o mundo: comprehendeu que o resultado do jogo não vale o preço do baralho. “Terrível espectáculo o de um campo de luta. Até os trinta annos a victoria pôde deslumbrar e ornar de gloria taes horrores, mas depois (367)?”

Poderia vencer e não venceu. Repelliu a Victoria como um amante saciado repelle a amante, ella não lh'o perdoará jamais.

O ataque da cavallaria de Murat desbaratou toda a esquerda de Koutouzov; a cavallaria de Latour-Maubourg apoderou-se das altitudes de Semenovsk; o caminho da victoria estava aberto. Mas os marechaes Ney e Murat, exgotados, pedem reforços. O Imperador hesita: ora diz sim, ora não. Os russos aproveitam-se disso; Bagration refaz a linha rôta. Não se trata mais de concluir a victoria e sim de conservá-la. De novo, os marechaes pedem, imploram reforços. O Imperador ordena enfim á sua guarda que avance, mas logo se desdiz: “Não, quero ver melhor (368)...”

Para o meio-dia a ala direita franceza penetrara tão profundamente no exercito russo que lhe punha a descoberto todo o interior e toda a vanguarda até a estrada de Mojaisk — os fugitivos, os feridos, as carretas; uma ravina e um pequeno bosque separavam apenas os francezes dos russos; bastaria o ultimo arranco para chegar até elles e decidir da sorte da batalha — talvez da de toda a campanha. “A joven guarda! imploram, exigem os marechaes. Que ella venha e tudo estará acabado! — Não, quero ver claro no meu tabuleiro de xadrez... E, se houver amanhã uma segunda batalha, com quem contarei (369)?”

“Não o reconheço”, diz Murat com um suspiro de tristeza. “Que faz o Imperador atraz do exercito? grita enraivecido; se elle não quer fazer a guerra por si mesmo, se não é mais general, se quer ser unicamente Imperador, que volte ás Tullerias e nos deixe ser generaes em logar d'elle (370)”.

Quando Napoleão concedeu enfim a guarda, era tarde demais; os russos tinham-se retirado em boa ordem, só deixando aos francezes o campo de batalha, onde parecia haver mais vencedores mortos que vencedores vivos.

“Moscou! Moscou!” gritaram os soldados e bateram as mãos de alegria quando, a 14 de setembro, duas horas depois do meio-dia, perceberam ao fim da planície de Mojaisk as cupulas douradas. Logo esqueceram elles todos os soffrimentos da guerra: “A paz está em Moscou”, promettera-lhes o Imperador.

Talvez se alegrassem elles de qualquer cousa de bem maior e que não sabiam exprimir: por Moscou passa o caminho do Oriente, onde o Senhor localizara para Adão o paraíso; e eis que um novo Adão, o Homem, os conduzia para um novo paraíso — para o reino da liberdade, da egualdade e da fraternidade. Do Thabor a Gibraltar, das Pyramides a Moscou, tal é a cruz napoleonica na terra — o signo apocalypico.

“Era tempo” gritou elle, contemplando, do alto do monte da Salvação, Moscou desenrolada a seus pés, e foi como se sahisse de um sonho tormentoso.

Esperava uma deputação para iniciar logo as negociações da paz, quando soube de repente que Moscou estava deserta. Recusou-se a crer e continuou a esperar. Só á noite é que elle penetra em Moscou, como se reentrasse num sonho terrivel: a tragedia de uma cidade populosa bruscamente abandonada, as ruas mortas, as casas mudas, tudo a exceder em horror o mais horroroso dos desertos. O vacuo, o silencio infinito, o mysterio infinito, a Russia — o Destino. Na mesma noite verifica que Moscou está a arder. Arderá durante cinco dias. Os francezes tentam apagar o incendio, mas em vão: labaredas sobem de todos os lados a um tempo: os ladrões e os assassinos que os russos libertaram de proposito espalham o fogo de extremo a extremo. Criaturas hediondas vagam entre as chammas. “Que homens! São verdadeiros Scythas!” murmura Napoleão apavorado (371).

O tempo estava claro, secco; um rispido vento de nordeste soprava; a cidade, construida quasi totalmente de ma-

deira, com excepção das egrejas e dos palacios, parecia um mar de chamma em furia. “Era o espectaculo mais sublime e mais terrivel que vi a vida toda”, dirá mais tarde Napoleão (372).

Tal foi a resposta da Russia — um auto-da-fé.

Contemplando horas inteiras o incendio, pelas janellas do palacio do Kremlin, elle viu toda a sua existencia — victorias, gloria, grandeza — desaparecer e desvanecer-se como fantasmas nos turbilhões de fogo e fumaça. Inveja elle a Russia? Lembra-se de ter sido elle tambem tentado pelo fogo: “arder para illuminar seu seculo?”

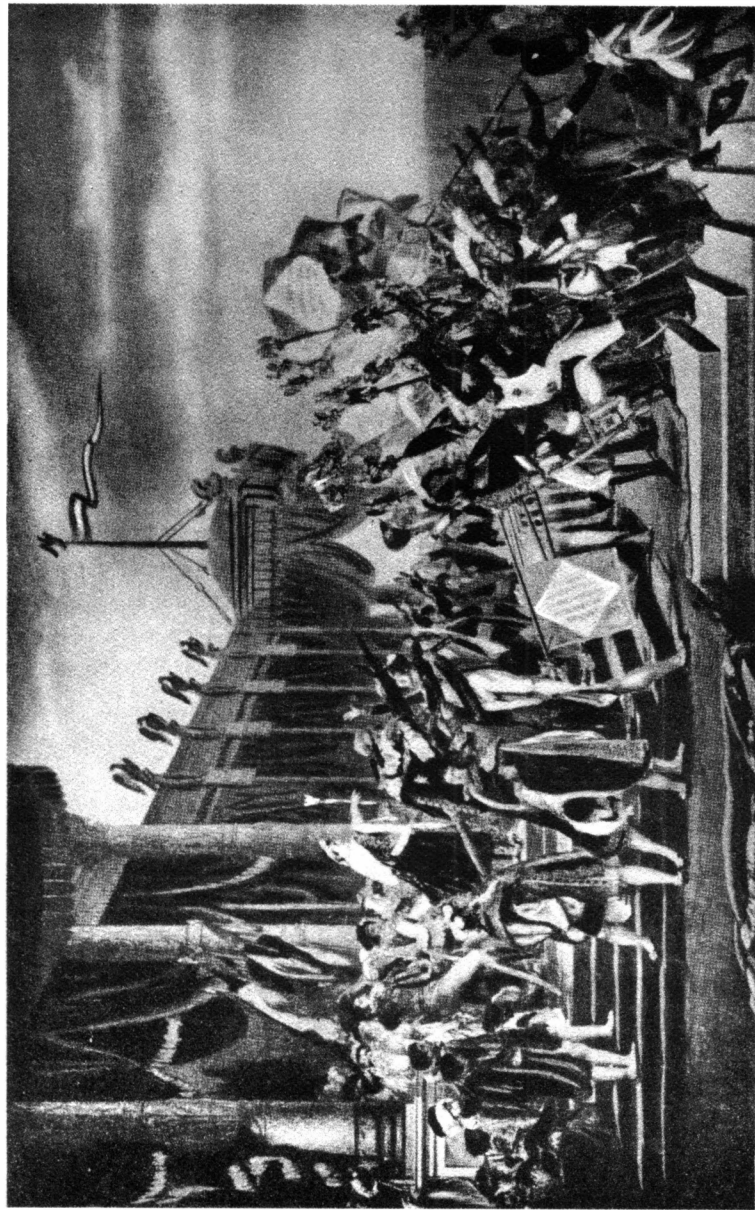
O Kremlin está cercado pelas labaredas; o calor é tão forte que, quando o Imperador olha pelas janellas, os vidros lhe abrasam a fronte. Acaba fugindo do Kremlin e caminhando “sobre uma terra de fogo, sob um céu de fogo, entre duas muralhas de fogo”, e só a custo escapa (373). Depois de esperar em Petrowsk-Razoumovsk que Moscou acabasse de arder, volta por cima dos escombros. Não sabe o que vae fazer: ora decide marchar sobre Petersburgo, ora passar o inverno em Moscou; desmanda-se como uma fêra engaiolada. Emfim, manda a Alexandre um emissario com estas palavras: “Quero a paz, preciso da paz, desejo-a de qualquer modo. Salvae unicamente a honra (374).”

Alexandre não responde: não se fará a paz.

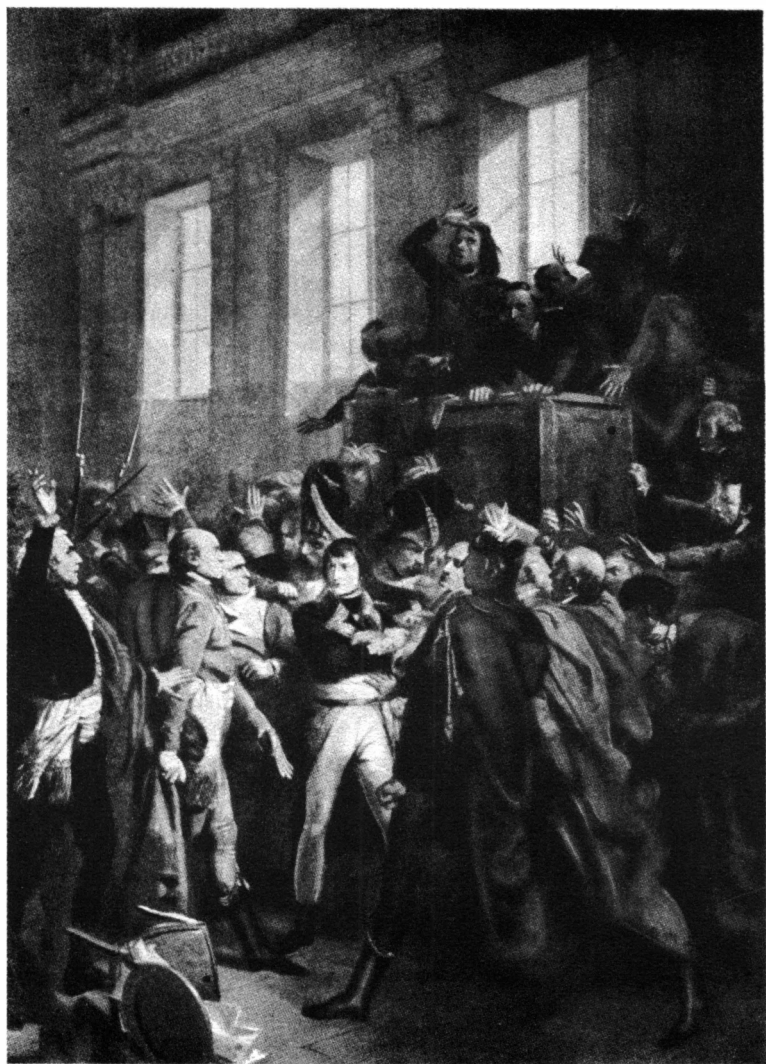
A 13 de outubro, caem as primeiras neves, annunciando o rigoroso inverno russo — depois do inferno de fogo, o de gelo. A 19, o Grande Exercito, que já não é grande, mas pequeno, porque reduzido a uma sexta parte — deixa Moscou pela estrada de Kalouga e começa a retirada.

A 28, géla, e a 6 de novembro, no caminho de Viazma, os francezes são colhidos numa tal tempestade de neve que os que não conhecem o inverno russo crêem na morte imminente. Um céu negro desce sobre a terra branca, tudo se confunde e turbilhona num cháos branco. Os homens têm a respiração cortada pelo vento. Céga-os a neve e elles se retesam, tropeçam, caem e não mais se levantam.

A tormenta cobre-os de neve, como que formando lapides sobre tumulos. Toda a estrada do Grande Exercito está semeada desses tumulos, como um infinito cemiterio.



JURAMENTO DO EXERCITO E A DISTRIBUIÇÃO DAS AGUIAS
Fig. 17
(QUADRO DE J. L. DAVID)



O GOLPE DE ESTADO DE 18 DE BRUMARIO
Fig. 18 (QUADRO DE F. BOUCHOT)

As noites de inverno são especialmente dramaticas. Nos bivaques das estepes, por um frio de vinte grãos, os homens não sabem onde abrigar-se do vento cortante e glacial. Cozinham sobre madeira que custa a arder pedaços de carne arrancados aos cavallos mortos; fazem fundir a neve para preparar a sopa com um punhado de farinha mofada e estendem-se no chão para dormir; na manhã seguinte o bivaque é assinalado por um circulo de cadaveres rigidos e por milhares de cavallos cahidos pelos arredores.

Mas era preferivel morrer de frio a cahir nas mãos dos cossacos e dos camponios; estes não matavam logo os prisioneiros, mas os insultavam e torturavam longamente ou então os despojavam de tudo, deixando-os nus em cima da neve. Se os prisioneiros eram muito numerosos, impelliam-nos a ponta de chuço, como uma cerneirada, talvez para novos e mais dolorosos supplicios.

Os francezes que deixaram Moscou eram 100.000 tres semanas depois, só restavam 36.000 e não eram senão cadaveres vivos, espantalhos grotescos e assustadores, vestidos de farrapos piolhosos — fraques de funcionarios, sotainas de padres, roupões e barretes de mulher. Não havia mais inferiores nem superiores. A miseria egualara tudo.

Cães famintos seguiam-n'os passo a passo; nuvens de corvos revoloteavam por cima delles como por cima da carniça.

Certo, nem todos são assim: resta ainda a Guarda. Os velhos bigodudos, com as mãos enregeladas, apresentavam ainda as armas e com a voz enfraquecida gritavam, como nas paradas das Tulherias: "Viva o Imperador!" Faziam elles taes prodigios que os netos mal poderiam acreditar.

O marechal Ney, defendendo a retirada sobre Smolensk, combate victoriosamente, durante dez dias, com dois mil homens contra setenta mil. A França e o mundo não esquecerão nunca esse santo heroismo.

E Napoleão? Continua a ser "gallinha molhada"? Não; dir-se-ia esperar elle essa queda suprema para elevar-se a uma gloria maior que a de todas as victorias.

Tem o rosto pallido, morto, como a neve pallida, morta; mas ao mesmo tempo maravilhoso e terrivel como a face de Dionysos na descida ao inferno. E, olhando-o, os que estão

no inferno esperam de novo que elle os salve, que os conduza ao paraíso.

“Tens frio? pergunta elle a um velho granadeiro que marchava a seu lado por uma temperatura de vinte grãos. — Eu, meu Imperador? Não diga isso! Quando eu o vejo, basta isso para aquecer-me (375)!” Era como se o proprio sol o aquecesse nesse inferno de gelo.

Os homens continuavam a ter fé nelle; senão, não o teriam assassinado mil vezes, quando elle marchava na neve ao lado delles, a apoiar-se num bastão? Mas, longe de matar-o, são elles, ao contrario, que morrem por elle e crêem, embora “sans-culottes” e atheus, que “hoje estarão com elle no paraíso”.

O Berezina é o Styx desse inferno. E’ para elle que o apertam, o impellem, o acuam, como uma lebre, Koutouzov a leste, Wittgenstein ao norte, Tchitchagov ao sul, para liquidar, com a alegria de todos os orthodoxos, esse “cão de Anti-Christo”.

Elle sabe — recorda — que para elle o Berezina é o que Ulm foi para Mack — a emboscada, as Forcas Caudinas, o supremo opprobio, a capitulação. Sabe-o e vae seguindo de qualquer fórma, porque não percebe rumo melhor. E o peor é que tudo isso é culpa sua: marchando para Moscou, estava elle tão loucamente seguro da victoria, que fez queimar em Orcha todas as equipagens de pontes, de maneira a nada ter agora para atravessar a ribeira. E como de proposito sobrevem o degelo, desfazem-se os grandes blócos brancos, começa o desmoronamento.

A 25 de novembro, Napoleão attinge a Berezina; Tchitchagov já lá o esperava, perto de Borissou, enquanto Wittgenstein se preparava para reunir-se a Koutouzov: formavam-se assim as duas laminas de uma tenaz gigantesca.

“Estavamos sitiados em todos os pontos; a posição era tragica. Nenhum francez, nem mesmo Napoleão, devia escapar”, relata o general Rapp. — “Propuz a Napoleão salvar-o, fazendo-o passar a ribeira a algumas leguas daqui; disponho de uns polonezes que me responderão por elle e o conduzirão a Vilna, diz Murat, mas elle repelle essa idéa e nem quer que lhe falem nisso. Quanto a mim, não penso

que possamos escapar... Levaremos todos o diabo, já que a rendição é impossível (376)". A vespera de Berezina foi um dia terrivelmente solemne; o Imperador mandou trazer as aguias de todos os corpos e as fez queimar para que não cahissem nas mãos do inimigo. "Espectaculo bem triste esse, de homens sahindo das fileiras um a um atirando ali o que elles amavam mais que a vida; não vi nunca desespero tão profundo, humilhação tão duramente sentida; porque isso equivalia a uma degradação geral de todos os bravos de Moskova (377)".

Essas aguias voaram por toda a terra, do Thabor a Gibraltar, das Pyramides a Moscou, e eil-as que se consomem, se desfazem e sobem para o céu com as flammaz.

A face do Imperador está pallida, morta, como a neve morta, mas tambem alegre, como se elle viesse de vencer o inimigo: ao auto-da-fé de Moscou responde o auto-da-fé das aguias.

Se elle fez queimar as bandeiras, honra do exercito, é que sabia não mais existir salvação, e não queria enganar os demais. Sabia-o como sabe que dois e dois fazem quatro e, entretanto, acreditava ainda no milagre. E como acontece sempre na vida do Homem, na vida de todos os homens, sempre que ha fé, o milagre verificou-se.

Tchitchagov retirou-se de Borissov, a outra margem está deserta e a passagem livre. Os francezes não querem crer no que vêem. "Não é possível. Isto não é possível!" murmura Napoleão, e empallidece ainda mais. "Minha estrela brilha ainda", disse elle olhando o céu (378). Sua Estrela não o abandonará mais até o fim, mas o conduzirá por estradas que elle não tinha previsto. O váo de Studianka, tres leguas acima de Borissov, seria, se não estivesse guardado por Tchitchagov, o unico ponto possível para a passagem do exercito francez. O marechal Oudinot foi mandado ao váo de Oukoloda, seis leguas acima de Borissov, afim de fazer crer que ahi construíam uma ponte, enganando assim Tchitchagov e afastando-o de Studianka. Napoleão não contava quasi com o successo; seria necessario que Tchitchagov ficasse maluco para cahir em plano tão grosseiro. Entanto

deixou-se engodar, perdeu a cabeça sob o olhar fascinante do “daimon”, como o passaro sob o olhar da serpente. Elle executou com uma precisão mathematica o plano de Napoleão. “Ambos haviam partido ao mesmo tempo de Borissow; Napoleão para Studianka, Tchitchagov para Szabas-zawiezy.”

Na manhã de 26, os francezes começaram a armar duas pontes em Studianka: uma, larga, para a artilharia; outra, mais estreita, para a infantaria. As traves e as tabuas arrancadas das casas dos camponios serviam para a construcção de cavalletes, estacas e do piso da ponte; forjavam-se prégos e ganchos nas rodas dos canhões abandonados.

Para enterrar os cavalletes no leito lamacento da ribeira, os homens ficavam seis ou sete horas consecutivas mergulhados até o pescoço na agua fria, afastando com as mãos os enormes blócos de gelo que a corrente e o vento impelliam para elles; os que não conseguiam afastal-os em tempo, eram arrastados e afogavam-se; essas faces azuladas eram horri-veis de ver-se. E nem uma gota de alcool para dar um pouco de calor! Muitos pereceram submersos ou suffocados pelo frio, e a neve lhes foi um leito de repouso (379).

A 27 de novembro as pontes estavam acabadas. Napoleão atravessou-as com a Guarda e as tropas de Ney. O principal está feito: o Imperador — o Imperio — a honra do Grande Exercito, conseguiu salvar-se.

A 28, Tchitchagov, voltando a si, precipita-se para Studianka. Wittgenstein e Koutouzov correm a ajudal-o, em marcha batida. A cada instante pôdem elles apparecer. Convém apressar a passagem. Mas a ponte da artilharia construida ás pressas, não supporta um excessivo movimento de tropas e o peso das peças, e vem abaixo. Todos se bandeiam para a segunda ponte, a da infantaria, atravancada de carretas, de feridos, doentes, mulheres, crianças, anciãos, toda a horda innumeravel que fugira de Moscou. A artilharia devia abrir caminho através de tudo isso.

Nesse momento tiros de canhão fizeram-se ouvir nas duas margens e uma noticia apavorante circulou na turba: “Tchitchagov! Wittgenstein!” Os obuzes sibilaram acima das cabe-

ças e começaram a penetrar no bando atropelado. Os homens tomados de panico, abalroavam-se, pisavam-se aos pés, precipitavam-se nagua uns aos outros. Os soldados abriam passagem na multidão a golpes de sabre e de bayoneta. E os cadaveres de homens liquidados nessa balburdia eram arrastados pelos sobreviventes, sem cahir, como se ainda estivessem vivos.

Os homens transmudavam-se em fêras. Mas houve também, irrompendo como estrellas na noite, devotamentos sublimes: homens cedendo o passo ás mulheres, os adultos — ás crianças; condemnados elles proprios, salvavam a vida dos que iam perecer. Um artilheiro, de physionomia feroz, que espaldeirava a turba para conseguir passar, percebeu de repente u'a mãe que se afogava com o filho; curvou-se e, arriscando-se a ser esmagado, tomou da criança, levantou-a e apertou-a contra o peito com uma ternura maternal.

Os canhões rolavam sobre corpos humanos. Os blócos de gelo, chocando-se, estalavam nagua, os ossos estalavam no sangue. Homens permaneciam suspensos acima dagua, a mão agarrada ao rebordo da ponte, até que uma roda viesse esmagal-a: cahiam então na ribeira (380). Ouviam-se gritos inhumanos, gemidos, supplicas e, ao longe, bem ao longe, alguns vivas ao Imperador, como um appello subindo do inferno para aquelle que libertará os reprobos.

Na primavera seguinte, o governador de Minsk fez recolher e queimar em Studianka vinte e quatro mil cadaveres. Conta-se que dez annos depois os pescadores encontravam ainda na Berezina pequenas ilhas de monticulos de ossos de francezes agglutinados pela vasa e cobertos de myosotis (381).

Essas flores, azues como o céu, pareciam dizer: “Homem, não esqueças os que pereceram aqui, os que seguiram o Homem através do inferno, rumo do paraíso. Gloria eterna aos Heróes!”

O POENTE

I

LEIPZIG

(1813)

Quem é esse homem pallido que galopa noite e dia em malaposta a toda velocidade? Envolto numa pellica, enterra o chapéo até os olhos e, dissimulando-se num canto do trenó ou da caleça, não ousa olhar para fóra. E' um correio inexperienced, portador de papeis compromettedores, um espião que tem medo de ser preso, ou então um desertor do Grande Exercito, um máo soldado do Imperador? Não, é o proprio Imperador.

Elle partiu na noite de 6 de dezembro de Smorgony, além do Berezina. Atravessou Vilna, Varsovia, Dresde, Meinz, toda a Europa, em doze dias e chegou ás Tulherias na noite de 19. Subiu lentamente a escadaria do palacio e acreditou ver passar e repassar deante dos seus olhos uma physionomia. Talvez a do granadeiro a quem perguntava lá em baixo, no Berezina, a uma temperatura de 20 grãos: "Tens frio? — Eu, meu Imperador? Não diga isso! Quando eu o vejo, basta isso para aquecer-me!" Mas o granadeiro morreu de frio, como estará morrendo, nesse momento, o exercito todo. O Imperador o carregara nos braços, quasi o arrancara a esse inferno de gelo, mas afinal deixara-o cahir, fugira, abandonara-o; abandonar o exercito ou a França: era preciso escolher como outrora no Egypto; a escolha fôra a mesma: abandonara o exercito pela França; ouvira a voz do Destino e a seguiu como uma criança segue a voz materna.

“A saude de Sua Majestade nunca foi melhor”, constava do 29.º boletim do Grande Exercito, o de Berezina, chegado a Paris, dois dias antes da volta do Imperador, boletim que fez fremir toda França. “Famílias, seccae vossas lagrimas: Napoleão passa bem”, zombeteava amargamente Chateaubriand (382). De que ri elle? “Eu vivo e passo bem”; era preciso que o Imperador o dissesse, porque á só noticia de sua morte um audacioso conspirador, o general Malet, quasi jogara ao chão a dynastia. Isso se passara logo depois de Moscou; assim o que não poderiam esperar após Berezina?

“O Imperador estava bem contente, informa Constant, seu criado de quarto. Eu o encontrei tal qual o vira antes de entrar em campanha; a mesma serenidade na face; dir-se-ia que o passado não era mais nada para elle (383)”.

O inverno decorreu como de costume; os beijos que a muito asseada Maria Luiza limpava com o lenço, os primeiros dentes do rei de Roma, as sessões do Conselho de Estado, as audiencias dos embaixadores, as noites de trabalho, os cachos ardentes de lustres illuminando os bailes do pavilhão de Flora, as trompas de caça resoando na floresta de Fontainebleau — nada mudara. Tivera elle um sonho horrendo — Moscou, o Berezina — acordara e logo esquecera o que sonhara. “Creio que a natureza me preparou para os grandes reveses; estes sempre me encontraram com uma alma de marmore, em que nem o raio podia morder e devia escorregar (384)”. — “Estou firme num rochedo (385)”.

Mas o rochedo treme debaixo d'elle. A “explosão”, predicta por Blücher, produziu-se na Inglaterra.

A 28 de fevereiro de 1813, o rei da Prussia, Frederico Guilherme, assignava com o imperador Alexandre o tratado de Kalich; a Prussia devia ser restabelecida em suas fronteiras de 1806; Alexandre compromettia-se a não depôr as armas enquanto não houvesse libertado a Allemanha do jugo dos francezes.

A Prussia declarou guerra á França. A Suecia, impellida pelo herdeiro do throno, Bernadotte, principe de Pontecorvo, antigo marechal de França, juntou-se a essa nova colligação.

Ao norte, a Russia, a Prussia, a Suecia; ao sul — a Hespanha, Portugal; a oeste — a Inglaterra; a léste — a Austria já hesitante; a Europa inteira é um vulcão em erupção.

A 5 de abril, um novo agrupamento de 180.000 homens é annunciado em França. “Tudo marchou com uma tal rapidez que as tropas pareciam sahir da terra (386)”.

A 14, o Imperador, depois de ter confiado a regencia a Maria Luiza, parte para Moguncia. Um exercito de 100.000 homens concentrou-se na margem esquerda do Saale, tomando o caminho de léste para attingir Leipzig.

A 2 de maio, é a victoria fulminante ganha em Lutzen sobre os russos e os prussianos; a 20, é uma segunda victoria em Bautzen. Os Alliados se retiram em desordem para a Silesia. O Grande Exercito, sepultado no Berezina, resuscitou. A colligação sente-se apavorada.

A 4 de junho, é assignado o armisticio de Pleswitz. Metternich propõe a Napoleão reunir em Praga um congresso das potencias. Mas a 26, em Dresde, numa conversa de oito horas, elle ausculta, tal um medico habil, o homem miraculosamente resuscitado e diagnostica: “está perdido (387)!” — “Bonaparte é um tratante e é preciso matal-o; enquanto viver, será o flagello do mundo”, diz exprimindo a opinião dos colligados, “a opinião publica da Europa”, aquelle a quem o marechal Berthier chamava “esse canalha de Pontecorvo (388)”. “E’ preciso matar o reptil, esmagar a cabeça da Serpente” declara Alexandre ás voltas com o seu delirio mystico.

“Meu grande erro, erro fundamental, foi acreditar sempre que meus adversarios tivessem tanta consciencia dos seus verdadeiros interesses quanto eu dos meus. Não podia suppôr que elles tivessem desejo de destruir-me em verdade, tanto me sentia necessario a todos elles”, dirá Napoleão em Santa-Helena (389).

Os Alliados não viam no congresso de Praga senão um meio de ganhar tempo, para permittir á Austria reunir-se á Colligação. Pedia-se á França retornasse ás suas “fronteiras naturaes”: os Pyrineus, os Alpes, o Rheno. Mas, antes que Napoleão pudesse responder, o congresso é dissolvido e a Austria, tirando a mascara, une-se aos Colligados

Rompe-se o armistício e a guerra recomeça. A 26-27 de agosto, victoria de Napoleão em Dresde. “Era o ultimo sorriso da fortuna. A partir desses instantes, por um enca-deamento de fatalidades sem exemplo, Napoleão não contará senão desastres (390)”. — “O que duplicava meus supplicios é que via claramente aproximar-se a hora decisiva. A estrella empallidecia, eu sentia que as rédeas me escapavam e não podia fazer nada (391).” Elle vê tudo, sabe tudo, ouve tudo, e não pôde acordar, como se estivesse mergulhado num “somno lethargico”.

Depois da victoria de Dresde, Napoleão poderia destruir todo o exercito prussiano; já elle se puzera a perseguil-o, quando subitamente adoeceu; só ficou de cama um dia, mas esse dia lhe fez perder o fruto de todas as victorias. Bastou-lhe voltar um pouco a cabeça para que seus generaes e marechaes fossem batidos. Blücher derrota o exercito francez na Silesia; Bernadotte o vence na Prussia; o general Vandamme é batido em Kulm, na Bohemia. A Westphalia, a Baviera, insurgem-se. O rei de Wurtemberg scientifica Napoleão de que toda a Confederação do Rheno vae abandonal-o e aconselha-o a retirar-se além de Moguncia. A colligação o aperta num semicirculo temeroso. Elle se desdobra para Leipzig. Os Alliados alcançam-no e Napoleão é forçado a aceitar o combate.

A 16 de outubro, primeiro dia de batalha, o resultado permanece indeciso: após seis ataques repulsados, o inimigo só deixa aos francezes o campo de batalha.

A 17, o exercito russo de Bennigsen opera sua junção com o exercito austriaco de Schwarzenberg; o exercito do norte, commandado por Bernadotte, entra egualmente em linha. O temivel semicirculo se comprime numa especie de nó de morte. Napoleão propõe um armistício: fôra melhor que nada pedisse; os Alliados nem sequer lhe respondem; no dia seguinte recomeçará a batalha.

O combate travou-se ás 8 horas da manhã; para as tres da tarde, depois do terceiro ataque da Velha Guarda, a linha austriaca soffrera uma inflexão; estava a ponto de recuar. Subito, ao centro do exercito francez, houve um movimento tão estranho que a principio ninguém comprehendeu o que

se passava: o corpo inteiro da infantaria saxonia, composto de 12.000 homens, seguido da cavallaria wurtembergueza, atirou-se para a linha inimiga. Suppunham que ia atacal-a. Mas não: os saxões pararam, voltaram-se contra os francezes e atiraram nelles com as suas proprias peças. “Infames!” indignou-se Marbot, que tomava parte na batalha (392). Em que são elles “infames”? Por que não quizeram, segundo o desejo de Napoleão-Robespierre, tornar-se “universaes”, preferindo permanecer allemães?

Um vacuo aterrorizante abriu-se ao centro do exercito, como se lhe houvessem arrancado o coração. Mas as fileiras tornaram a fechar-se logo e o combate continuou até a noite.

Ao cahir da noite, os dois exercitos mantinham-se em suas posições. “Não perdemos uma pollegada de terreno”, diz Marbot (393). Mas os francezes estavam quasi completamente cercados e tinham quarenta mil mortos e feridos; de duzentos e vinte mil tiros de canhão, só lhes restavam dezeseis mil, isto é, o necessario para combater durante duas horas apenas. O Imperador ordenou a retirada.

Só havia, para retirar-se, uma ponte sobre o Elster, em Lindenau, um suburbio de Leipzig. Tinham-na minado para poder fazel-a saltar depois da passagem das tropas que começou a 19 e durou toda a noite de 20. De manhã, Blücher com os prussianos fez irrupção em Leipzig, e investiu contra as tropas em retirada, que resistiam, defendendo sempre a ponte.

Subito ouviu-se uma explosão ensurdecedora; a ponte acabava de saltar. O sub-official encarregado da mina acreditou, á vista de alguns cossacos, que elles atacavam a ponte, e accendeu a mecha. Metade do exercito ficou na outra margem. Um massacre bestial começou: russos, allemães, suecos, austriacos, mataram francezes todo o dia até a noite (394).

E o Imperador? “Durante a evacuação de Leipzig, poudo dormir tranquillamente duas horas numa poltrona: a explosão da ponte veio despertal-o”, conta seu secretario. Acordou e comprehendeu que o exercito estava perdido, que o

Imperio estava perdido. O Berezina — o Elster. La longe, o começo — aqui, o fim. E fôra para isso que elle fugira, para salvar a França d'esse modo!

“Acaso este patife sabe o que faz? indagava Augereau do marechal Macdonald. Que covarde! abandona-nos, sacrificamos a todos (395)!” Isto é: tendo passado, elle e sua Guarda, ordenou que fizessem saltar a ponte para retirar-se melhor.

“Não será tempo de acabar com isto, de impedir que o Imperador, depois de ter perdido o exercito, perca a França?” perguntava-se o marechal Ney (396).

Dizia-se que elle estava de tal modo fatigado e gasto que nada podia tiral-o de seu torpor. Mas, sete dias depois de Leipzig, em plena retirada sobre o Rheno, Napoleão declarava: “Creio que, máo grado os desastres que tiveram logar, sou ainda o monarcha mais poderoso da Europa; talvez as cousas tomem ainda outro rumo (397).” Quem fala assim em tal instante não se sente de todo “fatigado”. As cousas comportariam rumo diverso... Mas elle teria forças para querel-o? E valeria a pena querer?

Para facilitar a retirada do exercito, os generaes se tinham proposto incendiar os suburbios de Leipzig, excepto o de Lindenau, por onde a retirada em direcção ao Elster proseguiria sob a protecção do fogo. Elle teria assim salvo o exercito, a França, e o proprio throno. Mas não o quiz. Apiedou-se do povo e “essa magnanimidade exaggerada custou-lhe a corôa”, diz esse mesmo Marbot que o julga tão severamente pela “atrocidade” de Bayonna, relativamente insignificante (398). “Um homem como eu está se ninando para a vida de um milhão de homens.” Mas aqui não chegou a ninar-se...

Já agora, o grande homem vivia de tédio e adormecia de tédio.

A sorte do exercito salvo não era muito melhor que a do exercito perdido. Miseravel, faminto, esfarrapado, desencorajado, elle recuava, fugia no sentido do Rheno. O typho dizimava-o a tal ponto que não só os hospitaes e as casas, mas os caminhos ficavam cheios de cadaveres. Os melhores

soldados, os heróis das grandes guerras, viam-se reduzidos “a uma especie de embrutecimento (399)” ; arrastavam-se, sem outro pensamento que não fosse este: morrer em França.

Dir-se-ia que o espectro do Grande Exercito sahira do tumulto dos gelos russos.

II

A A B D I C A Ç Ã O

(1814)

A Prussia, a Austria, a Suecia, a Russia, a Hespanha — toda a Europa está prestes a atirar-se sobre a França como u’a matilha de cães sobre o animal acuado. Mas, antes de penetrar no antro do leão, procuram adormecel-o.

Metternich, o mestre-cuca da cozinha alliada, prepara as notificações de Francfort; as costureiras diplomaticas confeccionam uma camisa de força para o gigante enraivado e os Alliados propõem novamente á França regressar aos seus “limites naturaes”.

Mas é uma comedia tão ridicula quanto a do congresso de Praga. Antes mesmo que Napoleão tivesse tempo de responder, um manifesto appareceu: as potencias alliadas não fazem guerra á França, mas a esta preponderancia que, para desgraça da Europa e da França, o Imperador Napoleão vem ha tanto exercendo fóra dos limites de seu Imperio. Ainda que falando em paz, as potencias declaravam que “não descansariam as armas antes de ter preservado os povos das calamidades sem numero que, desde vinte annos, pesavam sobre a Europa (400)”.

Schwarzenberg invade a França pela Alsacia, Bernadotte pela Belgica, Wellington pelos Pyreneus; Blücher marcha para Paris, seguido de Alexandre. Os Alliados possuem um exercito activo de 350.000 bayonetas; dispõem de outras

65.000 em reserva; toda essa innumeravel avalanche cae sobre a França quasi desarmada.

Depois de vinte e cinco annos de guerras revolucionarias e imperiaes, ella deseja ver tudo pacificado, como quem morre de sêde quer agua. Os mais velhos dormem nas areias das Pyramides, os de outra geração nas neves da Russia, os mais moços nos pantanos de Leipzig; só restam as crianças.

“O trabalho de enxada teve de supprir o da charrúa, tornado impossivel pela falta de cavallos”, declara o ministro do Interior (401). Os garotos lavravam esses campos enquanto a guerra não vinha arrebatá-los para a terrivel ceifa humana.

A França aspira á paz; ora, ella sabe que Napoleão é a guerra, tendo deixado de ser a guerra victoriosa, para ser o desastre. Mas não, é sempre a victoria. “A confiança no genio do Imperador é sem limites!” — “O povo é pelo Imperador”, dizem os relatorios da policia (402).

“Vós me elegestes, sou um producto vosso, e deveis defender-me”, diz o Imperador ás legiões da guarda-nacional, em 29 de janeiro, na vespera da campanha da França (403).

“A primeira campanha da Italia e a ultima em França são suas mais bellas campanhas”, reconhece Chateaubriand, inimigo de Napoleão (404).

Os Alliados tinham-no cognominado o “Cem mil”, o que queria dizer que o exercito, quando elle o commandava, estava mais forte de cem mil homens. “Fomos verdadeiramente então os Briareus da fabula”, diz elle, não sem emphase (405).

Quem, “nós”? Os generaes, os marechaes? Não. “Meus tenentes tornavam-se molles, canhestros, desageitados e, logo, improductivos; não eram mais os homens do começo de nossa Revolução nem dos meus bellos momentos... A verdade é que, na maioria, os generaes não eram muito melhores; é que eu os entulhara de muitas honrarias e riquezas. Tinham bebido demais na taça dos prazeres e agora só queriam descansar, sendo capazes de tudo para obter esse descanso. O fogo sagrado extinguiu-se... (406)” — “Emquanto os

officiaes se batiam ainda pela vingança e a victoria, os Estados-Maiores só combatiam para a paz”, diz um historiador da Campanha (407).

O que é, de resto, comprehensivel. Quantos entre elles, como Marmont, não passaram, durante dez annos, mais de tres mezes em Paris? A guerra parecia-lhes interminavel. Onde se deteriam, afinal? — No Rheno, no Niemen, no Euphrates, no Indus, ou então nunca, em parte alguma, como judeus errantes e Cains?

“Paz á França, guerra a Napoleão”: os marechaes crêem nessas promessas dos Alliados.

É assim no exercito, e tambem em Paris. Já urdem uma trama para “interdictar o Imperador como convencido de demencia (408)”. Talleyrand prepara-lhe a sorte de Paulo I, enquanto, no sul da França, o antigo ministro da Policia, Fouché, murmura aos ouvidos da princeza Elisa, irmã de Napoleão: “Senhora, só ha um meio de salvar-nos: é matar quanto antes o Imperador (409).”

Não, seus verdadeiros companheiros não são os generaes e os marechaes, mas os ultimos veteranos da Velha Guarda e os jovens recrutas imberbes que têm o ar de mocinhas, os “Maria-Luiza”, como lhes chamavam então.

Estes eram logo reconheciveis pelo seu aspecto pouco militar, pelas vestes de camponio a emergirem do capote e, pela “coragem calma e sublime que parecia um dom da natureza (410)”. “Meus jovens soldados, a coragem sae-lhes por todos os póros”, diz o proprio Imperador com admiração (411). “Oh! que de heroismo no sangue francez! exclama o marechal Marmont falando de dois conscriptos. — Vi um que, bem tranquillo ao sibilar das balas, não fazia entretanto uso de seu fuzil. Disse-lhe: — Por que não atira? Elle me respondeu ingenuamente: — Atiraria tão bem quanto qualquer outro se tivesse alguém para carregar-me o fuzil. Esse pobre menino ignorava de todo o seu mister. Outro, mais avisado, percebendo que estava sendo imprestavel, aproximou-se de seu tenente e declarou-lhe: — Meu official, o senhor tem mais pratica disto que eu; assim, tome o meu fuzil e atire, enquanto eu lhe dou os cartuchos. O tenente

aceitou a proposta e o galucho, exposto a um fogo mortifero, não mostrou nenhum medo durante todo o desenrolar da batalha (412)."

"Podia-se mesmo chamar de soldados esses milhares de adolescentes, esses ephemeros da bandeira, não apparecendo na vespera senão para ser sacrificados no dia seguinte (413)?"

"E' o massacre dos Innocentes", resmunga o velho e rude general Drouot ao vel-os ceifados pelas balas dos prussianos (414).

Mas, desde que elles aprendem a empunhar um fuzil, batem-se tão bem quanto os veteranos postos á prova em Berezina e em Leipzig.

Os homens insultam Napoleão, tratam-no de Anti-Christo, mas as crianças lhe cantam Hosannas. E pela maneira por que o amam, pela qual crêem nelle, sente-se que tambem elle tem qualquer cousa de infantil, de bom, e talvez de santo.

Mas, subito, o Imperador quer a victoria; porque, se ha uma guerra santa, é esta para a defesa da patria. Elle se rejuvenesce ao contacto de um exercito joven. "Saibam elles que sou o mesmo homem de Wagram e de Austerlitz (415)!" O mesmo que em Marengo, em Arcole, na Favorita. "Reencontrei e tornei a calçar as minhas botas da campanha da Italia (416)."

Os primeiros avanços dos Alliados através da França indefesa são quasi triumphaes. Facil triumpho: trezentos mil homens contra trinta mil, dez contra um.

A primeira batalha de La Rothière é uma victoria do inimigo: Napoleão, não tendo tempo para concentrar tropas, é obrigado a retrahir-se deante do numero.

"A partir desse dia Napoleão deixa de ser um inimigo perigoso, e o Czar póde dizer: "Estou dando a paz ao mundo". É nesses termos que o general russo Sacken felicita Alexandre (417).

Napoleão é vencido em França. O leão é acuado em seu antro. "A campanha está acabada", dizem os Alliados. "Ella não começou ainda", diz Napoleão.

A 9 de fevereiro, é Champaubert, a 11 Montmirail, a 12 Chateau-Thierry, a 13 Vauchamps, a 18 Montereau: victoria sobre victoria, relampago após relampago, como na campanha da Italia. O inimigo recua em desordem para além dos Vosges. “Os Alliados não sabem que estou agora mais perto de Munich e Vienna que elles de Paris, (418).” “Mas sim, elles o sabem. Elles offerecem a paz no congresso de Chatillon; é a mesma comedia que em Praga e em Francfort, para provar que a paz com Bonaparte é impossivel; elles tentam adormecer o leão afim de ganhar tempo e receber reservas; é a mesma camisa de força, mas a de Chatillon é ainda mais apertada que a de Francfort. Não mais propõem os “limites naturaes” e sim os anteriores á Revolução. “Quê? querem que eu assigne semelhante tratado... Que pelo preço de tantos esforços, e tanto sangue, e de tantas victimas, eu deixe a França menor do que a encontrei? Nunca. Seria isto possivel sem traição ou sem covardia?” responde Napoleão, e continua a perseguir Blücher; vae attingil-o, batel-o e terminar a guerra num arranco (419).

Blücher foge, mas para a frente, e não para traz; com uma audacia desesperada, atravessa o Marne, faz saltar a ponte atraz de si e marcha direito sobre Paris indefeso. Os marechaes francezes ajudam-no. Basta Napoleão afastar-se um pouco para que elles sejam derrotados. A 26 de fevereiro, Oudinot bate em retirada em Bar-sur-Aube. “Traição!” gritam os soldados francezes, vendo-se nã peleja sem artilharia.

Para esmagar Blücher, Napoleão empurra-o para Soissons, ponto estrategico importantissimo na estrada de Mons a Paris. E o teria esmagado, se Soissons resistisse umas trinta e seis horas mais. Todavia, o commandante da praça, o general de brigada Moreau, capitula “com as honras da guerra”. “Que o fuzilem dentro de vinte e quatro horas!” grita o Imperador quasi chorando de raiva (420). Mas, ainda que o fuzilassem, de que serviria isso? Blücher está salvo, entrou na praça e ahi se fortifica.

A 7 de março, Craonne, a 11 Laon, a 21 Arcis-sur-Aube, inuteis victorias-derrotas, barulhentas trovoadas no vacuo. Os francezes não cedem uma pollegada de terreno, mas são

cada vez menos numerosos; a morte faz a sangrenta colheita de crianças. “A Joven-Guarda” funde como neve ao sol”; inversamente, o numero de inimigos não cessa de augmentar. Legiões innumeraveis avançam sempre; a avalanche se precipita.

“Era o combate da aguia contra uma nuvem de corvos”; essa phrase de Bourrienne resume toda a campanha (421). Ferida de morte, a aguia defende-se tão bem que a cada arranhão de suas garras as pennas dos corvos saltam; ella, porém, é uma só e os outros são uma nuvem, acabando, pela certa, por estraçalhal-a. A 24 de março, em Fère-Champenoise, os marechaes Mortier e Marmont fazem-se bater deploravelmente. Tombara o ultimo obstaculo do caminho dos Allia-dos, e Blücher, Alexandre, Schwarzenberg, reunidos já agora, marcham para Paris.

Napoleão o sabe a 27, em Saint-Dizier. Foi aqui que elle começou a campanha, é aqui que a termina; o circulo fatal fechou-se. O Imperador passa a noite sózinho, trancado, numa profunda meditação, curvo sobre os mappas. Que fazer? defender ou abandonar Paris? Esses dois pensamentos se guerream em seu espirito desde o inicio da campanha. “Se o inimigo chega a Paris, não ha mais Imperio.” — “Paris não será occupado emquanto eu fór vivo.” — “Antes ficar sepultado debaixo das ruinas de Paris que abandonal-o.” Mas então por que deu elle ordem para a partida da Imperatriz-Regente e do rei de Roma? Por que chamara as tropas de Mortier e de Marmont que defendiam Paris? “Elle não cessara de prever essa eventualidade, familiarizando-se com todas as resoluções que ella comportava”, diz uma testemunha directa, o secretario do Imperador, Fain (422).

Mas á ultima hora elle hesitava de novo. Sabe que entregar Paris é responder ao 1812 russo por um 1812 francez, ao auto-da-fé de Moscou pelo auto-da-fé de Paris; é retirar-se para o interior da França e levantál-a toda contra o inimigo numa guerra-revolução. Napoleão foi vencido pela Hespanha revoltada, e a França não vencerá Blücher? E’ preciso apenas voltar a 93, atirar longe a purpura imperial, matar Napoleão, resuscitar Bonaparte, o “Robespierre a

cavallo”; dizer: “Sou a Revolução”, com uma voz tal que o universo trema em suas bases.

Póde elle fazel-o? Sim. Quer fazel-o? Valerá a pena? Elle se apiedou dos suburbios de Leipzig e não os incendiou; incendiará agora a França — o Mundo? Ou então dirá da Revolução o que disse da guerra: “Nunca ella me pareceu tão horrenda.”

No dia seguinte, 28, recebeu uma communicação cifrada de Lavalette, director geral dos Correios: “A presença do Imperador é necessaria, se quer impedir que a Capital seja entregue ao inimigo. Não ha um momento a perder (423).”

A 29, Napoleão com seu exercito se põe em marcha para Paris, mas vae lentamente. A 30, depois de ter entregue o commando a Berthier e de lhe haver dado instrucções para conduzir as tropas a Fontainebleau, elle parte sózinho, sem escolta, como partira pouco antes, no dia seguinte a Berezina.

Ao longo da estrada succedem-se as noticias tragicas: o inimigo aproxima-se da capital, a Imperatriz com o rei de Roma retirou-se para o Loire; combate-se junto a Paris.

Á noite, o Imperador detem-se, para mudar de cavallo, deante da estação de posta da côrte de França, bem proxima de Paris. Na obscuridade ouve-se pelo caminho um rumor de cascos. O Imperador grita: “Alto!” O general Belliard, chefe da tropa de cavallaria, reconhecendo essa voz familiar, salta do cavallo. O Imperador condul-o sózinho á estrada, criva-o de perguntas e vem a saber que a batalha de Paris estava perdida, que o commandante em chefe, o rei José, fugira e as tropas deviam, em virtude de uma convenção, evacuar a cidade.

— Então, é preciso ir a Paris. A minha carruagem!

— É tarde demais, Sire; a esta hora a capitulação deve estar assignada (424).

Mas o Imperador não quer saber de nada; quer ir a Paris, fazer soar os sinos, illuminar a cidade, armar todo mundo, bater-se nas ruas, incendiar a cidade, se necessario, como os russos incendiaram Moscou.

Sem esperar a carruagem, vae marchando rapidamente o caminho de Paris, como se ahi quizesse entrar sem armas, sem a companhia de ninguem.

Que são, na terra, aquelles fogos vermelhos que correspondem ás estrellas do céu? Bivaques prussianos localizados á margem esquerda do Sena, junto ás proprias muralhas de Paris.

O Imperador detem-se, e, abaixando a cabeça, vae voltando devagarinho. Não é tarde demais? Ou talvez a capitulação ainda não tenha sido assignada?

De volta á estação de posta manda Caulaincourt a Paris, dando-lhe todos os poderes “para negociar e concluir a paz”.

Como em Saint-Dizier, passa a noite inclinado sobre os mappas. Ao raiar d'alva chega um mensageiro: a capitulação está assignada; os Alliados entrarão em Paris pela manhã. Elle não defendeu nem libertou a cidade: foi o Destino quem tudo decidiu.

Volta para Fontainebleau e vaga pela extensa galeria Francisco I.

Espera a concentração de suas tropas para ir atacar o inimigo em frente a Paris. Tem ainda 60.000 homens que com elle, o “cem mil”, fazem 160.000. Como em Leipzig, talvez seja ainda o “monarcha mais poderoso da Europa”, e quem sabe se as cousas não tomarão novo rumo?

A 1.º de abril, sabe da entrada triumphal dos Alliados em Paris. A 3, Caulaincourt annuncia-lhe que Alexandre recusa seu offerecimento de paz.

No mesmo dia, depois de ter passado em revista no pateo do Cavallo Branco duas divisões, uma da Velha e outra da Joven Guarda, o Imperador diz ás tropas:

— O inimigo entrou em Paris. Offereci ao Imperador Alexandre uma paz comprada por grandes sacrificios... Renunciando a nossas conquistas, perdendo tudo o que temos ganho depois da Revolução... Elle recusou... Dentro de poucos dias irei atacal-o em Paris. Conto convosco...

— Viva o Imperador! A Paris! A Paris! Morramos sobre suas ruinas! responderam as tropas num grito trovejante (425).

“Só a abdicação póde tirar-nos deste aperto”, diz Ney, num grupo de marechaes, a dois passos do Imperador. Este não ouve ou finge não ouvir. Entra em seu apartamento, os marechaes o seguem, Ney á frente dos outros. Impellem-

no por traz, encorajam-no em voz baixa; elle deve falar por todos.

— Tende noticias de Paris, Sire?

— Não, e quaes são ellas?

— As que temos são bem ruins; o Senado faz-vos perder o throno e desligou o povo e as tropas do juramento ao Imperio.

— O Senado não tem poderes para isso, e só o povo os teria, replica o Imperador, calmamente. — Quanto aos Allia-dos, vou esmagal-os junto a Paris.

— A situação é das mais desesperadas, intervem Ney; é uma infelicidade não termos concluido a paz mais cedo. Só resta a abdicação.

Macdonald entra e une-se ao côro geral:

— O exercito não quer sujeitar Paris á sorte de Moscou... Já basta esta desgraça da guerra, e nada de accender a guerra civil... Quanto a mim, declaro-vos que minha espada não será desembainhada nunca contra francezes nem tingida de sangue francez.

— Vós decidistes uma cousa, senhores, e eu uma outra: batalharei junto de Paris.

— O exercito não marchará para Paris! declara Ney.

— O exercito me obedecerá, diz Napoleão, levantando a voz.

— Sire, responde Ney, no mesmo tom, o exercito obedece a seus generaes (426)

Napoleão não ignorava que bastaria uma ordem ao official de guarda para fazer prender todos os marechaes. Mas agir assim em presença do inimigo não era muito facil; e depois seriam melhores os outros? Elle despede os marechaes, sempre com a mesma calma e, ficando só com Caulaincourt, redige uma abdicação condicional, reservando os direitos de seu filho ao throno e dando a regencia á Imperatriz. Caulaincourt, Macdonald e Ney são encarregados de levar a Paris o acto de abdicação.

Durante esse tempo, o fiel e bravo marechal Marmont, o velho companheiro de Bonaparte desde a campanha do Egypto, o attraiçoa e escreve a Schwarzenberg: "Estou disposto a concorrer para uma aproximação entre o povo e

o exercito que evite qualquer possibilidade de guerra civil e impeça o derrame de sangue francez. Por conseguinte, estou prompto a abandonar com minhas tropas o exercito de Napoleão nas condições seguintes: 1.º, as tropas se retirarão livremente para a Normandia com armas, bagagens e munição; 2.º, se, em consequencia desse movimento, Napoleão cahir entre as mãos dos Alliados, a vida e a liberdade lhe serão garantidas num espaço de terreno e num paiz circumscripto, á escolha das potencias alliadas e do governo provisorio.” — “Nada caracteriza melhor essa bella generosidade naturalmente franceza”, responde Schwarzenberg, não sem alguma ironia, e, naturalmente, concordando com tudo (427).

As tropas de Marmont se encontravam em Essonne, entre Fontainebleau e Paris, defendendo Napoleão. Levando-as para longe, Marmont deixava Napoleão á mercê dos Alliados.

Alexandre, julgando que por essa traição a “Providencia” se declarava a favor dos Bourbon, annuncia que não póde acceitar a abdicação condicional de Bonaparte e exige uma abdicação pura e simples.

O Imperadór, em sabendo da defecção de Marmont, ficou longo tempo sem crer; mas, quando se convenceu, disse: “Que ingrato! Elle será mais infeliz que eu (428)!”

“Perdão-lhe e possa a posteridade franceza perdoar-lhe como eu”, escreve elle em seu testamento, incluindo Marmont entre outros traidores, ao lado de Talleyrand (429)..

A partida das tropas de Essonne tornava impossivel a batalha proximo a Paris; Napoleão decidiu retirar-se para traz do Loire.

Na tarde de 5 de abril, Caulaincourt, Macdonald e Ney voltam de Paris a Fontainebleau e annunciam a Napoleão que o Senado ia proclamar o conde de Provença rei de França, sob o nome de Luiz XVIII; Alexandre recusara acceitar a abdicação condicional e exigira uma abdicação completa.

— Então é a guerra, diz Napoleão calmamente. A guerra não offerece agora nada de peor que a paz (430).

Pelo fim do dia, presentindo a resposta de Alexandre, elle deu ordem para retirada atraz do Loire; no dia se-

guinte, ao romper da manhã, a guarda, na deanteira, se porá em caminho para Malesherbes; o resto das tropas irá seguindo aos poucos.

Na tarde de 5 de abril, os generaes decidiram em conciliabulo secreto não executar nenhuma ordem do Imperador quanto ao movimento de tropas; ás duas da manhã, o general Friant, commandante da primeira divisão da Velha Guarda, notifica essa resolução a todos os commandantes de corpos e, na manhã de 6, Ney, Macdonald de Caulaincourt entendem-se a respeito com outras autoridades da tropa.

No mesmo dia, o Imperador reúne uma ultima vez seus marechaes. Com a maior serenidade e com uma precisão mathematica, exhibindo-lhes as cartas militares e enumerando as forças que lhe restam, elle explica em detalhe seu plano de retirada. “Póde-se ainda salvar tudo (431)”, conclue elle. Os marechaes se calam, sem um musculo a tremer-lhes na face e parecem, não já de pedra, mas de argila, do barro vil de que foi feito Adão. Os marechaes silenciam e, quando Napoleão exige uma resposta, expõem que não ha senão destroços de exercito e que, mesmo se conseguissem chegar ao sitio desejado, seus ultimos esforços não redundariam senão numa guerra civil.

— Vós quereis descansar. Pois bem, descansae! diz o Imperador e, sentando-se, escreve:

“As potencias alliadas proclamaram que o Imperador Napoleão era o unico obstaculo á restauração da paz na Europa, e o Imperador, fiel a seus juramentos, declara que renuncia por si e por seus herdeiros da França e da Italia, porque não ha nenhum sacrificio pessoal, mesmo o de sua vida, que elle não esteja disposto a fazer no interesse da França (432).”

Logo o castello se esvazia — todo o mundo foge. “Acreditar-se-ia que sua Majestade já fôra enterrada (433).”

Se o castello está mudo, as casernas rumorejam. Lá, não querem saber da abdicação, e indignam-se com a traição dos marechaes. A’ noite, a Velha Guarda, em armas, bandeiras desfraldadas, á luz dos archotes, aos sons da Marselheza e do hymno napoleonico, percorre as ruas da cidade.

Maravilhosas e terríveis physionomias as desses soldados! Sente-se, ao vel-os, que, se o Imperador o quizesse, poderia ainda com taes homens percorrer e conquistar o mundo.

A 12 de abril, o marechal Macdonald vem de Paris para obter de Napoleão e levar aos Alliados as condições da abdição assignadas ou, como dizem os diplomatas, “ratificadas” por elle. O Imperador ordena-lhes vir buscá-las no dia seguinte, ás nove da manhã.

Nunca se soube ao certo o que se passou nessa noite. Luzes appareciam ás janellas do castello; houve gritos, correias, pedidos de soccorro. Conta-se que o Imperador quizer matar-se com o veneno de um breve que trazia no peito desde a campanha do Egypto. Mas a tentativa falhára; o veneno evaporara-se e tudo acabou num vomito violento (434).

Elle proprio, em Santa-Helena, negou com indignação esse boato. Sempre teve desprezo pelo suicidio: “Só os tolos se matam (435)”. Um homem que se suicida é um desertor: “Matar-se é abandonar um campo de batalha”, disse elle numa das suas ordens do dia (436). Elle sabia — recordava — que não havia para elle refugio algum.

Talvez, nessa noite, melhor que nunca, lembrasse elle que estava votado, desde a eternidade, aos supplicios, e ao peor de todos, á humilhação. “Morrer no campo de batalha, não é nada; mas no meio da lama, em momentos destes, nunca, nunca (437)!” Falando em Santa-Helena do tratado de Fontainebleau, elle reconheceu que, para um Napoleão, era grotesco isso de acceitar, em lugar do imperio do mundo, a ilha d’Elba, o imperio de Sancho Pança e, o que é ainda peor, um soldo de dois milhões e a conservação irrisoria do titulo de Imperador.

“Sou um homem que pôdem matar, mas não ultrajar”, dizia elle, e eis que o obrigavam a deixar-se ultrajar, sem que o matassem (438). Sim, esçarraram-lhe na face e elle “ratificou” o escarro.

Ás nove horas da manhã, Macdonald veio ter com o Imperador. “Este, sentado junto á lareira, vestido de um simples roupão de fustão branco, as pernas nuas, sem chinelas, o peito nú, a cabeça entre as mãos, os cotovellos mettidos

nos joelhos, nem se mexeu quando entrei, ainda que eu fosse annunciado em voz alta, relata Macdonald; elle parecia profundamente absorvido”, mergulhado num “somno lethargico”, segundo a expressão de Bourrienne (439). “Depois de alguns minutos de espera silenciosa, o duque de Vicence lhe disse: “Sire, o marechal duque de Tarente está ás vossas ordens, é necessario que elle retorne a Paris”. Sua Majestade pareceu sahir de um sonho e, surpreso de ver-me, levantou-se e me estendeu a mão, a excusar-se de não me ter sentido entrar. Mal descobriu o rosto e fiquei impressionado com a alteração soffrida: sua tez estava amarella e azeitonada. “Vossa Majestade sente-se mal? perguntei-lhe. “Sim, respondeu o Imperador; passei a noite muito indisposto”. A estas palavras sentou-se de novo, retomou a primitiva attitude e pareceu mergulhar outra vez em seus sonhos. Os dois assistentes e eu olhámo-nos sem dizer palavra; emfim, depois de uma longa pausa, o duque de Vicence repetiu: “Mas, Sire, o duque de Tarente espera; é preciso entregar-lhe os papeis de que será portador, uma vez que dentro de vinte e quatro horas expira a dilação e as ultimas providencias devem ser tomadas em Paris”. O Imperador então, sahindo segunda vez de suas meditações, levantou-se com ar mais desenvolto, se bem que sua tez não tivesse mudado; sua firmeza era por assim dizer melancolia. “Sinto-me melhor, disse-nos elle (440)”.

No mesmo dia, entregou a Macdonald a ratificação que este levaria a Paris:

Que Napoleão tenha supportado tudo isso sem morrer, eis talvez uma victoria maior que Arcole e Marengo. A 20 de abril, dia fixado pelos Alliados para a partida de Napoleão rumo da ilha d’Elba as carruagens aproximaram-se ás dez horas da manhã. Os granadeiros da Velha Guarda estavam alinhados, em armas, no pateo. Precisamente ao meio-dia, como outrora, nos dias felizes do Consulado e do Imperio, Napoleão, vestido do simples uniforme verde dos caçadores e de seu redingote cinzento, tricornio á cabeça, appareceu no pateo. Os granadeiros apresentaram armas, os tambores bateram.

— Soldados de minha Velha Guarda, faço-vos os meus adeuses! diz o Imperador collocando-se no meio delles. Ha

vinte annos que vos venho encontrando sempre no caminho da honra e da gloria; nestes ultimos tempos, como nos de nosso fastigio, não cessastes de ser modelos de bravura e de fidelidade. Com homens como vós, nossa causa não estava perdida, mas a guerra seria interminavel. Seria a guerra civil e a França tornar-se-ia mais desgraçada... Eu parto. Vós, meus amigos, continuae a servir a França... Adeus, meus filhos, quizerá apertar-vos todos de encontro ao meu coração. Que eu beije ao menos vossa bandeira!...

O general Petit, agarrando a aguia, avançou. O Imperador beijou primeiro o general, depois a bandeira.

— Adeus ainda uma vez, meus velhos companheiros. Que este ultimo beijo passe aos vossos corações. Sêde sempre bravos e leaes.

Os granadeiros choravam.

A 27 de abril, Napoleão chegou a Saint-Raphael-Fréjus, ao sitio mesmo onde, quinze annos antes, desembarcara ao voltar do Egypto, na vespera do 18 Brumario. Aqui o seu sol se levantara; aqui vae deitar-se. Mas não tão depressa: antes do eterno crepusculo brilhará ainda uma vez com o mais purpurino, o mais imperial dos seus raios.



III

ELBA — OS CEM DIAS

(1814 - 1815)

“Será a ilha do Repouso”, dissera Napoleão desembarcando a 4 de maio da fragata ingleza, em Porto-Ferraio, o principal porto da ilha d’Elba (441).

“Quero agora viver como um juiz de paz... O Imperador morreu e não sou mais nada... Nada me preoccupará a não ser minha pequena ilha... Nada me interessa fóra de minha familia, meu casinho, meus animaes (442)”. Parece que durante os primeiros dias, talvez mesmo os primeiros

mezes de sua estada, foi realmente assim. Talvez se lembrasse elle de seus sonhos de criança na primeira cabana da casa de Ajaccio, seus sonhos de collegial em Brienne, no "eremiterio", quando queria voltar, segundo o preceito de Jean-Jacques Rousseau, ao "estado natural", seus sonhos de estudante parisiense no quarto de cortinas cerradas e velas accesas durante o dia, seus sonhos de tenente, nas casernas de Auxonne, quando escrevia a historia do viajante atirado pela tempestade na ilhota deserta da Gorgona. Tudo para elle seria uma ilha e, no instante, a posse do mundo não valeria esta ilha d'Elba, este reino lilliputiano, este imperio de Sancho Pança.

— Então, granadeiro, tu te aborreces? perguntou elle certa vez a um soldado da sua "guarda de honra".

— Não, Sire, mas não me divirto muito.

— Fazes mal. É preciso tomar as cousas como são (443).

Era mais que uma regra de bom senso, era a humilde submissão a essas Forças Superiores que, elle o sente, ainda o conduzem. "Napoleo ubicumque felix": fizera elle gravar essas palavras numa das columnas da sua casa de campo de San-Martino, na ilha d'Elba. Com effeito, elle poderia ser feliz por toda parte, se tivesse procurado a felicidade.

Elba não foi bem a "ilha do Repouso". Desde a chegada, Napoleão se atirou ao trabalho com o ardor devorante que desenvolvera sempre, onde quer que fosse. Organizou a ilhota como outrora organizara um grande imperio. Abriu estradas, construiu hospitaes, escolas, um theatro; reparou as casernas, augmentou as fortificações, reorganizou a alfandega, diminuiu as tributações, interessou-se pela acclimação dos bichos da seda, plantou vinhedos, saneou e embellezou Porto-Ferraio. "Elba tornara-se uma ilha bem-dita", relata um dos habitantes (444). Parece que Napoleão quizera ultimar nesse recanto de terra o que não pudera espalhar pelo globo inteiro — "a idade de ouro", o "paraíso terrestre".

Isso durou seis mezes, e duraria talvez mais, se os homens o deixassem tranquillo. Mas, como outrora os collegiaes de

Brienne lhe faziam irrupção no eremiterio de verdura, do mesmo modo os Alliados lhe invadiram a ilha afortunada.

Pelos jornaes e pelos boatos, Napoleão sabe sempre o que se passa no mundo. A ratificação de Fontainebleau — o escarro na face — continua. Sua mulher é entregue a Neipperg, um rufião da côrte, um espião. Seu filho lhe é arrebatado “como antigamente os filhos dos vencidos para ornar o triumpho dos vencedores (445)”. Luiz XVIII acha que a dotação imperial de dois milhões é muito polpuda, e a retém, menos talvez por avareza que pelo desejo de humilhar o inimigo. No congresso de Vienna, Talleyrand e Castlereagh entram em accodo para fazer deportar Napoleão numa ilha do Oceano. Ha quem insinue: “Se a prisão não é má, o tumulo seria melhor.” Mais de um insinuava em França e alhures que “era um grande erro deixar vivo Bonaparte”, e que não se estaria tranquillo “emquanto esse homem não tivesse seis pés de terra sobre a cabeça (446)”. Os corsarios de Alger offereciam-se para raptal-o e alguns fanaticos para apunhalal-o.

“Querem assassinar-me... Sou um soldado. Para que me assassinem, abrirei o peito, mas não quero ser deportado”, dizia elle ao commissario inglez Campbell (447), talvez depois de ter lido, nos jornaes, mandados por lady Holland, que projectavam transferil-o para Santa-Helena (448).

“Santa-Helena, pequena ilha...”

Vem elle a saber que os Alliados disputavam entre si, prestes a agarrarem-se uns aos outros pela garganta, e que a guerra estava a ponto de reaccender-se, sem que elle agora estivesse em causa, que a França detestava o Bourbon, mostrando-o os caricaturistas “a chegar na garupa de um cosaco, cujo cavallo galopava por cima de cadaveres de soldados francezes”, e que a França o espera, o chama, a elle, Napoleão, “como ao Messias”.

Tudo isso lhe é contado por um mensageiro de Maret, Fleury de Chaboulon, antigo auditor dos Conselhos de Estado, vindo ás occultas a Porto-Ferraço numa falua, disfarçado em marinheiro.

Napoleão decide-se a “rasgar o sudario”. Em 16 de fevereiro de 1815, dá ordem de fretar dois barcos, de concertar o velho brigue “Inconstant”, fazendo-o pintar como navio inglez, rearmando-o e aprovisionando-o. A 26, embarca com seu pequeno exercito: seiscentos granadeiros e caçadores da Velha Guarda, quatrocentos caçadores corsos e uma centena de cavallarianos polonezes. É com esse punhado de homens que vae reconquistar a França. A 1.^o de março, ancora no golfo Juan, entre Antibes e Cannes.

“Francezes, diz elle na proclamação ao povo, ouvi em meu exilio vossos desejos e vossos lamentos; reclamaes o governo de vossa escolha que é o unico legitimo. Atravessei os mares. Chego para retomar meus direitos, que são os vossos.” — E em outra proclamação dirigida ao exercito: “Soldados, vinde alinhar-vos debaixo da bandeira de vosso chefe. Sua existencia só se compõe da vossa... A Aguia, com as côres nacionaes, voará de campanario em campanario até as torres de Notre-Dame (449)”.

E foi assim mesmo. A centelha que se accendera outo-
ra, no regresso da campanha do Egypto, em Fréjus, accende-se no golfo Juan e percorre num momento toda a França. Então levanta-se o sol; elle se deita agora, mas lançando ainda, através das nuvens, o supremo, o mais purpureo, o mais imperial de seus raios.

Quando, em Santa-Helena, perguntavam ao Imperador qual o tempo que elle considerava mais feliz de sua vida após a elevação ao throno, o exilado respondia: “A marcha de Cannes a Paris (450)”. Talvez não se tivesse sentido nunca tão immortal quanto nesses dias da “segunda vinda”.

“A Aguia vôa” através dos Alpes Maritimos para o norte. A arrancada do pequeno exercito através da Provença é de inicio quasi furtiva. Os habitantes — na mór parte realistas — mostram-se indifferentes ou surdamente hostis ao Imperador. Mas, desde os confins do Delphinado, a população inteira se levanta á sua passagem. Como que a propria terra se levanta: nesses dias elle está mais perto della, como o sol no poente.

Os camponios accorrem-lhe á frente e depois de se assegurarem, olhando a effigie das moedas de cinco francos,

que “é.bem elle”, acclamam-no com um “Viva o Imperador!” inextinguível (451).

A 7 de março, aproximando-se de Grenoble, Napoleão encontra nos desfiladeiros de Laffrey o batalhão do 5.º de linha, commandado por Delessart, mandado contra elle. Era impossivel evital-o; a estrada passava entre lagos e uma cadeia de montanhas. A vanguarda dos lanceiros do Imperador aproxima-se do batalhão. Delessart, vendo o assombro pintar-se na face de seus soldados, comprehende que é impossivel combater e quer levá-los dali. Entretanto os lanceiros seguem os caçadores passo a passo e já os cavallos lhes respiram nas costas. Então Delessart manda cruzar bayoneta. Os subordinados obedecem-lhe machinalmente. Tendo ordem de não carregar em caso algum, os lanceiros voltam a rédea e se retraem. Ao mesmo tempo, o imperador faz baixar as armas e, sózinho, á vanguarda de seus velhos caçadores dirige-se para o batalhão.

— Eil-o... Fogo! grita, fóra de si, o capitão Randon.

Os homens estão lividos, as pernas tremem-lhes, como os fuzis lhes tremem nas mãos crispadas.

Ao alcance de um tiro de pistola, Napoleão detem-se:

— Soldados do 5.º, diz elle em voz forte e calma, sou vosso Imperador, reconhecei-me.

Depois, avançando ainda dois ou tres passos e entreabrindo o redingote:

— Se ha entre vós um soldado que queira matar seu Imperador, aqui estou!

Um grande grito de “Viva o Imperador!” irrompeu de todos os peitos. As linhas estão quebradas, os soldados precipitam-se para elle, ajoelham-se-lhe aos pés, abraçam-lhe as pernas, beijam-lhe as botas, a espada, as abas do redingote. Nesse instante é realmente para elles o “Messias resuscitado (452)”.

As portas de Grenoble são arrombadas, a guarnição rende-se. “Os soldados se arremessaram sobre o Imperador com todos os gestos da furia e da raiva; freuiu-se um instante; poder-se-ia crer que elle ia ser feito em pedaços, mas era um delirio de amor e de alegria.” Elle ia carregado de braço para braço, e será assim até Paris (453).

À noite, o exercito imperial, acompanhado de 2.000 camponios armados de machadinhas, forcados, chuços e fuzis, illuminados a archotes, entra em Grenoble, aos accents da “Marselheza” e aos gritos de “Viva o Imperador! Abaixo os Bourbon! Viva a liberdade (454)”

“Foi aqui que nasceu a Revolução, dizem, correndo a Napoleão, os habitantes de Vizille, pequeno burgo proximo de Grenoble. Fomos nós os primeiros que ousamos reclamar os direitos dos homens. É ainda aqui que resuscita a liberdade e que a França recobra sua honra (455).”

“O incrível, escreve o encarregado de negocios da Russia, é que o povo deseje rever Bonaparte (456).” Depois de Moscou, de Berezina, de Leipzig, depois de Paris, de tanto sangue derramado, é, com effeito, incrível, esse milagre...

“Sire, vós fazeis sempre milagres, porque, quando souberam de vosso desembarque, acreditaram que estivesseis doido”: é nesses termos que o adjunto do “maire” de Macon começou seu discurso de boas vindas, mas não o poudo continuar, interrompido pelos gritos delirantes de “Viva o Imperador (457)!” Não era só ao Imperador, mas á França inteira que poderiam encarar “como doida”.

Em Villefranche, um departamento de Lyão, dois camponezes compram do albergueiro, para guardal-os como reliquia, os ossos do frango que o Imperador comera no almoço.

Em Lyão, vinte mil pessoas estacionam-lhe debaixo das janellas durante os tres ou quatro dias em que elle ahi permanece e gritam sêm cessar: “Viva a Revolução (458)!”

E elle o sabe, que é a Revolução: de novo se inspira no espirito de 93, sente-se o “Robespierre a cavallo”; age com a decisão, o vigor e a rapidez de um convencional: proscreeve a bandeira branca e trata de abolir a nobreza antiga e os titulos feudaes, declara o rei decahido. “Reencontro, diz elle, o odio dos padres e da nobreza tão universal e tão violento quanto no começo de Revolução (459).”

Sim, a Revolução resuscitou e elle resuscitou com ella, elle, o Homem, “a féra sahida do abysmo”, para uns, “o Messias sahido do tumulto”, para outros.

“Sire, affirma o marechal Ney, filho da Revolução, beijando respeitosaemente a mão do velho Bourbon, espero tra-

zer Bonaparte numa gaiola de ferro (460).” Essa expressão lhe parece tão feliz que elle a repete a todo mundo.

Ney, com as tropas reaes, manobra entre Besançon e Macon, afim de o aprisionar e destruir num só golpe “todo o bando de salteadores”, quando, subito, recebe um bilhete: “Meu primo, vinde encontrar-me em Chalons. Receber-vos-ei como no dia seguinte á batalha de Moskowa (461)”. E o Bravo dos bravos torna-se livido como os soldados de Grenoble á hora de atirar. Parece tomado de imprevisita loucura: “Estava na tempestade, confessa elle mais tarde. Perdi a cabeça.” — “Elle se atirou no abysmo como dantes se atirava ás fauces dos canhões (462)”. Trahiu os Bourbon, entregou-se a Bonaparte. De resto, quizesse combater e não o poderia. “Não posso deter a agua do mar com as mãos!” — lamenta-se elle (463).

De Lyão a Paris, a Aguia vôa cada vez mais alto, arrasando as turbas e as tropas revolucionarias, como esses “meteoros cuja passagem é assignalada por uma combustão immensa (464)”.

Na noite de 20 de maio, o Rei foge das Tulherias e, na tarde seguinte, a carruagem do Imperador immobiliza-se a alguns passos do pavilhão de Flora; tão densa era a multidão que se tornava impossivel attingir-lhe a escadaria. Cercam a viatura, abrem-lhe a porta; Napoleão, arrebatado, vae de braço em braço, no pateo, no vestibulo, na escadaria — arrisca-se a ser asphyxiado, esmagado, morto. Mas parece nada ver, nada ouvir; fluctua ao alto das escuras vagas humanas como uma pallida flor; deixa-se levar, as mãos para a frente, os olhos fechados, um sorriso indefinivel nos labios, como um lunatico em estado de somnambulismo, ou o deus Dionysos em meio á turba de bacchantes freneticos. “Os que o tinham carregado pareciam malucos; mil outros gabavam-se de ter-lhe beijado as roupas...”

O Congresso de Vienna apavora-se. A 13 de março, oito potencias — a Inglaterra, a Austria, a Russia, a Suecia, a Prussia, a Hollanda, a Hespanha e Portugal — assignam uma declaração que termina assim: “Napoleão Bonaparte, reaparecendo em França, collocou-se fóra das relações civis e

sociaes e, como inimigo e perturbador do repouso do mundo, abandonou-se á vindicta publica (465).”

Fórma-se uma setima colligação. Os ministros da Inglaterra, da Austria, da Prussia e da Russia concluem um tratado de Alliança “tendo por fim a manutenção da paz” e, para assegurar essa paz, cada potencia se compromette a manter constantemente em campanha 150.000 homens, “emquanto Bonaparte não deixar de ameaçar a segurança da Europa (466)”.

O terror dos colligados reflecte-se bem nesse furor. “Fizemos mal em poupar os francezes. Deviamos exterminal-os todos!” clamam os jornalistas allemães. “Urge pôr fóra da lei o povo francez!” — “Devemos matal-os como a cães damnados (467)!”

O que temem no fugitivo da ilha d’Elba é a Revolução. Alexandre comprehendeu-o melhor que ninguem. E’ preciso separal-o dos jacobinos!” repete elle e nos clarões sangrentos de uma nova guerra percebe, visão gigantesca, o Cavalleiro apocalypticó. “Napoleão quer dizer Apollyon, o Exterminador, o anjo do abysmo”, sussurra elle, abrindo ao acaso o Apocalypse.

Vão terror! O ouro puro mudar-se-á em chumbo vil. 1811 succederá immediatamente a 1793. O “Robespierre a cavallo” desapparecerá e o imperador Napoleão reapparecerá.

“Atravessei a França, fui levado até á capital pelo impulso dos cidadãos e em meio a acclamações univérseaes; mas apenas cheguei a Paris e, por uma especie de magia, sem nenhuma razão legitima, recuaram subitamente, tornaram-se frios em derredor de mim (468)”.

Não, foi elle proprio que se tornou frio. Bruscamente, retorna-lhe o tédio, e elle não quer mais nada, como em Borodino; adormece de um “somno lethargico”, como em Leipzig; vê tudo, ouve tudo, e não póde acordar, mexer com um dedo, emquanto o mettem no esquite e o sepultam.

Luiz XVIII concedera á França uma carta constitucional. Bonaparte não deve deixar-se distanciar pelo Bourbon. É o que lhe cantam aos ouvidos os antigos jacobinos da Convenção e os novos liberaes da Restauração. — “A França quer

ser livre. Se não lhes derdes a liberdade, tereis amanhã rebeldes em lugar de subditos.”

Benjamin Constant, o novo Sieyès-Homunculo, pae de constituições nati-mortas, elabora uma carta liberal, o “Acto adicional ás constituições do Imperio”. É preciso verdadeiramente que Napoleão esteja mergulhado num somno lethargico para ousar, no momento em que milhões de inimigos invadem a França, descer do cavallo e montar na carriola parlamentar, e de dictador revolucionario mudar-se em monarcha constitucional.

Elle proprio reconhecia estar a diminuir-se, que a França o procurava e não mais o encontrava, que os seus braços fraquejavam á hora de domar a Europa (469).

“O Imperador se faz liberal á força, e mutila-se, enfraquece-se, não é mais o mesmo”, salienta um velho jacobino honesto (470).

A 1.º de junho desenrola-se a festa da Nova Constituição, da “Benjamine”, como a haviam baptizado; os collegios electoraes que tinham votado o Acto adicional reúnem-se numa solemne e tediosa cerimonia no Campo de Maio, antigo Campo de Marte. Os cardeaes dizem missa e o Imperador, enthronizado ao centro da praça, presta juramento sobre o Evangelho á nova Constituição. Esperava-se vê-lo com a farda habitual de granadeiro ou de caçador da Velha Guarda como em Marengo ou em Austerlitz, mas elle traz uma tunica romana, um manto cor de nacar bordado de abelhas de ouro, calças de setim branco e um chapéo de velludo negro ornado de penas brancas. Sim, mascarada sinistra, de que se exhala um cheiro de decomposição, como o de um homem ás voltas com o tumulto.

A 7 de junho, a nova Camara realiza a primeira sessão em presença do Imperador. Este pronuncia um discurso, dizendo-se jubiloso com a confiança do povo e com a sua nova categoria de monarcha constitucional, dizendo que “os homens são impotentes para fixar os destinos das nações, e só as instituições as podem garantir (471).”

“Mão grado todo o poder sobre si mesmo, o Imperador deixa perceber a amargura e a colera que lhe causa essa con-

fissão. Tem a face livida, a voz estridente, os traços contrahidos”.

Era como se Beethoven, tornado subitamente surdo, tocasse errado uma de suas symphonias, tendo consciencia disso mas não podendo corrigir-se.

Os dois primeiros exercitos alliados — os anglo-hollandezes — commandados por Wellington, e os prussianos, commandados por Blücher — marchavam para unir-se e penetrar em França pela fronteira belga. Só eram as tropas de primeira linha, estando as reservas promptas atraz dellas: austriacos, suecos, russos — a mesma avalanche innumeravel do anno precedente.

O marechal Davout, ministro da Guerra, consegue mobilizar em tres mezes 130.000 homens, compostos em pequena parte de despojos do Grande Exercito e, no restante, de “Maria-Luizas”. São as ultimas gotas tiradas das veias da França. Ella é nesse momento como um cavallo esfalfado sob um cavalleiro demente: vae tombar e quebrar-lhe as costellas.

Mas talvez essas ultimas gotas sejam as melhores. Um espião escreve de Paris a Wellington: “Para dar uma justa idéa do enthusiasmo do exercito, basta comparar a época de 92 e o anno corrente. Ainda a balança será em favor de Buonaparte.” — “As tropas experimentam, não patriotismo, enthusiasmo, mas uma verdadeira furia pelo Imperador e contra seus inimigos”, lê-se nas notas diarias do general Foy. E um desertor francez attesta: “Os soldados estão furiosos (472)”.

“Jamais Napoleão dispuzera de um instrumento de guerra tão temeroso e tão fragil”, escreve o melhor historiadador de 1815 (473). Instrumento temeroso e fragil, ao mesmo tempo, porque sua ponta muito aguçada corre a todo instante o risco de quebrar-se. Mas tudo depende do espirito do chefe.

Este chefe, quem é elle? Uma féra que rompeu a cadeia, um forçado evadido, como pensam os Alliados? Ou então, como crê a França, o illuminado que abre através do inferno o caminho do paraíso? A maior batalha dos tempos modernos o decidirá.

IV

W A T E R L O O

(1815)

“Triumpho em Waterloo”, diz Napoleão em Santa-Helena. Que Waterloo foi para Napoleão uma derrota, todo o mundo o sabe; só elle sabe que é uma victoria. “Triumpho em Waterloo e caio no mesmo instante no abysmo (474)”. Mas, antes de cahir, voara mais alto que nunca. Se toda a sua vida é um dos mais sublimes cimos da vontade humana, a parte que mais se destaca nesse cimo é Waterloo.

“Napoleão teve nessa ultima campanha a actividade de um general de trinta annos”, affirma o historiador que melhor descreveu esse periodo (475). Aos 30 annos, Napoleão, vencedor de Marengo, é o sol no zenith; em Waterloo, é ainda o mesmo sol. Se isso é verdade, é que sahio a tempo de sua “lethargia”; estava morto e retornou á vida.

E’ esse um testemunho, mas ha outro, o do marechal Wellesley; segundo elle, Napoleão, durante toda essa campanha, permaneceu “debaixo do véo da lethargia (476).”

Em quem acreditar? Ou a contradicção é só apparente?

“Não tinha mais em mim o sentimento do successo definitivo, declara Napoleão ao evocar Waterloo, não era mais a primitiva confiança; seja que a idade que de ordinario favorece a fortuna começasse a escapar-me, seja que a meus proprios olhos, com minha propria imaginação, o maravilhoso de minha carreira se encontrasse diminuido, o certo é que eu sentia em mim faltar-me qualquer cousa. Não era mais essa fortuna ligada a meus passos que se comprazia em cumular-me. Era o destino severo ao qual eu arrancava ainda, á força, alguns favores, mas que se vingava logo após; porque é notavel não ter eu obtido então vantagem alguma que não fosse immediatamente seguida de um insuccesso... E todos esses golpes, devo dizel-o, feriram-me mais ainda do que me surprehenderam. Ha-

via em mim o instinto de uma sahida desventurosa, não que isso influísse em nada nas minhas determinações e minhas medidas, mas sem que eu pudesse arrancar o doloroso sentimento de dentro de mim (477)".

Sentimento da queda.

O plano de Napoleão era bater, um após outro, antes que operassem a respectiva junção, os dois exercitos que occupavam a Belgica — o exercito anglo-hollandez de Wellington e o exercito prussiano de Blücher. Para conseguil-o era preciso transportar-se ao centro mesmo dos acantonamentos inimigos, ao ponto presumido da concentração geral, na estrada de Bruxellas. Foi ahi que Napoleão resolveu descer "com a rapidez do raio".

Em 15 de junho, ao nascer do dia, as vanguardas francezas ultrapassaram a fronteira belga, atravessaram o Sambre perto de Charleroi, depois de ter facilmente repellido os 32.000 homens da vanguarda do general prussiano Zeiten, e dirigiram-se logo para o norte. A manobra triumphou com a mesma precisão mathematica, a mesma clarividencia prophetica dos dias radiosos de Austerlitz e Friedland. O exercito prussiano, vindo de léste, e o exercito inglez, vindo do norte, deviam reunir-se pela estrada de Namur a Nivelles; foi lá que Napoleão resolveu collocar-se á maneira de forçado, dispondo a ala direita a léste, perto de Sombreffe, na estrada de Namur, e a ala esquerda na estrada de Bruxellas, em Quatre-Bras, no sitio em que as duas estradas se cruzam. Elle proprio devia firmar-se em Fleurus, ao alto do triangulo formado por esses tres pontos, para despenhar-se no dia seguinte sobre o exercito inimigo que primeiro se aproximasse. Se ambos se furtassem, elle occuparia Bruxellas sem dar um tiro de canhão.

— Bom dia, Ney. Estou bem contente de ver-vos, diz o Imperador ao marechal que acabava de chegar. Ide assumir o commando dos primeiro e segundo corpos de exercito... Ide, repelli o inimigo na estrada de Bruxellas e to-mae posição em Quatre-Bras (478).

Napoleão comprehendia perfeitamente que essa posição era o eixo da proxima operação e talvez mesmo de toda a

campanha. “O exercito prussiano está perdido, se agirdes com vigor. A sorte da França repousa em vossas mãos”, dirá elle no dia seguinte a Ney. E encarregando-o dessa missão, testemunho da mais alta confiança, mostra-lhe que esqueceu tudo, Fontainebleau e a “gaiola”.

Ney, tendo recebido a ordem ás tres horas da tarde, poderia talvez estar em Quatre-Bras ás cinco horas. Ter-se-ia facilmente apoderado de uma posição fracamente defendida, mas flanou em caminho e, quando emfim se aproximou lá para as sete horas com uma vanguarda, tendo deixado o grosso das tropas atraz, a posição já estava occupada por 4.000 cavallarianos de Nassau. Talvez não fosse tarde ainda, se, tendo medo pela primeira vez na vida, o Bravo dos bravos não imaginasse encontrar á sua frente todo o exercito inglez e não adiasse o negocio para o dia seguinte, afim de receber as reservas. Na mesma noite, Wellington concentrou tropas em Quatre-Bras, de sorte que Ney nada mais podia fazer. O peor é que o Imperador, não recebendo noticias, acreditava que tudo ia bem. O eixo da roda já estava quebrado e Napoleão continuava sempre a rodar. Explica-se mal o que aconteceu a Ney durante essas horas fataes em que concentrava a sorte do Imperador e a da França entre as mãos. Como que a “lethargia” de Napoleão o contagiara: um vinha de acordar e o outro adormecera por sua vez.

As duas pontas do forçado não se tinham aberto sufficientemente: a da direita não attingira a estrada de Bruxellas, nem a da esquerda a estrada de Namur, onde appareceu subitamente a vanguarda prussiana de Blücher. Não obstante, o objectivo essencial da operação fôra attingido: Wellington estava separado de Blücher.

A 16 de junho, Napoleão sabe que todo o exercito prussiano marcha contra elle. “E’ provavel que dentro de tres horas a sorte da guerra esteja decidida, diz o Imperador. Se Ney executar bem minhas ordens, não escapará um canhão desse exercito”.

Soult envia a Ney uma segunda ordem: “Escrevi-vos ha uma hora que o Imperador devia atacar o inimigo na posição que tomou entre as aldeias de Saint-Amand e Brye. Nes-

te momento tudo se intensifica. Sua Majestade me encarrega de dizer-vos que deveis manobrar immediatamente de modo a envolver a direita do inimigo e a cahir-lhe com toda a força sobre a retaguarda. Esse exercito estará perdido se agirdes vigorosamente. Tendes a sorte da França em vossas mãos (479)".

A's tres da tarde a batalha estava travada nas aldeias de Saint-Amand e de Ligny. O Imperador espera Ney pelas seis horas; desde que oiga trovejar o canhão, o marechal na vanguarda dos prussianos lançará as reservas contra o centro inimigo, repellindo-o, cortando-lhe a retirada para Sombreffe e empurrando-o á ponta de espada contra as bayonetas de Ney. Dos 60.000 prussianos, nem um escapará.

Seis horas, sete horas e os canhões de Ney nada de trovejar. Subito, na vanguarda dos francezes, perto de Fleurus, apparece uma columna desconhecida, de uns 30.000 homens. De quem é? Dos inglezes, dos prussianos? Uma obscura lembrança-presentimento aperta o coração do Imperador; onde e quando foi isso, e como será agora? "Traição! Salve-se quem puder!" gritam os soldados da vanguarda da columna, e fogem. Para deter os fugitivos, foi necessario voltar contra elles os canhões francezes.

Não, não é ainda aqui, não é ainda neste momento que isto será, como foi. A columna desconhecida é de tropas do general d'Erlon que, tendo-se desprendido do exercito de Ney, haviam feito manobra errada. Ney não viera; não viria; a roda cujo eixo se partira não mais rolaria. Falhara a manobra principal; o exercito prussiano não seria destruido; mas pôde-se ainda vencel-o e separal-o do exercito inglez. O Imperador dá ordem para que as reservas tentem um supremo assalto.

Toda as baterias abrem ao mesmo tempo fogo contra as alturas de Ligny. A Velha Guarda desdobra-se em columnas por divisão. O Imperador em pessoa a conduz ao ataque.

No mesmo momento o temporal explode. Os canhões correspondem á trovoada, os fuzis aos relampagos, como se na terra e no céu fosse uma unica batalha. Napoleão recorda-se de que, vinte annos antes, no cerco de Toulon, marcha-

ra debaixo da tempestade ao ataque do reducto inglez? Entre esses dois temporaes, sua vida toda é um temporal de Deus.

Pelas oito horas, o centro dos prussianos é roto e começam elles a retirar-se. O vento impelle as nuvens para lés-te; a parte de oeste aclara-se e Blücher vê, do alto de uma collina, todo o seu exercito em fuga. Mas elle “não se dá nunca por vencido emquanto pôde continuar o combate (480)”. Atira na batalha as ultimas reservas e esse velho de setenta annos marcha para o fogo em companhia dellas, com o ardor de um mocinho.

O combate dura até a noite. O cavallo de Blücher é ferido, cae debaixo d'elle, esmaga o cavalleiro. O ajudante de campo Nostiz atira-se para soccorrel-o. Um esquadrão de couraceiros francezes passa, numa investida, junto dellas, quasi sobre elles, e não os reconhece na obscuridade. Nostiz chama os dragões prussianos; desembaraçam Blücher, bastante maguado e meio fóra de si, debaixo do cavallo, collocam-no num cavallo de sub-official, levam-no para longe do campo de batalha na torrente de fujões. Estes eram innumeraveis. No dia seguinte oito mil foram detidos em Liège e em Aix-la-Chapelle.

“O velho Blücher levou uma boa tunda. Eil-o recuando dezoito milhas, diz Wellington, com seu riso habitual que se assemelha ao ranger de um prego em vidro. — Devemos aguentar outro tanto. Dirão na Inglaterra que fomos sovados, mas não ha outro remedio (481)”.

Na manhã de 17, Napoleão é scienticado de que os prussianos se retraem para Liège e de que Wellington resiste ainda em Quatre-Bras; Ney, todavia, continua em estado lethargico.

“Emquanto vou marchar contra os inglezes, ide perseguir os prussianos”, diz elle ao marechal Grouchy, sem ter consciencia do peso fatal de suas palavras.

Grouchy talvez tenha mais consciencia desse peso. Nunca ainda, no decurso de sua longa carreira, se vira a braços com tamanha responsabilidade; cabia-lhe combater todo o exercito prussiano, derrotado, é verdade, mas ainda temivel

como um javardo ferido e furioso. Valente general de cavallaria, elle é constante, intelligente, pontual; mas é “o homem de uma só hora, de uma só manobra, de um só esforço (482)”; tactico local e não estrategista de conjunto. O peor é que elle sente isso e, no momento da acção, será encadeado, paralyzado por esse sentimento. Mas um marechal de França pôde dizer: “Sire, dispensae-me, tenho medo?” A lingua não lh’o permittiria. De resto, é tarde demais; o Imperador põe á sua disposição um corpo de exercito de 33.000 homens se dá-lhe por missão penetrar os intentos de Blücher, saber em que direcção vae elle, se tem por objectivo reunir-se a Wellington e se pôde conseguil-o.

Oh, se Napoleão soubesse o que fazia! Mas não sabia, não via nada; alguém o conduzia pela mão como a um cego.

Já elle acabou com Blücher; resta Wellington. Pelo meio-dia, o Imperador com a cavallaria ligeira que seguia de perto as outras tropas, atira-se na estrada de Namur para Quatre-Bras. Mas, em caminho, informam-no de que Wellington partiu ou está a ponto de partir, só ficando a cavallaria de Lord Uxbridge, encarregada de defender a retirada do exercito. Hontem Blücher lhe escapou. Hoje será Wellington. “Não obtenho então uma vantagem sem que se siga immediatamente um insuccesso?” Se alguém não lhe tivesse servido de obstaculos, se o Invisivel não se tivesse posto de permeio, Napoleão não flanaria agora, como já o fizera Ney; começaria a mover-se seis horas antes e já haveria attingido, esmagado Wellington, acabando de uma assentada com toda a campanha. Mas talvez não seja ainda tarde demais.

Os couraceiros, os caçadores, os lanceiros e as baterias a cavallo, movem-se a trote largo. O Imperador os precede com os esquadrões de serviço.

Lord Uxbridge, logo que sabe da aproximação dos francezes, corre para a estrada de Namur. Encontra ahi Wellington, prompto para a partida. Os francezes estão ainda muito longe e só se percebem scintillações de aço. “São as bayonetas”, diz Wellington; mas, olhando com o oculo, reconhece os couraceiros; passa o commando a lord Uxbridge,

monta a cavallo e atira-se a galope atraz do seu exercito em retirada pela estrada de Bruxellas, em direcção ao norte — para Waterloo.

Eram duas horas da tarde. Grossas nuvens, impellidas pelo vento, amontoavam-se no céu. O temporal vinha de noroeste. Quatre-Bras estava já na penumbra, enquanto a estrada pela qual avançavam os francezes permanecia aclarada pelo sol.

Lord Uxbridge está a cavallo, perto de uma bateria ligeira cujos canhões se voltam para o lado dos francezes. De repente, percebe-se ao longe, no cume de uma collina, um cavalleiro, seguido de uma pequena escolta. Cavalleiro e cavallo, illuminados por traz, parecem negros, como esculpidos em bronze sobre o céu claro.

“Fogo! Fogo! grita lord Uxbridge, reconhecendo o Imperador. E boa pontaria!” Os canhões rugiram.

Napoleão fez avançar uma bateria a cavallo da Guarda. Mas Uxbridge não continúa o duello; tem medo de que os francezes estejam muito perto; dá ordem de retirar as peças e de partir logo.

No mesmo momento rebenta a tempestade. A’ luz dos relampagos e ao estrondo dos trovões, afrontando o furacão e a chuva que os fustiga, hussardos e artilheiros galopam em misturada, “como loucos”. “Parecia uma caça á raposa”, refere uma testemunha.

“Mais depressa, mais depressa, pelo amor de Deus!” grita lord Uxbridge, tão apavorado quanto se fosse perseguido, em meio aos trovões e aos relampagos, pelo Cavalleiro do Apocalypse (483).

Os inglezes fogem pela estrada de Bruxellas, rumo do norte, na direcção de Mont-Saint-Jean-Waterloo, onde todo o exercito inglez se retirara desde manhã. Só depois de Genappe, tendo atravessado o Dyle e ajustado as baterias na outra margem, é que Uxbridge começa a replicar. Bem cedo os francezes, tendo-o feito cambalhotar, empurraram-no para longe, mas já a perseguição esmorecera: a chuva transformara a estrada em torrente e os campos em pantanaes onde os cavallos se enterravam até os jarretes.

Pela tarde attingiu-se a granja da Bella Alliança, erguida num platô, ao lado de uma collina. Em frente se encontrava uma outra elevação com um platô identico, o monte Saint-Jean, occupado por Wellington. Todo esse trecho se chamava Waterloo, do nome de uma pequena aldeia situada na vanguarda dos inglezes. Um profundo valle separava as duas altitudes. Do cimo das collinas descobriam-se a perder de vista campos immensos, ondulados apenas, cobertos de seáras rumorejantes, cortadas de onde em onde por pequenos bosques e aldeolas dominadas pelos campanarios esguios — a velha e pacifica Flandres. Mas a chuva da tarde tudo envolvia num manto de chumbo.

A cavallaria ingleza desceu ao valle e escalou com esforço a escorregadia encosta do monte Saint-Jean.

Napoleão parou, não sabendo se tinha deante de si todo o exercito de Wellington ou unicamente uma força de vanguarda. Deu ordem para abrir o fogo de ensaio; á resposta das baterias inimigas comprehendeu que todo o exercito inglez estava ali.

Era tarde demais para começar o combate; aliás as principaes forças dos francezes estavam ainda longe na retaguarda.

“Quizera ter o poder de Josué para retardar a marcha do sol!” gritou o Imperador (484).

A batalha foi adiada para o dia seguinte, 18 de junho; Napoleão fixou acampamento em torno da Bella Alliança e elle proprio se installou pela noite na granja do Caillou, lindo casinholo que viera de ser pilhado e emporcalhado pelos brunswiquezes. Mandou accender um grande fogo para seccar-se; a chuvarada molhara-o até os ossos, “como se sahisse do banho”.

A's 9 da noite o Imperador soube pelo relato dos batedores que Blücher se dirigia não para Liège, mas para Wavre, isto é, procurava de novo reunir-se a Wellington. Mas esse relato não o alarmou: trinta e seis horas depois da tunda de Ligny, com trinta mil francezes no rastro, Blücher arriscaria u'a marcha de flanco de Wavre ao monte Saint-Jean? E, mesmo se o ousasse, o exercito prussiano, derro-

tado, desmoralizado, estaria em condições de acceitar o combate?

O Imperador mal dormiu; levantou-se a uma hora, fez a inspecção completa dos postos avançados, apenas acompanhado do general Bertrand e sempre debaixo d'agua. Tinha bastante receio de que Wellington cahisse no mundo. Apurou ouvidos, mergulhou os olhos na obscuridade, tentou ver através da chuva; não havia fogos de bivaques e movimento no acampamento inglez? Não, tudo ahi era sombra e silencio; tudo dormia com um somno de morte.

Mal apontava o dia quando o Imperador reentrou no Caillou. Uma carta de Grouchy esperava-o; Blücher marchava em duas columnas, uma parecendo dirigir-se para Liège e outra para Wavre; se a marcha para Wavre fosse confirmada, elle, Grouchy, perseguiria Blücher, afim de impedir que elle se juntasse a Wellington. Bravo Grouchy! Sua actividade differe da "lethargia" de Ney! O Imperador sente-se tão tranquillizado que nem sequer lhe envia novas instrucções; tudo estava claro, como dois e dois fazem quatro. Mas que dois e dois possam fazer cinco, se o Destino assim o decide, era a cogitação que lhe escapava. Ah! se elle tivesse ouvido na vespera o adolescente de setenta annos, o feld-marchal "Vorwaerts-Para a frente", deitado na palha e gemendo de dôr, resmungar: "Far-me-ei amarrar no cavallo de preferencia a faltar á batalha!" Tal é Blücher, o filho; tal é a Prussia, a mãe; ella é toda: "Para a frente!" Aos olhos da Prussia, nesse momento, dois e dois fazem cinco.

Na manhã seguinte, os espiões, e em seguida os officiaes mandados em reconhecimento e desertores belgas vieram informar Napoleão de que o exercito inglez não se mexera durante a noite. A batalha terá logar e será a victoria, tão segura, quanto dois e dois fazem quatro. O sol pallido que apontava através das nuvens — o sol resuscitado de Austerlitz — "ia illuminar a perda do exercito inglez (485)".

Uma unica cousa inquietava o Imperador: não poder encetar a luta quando quizesse e julgasse necessario, porque, se a chuva cessara, a lama era tal que seria impossivel manobrar as peças, antes que ella seccasse; ora, cada minuto de atrazo favorecia Blücher.

Napoleão, roído de impaciencia, andava de cá para lá em seu quarto; ás vezes parava perto da janella para olhar o céo.

Ás cinco horas deu ordem de começar o ataque ás nove; mas ás nove horas as tropas não se encontravam ainda em posição de combate; limpavam as armas, preparavam a sopa.

— O exercito inimigo é superior ao nosso mais de um quarto. Apesar disso, temos noventa probabilidades a nosso favor, diz Napoleão, almoçando na granja do Caillou com os generaes.

Agora apparece Ney, que não estava mais em “lethargia”; despertara na vespera, em Quatre-Bras, e comprehendera o que fizera. Mas seu ar era tão lamentavel que o Imperador não teve coragem de reprehendel-o como merecia.

— Sem duvida, Sire, se Wellington fôsse tão simplorio que vos esperasse, diz elle ao ouvir as palavras do Imperador. Mas devo annunciar-vos que sua retirada se accentua e, se não vos apressardes a atacal-o, o inimigo vos escapará.

Napoleão respondeu-lhe que elle vira mal, que não era mais tempo e Wellington se exporia a uma perda inevitavel. O inglez atirara os dados e estes eram pelos francezes.

O marechal Soult aconselhara na tarde da vespera chamar metade das tropas commandadas por Grouchy; esses homens seriam bem mais uteis na grande batalha que iam ferir contra o exercito inglez, tão firme, tão temivel. De manhã repetiu elle seu aviso.

— Porque fostes batido por Wellington, vós o olhaes como um grande general, replicou brutalmente o Imperador. E eu vos digo que Wellington é um máo general, que os inglezes são máos guerreiros e serão engulidos em tres garfadas!

O general Reille entrou. Napoleão perguntou-lhe o que pensava do exercito inglez.

— Bem localizada, como Wellington sabe fazel-o, e atacada de frente, a infantaria ingleza parece inexpugnavel, em razão da sua tenacidade calma e da superioridade de seu tiro... Mas, se não é possivel vencel-a em ataque directo, pôde-se fazel-o mediante certas manobras (486).

Reille conhecia bem os inglezes por ter combatido contra elles na Hespanha; Napoleão, ao contrario, conhecia-os mal. Deveria ouvir Reille, mas não o fez. Aquelle que na vespera lhe fechara os olhos sobre Grouchy, fecha-lhe hoje os ouvidos ás palavras de Reille.

O céu aclarava-se, o sol brilhava; um vento vivo seccava os caminhos. Os officiaes de artilharia annunciaram que bem cedo as peças poderiam ser manobradas. Napoleão monta a cavallo e passa em revista as tropas. “Jámais, diz uma testemunha, gritaram “Viva o Imperador!” com maior entusiasmo; foi um delirio. E o que tornava a scena mais solemne e emocionante era que, em frente a nós, a mil passos talvez, se via distinctamente a linha vermelho-escuro do exercito inglez (487)”.

Nesse instante, os francezes comprehenderam melhor que nunca que a sorte, não sómente da França, mas tambem do Homem — da Humanidade — ia decidir-se ali.

Pelas onze horas, as tropas continuavam ainda a formar-se. Napoleão deu ordem de atacar a uma hora. A despeito do aviso de Reille, resolvera não manobrar e sim cahir direito sobre o centro inglez para perfural-o e atiral-o além do monte Saint-Jean, agindo em seguida de accordo com as circumstancias, como quem já teria a victoria nas mãos. Tal qual aos trinta annos, no meio-dia da aventura, elle “joga tudo contra tudo (488)”.

As onze horas e um quarto, Napoleão ordena uma pequena operação preliminar contra um posto avançado inglez, o castello de Hougoumont, situado ao fundo de uma ravina, em meio a um bosque.

O primeiro tiro de canhão estrondou; officiaes inglezes tiraram o relógio e olharam a hora: eram onze e meia.

Hougoumont é apenas o preludio do combate, mas é tão mortifero que se póde julgar por elle o que será a batalha em si mesma. Durante esse tempó, Napoleão preparava o grande ataque. Fez collocar á frente e á direita da Bella Alliança uma bateria de oitenta peças para canhonear o centro inimigo. Era perto de uma hora. Ney sciificou o Imperador de que tudo estava prompto e esperava ordem de atacar. Antes que a fumaça da bateria levantasse uma

cortina entre os outeiros, Napoleão atirou um ultimo olhar ao campo de batalha. Cerca de duas leguas, a noroeste, e a meio caminho de Wavre, percebeu uma especie de nuvem carregada que parecia sahir dos bosques de Chapelle-Saint-Lambert. Compreendeu immediatamente do que se tratava, mas, não obstante, pediu a opinião dos officiaes de seu estado-maior. Os commentarios differiam: uns affirmavam que era um mattagal ou a sombra de uma nuvem; outros que era uma columna em marcha, em uniformes francezes ou em uniformes prussianos. Soult assegurou distinguir claramente um corpo numeroso.

O coração do Imperador comprimiu-se numa sombria lembrança-presentimento: onde, quando fôra isso, quando viria a ser? Já será Blücher? Não, ainda não. Um sub-official prussiano prisioneiro declara que é a vanguarda do general Bulow que se aproxima de Saint-Lambert. Napoleão espera ou quer esperar apenas um corpo destacado e não todo o exercito prussiano, porque o prisioneiro tem a cautela de occultar que o exercito todo seguia Bulow.

“O general Bulow deve atacar-nos pelo flanco direito, escreve Napoleão a Grouchy. Nada de perder um instante para ligar-vos a nós e esmagar Bulow, que apanhareis em flagrante (489)”.

“Tinhamos esta manhã noventa probabilidades em nosso favor. Temos ainda sessenta contra quarenta. Se Grouchy reparar a horriavel falta que praticou divertindo-se em Gembloux e marchar com rapidez, a victoria tornar-se-á mais decisiva, porque as tropas de Bulow serão inteiramente destruidas”, diz o Imperador a Soult (490). Este conservava um triste silencio, mas poderia recordar-lhe o sensato conselho de tirar a Grouchy a metade das tropas.

Pelas duas horas, o Imperador enviou ao marechal Ney ordem de atacar; perdeu-se metade do dia, numa situação em que cada hora, cada minuto favorecia Bulow.

Quatro divisões de infantaria descem a ravina; a mór parte fica em baixo, perto de Hougoumont, ainda não tomado, e da Haye-Sainte, outro posto avançado inglez, mas algumas columnas escalam a encosta escorregadia do monte Saint-

Jean; já correm pelo platô; ainda alguns passos para fortificarem-se nas posições e darem tempo á cavallaria de reserva “de descarregar a marretada”, e será a victoria (491). No mesmo instante um contra-ataque da cavallaria ingleza atira-os na ravina.

As tres horas, a batalha acalma-se, como se ella repou-sasse, recolhesse as forças.

O unico objectivo de Wellington era resistir até a chegada de Blücher. Mas este tardava e no estado-maior inglez temia-se não poder fazer face a um segundo assalto.

Napoleão o ordena a Ney lá pelas tres e meia, e o prepara por um fogo de artilharia tal que “nunca os mais velhos soldados haviam ouvido semelhante canhoneio (492)”.

Esse segundo ataque falhou tambem; a vaga soergueu-se, esbarrou no rochedo e desfez-se em mil gotas. Reille tinha razão: não se pôde vencer o exercito inglez por um ataque de frente; é preciso manobrar, mas agora é muito tarde.

Desde o começo da acção, Ney imaginava um grande ataque de cavallaria sob seu commando pessoal, afim de resgatar Quatre-Bras. Sem esperar a ordem do Imperador, apressou-se, formou em esquadrões, no concavo do valle, cinco mil couraceiros, lanceiros vermelhos e caçadores a cavallo da guarda, e conduziu-os contra o monte Saint-Jean. Essa vaga, quebrando-se como a precedente, recahiu na ravina, mas levantou-se de novo e desta vez foi mais longe que nunca; já os couraceiros francezes galopavam no platô, apoderando-se dos canhões, rompendo as linhas inimigas.

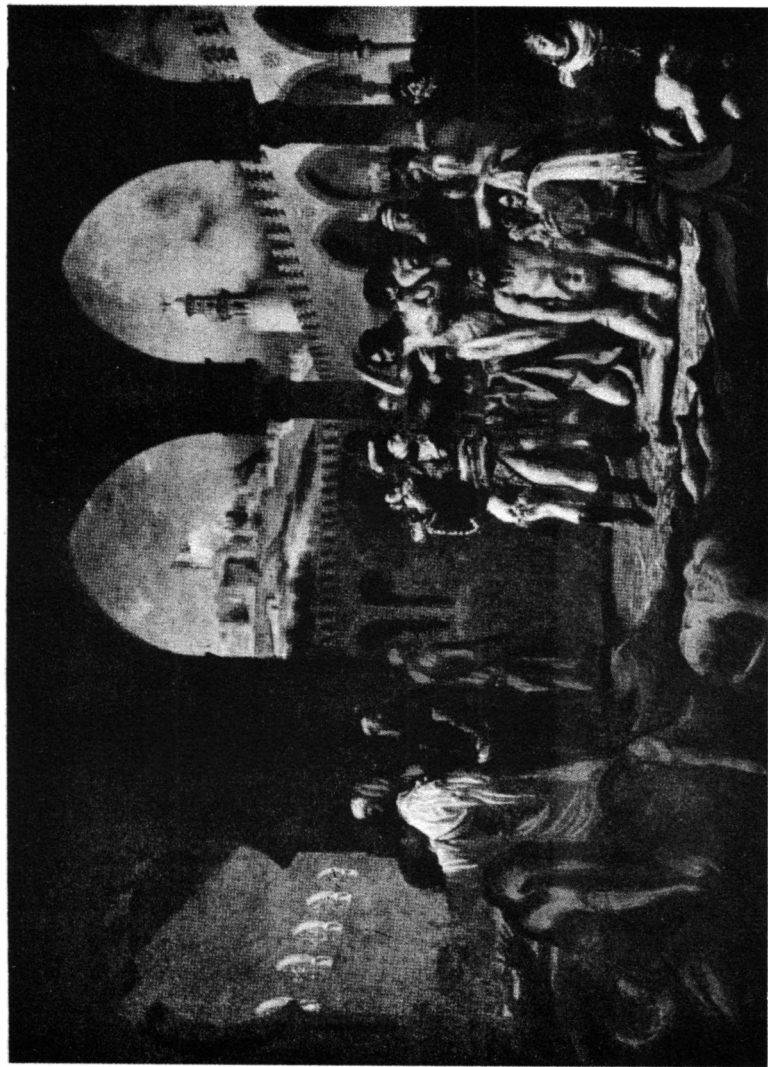
O coronel de artilharia Goulde diz a Mercer:

— Creio que está tudo acabado (493).

— Victoria! Victoria! — gritam os generaes em torno do Imperador.

Mas este mostra-se surpreso e descontente de que sem sua ordem lançassem ao assalto a sua melhor cavallaria.

— Eis um movimento prematuro que poderá ter resultados funestos nesta jornada, diz elle circumvagando um longo olhar pelo campo de batalha. Depois, em seguida a um ligeiro silencio, accrescentou: — Hóuve adeantamento de



BONAPARTE VISITA OS PESTOSOS DE JAFFA
Fig. 19
(QUADRO DE I. A. GROSS)



BATALHA DE FRIEDLAND

(QUADRO DE J. VERNET)

uma hora, mas é preciso aguentar o que está feito, e ordenou á cavallaria de Kellermann fosse em soccorro de Ney.

E' muito cedo ou muito tarde, talvez elle proprio não o sabia direito, porque a situação se torna cada minuto mais e mais perigosa; o Imperador dirige a um tempo duas batalhas: de frente contra os inglezes, e de flanco contra os prussianos.

Já Bulow se avizinha e occupa a pequena localidade de Plancenoit, o flanco direito dos francezes, ameaçando tomalos ao revés e cortar-lhes a retirada. A Joven Guarda mal pôde conter o ataque.

No monte Saint-Jean a situação é sempre a mesma; as vagas succedem-se e despedaçam-se. Parece aos francezes que isso não acabará nunca, mas os inglezes sabem que haverá um fim: "O centro da linha estava aberto, diz uma testemunha. Em nenhum momento o desfecho da batalha foi menos duvidoso".

Wellington começava a perder a imperturbabilidade. "E' preciso que a noite ou os prussianos cheguem", murmura elle, mantendo-se ao pé de um grande olmo plantado na intersecção da estrada de Bruxellas e do caminho de Ohain, onde elle permaneceu durante todo o combate. Officiaes chegavam de todos os lados para expôr-lhe a situação desesperada em que se achavam e pedir-lhe novas ordens.

"Não ha outras ordens senão resistir até o ultimo homem", respondia Wellington (494).

Ney viu ou sentiu que a linha ingleza vergara; um punhado de tropas frescas bastaria talvez para dar-lhe o golpe de misericordia. Manda um ajudante de campo pedir ao Imperador um pouco de infantaria. "Tropas! grita este. Onde querem que eu as arranje? Querem que as fabrique (495)"?

Fôra assim que elle já respondera no reducto de Schevardino, quando repulsara a victoria como um amante saciado repulsa a amante, o que não havia feito nem em Marengo nem em Arcole. Um signal de morte maculou subitamente de negro o corpo resplandecente do resuscitado.

Havia ainda oito batalhões da Velha Guarda e seis batalhões da Guarda Média. Se no momento elle dêsse a me-

tade ao marechal Ney, “esse reforço talvez fosse decisivo”, confessa o melhor historiador inglez de Waterloo (496). Mas Napoleão, sem reservas de cavallaria, julgava a Velha Guarda insufficiente para defender sua propria posição. O momento não era menos critico para elle que para Wellington. A Joven Guarda fraquejara debaixo do arranque de Bulow; os obuzes prussianos escarvavam o terreno perto da Bella Alliança; o flanco dos francezes desbordava e estavam ameaçados pela retaguarda.

O Imperador mandou formar onze batalhões da Guarda em outros tantos quadrados e os collocou em frente a Planenoit, ao longo da estrada de Bruxellas; enviou dois batalhões para retomar aos prussianos a pequena aldeia. Em vinte minutos elles a atacaram e a retomaram.

E’ mais de sete horas, mas o sol se deita num céu claro; será dia por duas horas ainda. Essas duas horas decidirão de tudo.

Subito, ao longe, de nordeste, do lado de que viera Bulow, chega um rumor de canhoneio; este augmenta, aproxima-se, estronda para as bandas de Limale, a uns doze kilometros. E’ elle, é emfim, elle, Grouchy! Bravo Grouchy! Não foi madraço e chega a tempo, attingiu Bulow e está em via de bater-se com elle; vencedor ou não, elle o reterá, o impedirá de juntar-se aos inglezes. A mão que, tantas vezes, salvou Napoleão á borda do abysmo, salvou-o-á ainda.

Os proprios francezes vêem agora que a linha inimiga cedeu. Wellington já atirara em combate as ultimas reservas: o Imperador ao menos o crê, emquanto que elle possui ainda sua Velha Guarda, seus invenciveis. Manda avançar os nove batalhões que tinham sido dispostos em quadrados na estrada de Bruxellas; põe-se á frente do primeiro quadrado e o conduz para o supremo assalto, contra a Haye-Sainte á orla da ravina, em plena fornalha.

Esse ataque poderia ser decisivo meia hora antes, quando Ney pedia reforço. Mas agora é demasiado tarde. Wellington teve tempo de reforçar-se e de reanimar-se; já informado, percebendo na estrada de Ohain alguma cousa que as collinas occultam ainda aos francezes da Bella Alliança.

Mas o Imperador ao fundo da ravina viu tambem: são as tropas de Blücher! Grouchy flanou e não chegou a tempo, não salvou nada. A mão que vinha de elevar Bonaparte acima do abysmo atira-o de novo nelle. Entretanto, seu rosto permanece tão calmo quanto em Arcole e em Marengo. Basta aos homens olhal-o para ver a victoria.

Elle encarrega varios officiaes de percorrer a linha de batalha annunciando por toda parte a boa nova: “Chegou Grouchy, estamos salvos!” e os homens, vendo a verdade, crêem na mentira. “Viva o Imperador!” gritam elles tão freneticamente que cobrem com as aclamações o barulho do canhoneio. Os feridos, os moribundos se levantam para gritar tambem. Um velho soldado de Marengo, sentado, as pernas esmigalhadas por um obuz, repete aos que vão para o fogo, em voz alta e firme: “Não é nada, camaradas. Para a frente! e viva o Imperador (497)!”.

Entre a Haye-Sainte e Hougoumont, na fornalha, os cinco batalhões da Guarda avançam sózinhos contra o exercito inglez. Marcham de arma ao braço, alinhados como numa revista das Tulherias, soberbos e impassiveis.

Todos os generaes estão á frente, ao lado de Ney e Friant, expondo-se em primeiro lugar aos golpes. Ney rola por terra com seu cavallo, o quinto morto debaixo d'elle. Desembaraça-se, levanta-se e vae seguindo a pé, a espada desembainhada. A artilharia ingleza atira em cargas furiosas de metralha, a partir de duzentos metros. A Guarda é batida de frente e obliquamente. Succedem-se as bréchas. Os granadeiros apertam as filas, estreitam o quadrado e continuam a subir no mesmo passo, gritando: “Viva o Imperador!” Os inglezes mantêm-se firmes, executando a ordem de Wellington: “Resistir até o ultimo homem”.

“Vamos ver mais gente liquidada”, diz um velho soldado, mordendo seu cartucho (498).

Dois batalhões francezes quasi attingiram o cimo do monte Saint-Jean sem encontrar nenhum adversario. Subito, a vinte passos, levanta-se uma parede vermelha. Esses homens esperavam deitados nos trigaes. Ao commando “Up, guards, and at them” — Guardas, de pé e para cima delles! levantaram-se como movidos por uma mola. Fazem ponta-

ria e atiram; na primeira descarga ceifam trezentos homens, quasi a metade dos dois batalhões já dizimados pela artilharia. Os francezes estacam, as fileiras desfalcadas pelos mortos e feridos. Em vez de commandar a investida a bayoneta, os officiaes esforçam-se em refazer a linha e durante dez minutos os homens se immobilizam debaixo do duplo fogo das balas e da metralha; emfim, têm de vergar-se.

Wellington, vendo a Guarda ceder, ordenou a carga. Os inglezes correram de cabeça baixa sobre esse punhado de soldados, empurrando-os e arrastando-os, confundidos com os atacantes, em furioso corpo a corpo até o fundo da ravina. “Os combatentes estavam tão misturados que tivemos de interromper o fogo”, diz um official inglez (499).

“A Guarda recua”! esse grito resouu em toda a linha franceza, como o dobre de finados do Grande Exercito.

No mesmo instante as tropas de Blücher desembocam do caminho de Ohain e atacam os francezes. “Fomos traídos! Salve-se quem puder!” gritam estes e fogem. Isso só podia ser uma traição: o proprio Imperador acabava de dizer: “Grouchy”, e quem apparecia era “Blücher”. Wellington quer liquidar esse exercito ferido de morte. Impelle o cavallo até a borda do platô, descobre-se e agita o chapéo no ar. As tropas comprehendem esse signal do commandante. Instantaneamente, os batalhões, as baterias, as diversas divisões se arremessam para a frente, passando por cima dos mortos, esmagando os feridos sob as patas dos cavallos e as rodas dos canhões. Da direita para a esquerda, inglezes, hanovrianos, belgas, brunswiquezes, holandezes, prussianos desembocam em torrentes, ao som dos tambores, das cornetas e das gaitas escossezas, nas primeiras sombras do crepusculo.

Os francezes fogem para a Bella Alliança. Os hussardos e os dragões inglezes perseguem-n’os, a espaldeiral-os. “No quarter! No quarter!” gritam elles furibundos.

O Imperador vê tudo — mas era como se não visse nada. Tem o rosto somnolento, immovel, lethargico; dormia, acordou e agora tornou a adormecer; estava morto, resuscitou e morre de novo.

Sua alma dorme, mas o corpo véla, desloca-se. Elle dispõe os tres ultimos batalhões em outros tantos quadra-

dos, no fundo, da ravina, cem metros abaixo da Haye-Sainte; o quadrado da direita sobre a estrada de Bruxellas, para que ao abrigo desse dique o exercito possa reunir-se e escoar. Elle proprio está a cavallo em meio ao quadrado. Em sua alma morta só vive um pensamento: “Devo morrer aqui! Devo morrer no campo de batalha (500)”! Mas os homens são fulminados ao lado d'elle, pela frente, por traz, por toda a parte, e nem um obuz para elle! Alguem véla sobre elle. Por que?

Não longe da estrada, Ney, a pé, cabeça descoberta, irreconhecivel, a face negra de polvora, o uniforme em farrapos, uma dragona cortada a golpe de sabre, um pedaço de espada na mão, grita com raiva ao conde d'Erlon, que um redemoinho da derrota envolve:

— D'Erlon! Se escaparmos, eu e tu, seremos enforcados!

Detendo os fugitivos, atira-os de novo contra o inimigo:

— Vinde ver morrer um marechal de França (501)!

Todo mundo em torno d'elle está fóra de combate, mas elle se agarra ainda a esse campo de batalha onde quer encontrar a morte.

Os tres batalhões da Guarda permanecem sempre em quadrados, investidos por um granizo de metralha pela frente, por traz, pelos dois lados. Emfim, o Imperador dá ordem de abandonar a posição. Elles se retraem lentamente, passo a passo, não mais em quadrados — são muito poucos para isso — mas em triangulos, bayonetas cruzadas, e furando a parede dos inimigos, totalmente cercados por elles, como javali acuado por u'a matilha. O contacto era tão estreito que, máo grado o barulho do canhoneio, ouviam-se as vozes de uma frente a outra.

— Rendei-vos! Rendei-vos! gritam os inglezes.

O general Cambronne, exasperado por esses gritos, responde por uma injuria:

— M...!

E ferido por uma bala em plena frente, cae para traz (502).

A palavra de Cambronne exprime o sentido de Waterloo. Que significa essa victoria de Wellington e de Blücher sobre Napoleão?

“Excepto a guerra, Wellington não tem duas idéas na cabeça (503).” Blücher não as tem muito mais. Wellington sabe que é preciso resistir, mas resistir para quem — para a Inglaterra ou para a plutocracia ingleza, elle não sabe direito. Blücher sabe que é preciso ir “para a frente”, mas ir aonde e por quem — pela Prussia ou pelas bayonetas prussianas, elle não o sabe muito melhor.

Napoleão o Homem concebeu a mais sublime das idéas humanas: a paz do mundo, a união fraternal dos povos, o reino de Deus na terra; que elle não saiba como realizar essa idéa, que, procurando attingir o paraíso através do inferno, elle fique no inferno, nem por isso essa idéa é menos sublime, e a victoria de Wellington e de Blücher sobre Napoleão é a derrota da Razão pelo Absurdo. Waterloo decidiu dos destinos do mundo, e se essa decisão é definitiva, é que o mundo não é digno de Napoleão o Homem e não passa de estercor humano, — “M...!”

Á noite, o Imperador aguardava as suas tropas em retirada em Quatre-Bras, numa clareira, perto de um fogo de bivaque acceso por alguns granadeiros da Velha Guarda. Conservava-se de pé, os braços cruzados, immovel como uma estatua, os olhos fixos, voltados para Waterloo. Um official, que se encontrava a cavallo em meio dos fujões, aproximou-se d'elle e disse-lhe:

“Sire, retiraie-vos, porque ninguem mais vos defende.”

O Imperador continuava em silencio, como se nada tivesse ouvido; o official olhou-o no rosto e viu que elle chorava (504).

Os mortos não choram; logo, elle está vivo, resuscitou uma vez ainda. Os vivos tambem não choram uma desgraça muito grande: logo a desgraça não é tão grande assim.

De manhã, elle escreve de Philippeville a seu irmão José, em Paris: “Nem tudo está perdido; reunindo minhas tropas, as reservas, as guardas nacionaes posso ter desde logo trezentos mil homens a oppôr ao inimigo. Mas é preciso que me ajudem em lugar de atordoar-me... Creio que os deputados sentirão que seu dever é reunir-se a mim para salvar a França (505)”. Em outras palavras: Waterloo não é uma

grande desgraça. O raio não lhe mordeu a alma e deve ter escorregado.

Partindo de Philippeville para Paris, Napoleão desceu na tarde de 20 de junho no hotel da Posta de Laon. Pela grande porta aberta, viam-no da rua andar de um lado para outro, a cabeça inclinada, os braços cruzados no peito. Havia no pateo montões de estrume vindos das cavallariças proximas. Um dos espectadores disse em voz baixa:

— É Job na sua esterqueira (506).

“Nú sahi do ventre de min’ha mãe e nú voltarei para elle. O Eterno m’o deu, o Eterno m’o tirou; bemdito seja o nome do Eterno!” Napoleão não o dirá porque não sabe a quem dizel-o. Mas ha na sua alma uma paz e uma serenidade estranhas. “Difficilmente me acreditareis, mas não lamento de modo algum as minhas grandezas; vós me vêdes fracamente sensível ao que perdi”, dirá elle em Santa-Helena (507), e, “Job em sua esterqueira”, poderia dizel-o no dia seguinte a Waterloo.

Elle comprehendeu — recordou — que a vida não é senão um sonho que se repete na eternidade, a revolução de uma existencia humana é semelhante á do sol: a alva, o levante, o meio-dia, a tarde, o poente, a noite.

A NOITE

I

SEGUNDA ABDICAÇÃO

(1815)



“Que valeria a um homem ganhar o mundo inteiro, se perdesse sua alma? Ou o que daria o homem em troca de sua alma?” E essas palavras podiam servir de epigraphe á “noite” de Napoleão.

Durante seus ultimos annos, como durante toda a sua vida, elle não pensou em absoluto na alma; poder-se-ia mesmo dizer que nem se lembrava de ter uma. Mas a alma do heróe se recordava de si mesma e se salvou a despeito de tudo, a despeito d'elle proprio.

Numa formosa allegoria, o poeta russo Lermontov comparava a alma de uma nobre criatura e uma estrella. Lermontov, tão proximo pelo espirito de Napoleão, parece ter encontrado essa allegoria para o vencido de Waterloo. A “estrella”, o destino sobrenatural de Napoleão, é precisamente sua alma humana, destacada d'elle; é um deus que vive nelle, acima d'elle.

“Quero por amigos quinhentos milhões de homens!” assim sonhava elle no fastigio da grandeza e da força (508). Defendia-se dos que o accusavam de não ter um coração sensivel: “Sou um homem bom. Mas, desde a mais tenra infancia, habituei-me a fazer silenciar essa corda e agora resta muda (509).”

Muda, mas não de todo; sua alma despertou, levantou-se acima d'elle e perdeu-o para salvar-se.

“Eu me offereço em sacrificio.” Estas palavras da segunda abdicação de Bonaparte, tão incríveis, tão estranhas em sua bocca, poderiam tambem servir de epigraphe á sua “noite”: parece que não era elle quem falava e sim o destino sobrenatural, sua alma, sua Estrella.

Tres dias depois de Waterloo, em 21 de junho, ás oito da manhã, Napoleão estava de volta ao Elyseu. Parecia estafado. Rosto de um pallor de cêra, olhos apagados.

“Não posso mais... Preciso de duas horas de descanso... Isto aqui me suffoca! diz elle, levando a mão ao peito, a Caulaincourt, ministro dos Negocios Estrangeiros, que o acolhera á descida da carruagem. — Oh! o Destino! Tres vezes vi a victoria escapar-me... Emfim, nem tudo está perdido... Reencontrarei homens e fuzis. Tudo póde ser reparado (510).”

Depois de tomar um banho quente, foi directamente ao Conselho dos ministros.

“Nossas desgraças são grandes! disse elle depois de um ligeiro resumo dos acontecimentos militares. — Vim para suggerir á nação um forte e nobre devotamento... Que a França se erga e o inimigo será esmagado. Tenho necessidade, para salvar a patria, de ser revestido de um grande poder, de uma dictadura temporaria. Dado o interesse publico, poderia investir-me desse poder, mas será mais util e mais nacional que as Camaras m’o concedam (511).”

Os ministros guardam um silencio carrancudo. Napoleão interpella-os um a um, e elles respondem evasivamente.

— Falae com clareza. É a minha abdicação que elles querem? pergunta o Imperador.

— Receio que sim, Sire, responde o deputado Regnaud, o “seide” do ministro da Policia, Fouché.

— Se a Camara não quer secundar o Imperador, elle passará sem ella! grita Luciano, irmão de Napoleão.

— A presença do inimigo no sólo da patria dará, eu o espero, aos deputados, o sentimento dos seus deveres, insiste o Imperador. — A nação os nomeou, não para derrubar-me, mas para me sustentar. Eu não os temo em nada... Se dissesse uma palavra, elles seriam todos derrubados. Mas, não receando nada por mim, tudo receio pela França. Se

desandarmos a discutir, tudo estará perdido. Ao passo que o patriotismo da nação, seu odio pelo estrangeiro, seu devotamento á minha pessoa, nos offerecem ainda innumerous recursos.

E logo entrou a expôr o plano de uma nova campanha com tanto brilho que os ministros ficaram galvanizados, esquecendo Waterloo: Napoleão, “o deus da guerra, o deus da victoria”, resuscitava deante delles.

— Diabo de homem, diz algumas horas mais tarde Fouché a seus novos amigos os realistas, elle me fez medo esta manhã. Ouvindo-o, acreditei que elle ia recommençar. Felizmente não recommençará.

Emquanto corriam no Elyseu, a Camara agia. Approvava-se esta moção: “A Camara dos representantes declara-se em permanencia. Toda tentativa para dissolver-a é um crime de alta traição; quem quer que se torne culpado dessa tentativa será traidor á patria”.

Napoleão comprehendeu o que isso significava.

— Devia ter despedido essa gente antes de minha partida. Está acabado. Elles vão perder a França, diz elle no mesmo dia, na segunda sessão do Conselho dos ministros, e accréscenta baixinho, como se falasse a si mesmo: “Abdicarei se for necessario.”

Á tarde, acompanhado de seu irmão Luciano, sahiu para o jardim, separado da rua por um fosso e um muro muito baixo, em parte desmoronado.

“Viva o Imperador! Armas! Armas” — não cessava de gritar a multidão na rua.

— Então! diz Luciano. Ahi está o pensamento do povo... Uma palavra e os inimigos do Imperador succumbirão. E é assim em toda a França. Convém abandonal-o aos facciosos?

O Imperador saudou com a mão a turba ululante e respondeu a Luciano:

— Sou eu um homem em condições de submeter uma Camara transviada á união que poderá salvar-nos? Ou sou um miseravel chefe de partido disposto a acender a guerra civil? Não! Nunca. Em Brumario, pudemos tirar a espada pelo bem da França. Pelo bem da França devemos hoje

atirar essa espada longe de nós. Tentarei tudo em favor da França; nada quero tentar em meu favor (512).

Depois da partida de Luciano, Benjamin Constant, o pae da “Benjamine”, dessa constituição nati-morta que estava prestes a derrubar Napoleão, aproximou-se d'elle. Ouvindo os clamores da turba, Benjamin perguntou-se com terror se Napoleão não ia, para salvar-se, desencadear uma segunda revolução, peor que a primeira.

O Imperador guardou longo silencio, os olhos fixos na multidão que o aclamava.

— Estaes vendo, disse elle enfim. Não foram elles que eu cumulei de honrarias e saciei de dinheiro. Que me devem elles? Eu os encontrei e os deixo pobres. Mas o instincto da necessidade os aclara, a voz do paiz fala por elles. Se eu o quizer, numa hora, a Camara rebelde não existirá mais... Todavia, a existencia de um homem não vale tanto. Não quero ser rei da Jacqueria. Não voltei da ilha d'Elba para que Paris se inunde de sangue.

Isto não significa que a primeira revolução, a revolução politica, terminou e a segunda, a revolução social, começa ou póde começar? A burguezia fez a primeira, a “populaça”, a “canalha” como diziam então, o “proletariado” como dizemos hoje, fará a segunda. “A canalha não é nada, não póde nada, sózin'ha; mas commigo é differente: ella póde tudo”, dizia Napoleão (513).

O fosso do Elyseu detraz do qual uiva a populaça é a linha de demarcação entre essas duas revoluções, — entre esses dois seculos-ions. Vae elle saltal-o ou dirá da Revolução o que disse outrora da guerra: “Nunca ella me pareceu tão horrenda”?

No dia seguinte, 22 de junho, no Conselho de ministros, Luciano exhortou o irmão a refazer o 18 Brumario, a dissolver a Camara pelas bayonetas.

-- Meu caro Luciano, replicou o Imperador, é verdade que a 18 Brumario só nos batiamos pela salvação do povo. Hoje temos outras razões, outros direitos, mas não devo utilisal-os.

Depois de um instante de silencio, accrescentou:

— Principe Luciano, escrevei!

Depois voltou-se para Fouché e disse-lhe com um sorriso tal que o outro se estorceu como um reptil atravessado por uma flecha:

— Dizei a esses bons subditos que fiquem tranquillos. Elles vão ser satisfeitos!

Luciano sentara-se em frente a uma mesa, mas, ás primeiras palavras dictadas pelo Imperador, achatou a penna de encontro ao papel, levantou-se de um salto e empurrando a cadeira com rumor dirigiu-se para a porta.

— Ficae! ordenou Napoleão com tanta autoridade que Luciano obedeceu máo grado tudo. Houve um profundo silencio; só se ouviam os gritos distantes da turba para além do jardim do palacio: “Viva o Imperador!”

“Em começando a guerra para garantir a independencia nacional, dictava o Imperador, contava com a união de todos os esforços, de todas as vontades e com o concurso de todas as autoridades nacionaes. Tudo me levava a confiar no successo. As circumstancias me parecem mudadas. Offereço-me em sacrificio ao odio dos inimigos da França. Possam elles ser sinceros em suas declarações e só se preoccupar realmente com a minha pessoa. Uni-vos todos para a salvação publica e para permanecer uma nação independente.”

Esquecera seu filho; observaram-lh'o e elle fez accrescentar estas palavras:

“Proclamo meu filho, sob o nome de Napoleão II, imperador dos francezes... O interesse que tenho por elle leva-me a convidar a Camara a organizar sem demora a regencia por uma lei (514).”

Todo Paris refervia. Multidões de obreiros corriam as ruas cantando estribilhos revolucionarios. A nova abdicação derramara oleo po fogo. O grito: “Armas! Armas!” tornava-se mais e mais ameaçador.

Em meio á turba encontravam-se tambem officiaes do Grande Exercito.

“Iremos em massa, rugiam elles, perguntar por nosso Imperador á Camara e, se ella não se explicar direito, poremos fogo nos quatro cantos de Paris!”

“Jámais o povo lhe mostrara tamanho devotamento”, diz uma testemunha (515).

O povo presentia com um seguro instinto que a abdição, decapitando a defesa, facilitaria tristemente a occupação estrangeira, e quiz salvar a França, “como em 93”. Fouché não ignora que com Bonaparte “a população pôde tudo”. Tem tanto medo que se decide a afastal-o de Paris.

A 24 de junho, a Camara resolve “convidar o ex-imperador a retirar-se da capital”.

Elle consente em seguir para Malmaison e, em 25 de junho, parte secretamente, furtando-se como um fugitivo aos grupos que lhe cercam o palacio.

Não podia elle permanecer em França. Seu primeiro pensamento foi de ir procurar asylo na Inglaterra: confiar-se á honra de seus peores inimigos. Achava nisso uma grandeza digna de seu immenso destino. Foram necessarios muitos esforços de familiares do Imperador para persuadil-o de abandonar essa idéa e refugiar-se na America.

Sabendo que havia na enseada de Rochefort duas fragatas, a “Saale” e a “Medusa”, em estado de levantar ferro, pediu que as puzessem á sua disposição para a travessia. Mas Fouché, que se preparava para vender a cabeça do Imperador aos alliados, não tinha pressa em vel-o sahir da França. O general Beker foi enviado á Malmaison, com a missão ostensiva de cuidar de Bonaparte e a missão secreta de vigial-o.

Esperando em vão pelas fragatas, o Imperador vivia na Malmaison os seus primeiros dias de ociosidade. Nesse castello deserto em que passara os melhores annos, a doce illusão das lembranças invadia-lhe a alma. Lembrava-se elle do sol-levante do Consulado, do meio-dia, da tarde e do poente do Imperio; recordou-se da defunta Josephina.

Em 29 de março de 1814, na vespera da capitulação de Paris, ella fugira dos cossacos, levando, cosidos num saio de algodoad, seus diamantes e perolas. Mais tarde, porém, ella creou audacia, voltou á Malmaison e ahi esperou os favores dos Bourbon e dos Alliados. Parecia ter esquecido Napoleão. Os russos, os austriacos, os inglezes, os prussianos, todos os vencedores da França, eram bemvindos na Malmaison; sobretudo o Imperador Alexandre. Imaginando-se que

elle não era indifferente a seus encantos, ella multiplicava-se em coquettismo ao recebê-lo, procurando rejuvenescer-se, ornando-se de vestes de musselina branca, como uma rapariga de dezete annos, sem desconfiar de que já estava com um pé no tumulo.

A 22 de maio, ella resfriou-se ligeiramente e a garganta doia-lhe um pouco. Indifferente a isto, dansou no baile com o Imperador Alexandre e o rei da Prussia. Dahi arrepios febris e, ao sahir á noite, mal vestida, no parque humido, sentiu o defluxo aggravar-se-lhe e degenerar em febre violenta. A 28, a agonia começou e em 29, ao meio-dia, Josephina expirou sem ter voltado a si.

Não deixava nada do mundo, salvo tres milhões de dividas, resultantes da compra de perfumes, pomadas, tintas de toucador, luvas, colletes, rendas, chapéos, trapos elegantes.

Ninguém deu sciencia a Napoleão dessa morte. Foi ao correr um velho jornal, cahido por acaso debaixo de seus olhos, que elle veio a saber-o na ilha d'Elba: "Elle pareceu profundamente contristado e fechou-se em seu quarto (516)."

Na sua volta a Paris, fez elle chamar o doutor Moreau, que assistira á morte de Josephina e interrogou-o:

— De que morreu ella?

— Sire, a inquietação... O desgosto...

— Desgosto?... Que desgosto?...

— Sire, do que se passava, da posição de Vossa Majestade...

— Boa mulher! Boa Josephina! Ella me estimava, verdadeiramente (517)!

Melhor que ninguém elle sabia encarar em cheio a verdade, e melhor que ninguém sabia illudir-se.

Elle mergulha, portanto, na doce illusão das lembranças, emquanto a transparente noite de estio desce sobre os velhos olmos e as velhas faias das aléas da Malmaison, sobre os calmos tanques em que se reflectiam as estrellas do céu e onde cysnes adormecidos empallideciam como fantasmas, sobre os massiços que exhalavam a alma agonizante das rosas.

“Essa pobre Josephina! dizia elle vagando no parque. Não posso acostumar-me a residir aqui sem ella. Parece-me sempre vel-a sahir de uma aléa e colher uma dessas flores que amava tanto... Foi bem a mulher mais cheia de graça que jamais vi (518).”

Durante esse tempo, Fouché, chefe do governo provisório, manobra com a flexibilidade de um reptil entre os Aliados, os Bourbon, Bonaparte e Paris revolucionario.

A pretexto de pedir os salvo-conductos para Napoleão, mas na realidade afim de permittir aos inglezes reforçassem a fiscalização da costa e o impedissem de deixar a França, elle faz informar Wellington de que o Imperador tem a intenção de partir para os Estados Unidos.

Tres vezes em tres dias este reiterara o pedido das fragatas. Emfim a resposta veio: as fragatas estão promptas, mas “não deixarão o porto sem que cheguem os salvo-conductos pedidos.”

O Imperador comprehendeu que era uma armadilha. “Não desejo mais ir a Rochefort, a menos que a partida não seja immediata”, mandou elle responder a Fouché (519).

Entre duas prisões, prefere a Malmaison; lá estava, de qualquer modo, perto de seu supremo refugio, do exercito.

Como se devia esperar, Wellington recusou os salvo-conductos. Os commissarios dos Alliados declararam aos plenipotenciarios francezes que “as Potencias encaravam como condição essencial da paz e de uma verdadeira tranquillidade fosse Napoleão Bonaparte posto fóra do estado de turbar o repouso da França e da Europa e exigiam que sua pessoa lhes fosse confiada, sem condições (520).”

Os mais moderados dos diplomatas auspiciavam-lhe a prisão perpetua numa fortaleza continental ou o perpetuo exilio em qualquer ilha bem distante. Lord Liverpool propoz “entregar Bonaparte ao rei de França, que poderia tratá-lo como rebelde”. Blücher, olhando-se como o “instrumento da Providencia”, queria mandá-lo fuzilar ou enforcar deante de columnas do exercito prussiano, “para ser util á humanidade (521)”. Quanto a Fouché, continuava a mercadejar a cabeça do Imperador, offerecendo-a em troca de

um armistício ora á Inglaterra, ora á Austria, ao mesmo tempo que procurava atrair Bonaparte da arapuca da Malmaison a outra, mais segura, em Rochefort.

A 28 de junho, o commandante da terceira legião da Guarda Nacional chegou a toda brida á Malmaison e annunciou que os prussianos se aproximavam.

Quasi ao mesmo tempo, Beker recebeu do ministro da Guerra, Davout, a ordem insistente de queimar as pontes do Sena afim de difficultar ao inimigo o accesso do castello, porque Blücher já se dispunha a enviar um destacamento para apoderar-se do Imperador.

Houve um alarma no castello.

“Se eu visse o Imperador no momento de cahir entre as mãos dos prussianos, desfechar-lhe-ia um tiro de pistola!” diz um de seus intimos, o general Gourgaud (522).

Mas Fouché e Davout estavam ainda alarmados. Blücher marchava sobre Paris, onde se encontrava um exercito de 80.000 homens, inflammado de um espirito tão heroico que os generaes não duvidavam de que os prussianos fossem rechassados. E se Napoleão se mettesse á frente delles ou, o que era peor ainda, se o exercito fosse elle proprio buscal-o na Malmaison? Fouché teve tanto medo que se decidiu a deixar Napoleão abandonar a França.

Em 29, ao nascer do dia, notificaram o Imperador da decisão do governo provisorio pondo á sua disposição as duas fragatas de Rochefort sem esperar os salvo-conductos inglezes.

A cavallaria prussiana aproximava-se da Malmaison. Forçoso era apressar a partida; o Imperador consentiu em partir durante o dia.

Emquanto elles confabulavam com o director geral dos Correios, Lavalette, a proposito do movimento de tropas inimigas, ouviram-se grandes gritos na estrada. “Que é?” perguntou Napoleão e, quando lhe responderam que era um destacamento da linha que, passando em frente á Malmaison para ir occupar as alturas de Saint-Germain, o saudava, elle pareceu commovido. Reflectiu um pouco, inclinou-se sobre o

mappa onde a disposição dos exercitos francez e inimigo estava marcada por alfinetes espetados, mudou-os de lugar, levantou a cabeça e disse:

— A França não se deve submeter a um punhado de prussianos. Posso ainda deter o inimigo e dar ao governo o tempo de negociar com as potencias.

Sahiu rapidamente e voltou quasi logo em uniforme de general dos caçadores da Velha Guarda, de botas e esporas, de espada á cinta e o tricornio debaixo do braço. Parecia rejuvenescido; um momento antes era um prisioneiro taci-turno e agora eil-o de novo Imperador.

— General, diz elle a Beker, a situação da França, os desejos dos patriotas e os gritos dos soldados reclamam minha presença para salvar a patria. Encarrego-vos de ir dizer á commissão do governo que solicito o commando, não como Imperador, mas como um general cujo nome e reputação pôdem ainda exercer grande influencia na sorte do paiz. Prometto, fé de soldado, de cidadão, de francez, partir para a America, afim de ahi cumprir meu destino, no mesmo dia em que tiver repellido o inimigo (523).

O general Beker possuia uma alma de soldado; as palavras de Napoleão reavivaram nelle a esperança. Partiu logo para Paris, desejando sinceramente o exito da missão.

— Quer elle divertir-se á nossa custa? gritou Fouché em furor, quando Beker lhe transmittiu o pedido de Napoleão.

— E não sabem como elle manteria as suas promessas. se lhe acceitassemos as propostas? E' de grande urgencia que elle parta para Rochefort, onde estará em maior segurança do que aqui.

Era o coice do burro no leão agonizante.

— Esses sujeitos não conhecem o estado dos espiritos, diz Napoleão calmamente, ao saber da recusa de Fouché. — Só me resta partir (524).

O Imperador vae ao quarto, retira o uniforme, veste o fraque marron, manda abrir o aposento em que Josephina morrera, ahi fica fechado alguns minutos e, sahindo de lá, recebe os officiaes da guarda do palacio.

— Vemos bem que não teremos a felicidade de morrer a vosso serviço, começou um delles, querendo falar em nome dos camaradas, mas as lagrimas o impediram de continuar.

O Imperador abraçou-o sem dizer palavra.

Avançaram a caleça. Napoleão aboletou-se no vehiculo e partiu para Rochefort.

II

O “*BELLEROPHONTE*”

(1815)

Uma velhinha, cujo papagaio fugira, gritava-lhe ingenuamente: “Pépé, Pépé, volta para a gaiola!” Mas a ave, empoleirada no mais alto galho de uma arvore, contentava-se em olhal-a com um ar malicioso e em responder: “Pépé é um imbecil!”. Não era, todavia, um imbecil; não queria voltar á gaiola. Pensa-se nessa anedota quando se tenta comprehender o que levou Napoleão a metter-se entre as mãos dos inglezes.

“Um collegial teria sido mais esperto que eu”, dizia elle, já no exilio (525). Sim, um collegial teria sido mais esperto que esse “politico artificioso”, um papagaio imbecil mais intelligente que esse homem intelligente. Mas é que a medida humana excede em grandeza a intelligencia. Se Napoleão não se tivesse tornado insensato, não haveria dado sua medida integral, a medida do Homem.

O sacrificio é uma das suas tentações, a outra é a honra. “Napoleão possuia no mais alto gráo o sentimento da honra militar; esse politico artificioso era um soldado sem macula”, diz um dos seus melhores historiadores (526).

Melhor que ninguem, Napoleão conhecia os homens, penetrava-os a fundo, e não concluia propriamente em favor delles. Mas, como todo cavalheiro, possuia tambem a confiança, a ingenuidade infantil. Ha em Napoleão, por estranho que pareça, um Dom Quixote, um eterno romantico. Seria impossivel enganar-o, se elle muitas vezes não procuras-

se enganar-se a si mesmo, talvez porque sabia muito bem o que valem os homens.

A idéa cavalheirescamente absurda de entregar-se aos Aliados, de confiar-se honradamente á honra do inimigo, tentava-o ha muito, tentara-o sempre.

Aos dezeseite annos, Bonaparte começou em seus cadernos collegiaes uma novella, onde, a proposito de um aventureiro austriaco, havia palavras de louvor á magnanimidade dos inglezes (527).

“Paguei muito caro a opinião romanesca e cavalheiresca que tinha sobre vós, srs. inglezes”; é assim que elle parece terminar em Santa-Helena aquella historia inacabada.

Nestes mesmos cadernos escolares, escreveu estas quatro palavras:

“Santa-Helena, pequena ilha...”

Em todo o trajecto da Malmaison a Rochefort, a turba corria-lhe atraz, gritando sem cessar: “Viva o Imperador!” como outrora, á volta da ilha d’Elba. Mas desta vez, sabendo que elle ia deixar a França, supplicavam-lhe em pranto: “Ficae aqui! Ficae comnosco (528)!”.

Em Niort o 2.^o de hussardos esteve e revoltar-se, exigindo que elle os encabeçasse para conduzil-os contra Paris.

O milagre d’Elba poderia reproduzir-se se Napoleão o quizesse, mas elle não queria mais nada: sua alma queria para elle outro milagre, bem maior.

Em 3 de julho, chegou a Rochefort, onde, segundo o relato de um espião realista, foi “acolhido como um deus (529)”. As duas fragatas, a “Saale” e a “Medusa”, estavam promptas para navegar, mas não podiam sahir, porque o navio inglez “Bellerophonte” cruzava deante do porto.

Um conselho de officiaes superiores da marinha reuniu-se e um plano de fuga foi proposto. Achavam-se na embocadura do Gironda duas corvetas francezas commandadas pelo capitão Baudin.

— Conheço Baudin, diz o velho vice-almirante Martin, devotado a Napoleão. E’ o unico homem capaz de conduzir o Imperador são e salvo á America.

Napoleão acceitou esse plano e, se elle o executasse immediatamente, estaria salvo; mas temporizou, dois ou tres dias decorreram. Pensando que o projecto desagradava ao Imperador, propuzeram-lhe outro: uma goleta dinamarqueza de cincoenta toneladas, a "Magdalena", que se achava na enseada de Rochefort, receberia carregamento de aguardente e tomaria a bordo o Imperador com quatro pessoas do seu sequito; no caso de visita no mar, occultal-o-iam numa barrica vazia. Napoleão consentiu egualmente nesse projecto; deu mesmo ordem de comprar o carregamento de aguardente, como se não pensasse um instante no que diria a historia se os inglezes, depois de uma guerra de vinte annos, o descobrissem num tonel.

Talvez consentisse em tudo porque não desejava nada, excepto uma unica cousa que o attrahia mais e mais, como um precipicio attrae o homem que se lhe debruça em cima.

Napoleão retarda e Fouché se apressa. A 4 de julho, depois da capitulação de Paris, elle teve mais receio que nunca de ver o Imperador apoderar-se do commando do exercito. "Napoleão deve embarcar sem demora", escreve elle ao general Beker. "Embarcar" e não "partir": Fouché quer guardar Napoleão como refem numa fragata, para a possibilidade de um bom arranjo de diplomacia.

Na manhã de 8 de julho, Beker viu o Imperador e supplicou-lhe tomasse um partido, porque sua situação em Rochefort se tornava perigosa. Elle, Beker, daria a vida para proteger a partida de Napoleão, mas, se as autoridades civis e militares recebessem outras ordens do governo, tudo se tornaria inviavel.

Dahi a resposta do Imperador: "Está bem; dae ordem de preparar as embarcações para a ilha d'Aix".

Os marinheiros esperavam que um vento forte, soprando da praia, permittiria ás fragatas deixar a enseada, não sem algum perigo. No mesmo dia, Napoleão partiu para Fouras, pequeno porto de pescadores, e metteu-se numa chalupa. Uma turba de velhos marujos olhava em silencio. Mas, quando os remadores levantaram os remos, um grande grito desesperado de "Viva o Imperador!" cobriu o mu-

gido das vagas. “Choravamos como mulheres”, contava mais tarde um dos assistentes.

Em vez de ancorar na ilha d’Aix, como havia primitivamente resolvido, o Imperador ordenou abordassem a fragata “Saale”. De lá, percebia-se distinctamente o “Bellerophonte”. A tentação tornou-se mais forte. Elle lutou contra ella durante os dois dias que passou na “Saale”; emfim, no terceiro, enviou parlamentares a bordo do cruzador com a missão apparente de informar-se se podiam obter os salvo-conductos e, em caso contrario, se o “Bellerophonte” se opporia á sua partida. Na realidade, elles tentariam conhecer as intenções do governo inglez quanto ao ex-soberano e saber que acolhimento lhes dispensariam se fosse até ao cruzador.

O commandante do “Bellerophonte”, o capitão Maitland, recebeu cortezmente os parlamentares, mas respondeu-lhes evasivamente ás perguntas, dizendo que não tinha nenhuma noticia dos salvo-conductos pedidos por Napoleão e nem conhecia quaes as disposições do seu governo a respeito; ajuntou que atacaria as fragatas se ellas sahissem da enseada; emfim que visitaria os navios de commercio francez e os navios neutros e que, se encontrasse Napoleão, o reteria prisioneiro até a decisão do almirante Hotham, seu chefe.

Las Cases e Rovigo procuraram persuadir o capitão Maitland de que Napoleão, renunciando voluntariamente á politica, queria retirar-se para a America para ahi acabar tranquillamente os dias.

— Se é assim, por que não pediram asylo na Inglaterra? obtemperou Maitland.

Era o que esperavam os francezes. Nada, porém, deixaram transparecer. Para saber o que Maitland entendia pela palavra “asylo”, fingiram ficar surpresos e objectaram que o clima humido e frio da Inglaterra não convinha ao Imperador, que elle ahi ficaria muito perto do continente para que não ó suspeitassem de querer voltar á França, e, emfim, que elle se habituara a ver nos inglezes inimigos permanentes e os inglezes, de seu lado, o olhavam como “uma especie de monstro desprovido de qualquer sen-

timento humano”. A simples polidez exigia que Maitland lhes assegurasse que seus compatriotas não formavam tão má opinião do Imperador. A esta altura, a conversação terminou (530).

Os enviados, de volta á “Saale”, tiveram de confessar a Napoleão que, má grado a amabilidade de Maitland, nada de bom se podia esperar daquella gente.

O rumor de que Napoleão seria forçado a entregar-se aos inglezes indignara a equipagem e o commando das fragatas. O capitão Ponée, commandante da “Medusa”, expoz um novo projecto.

— Esta noite a “Medusa”, marchando á frente da “Saale”, surprehenderá, graças á obscuridade, o “Bellephonte”... Travarei o combate de perto, impedindo-o de mexer-se. Poderei lutar bem umas duas horas; pois, minha fragata estará em pessimo estado. Mas, durante esse tempo, a “Saale” terá passado aproveitando-se da brisa que cada tarde se eleva da terra.

Napoleão sabia perfeitamente que não era tão só a fragata que elle se propunha a sacrificar, mas talvez toda a equipagem, inclusivé elle proprio commandante. O Imperador emocionou-se até o fundo da alma.

O projecto de Ponée não podia ser executado sem consentimento do chefe da divisão de que dependiam as duas fragatas. Este, depois de ter dado a acquiescencia, retirou-a com medo de Fouché.

Napoleão, nada mais podendo esperar das fragatas, resolveu deixar a “Saale” pela ilha d’Aix.

A equipagem estava desesperada. Os homens esmurravam-se na propria face, atirando os chapéos no convés e pisando-os com raiva.

— Queria salv-o ou morrer! — dizia Ponée. — Elle não conhece os inglezes. Em que mãos vae metter-se! Sobre Napoleão. Está perdido (531).

Seis officiaes do 14.º regimento de marinha, destacados na ilha d’Aix, seis rapazes, apresentam ainda um novo plano; duas especies de chalupas pontudas, munidas de dois mastros, que se encontravam no ancoradouro de Rochefort, tomariam a bordo o Imperador e tres ou quatro

pessoas do seu sequito; aproveitar-se-iam da obscuridade para passar despercebidas junto ao “Bellerophonte”, alongando a costa até á altura de la Rochelle; de lá, se afastariam para o mar alto e comprariam ou se apoderariam do primeiro navio mercante que encontrassem, para conduzir os fugitivos á America.

Napoleão não quiz entristecer esses mocinhos; consentiu ou fingiu consentir. Mas sua decisão estava já tomada. Via em derredor de si tanto sacrificio que elle proprio começava emfim a comprehender o valor de um “sacrificio”.

Na tarde de 13, num quarto mesquinho do casinholo d’Aix onde Napoleão descera, discorria elle com o general Gourgaud, homem nada tolo mas grosseiro, sobre o projecto dos seis jovens officiaes.

— Sua majestade andar á melhor entregando-se á Inglaterra; essa nobre resolução é a que melhor lhe convém. Napoleão não póde desempenhar o papel de um aventureiro e a historia viria censurar-lhe o ter abdicado por medo, tanto assim que não foi ao extremo de sacrificar-se de todo.

O labrego dava uma lição ao heróe, e este silenciou, porque nada tinha a responder.

— Seria a decisão mais sensata, reconheceu emfim o Imperador, vendo pela janella aberta o velame do “Bellerophonte” desenhar-se em negro sobre o fundo vermelho do poente. Hontem, quiz fazer-me conduzir ao cruzador. Não pude decidir-me. Custa-me a supportar a idéa de viver em meio aos meus inimigos.

Neste momento um passarinho entrou pela janella e debateu-se num angulo do quarto. Gourgaud tomou-o na mão.

— Já ha muitos desgraçados: restituamos-lhe a liberdade! diz o Imperador. Gourgaud obedece, e o Imperador continúa: — Vejamos os augúrios.

— Sire, exclama Gourgaud triumphalmente, elle se dirige para o cruzador inglez (532)!

Napoleão não respondeu nada, mas seu rosto se ensombrou. De novo ouviu o chamado: “Pépé, entra na tua gaiola!”

Na mesma noite, fez transportar as bagagens em duas chalupas e na goleta dinamarqueza, porque tinham decidido combinar os dois planos.

Às onze horas, o general Beker veio prevenir o Imperador de que tudo estava prompto. Este não respondeu nada. Beker sahiu e, depois de ter esperado muito tempo, pediu ao general Bertrand prevenisse de novo o Imperador. Mas, desde as primeiras palavras que Bertrand pronunciou em chegando, Napoleão o interrompeu:

— Dizei-lhe que renunciei a embarcar e passarei a noite aqui.

Alguns instantes mais tarde, o Imperador mandou informar Las Cases e o general Lallamand que elles deveriam ir de madrugada a bordo do “Bellerophonte”. Mesmo sabendo que o governo inglez não faria nenhuma promessa, queria ao menos receber de Maitland a certeza de que não seria detido como prisioneiro de guerra.

— Não estou autorizado, respondeu este, a entrar em nenhuma combinação, mas posso tomar a responsabilidade de receber o Imperador a bordo para conduzi-lo á Inglaterra. Todavia, não posso fazer nenhuma promessa sobre as disposições de meu governo para com elle... Mas, ainda que os ministros manifestassem outra vontade, a opinião publica, mais poderosa nesse paiz que a propria soberania, os forçaria a agir segundo os sentimentos generosos da nação ingleza (533).

Na linguagem dos homens de honra, isso quer dizer: “Napoleão achará um asylo na Inglaterra; se, supplicante, elle vier sentar-se á lareira do povo inglez, este não o abandonará”.

Foi com esta resposta que Las Cases voltou ao Imperador. Napoleão reuniu logo os seus intimos num ultimo conselho. As opiniões divergiram. Uns diziam: “Convém ir para bordo do “Bellerophonte”; outros: “Não convém”.

O general Montholon propoz voltar ao primeiro projecto: ir á embocadura do Gironda, sitio em que a “Bayera” esperava sempre. O general Lallemand concita o Imperador a fugir a bordo da goleta dinamarqueza — ainda o tonel vazio! — ou a juntar-se ao exercito que se reti-

rara para traz do Loire. Podia-se contar com o 14.^o regimento de marinha, com os regimentos de linha de Rochefort e de La Rochelle, os federados das duas cidades a guarnição de Bordéus, o 2.^o de hussardos de Niort e numerosos destacamentos que adheririam ao longo do percurso. Emfim, no proprio exercito elle seria recebido com enthusiasmo.

— Todos os soldados estão dispostos a combater pelo Imperador até á morte, concluiu o general Lallemand.

Napoleão sacudiu a cabeça.

— Se se tratasse de um imperio, disse elle, poderia tentar uma segunda volta da ilha d'Elba. Mas não quero ser causa de um unico tiro de canhão por meu interesse pessoal. Embarcaremos amanhã bem cedo.

Ficando sózinho com Gourgaud, mostrou-lhe o rascunho da carta ao Principe-Regente:

— “Alteza Real, exposto ás facções que dividem meu paiz e a inimizade das maiores potencias da Europa, terminei minha carreira politica e venho como Themistocles sentar-me á lareira do povo britannico. Ponho-me sob a protecção de suas leis, que reclamo de Vossa Alteza Real como do mais poderoso, do mais constante e do mais generoso de meus inimigos (534)”.

O Imperador queria mandar Gourgaud com esta carta á Inglaterra, para que elle a entregasse em pessoa ao Principe Regente; poz-se logo a sonhar a vida que levaria na Inglaterra, numa casa de campo isolada, a dez ou doze leguas de Londres, em meio aos amigos, sob o nome de Coronel Muiron, daquelle mesmo que, protegendo-o na ponte de Arcole contra a metralha austriaca, morrera sobre seu peito e cujo sangue lhe salpicara o rosto. “Offereço-me em sacrificio”; Muiron não se contentara em dizel-o: fizera-o. Eis o momento que sua alma escolhera para lembrar a Napoleão-Homem a lição esquecida.

“Acabar os dias numa casa de campo e numa vida idyllica”. E os ministros inglezes, Wellington, Blücher, Fouché, Talleyrand, acreditariam, consentiriam nisso? “Um collegial teria sido mais esperto que eu”. Napoleão aos quarenta e seis annos é como um menino de seis.

Em 25 de julho, ao nascer do sol, o Imperador vae para bordo do brigue "l'E'pervier".

Vae de tricornio e de redingote cinzento, como em Austerlitz e Waterloo.

Quando os marinheiros o saudaram com o habitual "Viva o Imperador!", esse grito estava cheio de soluços.

— Sire, Vossa Majestade quer que o acompanhe até ao cruzador, segundo me prescrevem as instrucções do governo? perguntou o general Beker.

— Não, general Beker, respondeu Napoleão. Voltae á ilha d'Aix. Não quero que digam que a França me entregou aos inglezes (535).

Desatracou a barca de Caronte, para a qual não ha viagem de volta. Sabia elle — lembrava elle — que deixava a França, o mundo, para sempre?

A 26 de julho, o "Bellerophonte" ancorava em Plymouth, e, a 31, lord Keith informava o general Bonaparte que a decisão dos ministros inglezes era esta: o exilio perpetuo na ilha de Santa-Helena.

Napoleão indignou-se, mas seus protestos não foram nem muito violentos, nem muito longos.

— Não irei a Santa-Helena, dizia elle aos companheiros. Seria terminar minha carreira de um modo ignobil... Antes meu sangue avermelhe o "Bellerophonte!"

— Sim, Sire, bem ignobil, confirmavam os amigos. Melhor é nos deixarmos matar em nos defendendo ou ateando fogo á polvora (536)!

No mesmo dia, Napoleão veio, como de costume, ao convés para ver a multidão de barcos carregados de curiosos. Seu rosto, a crer numa testemunha, era sempre o mesmo (537). Já elle se resignara.

O "Bellerophonte" era velho demais para uma longa viagem. Apparelhavam em Portsmouth uma grande fragata de guerra, a "Northumberland", sob o commando do almirante Cockburn. Mas a fragata não estava prompta. Só a 4 de agosto é que o "Bellerophonte" sahiu de Plymouth para ir ao encontro da "Northumberland".

Napoleão permaneceu todo esse dia fechado na cabine. Seu sequito alarmava-se; sabiam que elle trazia, occulto de-

baixo das roupas, um vidro com veneno e temiam que elle se suicidasse.

A' tarde, Montholon veio vel-o; tinha um ar tão assustado que o Imperador logo lhe adivinhou a causa (538).

— Os inglezes ficariam bem contentes se eu me matasse, disse elle rindo (539).

Entanto, pensava no suicidio.

Las Cases falou, como convém em taes occasiões, de paciencia, de coragem, da possibilidade de mudarem as circumstancias. Mas Napoleão, voltando ao facto politico, achou necessario redigir ou assignar um “protesto” composto por Las Cases.

“Protesto solememente aqui, á face do céu e dos homens, contra a violencia que me é feita... Não sou prisioneiro, sou hospede da Inglaterra... Logo que me sentei a bordo do “Bellerophonte”, sentei-me á lareira do povo britannico. Se o governo, dando ordens ao capitão do “Bellerophonte” de receber-me e a meu sequito, só quiz preparar-me uma emboscada, atraiçoou a honra e maculou seu pavilhão... Appello para a Historia; ella dirá que um inimigo que vinte annos guerreou o povo inglez veio livremente, em seu infortunio, procurar asylo sob suas leis... Mas como corresponderam na Inglaterra a uma tal magnanimidade? Fingiram estender a mão hospitaleira a esse inimigo e, quando elle se entregou de boa fé, immolaram-no (540)”.

Mas a Inglaterra poderia acolher um tal hospede? E' a lei mosaica. A Inglaterra não agiu peor com Bonaparte que Bonaparte com o rei da Hespanha; Plymouth por Bayonna. A Inglaterra teria o direito de responder-lhe com suas proprias palavras: “Quando meu grande carro politico é lançado, forçoso é que passe. Ai dos que lhe ficarem debaixo das rodas!”

A 7 de agosto, o “Northumberland” recebeu a bordo o Imperador e logo se poz a navegar, levando, vivo no fereiro, o maior dos guerreiros.

III

SANTA-HELENA

(1815-1821)

A ilha de Santa-Helena é “um rochedo de flancos abruptos, quasi verticaes, a emergirem das aguas. Com sua fôrma alongada, com sua coloração uniformemente sombria, parece antes um immenso feretro fluctuando no Atlantico, que uma terra creada para acolher e nutrir sêres vivos (541)”.

O platô de Rupert's Hill, situado a 1.600 pés acima do nivel do mar, onde se encontra a granja abandonada de Longwood, um antigo estabulo, escolhida para residencia do Imperador, é o sitio mais infernal dessa ilha infernal. As rochas negras são as paredes dessa prisão, as nuvens baixas as abobadas; por toda parte em redor abysmos profundos e o immenso Oceano. Dir-se-ia o “outro mundo”, a “terra de que não se volta (542)”, a entrada do inferno de Dante com a inscripção fatidica. A propria natureza é ahi uma prisioneira maldita, votada a perpetuo supplicio. Sempre os mesmos ventos aliseos de sudeste, sempre o sol devorante dos tropicos. O Imperador, voltando a falar italiano, queixa-se muitas vezes dos sopros furiosos que lhe cortam a alma, da luz implacavel que lhe requeima o cerebro (543). Sempre a mesma estação que não é nem inverno, nem estio, nem primavera, nem outomno, mas participa de todas — uma estação immutavel, eterna. Durante oito mezes a chuva, o vento e o sol; no resto do anno, — o sol, o vento e a chuva; um tedio que não é deste mundo, a monotonia da eternidade.

O solo é o do Lethes — uma argila que, diluida pelas chuvas, adhire aos pés tão pesadamente que a ninguem permite andar.

A vegetação é tambem a do Lethes: arvores resinosas, resequidas, que o vento curva sempre para o mesmo lado, landes marinhas calcinadas, cactus gordos e estranhas plantas que distillam uma especie de baba venenosa.

Nuvens fantasmas rastejam de encontro á terra; desde que se entra numa dessas nuvens, tudo se esvae no nevoeiro; cada qual desaparece e torna-se seu proprio fantasma.

Nada de tempestade nessa ilha, onde o pico montanhoso de Diana serve de para-raios, mas uma suffocação, um langor infinito. Até o diabo não saberia escolher logar melhor.

Os diplomatas inglezes, quando Bonaparte lhes cahiu entre as mãos, bem queriam que alguém lhes prestasse o serviço de enforcal-o ou fuzilal-o. Mas, diz lord Rosebery, não se encontrou ninguem para isso; decidiram então trancafial-o como um batedor de carteiras.

Las Cases, seu companheiro de exilio, assegura que os inglezes teriam agido mais generosamente liquidando-o de um só golpe. Pensando em Lowe, o carcereiro, Napoleão declarou a certa altura: “Prometti a mim mesmo exgotar a taça até ás fezes; mas me alegraria se mandassem ordem para fazer-me morrer (544)”.

Sabendo do fim de Murat, gritou: “Os calabrezes mostraram-se menos barbaros, mais generosos que a gente de Plymouth (545)!”.

A 15 de outubro de 1816, depois de setenta dias de navegação, o “Northumberland” ancorou no porto de James Town. Longwood não estava ainda prompta e o captivo foi installado provisoriamente em Briars, numa casa de campo pertencente a um negociante da ilha, Balcombe; e foi sómente a 19 de dezembro que o transferiram para Longwood. Tres prisões, tres tumulos, um no outro; primeiro, o oceano: Santa-Helena se encontra a perto de dois mil kilometros do cabo da Boa Esperança; depois, a propria ilha: quarenta e quatro kilometros de circumferencia; emfim, o circulo interior de doze milhas, guardado por um cordão de sentinellas e onde o prisioneiro é autorizado a passear a pé e a cavallo. Em Longwood, o campo inglez fica a uma centena de passos da casa, de modo que não se pôde avançar um pouco sem esbarrar numa bayoneta. A’s nove da noite as sentinellas cercam a vivenda de tão perto que ninguem ahi entra ou sae sem ser visto. Toda a noite

as patrulhas fazem ronda. Os sitios nos quaes uma canôa poderia abordar são guarnecidos de piquetes; sentinellas avultam em cada caminho que conduz ao mar, mesmo em atalhos tão escarpados que o Imperador, por causa da sua corpulencia, não os desceria nunca sem esfrangalhar-se.

Nas longas campanhas, elle se habituara de tal fórma ao movimento que frequentes e longas caminhadas eram indispensaveis não já á sua saúde, mas á sua vida. Entretanto, desde o começo da estada em Longwood, renunciou a mover-se: “Não sei gyrar assim sobre mim mesmo, diz elle. Quando monto a cavallo, vem-me a vontade de correr, e agora não posso satisfazê-la; é um tormento que me devo poupar (546). O medico ameaça-o com uma doença séria se elle não fizer exercicio. “Tanto meglio, più presto si finirá”; “tanto melhor, isto acabará mais cedo”, responde elle com indifferença (547).

Toda a vida Napoleão se agitara, trabalhara, executara, e bruscamente, é a parada, a inacção, a immobibilidade, o repouso — a morte. “Esta passagem da vida activa á immobibilidade completa destruiu tudo em mim”. A destruição começa pelo espirito, no que elle tem de mais profundo, na vontade. Esta vontade devorante, essa força illimitada do espirito, dantes voltada para o mundo, volta-se agora para dentro d'elle, tortura-o, devora-o. E’ o “supplicio do repouso”, segundo a admiravel definição de Pouchkine.

O horror de tal supplicio é que elle é prolongado, fraccionado até o infinito. “Matam-me a alfinetadas (548); essa queixa monotona elle a repete continuamente. Matam a alfinetadas o que desafiou toda as espadas da Europa (549)!

O horror desse supplicio é tambem infame. “A Europa tem suas lunetas assestadas para nós”, diz Napoleão. Os Fouché os Talleyrand, os Wellington e os Blücher, todos malandros dos tempos presentes e futuros, olham e esperam que o homem nú se estorça emfim ás mordeduras dos insectos. Miséria das misérias para um sêr vivo, eternamente joven!

“Enganaram-se dizendo-me que Napoleão estava bastante velho; mas não é nada disso; o patife ainda tem fole-

go para umas sessenta campanhas!" grita um soldado inglez ao vel-o em Santa-Helena (550).

"Sinto-me mais forte que nunca; não me sinto nem murcho, nem gasto no que quer que seja, declara o Imperador ao inicio do captiveiro. Espanto-me eu proprio do pequeno effeito sobre mim dos grandes acontecimentos de que fui objecto; foi chumbo escorregando no marmore; o peso poude comprimir a mola, mas não a quebrou a ella voltou a funcionar com toda a elasticidade (551).

Quando Napoleão brinca com as pequenas Betsy e Genny Balcombe, filhas do proprietario de Briars, vê-se que nesse homem de quarenta e seis annos ha sempre uma criança de seis. Elle faz mil garotadas, corre, gargalha, brinca de cabra-céga, não só para divertir as pequenas, mas tambem para divertir-se.

Eterna juventude — esperanza eterna.

"Cedo ou tarde iremos aos Estados Unidos ou á Inglaterra (552)". — "Penso que, logo que estiverem regulados os negocios da França, e tudo ficar tranquillo, o governo inglêz me permittirá voltar á Europa... Só os mortos não voltam (553)!" Mas, lá por dentro de si, elle sabe que tambem se pôde fazer o raciocinio contrario: os que não voltam estão mortos.

Diz elle ao general Gourgaud: "Pisarei talvez em França antes de vós... Tudo se acha em fermentação e é preciso esperar a crise com paciencia. Tenho ainda um grande numero de annos a viver, a minha carreira não está acabada (554)".

Elle espera que Santa-Helena seja uma segunda ilha d'Elba; o partido inglez dos "Amotinadores", querendo tel-o á frente para defender os direitos do povo, apoderar-se-á de alguns portos na Inglaterra, mandará uns navios buscal-o e o levará á França para expulsar os Bourbon (555).

Um coronel francez que se propunha a vir a Santa-Helena, com uma lancha a vapor para libertal-o, foi detido no Rio de Janeiro. Lá onde um falhara, outro poderia vencer (556).

Um joven aspirante da fragata ingleza "Conqueror", ancorada em James Town, dá a entender que até os ingle-

zes pensam que o Imperador não tardará a voltar ao throno (557). E todos, em Longwood, rejubilam.

— Se estivesse agora na Inglaterra e uma deputação de França viesse offerecer-me o throno, não quereria acceital-o, diz Napoleão, mas logo accrescenta: — A menos que não estivesse certo de ser esse o desejo unanime da nação (558).

Faltando-lhe a França, ainda existe a America:

— Quem sabe se Vossa Majestade não fundará um dia um vasto Imperio na America?

— Ah, estou bem velho (559)!

Entanto, não crê muito em sua velhice:

— Tenho ainda quinze annos de vida, diz elle em julho de 1817, e em outubro, ao começo da sua doença mortal, repete:

— Não tenho cincoenta annos; passarei ainda bem; restam-me no minimo uns trinta annos de vida (560).

Era nos bons momentos que elle falava assim; mas havia outros:

— Como estaes mudado, disse elle ao general Gourgaud melancolico e prestes a trahil-o. Quereis que vos diga o que tendes?... Isto: falta de coragem!... Está-se aqui num campo de batalha e quem quer que, num combate, se ausenta porque não tem bastante fortuna, é um medroso (561).

Demora-se em planos de evasão, a estudar o mappa da ilha:

— Pela cidade e em pleno dia, seria melhor. Pela costa e com os nossos fuzis de caça, derrubariamos logo um posto de dez homens!

— Sim, de vinte (562).

Esses planos são mais absurdos uns que os outros: disfarçar-se em criado ou esconder-se na cesta da roupa ruja. A bem dizer, não ha sentinella no mundo que possa vigiar um homem perfeitamente intrepido, firmemente resolvido a evadir-se, e que não está aferrolhado, mas se move por uma circumferencia de doze milhas. Napoleão poderia, portanto, evadir-se; todavia não o faz; alguma cousa o retem. Que será?

Sir Hudson Lowe, governador da ilha, é o abutre que devora o fígado de Titan.

“O deus da guerra, o deus da victoria” deve combater, vencer até o fim. Mas vencer o quê? Os ratos, as pulgas, os percevejos, os mosquitos de Longwood? Sim, elles, mas também o inimigo secular — a Inglaterra; a Inglaterra é Hudson Lowe. O leão na jaula deve roer a grade; a grade é Hudson. O enterrado vivo deve esmurrar a tampa do esquife; o esquife é Hudson Lowe.

Lowe não é tão “sclerado” quanto o imagina o prisioneiro. Alto, magro, secco, musculoso, o rosto coberto de sardas, os cabellos de um vermelho ardente, esse arrivista que, outrora meio agente, meio espião do governo inglez na Corsega, se elevou até o grão de general, não é senão o instrumento cego dos ministros britannicos.

“Dizei ao general Bonaparte que é feliz por terem nomeado para governador da ilha um homem tão bom quanto eu (563)”. — “Bom” talvez seja demais, mas podia ser peor. E parece que de uma feita elle chegou a escrever aos ministros inglezes intercedendo em favor de Napoleão.

Nem falta espirito ao carcereiro a proposito dos banhos quentes em que o “general Bonaparte” se fazia cozinhar todos os dias, com um cerimonial meio solemne.

“Era o maior inimigo da Inglaterra, e o meu também, mas perdão-lhe tudo”, dirá elle diante do leito de morte de Napoleão (564). E’ esta a odiosa hypocrisia de um “carrasco”? Quem o sabe? Em todo caso, não é facil a um carrasco perdoar sua victima.

Aliás cada um delles é a um tempo carrasco e victima. Elles se torturam, se suppliciam, se matam reciprocamente; tornam-se mutuamente doidos e é bem difficil decidir qual dos dois atormentou mais o outro.

O pavor continuo de ver Napoleão evadir-se acabou realmente por fazer perder a razão a Lower; elle sabe que o Imperador pôde fugir, mas não sabe por que não foge.

O prisioneiro exige de seu guarda o impossivel — a liberdade de passeios e de relações com os habitantes da ilha; seria abrir a gaiola á aguia. Exige que o carcereiro

não lhe appareça nunca deante dos olhos; seria o fim de toda vigilancia.

Em seu quarto Napoleão tem sempre quatro ou cinco pares de pistolas e varias espadas, e muitas vezes ameaçou receber Hudson Lowe a tiros.

Cada manhã um official inglez vem a Longwood para certificar-se da presença do prisioneiro e, como o Imperador se occulta, olha pelo buraco da fechadura. Um dia, tomando banho, Napoleão percebeu o official que o vigiava; sahiu bruscamente da banheira e caminhou para elle, nú, apavorante. O official, que elle ameaçava de morte, fugiu.

Durante os cinco ultimos annos, Napoleão e Hudson Lowe não se viram, mas uma surda e interminavel disputa se desenrolava entre elles, não já por graves motivos, mas por uma ninharia — o titulo de Imperador.

— Preferiria morrer a consentir que me chamassem de general Bonaparte. Seria concordar que não sou Imperador.

Todavia, não abdicara elle duas vezes, e não abdica ainda? “Fiz bastante barulho no mundo, envelheci, e preciso de descanso. Eis os motivos que me levaram a abdicar a ultima vez (565)”. Não, elle nem chegou a abdicar; renege o tratado de Fontainebleau: “Envergonho-me disto... Minha decisão foi uma fraqueza de character...”

Mas em certos momentos é superior a tudo.

“Que elle expulse os meus amigos e encha de guardas as portas e as janellas... para mim é o mesmo. Sinto-me tão livre como quando dictava leis á Europa (566)”. — “Meu destino é o opposto do dos outros; a queda ordinariamente os abaixa, a minha me eleva infinitamente (567)”. — “A adversidade faltava á minha carreira... se eu morresse no throno, nas nuvens da minha omnipotencia, permaneceria um problema para muita gente; hoje, graças ao infortunio, podem julgar-me a nú (568)”. Las Cases costumava dizer-lhe: “Sois certamente maior aqui que nas Tulherias: vossos carcereiros estão a vossos pés...” E concluia ser elle “o verdadeiro senhor de seus vencedores (569)”.

O jardineiro de Briars era um velho escravo malaio, Tobias. Um laço maravilhoso e terrível unia o pobre Tobias ao pobre "Bony", diminutivo inglez de Bonaparte. Os marinheiros britannicos haviam agido com Tobias como os ministros britannicos com Bony: tinham-no enganado, arrebatado e vendido como escravo.

O Imperador tomou-se de amizade por Tobias e quiz resgatal-o para restituir-lhe a liberdade. Tobias tambem amava Napoleão e só o chamava "the good gentleman", ou mais simplesmente de "good man" (570).

"Quando iamos ao jardim, o Imperador detinha-se a mór parte do tempo perto de Tobias e, por meu intermedio, crivou-o de perguntas sobre seu paiz, sua juventude, sua familia, sua situação actual", refere Las Cases (571). Procurava ligar o seu infortunio ao do pobre escravo, mas ás vezes não deixava de infundir uma nota mais eloquente ás suas lamentações: "O Universo nos contempla!... os martyres de uma causa immortal!... Lutamos aqui contra a oppressão dos deuses, e os votos das nações são por nós... (572)".

O papa Pio VII tratara Napoleão de "commediante". Talvez a sua vida toda, até no seu contacto com o infeliz Tobias, seja uma comedia, não humana, e sim divina.

"Serás a inveja de teus semelhantes e o mais miseravel de todos", predissera elle ao inicio da sua carreira; no fim a predicção se realizou; Napoleão é mais miseravel que Tobias. "Bemaventurados os pobres de espirito". Isto é dito para os que são como Tobias, não para os que são como Bonaparte.

"Ninguém na terra tem direito de roubar-me os titulos que são meus". Elle se agarra sempre a seu titulo de Imperador como o homem que se afoga a um pedaço de madeira; "commediante", representa sempre. Na casa de Longwood, o antigo estabulo, cujas telhas partidas deixam passar a agua da chuva, onde as tapeçarias de Nankim pendem em farrapos sobre as paredes humidas, onde o soa-lho de tabuas podres balança, e uma multidão de ratos corre por toda parte — um delles sahio um dia correndo do chapéo do Imperador — a etiqueta é observada tão rigo-

rosamente quanto nas Tulherias. Os criados trazem libré, o jantar é servido em baixella; ao lado do Imperador ha sempre o logar vazio da Imperatriz; os cortezãos se mantêm rigidos.

Alguem diz um dia deante delle que na China o soberano é adorado como um deus.

“E’ assim que deve ser”, observa elle (573).

Durante um passeio, a fivela de seu sapato desprende-se; todos se precipitam para apanha-la. “O Imperador, que não consentiria nisso nas Tulherias, consente agora com uma especie de satisfação; deixou-nos fazer e nós lhe agradecemos o não nos ter privado de um acto que nos honrava a nossos proprios olhos”, relata Las Cases (574).

“Sei bem que estou decahido; mas não quero sabel-o por um dos meus! Ah!...” começou um dia o Imperador, a queixar-se de alguem do sequito, e não acabava mais. “Suas palavras, seu gesto, seu timbre de voz, feriram-me, a alma, narra o mesmo Las Cases. — Eu me teria precipitado aos seus joelhos, tel-o-ia beijado, se pudesse”.

Quantas provações a diminui-o! Mas é preciso ser frusto como Gourgaud e os quarenta mil historiadores de Napoleão, para alegrar-se: “Elle é pequeno, é abjecto como nós!”

Prometheu encadeado na eternidade e, na época um homem sentado perto do fogo, o rosto inflammado pelo defluxo e resmungando como um velhote: “Maldito vento! E’ elle que me põe doente. Tremo como se tivesse medo...”

Minutos, horas, dias, mezes, annos; sempre o mesmo supplicio; um tedio devorador como o ardente sol dos tropicos.

Elle não sabe como matar o tempo. De manhã, fica na cama, ou então passa horas inteiras no banho. No meio do dia, não barbeado, vestindo um roupão branco e largas calças da mesma côr, o peito da camisa aberto, um turbante de quadradinhos vermelhos em torno da cabeça, deitado no sofá, lê até embotar-se; a mesa está coberta de livros; a seus pés espalham-se pelo soalho aquelles que já leu.

A’s vezes dicta durante dias, noites inteiras, depois manda que enterrem os manuscritos. Para substituir os pas-

seios a cavallo, faz installar dentro de casa um longo barrote collocado sobre uma estaca e ahi se balança como num cavallo de páo.

A' tarde, os cortezãos reúnem-se no salão de Sua Majestade; jogos de cartas, partidas de dominó ou de xadrez; evocação do passado, desfile das "sombras dos Campos Elyseos".

— Breve estarei esquecido, diz o Imperador. Se uma bala de canhão, lançada do Kremlin, me tivesse morto, eu seria tão grande quanto Alexandre e Cesar, ao passo que, depois disso, não serei quasi nada (575)...

Conservou-se muito tempo em silencio, a cabeça entre as mãos. Emfim levantou-se e disse:

— Mas que romance a minha vida (576)!

Não gosta de que o deixem sózinho depois do jantar como se tivesse medo. Para impedir as damas de retirar-se, fica horas e horas á mesa, sustentando uma conversação mortíça, ou então passando ao salão, onde lê em voz alta tragedias francezas, a mór parte do tempo. "Zaire" é uma das suas leituras favoritas; todo o grupo está de tal fórma fatigado dessa tragedia de Voltaire que o general Gourgaud e madame de Montholon conspiram para roubal-a á bibliotheca imperial. Os ouvintes cochilam, mas Napoleão os vigia:

— Madame de Montholon, estaes dormindo!

— Gourgaud, acordae!

Para punil-os, obriga-os a ler e, os braços cruzados, ouve, mas, cinco minutos depois, adormece por sua vez (577).

— Que aborrecimento, meu Deus! murmura elle ao partirem todos.

Vae caracolar no seu brinquedo de madeira, ou convida o general Gourgaud a resolver um problema sobre as secções conicas ou sobre a maneira de mandar farinha a uma cidade sitiada com o auxilio de bombas; ou discorre, entre bocejos:

— Para mim, o homem formou-se com o calor do sol na lama, e Herodoto conta que em seu tempo o limo do

Nilo se mudava em ratos e que a gente os via formarem-se (578)...

Tambem ás vezes graceja com o "carola" Gourgaud, assegurando-lhe que a religião de Mahomet é superior ao christianismo, porque elle conquistou metade do globo em dez annos, emquanto tres seculos foram necessarios ao christianismo (579).

— Dizei-me, Gourgaud, Deus póde fazer um bastão sem duas pontas?

— Sim, Sire, um arco é um bastão infinito e sem ponta (580).

Todo mundo silencia; o Imperador enfarrusca-se, depois recomeça:

— Muitas vezes o cardeal Cazelli abalou-me a incredulidade; mas, meu caro Gourgaud, quando morremos, estamos bem mortos. Que é a alma? Quando, na caça, mandava abrir os veados deante de mim, o que eu via era o mesmo que ha dentro de um homem... Que é a electricidade, o galvanismo, o magnetismo? Jaz ahi o grande segredo da natureza... Creio que o homem é o producto desses fluidos e da atmosphaera, que o cerebro suga esses fluidos e transmuda-os em vida, que a alma é composta desses fluidos e após a morte elles retornam ao ether (581).

Novo silencio.

— Então, Gourgaud, estaes triste como uma roupa de luto! E vós, madame Bertrand, por que essa tristeza? Será porque hontem eu vos disse que tendes o ar de uma lavadeira (582)?

A pobre mulher côrou, toda atrapalhada, e o silencio tornou-se ainda mais penoso.

O vento uiva na chaminé; a chuva tamborila nas telhas; as nuvens que rastejam parecem olhar através das vidraças como fantasmas.

— Com mil bombas, senhores, estaes pouco amaveis, grita o Imperador, levantando-se da mesa e passando ao salão. — Ah! esse pobre Las Cases, onde se encontra? Ao menos elle me contava boas historias. Vós todos estaes com ares de missa funebre (583)!

Os prisioneiros detestam-se como só se pôdem detestar as criaturas deitadas na mesma palha, no mesmo cubículo. Não cessam de altercar por questões de nonada, e é bom que assim seja, porque senão acabariam loucos de tédio.

Certo dia, uma vacca que traziam a Longwood rompeu a corda e fugiu; isso foi causa de disputas que tornaram a vida insupportavel. O principal responsavel era o escudeiro-mór Gourgaud, por isso que o estabulo da vacca se encontrava perto da cavallariça.

“O Imperador está furibundo, falando sempre da vacca. Mandou dizer a Archambault que se a vacca não fosse reposta em seu lugar, elle a descontaria em seu soldo e mataria as gallinhas, cabras e cabritos que vagassem por lá. Não me metto com esse negocio de vaccas; para mim é de todo indifferente que haja em Longwood uma vacca a mais ou a menos. Supportarei isso como o resto”, annota Gourgaud no seu diario (584).

Gourgaud vive a ferro e fogo com Montholon, que é o encarregado das minucias da vida domestica. Não se sabe bem o que houve entre os dois; mas a zanga foi envenenada pelo facto de que madame de Montholon, a amante do Imperador, entrou na balburdia; em Longwood, ella teve um filho d'elle, e parece que todos o souberam, excepto o marido; ou, se este o soube, fechou os olhos.

Emfim, a contenda chegou a tal ponto que Gourgaud quiz mandar um cartel de desafio a Montholon.

— Se vós ameaçaes Montholon, sois um bandido, um assassino! Prohibo-vos de ameaçar Montholon, ou me batierei por elle, grita o Imperador, sem ousar encará-lo em cheio.

Diga-se a verdade; esta acção é uma das peores de Bonaparte. Para enganar assim seu ultimo e unico amigo, fiel até o fim, para seduzir-lhe a mulher, não por amor, nem por desejo, — não faltariam mulheres para Napoleão, mesmo em Santa-Helena — mas unicamente por desfastio, entre “Zaire” e o cavallo de páo, é que elle, de facto, estava

bem mudado. “Sei que sou um decahido”. A medida do declinio dá a medida do supplicio.

O supplicio durou seis annos; seis annos a aguia captiva esperou pela liberdade...

IV

·A MORTE

(1821)

Afinal, enfermou. A doença veio insensivelmente. Os primeiros symptomas do mal — inchação das pernas, escorbuto, dor do lado direito — manifestaram-se desde a primavera de 1817. O doutor O'Meara, medico mediocre, mas honesto e de bom senso, advertiu Hudson Lowe de que a molestia do Imperador podia ameaçar-lhe a vida, se não se tomassem medidas radicaes; a causa principal era a vida sedentaria, a recusa persistente do Imperador em passear a cavallo, em consequencia da aversão que experimentava de mover-se em limites obrigatorios.

Lowe teve medo, não, certamente, de sua responsabilidade ante os ministros inglezes — a morte rapida de Bonaparte ser-lhes-ia util, — mas de algo differente; talvez não quizesse ser o assassino de Bonaparte; deu-lhe até a entender que estava prompto a todas as concessões. Mas o Imperador mandou responder-lhe que não queria acceitar nenhum beneficio oriundo de seus “carrascos”, e tudo ficou como no passado.

Durante os dezoito primeiros mezes o estado do enfermo melhorou e peorou alternativamente; emfim, pelo outomno de 1819, o mal se aggravou tanto que Napoleão teve de acamar-se.

Soffria elle de um peso continuo e de uma dor no lado direito. Os medicos acreditavam que fosse uma doença de figado, mas elle suspeitou logo tratar-se do mesmo mal do pae — um cirro no pyloro. Entretanto, não o disse a ninguém; talvez não tivesse certeza absoluta.

A coragem, que o abandonara na saúde, voltou-lhe na molestia. Não queria morrer, “desertar o campo de batalha”. “Sempre fiz de meu corpo o que quiz”. Pensava que ainda seria assim.

Não tendo confiança nos medicos, recusava-se a tomar remedios e tratava-se a seu modo.

Logo que, depois de uma crise, elle se sentia um pouco melhor, occupava-se de trabalhos de jardinagem; tendo ás suas ordens um bando de chinezes, passava dias inteiros a plantar arvores, a ajustar canteiros, gramados, aléas, pequenos bosques. Fazia construir canaes, pontes, cascatas. Enthusiasmava-se por essa labuta como se de novo esperasse realizar o sonho de toda a sua vida — transformar o inferno terrestre em paraíso.

O tratamento pareceu ajudal-o, mas teve de interrompelo: o sol feroz queimava as flores, a chuva desfazia os aterros, o vento quebrava ou desenraizava as arvores. O inferno permanecia o inferno e esse trabalho de Sisypho acabou por aborrecer de tal fórma a Napoleão que elle se trançou novamente em seu quarto.

Teve uma recaída. Nos momentos em que se sentia peor, evocava sua infancia, sua mãe:

— Ah, mamã Letizia, mamã Letizia! murmurava cobrindo a cabeça (585).

No começo da vida, conhecera um apoio solido, uma pedra santa, “Pietra Santa”, como se chamava uma de suas avós. Agora, no fim da vida, era a mesma pedra, a mesma rocha, Santa-Helena; tudo o que houvera entre esses dois rochedos fôra só uma nuvem fugitiva, um fantasma.

Levantou-se ainda uma vez e poz-se a vagar através dos aposentos, mas enfraquecia-se de dia para dia.

— Ha alguma cousa mais deploravel que minha existencia de hoje? Não é viver, é vegetar... Doutor, que doce cousa o repouso! O leito tornou-se para mim um lugar de delicias e eu não o trocaria por todos os thronos do mundo. Que mudança! Como estou decadente! Eu, cuja actividade era sem limites, cuja cabeça não fraquejava nunca! Vivo mergulhado num sopor lethargico e devo esforçar-me para levantar as palpebras. A's vezes dictava, sobre assumptos diffe-

rentes, a quatro, cinco secretarios, que iam tão depressa quanto a minha palavra; mas então eu era Bonaparte e hoje não sou mais nada (586).

Mas sim, é ainda o mesmo. Um dia em que o doutor lhe toma o pulso, o doente olha-o sorrindo e diz: “E’ como se um general apurasse o ouvido para saber como seu exercito manobra (587)”. O ouvido escutava, mas o olho não via: toda a clarividencia de Napoleão está nessas palavras.

Uma vez ainda o espirito vence o corpo; elle se restabelece pela “força da vontade”.

— Para o diabo a vossa medicina! diz ao doutor Antommarchi, homem grosseiro, ignorante e presumpçoso. — Ha em mim qualquer cousa que me electriza e me faz crer que minha machina seguiria ainda o imperio de minhas sensações e de minhas vontades... Pois bem, que pensaes agora, “dottoraccio di cape Corso?” — accrescenta elle rindo e puxando-lhe as orelhas (588).

Dá um grande passeio a cavallo, correndo a galope cinco ou seis milhas. Mas esse tratamento não mais o favorece, o exercicio não mais lhe excita a transpiração e elle se sente peor. “O Imperador vive mergulhado em profunda tristeza”, regista Antommarchi a 23 de janeiro de 1821 (589).

— Doutor, sei morrer, diz-lhe o doente no dia seguinte. Se minha hora chegou, e está escripto lá em cima que devo perecer, nem vós nem todos os medicos do mundo mudariam essa sentença (590).

Comprehendendo que lutava não mais contra a doença e sim contra a morte, olhou-a face a face, com tamanha serenidade quanto outrora nos campos de batalha; mas aqui, descer vivo ao tumulo, era mais difficil.

— Ah, por que, se eu devia perdê-la de um modo tão deploravel, os obuzes me pouparam a vida? exclamava elle ás vezes indignado (591). — Quando eu era Napoleão, disse um dia, fazendo a toilette, eu a fazia com rapidez e prazer; mas hoje que me importa estar bem posto ou mal posto? Isso me dá mais fadiga que dançes a elaboração de um plano de campanha (592).

Quasi não comia; cada bocado lhe dava náuseas e o fazia vomitar. As dores do lado e no baixo ventre tornavam-se intoleráveis.

— E', gemia elle, uma navalha que me corta em deslissamento (593).

Cada dia o official de guarda ia fazer um relato ao governador, attestando que vira o "general Bonaparte". Mas ha quinze dias que não podia fazel-o, porque Napoleão não sahia de casa e nem se aproximava mesmo das janellas. Emfim, o proprio Hudson Lowe veio a Longwood, deu a volta á habitação, olhou pela vidraça, tentando perceber o Imperador, não o viu e foi-se, ameaçando o official de castigal-o se não chegasse a ver Bonaparte vivo ou morto. O official acabou conseguindo-o; postado fóra da janella, olhou pelas cortinas entreabertas o interior 'do quarto, no momento em que o doente estava sentado na poltrona. Mas o governador não ficou satisfeito e exigiu que lhe deixassem entrar o agente nos aposentos declarando que, em caso de recusa, mandaria arrombar a porta da casa. Imagina-se a custo como tudo isso acabaria se o Imperador não consentisse em receber o medico militar Arnott, de quem ouvira louvar o espirito e a nobreza de character.

Arnott aconselhou-o a installar-se na nova morada que acabavam de construir para elle tambem em Longwood e onde os aposentos eram espaçosos e melhor arejados.

— Para que, se vou morrer? respondeu-lhe Napoleão com tanta serenidade e firmeza que Arnott não teve coragem de insistir (594).

A 2 de abril, sabendo que um cometa apparecera no horizonte, disse baixo, como se falasse a si mesmo: "Foi o signal precursor da morte de Cesar... Tudo me annuncia que vou acabar (595)."

Subito, sentiu-se melhor. A dor acalmara-se. Poude comer sem vomitar. Trocou o leito por uma poltrona; lia os jornaes, ouvia a historia de Annibal, os versos de Homero. Mandou colher uma flor no jardim e a respirou longamente. Todo mundo se alegrava.

— Então, doutor, não é ainda desta vez, diz o Imperador jovialmente, vendo entrar Antommarchi; depois olhou a

todos e recomeçou: — Não estaes enganados, meus amigos, hoje passo melhor, mas nem por isso deixo de sentir que meu fim se aproxima. Quando estiver morto, cada um de vós terá a doce consolação de retornar á Europa. Tornareis a ver os parentes, outros os amigos, e eu tornarei a ver meus valentes nos Campos Elyseos. Sim, continuou elle levantando a voz, Kleber, Desaix, Bessièrès, Duroc, Ney, Murat, Masséna, Berthier, todos virão ao meu encontro; falar-me-ão do que fizemos juntos. Vendo-me, elles ficarão doidos de enthusiasmo e de gloria. Conversaremos de nossas guerras com os Scipião, os Annibal, os Cesar, os Frederico. Que prazer nisso!... A menos, accrescentou elle rindo, que lá em baixo não tenham medo de ver tantos guerreiros juntos (596).

Arnott chega. Napoleão diz-lhe tambem que se sente melhor. Depois, tomando um tom mais animado, mais solemne: “E’ o fim, doutor, o golpe attingiu-me em cheio, vou entregar meu cadaver á terra. Aproximae-vos, Bertrand, e traduzi a este senhor o que ides ouvir; repeti tudo, sem omittir palavra”.

Depois de haver enumerado todas as perfidias, violencias e traições da Inglaterra, elle termina por estas palavras:

— Vós me assassinastes longamente, com todas as minucias, com premeditação... E eu, morrendo neste sinistro rochedo, privado dos meus e carecendo de tudo, lego o opprobrio e o horror de minha morte á familia reinante da Inglaterra (597)!

Para a tarde, o mal recrudesceu e elle cahiu numa especie de prostração, perdendo quasi os sentidos.

Alguns dias antes, Napoleão começara a escrever o testamento; continua a redigil-o. Desde que lhe retornavam algumas forças, fazia vir Montholon e Marchand, fechava-se com elles a chave, sentava-se na cama e, tendo numa das mãos um papelão que sustinha a folha de papel, escrevia com a outra. Quando, ás nauseas e aos vomitos, elle era sacudido pelos calefrios, Marchand envolvia-lhe os pés em toalhas quentes.

— Não ha pressa, Sire, dizia Montholon.

— Não, meu filho, é tempo de acabar, eu o sinto (598).

Quando se sentia fraco demais, bebia um copo de vinho de Constança — “oleo no fogo”, segundo a expressão do doutor Arnott, e continuava a escrever (599).

O testamento continha um grande numero de codicillos detalhados, com a enumeração de centenas de objectos, de quantias e de pessoas. Napoleão lembrava-se de todos os que lhe tinham feito bem na vida, agradecia-lhes e recompensava não só os vivos, mas tambem os mortos, na pessoa de filhos e netos; juntava sempre novos nomes, não se decidindo a acabar, receoso de esquecer alguém.

Depois de uma noite terrivel de febre e delirio, mandou que lhe trouxessem o cofre de joias, tirou e espalhou na cama as tabaqueiras de ouro, as caixas de bonbons, os medalhões, os camafeus, os relógios, as condecorações, as cruzes da Legião de Honra. Escolhe o que vai legar a cada um como lembrança. Ao doutor Arnott, uma caixinha de ouro; no escudo da tampa elle traça, entre dois vomitos, com a mão fraca, inhabil, mas cuidadosamente, o N imperial.

Depois de ter tudo separado e feito as inscripções, repõe as joias nos escrínios, amarra-os com fitinhas verdes, sella-os com suas armas e entrega as chaves a Marchand.

— Depois da minha morte, quero que me abram o cadáver. Recommendo-vos especialmente examinar bem meu estomago, fazendo um relatorio minucioso, preciso, que entregareis a meu filho, repete elle diversas vezes ao doutor Antommarchi. Os medicos de Montpellier annunciaram que o cirro do pyloro seria hereditario em minha familia... que eu salve ao menos meu filho dessa cruel doença. Vós o vereis, doutor, e lhe indicareis o que é conveniente fazer... é um ultimo serviço que espero de vós (600)...

Pensa na volta de seus companheiros, e quer que elles não tenham fome ao regressar á França, como quando viajavam de lá para cá; organiza uma lista de todas as provisões existentes em Longwood e na qual não são esquecidos nem mesmo os carneiros criados na cavallariça.

“Não sou bom, dizia elle, nunca o fui, mas quero ser correcto (601).”

E’ preciso verdadeiramente ser “correcto” para pensar na fome dos outros quando se sentem nauseas e vomitos.

A' noite, sacudido pelos calefrios, elle dicta dois "sonhos"; do primeiro ignora-se o thema: talvez não passasse de delirio da febre; o segundo prende-se a "uma organização das guardas nacionaes no interesse da defesã do territorio (602)".

— E meus pobres chinezes! — recorda-se elle de repente. Que elles não sejam esquecidos e lhes dêem alguns punhados de napoleões; devo tambem fazer-lhes meus adeuses (603).

Pede para ser enterrado nas margens do Sena, "em meio a esse povo francez que tanto amou (604)", ou então perto de seus avós, na cathedral de Ajaccio.

— E se renegarem meu cadaver, como renegaram minha pessoa, que me sepultem ali, onde corre essa agua tão doce e tão pura (605).

Todos os dias iam buscar-lhe essa agua no valle do Gerá-nio, perto de Longwood, onde, debaixo de tres salgueiros, cantava uma fonte pura e fresca; durante a doença essa agua lhe foi particularmente agradável.

Depois de saboreal-a, dizia a cada instante:

— E' bom, muito bom (606)!

Pedindo para ser inhumado perto dessa fonte, elle parecia offerecer em agradecimento á Terra-Mãe a ultima cousa que lhe restava: suas cinzas.

"Morro na religião apostolica e romana, no seio da qual nasci", diz elle no testamento (607).

E era realmente assim?

Logo no começo da doença, pedira elle a seu tio, o cardeal Fesch, um padre "para não morrer como um cão (608)". O parente mandou-lhe dois padres corsos, os abbades Buonavita e Vignali.

A 21 de abril, quando o doente comprehendeu que ia morrer, chamou o abade Vignali e perguntou-lhe:

— Sabeis, reverendo, o que é uma camara ardente?

— Sim, Sire.

— Já officiastes em alguma?

— Sim, Sire.

— Pois bem, officiareis na minha. Quando eu estiver em agonia, mandareis levantar um altar no aposento proximo,

e exporeis o santo sacramento e recitareis as preces dos agonizantes. Nasci na religião catholica, quero desobrigar-me dos deveres que ella impõe e receber os soccorros que ella administra...

Nesse momento o doutor Antommarchi, que estava ao pé do leito, teve um sorriso.

— Vossas tolices me enfadam, senhor, disse o enfermo. Posso perdoar-vos as leviandades e a falta de polidez, mas a falta de sentimento, nunca! Retirae-vos.

O outro sahiu.

— Quando eu estiver morto, continua Napoleão, dirigindo-se de novo ao abbade, collocar-me-ão numa camara e vós celebrareis a missa, só a interrompendo quando me levarem para o tumulo.

Calou-se, depois falou da região natal do abbade Vignali, na Corsega, da casa que este devia construir ali, da vida agradável que ali poderia levar (609).

O abbade, pondo-se de joelhos, beijou piedosamente a mão do Imperador, que pendia para fóra do leito e, os olhos cheios de lagrimas, ficou em silencio; talvez comprehendesse não dever falar do céu áquelle que falava tão bem da terra.

Quinze dias decorreram — quinze dias de dôres mortaes. O Imperador parecia ter esquecido o abbade Vignali; em todo caso, adiava sempre a hora de recebê-lo. Emfim, a 3 de maio, mandou procural-o, mas recommendando-lhe que “viesse em traje burguez” e não mostrasse a ninguem “o objecto que trazia”, isto é, o Santo Sacramento. Esta recommendação elle a repetiu diversas vezes (610).

“Parece que desejava receber todas as garantias que pôde dar a Egreja e tinha vergonha de confessal-o. Sabia que muita gente em Santa-Hlena e ainda mais na França olhava esse appello ás consolações da religião como uma fraqueza; talvez elle proprio o julgasse assim”, diz lord Holland, transmittindo esses detalhes recebidos de Monthon (611).

O abbade entrou no quarto do moribundo e ficou sózinho com elle. Marchand montava guarda no aposento pro-

ximo para não deixar entrar ninguém. Cerca de meia hora depois, o abbade Vignali sahiu e, violando em sua simplicidade de coração os designios do Imperador, annunciou que o Imperador acabava de receber a extrema-uncção, uma vez que o estado do seu estomago não permittia lhe applicassem outro sacramento.

Depois disso, nada mudou na attitude do agonizante. Permaneceu simples e bom para com todos, esquecendo-se de si mesmo pelos outros, sem pensar mais no céu — até o fim não pensou senão na terra, e só amou a terra.

Uma hora após a sahida do abbade Vignali, reuniu os seus intimos e disse-lhes:

— Vou morrer. Vós partilhastes de meu exílio e sereis fieis á minha memoria, nada fareis que possa feril-a. Sancionei todos os principios; infundi-os nas minhas leis, nos meus actos... infelizmente as circumstancias eram duras. Fui obrigado a castigar, a protelar; os revezes chegaram, não pude afrouxar o arco e a França foi privada das instituições liberaes que eu lhe destinava. Ella me julga com indulgencia, levando em conta as minhas intencões, ella quer bem ao meu nome, ás minhas victorias; imitae-a, sêde fieis á gloria que adquirimos, porque fóra disso só ha vergonha e confusão (612).

Quem fala assim não se arrependeu de nada.

Nos dois ultimos dias soffreu bastante; estava angustiado, agitado, ardendo em febre; estancavam-lhe a sêde com a agua do valle do Geranio e elle repetia a cada instante como se agradecesse a alguem:

— E' bom, muito bom!

No delirio, falava das batalhas:

— Steingel, Desaix, Masséna! Ah! a victoria se decide; ide, correio, apressae a investida; vamos dominal-os (613)!...

Na noite de 4 para 5 de maio, esperavam-lhe o fim de um minuto para outro. Fóra a tempestade ululava. Monthon estava sózin'ho com o Imperador. Este falava no delirio, mas tão indistinctamente que ninguém lhe comprehenderia as palavras; num dado instante gritou:

— França!... Exercito!...

E tendo-se levantado, precipitou-se para fóra do leito. Montholon quiz retel-o, mas o Imperador lutou contra elle e os dois rolaram pelo chão. O moribundo apertava-lhe a garganta com tanta força que o outro quasi se viu suffocado e nem podia chamar por soccorro. Emfim, do aposento vizinho ouviram o barulho, correram, levantaram-n'os e, separando-os, repuzeram Napoleão na cama. Elle não se mexeu mais. Fôra o ultimo sobresalto dessa força que subvertera o mundo.

Todo o dia elle permaneceu deitado, immovel, como sem vida; só seu rosto deixava ver que o Grande Soldado lutava ainda contra a suprema inimiga — a Morte.

Pela tarde, a tempestade acalmou-se. A's cinco horas e quarenta e cinco minutos, o tiro de canhão regulamentar ressoou nos bastiões de James Town. O sol se deitara, Napoleão estava morto. Depositaram-lhe o corpo num esguio leito de campanha e cobriram-no com o manto azul que o Imperador usara na batalha do Marengo; puzeram-lhe a espada ao lado esquerdo e um crucifixo no peito.

Seu rosto, rejuvenescido pela morte, assemelhava-se ao rosto de Bonaparte Primeiro Consul.

Quando os sub-officiaes da guarnição ingleza vieram saudar os despojos mortaes do Imperador, um delles disse a seu filhinho:

— Olhe bem Napoleão, é o maior homem do mundo (614).

Enterraram-no no valle do Geranio, perto da fonte, ao pé dos tres salgueiros.

Hudson Lowe discutiu com os francezes a proposito da inscripção funeraria: "Napoleão" ou "Bonaparte"; não chegaram a entender-se e a tumba ficou sem nome. Talvez fosse melhor assim; aquelle que deitavam ali era mais que Bonaparte e que Napoleão — era o Homem.

"Desejo que minhas cinzas repousem ás margens do Sena" — esse desejo foi egualmente realizado. Mas talvez Lermontov tenha razão: a sombra do Imperador deve lembrar com saudade "a ilha ardente onde, sob o céu de longinquas paragens, tinha por guarda o Oceano, grande como elle

e como elle invencivel", ilha onde, ao alto de uma tumba sem nome, resplandecia a "constellação do Cruzeiro". Morto, elle comprehendeu talvez o que, vivo, não comprehendera: a significação da Cruz.

Nunca Napoleão rezou por si mesmo e, entanto, é por uma oração que convém terminar a historia de sua vida:

"Recebe, Senhor, a alma de teu servo, Napoleão, e acolhe-a na Cidade dos justos."

F I M

NOTAS DA SEGUNDA PARTE

A SUA VIDA E A SUA HISTORIA

- (1) — Thibaudeau, *Mémoires*, Paris, Plon, 1913, p. 168.
- (2) — *Le Mémorial de Sainte-Hélène*, pelo conde de Las Cases, Paris, Garnier, I, p. 83.
- (3) — A. Chuquet, *La jeunesse de Napoléon*, Paris, Armand Colin, I, p. 40.
- (4) — H. Taine, *Les origines de la France contemporaine*, IX, *Le régime moderne*, Paris, Hachette, I, p. 26.
- (5) — Antommarchi, *Les derniers moments de Napoléon*, Paris, Garnier, I, p. 120. *Mémorial*, I, p. 82.
- (6) — Chuquet, I, p. 44.
- (7) — Antommarchi, I, p. 273; Taine, p. 9.
- (8) — Lacour-Gayet, *Napoléon, sa vie, son œuvre, son temps*, Paris, Hachette, p. 283.
- (9) — J. Bertaut, *Napoléon Bonaparte, Virilités*, Paris, e Sansot, p. 52.
- (10) — Lacour-Gayet, ps. 285-286; O'Meara, *Napoléon en exil*, Paris, Garnier, II, p. 184.
- (11) — O'Meara, II, p. 184; Lacour-Gayet, p. 271.
- (12) — Chuquet, I, p. 47; Id., p. 286.
- (13) — *Mémorial*, II, p. 335.
- (14) — *Mémorial*, II, p. 362.
- (15) — Antommarchi, I, p. 269.
- (16) — Id., I, p. 213.
- (17) — Chuquet, I, p. 51.
- (18) — Chuquet, I, p. 55.
- (19) — *Mémorial*, II, p. 360.
- (20) — G. de Maupassant, *Boule de Suif*, Paris, Ollendorff, ps. 211-212. (Novella intitulada *Le Bonheur*.)
- (21) — *Mémorial*, II, p. 360.
- (22) — Antommarchi, I, p. 273; *Mémorial*, I, p. 94; Lacour-Gayet, p. 94.
- (23) — Chuquet, I, p. 50; Lacour-Gayet, p. 271.
- (24) — Stendhal, *Vie de Napoléon, Fragments*, Paris Calmann-Lévy, p. 11.
- (25) — Id., *Le Rouge et le Noir*.
- (26) — Ræderer, *Journal*, Paris, Daragon, 1909, p. 165.
- (27) — Chuquet, I, ps. 77-78; Antommarchi, I, p. 136.
- (28) — Constant, *Mémoires*, Paris, Garnier, IV, p. 245. "Preocupação por assim dizer lethargica"; Bourrienne, *Mémoires*, Paris, Garnier, V, p. 387; "Então, como se tivesse saído de um sonno lethargico..."

- (29) — Chuquet, I, p. 79.
- (30) — Bourrienne, *Mémoires*, Paris, Garnier, I, p. 117.
- (31) — Chuquet, I, p. 117.
- (32) — *Mémorial*, III, p. 247.
- (33) — Madame de Rémusat, I, p. 267; Taine, p. 76.
- (34) — Bourrienne, II, p. 142.
- (35) — Chuquet, I, p. 118.
- (36) — Napoleão, *Manuscripts inédits*, 1786-1791. Publicados por F. Masson e G. Biagi, Paris, Ollendorff, 1912, p. 382.
- (37) — Stendhal, *Le Rouge et le Noir*, p. 72.
- (38) — Madame de Rémusat, I, p. 267; Chuquet, I, p. 128.
- (39) — Chuquet, I, p. 129.
- (40) — Napoleão, *Manuscripts inédits*, p. 5.
- (41) — Chuquet, I, p. 123.
- (42) — Napoleão, *Manuscripts inédits*, p. 569.
- (43) — F. Masson, *Napoléon dans sa jeunesse*, Paris, Ollendorff, ps. 83-86.
- (44) — Bourrienne, I, p. 24. Masson, *Napoléon dans sa jeunesse*, p. 88.
- (45) — Lacour-Gayet, p. 240.
- (46) — F. Masson, *Napoléon dans sa jeunesse*, p. 89.
- (47) — Arthur-Lévy, *Napoléon intime*, Paris, Nelson, p. 33.
- (48) — Chuquet, I, p. 210.
- (49) — Madame de Rémusat, *Mémoires*, II, p. 335; Taine, p. 103.
- (50) — Chuquet, I, p. 262.
- (51) — Lacour-Gayet, p. 6.
- (52) — Miot de Mérito, *Mémoires*, Paris, Calmann-Lévy, t. II, p. 274.
- (53) — Masson, *Napoléon et sa famille*, Paris, Ollendorff, t. I, p. 114.
- (54) — *Mémorial*, III, p. 514; Lacour-Gayet, p. 336.
- (55) — Lacour-Gayet, p. 17.
- (56) — Arthur-Lévy, p. 43.
- (57) — Id., p. 45.
- (58) — Duqueza de Abrantes, *Mémoires — Les coulissses du Consulat*, Paris, A. Michel, p. 15.
- (59) — *Mémorial*, I, p. 102.
- (60) — Napoleão, *Manuscripts inédits*, ps. 5-6.
- (61) — Id., p. 1-2.
- (62) — Lacroix, *Histoire de Napoléon*, Paris, Garnier, 1902, p. 75; *Mémorial*, III, p. 136; Chuquet, I, p. 358.
- (63) — Chuquet, II, p. 22.
- (64) — Napoleão, *Manuscripts inédits*, p. 394.
- (65) — Chuquet, II, ps. 92-96.
- (66) — Id., p. 97.
- (67) — Napoleão, *Manuscripts inédits*, p. 531.
- (68) — Id., p. 394.
- (69) — F. Masson, *Napoléon et sa famille*, I, p. 46.
- (70) — Napoleão, *Manuscripts inédits*, p. 127.
- (71) — Id., p. 141.
- (72) — Napoleão, *Manuscripts inédits*, p. 213.
- (73) — Id., p. 567.
- (74) — Bourrienne, IV, p. 389.
- (75) — Napoleão, *Manuscripts inédits*, p. 367.
- (76) — Chuquet, II, ps. 293-294.
- (77) — Chuquet, III, p. 91; Pasquier, *Mémoires*, II, p. 73.
- (78) — Id., II, ps. 290-291.
- (79) — Id., II, p. 294.

- (80) — Chuquet, III, p. 10; Arthur-Lévy, p. 51; Bourrienne, I, ps. 32-33.
- (81) — Chuquet, III, p. 19; F. Masson, *Napoléon dans sa jeunesse*, ps. 313-314; *Mémorial*, III, p. 138.
- (82) — Chuquet, III, p. 20.
- (83) — Napoleão, *Manuscrits inédits*, p. 569.
- (84) — Lacour-Gayet, p. 18.
- (85) — F. Masson, *Napoléon et sa famille*, I, p. 66.
- (86) — Chuquet, III, p. 115.
- (87) — Chuquet, III, p. 126.
- (88) — Id., III, p. 144.
- (89) — Id., III, ps. 140, 143.
- (90) — Chuquet, III, p. 145.
- (91) — Lacour-Gayet, p. 272; Lacroix, p. 105.
- (92) — Chuquet, III, p. 163.
- (93) — Id., p. 166.
- (94) — Chuquet, III, p. 172.
- (95) — *Mémorial*, III, p. 111.
- (96) — Gourgau, *Journal inédit*, Paris, Flammarion, II, p. 434.
- (97) — *Mémorial*, I, p. 114.
- (98) — Chuquet, III, p. 193.
- (99) — *Mémorial*, I, p. 115.
- (100) — *Mémorial*, I, ps. 117, 118.
- (101) — *Mémorial*, I, p. 118.
- (102) — Antommarchi, I, p. 216.
- (103) — Chuquet, III, ps. 216-218.
- (104) — Chuquet, III, p. 221.
- (105) — *Mémorial*, I, p. 120.
- (106) — Chuquet, III, p. 230.
- (107) — Lacroix, p. 130.
- (108) — Lacroix, p. 133.
- (109) — Stendhal, ps. 61-63.
- (110) — Stendhal, ps. 73-75.
- (111) — Arthur-Lévy, p. 457.
- (112) — *Mémorial*, I, p. 452.
- (113) — Thiébault, *Mémoires*, I, p. 533.
- (114) — *Mémorial*, I, p. 453.
- (115) — Thiébault, I, ps. 534-537; Pasquier, I, p. 123; Stendhal, ps. 96-98; Marmont, I, p. 84; Ségur, I, ps. 163-167; Bourrienne, I, ps. 61-63.
- (116) — Masson, *Napoléon et sa famille*, I, p. 126; Arthur-Lévy, p. 90.
- (117) — Lacour-Gayet, p. 340.
- (118) — Stendhal, p. 112; *Mémorial*, I, p. 131.
- (119) — *Mémorial*, I, p. 129.
- (120) — O' Meara, *Napoléon en exil*, I, p. 210.
- (121) — Constant, I, p. 279.
- (122) — *Mémorial*, II, p. 326.
- (123) — Lacour-Gayet, p. 340; Arthur-Lévy, p. 98.
- (124) — F. Masson, *Napoléon et les femmes*, ps. 44-45; Lacour-Gayet, p. 344.
- (125) — Id. *Madame Bonaparte*, p. 132.
- (126) — Gourgau, II, p. 8.
- (127) — Lord Holland, *Souvenirs*, Paris, Firmin-Didot, 1862, p. 200.
- (128) — Arthur-Lévy, p. 102.
- (129) — Gourgau, II, p. 54.
- (130) — Rœderer, p. 278.
- (131) — *Mémorial*, I, p. 129.
- (132) — Stendhal, p. 127.
- (133) — Lacour-Gayet, p. 31.
- (134) — Lacroix, p. 165.
- (135) — Stendhal, p. 248.
- (136) — Ségur, I, p. 194.
- (137) — Stendhal, p. 195.
- (138) — Lacroix, p. 170; *Mémorial*, I, p. 472.
- (139) — Ségur, I, p. 232.
- (140) — Stendhal, p. 127.
- (141) — Lacroix, p. 170; *Mémorial*, p. 480.
- (142) — Id., p. 180; Lacour-Gayet, p. 33.

- (143) — Lacour-Gayet, p. 40.
 (144) — Metternich, I, p. 147; Taine, *Les origines de la France contemporaine*, IX, p. 141.
 (145) — J. Bertaut, p. 181.
 (146) — *Mémorial*, I, p. 120.
 (147) — *Mémorial*, IV, p. 144.
 (148) — D. Merejkovsky, *Napoléon, l'Homme*, cap. VII.
 (149) — Ségur, I, p. 323.
 (150) — Lacroix, p. 179; Lacour-Gayet, p. 33.
 (151) — Napoleão, *Manuscrits inédits*, p. 567.
 (152) — Stendhal, p. 279.
 (153) — Stendhal, p. 280.
 (154) — Miot de Melito, I, ps. 154-156; Lacour-Gayet, p. 46.
 (155) — Duqueza de Abrantes, p. 85.
 (156) — Lacour-Gayet, p. 56.
 (157) — Id., p. 51.
 (158) — Bourrienne, I, p. 221.
 (159) — Id., I, p. 230.
 (160) — Marmont, I, p. 356.
 (161) — Vandal, *L'avènement de Bonaparte*, I, p. 283.
 (162) — Marmont, I, p. 367.
 (163) — Ségur, I, p. 420.
 (164) — Gourgand, I, p. 62.
 (165) — Napoleão, *Manuscrits inédits*, p. 127.
 (166) — Madame de Rémusat, I, p. 274.
 (167) — Marmont, II, p. 11.
 (168) — Madame de Rémusat, I, p. 274.
 (169) — *Mémorial*, I, p. 155.
 (170) — Röederer, p. 10.
 (171) — Antommarchi, p. 134.
 (172) — Lacour-Gayet, p. 65; *Mémorial*, II, p. 155.
 (173) — Ségur, I, p. 433.
 (174) — *Mémorial*, II, ps. 84-85; Lacroix, p. 266; Bourrienne, I, p. 363.
 (175) — Lacroix, p. 272; Bourrienne, I, p. 408.
 (176) — Ségur, I, ps. 463-469.
 (177) — Marmont, V, p. 48.
 (178) — Id., II, p. 52.
 (179) — Vandal, II, p. 40.
 (180) — *Mémorial*, III, ps. 5-6.
 (181) — Marmont, II, p. 88.
 (182) — Vandal, I, p. 293.
 (183) — Id., I, p. 276; Lacour-Gayet, p. 88.
 (184) — Vandal, I, p. 343.
 (185) — Id., I, p. 274.
 (186) — Vandal, I, p. 216.
 (187) — Chuquet, III, p. 2.
 (188) — Marmont, II, p. 89.
 (189) — Id., II, p. 51.
 (190) — Pasquier, *Mémoires*, I, p. 141.
 (191) — Thiébault, III, p. 59.
 (192) — F. Masson, *Madame Bonaparte*, p. 170.
 (193) — Thiébault, III, p. 60.
 (194) — Vandal, II, p. 357.
 (195) — Marmont, II, p. 91.
 (196) — Marmont, II, p. 93.
 (197) — Madame de Rémusat, III, p. 204.
 (198) — Vandal, I, p. 314; Lacour-Gayet, p. 87.
 (199) — Vandal, I, ps. 315-322.
 (200) — Vandal, I, p. 357.
 (201) — Id., I, p. 357.
 (202) — Marmont, II, p. 98.
 (203) — Vandal, I, ps. 358-402.
 (204) — Pasquier, I, p. 145.
 (205) — Marmont, II, p. 104.
 (206) — Thibaudeau, p. 7.
 (207) — Taine, p. 105.
 (208) — Pasquier, I, ps. 160-161.
 (209) — J. Bertaut, p. 158.
 (210) — Pasquier, I, p. 150.
 (211) — Thiébault, III, p. 274.
 (212) — Lacour-Gayet, p. 114.
 (213) — Lacour-Gayet, p. 455.

- (214) — Id., p. 120.
 (215) — Antommarchi, I, p. 290.
 (216) — Lacour-Gayet, p. 119.
 (217) — Vandal, II, p. 505.
 (218) — Vandal, I, p. 542.
 (219) — Vandal, II, ps. 485-486.
 (220) — Holland, p. 199.
 (221) — Vandal, II, p. 486.
 (222) — Antommarchi, I, p. 290, II, p. 107.
 (223) — Pasquier, I, p. 162.
 (224) — *Mémorial*, III, p. 6; Pasquier, I, p. 163.
 (225) — Marmont, II, p. 106.
 (226) — Pasquier, I, p. 163.
 (227) — Rœderer, p. 93.
 (228) — Rœderer, p. 22.
 (229) — Arthur-Lévy, p. 496.
 (230) — Arthur-Lévy, p. 482.
 (231) — Vandal, II, p. 506.
 (232) — Marmont, II, p. 100.
 (233) — Pasquier, I, p. 161.
 (234) — Vandal, II, p. 504.
 (235) — Bourrienne, III, p. 30.
 (236) — Rœderer, p. 88.
 (237) — Vandal, II, p. 11.
 (238) — Thubaucau, ps. 22-23.
 (239) — F. Masson, *Napoléon et sa famille*, I, p. 379.
 (240) — Lacour-Gayet, p. 160.
 (241) — Constant, III, p. 152.
 (242) — Vandal, II, p. 509.
 (243) — Lacour-Gayet, p. 153.
 (244) — Miot de Mérito, II, p. 163.
 (245) — Miot de Mérito, II, p. 170.
 (246) — Ségur, II, p. 265.
 (247) — Madame de Rémusat I, ps. 337-390.
 (248) — Ségur, II, p. 252.
 (249) — *Mémorial*, IV, ps. 263-264.
 (250) — *Mémorial*, IV, p. 641.
 (251) — Pasquier, I, p. 196.
 (252) — Holland, p. 169.
 (253) — Ségur, II, p. 281.
 (254) — Lacour-Gayet, p. 167.
 (255) — Miot de Mérito, II, ps. 184-185.
 (256) — F. Masson, *Le sacre de Napoléon*, p. 83.
 (257) — Id., p. 88.
 (258) — Masson, *Le sacre de Napoléon*, p. 146.
 (259) — Id., p. 183.
 (260) — Duqueza de Abrantes, III, p. 48.
 (261) — Bourrienne, III, p. 448; Lacour-Gayet, p. 169.
 (262) — Lacour-Gayet, p. 168.
 (263) — F. Masson, loc. cit., p. 273.
 (264) — Lacour-Gayet, p. 218; Bourrienne, II, ps. 135-136.
 (265) — Vandal, II, p. 510.
 (266) — Lacour-Gayet, p. 224.
 (267) — Bourrienne, III, p. 184.
 (268) — Marmont, II, ps. 212-216.
 (269) — O'Meara, I, p. 328.
 (270) — Pasquier, I, p. 217; Marmont, II, p. 215.
 (271) — Lacour-Gayet, p. 237.
 (272) — Id., p. 238.
 (273) — Bourrienne, IV, p. 389.
 (274) — *Mémorial*, IV, p. 160; Miot de Mérito, I, p. 289.
 (275) — Lacour-Gayet, p. 242.
 (276) — Marbot, II, p. 20.
 (277) — Ségur, III, p. 169.
 (278) — Ségur, III, p. 183.
 (279) — Marbot, II, p. 39.
 (280) — Ségur, III, p. 183.
 (281) — Vandal, *Napoléon et Alexandre*, ler., t. I, ps. 58-61.
 (282) — Duqueza de Abrantes, II, p. 25.
 (283) — Vandal, loc. cit., I, p. 67; *Mémorial*, II, p. 29.
 (284) — Id., I, p. 243.
 (285) — Stendhal, p. 289.

- (286) — Lacour-Gayet, p. 239.
 (287) — Lacour-Gayet, p. 240.
 (288) — Lacour-Gayet, ps. 410-416.
 (289) — Bourrienne, IV, ps. 166-171.
 (290) — Bourrienne, IV, p. 171; Marbot, III, p. 223.
 (291) — Houssaye, 1815, I, p. 616.
 (292) — Vandal, *Napoléon et Alexandre, Ier*, t. I, p. 260.
 (293) — Vandal, I, ps. 242-243.
 (294) — Vandal, I, p. 263.
 (295) — Marmont, III, p. 337.
 (296) — Taine, p. 124; Metternich, II, ps. 378-304.
 (297) — Vandal, II, p. 440.
 (298) — Gourgaud, I, p. 33, (Nota).
 (299) — Madame de Rémusat, I, p. 338.
 (300) — Houssaye, 1815, I, p. 512.
 (301) — Madame de Rémusat, III, p. 221.
 (302) — Expressão de Dostoevsky, sobre Pouchkine.
 (303) — Lacour-Gayet, p. 441.
 (304) — Vandal, I, p. 272.
 (305) — Lacour-Gayet, p. 459.
 (306) — Bourrienne, V, p. 148.
 (307) — Lacour-Gayet, p. 424.
 (308) — Marbot, II, ps. 75-84.
 (309) — Lacour-Gayet, p. 72.
 (310) — *Mémorial*, II, p. 545; Lacour-Gayet, p. 423.
 (311) — Thiébault, IV, p. 394.
 (312) — L. Bloy, *L'âme de Napoléon*, p. 169.
 (313) — Fournier, III, p. 8; Lacour-Gayet, p. 424.
 (314) — Lacour-Gayet, p. 297.
 (315) — Marbot, II, p. 85.
 (316) — Ségur, III, p. 254.
 (317) — Ségur, III, p. 309.
 (318) — Pasquier, I, ps. 353-359.
 (319) — Marmont, III, p. 243.
 (320) — Rapp, ps. 147-153; Bourrienne, IV, ps. 411-417; Constant, III, p. 115; Merejkovsky, *Napoléon, l'Homme, cap. l'Homme de l'Atlantide*.
 (321) — Bourrienne, IV, p. 419.
 (322) — Rapp, ps. 166-167.
 (323) — Lacour-Gayet, p. 464.
 (324) — Lacour-Gayet, p. 423.
 (325) — Lacour-Gayet, p. 424.
 (326) — F. Masson, *Joséphine répudiée*, p. 46.
 (327) — F. Masson, *Napoléon et les femmes*, p. 271.
 (328) — Røderer, ps. 13-14.
 (329) — Constant, III, p. 295.
 (330) — F. Masson, *Napoléon et les femmes*, p. 275.
 (331) — Macdonald, p. 284.
 (332) — Røderer, p. 323.
 (333) — F. Masson, *Napoléon et les femmes*, ps. 295-299.
 (334) — Idem, p. 315; Antomarchi, II, p. 96.
 (335) — *Mémorial*, IV, p. 640.
 (336) — *Mémorial*, II, p. 168.
 (337) — L. Bloy, ps. 151-152.
 (338) — Madame de Rémusat, III, p. 50; Lacour-Gayet, p. 447.
 (339) — *Mémorial*, III, ps. 248, 254, 257.
 (340) — D. Merejkovsky, *Napoléon l'Homme capit. Le maître du monde*.
 (341) — Bourrienne, IV, p. 407.
 (342) — Bloy, p. 168; *Mémorial*, II, p. 545.
 (343) — Madame de Rémusat, III, p. 65, (nota).
 (344) — Thibaudeau, p. 286.
 (345) — Lacour-Gayet, p. 387.
 (346) — *Mémorial*, III, p. 629.

- (347) — J. Bertaut, p. 95.
 (348) — Bourrienne, IV, p. 338.
 (349) — Lacour-Gayet, p. 392.
 (350) — Madame de Rémusat, I, p. 125.
 (351) — Bourrienne, III, p. 394.
 (352) — Lacour-Gayet, p. 176.
 (353) — Constant, I, p. 286.
 (354) — F. Masson, *Le sacre de Napoléon*, p. 5.
 (355) — Madame de Rémusat, I, p. 383.
 (356) — Marmont, V, p. 2.
 (357) — Chuquet, I, p. 50; Stendhal, p. 5.
 (358) — Ségur, IV, p. 87.
 (359) — *Mémorial*, IV, p. 159.
 (360) — Vandal, II, ps. 490-493.
 (361) — Ségur, IV, p. 131.
 (362) — Ségur, IV, p. 138.
 (363) — Ségur, IV, p. 281.
 (364) — Ségur, IV, p. 373.
 (365) — Ségur, IV, p. 374.
 (366) — Antommarchi, I, p. 216.
 (367) — Ségur, III, p. 43.
 (368) — Ségur, IV, p. 381.
 (369) — Ségur, IV, ps. 384-387.
 (370) — Ségur, IV, ps. 386-399.
 (371) — Ségur, IV, ps. 45, 47.
 (372) — O'Meara, I, p. 181.
 (373) — Ségur, V, p. 51.
 (374) — Ségur, V, p. 75.
 (375) — Lacour-Gayet, p. 207.
 (376) — Rapp. *Mémoires*, ps. 260-261; Ségur, V, p. 318.
 (377) — Constant, III, p. 440.
 (378) — Ségur, V, ps. 320-321.
 (379) — Ségur, V, ps. 315-316; Marbot, IV, p. 91; Constant, III, p. 444.
 (380) — Ségur, V, ps. 335-343; Constant, III, ps. 448-449.
 (381) — Fournier, III, p. 130.
 (382) — Lacour-Gayet, p. 478.
 (383) — Constant, III, p. 424.
 (384) — *Mémorial*, IV, p. 243.
 (385) — Røderer, p. 212.
 (386) — Marmont, V, p. 5.
 (387) — Lacour-Gayet, p. 484.
 (388) — Lacour-Gayet, p. 488.
 (389) — *Mémorial*, III, ps. 357-358.
 (390) — *Mémorial*, III, p. 373.
 (391) — *Mémorial*, III, p. 355.
 (392) — Marbot, IV, p. 181.
 (393) — Marbot, IV, p. 185.
 (394) — Marmont, V, p. 300.
 (395) — Macdonald, p. 224.
 (396) — Ségur, VI, p. 187.
 (397) — Lacour-Gayet, p. 287.
 (398) — Marbot, IV, p. 191.
 (399) — Lacour-Gayet, p. 497.
 (400) — Lacour-Gayet, p. 498.
 (401) — H. Houssaye, 1814, p. 4.
 (402) — Houssaye, 1814, p. 7.
 (403) — Lacour-Gayet, p. 503; *Mémorial*, IV, p. 163.
 (404) — Lacour-Gayet, p. 504.
 (405) — Lacour-Gayet, p. 504.
 (406) — *Mémorial*, III, p. 356.
 (407) — Houssaye, 1814, p. 399.
 (408) — Houssaye, 1814, p. 252.
 (409) — Houssaye, 1814, p. 443.
 (410) — Marmont, VI, p. 8.
 (411) — Lacour-Gayet, p. 481.
 (412) — Marmont, VI, p. 51.
 (413) — Ségur, VI, p. 470.
 (414) — Lacour-Gayet, p. 479.
 (415) — Lacour-Gayet, p. 519; Houssaye, 1814, p. 254.
 (416) — Lacour-Gayet, p. 512.
 (417) — Houssaye, 1814, p. 63.
 (418) — Lacour-Gayet, p. 513.
 (419) — Lacour-Gayet, p. 511.
 (420) — Houssaye, 1814, p. 160.
 (421) — Bourrienne, IV, p. 263; Constant, IV, p. 197.
 (422) — Houssaye, 1814, p. 410.
 (423) — Houssaye, 1814, p. 413.
 (424) — Houssaye, 1814, ps. 541-542.

- (425) — Houssaye, 1814, ps. 591-592.
- (426) — Houssaye, 1814, ps. 604-607; Macdonald, ps. 264-266.
- (427) — Houssaye, 1814, ps. 600-601.
- (428) — Houssaye, 1814, p. 634.
- (429) — *Mémorial*, IV, p. 641.
- (430) — Houssaye, 1814, p. 637.
- (431) — Houssaye, 1814, p. 637.
- (432) — Houssaye, 1814, p. 641.
- (433) — Houssaye, 1814, p. 641.
- (434) — Constant, IV, ps. 256-270; Ségur, VII, ps. 196-199; Pasquier, II, 326; *Mémorial*, IV, p. 173.
- (435) — Gourgaud, I, p. 558.
- (436) — *Mémorial*, I, p. 45; Bertaut, p. 51.
- (437) — Lacour-Gayet, p. 526.
- (438) — Lacour-Gayet, p. 501.
- (439) — Bourrienne, V, p. 382.
- (440) — Macdonald, ps. 300-301.
- (441) — Houssaye, 1815, I, p. 151.
- (442) — Id., I, p. 7.
- (443) — Houssaye, 1815, I, p. 179.
- (444) — Houssaye, 1815, I, p. 176.
- (445) — Lacour-Gayet, p. 531.
- (446) — Houssaye, 1815, I, p. 174.
- (447) — Id., p. 175.
- (448) — Holland, p. 145.
- (449) — Houssaye, 1815, I, p. 193.
- (450) — O' Meara, p. 238.
- (451) — Houssaye, 1815, I, p. 135.
- (452) — Houssaye, 1815, I, p. ps. 247-248.
- (453) — *Mémorial*, III, p. 463.
- (454) — Houssaye, 1815, I, ps. 255, 260.
- (455) — Houssaye, 1815, I, p. 249.
- (456) — Id., p. 310.
- (457) — Id., p. 303.
- (458) — *Mémorial*, III, p. 467.
- (459) — Houssaye, 1815, I, p. 492.
- (460) — Id., p. 275.
- (461) — Houssaye, 1815, I, p. 312.
- (462) — Id., p. 313.
- (463) — Id., p. 315.
- (464) — Thiébault, V, p. 277.
- (465) — Houssaye, 1815, I, p. 300.
- (466) — Id., p. 445.
- (467) — Houssaye, 1815, I, p. 459.
- (468) — *Mémorial*, IV, p. 161.
- (469) — Houssaye, 1815, I, ps. 558-559.
- (470) — Thibaudeau, p. 459.
- (471) — Houssaye, 1815, I, p. 616.
- (472) — Houssaye, 1815, II, p. 82.
- (473) — Houssaye, II, p. 84.
- (474) — *Mémorial*, IV, p. 161.
- (475) — Houssaye, 1815, I, p. 488.
- (476) — Houssaye, 1815, I, p. 498.
- (477) — *Mémorial*, IV, ps. 160-161.
- (478) — Houssaye, 1815, II, p. 123.
- (479) — Houssaye, 1815, II, p. 165.
- (480) — Houssaye, 1815, II, p. 148.
- (481) — Id., p. 260.
- (482) — Houssaye, 1815, II, p. 232.
- (483) — Houssaye, 1815, II, p. 269.
- (484) — Houssaye, 1815, II, p. 495.
- (486) — Houssaye, 1815, II, ps. 285,

- (486) — Houssaye, 1815, II, ps. 318-319.
- (487) — Houssaye, 1815, II, p. 329.
- (488) — *Mémorial*, I, p. 314.
- (489) — Houssaye, 1815, II, p. 344.
- (490) — Id., p. 345.
- (491) — Houssaye, 1815, II, I 351.
- (492) — Id., p. 364.
- (493) — Houssaye, 1815, II, p. 374.
- (494) — Houssaye, 1815, II, p. 393.
- (495) — Id., p. 393.
- (496) — Kennedy, *Notes on the Battle of Waterloo*, ps. 127-130.
- (497) — Houssaye, 1815, II, p. 403.
- (498) — Id., p. 409.
- (499) — Houssaye, 1815, II, p. 410.
- (500) — O' Meara, II, p. 242.
- (501) — Houssaye, 1815, II, p. 416.
- (502) — Houssaye, 1815, II, p. 418.
- (503) — Madame de Stael, *Mémoires*, IV, p. 226.
- (504) — Houssaye, 1815, II, ps. 440-441.
- (505) — Id. p. 448.
- (506) — Houssaye, 1815, II, p. 450.
- (507) — *Mémorial*, III, p. 267.
- (508) — Røderer, p. 252.
- (509) — Fournier, III, p. 233.
- (510) — Houssaye, 1815, III, p. 14.
- (511) — Houssaye, 1815, III, ps. 16-22.
- (512) — Luciano Bonaparte, *La vérité sur les Cent-Jours*; Houssaye, 1815, III, ps. 39-40.
- (513) — Houssaye, 1815, III, p. 41.
- (514) — Houssaye, 1815, III, ps. 60-62.
- (515) — Id., p. 77.
- (516) — Masson, *Joséphine répudiée*, p. 388.
- (517) — Id., p. 418.
- (518) — Houssaye, 1815, III, p. 199.
- (519) — Id., p. 201.
- (520) — Houssaye, 1815, III, p. 208.
- (521) — Id., p. 209.
- (522) — Houssaye, 1815, III, p. 217.
- (523) — Houssaye, 1815, III, p. 233.
- (524) — Houssaye, 1815, III, p. 225.
- (525) — Arthur-Lévy, p. 341.
- (526) — Vandal, *Napoléon et Alexandre Ier.*, t. II, p. 164.
- (527) — Napoleão, *Manuscrits inédits*, ps. 33-34.
- (528) — Houssaye, 1815, III, p. 356.
- (529) — Id., p. 364.
- (530) — Houssaye, 1815, III, ps. 372-377.
- (531) — Houssaye, 1815, ps. 378-381.
- (532) — Houssaye, 1815, III, ps. 386-388.
- (533) — Houssaye, 1815, III, p. 390.
- (534) — *Mémorial*, I, p. 20.
- (535) — Houssaye, 1815, III, p. 402.
- (536) — Gourgaud, I, p. 46.
- (537) — *Mémorial*, I, p. 39.
- (538) — Id., p. 504.
- (539) — Gourgaud, I, p. 48.
- (540) — *Mémorial*, I, p. 47.
- (541) — Abell (Betzy Balcombe), *Napoléon à Saint-Hélène*, p. 2.
- (542) — *Mémorial*, I, p. 333.
- (543) — O' Meara, I, p. 69.

- (544) — O'Meara, I, ps. 50, 121.
 (545) — *Mémorial*, IV, p. 317.
 (546) — *Mémorial*, IV, p. 138.
 (547) — O'Meara, I, p. 220.
 (548) — O'Meara, I, p. 341.
 (549) — Gourgaud, II, p. 539.
 (550) — *Mémorial*, II, p. 140.
 (551) — *Mémorial*, I, p. 504.
 (552) — Gourgaud, I, p. 231.
 (553) — O'Meara, I, p. 74.
 (554) — Gourgaud, II, p. 129.
 (555) — Id., p. 124.
 (556) — Id., p. 459.
 (557) — Id., p. 259.
 (558) — O'Meara, I, p. 117.
 (559) — Gourgaud, I, p. 522.
 (560) — Id., II, ps. 207, 346.
 (561) — Id., II, ps. 209-210.
 (562) — Id., II, p. 207.
 (563) — O'Meara, I, p. 251.
 (564) — Gourgaud, II, p. 343.
 (565) — O'Meara, I, p. 117.
 (566) — O'Meara, I, p. 131.
 (567) — *Mémorial*, IV, p. 82.
 (568) — Id., I, p. 310.
 (569) — Id., III, p. 267.
 (570) — Abell, p. 64; O'Meara, I, p. 17.
 (571) — *Mémorial*, I, p. 305.
 (572) — *Mémorial*, I, ps. 308-310.
 (573) — Gourgaud, II, p. 61.
 (574) — *Mémorial*, III, p. 48.
 (575) — Gourgaud, II, ps. 13, 163.
 (576) — *Mémorial*, II, p. 649.
 (577) — Holland, p. 225.
 (578) — Gourgaud, II, p. 271.
 (579) — Id., p. 78.
 (580) — Id., I, p. 441.
 (581) — Gourgaud, II, ps. 437, 211; I, ps. 440, 486.
 (582) — Id., II, ps. 456-464.
 (583) — Id., II, ps. 26-27.
 (584) — Gourgaud, I, ps. 454-463.
 (585) — Antommarchi, I, p. 269.
 (586) — Antommarchi, I, ps. 295, 308.
 (587) — Id., p. 327.
 (588) — Id., ps. 324, 326.
 (589) — Id., p. 327.
 (590) — Antommarchi, I, ps. 328, 333.
 (591) — Id., II, p. 58.
 (592) — Id., III, p. 19.
 (593) — F. Masson, *Napoléon à Sainte-Hélène*, p. 471.
 (594) — Masson, p. 455.
 (595) — Antommarchi, II, p. 54.
 (596) — Antommarchi, II, ps. 61, 83.
 (597) — Antommarchi, II, p. 85.
 (598) — Masson, p. 461.
 (599) — Masson, p. 462.
 (600) — Antommarchi, II, ps. 96, 97, 49, 103.
 (601) — Holland, p. 198.
 (602) — Masson, p. 473.
 (603) — Antommarchi, II, p. 105.
 (604) — *Mémorial*, IV, p. 604.
 (605) — Antommarchi, II, p. 100.
 (606) — Masson, p. 476.
 (607) — *Mémorial*, IV, p. 640.
 (608) — Masson, p. 434.
 (609) — Masson, p. 478; Antommarchi, II, p. 87.
 (610) — Id., p. 479.
 (611) — Holland, p. 234.
 (612) — Antommarchi, II, p. 107.
 (613) — Antommarchi, II, p. 102.
 (614) — Masson, p. 487.

Indice das Illustrações

	FIG.
Bonaparte alumno da Escola de Brienne . . .	1
O General Bonaparte em Arcole . . . Sobre Capa	
Bonaparte durante o Consulado .	2
Bonaparte Primeiro Consul .	3
O Imperador	4
Napoleão	5
Maria Letizia Ramolino, mãe de Napoleão	6
Josephina Beauharnais, a primeira esposa de Napoleão .	7
A Imperatriz Josephina Beauharnais . .	8
A Imperatriz Maria Luiza e o Rei de Roma .	9
O casamento de Napoleão com Maria Luiza .	10
Maria Carolina, rainha de Napoles .	11
Marechal Murat, rei de Napoles .	12
Maria Paulina, princeza Borghese .	13
Elisa Baciocchi, princeza de Piombino .	14
Madame Récamier	15
Napoleão recebendo em Tilsitt a rainha da Prussia	16
Juramento do Exercito e a distribuição das aguias .	17
O golpe de Estado de 18 Brumario .	18
Bonaparte visita os pestosos de Jaffa .	19
Batalha de Friedland	20
Bonaparte na Batalha de Rivoli	21
Napoleão moribundo	22

INDICE

PRIMEIRA PARTE

NAPOLEÃO, O HOMEM

I.	— Os juizes	7
II.	— O domador dos chãos	23
III.	— O senhor do mundo .	31
IV.	— O Homem da Atlantida .	45
V.	— Mão ou bom? .	61
VI.	— O trabalhador .	85
VII.	— O Chefe . . .	97
VIII.	— “Commediante”	117
IX.	— O Destino .	127
	Notas da primeira parte .	143

SEGUNDA PARTE

A SUA VIDA E A SUA HISTORIA

A AURORA

I.	— A infancia (1769 - 1779) .	157
II.	— A escola (1779 - 1785)	165
III.	— Tenente de Artilharia (1785 - 1792)	175
IV.	— Toulon (1793 - 1794) .	187
V.	— Vindimiario (1795 - 1799) .	194

O SOL - LEVANTE

I.	— A Italia (1796 - 1797) .	203
II.	— O Egypto (1798 - 1799)	214
III.	— O 18 Brumario (1799)	225

MEIO - DIA

I.	— O Consul (1799 - 1804)	247
II.	— O Imperador (1804) . . .	257
III.	— As victorias (1805 - 1807).	266

A TARDE

I.	— O duello com a Inglaterra (1808) .	277
II.	— O levante dos povos (1809) . .	284
III.	— A dynastia (1810 - 1811) . . .	291
IV.	— Moscou (1812) .	297

O POENTE

I.	— Leipzig (1813) . .	311
II.	— A abdicação (1814)	317
III.	— Elba — Os cem dias (1814 - 1815)	330
IV.	— Waterloo (1815)	340

A NOITE

I.	— Segunda abdicação (1815)	361
II.	— O "Bel'erophonte" (1815)	371
III.	— Santa-Helena (1815 - 1821)	380
IV.	— A morte (1821) .	393
	Notas da segunda parte .	405
	Indice das illustrações	417